

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**A Pluridocência no 1.º ciclo do Ensino Básico: Utopia ou estratégia
de liderança pedagógica distribuída?**

Soraia Alexandra Caracol de Pinho

ANEXOS

**Tese de Doutoramento em Educação
na área de especialização de Liderança Educacional**

2018

UNIVERSIDADE ABERTA



**A Pluridocência no 1.º ciclo do Ensino Básico: Utopia ou estratégia
de liderança pedagógica distribuída?**

Soraia Alexandra Caracol de Pinho

ANEXOS

**Tese de Doutoramento em Educação
na área de especialização de Liderança Educacional**

**Tese orientada pela
Professora Doutora Cláudia Neves**

2018

Índice

ANEXOS (CD-ROM)

Anexo I	Quadro síntese dos Ciclos de Investigação-Ação.	1
Anexo II	Projeto “Professor no Plural”.	4
Anexo III	Panfleto informativo para alunos e encarregados de educação.	15
Anexo IV	Questionário aos Alunos (QA).	18
Anexo V	Motivações das docentes titulares de turma para participar na investigação (MD1 e MD2/MD3).	20
Anexo VI	Diários de Bordo da equipa educativa.	23
Anexo VII	Grelhas de resultados dos alunos na avaliação formativa.	91
Anexo VIII	Primeiro questionário aos Encarregados de Educação (Q1).	95
Anexo IX	Primeira entrevista <i>focus group</i> aos alunos (EFG1/A).	102
Anexo IXa	Guião da entrevista EFG1/A.	103
Anexo IXb	Transcrição da entrevista EFG1/A.	106
Anexo IXc	Primeiro tratamento da entrevista EFG1/A.	139
Anexo IXd	Pré-categorização da entrevista EFG1/A.	147
Anexo IXe	Categorização da entrevista EFG1/A.	157
Anexo IXf	Grelha de Categorização da entrevista EFG1/A.	169
Anexo X	Primeira entrevista <i>focus group</i> à equipa educativa (EFG1/EE).	171
Anexo Xa	Guião da entrevista EFG1/EE.	172
Anexo Xb	Transcrição da entrevista EFG1/EE.	177
Anexo Xc	Primeiro tratamento da entrevista EFG1/EE.	218
Anexo Xd	Pré-categorização da entrevista EFG1/EE.	237
Anexo Xe	Categorização da entrevista EFG1/EE.	256
Anexo Xf	Grelha de Categorização da entrevista EFG1/EE.	274
Anexo XI	Segundo questionário aos Encarregados de Educação (Q2).	277

Anexo XII	Segunda entrevista <i>focus group</i> aos alunos (EFG2/A).	287
Anexo XIIa	Guião da entrevista EFG2/A.	288
Anexo XIIb	Transcrição da entrevista EFG2/A.	291
Anexo XIIc	Primeiro tratamento da entrevista EFG2/A.	306
Anexo XIIId	Pré-categorização da entrevista EFG2/A.	311
Anexo XIIe	Categorização da entrevista EFG2/A.	318
Anexo XIIIf	Grelha de Categorização da entrevista EFG2/A.	325
Anexo XIII	Segunda entrevista <i>focus group</i> à equipa educativa (EFG2/EE).	327
Anexo XIIIa	Guião da entrevista EFG2/EE.	328
Anexo XIIIb	Transcrição da entrevista EFG2/EE.	332
Anexo XIIIc	Primeiro tratamento da entrevista EFG2/EE.	373
Anexo XIIId	Pré-categorização da entrevista EFG2/EE.	395
Anexo XIIle	Categorização da entrevista EFG2/EE.	414
Anexo XIIIf	Grelha de Categorização da entrevista EFG2/EE.	435
Anexo XIV	Pré-teste ao Q1 – comentários dos encarregados de educação.	437
Anexo XV	Pré-teste ao Q2 – comentários dos encarregados de educação.	439
Anexo XVI	Entrevistas individuais às docentes titulares de turma (EI/D1, EI/D2 e EI/D3).	441
Anexo XVIa	Guião das entrevistas EI/D1, EI/D2 e EI/D3.	442
Anexo XVIb	Transcrição das entrevistas EI/D1, EI/D2 e EI/D3.	447
Anexo XVIc	Primeiro tratamento das entrevistas EI/D1, EI/D2 e EI/D3.	495
Anexo XVIId	Pré-categorização das entrevistas EI/D1, EI/D2 e EI/D3.	522
Anexo XVIe	Categorização das entrevistas EI/D1, EI/D2 e EI/D3.	555
Anexo XVIIf	Grelha de Categorização das entrevistas EI/D1, EI/D2 e EI/D3.	595
Anexo XVII	Registo escrito das respostas da D5 à EFG1/EE.	598
Anexo XVIII	Consentimentos informados dos alunos para as EFG1/A e EFG2/A.	601

Anexo XIX	Consentimentos informados dos encarregados de educação para as EFG1/A e EFG2/A.	604
Anexo XX	Grelha de registo de observação nas reuniões semanais da equipa educativa.	607
Anexo XXI	Grelha de registo de observação nas sessões de análise e reflexão com os encarregados de educação.	610
Anexo XXII	Convites para as sessões de análise e reflexão com os encarregados de educação.	616
Anexo XXIII	Pautas de avaliação sumativa final das turmas.	618
Anexo XXIV	Grelhas síntese de avaliação interna da escola.	622
Anexo XXV	Grelhas de análise documental aos Diários de Bordo da equipa educativa.	625
Anexo XXVI	Quadro Geral de Comparação de dados das entrevistas.	628
Anexo XXVII	Grelha de Categorização dos dados da observação das sessões de análise e reflexão com os encarregados de educação.	642
Anexo XXVIII	Grelha de Categorização dos dados da observação das reuniões semanais da equipa educativa.	647

ANEXO I

QUADRO SÍNTESE DOS CICLOS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Síntese do desenvolvimento dos Ciclos de Investigação-Ação.

Ciclo	Fase	Objetivos	Procedimentos	Intervenientes	Tempo
1.º - Criação de condições para o desenvolvimento da investigação e elaboração do plano de IA	1.ª - Proposta e elaboração do plano de IA	- Definir o problema. - Motivar as docentes para o projeto investigativo. - Delinear, conceptual e operacionalmente, o projeto investigativo.	- Proposta de desenvolvimento da IA às DTT's. - Aceitação da proposta de investigação. - Elaboração do plano de IA.	- Investigadora. - DTT's participantes.	junho e julho 2015
	2.ª - Legitimação do projeto investigativo	- Solicitar a autorização e aprovação interna (AE) para o desenvolvimento da investigação. - Solicitar a aprovação da Administração Central (DGEstE) para o desenvolvimento da investigação. - Constituir a equipa educativa. - Preparar as condições organizacionais para o desenvolvimento do projeto investigativo.	- Proposta de desenvolvimento da IA à Direção do AE. - Envio do projeto investigativo para aprovação em Conselho Pedagógico (CP). - Envio do pedido de autorização para a investigação à DGEstE/DSRAL. - Receção da aceitação (tacitamente aceite) da DGEstE. - Elaboração dos horários letivos e distribuição dos espaços.	- Investigadora. - Direção do AE. - Elementos do CP. - DSRAL e DGEstE. - Coordenador de Estabelecimento da escola.	julho e agosto 2015
	3.ª - Divulgação do projeto de IA	- Divulgar o projeto investigativo aos encarregados de educação (E.E.) e alunos. - Motivar os E.E. e alunos para a participação na investigação. - Divulgar o projeto investigativo à comunidade escolar.	- Elaboração de panfleto informativo sobre o projeto investigativo. - Reunião com os E.E. e alunos. - Reunião com os docentes do Departamento do 1.º CEB e Pré-Escolar do AE. - Reunião com os assistentes operacionais (AO) da escola.	- Investigadora. - E.E. e alunos. - Equipa Educativa. - Docentes da escola. - AO.	16 setembro 2015
2.º - Desenvolvimento do 1.º plano de IA	1.ª - Desenvolvimento e monitorização do plano de IA	- Operacionalizar o plano de IA. (Re)Planificar a prática letiva de forma colaborativa, integrada, intencional, diversificada e diferenciada. - Analisar as reações, as práticas e os resultados. - Recolher e tratar os dados necessários à monitorização do plano de IA.	- Lecionação em pluridocência/equipa educativa. - Reuniões semanais da equipa educativa. - Redação do Diário de Bordo. - Sessões de análise e reflexão com os E.E.. - Recolha e análise documental. - Realização de entrevistas individuais às DTT's. - Realização de entrevistas <i>focus group</i> com alunos e equipa educativa. - Aplicação de questionário aos E.E..	- Investigadora. - Equipa Educativa. - E.E.. - Alunos.	de setembro 2015 a julho 2016
	2.ª - Balanço global do plano de ação e dos resultados	- Analisar os dados recolhidos. - Refletir acerca dos resultados do plano de ação desenvolvido.	- Tratamento dos dados recolhidos. - Reuniões com a equipa educativa. - Redação dos documentos síntese de análise e triangulação de resultados.	- Investigadora. - Equipa Educativa.	julho 2016

	3.ª – Elaboração do 2.º plano de IA	• (Re)Formular o plano de IA inicial, com base nos resultados da ação e nas propostas. • Constituir a equipa educativa para 2016/ 2017. • Preparar as condições organizacionais para o desenvolvimento do 2.º ano do projeto investigativo.	• Análise das sugestões de melhoria dos participantes no estudo. • Reuniões com a equipa educativa. • Elaboração do 2.º plano de IA. • Elaboração dos horários letivos e distribuição dos espaços.	• Investigadora. • Equipa Educativa. • Coordenador de Estabelecimento da escola. • Direção do AE.	agosto 2016
3.º - Desenvolvimento do 2.º plano de IA e conclusão da investigação.	1.ª – Divulgação do 2.º plano de IA	• Divulgar o 2.º plano de IA aos E.E. e alunos. • Divulgar o 2.º plano de IA à comunidade escolar.	• Reunião com os E.E. e alunos. • Reunião com os docentes do Departamento do 1.º CEB e Pré-Escolar do AE. • Reunião com os AO da escola.	• Investigadora. • E.E. e alunos. • Equipa Educativa. • Docentes da escola. • AO.	12 setembro 2016
	2.ª - Desenvolvimento e monitorização do 2.º plano de IA	• Operacionalizar o 2.º plano de IA. • (Re)Planificar a prática letiva de forma colaborativa, integrada, intencional, diversificada e diferenciada. • Analisar as reações, as práticas e os resultados da ação. • Recolher e tratar os dados necessários à monitorização do plano de IA.	• Lecionação em pluridocência/equipa educativa. • Reuniões semanais da equipa educativa. • Redação do Diário de Bordo. • Recolha e análise documental. • Realização de entrevistas <i>focus group</i> com alunos e equipa educativa. • Aplicação de questionário aos E.E..	• Investigadora. • Equipa Educativa. • E.E.. • Alunos.	de setembro 2016 a julho 2017
	3.ª - Balanço geral da investigação e análise do seu impacto	• Analisar os dados recolhidos. • Refletir acerca dos resultados do plano de ação desenvolvido. • Refletir acerca do impacto do projeto investigativo nos participantes.	• Tratamento dos dados recolhidos. • Reuniões com a equipa educativa. • Redação dos documentos síntese de análise e triangulação de resultados. • Conclusão do projeto investigativo.	• Investigadora. • Equipa Educativa.	julho e agosto de 2017

ANEXO II

PROJETO “PROFESSOR NO PLURAL”

Projeto



«Professor no Plural»

Biênio 2015/2017

Professora D1
Professora D2
Professora D3

1. Introdução

Vivemos numa era de globalização, na qual a sociedade se depara com constantes mudanças e evoluções no âmbito da informação e comunicação, bem como da tecnologia, em contínuo progresso provocado pelas descobertas científicas e técnicas, decorrentes da assunção de que o conhecimento se encontra em permanente (re)estruturação, (re)organização, (re)formulação e (re)construção. Neste contexto, a Escola não pode continuar a perpetuar um papel de mera transmissora de conhecimentos, mantendo modelos e metodologias educacionais inalteradas em relação às práticas de há décadas atrás.

Encontramo-nos na era da mudança e da inovação e tais conceitos adquirem significado determinante na organização escolar, cuja responsabilidade máxima assenta na preparação das gerações futuras para uma intervenção adequada e consentânea com o ritmo alucinante de progresso que se verifica na sociedade.

Como profissionais da educação, consideramos que desempenhamos um papel fundamental e basilar na implementação dessa Mudança e Inovação Pedagógica, num contexto de melhoria progressiva dos resultados académicos dos alunos e a bem do seu desenvolvimento integral. Uma transformação na Escola assente na Mudança terá, obrigatoriamente, que envolver, de forma concertada e coesa, todos os intervenientes educativos, com vista à melhoria da qualidade das aprendizagens dos alunos.

As docentes proponentes pretendem empreender todos os esforços necessários para dar início à operacionalização da Mudança que se deseja, no âmbito do presente Projeto, propondo-se a constituir uma Equipa Pedagógica que valoriza as boas experiências e conhecimentos individuais e promova

práticas colaborativas reflexivas, promotoras do desenvolvimento profissional e pessoal coletivo, tendo em conta os recursos humanos e materiais de que a escola dispõe.

Numa perspectiva de recontextualização pedagógica, fundamentada nos diferentes modelos de trabalho, no desenvolvimento profissional colaborativo, nas experiências e saberes individuais e numa base de confiança mútua, delineamos como expectativa a obtenção de uma melhoria significativa dos desempenhos dos alunos, através da operacionalização do Projeto “Professor no Plural”.

O título do Projeto – “Professor no Plural” – capta todo o significado que lhe dá forma e sustentabilidade: o conceito de uma reorganização estrutural da leção ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico, baseada na evolução de uma situação de monodocência, associada à ideia de que o Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico possui competência nas diversas disciplinas e de forma igualitária, para uma conceção de pluralidade na docência do 1.º Ciclo, sustentada nos conhecimentos e competências profissionais específicas e de especialização de diferentes docentes, que, em interligação e complementaridade, poderão constituir um valor acrescentado à melhoria das aprendizagens dos alunos.

Daí que as três Docentes que se propõem a desenvolver o presente projeto possuam especialização comprovada nas três disciplinas nucleares, respetivamente, perspectivando desenvolver e aprofundar os seus conhecimentos, cada uma na sua área, de forma mais focada, em prol do desenvolvimento global dos alunos das três turmas envolvidas.

A promoção do sucesso educativo dos alunos constitui o eixo primordial e transversal a toda a atividade pedagógica a desenvolver, como tal, os alunos

serão devidamente esclarecidos sobre as alterações que vão decorrer e saberão exactamente o que se espera deles, qual o seu nível de participação e intervenção, qual o compromisso e empenho que necessitam empreender no seu processo de aprendizagem, fomentando o seu envolvimento individual e coletivo na construção do seu conhecimento.

A implicação dos pais neste processo será, igualmente, determinante no acompanhamento do desenvolvimento dos seus filhos para que estes se sintam duplamente apoiados na sua aprendizagem, na escola e em casa. A comunicação entre os pais e os professores será potenciada e valorizada para o sucesso deste Projeto coletivo, sendo todos envolvidos e comprometidos na construção de uma educação globalizante dos seus educandos.

2. Objetivos do Projeto

Pretendendo valorizar os pressupostos enunciados no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Manuel Teixeira Gomes, contribuindo para a sua prossecução, estabelecem-se como objetivos do Projeto “Professor no Plural” os que se enumeram de seguida:

- Constituir uma Comunidade de Aprendizagem Profissional no seio da Escola.
- Melhorar as práticas letivas e o ensino ministrado;
- Promover o sucesso educativo sustentado;
- Fomentar a supervisão da prática letiva, em sala de aula, enquanto processo de partilha e troca de experiências pedagógicas inovadoras;
- Consolidar o trabalho colaborativo entre docentes.
- Contribuir para a igualdade/equidade de oportunidades na aprendizagem e na avaliação dos alunos em cada uma das disciplinas nucleares.
- Estimular o envolvimento dos alunos no seu processo de aprendizagem;

- Desenvolver, nos alunos, uma cultura de sucesso;
- Preparar pedagogicamente os alunos para a transição entre ciclos;
- Melhorar os resultados académicos de todos os alunos.
- Estimular a participação/envolvimento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos.
- Aproximar os pais e encarregados de educação das dinâmicas pedagógicas escolares.
- Propiciar a abertura/interligação da Escola à Comunidade e vice-versa.

3. Duração do Projeto

O presente Projeto encontra-se organizado de forma a desenvolver-se, articulada e sequencialmente, ao longo de dois anos letivos, que correspondem ao restante tempo de permanência dos alunos das três turmas na E.B.1 Major David Neto.

Pretende-se, com base nos resultados obtidos, intermédios e finais, proceder-se aos (re)ajustes, (re)formulações e (re)conceitualizações necessárias à sua implementação futura pelo período de quatro anos letivos, de preferência contando com o alargamento da sua implementação a outros grupos de docentes da E.B.1 Major David Neto que com ele se identifiquem, assim como a outros grupos de docentes de outras Escolas, dando início à constituição de redes de escolas aprendentes.

4. Operacionalização

O Projeto será implementado pelas três docentes, em três turmas do 3º ano de escolaridade, com o horário normal.

Cada docente da Equipa Pedagógica ficará responsável pela leccionação de uma disciplina nas três turmas, de acordo com a seguinte distribuição:

- Professora Mónica Matos – DTT do 3.º C e especialista em Matemática;
- Professora Paula Costa – DTT do 3.º D e especialista em Estudo do Meio/Ensino Experimental das Ciências;
- Professora Tânia Rijo – DTT do 3.º F e especialista em Português.

Cada docente manterá a Titularidade da sua turma original. No que respeita à Docente Mónica Matos, será a responsável pela leccionação da disciplina da Matemática nas três turmas envolvidas, a par da Expressão Físico-Motora, Apoio ao Estudo e TIC/Programação (em coadjuvação) no 3.º C. No que concerne à Docente Paula Costa, lecionará o Estudo do Meio/Ensino Experimental das Ciências nas três turmas, ao mesmo tempo em que lecionará as Expressões Artísticas e Físico-Motoras, o Apoio ao Estudo e a TIC/Programação (em Coadjuvação) no 3.º D, assim como desenvolverá coadjuvação nas disciplinas de Português e Matemática nas turmas do 3.º C e F. Quanto à Docente Tânia Rijo, lecionará a disciplina de Português nas três turmas, juntamente com a Expressão Físico-Motora, o Apoio ao Estudo e a TIC/Programação (em coadjuvação) no 3.º F.

A distribuição das cargas horárias das Docentes será a seguinte:

Professora: Mónica Matos

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00 ***	Matemática 3º C	Matemática 3º D	Matemática 3º F	Matemática 3º C	Matemática 3º D
10:00					
10:00 ***					
10:30					
INTERVALO: das 10:30 às 11:00					
11:00 ***	Matemática 3º D	Matemática 3º F	Matemática 3º C	11:00/11:30 Matemática 3º C	11:00/11:30 Matemática 3º D
12:00				11:30/12:30 Expressão Físico- Motora - 3ºC	11:30/12:30 Apoio ao Estudo 3ºC
12:00 ***					
12:30					
ALMOÇO: das 12:00 às 13:30					
13:30 ***	Matemática 3º F	Matemática 3º C	Matemática 3º D	Matemática 3º F	Apoio ao Estudo 3ºC
14:30					TIC – 3ºC
14:30 ***					
15:30					

Professora: Paula Costa

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00 ***	Estudo do Meio 3º D	Estudo do Meio 3º F	Estudo do Meio 3º C	Apoio ao Estudo 3ºD	Coadjuvação 3ºC Português
10:00 ***					
10:30					
INTERVALO: das 10:30 às 11:00					
11:00 ***	Estudo do Meio 3º F	Estudo do Meio 3º C	Estudo do Meio 3º D	11:00/11:30 Apoio ao Estudo 3ºD	11:00/11:30 Coadjuvação 3ºC Português
12:00					
12:00 ***					
12:30				11:30/12:30 Expressão Físico- Motora - 3ºD	11:30/12:30 Expressões Artísticas 3ºD
ALMOÇO: das 12:00 às 13:30					
13:30 ***	Estudo do Meio 3º C	Estudo do Meio 3º D	Estudo do Meio 3º F	Coadjuvação 3ºF Matemática	TIC – 3ºD
14:30					
14:30 ***					
15:30					Expressões Artísticas 3ºD

Professora: Tânia Rijo

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00 ***	Português 3ºF	Português 3º C	Português 3ºD	Português 3ºF	Português 3º C
10:00					
10:00 ***					
10:30	INTERVALO: das 10:30 às 11:00				
11:00 ***	Português 3º C	Português 3ºD	Português 3ºF	11:00/11:30 Português 3ºF	11:00/11:30 Português 3º C
12:00					
12:00 ***					
12:30				11:30/12:30 TIC - 3ºF	11:30/12:30 Apoio Est 3ºF
ALMOÇO: das 12:00 às 13:30					
13:30 ***	Português 3ºD	Português 3ºF	Português 3º C	Português 3ºD	Apoio Est 3ºF
14:30					
14:30 ***					
15:30					Expressão Físico- Motora - 3ºF

As Docentes formarão uma Equipa Pedagógica coesa e colaborante, uma pequena Comunidade de Aprendizagem Profissional (CAP), que reunirá semanalmente para planificação, concertação de estratégias e metodologias, aferição de resultados e possíveis reformulações de acordo com as necessidades sentidas, aproveitando as capacidades, experiências, competências e especializações de cada uma das Docentes em prol da melhoria do ensino ministrado e, consequentemente, da aprendizagem dos alunos.

O trabalho colaborativo terá como base o conhecimento profundo das potencialidades e necessidades dos alunos das três turmas, em cada uma das disciplinas nucleares. Será levado a cabo o estudo do Currículo e das Metas para o 3.º ano de escolaridade, no sentido de priorizar os aspectos mais deficitários para que se possam desenvolver, adaptando as estratégias e práticas de ensino ao capital humano envolvido.

Concomitantemente, serão incentivadas as potencialidades dos alunos, tentando que seja a partir destas que se fundamente o seu envolvimento individual no processo de aprendizagem e de desenvolvimento integral.

5. Avaliação/Monitorização do Projeto

A Avaliação e monitorização do Projeto desenvolver-se-á em vários momentos, previamente estabelecidos, ao longo dos dois anos letivos de vigência.

1.º momento - Apresentação formal do Projeto aos Alunos e Encarregados de Educação.

2.º momento – Diagnóstico realizado através de um questionário a aplicar aos Pais e Encarregados de Educação, Alunos e Docentes no sentido de auscultar as expectativas sentidas e os constrangimentos previstos, dando espaço à apresentação de sugestões.

3.º momento - Avaliação Intercalar a realizar em meados de fevereiro de 2016. Compreende a análise e reflexão acerca do cumprimento dos objectivos traçados. Pode traduzir-se num relatório sucinto e dar origem a (re)ajustes na prática letiva, se necessário.

4.º momento – Avaliação Intermédia a realizar no final do ano letivo 2015/2016. Traduz-se na realização de um Relatório de Avaliação/Monitorização com base nos resultados escolares dos alunos, o grau de prossecução dos objectivos do Projeto e a aplicação de novo questionário aos Pais e Encarregados de Educação, Alunos e Docentes.

5.º momento - Avaliação Intercalar a realizar em meados de fevereiro de 2017. Compreende a análise e reflexão acerca do cumprimento dos objectivos traçados. Pode traduzir-se num relatório sucinto e dar origem a (re)ajustes na prática letiva, se necessário.

6.º momento – Avaliação Final do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, a realizar no final do ano letivo 2016/2017. Traduzir-se-á na realização de um Relatório de Avaliação Final com base nos resultados escolares dos alunos, no grau de prossecução dos objectivos do Projeto, na eficácia do

Projeto na melhoria das práticas de ensino e nas dinâmicas de aprendizagem e na aplicação de um questionário final aos Pais e Encarregados de Educação e Alunos.

6. Divulgação do Projeto

Em virtude de se tratar de um Projeto fundamentado nos pressupostos da Investigação-Ação em Educação, no sentido de desenvolver o professor analítico e reflexivo sobre a sua ação educativa, em colaboração, e mudar, para melhor, as práticas letivas e as aprendizagens dos alunos, de forma inovadora, convém que se proceda a uma divulgação alargada e profícua do mesmo, quer aos envolvidos diretamente no seu desenvolvimento, quer a toda a comunidade educativa, que beneficiará com a sua implementação.

O Projeto será disponibilizado na página do Agrupamento de Escolas Manuel Teixeira Gomes, bem como as avaliações intermédias e intercalares que se forem desenvolvendo, com propósito de informar acerca do seu desenvolvimento e permitir o acompanhamento de qualquer membro da comunidade educativa que partilhe os mesmos princípios de entrega, comprometimento e envolvimento na mudança, inovação e melhoria da qualidade e eficácia do ensino e das aprendizagens de todos os alunos.

As Docentes

ANEXO III

**PANFLETO INFORMATIVO SOBRE O PROJETO INVESTIGATIVO PARA
ALUNOS E ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO**



Projeto “Professor no Plural”

Exm.ºs Encarregados de Educação,

Cumpre-nos informar Vossas Exc.ªs que nos próximos dois anos letivos as Turmas do 3.º C, 3.º D e 3.º F da E.B.1/JI Major David Neto e respetivas Professoras Titulares de Turma irão envolver-se num Projeto-Piloto, de carácter único e inovador, denominado “Professor no Plural”.

O referido Projeto surge no âmbito do desenvolvimento de uma Tese de Doutoramento em Liderança Educacional, num *design* de investigação-ação, a ser conduzida pela doutoranda Soraia Pinho, Professora e Adjunta da Direção no Agrupamento de Escolas Manuel Teixeira Gomes, em parceria com a Universidade Aberta, e que contará com o acompanhamento da Direção Geral de Educação, através da Direção de Serviços de Projetos Educativos.

O Projeto “Professor no Plural” tem por base os pressupostos teóricos de que a especialização do ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, através da canalização das melhores competências e capacidades dos Docentes envolvidos, em regime de Equipa Educativa, conduz ao aperfeiçoamento das práticas letivas e do ensino ministrado e, conseqüentemente, a uma melhoria significativa na aprendizagem e nos resultados académicos dos alunos, para além de contribuir, de forma determinante, para a eliminação do “choque” sentido pelas crianças ao transitarem da situação de monodocência (1.º CEB) para a pluridocência (2.º CEB).

Desta forma, embora cada uma das Docentes envolvidas mantenha a Titularidade da sua Turma de origem, irá assumir a condução e lecionação de uma das disciplinas nucleares da matriz curricular do 1.º CEB, nas três turmas envolvidas. Assim, a Prof.ª Mónica Matos, especializada na área da Matemática, irá lecionar esta disciplina no 3.º C, no 3.º D e no 3.º F, enquanto a Prof.ª Tânia Rijo, cuja especialização se centra no Português, ficará responsável pela lecionação desta disciplina nas mesmas turmas, e a Prof.ª Paula Costa, com especialização no Estudo do Meio e nas Ciências Experimentais, lecionará o Estudo do Meio, nos mesmos moldes das anteriores.

Uma vez que o trabalho investigativo que se pretende conduzir se baseia na colaboração, cooperação e reflexão em Equipa Pedagógica, as Docentes reunirão semanalmente para a análise e reflexão acerca da evolução da investigação, da atividade letiva e dos resultados dos alunos, bem como para a planificação da ação educativa em conjunto, nas diferentes áreas, mantendo sempre o conhecimento profundo dos processos desencadeados nas turmas de que são titulares. Pretende-se que o contacto entre a Docente Titular de Turma

e os Encarregados de Educação, se mantenha como até à data, podendo e devendo, contudo, existir momentos de proximidade entre toda a Equipa Pedagógica e os Encarregados de Educação de cada uma das Turmas.

Juntar-se-ão a esta Equipa Pedagógica mais duas Docentes, que desenvolverão, em parceria e coadjuvação, as áreas de Expressões Artísticas e Físico-Motoras nas três turmas, a Prof.^a Goreti Martins (Música) e a Prof.^a Telma Costa (Expressão Físico-Motora), assim como as Docentes da Educação Especial e do Apoio Educativo, no sentido de completar e assegurar as valências necessárias ao sucesso educativo dos Vossos Educandos.

Para o desenvolvimento do referido Projeto com o sucesso que é esperado, os Encarregados de Educação serão convidados a colaborar e a participar com empenho, quer através do acompanhamento atento e diário da evolução dos Vossos educandos, quer pela intervenção direta nas atividades letivas, quer ainda através do preenchimento de questionários e, eventualmente, da realização de entrevistas, no sentido de aferir as Vossas perceções acerca do processo de ensino-aprendizagem dos Vossos educandos, quer para a recolha de contributos e sugestões que poderão favorecer a melhoria da investigação em curso.

Também os alunos, que se pretende serem os maiores beneficiados com o desenvolvimento do Projeto, terão oportunidade de participar ativamente, mediante autorização expressa dos Encarregados de Educação, através da observação registada de algumas atividades letivas, pelo preenchimento de questionários e pela realização de entrevistas grupais. Para que tais contributos possam acontecer irão ser solicitadas, no momento certo, as Vossas autorizações de consentimento informado. Nenhum destes procedimentos será conduzido sem que sejam devidamente informados e aceites por Vós. A confidencialidade da participação e de todos os dados recolhidos também está garantida.

Contamos, portanto, com o Vosso entusiasmo, empenho e colaboração para a execução deste Projeto, que tanto nos apaixona e motiva, e que se pretende que também seja Vosso, para que consigamos, num esforço conjunto, atingir os objetivos esperados: melhorar as práticas letivas desenvolvidas, firmar a colaboração entre Escola/Família, contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos e melhorar os resultados académicos dos Vossos Filhos!

Grata pela atenção, sempre ao Vosso dispor,

A Doutoranda

Soraia Pinho

ANEXO IV

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS (QA)



Caros(as) alunos(as):

Chegámos ao final da primeira semana de implementação do projeto «Professor no plural» e a vossa opinião é muito importante para nós. Por isso, pedimos que respondam com sinceridade e com as vossas próprias palavras às questões que vos colocamos.

Tudo o que escreveres é confidencial e anónimo, por isso não te identifies, nem escrevas o teu nome sítio nenhum.

1. Estás a gostar deste projeto? Porquê?	
2. Qual(ais) o(s) aspeto(s) <u>mais</u> positivo(s) que encontras neste projeto?	
3. Qual(ais) o(s) aspeto(s) <u>menos</u> positivo(s) que encontras neste projeto?	
4. Que sugestão(ões) gostarias de dar para que possamos melhorar a nossa atuação?	

Muito obrigada pela colaboração,

As professoras,

ANEXO V

MOTIVAÇÕES DAS DOCENTES TITULARES DE TURMA

(MD1, MD2 E MD3)



MD1

Quais as motivações que me levaram a entrar neste projeto?

- Abraçar um novo desafio na minha carreira, tal como já abracei outros em anos anteriores, nomeadamente, coordenadora do conselho de docentes, presidente da Assembleia Geral, coordenadora do plano de implementação do novo programa de Matemática, formadora no âmbito das Metas Curriculares de Matemática, coordenadora das equipas pedagógicas para a elaboração das provas finais a nível de escola, supervisora do processo de classificação das provas finais de Matemática do 1º ciclo);
- A oportunidade de lecionar apenas a minha disciplina de eleição, a Matemática;
- Poder fazer parte de uma equipa pedagógica unida em prol de um objetivo comum: o sucesso educativo dos alunos;
- Trabalhar de forma cooperativa e partilhada com a equipa pedagógica;
- Focar a planificação de atividades numa só disciplina permite um maior aprofundamento dos conhecimentos;
- Mais tempo para construir materiais e seleccionar atividades para a disciplina lecionada;
- Conhecer as características de outras turmas e ser capaz de ajustar as metodologias de ensino às diferentes realidades;
- A possibilidade de os alunos de diferentes turmas serem avaliados com equidade assente no mesmo grau de exigência.

D1

MD2/ MD3**Quais foram as suas motivações para aderir ao Projeto “Professores no Plural”?**

Foram essenciais dois conceitos, a motivação e o acreditar.

Acreditar que a formação de cada docente, numa área específica, o ajuda a desempenhar melhor as suas funções dotando-o de mais conhecimento, enriquecimento pessoal e simultaneamente na transmissão de saberes.

Motivação para novos desafios, tendo consciência dos objetivos que norteiam o desempenho docente, valorizando e tendo em linha de conta o sucesso de cada um dos alunos em particular e o enriquecimento do grupo em geral.

D2

Quais foram as suas motivações para aderir ao Projeto “Professores no Plural”?

O desenvolvimento profissional torna-se um desafio constante, o professor do 1º. Ciclo, tem de dominar vários conteúdos programáticos, domínio de sala, de competências, habilidades e atitudes para enfrentar algumas adversidades diárias na aprendizagem dos seus alunos. Se particularizarmos todas essas áreas de conhecimento por diferentes docentes, com certeza que o resultado será muito melhor, não só e em particular para o professor, mas significativamente para o sucesso dos alunos.

A educação necessita com urgência de um novo paradigma que urge pôr à prova, este pode ser um dos possíveis caminhos, que na minha modesta convicção podem melhorar de forma significativa as aprendizagens dos alunos, dotando-os de um maior e melhor conhecimento em cada uma das áreas.

+

⇒ uma vontade muito grande de experimentar outros desafios que foi sempre expressa, mas que nunca foi possível realizar (embora a um nível menos ambicioso);

⇒ desejo de envolvimento numa área mais dominante pelo docente;

⇒ valorizar os nossos conhecimento específicos de uma área com vista ao desenvolvimento dos saberes dos alunos;

⇒ desejo de trabalhar uma área em profundidade com o objectivo de alcançar o maior sucesso dos nossos alunos;

+

⇒ sentir-me feliz e realizada a ensinar uma área que gosto a uma faixa etária que mais me agrada!

D3

ANEXO VI

DIÁRIOS DE BORDO DA EQUIPA EDUCATIVA

Projeto



«Professor no Plural»

Diário de Bordo
1º Período-2015/2016

MÊS DE SETEMBRO DE 2015



Dia	Resumo dos assuntos tratados
10	◆ As três docentes titulares de turma decidiram implementar algumas atividades com o objetivo de desenvolver competências no âmbito da Educação Literária, da Resolução de Problemas e do Ensino Experimental das Ciências: Português { Contrato de leitura Espelhos de leitura Matemática { Problema da semana Jogo do 24 Estudo do Meio { Caderno do Ensino Experimental ◆ Ficou acordado que nos dias 17 e 18, cada titular de turma assegurará esses dois primeiros dias letivos na sua turma de origem com vista ao acolhimento dos alunos, à organização do material escolar e à prestação de todos os esclarecimentos em relação ao projeto «Professor no Plural» e ao horário das atividades letivas e não letivas. ◆ Foi elaborada em conjunto a planificação das atividades letivas para os dois dias primeiros dias letivos.
14	◆ As docentes fizeram uma breve análise aos alunos que constituem cada uma das três turmas, realçando os que necessitam de um acompanhamento mais próximo. ◆ Procedeu-se à planificação conjunta das atividades letivas das diferentes disciplinas para a semana de 21 a 25 de setembro.

Dia	Resumo dos assuntos tratados
21	◆ As docentes fizeram a reflexão sobre o primeiro dia de operacionalização do projeto. Os alunos demonstraram uma boa receptividade às diferentes professoras e participaram nas atividades propostas. As docentes também manifestaram o seu agrado no trabalho com os alunos das três turmas. ◆ Em relação às atividades planificadas em Português e Matemática para o dia 21, não foram cumpridas na íntegra e, por isso, o plano semanal sofrerá os ajustes necessários. ◆ Deu-se início à organização do dossier do projecto, que reunirá todos os documentos de referência para a sua operacionalização, desenvolvimento, acompanhamento e conclusão. ◆ Em relação aos alunos com necessidades educativas especiais com Currículo Específico Individual, as docentes concordaram em organizar portefólios individuais. ◆ A professora Telma apresentou as atividades a desenvolver nesta semana para as áreas de Expressões Artísticas e Físico-Motoras, que foram analisadas em conjunto pela Equipa e devidamente planificadas. ◆ A professora de Inglês esteve presente e informou que as primeiras aulas correram com normalidade e mostrou-se satisfeita com a colaboração dos alunos das três turmas.
28	◆ As docentes refletiram sobre o desempenho dos alunos das três turmas nas áreas do Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões Artísticas e Físico-motoras. No geral, as turmas são constituídas por alunos motivados para as aprendizagens. Interessam-se pelos vários temas e atividades propostos e cumprem as suas tarefas com empenho. No entanto, foram destacados alguns alunos que devido às suas características muito próprias não estão a cumprir na íntegra todas as suas responsabilidades. Alguns que não fazem os trabalhos de casa, outros que não são pontuais ou que não trazem o material necessário ou, ainda, cujo

	comportamento e ritmo de trabalho os estão a prejudicar. As docentes combinaram que, no dia do atendimento, irão informar os encarregados de educação destes alunos das situações verificadas e solicitar a sua colaboração no sentido de as melhorar, em prol do processo de ensino-aprendizagem de cada um. ◆ Deu-se início ao tratamento estatístico dos questionários aplicados pelas docentes titulares de turma aos alunos no final da primeira semana de aulas.

MÊS DE OUTUBRO DE 2015

Dia	Resumo dos assuntos tratados
05	◆ Nesta reunião de trabalho, esteve presente a docente do Ensino Especial, para em conjunto com as docentes titulares de turma delinear algumas estratégias para os alunos com Currículo específico Individual, Joana, Cristiana e Soraia. Ficou decidido que a aluna Joana não irá frequentar o Inglês, dever-se-á realizar jogos e explorar bastante a oralidade. Para os restantes, no Inglês, o principal objetivo será a familiarização com esta língua estrangeira ao nível da oralidade e não deverão ser avaliados na escrita. Também para o aluno Faustino desenvolver-se-á este tipo de trabalho. ◆ A professora de Inglês esteve presente e entregou as fichas de avaliação diagnóstica e uma síntese de resultados em cada turma. Os resultados foram analisados em conjunto e refletiu-se acerca de estratégias de melhoria dos mesmos. ◆ As docentes titulares de turma apresentaram os resultados dos questionários realizados aos alunos no final da 1.^a semana de aulas, e, após a análise e reflexão conjunta sobre os mesmos, congratularam-se uma vez que 100% dos alunos que responderam

	afirmaram estar a gostar do projeto e apresentaram razões válidas para as suas opiniões. ◆ Ficou decidido, por unanimidade, que no atendimento mensal aos encarregados de educação se irá abordar a temática dos trabalhos de casa, uma vez que, na opinião das Docentes titulares de turma, a periodicidade estabelecida para o seu envio no início do desenvolvimento do projecto de investigação, não está a contribuir para a consolidação por parte dos alunos dos conteúdos trabalhados em sala de aula, nas áreas nucleares da Matriz Curricular. Irá ser colocado em discussão, com os pais e encarregados de educação, a sua distribuição equitativa, ao longo da semana, para beneficiar a construção do conhecimento dos alunos.
12	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês. ◆ Relativamente ao Inglês, a professora entregou uma síntese avaliativa dos alunos das três turmas, realçando alguns casos. Referiu que, de um modo geral, todos os alunos se têm mostrado motivados e empenhados na aprendizagem da disciplina. O comportamento dos alunos continua a ser bom. ◆ As docentes fizeram uma breve análise conjunta ao aproveitamento e desenvolvimento académico dos alunos que constituem cada uma das três turmas, realçando os que têm apresentado mais dificuldades e os que não têm cumprido com as suas obrigações, como, por exemplo, a realização dos trabalhos de casa. Esta situação foi considerada problemática, uma vez que pode comprometer a construção e consolidação dos conhecimentos dos alunos, podendo gerar lacunas de difícil deteção e correção, que sujeitarão o desenvolvimento académico dos alunos a constrangimentos futuros. ◆ Procedeu-se à planificação conjunta das atividades letivas, nas diferentes disciplinas do currículo, para a semana de 13 a 19 de outubro. ◆ A docente Titular da turma C, referiu que o aluno Rafael fez uma participação contra o aluno Luís,

	assim como este fez contra o aluno Rafael. A professora titular de turma, elaborou e entregou uma exposição ao Diretor, relatando todo o historial que envolve estes dois alunos desde o primeiro ano de escolaridade, de modo a enquadrar e a justificar a apresentação das participações mencionadas, esperando assim, que o Regulamento Interno seja devidamente aplicado. Neste âmbito, foram discutidas estratégias de melhoria dos comportamentos dos alunos das três turmas. ◆ As docentes marcaram, concertadamente, a aplicação das próximas fichas de avaliação, procurando adaptar as mesmas às necessidades e particularidades das turmas, ficando estabelecido que a calendarização será a seguinte: * Português – dia 3 de novembro para as 3 turmas. *Estudo do Meio – dia 4 de novembro para as 3 turmas. *Matemática – dia 5 de novembro para as turmas C e F e dia 6 de novembro para a turma do 3ºD.
19	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões e a docente de Inglês. ◆ A docente das Expressões informou de algumas faltas de material dos alunos das 3 turmas, nas áreas que leciona, de modo a que sejam chamados à atenção pelas docentes titulares de turma, bem como para que seja dado conhecimento aos Encarregados de Educação. ◆ As docentes fizeram uma breve análise e reflexão conjunta acerca do aproveitamento dos alunos que constituem cada uma das três turmas, realçando, mais uma vez, os que têm apresentado mais dificuldades e os que não têm cumprido com as suas obrigações, como é a realização dos trabalhos de casa, para que se possa ultrapassar estes constrangimentos.

	◆ As docentes procederam à análise dos resultados das fichas diagnósticas realizadas nas três áreas, efetuando uma breve síntese das mesmas. Ao refletirem acerca dos resultados obtidos pelos alunos, concluíram que os desempenhos dos alunos revelam as dificuldades sentidas até ao momento e permitem que se (re)planeie e (re)formule a ação pedagógica futura, para cada uma das turmas, de forma mais incidente e consentânea com os aspetos deficitários detetados. ◆ As docentes, no seguimento da reflexão anterior, planearam e construíram as matrizes para as fichas formativas a realizar em novembro, nas disciplinas de Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressão Plástica. ◆ As docentes debruçaram-se ainda sobre a proposta de desenvolvimento de um Projeto Artístico «O Circo vai à Escola», com a apresentação da peça de teatro educativo «O capitão Chulé numa Magia de Natal». Foi sugerida a data de 10 de dezembro para a participação neste projeto.
26	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões, a docente de Inglês, a coordenadora do conselho de docentes do 3º ano e a adjunta da direcção e investigadora, Soraia Pinho. ◆ A docente de Inglês informou que as fichas de avaliação formativa de Inglês serão adaptadas para os alunos com Programa Educativo Individual. Quanto aos alunos com Currículo Específico Individual, serão avaliados no domínio da oralidade. A docente contará com a colaboração das docentes da Educação Especial e da restante Equipa Educativa para a adaptação deste momento avaliativo. ◆ A docente das Expressões informou as titulares de turma sobre as faltas de material e incumprimento de regras de alguns alunos das três turmas, tendo-se procedido à delineação conjunta de estratégias de superação dessas situações. ◆ Em relação ao aluno Cornélio, da turma C, todas as docentes manifestaram a sua preocupação em relação

	ao seu desempenho, pois o aluno distrai-se muito facilmente e não executa as tarefas. Tem momentos em que parece estar ausente e brinca com o seu material. A titular de turma voltará a falar com a encarregada de educação sobre este comportamento que se verifica desde o 1º ano de escolaridade. Está a ser ponderada a referenciação deste aluno para avaliação especializada da Equipa Multidisciplinar da Educação Especial. ◆ A prof.^a Soraia informou acerca da componente letiva do seu horário semanal, que será destinada ao apoio educativo dos alunos, principalmente das três turmas envolvidas na investigação, facilitando o conhecimento mais aprofundado das turmas em estudo e a melhoria do relacionamento com os alunos. Assim, a docente estará em sala de aula no seguinte horário: - 3º C – 2ª feira das 9h às 10h30; - 3º D – 4ª feira das 9h às 10h30; - 3º F – 3ª feira das 9h às 10h30.

MÊS DE NOVEMBRO DE 2015

Dia	Resumo dos assuntos tratados
02	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões, a docente da educação especial e a docente de Inglês. ◆ Foi reanalisada a situação educativa da aluna Joana, que beneficia de Currículo Específico Individual, uma vez que a opinião das docentes da equipa educativa é que seria bastante benéfico para o desenvolvimento integral desta aluna a sua frequência na disciplina de Inglês, ainda que apenas numa hora letiva semanal para não comprometer a sua frequência da natação, que coincide com a restante hora semanal de Inglês.

	Esta aluna regista, neste ano letivo, uma evolução bastante acentuada nas suas habilidades socioafetivas e expressivo-comunicativas, participando nas atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula de forma mais assertiva e interagindo com maior frequência com todos os intervenientes educativos. Ficou, então, estabelecido, por unanimidade, que a aluna deverá passar a frequentar as aulas de Inglês, uma vez por semana. ◆ A docente das Expressões apresentou os registos relativos a situações comportamentais menos corretas de alguns alunos das três turmas, tendo a equipa refletido sobre o assunto da (in)disciplina e concertado estratégias de resolução das situações menos corretas. ◆ As docentes titulares das turmas e a restante equipa educativa trocaram impressões sobre a atividade letiva desenvolvida em cada uma das turmas, nas diferentes disciplinas, e sobre a evolução das aprendizagens dos alunos. Foram delineadas algumas estratégias de atuação comuns, tais como as mudanças de lugar de alguns alunos, procurando evitar situações de desatenção e desvio comportamental e pretendendo beneficiar a melhoria da concentração dos alunos e subsequente construção de conhecimentos e melhoria dos seus desempenhos académicos.
09	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões e a docente de Inglês. ◆ As docentes titulares de turma apresentaram os resultados obtidos pelos alunos das 3 turmas nas fichas de avaliação formativa de novembro e analisaram e debateram os mesmos. Concluíram que, de uma forma global, os resultados foram bons, registando uma melhoria em relação à avaliação diagnóstica. No entanto, houve necessidade de destacar e reflectir acerca de alguns alunos que obtiveram resultados menos positivos. ◆ A docente das Expressões apresentou a sua análise semanal das turmas para discussão pela equipa,

	reforçando as situações de incumprimento de regras, que foram alvo de reflexão conjunta no sentido de aferir novas estratégias de superação.																
16	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões e a docente de Inglês. ◆ A docente Andreia apresentou os resultados da avaliação formativa de novembro de Inglês, que após análise e reflexão conjunta, se concluiu que foram bastante positivos em todas as turmas. ◆ Foram calendarizadas em conjunto as fichas de avaliação formativa de dezembro: <table><tr><td></td><td>3º C</td><td>3º D</td><td>3º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>30 novembro</td><td>1 dezembro</td><td>30 novembro</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>3 dezembro</td><td>4 dezembro</td><td>2 dezembro</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>9 dezembro</td><td>7 dezembro</td><td>7 dezembro</td></tr></table>		3º C	3º D	3º F	Português	30 novembro	1 dezembro	30 novembro	Matemática	3 dezembro	4 dezembro	2 dezembro	Estudo do Meio	9 dezembro	7 dezembro	7 dezembro
	3º C	3º D	3º F														
Português	30 novembro	1 dezembro	30 novembro														
Matemática	3 dezembro	4 dezembro	2 dezembro														
Estudo do Meio	9 dezembro	7 dezembro	7 dezembro														
23	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, e a docente de Inglês. ◆ As docentes fizeram uma análise e reflexão partilhada das turmas, nomeadamente, a nível das atitudes e do aproveitamento. Foram destacados alguns alunos para que no próximo atendimento mensal aos Encarregados de Educação sejam transmitidas informações específicas a seu respeito. ◆ Foi elaborada em conjunto a informação a dirigir aos Encarregados de Educação relativa ao desenvolvimento do «Jogo do 24», nas três turmas, no âmbito das atividades de aproximação da escola à família e vice-versa.																
30	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões, a docente de Inglês e a investigadora, Soraia Pinho. ◆ Foi feito o levantamento conjunto de possíveis tópicos a abordar na reunião que a investigadora, Soraia Pinho, terá com os Encarregados de Educação. Esta																

	reunião foi apoiada pelas três docentes titulares de turma que sentem necessidade de receber o feedback dos Encarregados de Educação relativamente ao decurso do projeto e, ao mesmo tempo, dar início e seguimento ao seu envolvimento no mesmo. Esta reunião terá lugar hoje pelas 17h30, só com a presença da investigadora e dos encarregados de educação convidados.

MÊS DE DEZEMBRO DE 2015

Dia	Resumo dos assuntos tratados
07	◆ Nesta reunião de trabalho estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês, Andreia e a investigadora, Soraia Pinho. ◆ A investigadora Soraia Pinho deu o feedback da reunião com os Encarregados de Educação, realizada no dia 30 de novembro. De destacar, o contentamento dos Encarregados de Educação com o projeto e a proposta por eles apresentada em relação à presença das três titulares de turma num dos atendimentos mensais, para que possam estabelecer com as três um relacionamento mais próximo. As três docentes assentiram e consideraram muito proveitoso, pelo que se prevê que esse encontro possa acontecer no atendimento mensal de fevereiro próximo. ◆ Em relação à aluna Joana, a docente Soraia Pinho, assumindo a sua função de adjunta da direcção, informou que o Currículo Específico da aluna passou formalmente a integrar, uma hora de Inglês à 5^a feira e que à 6^a feira, nessa hora, irá à Natação, conforme proposta da Equipa Educativa na reunião de 2 de novembro. A professora do Ensino especial, Marta, irá entregar à docente titular de turma um documento comprovativo desta situação para constar no Processo Individual da Aluna.

	◆ Foram analisados os casos dos alunos que manifestam, com bastante frequência, falta de pontualidade para que, no próximo atendimento mensal, se possa alertar os Encarregados de Educação para os constrangimentos que tais atrasos podem provocar, quer no desenvolvimento das atividades letivas das turmas, quer no desenvolvimento académico dos alunos que se atrasam. ◆ Em relação aos resultados das fichas de avaliação formativa de dezembro, na disciplina de Matemática, verificou-se que os resultados das turmas mantiveram-se no mesmo nível de desempenho da avaliação formativa anterior. Contudo, foi possível verificar uma evolução ao nível do raciocínio, cálculo mental e resolução de problemas. Foram destacados alunos que obtiveram resultados menos positivos para que se possam estabelecer estratégias de melhoria.
14	◆ Nesta reunião de trabalho estiveram presentes todas as docentes da equipa educativa. ◆ As docentes titulares de turma apresentaram os resultados das fichas de avaliação formativa de dezembro de Português e Estudo do Meio e analisaram os resultados das mesmas. Concluíram que os resultados foram bons, no entanto, houve necessidade de destacar alguns alunos que obtiveram resultados menos positivos, com o objectivo de projectar estratégias de melhoria. ◆ A docente Telma também conduziu uma breve análise aos resultados dos alunos nas Áreas de Expressão, que foi complementada pelas restantes docentes. Nestas disciplinas os alunos revelam boas capacidades expressivas, embora os seus comportamentos e a responsabilidade com o material necessário não correspondam ao desejado. ◆ A docente Andreia apresentou, para análise e reflexão, conjunta os resultados da ficha de avaliação formativa das turmas D e F, que se verificaram francamente bons. A turma C apenas realizará a ficha posteriormente.

	◆ Foram discutidos conjuntamente os resultados dos alunos nas restantes disciplinas e analisadas estratégias de melhoria a implementar no próximo período letivo.

Projeto



**«Professor no
Plural»**

Diário de Bordo

2º Período-2015/2016

MÊS DE JANEIRO DE 2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
04	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês, Andreia. ◆ As docentes partilharam as atividades previstas para a presente semana, trocaram ideias entre si e reformularam o plano. ◆ A docente da área de matemática, mencionou que nas duas primeiras semanas de janeiro irá concluir o desenvolvimento da planificação de dezembro. A mesma justificou com o facto de os conteúdos exigirem tempo para os alunos assimilarem, nomeadamente, a adição e a subtração com unidades de tempo e, também, a diversidade de atividades propostas aos alunos.
11	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente das Expressões, a docente de Inglês e a doutoranda Soraia Pinho (adjunta da direção). ◆ A docente Andreia apresentou as seguintes datas para a realização da ficha de avaliação formativa de Inglês: - 20 de janeiro: 3º F - 26 de janeiro: 3º C - 28 de janeiro: 3º D A mesma informou que irá colocar no placard das salas de aula alguns trabalhos da sua disciplina e pediu a colaboração dos titulares de turma na seleção dos melhores trabalhos que os alunos estão a realizar – um convite de aniversário. ◆ As docentes titulares de turma teceram alguns comentários sobre alguns alunos, em especial, os que não têm cumprido os trabalhos de casa e as regras de comportamento. Estabeleceram-se medidas

	compensatórias a operacionalizar por todas as docentes. ◆ Procedeu-se à calendarização das datas das fichas de avaliação formativa, nas disciplinas nucleares: <table><tr><td></td><td>3º C</td><td>3º D</td><td>3º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>25 janeiro</td><td>26 janeiro</td><td>25 janeiro</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>1 fevereiro</td><td>1 fevereiro</td><td>3 fevereiro</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>2 fevereiro</td><td>2 fevereiro</td><td>2 fevereiro</td></tr></table> ◆ Ficou decidido informar a Coordenadora do Conselho de Docentes do 3º ano de escolaridade da intenção da equipa realizar a avaliação formativa nos dias registados no quadro anterior. ◆ A doutoranda Soraia Pinho informou as docentes titulares de turma do projeto que está a preparar as suas entrevistas individuais, no âmbito da sua tese de doutoramento. Em breve enviará o guião para pré-testagem.		3º C	3º D	3º F	Português	25 janeiro	26 janeiro	25 janeiro	Matemática	1 fevereiro	1 fevereiro	3 fevereiro	Estudo do Meio	2 fevereiro	2 fevereiro	2 fevereiro
	3º C	3º D	3º F														
Português	25 janeiro	26 janeiro	25 janeiro														
Matemática	1 fevereiro	1 fevereiro	3 fevereiro														
Estudo do Meio	2 fevereiro	2 fevereiro	2 fevereiro														
18	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês. ◆ As docentes referiram os alunos que manifestam pouco sentido de responsabilidade no cumprimento de tarefas que lhes são incumbidas, tais como, trabalhos de casa e trabalhos de pesquisa. Também salientaram alguns alunos que revelam alguma dificuldade em cumprir as regras do comportamento definidas em Assembleia de Turma e, ainda, alunos com pouco empenho e interesse. ◆ A docente Mónica informou sobre a alteração das datas da ficha de avaliação formativa das turmas, C e D, adiadas para os dias 4 e 5 de fevereiro, respetivamente. O principal motivo prende-se com a necessidade de consolidação de alguns conteúdos.																
25	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês, Andreia.																

	◆ A docente Andreia informou que, na turma F, apenas a aluna Raissa teve Insuficiente na ficha de avaliação. Houve três Suficientes, dez Bons e seis Muito Bons. Este Insuficiente vai de acordo à ficha de avaliação diagnóstica realizada pela aluna e que demonstrou que a aluna ainda não adquiriu a maioria dos conhecimentos previstos. ◆ O aluno Alexandre, que esteve ausente no 1.º período letivo, também realizou uma ficha de avaliação diagnóstica e teve apenas três Não Adquiridos, revelando conhecimentos na maioria dos conteúdos. ◆ As docentes titulares de turma, em consonância com o memorando do dia 7 de dezembro, acordaram realizar o atendimento mensal de fevereiro aos encarregados de educação, em conjunto. Nesta reunião, cada docente fará o ponto da situação relativamente à disciplina por si lecionada e estará disponível para responder às questões colocadas pelos encarregados de educação.

MÊS DE FEVEREIRO DE 2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
01	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês, Andreia. ◆ A docente Andreia informou sobre os resultados da ficha formativa. Assim, na turma C não se registaram níveis negativos e a média situou-se nos 86%; na turma D, três alunos tiveram insuficiente e a média ficou nos 76%; na turma F registou-se um aluno com insuficiente e a média foi de 81,5%. ◆ As docentes Mónica, Tânia e Paula deram a conhecer os resultados das fichas diagnósticas dos alunos Alexandre e Raíssa. Esta avaliação demonstrou que os

	alunos se encontram distanciados dos restantes pares, uma vez que os programas curriculares dos seus países de proveniência são bastante diferentes do programa de Matemática, Português e Estudo do Meio em vigor no nosso país. ◆ A docente Telma informou a titular da turma C dos registos de comportamentos incorrectos na aula de Expressão e Educação Físico-motora. ◆ As três docentes titulares de turma prepararam a reunião de atendimento mensal aos Encarregados de Educação que será realizada em conjunto.
15	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês e a investigadora Soraia Pinho. ◆ No passado dia 1 de Fevereiro, as docentes titulares das turmas C, D e F reuniram com todos os Encarregados de Educação, tal como o haviam solicitado na reunião com a doutoranda na reunião de dia 30 de novembro de 2015. Na referida reunião, a professora Tânia revelou a sua preocupação relativamente à fluência leitora dos alunos e da importância dos alunos criarem hábitos de leitura, mencionou a exigência do programa e de como era importante os pais acompanharem os seus educandos nos estudos. A professora Mónica referiu a importância das rotinas de cálculo no desenvolvimento do cálculo mental, da resolução de problemas e da memorização das tabuadas. Os alunos devem melhorar os seus hábitos de trabalho, estudarem a tabuada, trazerem para a sala de aula todo o material necessário para as atividades, neste caso em particular, solicitou uma maior atenção e acompanhamento por parte dos Encarregados de Educação. A professora Paula mencionou que o programa exige estudo e empenho, que o terceiro ano é um ano difícil pelo que carece de um maior acompanhamento e estudo.

	Todas as professoras foram unânimes e disponibilizaram-se em falar com os Encarregados de Educação individualmente, sempre que se justifiquem esclarecimentos pontuais. Foi proposto aos Encarregados de Educação que se manifestassem relativamente ao projeto e que questionassem, pois as docentes estavam ao dispor para esclarecer e/ou contribuir para qualquer esclarecimento. Os Encarregados de Educação manifestaram-se positivamente e realçaram todo o apoio no desenvolvimento do projeto. ◆ As professoras de Português, Matemática, Expressões e Inglês manifestaram algum desagrado em relação ao comportamento dos alunos da turma C. ◆ Procedeu-se à calendarização das datas das fichas de avaliação final de período: <table><tr><td></td><td>3º C</td><td>3º D</td><td>3º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>8 de Março</td><td>8 de Março</td><td>10 de Março</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>9 de Março</td><td>11 de Março</td><td>9 de Março</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>15 de Março</td><td>15 de Março</td><td>15 de Março</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>10 de Março</td><td>10 de Março</td><td>14 de Março</td></tr></table> ◆ A investigadora entregou a análise primária efetuada aos resultados académicos dos alunos ao longo do primeiro período para que as docentes da equipa educativa, participantes na investigação, possam contribuir, com a sua visão prática e reflexiva, para a melhoria dos mesmos. Referiu, ainda, que o registo áudio das entrevistas individuais às Docentes Titulares de Turma se encontra bom e que irá dar início à sua transcrição.		3º C	3º D	3º F	Português	8 de Março	8 de Março	10 de Março	Matemática	9 de Março	11 de Março	9 de Março	Estudo do Meio	15 de Março	15 de Março	15 de Março	Inglês	10 de Março	10 de Março	14 de Março
	3º C	3º D	3º F																		
Português	8 de Março	8 de Março	10 de Março																		
Matemática	9 de Março	11 de Março	9 de Março																		
Estudo do Meio	15 de Março	15 de Março	15 de Março																		
Inglês	10 de Março	10 de Março	14 de Março																		
22	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês e a docente de Música. ◆ A professora de inglês informou que aplicou uma ficha de avaliação como consolidação da unidade “Family” às turmas C e D e hoje vai realizar à turma F.																				

	Nas turmas C e D os seguintes resultados foram os seguintes: Turma C Insuficiente – 1 (Rafael Leal) Suficiente – 1 (Anastácia V.) Bons – 4 Muito Bons - 19 Turma D Insuficientes – 2 (Micael e Iago) Suficientes – 2 (Ana Catrina Costa e Mateus Salajan) Bons - 7 Muito Bom – 7 ◆ Foram atualizados os Planos de Turma das turmas C, D e F, de acordo com a evolução da atividade letiva e dos desempenhos académicos dos alunos. ◆ A professora Telma elaborará cartazes (com as turmas C e F nas aulas de expressão plástica) relacionados com a Feira do Livro a realizar de 3 a 10 de Março de 2016 na biblioteca escolar, em colaboração com a professora bibliotecária Isabel Matias. ◆ As turmas C, D e F vão participar no concurso “Segurança para Todos” que consiste na elaboração de um cartaz alusivo ao hino da segurança em articulação transversal entre a Expressão Plástica e a Educação Musical. Os cartazes vão ser realizados na Expressão Plástica, com a docente Telma Costa, em colaboração com a Docente Goreti da Expressão e Educação Musical, que treinará o hino com os alunos, durante o mesmo período temporal. ◆ A professora titular da turma C solicitou a intervenção da psicóloga para observar a aluna Anastácia. A aluna já foi observada e a psicóloga já entrou em contacto com a Encarregada de Educação.
29	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês, Andreia.

	◆ As docentes presentes fizeram uma análise ao desempenho e comportamento dos alunos, realçando alguns casos que necessitam de uma maior atenção, nomeadamente, faltas de pontualidade, falta de realização dos trabalhos de casa, pouco empenho e pouca participação nas aulas e, também, casos de alunos que têm vindo a progredir significativamente. Em relação ao aluno Micael da turma D, as docentes acham por bem pedir uma avaliação psicológica do aluno devido às ocorrências de alguns conflitos com os seus pares e, também, pelo seu alheamento às aulas e ao seu semblante triste. ◆ Foi feito o ponto da situação relativamente à planificação das atividades, cumprimento e reformulações, de forma articulada entre as docentes das diferentes disciplinas. ◆ A docente Paula preparou a reunião de Atendimento Mensal aos Encarregados de Educação, com a colaboração e apoio das restantes docentes da Equipa educativa.

MÊS DE MARÇO DE 2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
7	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C e F, a docente Telma e a docente de Inglês. ◆ As docentes presentes fizeram uma análise ao desempenho e comportamento dos alunos, realçando alguns casos que necessitam de uma maior atenção, nomeadamente, faltas de pontualidade, falta de realização dos trabalhos de casa, pouco empenho e pouca participação nas aulas e, também, casos de alunos que têm vindo a progredir significativamente, nas diferentes disciplinas.

	◆ Foi feito o ponto da situação relativamente à planificação das atividades, cumprimento e reformulações, articulando as temáticas de forma transversal e globalizante, nas diferentes disciplinas. ◆ As docentes Tânia e Mónica prepararam a reunião de Atendimento Mensal aos Encarregados de Educação, com a colaboração das restantes docentes da Equipa educativa.
14	◆ Na presente reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente Andreia e a investigadora Soraia Pinho. ◆ A investigadora apresentou a análise e tratamento dos dados do Diário de Bordo da Equipa educativa e todos os elementos da equipa presentes puderam analisar e refletir sobre a síntese de dados efetuada. Concluiu-se que: 1. A Equipa Educativa denota grande preocupação na análise e reflexão dos desempenhos dos alunos, com especial relevo para os seus resultados académicos. Aliada a esta preocupação surge o planeamento de estratégias de melhoria dos resultados dos alunos, para que se possam ultrapassar as dificuldades de aprendizagem detetadas. 2. Outro aspeto revelante centra-se ao nível da análise e reflexão acerca dos comportamentos dos alunos, da sua pontualidade e responsabilidade na utilização do material necessário à execução das tarefas educativas e consequente delineamento de estratégias de resolução dos problemas detetados e melhoria dos desempenhos. 3. Existe um comprometimento da Equipa na planificação conjunta e articulada da ação educativa, nas diferentes disciplinas do currículo, mantendo o carácter transversal e contínuo da ação pedagógica neste nível de ensino. Esta preocupação estende-se, de forma evidente, aos alunos com necessidades educativas especiais, que

	beneficiam da atenção coletiva dos docentes envolvidos para a sua especificidade. ◆ No passado dia 9 de Março, a turma D teve a presença da inspeção (Educação Especial) na sala de aula, com a professora Mónica a lecionar a disciplina de matemática. Na presente reunião, e na qualidade de adjunta da direção, a professora Soraia Pinho enalteceu o excelente desempenho da docente, realçado pela Equipa da IGE, na reunião com a Direção do Agrupamento. ◆ A professora de Inglês informou que a Direção-Geral da Educação (DGE), em colaboração com a Associação Portuguesa de Professores de Inglês (APPI), preparou um <i>webinar</i> intitulado Avaliação de Inglês no 1.º CEB, com as diretrizes para a avaliação formal dos alunos. Assim, as fichas de avaliação de março, bem como os respetivos critérios de correção já estão de acordo com essas diretrizes. Este <i>webinar</i> reforçou também que, neste ciclo, se deve dar primazia aos domínios da compreensão oral e da produção e interação oral, o que está de acordo com os critérios de avaliação da disciplina. ◆ A docente de Inglês informou, depois, acerca dos resultados dos alunos nas fichas de avaliação sumativa, que foram analisados pela equipa. 3º. D Tiveram as seguintes menções: Suficiente – 3 alunos Bom – 7 alunos Muito Bom – 8 alunos. 3º. C Tiveram as seguintes menções: Bom – 4 alunos Muito Bom – 21 alunos. ◆ A professora Mónica apresentou os resultados dos problemas da semana referentes às turmas C, D e F: A turma C obteve 59% no primeiro período e neste período obteve os 73% de sucesso. A turma D obteve 53% no primeiro período e neste período obteve 59%.

	A turma F obteve 58% no primeiro período e neste período 72%. Ao longo do 2º. Período, os alunos Bernardo (3º.D) e João (3º.C) obtiveram 100% em todos os problemas apresentados. ◆ A equipa concluiu que a estratégia de melhoria implementada, no que diz respeito à realização dos problemas da semana está a surtir bons resultados e denota-se uma evolução significativa nos alunos, pelo que deve ser dada continuidade.
21	◆ Nesta reunião, de avaliação final de 2.º período, estiveram presentes todas as docentes que constituem a equipa educativa: as 3 DTT's, a docente de Inglês, a docente de Expressões Artísticas e Físico-Motoras, a docente de Educação Musical e a docente da Oferta Complementar-TIC. ◆ Estiveram, igualmente, presentes as docentes da Educação Especial que acompanham os alunos NEE's das 3 turmas. ◆ As docentes analisaram e refletiram em conjunto sobre os resultados dos desempenhos dos alunos das 3 turmas, ao longo do período letivo, nas diferentes disciplinas, tendo tomado as decisões acerca da sua avaliação final de período. ◆ Foram avaliados os alunos com NEE's, em conjunto com as docentes da Educação Especial que os acompanham. ◆ Foram delineadas estratégias de remediação e compensação das dificuldades dos alunos para aplicar no próximo período letivo. ◆ Foram, também, planificadas as atividades letivas, de forma colaborativa, para o 3.º período letivo, mantendo uma ação transversal, integradora e globalizante das aprendizagens das diferentes disciplinas. ◆ Os Planos de Turma foram atualizados de acordo com as decisões e o planeamento efetuado em conjunto.

Projeto



«Professor no Plural»

**Diário de Bordo
3º Período-2015/2016**

MÊS DE ABRIL DE 2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
04	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente de Inglês. ◆ Reflexão conjunta acerca dos resultados obtidos pelos alunos relativamente ao 2º. Período. Num computo geral, as docentes foram unânimes ao referir que os alunos que obtiveram negativa nas diferentes disciplinas, não são casos irrecuperáveis, pelo que, com empenho e trabalho, os alunos podem melhorar e superar as suas dificuldades, obtendo resultados satisfatórios. ◆ Foram delineadas estratégias/metodologias com vista à superação das dificuldades individuais dos alunos, inclusivamente dos alunos com necessidades educativas especiais. ◆ Uma vez que a festa de final de ano realizar-se-á no dia 8 de junho no pavilhão Portimão Arena, as docentes deram início à preparação da apresentação das 3 turmas em conjunto.
11	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês e a investigadora Soraia Pinho. ◆ A docente Andreia informou que os alunos estão a trabalhar a temática dos jogos e brincadeiras do recreio. Irá avaliar uma apresentação oral, o listening e exercícios práticos relacionados com o tema. Solicitou às restantes docentes da equipa ideias e sugestões para melhorar a sua acção prática. ◆ A investigadora Soraia Pinho informou de que enviou por e-mail os protocolos das entrevistas das docentes Mónica, Tânia e Paula, solicitou que verificassem o teor das mesmas e analisassem a informação nelas contida, à luz da Grelha de Categorização.

- ◆ As docentes titulares de turma das turmas C e F teceram alguns comentários sobre alguns alunos, em especial, os que não têm cumprido os trabalhos de casa, os que não têm o material, nomeadamente, os manuais escolares, no sentido de encontrarem, em conjunto, estratégias de reversão da situação.
- ◆ A docente de Português apresentou os resultados da oralidade e a de Matemática os resultados do problema da semana. Foram analisados em conjunto.
- ◆ Procedeu-se à calendarização das datas das fichas de avaliação formativa de maio e trimestral, de forma a que as datas dos momentos avaliativos formais não coincidissem e possibilitassem a preparação adequada dos alunos para o trabalho a realizar.
Estabeleceu-se a seguinte calendarização:

Avaliação Formativa de maio

	3º C	3º D	3º F
Português	26 de abril	26 de abril	28 de abril
Matemática	27 de abril	29 de abril	27 de abril
Estudo do Meio	3 de maio	3 de maio	3 de maio
Inglês	10 de maio	5 de maio	4 de maio

Avaliação Trimestral - junho

	3º C	3º D	3º F
Português	31 de maio	31 de maio	30 de maio
Matemática	30 de maio	30 de maio	31 de maio
Estudo do Meio	7 de junho	7 de junho	7 de junho
Inglês	2 de junho	2 de junho	6 de junho

- ◆ Foi delineado o programa para a festa de final de ano em conjunto. Constituirá uma dança (zumba), na qual participarão os alunos das 3 turmas. As docentes selecionaram a melodia e organizaram a coreografia.

18	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês, Andreia e a investigadora, Soraia Pinho. ◆ As docentes manifestaram preocupação em relação a alguns alunos, relativamente ao desempenho e comportamento, bem como às faltas de pontualidade e na realização dos trabalhos de casa. ◆ Associado ao baixo desempenho manifestado por parte de alguns alunos existe, por parte da família, notória falta de acompanhamento e interesse pela escola. Foram ponderadas algumas soluções para aproximar mais os EE da vida escolar dos seus educandos. ◆ A investigadora apresentou o Tratamento Estatístico/Análise de Conteúdo dos Dados relativos ao levantamento das opiniões iniciais dos alunos relativamente ao projeto investigativo do qual se retiraram as seguintes ilações, após análise e reflexão conjunta: Perante os dados apresentados, que foram recolhidos no final da primeira semana de desenvolvimento do projeto investigativo, podemos aferir que a adaptação dos alunos à mudança de regime de docência operada na organização do trabalho escolar, para além de se ter verificado curta também se manifestou pacífica e do agrado dos discentes. Os aspetos que merecem destaque, em primeiro lugar, são a totalidade dos alunos ter afirmado que gosta do projeto e um terço deles ter enunciado o facto de terem várias professoras como razão justificativa do seu apreço, para além da diversidade das docentes ser ainda declarada como um dos aspetos mais positivos encontrados por 19 alunos no projeto investigativo, cuja essência se foca exatamente na pluridocência. Por outro lado, consideramos importante realçar que o facto da grande maioria dos alunos inquiridos (75%) não ter apresentado aspetos menos positivos no projeto confirma a total manifestação de satisfação dos alunos declarada na primeira questão colocada.

	Por último, devemos atentar que as sugestões apresentadas pelos alunos, no sentido de melhorar a atuação das professoras, denotam o interesse dos alunos em participar ativamente no desenvolvimento do projeto, formulando propostas perfeitamente válidas e exequíveis no âmbito da investigação, principalmente as de natureza organizacional.

MÊS DE MAIO DE 2016

Dia	Resumo dos assuntos tratados
02	◆ A reunião não se realizou por sobreposição de reuniões. As docentes Mónica, Tânia e Paula foram convocadas para fazerem parte das equipas que irão realizar as provas de equivalência à frequência.
03	◆ Na presente reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F e a docente de Inglês. ◆ Reflexão conjunta sobre aproveitamento, comportamento e assiduidade dos alunos. ◆ Foram delineadas estratégias para apoiar os alunos que revelam maiores dificuldades, quer no seu desempenho, quer no comportamento e assiduidade. ◆ As docentes teceram alguns comentários sobre o comportamento dos alunos e concluíram que seria benéfico algumas mudanças, em sala de aula, como estratégia de melhoria, no que diz respeito à atenção e concentração.
09	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês e a investigadora Soraia Pinho. ◆ A investigadora Soraia Pinho informou todos os presentes de que os inquéritos aos Encarregados de Educação estavam prontos a serem aplicados e solicitou às titulares de turma que os fizessem chegar

	a todos os interessados, tendo como data limite da entrega o próximo dia 20 de maio. ◆ Informou ainda de que iria realizar uma sessão de análise com os Encarregados de Educação, no próximo dia 6 de junho, com o objetivo de aferir o desenvolvimento afetivoemocional dos alunos, o envolvimento dos Encarregados de Educação na vida escolar, relação com os vários docentes, transversalidade/interdisciplinaridade das aprendizagens e o balanço final do decurso do ano letivo. ◆ Ficou agendada uma entrevista grupal com os alunos cujo objectivo é fazer um balanço global sobre o primeiro ano do projeto, tendo em linha de conta a perspetiva dos alunos, dando-lhes voz, a realizar no início do mês de junho.
16	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês e a investigadora Soraia Pinho. ◆ A investigadora Soraia Pinho deu a conhecer o guião da entrevista focus group aos alunos, para que todas as docentes pudessem analisar e dar sugestões de melhoria. ◆ A investigadora entregou o convite para a segunda sessão de análise e reflexão acerca do desenvolvimento do Projeto com os EE, agendada para o dia 06 de junho, pelas 17h30m. ◆ As professoras analisaram os resultados das fichas formativas do presente mês e manifestaram alguma preocupação relativamente aos alunos Anastácia, Cornélio da turma C; os alunos Ana, Beatriz e Mateus da turma D; Os alunos Henrique, Artur, Noame e Raíssa da turma F, por terem revelado algumas dificuldades em acompanhar os conteúdos trabalhados nas várias disciplinas. Foram delineadas estratégias de apoio individualizado na superação das dificuldades dos alunos. ◆ A aluna Cristiana continua a ser pouco assídua, facto preocupante para as docentes, pois condiciona a evolução das suas aprendizagens, principalmente

	tratando-se de uma aluna com necessidades educativas especiais, a beneficiar de um Currículo Específico Individual. Apesar das várias tentativas de contacto com a Encarregada de Educação, que não responde às várias solicitações, a aluna continua a faltar interpoladamente.
23	◆ Na reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma, a docente de Inglês. ◆ A professora de inglês informou de que a ficha trimestral de inglês foi adiada para o dia 3 de junho. ◆ A aula de inglês do 3º.D vai ser reposta no dia 2 de junho na hora do apoio ao estudo, justifica-se esta alteração pelo facto de no dia 27 de maio a titular de turma faltar. ◆ Continuam a verificar-se, nas três turmas, faltas de material e de pontualidade. Mais uma vez as docentes irão, concertadamente, tentar responsabilizar os alunos e encarregados de educação. ◆ Os alunos não cumprem as tarefas que lhes são atribuídas, no que diz respeito aos trabalhos de casa, pelo que serão responsabilizados por todas as docentes, de forma conciliada.
30	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente Telma e a docente de Inglês, Andreia Matias. ◆ A professora Mónica informou de que no dia 31 de Maio de junho às 18horas é a finalíssima do jogo do 24, a realizar no pátio da escola. ◆ A docente de matemática informou os presentes de que alguns alunos das turmas C e D não conseguiram concluir a ficha trimestral, pelo que combinaram que seria dado algum tempo para a conclusão da mesma na próxima aula.

MÊS DE JUNHO DE 2016

Dia	Resumo dos assuntos tratados
13	◆ Nesta reunião, de avaliação final de ano letivo, estiveram presentes todas as docentes que constituem a equipa educativa: as 3 DTT's, a docente de Inglês, a docente de Expressões Artísticas e Físico-Motoras, a docente de Educação Musical e a docente da Oferta Complementar-TIC, as 2 docentes da Educação Especial, para além da investigadora. ◆ Estiveram, igualmente, presentes as docentes da Educação Especial que acompanham os alunos NEE's das 3 turmas. ◆ As docentes analisaram e refletiram em conjunto sobre os resultados dos desempenhos dos alunos das 3 turmas, ao longo do ano letivo, nas diferentes disciplinas, tendo tomado as decisões acerca da sua avaliação final de período. ◆ Foram avaliados os alunos com NEE's, em conjunto com as docentes da Educação Especial que os acompanham e foram elaborados, em conjunto os Relatórios Circunstanciados das crianças. ◆ Foram delineadas estratégias de remediação e compensação das dificuldades dos alunos para aplicar no próximo ano letivo, através da elaboração dos Planos Pedagógicos para os alunos que dele necessitam. ◆ Os Planos de Turma foram atualizados de acordo com as decisões tomadas pela equipa e foram devidamente avaliados. ◆ A investigadora veio combinar com a equipa o dia e a hora mais propícia para a entrevista com a equipa educativa. ◆ Informou ainda que já analisou e integrou os dados da análise documental do diário de bordo do 2º. Período no documento final de tratamento dos dados. Mantêm-se as conclusões retiradas relativamente ao 1º. Período, quer no que se refere às preocupações da equipa educativa, quer no que respeita à coesão, colaboração e partilha entre todos os elementos da equipa. ◆ A investigadora informou de que após a análise dos resultados da avaliação formativa e sumativa do 2º.,

	período se verificou um ligeiro aumento insucesso dos alunos, principalmente no português e na matemática, mas que também se verificou um notório aumento da qualidade do sucesso em todas as disciplinas da matriz curricular do primeiro ciclo do Ensino Básico. ◆ A Equipa Educativa encerrou a reunião efectuando uma análise globalizante do desenvolvimento do trabalho em equipa e do projecto investigativo, ao longo do presente ano letivo. O resultado final foi muito positivo para todos os intervenientes. Será de dar continuidade e concluir no próximo ano letivo.

Projeto



«Professor no Plural»

Diário de Bordo
1º Período-2016/2017

MÊS DE SETEMBRO DE

2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados																				
19	◆ Estiveram presentes todas as docentes da equipa educativa (somente 8 pois a professora do Estudo do Meio assumiu a lecionação das Expressões por questões organizacionais) e a investigadora. ◆ Foi elaborada, em conjunto, a planificação das atividades letivas para a primeiras semanas de aulas. ◆ As docentes delinearam em termos de organizacionais o modo de funcionamento da rotatividade dos alunos entre salas de aula. ◆ Foram agendadas as datas das fichas de avaliação diagnóstica a aplicar na segunda semana de aulas. <table><tr><td></td><td>4º C</td><td>4º D</td><td>4º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>21</td><td>20</td><td>21</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>22</td><td>23</td><td>22</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>20</td><td>21</td><td>20</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>22</td><td>20</td><td>21</td></tr></table>		4º C	4º D	4º F	Português	21	20	21	Matemática	22	23	22	Estudo do Meio	20	21	20	Inglês	22	20	21
	4º C	4º D	4º F																		
Português	21	20	21																		
Matemática	22	23	22																		
Estudo do Meio	20	21	20																		
Inglês	22	20	21																		
26	◆ Estiveram presentes as docentes titulares de turma, a docente do Inglês, as docentes da Educação Especial e a docente de Música. ◆ Foram apresentados os resultados das fichas diagnósticas de inglês. ◆ As docentes referiram que, ao nível do comportamento, os alunos da turma C, na primeira semana de aulas, estiveram muito agitados, mas no decorrer da presente semana apresentaram-se um pouco mais calmos. ◆ Deu-se continuidade à organização do dossier do projeto, que reunirá todos os documentos de referência para a sua operacionalização, desenvolvimento, monitorização e conclusão.																				

	◆ Procedeu-se à planificação conjunta das atividades letivas das diferentes disciplinas procurando efetivar, sempre que possível, a interdisciplinaridade e transversalidade do currículo.

MÊS DE OUTUBRO DE 2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
3	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F e a docente de Inglês, Andreia. ◆ As docentes titulares de turma apresentaram os resultados das fichas diagnósticas e referiram quais os alunos que revelaram maiores dificuldades em cada domínio, tal como é possível observar a partir da análise dos resultados que consta do dossier deste projeto. ◆ Após reflexão conjunta as docentes delinearam estratégias de melhoria a fim de colmatar algumas das dificuldades sentidas pelos alunos. ◆ Foram definidas ações concertadas/articuladas específicas de apoio individualizado a desenvolver aquando das coadjuvações nas disciplinas de português e matemática. ◆ Foi planificada a atividade letiva para o mês de outubro, com base na análise e reflexão efetuada sobre os desempenhos dos alunos na avaliação diagnóstica.
10	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente de Inglês, Andreia e as docentes da Educação Especial.

	◆ Foram calendarizadas em conjunto as fichas de avaliação formativa de novembro, para as disciplinas nucleares e para o Inglês: <table><tr><td></td><td>4º C</td><td>4º D</td><td>4º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>7 de novembro</td><td>8 de novembro</td><td>7 de novembro</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>31 de outubro</td><td>31 de outubro</td><td>2 de novembro</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>8 de novembro</td><td>9 de novembro</td><td>8 de novembro</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>3 de novembro</td><td>4 de novembro</td><td>4 de novembro</td></tr></table> ◆ As docentes revelaram alguma preocupação em relação a alguns alunos, por revelarem falta de empenho e responsabilidade perante as atividades propostas, nomeadamente, no que respeita ao trabalho autónomo de casa. ◆ Neste sentido, foram delineadas em conjunto estratégias diversificadas de responsabilização dos alunos pelo cumprimento das tarefas.		4º C	4º D	4º F	Português	7 de novembro	8 de novembro	7 de novembro	Matemática	31 de outubro	31 de outubro	2 de novembro	Estudo do Meio	8 de novembro	9 de novembro	8 de novembro	Inglês	3 de novembro	4 de novembro	4 de novembro
	4º C	4º D	4º F																		
Português	7 de novembro	8 de novembro	7 de novembro																		
Matemática	31 de outubro	31 de outubro	2 de novembro																		
Estudo do Meio	8 de novembro	9 de novembro	8 de novembro																		
Inglês	3 de novembro	4 de novembro	4 de novembro																		
17	◆ Nesta reunião estiveram presentes as docentes titulares de turma e a professora de Inglês. ◆ A equipa educativa foi informada de que, na reunião realizada na passada sexta-feira com os encarregados de educação da aluna Lara, ficou acordado que sempre que a aluna não realize as atividades em sala de aula, o trabalho não realizado deverá levar para casa, a fim de o concluir. ◆ A professora de matemática revelou alguma preocupação com o aluno Artur por continuar a não fazer os trabalhos de casa. Atendendo às suas características específicas (NEE), o aluno começa a revelar dificuldades em acompanhar o ritmo do grande grupo, pelo que se irão diferenciar as estratégias/metodologias de motivação para ele. ◆ A este respeito, ficou a titular de turma encarregue de informar os encarregados de educação da situação e de procurar, em conjunto, encontrar uma estratégia para ultrapassar esta situação, a bem do desenvolvimento educativo do aluno.																				

24	◆ Na reunião estiveram presentes todas as docentes envolvidas no projeto. ◆ Na disciplina de português foi alterada a planta da sala em virtude da falta de visibilidade dos alunos em relação ao quadro interativo e o quadro preto. ◆ As docentes revelaram preocupação relativamente ao aluno Artur pelas faltas dadas e pela sua atitude, principalmente quando fica mais do que um dia consecutivo em casa. Quando regressa apresenta-se mau humorado e enerva-se com relativa facilidade. ◆ A docente titular de turma encarregou-se de responsabilizar a família do aluno pelo cumprimento do dever de assiduidade, para que se consigam evitar as ausências do aluno e ultrapassar a situação.
31	◆ Nesta reunião estiveram presentes todas as Titulares de turma, a professora de Inglês, a professora de música e uma das docentes da educação especial. ◆ As docentes iniciaram a reunião com a manifestação de necessidade de uma articulação maior/mais próxima/mais frequente com as docentes da educação especial, nomeadamente com a docente responsável pelo acompanhamento dos alunos CEI. ◆ As docentes da equipa analisaram e refletiram acerca de alguns alunos que manifestam dificuldades específicas, a saber: * A professora de Português manifestou alguma preocupação relativamente às dificuldades sentidas pelos alunos, ao nível da interpretação de textos. * Preocupação das docentes, relativamente à ortografia e caligrafia dos alunos, nalguns casos, torna-se impercetível o conteúdo da escrita. * Os alunos Anastácia e João Paulo, de forma sistemática, não realizam os trabalhos de casa, apesar da insistência por parte das docentes. * As alunas Lara e Maria continuam distraídas e com falta de ritmo de trabalho, comprometendo as suas aprendizagens. * A aluna Beatriz não realiza os trabalhos de casa e justifica-se com o esquecimento.

	* Na disciplina de matemática os alunos Micael, Ana, Carolina e Beatriz continuam a revelar grandes dificuldades. A Aléxia revela dificuldades e falta de empenho na disciplina. * As alunas Raissa e Noame revelam grandes dificuldades em todas as disciplinas e mantêm-se, ao longo das aulas, distraídas e alheias ao trabalho realizado. * O aluno Rodrigo tem, de forma continuada, revelado alguma distração, como consequência, dificuldade na aplicação de conhecimentos. ◆ Perante as situações analisadas, as docentes decidiram reforçar a responsabilização dos alunos referidos para com a sua aprendizagem através do estabelecimento de objetivos de trabalho parciais monitorizados em conjunto com os alunos, pelo estabelecimento de parcerias/tutorias interpares para o acompanhamento dos alunos e através da implementação de trabalho diferenciado e apoio individualizado por parte das docentes, de forma mais insistente. ◆ A professora Mónica informou de que a reunião com os Encarregados de Educação não se realizará no próximo dia 11 de novembro, como estava estabelecido, mas sim no dia 15 de novembro pelas 18:30. Manifestou estar disponível, para esclarecer qualquer dúvida relativamente à disciplina de matemática noutro dia em relação aos alunos das turmas D e F. ◆ Foi elaborada, em conjunto, a planificação da ação educativa para os meses de novembro e dezembro, nas diferentes disciplinas, atendendo ao ritmo dos alunos.

MÊS DE NOVEMBRO DE

2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
7	◆ Na presente reunião estiveram reunidas todas as titulares de turma, a professora de inglês e a investigadora. ◆ A professora de Inglês deu a conhecer os resultados das turmas relativamente às fichas formativas e manifestou estar satisfeita com os desempenhos dos alunos. As médias das turmas foram de 90% (turma C), 83% (turma D) e 89% (turma F). ◆ A professora de Matemática apresentou os resultados das fichas formativas em relação às três turmas, que revelaram desempenhos suficientes: 73% (turma C), 64% (turma D) e 65% (turma F). ◆ Foram analisados os resultados relativamente à disciplina de Matemática mantendo-se o nível das turmas entre o suficiente e o bom. Salientou-se o número de resultados insuficientes das turmas: na turma D registaram-se 6 níveis insuficientes; na turma F, 3 e na turma C, apenas 1. ◆ A equipa considerou que deve insistir-se num apoio individualizado e tutorial a estes alunos, por forma a auxiliar na sua recuperação. ◆ A aluna, Anastácia não conseguiu concluir a ficha formativa no tempo estipulado, pelo que foi decidido pela equipa docente, nesta reunião, que a professora iria dar o tempo necessário para que a aluna a conseguisse concluir. ◆ Fator positivo a realçar é o facto dos alunos das diferentes turmas se relacionarem de forma interativa, interagindo com alguma “cumplicidade” independente das turmas a que pertencem. O sentido de grupo e a coesão são aspetos que propiciam a motivação e empenho dos alunos na aprendizagem, pelo que as docentes consideraram importante propiciar mais momentos de convívio entre todos.

21	◆ Estiveram presentes na reunião as titulares de turma, a professora de inglês e a professora de música. ◆ Foram agendadas em conjunto as fichas de avaliação trimestral, representadas no seguinte quadro: <table><tr><td></td><td>4º C</td><td>4º D</td><td>4º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>6 dezembro</td><td>7 dezembro</td><td>7 dezembro</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>7 dezembro</td><td>6 dezembro</td><td>6 dezembro</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>14 dezembro</td><td>14 dezembro1</td><td>13 dezembro</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>12 dezembro</td><td>9 dezembro</td><td>9 dezembro</td></tr></table> ◆ Efetuou-se uma análise e reflexão conjunta sobre as fichas formativas das diferentes disciplinas e foram construídas, em conjunto, as fichas de avaliação trimestral, atendendo às características dos alunos. ◆ Constituíram um momento de reflexão da equipa as alunas Anastácia e Beatriz, que são motivo de preocupação uma vez que já tem uma retenção no 1º. Ciclo e continuam com resultados insuficientes nas disciplinas de português e matemática. Ponderou-se a hipótese de diferenciar as fichas de avaliação ou de prestar um apoio mais direto às alunas na resolução das mesmas. Contudo, uma vez que se trata do 1.º período letivo, optou-se por dar uma oportunidade às alunas de conseguirem ultrapassar as suas dificuldades autonomamente.		4º C	4º D	4º F	Português	6 dezembro	7 dezembro	7 dezembro	Matemática	7 dezembro	6 dezembro	6 dezembro	Estudo do Meio	14 dezembro	14 dezembro1	13 dezembro	Inglês	12 dezembro	9 dezembro	9 dezembro
	4º C	4º D	4º F																		
Português	6 dezembro	7 dezembro	7 dezembro																		
Matemática	7 dezembro	6 dezembro	6 dezembro																		
Estudo do Meio	14 dezembro	14 dezembro1	13 dezembro																		
Inglês	12 dezembro	9 dezembro	9 dezembro																		
28	◆ Nesta reunião estiveram presentes as professoras titulares de turma e a professora de inglês. ◆ A professora de matemática apresentou o concurso realizado com os alunos sobre o tema “A matemática e a Arte” que teve como critérios de apreciação o traço, as figuras geométricas, as cores e a qualidade da pintura. ◆ A professora Mónica sugeriu que os trabalhos fossem apreciados e votados pela equipa docente, sendo que preferiu não participar para que o seu voto não tivesse qualquer influência, uma vez que acompanhou os trabalhos e o empenho de cada um dos alunos em particular. Por esse motivo, entendeu por bem, ser imparcial e ficar fora da votação.																				

	◆ Os trabalhos foram analisados pelas restantes docentes presentes e os alunos vencedores do concurso foram: Primeiro lugar – Maria, turma D. Segundo lugar – Filipa, turma F. Terceiro lugar - João Pedro, turma C. ◆ Foi lido o relatório psicológico da aluna Lara, o qual mereceu a maior atenção por parte de todos os presentes. Após apreciadas as considerações e recomendações, as mesmas vão ser tidas em conta e implementadas por todas as docentes.

MÊS DE DEZEMBRO DE 2016



Dia	Resumo dos assuntos tratados
5	◆ Estiveram presentes na reunião, as titulares de turma, a professora de inglês e as docentes da educação especial. ◆ A reunião teve início com a preparação conjunta para a reunião com os encarregados de educação que se realizará neste dia às 17:30, à exceção da turma C, que realizar-se-á na próxima segunda-feira.. ◆ As docentes teceram algumas considerações sobre a não realização de trabalhos de casa, a falta de pontualidade, alguma falta de empenho por parte de alguns alunos que têm sido mencionados ao longo deste diário de bordo. ◆ Foi acordado entre todas que seria transmitida aos encarregados de educação a preocupação da equipa docente perante os casos mais problemáticos, no sentido de concertar com eles estratégias de superação das dificuldades dos seus educandos. ◆ Foi abordado e planeado o último dia de aulas do 1.º período, no qual os alunos irão ao cinema ver o filme “SING”.

12	◆ Nesta reunião estiveram presentes as professoras titulares, a professora de inglês e a professora de música. ◆ A professora titular da turma D, apresentou o caso de incompatibilidade de horário no que diz respeito às Oficinas das letras e números e ao inglês. O aluno Faustino ao frequentar as oficinas terá de faltar ao inglês. Desde o início do ano tem havido reajustes nos horários dos alunos que frequentam as oficinas e, na presente semana, foi afirmado pela professora da educação especial que não tinha forma de mudar o horário do aluno, pelo que teria de ser tomada uma decisão, no sentido de decidir se o aluno frequentava as oficinas ou a disciplina de inglês. Perante esta situação, a professora titular de turma colocou à consideração de todas as docentes que lecionam na turma e as quais fazem parte deste projeto. ◆ Ficou decidido, por unanimidade das presentes, que o aluno Faustino irá frequentar as aulas de inglês, uma vez que esta disciplina, sendo obrigatória e fazendo parte do currículo específico individual do aluno é do superior interesse do aluno que a frequente. ◆ Foram apresentados, alguns resultados das fichas de avaliação trimestral, que se passam a citar: * Na disciplina de Português, a turma C obteve uma média final de 79%, nível Bom. Os alunos revelaram maiores dificuldades na oralidade e na gramática. A turma D obteve uma média final de 68%, nível suficiente. Os alunos revelaram maiores dificuldades na leitura, gramática e escrita. A turma F obteve uma média de 76%, nível Bom. Os alunos revelaram maiores dificuldades na gramática e na produção escrita. * Na disciplina de Matemática, a turma D obteve uma média final de 64%, nível de suficiente. * Na disciplina de Inglês, a turma D obteve uma média final de 90%, nível Muito Bom. Os alunos revelaram maiores dificuldades no léxico e na gramática.

	◆ Relativamente aos resultados das restantes turmas e disciplinas (Matemática, Inglês e Estudo do Meio) estes só serão apresentados nas próximas reuniões de avaliação, uma vez que existirem turmas a realizar as fichas de avaliação no decorrer da presente semana.
19	◆ Nesta reunião estiveram presentes todas as professoras pertencentes à equipa educativa e a investigadora. ◆ Foram analisados os resultados dos alunos ao longo do 1.º período, de forma global e transversal, por todos os elementos da equipa, de forma refletida, partilhada, concertada e ponderada, para todas as disciplinas da matriz curricular. ◆ Foram lançados os níveis dos alunos das turmas no programa Inovar e impressas as respectivas pautas. ◆ Foram preenchidas as Fichas de Registo de Avaliação de cada um dos alunos, também no Inovar, e foram impressas e assinadas, a fim de serem entregues aos encarregados de educação. ◆ Foram planificadas, em conjunto, as atividades letivas a desenvolver no mês de janeiro.

Projeto



«Professor no Plural»

Diário de Bordo
2º Período-2016/2017

MÊS DE JANEIRO DE

2017



Dia	Resumo dos assuntos tratados
9	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente de Inglês, a professora da educação especial responsável pelos alunos CEI e a investigadora. ◆ Foram colocados em apreciação pela equipa dois livros: “O Mestre Continhas” – Guia de Matemática para pais e filhos e o “ Guia de Português para pais e filhos”, das edições livro directo. As professoras decidiram que não apresentariam os livros aos encarregados de educação, pelas razões abaixo apresentadas: * Foi adoptada uma tabuada no terceiro ano que contém as mesmas informações. * Estamos no início do 2º. Período do 4º. Ano, no fim da concretização das metas curriculares de ciclo, não se justificando esta despesa acrescida, uma vez que os conteúdos trabalhados e algumas definições específicas estão contempladas nos cadernos individuais dos alunos. ◆ Foram delineadas estratégias, por forma a articular o trabalho desenvolvido nas oficinas das letras e da matemática com o trabalho de sala de aula, nas diferentes disciplinas. A professora da educação especial alertou para que fossem realizados trabalhos práticos desenvolvendo as competências funcionais dos alunos, dadas as suas características específicas e individuais. ◆ A referida professora disponibilizou-se para realizar algumas atividades em contexto de sala de aula, a fim de desenvolver atividades tendo em contexto o currículo associado à prática, visando uma maior e melhor articulação com as docentes das disciplinas. ◆ Mostrou-se disponível, a partir do presente período letivo, para participar com maior frequência nas reuniões semanais da equipa educativa.

	◆ A professora de estudo do meio lembrou que havia solicitado aos alunos que, durante as férias de Natal, realizassem em parceria com os pais e encarregados de educação um trabalho sobre o Sistema Solar que seria exposto na Biblioteca Escolar. A exposição decorreu durante o presente dia (9 de janeiro) e a adesão foi extremamente positiva, envolvendo os encarregados de educação e as restantes turmas da escola. ◆ Numa primeira fase era suposto que de entre as três turmas envolvidas resultasse um primeiro, segundo e terceiro lugares. Na presente reunião as professoras decidiram que era difícil escolher, dada a qualidade dos trabalhos apresentados. Ficou decidido, que os alunos iriam receber um diploma de participação sem “destacar” posicionalmente os trabalhos, dada a envolvimento e o nível de excelência dos trabalhos apresentados. ◆ A professora de matemática informou que iria aplicar uma ficha de aplicação de conhecimentos (a todas as turmas), no próximo dia 16 de janeiro, sobre os ângulos, divisões e frações.
16	◆ Estiveram presentes nesta reunião de trabalho, as professoras titulares de turma, a professora de inglês e a professora da educação especial. ◆ A professora da educação especial informou que se encontrava a ultimar a planificação dos alunos que participam nas oficinas e mostrou-se disponível para participar e colaborar com as titulares de turma relativamente às estratégias a adotar para cada aluno, atendendo às suas especificidades, em particular. Aproveitou-se a oportunidade para elaborara conjuntamente a planificação das atividades, de forma integrada, interdisciplinar e transversal. ◆ Na reunião da turma D, os encarregados de educação corroboraram a iniciativa das docentes, no que diz respeito ao envio dos conteúdos para estudo, antes da realização das fichas de avaliação. ◆ A professora de matemática lembrou que as Olimpíadas da Matemática se realizarão no próximo dia 25 de janeiro, ao longo da manhã, pelo que será

	necessária a colaboração das restantes docentes na aplicação da ficha nas 3 turmas simultaneamente. Estabeleceram-se os procedimentos conjuntos necessários e realizaram-se os ajustes na reposição das restantes disciplinas. ◆ Foram agendadas as datas das fichas de avaliação, à exceção da disciplina de matemática, que ficou agendada na passada reunião. <table><tr><td></td><td>4º C</td><td>4º D</td><td>4º F</td></tr><tr><td>Português</td><td>30/01/2017</td><td>31/01/2017</td><td>30/01/2017</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>01/02/2017</td><td>01/02/2017</td><td>31/01/2017</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>02/02/2017</td><td>03/02/2017</td><td>03/02/2017</td></tr></table>		4º C	4º D	4º F	Português	30/01/2017	31/01/2017	30/01/2017	Estudo do Meio	01/02/2017	01/02/2017	31/01/2017	Inglês	02/02/2017	03/02/2017	03/02/2017
	4º C	4º D	4º F														
Português	30/01/2017	31/01/2017	30/01/2017														
Estudo do Meio	01/02/2017	01/02/2017	31/01/2017														
Inglês	02/02/2017	03/02/2017	03/02/2017														
23	◆ Deu-se início à reunião com a presença das professoras titulares de turma, a professora de inglês e a professora de música (nova). ◆ A docente de música, que participou pela primeira vez na reunião semanal, uma vez que veio substituir a anterior docente, apresentou-se à equipa e foi recebida com alegria e abertura. Foi informada da dinâmica do projeto investigativo e mostrou-se inteiramente colaborante, empenhada e motivada com a sua participação. A equipa também transmitiu todas as informações relativas aos alunos e à sua competência musical. ◆ A docente de música informou que nem sempre iria poder comparecer nas reuniões semanais por constrangimentos com o seu horário letivo semanal, que contempla duas escolas de agrupamentos diferentes. Contudo, prometeu que iria comparecer sempre que lhe fosse possível, não abdicando das trocas de informação informal ao longo da semana. ◆ A professora de matemática referiu, que após a análise dos resultados da ficha de avaliação do passado dia 16 de janeiro, os alunos (na sua maioria) melhoraram os resultados, à exceção da aluna Noame, que manteve o nível anterior. Foi motivo de preocupação os baixos resultados da aluna e motivo de debate e reflexão entre todas as docentes. A professora Mónica, após ter dialogado com a aluna, considera que associados ao seu insucesso estão																

	fatores emocionais e ambientais que requerem algum aprofundamento. ◆ Decidiu-se que a titular da turma F iria contactar a encarregada de educação da aluna a fim de indagar “possíveis” causas associadas ao “retrato” evidenciado pela aluna. Todas as doentes da equipa mostraram-se atentas e cooperantes relativamente ao assunto em questão, disponibilizando-se por apoiar a aluna nas dimensões necessárias. ◆ As docentes analisaram e refletiram acerca dos resultados dos alunos na avaliação de matemática, tendo delineado algumas dinâmicas diferenciadas, para auxiliar os alunos que revelam maiores dificuldades, no trabalho autónomo em sala de aula.
30	◆ A reunião iniciou com a presença das titulares de turma, a professora de inglês e a professora da educação especial. ◆ A professora da educação especial informou que: * No próximo dia 7 de fevereiro os alunos NEE vão participar num encontro regional de natação em Lagoa; * O aluno, Faustino tem tido um comportamento reprovável nas aulas de natação e boccia, tem sido advertido com alguma frequência, pelo que a titular de turma ficou de reportar ao encarregado de educação a conduta do seu educando, no sentido de responsabilizar ambos pela sua melhoria; * Os alunos da educação especial estão a trabalhar conteúdos do estudo do meio (O corpo humano, itinerários e localização no mapa), pelo que se estabeleceram pontos de articulação curricular com o trabalho desenvolvido nesta disciplina com os restantes alunos; * Encontra-se a aguardar aprovação do conselho pedagógico um passeio de barco a realizar no mês de fevereiro com os alunos NEE. ◆ Relativamente ao aluno Faustino ficou decidido em equipa que, caso o seu comportamento se mantenha, durante um curto período de tempo, vai ficar impossibilitado de frequentar as aulas de natação e boccia.

	◆ A professora de português reportou à equipa que dialogou com a aluna Noame e constatou algumas incongruências nos seus relatos, quando confrontada com algumas questões mais delicadas. Decidiu-se que seria importante dialogar com a encarregada de educação e indagar as possíveis causas da sua instabilidade, no sentido de as superar. ◆ A professora de estudo do meio iniciou o processo de referenciação para o GAAF das alunas Ana e Carolina, de acordo com decisão conjunta da equipa educativa. Aguarda-se apenas a assinatura das encarregadas de educação na autorização para dar seguimento ao processo. ◆ A professora de matemática informou as datas da próxima ficha de avaliação, a realizar nos dias 20 de fevereiro – Turma C e 21 de fevereiro – Turmas D e F. ◆ As docentes elaboraram em conjunto a planificação da ação educativa para o mês de fevereiro, nas diferentes disciplinas.

MÊS DE FEVEREIRO DE 2017



6	◆ Deu-se início à reunião com a presença das professoras titulares de turma, a professora de inglês e a professora da educação especial. ◆ A professora da educação especial partilhou as atividades desenvolvidas, ao longo da semana, nas Oficinas das letras e números, que foram alvo de análise e reflexão conjunta, nomeadamente no que concerne ao desenvolvimento dos alunos envolvidos, atendendo às suas especificidades. Foram planeadas outras atividades a desenvolver em conjunto com as docentes titulares de turma. ◆ As professoras entregaram as sínteses das avaliações formativas, tendo-se analisado e refletido conjuntamente. Os resultados foram os seguintes:

	* Os alunos da turma C situam-se num nível bom nas áreas da matemática, português, estudo do meio e inglês. * Os alunos da turma D situam-se num nível bom a português e estudo do meio e suficiente a matemática. * Os alunos da turma F situam-se num nível bom a matemática, português e estudo do meio. * Nas turmas D e F ficaram por apresentar e analisar os resultados de inglês, uma vez que os alunos realizaram a ficha na sexta-feira passada e ainda não se encontra totalmente corrigida e cotada. ◆ Foram referidos e analisados casos pontuais de alunos que se destacaram ao nível dos resultados e alguns que revelaram, no decorrer da semana anterior, alguma incompatibilidade em termos de trabalho a pares e conflitos em sala de aula. Após análise e reflexão, a equipa decidiu que os alunos conflituosos iriam cessar, por esta semana, a realização de trabalho a pares/em tutoria. ◆ Ficou estabelecido que o aluno Faustino não irá frequentar o Boccia durante o decorrer desta semana, em virtude do seu desadequado comportamento e como estratégia de alteração da sua atitude.
13	◆ Deu-se início à reunião com a presença das professoras titulares de turma, a professora de inglês, a professora da educação especial, a professora de música e a investigadora. ◆ As docentes da equipa selecionaram as metas a atingir por parte dos alunos com necessidades educativas especiais nas diferentes disciplinas, com enfoque para o inglês. ◆ A professora de inglês referiu que, de todos os alunos com necessidades educativas especiais, a aluna Cristiana foi a que revelou uma maior evolução na sua disciplina. ◆ As professoras manifestaram alguma preocupação relativamente aos alunos Carolina e Iago. A aluna Carolina, por continuar a faltar com alguma frequência, e o aluno Iago, pelo facto de revelar algumas dificuldades em acompanhar os conteúdos, devido à prolongada ausência por motivo de férias.

	Decidiu-se que a docente titular de turma iria contactar as encarregadas de educação no sentido de as alertar para o impacto das ausências nas aprendizagens dos seus educandos, tentando responsabilizá-las pela assiduidade. ◆ A professora de português apresentou as datas das fichas formativas, tentando articular com as de matemática. Assim, realizar-se-ão nos próximos dias 20 de fevereiro, para as turmas C e F, e 22 de fevereiro, para a turma D. ◆ A professora de português apresentou os resultados da segunda verificação da ficha de leitura que foram positivos em todas as turmas, à exceção da aluna Laura, da turma F, que teve zero por cento por não ter lido o texto. ◆ Após a análise conjunta dos resultados da ficha de leitura é de salientar uma evolução positiva, por parte de todos os alunos, pelo que a estratégia implementada é francamente positiva e deve ser implementada com regularidade e continuidade. ◆ A docente de música deu a conhecer que o nível de competência musical dos alunos se encontra num nível muito bom em todas as turmas, incluindo no que respeita aos alunos com necessidades educativas especiais.
20	◆ Estiveram presentes na reunião as titulares de turma, a professora de inglês, a professora da educação especial e a investigadora. ◆ A professora de estudo do meio solicitou a colaboração das titulares das turmas C e D para que a ficha de estudo do meio fosse realizada num tempo extra, que não as aulas de estudo do meio. As professoras foram recetivas ao pedido formulado e, após a análise das datas possíveis e a articulação das permutas necessárias, as fichas de estudo do meio ficaram agendadas para os dias 2 de março, para as turmas F e D, e 3 de março, para a turma C. ◆ A professora da educação especial informou que os alunos com necessidades educativas especiais vão participar no “Encontro Regional de Boccia”, no dia 23 de fevereiro, a realizar em Loulé. O aluno Faustino

encontra-se impossibilitado de participar no encontro, por ter revelado um comportamento desadequado nas aulas de Boccia. Por se tratar de um evento único e irrepetível, a titular de turma e a professora de estudo do meio referiram que talvez fosse mais produtivo para o aluno não frequentar uma das aulas na escola, ao invés de não participar do encontro. As restantes docentes concordaram com esta estratégia e a professora da educação especial ficou de negociar a situação com o professor responsável pela atividade.

- ◆ A docente da educação especial solicitou às restantes docentes da equipa que os alunos não fossem impedidos de frequentar as Oficinas quando tivessem comportamentos desadequados, uma vez que comprometia a continuidade dos trabalhos e penalizava o aluno em falta.
- ◆ Esta solicitação prendeu-se como facto de, na passada semana, a aluna Cristiana ter tido um comportamento desadequado e inoportuno, nomeadamente, de exigência perante situações que entende serem direitos adquiridos e falta de humildade perante alguns “mimos”, levados a cabo no sentido de motivação e incentivo, para além de revelar hostilidade para com a colega Joana. Perante os factos apresentados a titular de turma tomou a decisão de impedir que a aluna frequentasse as “Oficinas das letras e dos números” e o Boccia, durante três dias, como forma de a fazer entender que os seus comportamentos têm consequências, que as suas atitudes foram reprováveis e que as mesmas têm penalizações.
- ◆ A professora titular de turma, assumiu a sua tomada de atitude (que não teve como intuito comprometer o trabalho desenvolvido pela professora da educação especial) e reforçou que crianças com a Cristiana nem sempre conseguem perceber a gravidade dos seus atos através do diálogo (noções básicas de comportamento, solidariedade, humildade) e só compreendem se forem tomadas medidas práticas, que façam com que a aluna reflita e sinta que no

	presente tem oportunidades que não estão ao alcance de todos e, por isso, deve aprender a valorizá-las. Neste caso concreto, a aluna só aprende se tiver interiorizado a perda, que neste caso em concreto se coaduna com a não participação das atividades diversificadas que tem vindo a desenvolver. ◆ Ficou acordado entre todas as docentes que, caso se verifiquem mais incidentes de comportamentos desadequados e/ou inoportunos, dependendo do local onde sejam manifestados, será incumbência e responsabilidade do professor da disciplina a formalização da advertência ou a medida que melhor se ajuste à situação em causa. ◆ A professora titular da turma D referiu que algumas das dinâmicas desenvolvidas nas Oficinas são ainda mais importantes para alunos como a Joana, atendendo à sua problemática, ao que a professora da educação especial mostrou sensibilidade e concordância, sugerindo que a Joana começaria a acompanhar o grupo de alunos CEI que pertencem ao projeto. ◆ A professora de português referiu que a mãe da aluna Marta ausentou-se do País por motivos profissionais e solicitou a cooperação de todos os presentes a fim de que sejam detetadas atempadamente manifestações, por parte da aluna, perante a situação. ◆ Foi elaborada em conjunto a planificação das atividades a desenvolver nas diferentes disciplinas nos meses de março e abril.

MÊS DE MARÇO DE 2017

6	◆ A reunião teve início com a presença das professoras titulares de turma, a professora de inglês e a professora da educação especial e a investigadora. ◆ Foram agendados as fichas de avaliação trimestral de acordo com o quadro apresentado:

		4º C	4º D	4º F
	Matemática	23/03/2017	24/03/2017	22/03/2017
	Português	27/03/2017	28/03/2017	27/03/2017
	Estudo do Meio	29/03/2017	29/03/2017	30/03/2017
	Inglês	20/03/2017	21/03/2017	24/03/2017
	◆ As docentes de português, matemática e estudo do meio apresentaram os resultados das fichas formativas de fevereiro para análise e reflexão conjunta. ◆ A professora de matemática demonstrou alguma preocupação em relação à turma D perante os resultados obtidos, tendo-se delineado estratégias de reforço para os alunos com mais dificuldades, a serem implementadas nos momentos de coadjuvação na matemática e durante o apoio ao estudo. ◆ A professora da educação especial informou que os alunos irão participar, no próximo dia 8 de março, numa Ação Interescolar tendo como objetivo a Comemoração do Dia da Mulher, a realizar em Portimão, na Alameda. ◆ A professora de matemática informou que a turma C irá participar no “Start Work II – Mostra de Educação, Formação Profissional, Empreendedorismo e Emprego”, a realizar no Pavilhão Arena, no próximo dia 9 de março. ◆ A professora de inglês irá ausentar-se em serviço e ficou decidido que a professora de estudo do meio assegurava a lecionação das três turmas, nos dias 8, 9 e 10 de março. Os alunos irão trabalhar conteúdos de estudo do meio durante o período de reposição. ◆ As aulas de inglês serão repostas de acordo com o horário disponível da professora de inglês, nas semanas seguintes.			
13	◆ Estiveram presentes na reunião as professoras titulares de turma e a professora de inglês. ◆ As professoras analisaram as estratégias implementadas no português e na matemática e, após análise e reflexão conjunta, verificou-se que as mesmas constituem exemplos de boas práticas, resultando na melhoria dos desempenhos dos alunos.			

	◆ A professora de português referiu que as alunas Beatriz e Joana realizaram a ficha de leitura, mas revelaram não ter lido o texto, pelo que os resultados não foram satisfatórios. ◆ A professora de matemática referiu que, apesar das estratégias diversificadas implementadas para apreensão da tabuada, alguns alunos continuam com dificuldades, comprometendo a concretização de algumas atividades. Estabeleceram-se algumas estratégias como primordiais, focando-se nelas a ação educativa a partir do presente momento. ◆ Foi abordada a temática dos trabalhos de casa e o incumprimento por parte de alguns alunos. Delinearam-se estratégias de promoção da responsabilização dos alunos incumpridores. ◆ Foram construídos em conjunto os instrumentos de avaliação trimestral a aplicar, atendendo ao ritmo dos alunos e as suas características específicas, nas diferentes disciplinas.
20	◆ Estiveram presentes na reunião as professoras titulares de turma, a professora de inglês e a professora da educação especial. ◆ Reflexão conjunta sobre os desempenhos dos alunos, com maior incidência nalguns casos específicos que requerem maior atenção por parte das professoras. Seleção de estratégias de apoio individualizado, reforço de competências e diferenciação pedagógica a aplicar nestes casos. ◆ A professora da educação especial informou de que no próximo dia 22 de março realizar-se-á o “Encontro Regional de Natação” em Aljezur, no qual participarão os alunos CEI. ◆ As professoras foram informadas da nova reestruturação dos horários das oficinas para os alunos da educação especial. ◆ Ficou acordado, por parte de todos os presentes, que na próxima reunião iniciar-se-á o processo de avaliação dos alunos.
27	◆ A reunião teve início com a presença das professoras titulares de turma, a professora de inglês e a professora da educação especial

	◆ Foi efetuada uma análise e reflexão conjunta sobre os desempenhos dos alunos ao longo do período letivo, nas diferentes disciplinas.

MÊS DE ABRIL DE 2017



3	◆ Estiveram presentes na reunião todas as docentes da equipa educativa e a investigadora. ◆ Na presente reunião deu-se continuidade à avaliação dos alunos. ◆ Encontram-se em risco de retenção as alunas Noame, Ana, Beatriz e Raissa por apresentarem resultados insatisfatórios nas disciplinas de português e matemática. ◆ Foram ponderadas as situações de todas as alunas, e em particular, o caso da aluna Beatriz por já ter ficado retida no presente ciclo de ensino. Foi apresentada para apreciação a possibilidade de ser atribuída uma avaliação positiva pelo menos a uma das duas disciplinas. Após a análise dos resultados e atendendo à diferença dos resultados nas disciplinas, tendo ambas tido um nível superior a português, a professora de português atribuiu suficiente à aluna Beatriz e, posteriormente, à aluna Noame, por uma questão de equidade. Esta proposta que foi aceite por unanimidade na equipa. ◆ Às alunas Ana e Raissa não foi possível atribuir a menção de suficiente, uma vez que os resultados alcançados são igualmente baixos em ambas as disciplinas. ◆ As menções a atribuir aos restantes alunos das turmas foram igualmente discutidas, ponderadas e concertadas pelos elementos da equipa educativa. ◆ Foram lançados os níveis dos alunos das turmas no programa Inovar e impressas as respetivas pautas. ◆ Foram preenchidas as Fichas de Registo de Avaliação de cada um dos alunos, também no Inovar, e foram

	impressas e assinadas, a fim de serem entregues aos encarregados de educação. ◆ Foram planificadas, em conjunto, as atividades letivas a desenvolver no mês de maio.

Projeto



«Professor no Plural»

Diário de Bordo
3º Período-2016/2017

MÊS DE ABRIL DE 2017



Dia	Resumo dos assuntos tratados
24	◆ Nesta reunião de trabalho, estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F e a docente de Inglês. ◆ A professora Mónica informou que a aluna Martina, da turma C, tem problemas de rins e que deve ir à casa de banho com alguma frequência, pelo que toda a equipa atenderá a esse facto. ◆ As docentes acordaram que nos dias 18 e de 19 de maio não serão marcadas fichas de avaliação formativa em virtude de alguns alunos participarem em atividades no âmbito do desporto escolar. ◆ Em relação aos momentos de avaliação, a equipa educativa estabeleceu que, neste período, realizar-se-ão dois momentos formais. ◆ A professora Tânia informou que na reunião de atendimento, a mãe do aluno João predispôs-se a fazer uma palestra a fim de partilhar com a comunidade escolar a história do seu filho, como forma de alerta para possíveis sinais e sintomas sobre doenças do foro oncológico e, simultaneamente, desmistificar em que consiste a Doação de Medula. ◆ A professora Mónica informou que os encarregados de educação da turma C consideraram a proposta desta encarregada de educação muito importante e todos os presentes apoiaram a iniciativa. ◆ A professora Paula sugeriu que os alunos fossem ver a peça de Teatro “Inês!” que aborda a história dos amores trágicos de D. Pedro e D. Inês de Castro, tema que se enquadra na História de Portugal e que está a ser desenvolvido no momento. A opinião foi favorável por parte da equipa educativa e irá ser agendada a saída, de acordo com a disponibilidade do grupo de teatro.

MÊS DE MAIO DE 2017



Dia	Resumo dos assuntos tratados																				
8	◆ Na reunião estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente de Inglês, a docente de música e as docentes da educação especial. ◆ A professora de estudo do meio informou todas as presentes de que o avô da aluna Júlia, da turma F, pretende fazer uma palestra para os alunos das turmas C, D e F subordinado ao tema “O Ciclo das Abelhas”. A equipa docente considerou que esta atividade seria pedagogicamente adequada aos alunos. Foram sugeridas duas datas, dias 9 e 16 de maio, e o local solicitado para a sua realização foi o anfiteatro da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes. O agendamento ficou pendente de disponibilidade. ◆ Os alunos irão assistir à peça de teatro “Inês” no próximo dia 2 de junho no Tempo em Portimão. ◆ Foram agendados as próximas fichas de avaliação formativa, de acordo com a seguinte calendarização: <table><tr><td></td><td>4º C</td><td>4º D</td><td>4º F</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>23/05/2017</td><td>22/05/2017</td><td>22/05/2017</td></tr><tr><td>Português</td><td>15/05/2017</td><td>16/05/2017</td><td>17/05/2017</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>17/05/2017</td><td>15/05/2017</td><td>15/05/2017</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>22/05/2017</td><td>23/05/2017</td><td>24/05/2017</td></tr></table> ◆ O professor João Pereira apresentou o projeto “A Escola de Outros Tempos”, uma iniciativa da Associação Teia de Impulsos em parceria com o Teatro Infantil de Portimão e a Associação de Pais da Major e Fojo. O referido projeto encontra-se integrado no Festival de Oralidade do Algarve, cujo objetivo é sensibilizar a população para a necessidade de preservação de um património em permanente risco de ocaso e promover o diálogo intergeracional. Foi feito um convite às turmas dos terceiros e quartos		4º C	4º D	4º F	Matemática	23/05/2017	22/05/2017	22/05/2017	Português	15/05/2017	16/05/2017	17/05/2017	Estudo do Meio	17/05/2017	15/05/2017	15/05/2017	Inglês	22/05/2017	23/05/2017	24/05/2017
	4º C	4º D	4º F																		
Matemática	23/05/2017	22/05/2017	22/05/2017																		
Português	15/05/2017	16/05/2017	17/05/2017																		
Estudo do Meio	17/05/2017	15/05/2017	15/05/2017																		
Inglês	22/05/2017	23/05/2017	24/05/2017																		

	anos de escolaridade para participar nesta iniciativa, convidando os avós a um “regresso às aulas”, na manhã de dia 11 de maio, dentro do seguinte horário: 4º.C – das 10h às 11h; 4º.D – das 11h às 12h; 4º.F – das 11h às 12h. ◆ As docentes da equipa educativa consideraram que aceitar este convite seria uma mais-valia para os alunos e para as famílias, nomeadamente as gerações mais idosas.
15	◆ Na reunião estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente de Inglês e a investigadora. ◆ Na presente reunião as docentes analisaram e refletiram sobre as práticas de ensino e as aprendizagens dos alunos. Mais uma vez, consideraram que as metodologias postas em prática se encontram adequadas aos alunos-alvo e são potenciadoras do seu desenvolvimento integral, pelo que se manterão e reforçaram as mais eficazes. ◆ As professoras foram informadas que a atividade dinamizada pelo avô da aluna Júlia, cuja temática se consubstancia no ciclo de vida das abelhas, realizar-se-á no próximo dia 25 de maio pelas 11 horas, na sala 2 do edifício 1 da E.B.1 Major David Neto. Por questões de agenda, não será possível a apresentação no anfiteatro da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes como planificado.
21	◆ Nesta reunião estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a professora de inglês e a professora da educação especial. ◆ A professora da educação especial informou a restante equipa educativa que: - no próximo dia 1 de junho (dia da criança) os alunos CEI vão participar no último encontro de Boccia, a realizar na Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes. - Os alunos NEE não têm frequentado a piscina durante o presente mês por falta de transporte.

	- As atividades desenvolvidas nas Oficinas têm sido canalizadas para o desenvolvimento da sua funcionalidade e têm surtido o efeito desejado. ◆ Foram apresentados e analisados os resultados obtidos pelos alunos na avaliação formativa, a saber: - A professora de português informou que as três turmas mantêm um bom nível de resultados. A turma C obteve uma média de 85,5%, a turma D conseguiu 75,5% e a turma F atingiu 79%. Apenas duas alunas obtiveram a menção de insuficiente, Ana e Beatriz. - A professora de estudo do meio informou que a turma C manteve um bom nível de desempenho, enquanto as turmas C e F obtiveram suficiente, sendo que todas as turmas desceram o nível de desempenho. A turma C obteve uma média de 70,44%, a turma D atingiu 69,1% e a turma F atingiu 69%. Destacaram-se os alunos, Anastácia, Cornélio, Noame, Raíssa e Beatriz pelo facto de terem obtido a menção de insuficiente. ◆ Foram agendadas em conjunto as próximas fichas de avaliação trimestral, que se realizarão nas seguintes datas: <table><tr><td></td><td>4º C</td><td>4º D</td><td>4º F</td></tr><tr><td>Matemática</td><td>13/06/2017</td><td>13/06/2017</td><td>13/06/2017</td></tr><tr><td>Português</td><td>04/06/2017</td><td>04/06/2017</td><td>04/06/2017</td></tr><tr><td>Estudo do Meio</td><td>14/06/2017</td><td>12/06/2017</td><td>12/06/2017</td></tr><tr><td>Inglês</td><td>12/06/2017</td><td>16/06/2017</td><td>14/06/2017</td></tr></table> ◆ Foram revistas e planeadas as atividades educativas de exterior a desenvolver até ao final do ano letivo e a professora da educação especial mostrou-se recetiva para acompanhar as turmas no dia 23 de junho à meia praia.		4º C	4º D	4º F	Matemática	13/06/2017	13/06/2017	13/06/2017	Português	04/06/2017	04/06/2017	04/06/2017	Estudo do Meio	14/06/2017	12/06/2017	12/06/2017	Inglês	12/06/2017	16/06/2017	14/06/2017
	4º C	4º D	4º F																		
Matemática	13/06/2017	13/06/2017	13/06/2017																		
Português	04/06/2017	04/06/2017	04/06/2017																		
Estudo do Meio	14/06/2017	12/06/2017	12/06/2017																		
Inglês	12/06/2017	16/06/2017	14/06/2017																		
28	◆ Na reunião estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a professora de inglês e a professora da educação especial. ◆ As professoras de inglês e de matemática apresentaram os resultados da ficha formativa de maio.																				

- No Inglês as turmas mantiveram os bons desempenhos. A turma C obteve uma média de 91%, a turma D atingiu 83% e a turma F conseguiu 89%.

- Na Matemática os desempenhos situaram-se nos níveis bom e suficiente. A turma C conseguiu uma média de 72%, a turma D obteve 64% e a turma F atingiu 69%. A professora de matemática revelou alguma preocupação perante os resultados das alunas Beatriz e Noame, pelo que, em equipa, foram definidas novas estratégias de apoio individualizado às alunas.

◆ A professora de português informou que no decorrer da presente semana cumprirá o programa da disciplina, pelo que se mostrou disponível para colaborar/cooperar com as restantes colegas da equipa na dinamização, lecionação e/ou concretização de eventuais atividades das suas disciplinas. Estabeleceu-se de imediato um plano para esta colaboração, nomeadamente na disciplina de estudo do meio.

◆ A professora da educação especial lembrou a equipa das atividades que se irão desenvolver com os alunos NEE no dia da criança. Esta docente informou ainda sobre a melhoria acentuada do comportamento do aluno Faustino e da dificuldade da aluna Joana em trabalhar com o grupo. Ficou decidido que a aluna Joana não iria frequentar as oficinas até ao final do ano letivo, uma vez que não se encontrava a beneficiar com a sua frequência.

◆ Foi elaborada em conjunto a planificação das atividades letivas para o mês de junho nas diferentes disciplinas.

MÊS DE JUNHO DE 2017



Dia	Resumo dos assuntos tratados
5	◆ Na reunião estiveram presentes as professoras titulares das turmas C, D e F, a docente de Inglês, as docentes da educação especial e a investigadora. ◆ A um mês do final das aulas, as professoras da equipa decidiram que os alunos devem começar a levar os manuais e cadernos das diferentes disciplinas para casa, com o objetivo de se habituarem a preparar diariamente a mochila de acordo como o horário letivo semanal. Esta estratégia tem como intuito a preparação dos alunos para a transição de ciclo, nomeadamente, ao nível da responsabilidade e organização. ◆ As docentes dialogaram sobre algumas informações a transmitir na reunião de pais, nomeadamente, festa de final de ano, matrículas e falta de responsabilidade de alguns alunos no que diz respeito aos trabalhos de casa e falta de material. ◆ Analisaram também os aspetos relevantes acerca do desempenho escolar dos alunos, nas diferentes disciplinas, a transmitir aos encarregados de educação, bem como possíveis estratégias de superação dos aspetos menos conseguidos.
12	◆ Estiveram presentes na reunião as docentes titulares de turma, a docente de inglês e a docente de música. ◆ Deu-se início à reunião com a intervenção da professora de português que apresentou os resultados obtidos pelos alunos nas fichas de avaliação trimestral. - Na turma C, os resultados mantiveram-se bons, sendo a média de 78%, com apenas um resultado insuficiente, da aluna Anastácia. A turma D situou-se no nível suficiente, com média de 68%. Os resultados insuficientes foram dos alunos Mateus, Ana e Beatriz. Na turma F, os resultados foram bons, sendo a média

	73% e duas alunas obtiveram resultados insuficientes, Raíssa e Noame. ◆ Esta docente e toda a equipa manifestaram preocupação em relação aos alunos que não obtiveram níveis suficientes pela falta de estudo. ◆ A docente de música, por seu lado, apresentou resultados bastante positivos relativos aos alunos das 3 turmas, evidenciando o empenho e coesão dos alunos, para além da sua competência musical. ◆ Realizou-se, mais uma vez, uma análise e reflexão conjunta sobre as práticas e estratégias de desenvolvimento da ação educativa.
19	◆ Nesta reunião estiveram presentes as titulares de turma, a professora de inglês e a investigadora. ◆ As docentes analisaram o impacto da estratégia implementada desde o início do presente mês, referente à habituação dos alunos a organizar o material necessário às atividades letivas diárias. Assim, no final destas duas semanas, a maior parte dos alunos revelou adaptar-se com facilidade à nova dinâmica. São em número reduzido os alunos que, com alguma frequência, se esquecem do material escolar, revelando falta de organização e pouca responsabilidade. ◆ As professoras de matemática, inglês e estudo do meio apresentaram os resultados obtidos nas fichas de avaliação trimestral. Na Matemática os resultados obtidos foram os seguintes: - Na turma C o nível de desempenho foi bom, a média foi de 74%, com três níveis insuficientes dos alunos Anastácia, Jéssica e João. Na turma D os resultados foram suficientes, a média foi de 65%, com cinco insuficientes que correspondem aos alunos Ana, Ana C., Beatriz, Miriam e Carolina. Na turma F os resultados foram bons, a média foi de 71%, com quatro níveis insuficientes, que correspondem aos alunos Noame, Laura, Raíssa e Rodrigo. - No Inglês não se registaram níveis insuficientes e os resultados foram muito positivos. As médias dos resultados dos alunos das turmas foram de 90% para a C, 77% para a D e de 85% para a F.

	- No Estudo do Meio as médias dos resultados foram os seguintes: Na turma C 86%, com um nível insuficiente correspondente à aluna Anastácia, na turma D 85%, sem níveis insuficientes e na turma F 79%, com um insuficiente da aluna Noame.
26	◆ Estiveram presentes na reunião todas as docentes da equipa educativa e a investigadora. ◆ Foram analisados todos os elementos de avaliação dos alunos das 3 turmas, nas diferentes disciplinas e foram discutidos os casos mais delicados. ◆ As menções a atribuir aos alunos das 3 turmas foram discutidas, ponderadas e concertadas pelos elementos da equipa educativa. ◆ Foram lançados os níveis dos alunos no programa Inovar e impressas as respetivas pautas de avaliação final de ano/ciclo. ◆ Foram preenchidas as Fichas de Registo de Avaliação de cada um dos alunos, no Inovar, e foram impressas e assinadas, a fim de serem entregues aos encarregados de educação. ◆ A investigadora aproveitou a oportunidade para marcar a data e hora para a realização da entrevista final com a equipa educativa. Aproveitou igualmente para agradecer a participação de todas as docentes, o empenho e dedicação que manifestaram perante a investigação. ◆ Foi completado e encerrado o dossier do projeto investigativo, ao mesmo tempo em que se reflectiu acerca dos dois anos de desenvolvimento do mesmo. A conclusão da equipa docente foi que se revelou uma experiência muito proveitosa, quer para os alunos, quer para as docentes, quer mesmo para os encarregados de educação e famílias. Saldo muito positivo a todos os níveis!

ANEXO VII

GRELHAS DE RESULTADOS DOS ALUNOS NA AVALIAÇÃO FORMATIVA

(3 EXEMPLARES)

DATA

GRELHA FICHA DE ESTUDO DO MEIO - Junho 16/17 - 1º																														
DATA		Total																												
1	2.1	2.2	3.1	4	4.1	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15a)	16	16.1	17	18	18.1	19	20	20.1	21	22	23	24		
4	3	2,5	2	1,5	2	5	4,5	3	5	8,5	7	3	4	5,5	3	4	3	400,5	1100,5	800,5	4,5	1,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	4		
		500,5		300,5		1000,5	800,5		1000,5	1700,5				1100,5				400,5	1100,5	800,5	4,5	1,5	1,5	1,5	400,5	300,5	300,5	800,5		
Nº																														
1	4	3	1	0	1,5	0	3	2,5	3	0,5	1	1	3	0	0,5	3	4	0	0	2,5	0	0,5	1,5	0	0	0	0	0	36	
2	4	3	2,5	2	1,5	1	5	4,5	3	5	8,5	5	3	4	4	3	0	2,5	0	5,5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	4	89	
3	4	3	2,5	0	1,5	0	5	4,5	3	3,5	8,5	7	3	4	5,5	3	4	2,5	2	5,5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	4	94	
4	3	3	1,5	2	1	2	1	4,5	0	2,5	8,5	7	1	4	2	3	0	1,5	0	3	1	4,5	1,5	1,5	0	0	4,5	1,5	1	66
5	4	3	2,5	2	1,5	2	5	4,5	3	4	8,5	7	3	4	5	1	4	2,5	0	3,5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	3	91	
6	4	3	2	0	1	0	5	4,5	3	3,5	8,5	6	3	3	3	3	0	2,5	0	4	1	3,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	2,5	77,5	
7	4	3	1	2	1,5	2	5	4,5	3	2,5	6	7	0	3	1	3	0	2,5	0	3	1	4,5	1,5	1,5	0	4,5	0,5	2	71	
8	4	3	2,5	2	1,5	2	5	3,5	3	4	8,5	7	3	4	5,5	3	4	3	2	5,5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	4	98	
9	4	0	2,5	2	1,5	0	5	3,5	3	4	7,5	6	3	4	2	3	0	2	0	5,5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	3	79,5	
10	3	3	1,5	2	1,5	0	5	4,5	0	2,5	8,5	6	3	4	2	3	0	2	0	4	1	3	1,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	2,5	74,5
11	3	3	0,5	0	1,5	2	5	3,5	3	2,5	8,5	7	3	2	2,5	3	4	2	2	5	1	0,5	1,5	1,5	1	4,5	1,5	2,5	78,5	
12	4	3	2,5	2	1,5	2	5	4,5	1	2,5	8,5	7	3	4	5,5	3	4	2,5	2	5,5	1	4,5	1,5	1,5	0	4,5	1,5	4	93	
13	4	3	2,5	0	1,5	2	5	4,5	3	5	8,5	7	3	4	5	3	0	2	0	5,5	1	4,5	0,5	1,5	2	4,5	0,5	2,5	87	
14	4	3	2	2	1,5	0	5	4	3	3	8	6	0	4	2,5	1	0	2	0	2,5	1	1,5	1,5	0	1	0	4,5	1,5	1,5	66
15	4	3	2,5	1	1,5	0	5	4,5	3	5	8,5	7	2,5	4	5	3	0	3	0	5,5	1	4,5	1,5	1,5	1	2	4,5	1,5	4	89,5
16	4	3	1	0	1,5	2	5	4,5	3	3	8	6	2,5	2	2,5	3	4	3	0	3	0	4,5	1,5	1,5	0	4,5	0,5	1,5	76,5	
17	4	3	2,5	2	1,5	1	5	4,5	3	3	8,5	7	3	4	2,5	3	0	2	2	5,5	1	4,5	0,5	1,5	0	4,5	1,5	3	85	
18	4	3	2,5	2	2,5	2	5	4,5	3	5	6,5	7	3	4	3	3	0	2	2	5,5	1	3,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	4	90,5	
19	4	3	2,5	2	1,5	2	5	3,5	3	5	8,5	7	0	4	3,5	3	2	2	1	5,5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	0	2,5	87	
20	4	3	2,5	2	1,5	2	5	4,5	3	4	8,5	6	3	4	5	3	0	2,5	0	5	1	4,5	0,5	1,5	2	4,5	1,5	4	89,5	
21	4	3	2,5	2	1,5	2	5	4,5	3	5	8,5	7	3	4	4,5	3	4	2,5	2	5,5	0	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	3	96,5	
22	4	3	2,5	2	1,5	2	5	4	3	3	6,6	6	3	4	3,5	3	2	2	1	5	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	4	88,1	
23	4	3	2	2	1,5	0	5	4,5	3	3,5	8,5	0	3	4	4,5	3	0	1	0	4	1	4,5	1,5	1,5	2	4,5	1,5	2,5	77	
24	4	3	0	1	1,5	0	5	4,5	3	5	8,5	7	1	4	0,5	3	4	2	0	0	1	0	1	1,5	0	2	4,5	1,5	3,5	72
25	4	3	2,5	2	1,5	2	5	4,5	3	5	8,5	6	3	4	3,5	3	4	2	2	5,5	1	4,5	1,5	1,5	0	4,5	1,5	2	90,5	
26	3	0	2,5	2	1,5	2	3	4,5	3	4	8,5	6	2	4	5,5	3	0	2,5	0	4	1	4,5	1,5	1,5	0	1	4,5	1,5	3	79,5
81,63846154																														
		MENÇÃO QUALITATIVA																												

[illegible]

FICHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA DE MATEMÁTICA - Junho - 16/17 - T3																																										
I - NÚMEROS E OPERAÇÕES																II - GEOMETRIA E MEDIDA										ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS								TOTAL		MENÇÃO QUALITATIVA						
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	Total 40%	Menção	1	2	3	4	5	6	7	8	Total 40%	Menção	1a)	1b)	1c)	2a)	2b)	2c)	2d)	2e)		Total 20%	Menção	TOTAL			
1	2,5	3	2	2	3	2	3	2,5	2	3	4	2,5	1	4	2,5	40,0	Muito Bom	3	3	3	6	8	6	3	40	Muito Bom	2	2	3	3	2	2	3	3	20	Muito Bom	100,00					
1	2,5	3	2	2	2,5	2	2	0	3	1	1	1	1	1	2,5	28,5	Suficiente	2,5	3	3	6	0	3	6	0	23,5	Suficiente	2	0	2	0	0	2	3	3	12	Suficiente		62,0	Suficiente		
2	1	2,5	3	2	2	2	2	1	2,5	0	2,5	3	2,5	0	3	2,5	31,5	Bom	1,5	3	0	6	4	0	0	14,5	Insuficiente	2	2	3	0	2	2	3	3	17	Bom	63,0	Suficiente			
3	1	2,5	3	1	2	3	0	2	2,5	2	2	0	1	3	2,5	29,5	Bom	2,5	3	3	6	8	7	6	0	35,5	Bom	2	2	3	0	0	2	3	3	15	Bom	80,0	Bom			
4	1	1,5	1	2	1	1,5	2	2	2,5	2	3	4	2	1	1	2,5	30	Bom	3	3	2	6	4	7	6	3	34	Bom	1	2	2	0	0	1	3	3	12	Suficiente	76,0	Bom		
5	1	2,5	3	2	2	3	2	3	0	2	2	4	2,5	1	0	2,5	32,5	Bom	1	3	3	6	4	7	6	1	31	Bom	2	2	3	0	2	1	3	3	16	Bom	79,5	Bom		
6																0	fraco								0	0	fraco								0	fraco	75,0	Bom				
7	1	2,5	3	2	2	3	2	2,5	2,5	0	3	4	2,5	1	3	2,5	38,5	Muito Bom	1,5	3	3	6	4	4	6	3	30,5	Bom	2	2	3	0	2	2	3	3	17	Bom	84,0	Bom		
8	1	1,5	3	2	2	2,5	2	2	2,5	0	2	4	2,5	1	3	2,5	33,5	Bom	2	3	0	6	8	8	6	0	33	Bom	2	2	3	0	0	1	3	3	14	Bom	80,5	Bom		
9	1	2,5	2	1	2	2	0	2	2,5	0	2,5	1	0	2	1	1,5	22	Suficiente	1,5	3	3	6	0	3	6	0	22,5	Suficiente	2	2	1	2	0	2	3	3	15	Bom	59,5	Suficiente		
10	1	2,5	2	2	3	2	2,5	2,5	0	2,5	3	2,5	1	4	2,5	35,5	Bom	1,5	1	3	6	4	4	6	0	25,5	Suficiente	2	2	3	3	2	2	3	3	20	Muito Bom	81,0	Bom			
11	1	2,5	3	2	2	2,5	2	2,5	2	2,5	4	2	1	0	2,5	34	Bom	2	3	3	6	8	5	6	3	36	Muito Bom	1	0	2	3	2	2	3	3	16	Bom	86,0	Bom			
12	1	2	2	2	2	2,5	2	3	2,5	0	2,5	4	2	1	4	2,5	35	Bom	2,5	3	0	6	4	4	6	0	25,5	Suficiente	1	2	1	3	2	2	0	0	11	Suficiente	71,5	Bom		
13	1	2	1	1	0,5	2,5	0,5	1,5	2,5	0	3	1	2,5	0	0	2,5	21,5	Suficiente	3	1	3	6	0	0	0	2	15	Insuficiente	2	2	3	0	2	2	0	3	14	Bom	50,5	Suficiente		
14	1	2,5	3	1	2	3	2	2	2,5	0	2,5	3	2,5	1	2	2,5	32,5	Bom	2,5	3	3	6	8	7	6	3	36,5	Muito Bom	2	2	3	2	2	2	3	3	19	Muito Bom	90,0	Muito Bom		
15	1	2,5	2	2	2	3	2	2	2,5	0	2,5	2	1	1	3	2,5	31	Bom	1,5	3	3	6	8	4	6	3	34,5	Bom	2	2	3	0	2	2	3	3	17	Bom	82,5	Bom		
16	1	2,5	3	2	0,5	2	2	0	2	0	2	0	0	0	0	2,5	19,5	Insuficiente	2,5	3	3	0	8	4	6	0	26,5	Suficiente	0	0	1	0	0	2	3	3	9	Insuficiente	55,0	Suficiente		
17	1	2,5	2	1	1	1	2	2	2,5	0	2	1	0,5	1	0	2,5	22	Suficiente	1	3	3	6	0	7	2	2	24	Suficiente	1	2	3	0	2	1	0	0	9	Insuficiente	55,0	Suficiente		
18	1	2,5	3	0	0,5	1,5	0	2	0	0	1	1	0	0	0	1,5	14	Insuficiente	1,5	1	3	0	0	0	0	0	5,5	fraco	1	2	3	0	2	2	0	0	10	Suficiente	29,5	Insuficiente		
19	1	2,5	3	2	2	3	2	3	2,5	2	2,5	4	2,5	1	3	2,5	38,5	Muito Bom	3	3	3	6	4	7	6	2	34	Bom	2	2	3	3	2	2	3	3	20	Muito Bom	92,5	Muito Bom		
20	1	2	3	0	1	2	0,5	2	2,5	0	1,5	3	1	0	3	1	23,5	Suficiente	1,5	1	3	6	0	0	6	0	17,5	Insuficiente	1	0	2	0	2	2	3	3	13	Suficiente	54,0	Suficiente		
22	1	1,5	0	1	1	1,5	0	2	2,5	0	1,5	0	0	0	0	0	12	Insuficiente	2	3	0	6	0	7	0	0	18	Insuficiente	1	0	2	0	0	0	0	0	3	fraco	33,0	Insuficiente		
26,7143																25	Suficiente																						13,28571	Suficiente	68,6	Suficiente

ANEXO VIII

PRIMEIRO QUESTIONÁRIOS AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

(Q1)

Questionário 1

O presente questionário enquadra-se na investigação-ação subordinada ao Tema “Pluridocência no 1.º Ciclo do Ensino Básico” e constituirá a minha Tese de Doutoramento em Educação - Especialidade em Liderança Educacional. Tem por objetivo primordial a recolha de informação relativa ao desenvolvimento processo de ensino/aprendizagem dos Vossos Educandos, que se constituem como participantes na investigação em curso, de forma a identificar as potencialidades e os constrangimentos do regime de pluridocência implementado. Ao mesmo tempo, permitirá o levantamento de sugestões de melhoria da ação a desenvolver no próximo ano letivo. As informações recolhidas são confidenciais e será salvaguardado o anonimato.

Muito Grata pela sua colaboração.

1. Dados pessoais (selecione apenas uma opção).

1.1. Género

☐ Feminino

☐ Masculino

1.2. Idade

☐ < 25

☐ 25 – 35

☐ 36 - 45

☐ 46 – 55

☐ > 56

1.3. Qual o seu grau de parentesco com o(a) aluno(a) participante no projeto?

☐ Mãe

☐ Pai

☐ Avó

☐ Avô

☐ Tia

☐ Tio

☐ Outro. Qual? _____

1.4. Caracterize o seu grau de envolvimento/participação na vida escolar do seu (sua) Educando(a)?

- ☐ Acompanhamento diariamente o seu trabalho escolar.
- ☐ Acompanhamento duas vezes por semana o seu trabalho escolar.
- ☐ Acompanhamento uma vez por semana o seu trabalho escolar.
- ☐ Acompanhamento uma vez por mês o seu trabalho escolar.
- ☐ Acompanhamento uma vez por período o seu trabalho escolar.
- ☐ Acompanhamento o seu trabalho escolar apenas quando sou solicitado.
- ☐ Nunca acompanhamento o seu trabalho escolar.

2. Projeto de Pluridocência no 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.1. Quando foi informado(a) sobre a mudança da organização do trabalho escolar do seu(sua) Educando(a), o que sentiu/pensou? (responda livremente).

2.2. Continua a sentir/pensar o mesmo? (selecione apenas uma opção).

- ☐ Sim. ☐ Não.

2.2.1. Se respondeu SIM

2.2.1.1. Quais os principais motivos que contribuíram para manter a sua opinião?

2.2.2. Se respondeu ☐ NÃO**2.2.2.1. Quais os principais aspetos que o levaram a mudar de opinião?**

2.3. Considera que o trabalho desenvolvido em pluridocência contribuiu para a melhoria dos resultados escolares do(a) seu(sua) Educando(a)? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.☐ Não.☐ Talvez.**2.3.1. Porquê?**

2.4. Acha que o projeto contribuiu para um maior envolvimento do(a) seu(sua) Educando(a) no seu processo de aprendizagem? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.☐ Não.☐ Talvez.**2.4.1. Em que aspetos?**

2.5. Considera que o projeto contribuiu para um maior envolvimento da sua parte na vida escolar do(a) seu(sua) Educando(a)? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

2.5.1. Em que medida? _____

2.6. Em relação à prática letiva das docentes envolvidas, acha que o regime de pluridocência e o trabalho colaborativo conduziu a uma melhoria do ensino? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

2.6.1. Porquê? _____

2.7. Na sua opinião, este projeto pode contribuir para uma melhor preparação dos alunos para a transição de ciclo de ensino? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

2.7.1. A que nível(eis)? _____

2.8. Enumere os aspetos mais positivos que identifica no projeto de pluridocência, colocando-os por ordem de importância, sendo o primeiro o mais positivo.

2.9. Enumere os aspetos menos positivos que identifica no projeto de pluridocência, colocando-os por ordem de importância, sendo o primeiro o menos positivo.

3.1. Uma vez que a sua participação na investigação é fundamental para o seu desenvolvimento, propomos que apresente algumas sugestões de melhoria, passíveis de se operacionalizar no próximo ano letivo.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Muito Grata pela sua colaboração!



ANEXO IX

PRIMEIRA ENTREVISTA *FOCUS GROUP* AOS ALUNOS

(EFG1/A)

ANEXO IXa

GUIÃO DA ENTREVISTA EFG1/A

Guião da 1.ª Entrevista *focus group* aos Alunos

Tema: Representações dos alunos envolvidos no projeto de investigação acerca do seu desenvolvimento ao longo do 1.º ano letivo.

Objetivos gerais:

- Conhecer as representações dos alunos acerca do projeto de investigação.
- Explorar a natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelos alunos ao longo do ano letivo.
- Reconhecer o desenvolvimento da transversalidade/interdisciplinaridade do currículo em pluridocência, a partir do ponto de vista dos alunos.
- Analisar o desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo do 1.º ano letivo, efetuando o levantamento de aspetos a melhorar.

Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Observação
A ■ Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	► Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados.	• Informar os alunos acerca da finalidade da entrevista; • Solicitar os seus contributos indispensáveis à realização e desenvolvimento do trabalho de investigação; • Garantir-lhes todo o apoio possível, numa base de cooperação, no decorrer da entrevista; • Relembrar os alunos que a entrevista irá ser gravada. • Reforçar a garantia da confidencialidade da informação recolhida e da sua identidade.	Tempo médio: 3 a 5 minutos
B ■ Representações acerca do projeto investigativo.	► Conhecer as representações dos alunos acerca do projeto de investigação no qual se encontram envolvidos.	• Inquirir os alunos sobre as principais mudanças que sentem que ocorreram na sua vida escolar, ao longo do presente ano letivo. (explorar principalmente a nível organizacional, educativo, familiar e emocional)	Tempo médio: 10 a 15 minutos
C ■ Natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelos alunos.	► Explorar a natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelos alunos ao longo do ano letivo.	• Inquirir os alunos acerca das relações socio-afetivo-emocionais estabelecidas ao longo do ano letivo com: - as diferentes docentes; - os colegas de turma;	Tempo médio: 10 a 15 minutos

		- os colegas das restantes turmas; - outros elementos da comunidade educativa (se oportuno). ● Inquirir os alunos acerca do envolvimento/acompanhamento dos seus encarregados de educação na sua vida escolar.	
D ■ Transversalidade/interdisciplinaridade e do currículo na pluridocência.	► Reconhecer o desenvolvimento da transversalidade/interdisciplinaridade do currículo na pluridocência, a partir das vivências dos alunos.	● Inquirir sobre a interligação/articulação existente entre as atividades e os conteúdos desenvolvidos nas diferentes disciplinas, em termos de: - conteúdos trabalhados de forma transversal; - atividades desenvolvidas envolvendo várias disciplinas; - atitudes das Docentes que indiciem a interligação e colaboração entre todas.	Tempo médio: 10 a 15 minutos
E ■ Desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo do 1.º ano letivo.	► Conhecer as representações dos alunos acerca do desenvolvimento do projeto investigativo, ao longo do 1.º ano letivo. ► Analisar, em conjunto, estratégias de melhoria do Projeto “Professor no Plural”.	● Solicitar aos alunos que efetuem uma apreciação global do desenvolvimento do projeto investigativo, ao longo do 1.º ano letivo de desenvolvimento. ● Solicitar aos alunos, com base nas suas representações, possíveis estratégias de melhoria do Projeto “Professor no Plural” a implementar no próximo ano letivo, analisando: - as suas razões justificativas; - a sua exequibilidade.	Tempo médio: 10 a 15 minutos

ANEXO IXb

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/A

TRANSCRIÇÃO DA EFG1/A

Or: Quais foram as grandes mudanças que vocês sentiram na vossa vida aqui na escola durante este ano?

A1: Mas as que mais gostámos ou...

Or: As mudanças todas, as que gostaram, as que não gostaram, o que vocês sentem que mudou na vossa vida aqui na escola. Ou, se pelo contrário, acham que não mudou nada também dizem.

A2: Mudei a minha aprendizagem e também no início com o horário ficou dificultado, mas depois ao fim do tempo foi passando e depois habituei-me.

Or: Ficou dificultado porquê?

A2: Porque tava habituado ao outro horário e também porque quando saia da escola ainda tinha atividades.

Or: Ah, estás a falar de sair mais tarde, às cinco e meia?

A2: É.

Or: Mas essa parte não tem que ver com o projeto, isso é igual para todos os meninos. O que eu quero saber é em termos, por exemplo, da troca das professoras. Isso para ti foi uma grande mudança?

A2: Sim.

Or: E foi difícil a princípio?

A2: Não.

Or: Adaptaste-te bem logo?

A2: Sim, pois.

A3: Eu concordo com o André e também me habituei bem porque todas são muito simpáticas. Sim! E gosto de aprender e elas também ensinam muito bem. Eu penso que, como elas estão a fazer a área que mais gostam, ensinam-nos melhor e nós conseguimos percebê-las melhor, porque elas como estão a fazer a área delas conseguem explicar melhor e envolver-nos melhor no que estão a ensinar!

Or: E essa para ti foi a grande mudança?

A3: Sim, foi!

Or: Pronto, mais ideias...

A4: A minha é igual à da Inês, ter mais professoras.

A1: Para mim também.

Or: Vocês acham que o que mudou foi isso, mais nada?

A3/A5/A2/A4/A1: Sim [ao mesmo tempo]!

A6: Eu queria dizer que eu gostei bastante da mudança, porque antes era só a professora Paula que era a minha professora e dos meus colegas. Mas eu gostei bem mais quando tivemos mais professoras, uma para cada disciplina, muito mais fixe porque como a Inês bem disse, elas estão a fazer o que gostam e explicam melhor assim!

Or: Acham então que a Professora Mónica consegue explicar melhor a...

A1/A3/A5/A6: Matemática [ao mesmo tempo]!

Or: E a Professora Tânia explica melhor o Português do que a Professora Paula fazia?

Todos: Sim!

Or: Vocês sentem essa diferença?

Todos: Sim!

A1: Eu melhorei bastante na Matemática! Eu antes tinha, não tinha más notas, mas tinha notas baixinhas e agora já subi as notas por ter uma professora só para aquela disciplina, que ela explica melhor.

A6: É mais fácil assim!

Or: E as atividades que as professoras desenvolvem?

A3: As atividades são muito engraçadas. São totalmente diferentes, porque cada uma tem os seus gostos e depois como são professoras diferentes, dão-nos coisas totalmente diferentes, o que é mais divertido, porque estamos a experimentar coisas novas, que é o que nos vai levar a ser adultos!

A1: Eu concordo com a Inês. É isso mesmo!

Or: Vocês acham que as atividades no Português, na Matemática, no Estudo do meio e até nas Expressões e na Música, agora são mais divertidas do que eram no ano passado?

Todos: Sim!

A1: Sim, totalmente diferentes!

A6: Porque cada uma delas, por exemplo, a professora Mónica é muito boa a Matemática e, para já, consegue explicar da maneira correta, que dá para nós entendermos completamente, e até diz outras coisas que antes, no passado dela, aconteciam. E ela está a dar-nos a mesma... como é que eu posso dizer, apresentação que teve antes de ser professora. E a professora Paula igual e a professora Tânia. Essas coisas assim...

A3: O que é bom, porque nós conseguimos perceber pelo que elas passaram, que também não são as misses perfeitas, e estão a fazer-nos ficar assim, querem que nós consigamos ultrapassar todas as nossas dificuldades e chegar muito longe.

A5: A professora Mónica tem um método de aprendizagem giro. Sempre que, por exemplo agora na divisão, sempre que é para nós dividirmos, é sempre em comida!

A1: Kit-Kats! Sempre com chocolates!

A3: Kit-Kats! Chocolates! E isso é muito bom!!! E a de português explica melhor, faz-nos algumas piadas e começa logo assim com... É muito divertida! A professora Paula também, também brinca muito conosco!

A6: A professora Paula brinca muito conosco, porque houve uma vez que eu estava a apresentar o meu trabalho, porque o meu pai é de Angola, e a professora lembrou como seria o Mateus e a Ana lá na Angola. É assim, porque lá na Angola não há tanto trabalho assim, e eles ao invés de irem comprar, esperam que nasçam frutas das suas árvores e achava que era assim: a Ana estava à espera que a fruta caísse e o Mateus estava lá ao pé. Caiu um côco na cabeça do Mateus e foi parar nas mãos da Ana e eu achei muito engraçado [rindo]!

A4: E a professora Paula, às vezes estamos a meio de uma aula e dá-nos tempo para nós falarmos no meio da aula...

A3: Sim, para ouvir as nossas opiniões, ou seja, ela importa-se conosco! Todas se importam, mas...

Or: Também porque os temas que trabalham no Estudo do Meio requerem que vocês dêem a vossa opinião...

A1: Porque cada professora tem o seu método de ensino. O método da professora “Antónia” é diferente do das outras, porque cada uma tem o seu, ninguém é igual!

Or: E foi difícil vocês se adaptarem a esses métodos diferentes?

Todos: Não!

A6: Foi muito fácil!

A1: Porque eu a professora Paula já tinha conhecido, porque um dia a professora Tânia faltou e os meninos foram para casa, mas eu fiquei na sala da professora Paula...

A4: Foi no 2.º ano.

A1: Sim! E gostei muito! Por isso eu com a professora Paula já tinha estado. Com professora Tânia pois era a minha professora titular. Com a professora Mónica habituei-me. Está! E gosto de todas!

A3: São todas muito simpáticas!

Or: Então quer dizer que a vossa relação com elas é boa?

A1: É boa! Sim!

Todos: Sim!

Or: Acham que vocês construirão essas relações com mais professoras, para além da vossa professora titular de turma, vos pões mais à vontade na escola?

Todos: Sim!

Or: Vocês são estão mais felizes, estão mais interessados em aprender? Vocês sentem que é bom para vocês?

Todos: Sim!

A1: Sim, porque cada uma dá a sua disciplina, não é a mistura de uma pessoa a dar todas, como alguns.

A2: Assim conseguimos fazer mais atividades!

A1: Ficamos mais preparados para o 5.º ano!

Or: E estão à vontade com todas as professoras?

Todos: Sim!

A3: E também aprendemos melhor, como eu disse há bocado, porque elas estão a dar a sua própria matéria. Por exemplo, antigamente, a minha professora e a do André era a professora Mónica. Dava totalmente diferente a área de estudo do meio e de português. Mudou completamente! E agora sinto-me mais à vontade porque cada uma ensinou a matéria que gosta mais e sente-se mais à vontade conosco e nós também nos importamos com as nossas professoras.

Or: **Acham que assim é mais fácil de organizar a vossa cabeça, separar os conhecimentos de cada área?**

Todos: Sim! Sim! Mais fácil!

A3: Porque como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras. Se fosse a mesma pessoa ficávamos confundidos porque estão a explicar da mesma maneira. Como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras e percebemos melhor!

A2: Também no 2.º ano eu tinha muitas dificuldades porque não sabia qual era a matéria que íamos dar e depois ficava nervoso e não conseguia!

A1: Eu ao princípio misturava as décadas de estudo do meio com as décimas da matemática. Agora já não troco! Já percebi o que é de estudo do meio e o que é de matemática. Já me habituei! Como estamos no final do ano, é normal que eu já me tenha habituado.

A2: Eu também fazia isso.

[risos de todos]

A3: Eu lembro-me [em relação ao colega de turma que confundia as décadas com as décimas]!

Or: Ainda assim, vocês conseguem perceber que existe uma ligação entre todas as disciplinas ou elas estão mesmo completamente separadas umas das outras?

A2: Acho que estão ligadas!

A5: Não, acho que há uma ligação.

Or: Vocês têm noção de ter havido temas e conteúdos que foram trabalhados nas diferentes áreas?

A4/A1/A5: Sim.

Or: Por exemplo...

A6: Hum... Agora de cabeça não me lembra.

A1: Deixa-me ver... hum...

Or: Atividades conjuntas, em que participavam as professoras de diversas áreas? Um tema de Estudo do Meio que tenha sido trabalhado na Expressão Plástica, ou na Música?

A3: Ah, sim! Houve um uma vez, que quando nós estávamos a dar o diminuindo e o...

Or: O diminutivo?

A3: Não! Aí não... é em Música!

A2: Era o diminuendo e o... crescendo.

A3: E depois tinha os sinais de Matemática, misturaram um bocadinho...

A5: Pois eu lembro-me!

A6: Depois em Matemática, é o diagrama de caule e folhas... do Estudo do Meio.

Or: E atividades em conjunto?

A1: Estarem a trabalhar todas as professoras?

Or: Todas ou duas a duas, a de Português com a de Estudo do Meio numa atividade sobre um tema qualquer, para fazerem a elaboração de um texto com uma temática de Estudo do Meio... Ou na Matemática utilizarem conhecimentos...

A2: Eu acho que já estou a perceber...

A1: Às vezes no Estudo do Meio temos que fazer textos sobre aquilo que estamos a aprender. Às vezes temos que falar um bocadinho, não é bem um texto, mas temos que escrever bastante sobre... como se fosse fazer um texto... informativo. E isso está misturado com o Português, que é os textos, e depois a parte do Estudo do Meio é que estamos a falar sobre as coisas de Estudo do Meio naquele texto. Isso mistura um bocado.

A6: E eu tenho uma coisa... quando os meus pais me disseram, tipo: Sofia, vais ter três professoras, eu fiquei... Que bom!

A1: Chocada!

A6: Tipo... Fiquei muito maravilhada, porque eu queria... sempre sonhava em ter 3 professoras, uma para cada disciplina. Quando eu soube disto, eu fiquei muito feliz!

A1: Eu, ao princípio, fiquei um bocadinho nervosa... Tipo: 3 professoras, isto vai ser um bocado complicado ter tantas professoras e organizar os trabalhos. Mas agora já me habituei e até não é assim tão difícil como pensava!

A3: Eu também pensava assim... assim...mais ou menos: Ai, eu estou habituada à minha professora, mas agora se elas forem totalmente diferentes e depois não me deixarem fazer as minhas coisas? Não se habituarem elas a mim e não ao

contrário? O que é que eu vou fazer??? Mas não foi... Elas respeitam todas as nossas opiniões e respeitam todos os nossos cuidados.

Or: Então, vocês acham que elas conversam entre elas sobre vocês?

Todos: Sim!!!

A1: Elas dizem que têm reuniões...

A3/A4: Às segundas!!!

A5: Não sei o dia.

A3: Às segundas vão para uma sala e que conversam...

A6/A1: É a sala da professora Paula!!!

A2: E às terças, às terças também!

A6: Vão para a nossa sala e vão conversar sobre nós. Vai a professora Andreia, que é a professora de Inglês, vai a professora Telma, vai a professora Goreti, vai a professora Tânia, a professora Mônica, a professora Paula...

A1: Vão todas as professoras...

A6: E lá é a reunião, que como sabem é na nossa sala, porque à segunda nós vamos fazer educação física lá para outro lado!

Or: E vocês sabem o que as professoras fazem lá?

A3: Sim!!!

A1: Conversam sobre nós!

A3: Estão a perguntar o que é que têm mais dificuldades, a perguntar o que é que nós fizemos nas aulas, para depois nos ensinarem melhor, ou nos educarem, se for uma asneira, claro!

A6: O Apoio ao Estudo também elas têm que dizer e têm que dizer o que é que nós temos mais dificuldades nessa matéria para poder explicar de uma maneira a um, a nós que nós também possamos aprender melhor. Fazer exercícios que nós temos mais dificuldade, para sabermos como fazer.

Or: Vocês acham que resulta? Elas depois fazem mesmo isso?

A1/A3/A6: Sim!

A1: As professoras dizem assim: Se tiverem dúvidas digam! Estou aqui para ensinar!

A3: Perguntam sempre! E depois os alunos começam todos muito encolhidos se têm dúvidas... Mas quer dizer, a escola não é para aprender? As professoras perguntam: têm dúvidas? Nós dizemos sim ou não, é uma pergunta, nós temos que responder! É como se fosse um problema, nós sabíamos a resposta, só que depois tínhamos vergonha de dizer e depois, no final, não ficávamos com os louros porque nós é que conseguimos e os outros é que ficavam! E não respondíamos! Houve uma vez que andaram a perguntar, eu tinha dificuldade...

A2: Naquilo do Estudo do Meio... no 2.º ano?

A3: Não! Aqui na Matemática... no... [pausa] Pronto, não interessa! Tinha dificuldade numa coisinha e depois a professora perguntou: Têm dúvidas? Toda a gente se encolheu e disseram não, só que depois eu assim pus o braço no ar e esclareceu-me. Depois no teste, eu fiz bem e alguns meninos que tinham dúvidas e não quiseram ouvir o que a professora estava a dizer, que isso era dúvida, e erraram!

Or: Eu estou a ver que vocês estão muito à vontade uns com os outros. É só entre vocês, ou a vossa relação com os colegas da vossa turma, e destas três turmas, melhorou?

A4: Bastante!

A1: Eu acho que os colegas gostam... o que eu vejo é que eles gostam, só que acho que alguns ainda não se sentem muito à vontade com as professoras todas.

Or: Agora não estou a perguntar com as professoras, estou a perguntar entre vocês?

A6: Sim, da minha turma toda a gente aceitou!

A3: Sim!

Or: O facto de estarem 3 turmas, num projeto, a trabalharem em conjunto, aumentou o vosso leque de amigos?

Todos: Sim!

A1: Eu não me dava bem com... Eu nunca tinha falado, por exemplo, com meninos da professora Mónica...

A3: Comigo!

A1: Com ela [apontando a Sofia]...

A3: E agora somos grandes amigas!

A2: Agora já falamos muito...

A5: No 2.º ano eu não falava muito com o André e agora somos amigos.

A6: Eu também me aconteceu comigo, que era assim, eu, quando a Raissa chegou à turma deles, eu não a conhecia, mas o avô dela era amigo do meu pai e disse que a neta dele estava a precisar de amizades. E ela foi à minha casa, nós conversámos bastante, somos grandes amigas agora, só que ela gosta mais de brincar com leles, então eu deixo ela brincar. Faz o que ela se sente melhor [rindo]! Enturmou-se bastante com a amizade e agora foi brincar com eles. Agora, quase todos os dias brincamos juntos!

Or: O que querem dizer é que conseguem brincar tão bem com os colegas das vossas turmas como com os das outras duas?

Todos: Sim!

A3: Não há muitos conflitos entre nós, mesmo sendo de outros países ou isso, não. Nós, como somos crianças, temos outra maneira de ver das pessoas. Não estamos assim: Ai, ele é assim e tal e coiso...

A1: Temos outro ponto de vista!

A3: Nós temos outro ponto de vista, porque nós somos crianças, ainda estamos a aprender e nós tentamos aceitar todos para conseguirmos evoluir nas amizades, e conseguir ter mais amigos e dar-nos melhor com os outros!

A6: Agora damo-nos bem melhor!

Or: Acham que esta situação do projeto contribuiu para isso, para terem mais amigos?

Todos: Sim!

A2: O Isaac antes não tinha tantos amigos e agora já é... quase toda a escola o conhece.

A3: Ya! Tem muitos, muitos!

A5: E o Ibra também já joga conosco à bola...

Or: Ora bem, agora vamos para outro assunto. Com esta alteração da organização com o projeto, acham que os vossos pais estão a participar mais na vossa vida de escola, mais interessados para saber, do que antes?

A3/A5/A4/A2: Sim!

A3: Bem mais! Porque antes era só a professora Paula, agora tenho as 3 professoras e os meus pais estão bem mais interessados, porque há coisas que eles aprenderam há muito tempo que agora nós estamos a aprender mais cedo do que eles e eles nem se lembravam quando eu... Quando eles precisam, por exemplo, o meu pai joga um jogo, não sei onde, mas joga um jogo, e pergunta, por exemplo, agora nós aprendemos a ordem dos planetas, ele pergunta: qual é o planeta maior, essas coisas que saem lá no jogo, e eu ajudo-lhe, eu digo que é Júpiter, porque o meu pai, às vezes, acha que é outro, mas não.

Or: E vir aqui, participar nas atividades, também melhorou?

Todos: Sim!

Inês: Porque nós temos outras professoras e então eles querem saber a maneira de ensinar dos outros, ficam mais interessados, para depois apanharem esse jeito e ensinarem-nos e nós vamos mais longe, como sempre!

Or: Então, vêm mais vezes à escola?

A2/A1/A3: Sim!

A1: O meu pai e a minha mãe, antes, havia coisas e eles não participavam! Agora, às vezes o meu pai já pede lá no trabalho para deixarem ele e para vir participar comigo!

A3: Sim! O meu pai quando foi o Jogo do 24, do outro dia, o meu pai tava no trabalho, por isso é que ele tava sempre de telemóvel na mão. Mas eu pedi-lhe, implorei-lhe, pedi-lhe de joelhos e ele disse assim: Tá bem filha, eu vou tentar. Ele pediu. Depois tinha que trabalhar um bocadinho à noite, mas ele quis vir comigo, para participar. Depois disse que a minha mãe, caso ele não conseguisse, porque não sabiam, ela também quis vir. Largou um bocadinho o seu trabalho para estar conosco. E assim também temos mais tempo com os nossos pais, mesmo quando estamos a fazer os trabalhos de casa. Eles ajudam-nos porque já sabem como é que são as professoras e quando nos ajudam, estamos mais tempo com eles!

A1: A minha mãe está mais à vontade porque ela já tinha que estar em cima de mim porque eu não percebi, mas agora como eu tenho mais professoras, ela não tem que explicar mais coisas, mas ajuda-me à mesma. E às vezes há coisas que ela explica que eu não sabia e fico a saber mais sobre o que as professoras estão a explicar.

A2: É como o meu pai, o meu pai tem muito interesse, mas depois só tem um limite de 6 trocas por mês... Às vezes não vem, mas muitas vem...

Or: Achas que vem mais vezes do que antes, ou vem igual?

A2: Mais, vem mais!

Or: E eles procuram as várias professoras?

Todos: Sim!

A6: Eu não sei se foi contigo também, mas quando foi acontecer uma coisa que os meus pais disseram que eu tinha que sair mais cedo, por causa que ia haver um evento ali, porque eu não posso contar porque senão a professora já tinha contado...

A4: Aquilo que tu me tinhas contado ontem?

A6: Sim, do casamento! Os meus pais casaram. E já prometi que vou trazer o bolo! Antes a minha mãe só me vinha trazer à escola, só a minha mãe! Porque a minha mãe tinha mais tempo e depois passou a vir o meu pai e a minha mãe! Os dois! Porque eles gostam de, antes de ir para o trabalho, de tirar umas dúvidas com as professoras, antes delas entrarem.

Or: Com as 3?

A6: Sim! Porque quando... eu vou para a sala, eles dizem assim: Sofia, vai lá brincar com os teus colegas que nós já vamos. Mas ao invés deles irem, não, eles vão conversar com as professoras. E eles não dizem.

Or: Diz lá agora tu, minha querida, o que querias dizer, em relação à mãe...

A6: Ainda não falou quase nada!

A4: Ela às vezes vai falar com as professoras, e qualquer coisa e depois conta-me quando eu chego a casa. E não me diz nada de manhã, mas fala com as professoras, pergunta coisas e isso, com as três, e depois diz-me e eu fico a saber.

Or: Vocês acham que os vossos pais se sentem à vontade com as diferentes professoras?

Todos: Sim!

A3: E também quando perguntam às professoras, de todas, ficam a saber na parte da matéria o que é que nós temos dificuldades e depois o que é que aconteceu, o que é que nós temos dificuldades, para depois eles nos ajudarem e ensinarem como elas ensinam, que é para não nos confundir. Eles querem que nós estejamos sempre na linha, certinhos, para termos um futuro melhor, e então têm de perguntar às três para saberem como é que elas ensinam e explicar-nos melhor.

Or: Do vosso ponto de vista, daquilo que vocês se apercebem, acham que as professoras, cada uma delas, sabe o que é que se está a passar nas disciplinas das outras?

Todos: Sim!

Or: O que vocês estão a aprender...

Todos: Sim!

A3: Como nós estávamos a falar nas segundas há as reuniões e elas falam de tudo e depois, nos apoios aos estudos, ajudam-nos, ajudam-nos imenso!

Or: E vocês sentem que elas sabem... que a professora de estudo do meio sabe o que é que vocês estão a trabalhar no português e na matemática?

Todos: Sim!

A6: E no Inglês! Como nós dissemos, entram todas as professoras, das nossas disciplinas, não as da tarde [AEC's], algumas, porque nós na quinta-feira e na sexta, na minha sala, nós temos Português na quinta e na sexta temos Inglês, os outros professores não fazem isso [os das AEC's]. Mas os nossos professores mais... que têm mais ligação conosco, vão lá e fazem a reunião e conversam tudinho o que aconteceu na aula!

A2: É mais ou menos as disciplinas principais...

A3: Às vezes sentimos assim: Uau! Elas são videntes! Ou, se calhar, falaram nisso nas reuniões ou então conhecem-me tão bem, tão bem, tão bem que são videntes!

Or: São videntes porque sabem tudo o que vocês fazem nas outras aulas, heim? Não, elas sabem porque reúnem-se mesmo todas as segundas-feiras e falam sobre tudo, e eu às vezes também estou lá com elas, por isso sei. Mas eu precisava saber se vocês sentem isso...

A3: Sim!

A2: Sentimos...

Or: Sentem que há ali uma ligação entre elas que é para o vosso bem, para que as coisas corram bem, que tudo seja trabalhado como deve ser?

A2: Sim! A professora Mónica, quando está a dar Matemática, está sempre mais atenta ao Cornélio, porque tem duas ou três professoras...

A3: E ele também precisa de mais ajuda, porque ele não percebe e depois como não percebe, ele não está muito interessado porque ele quer ser ali o melhor! Mas depois, como não percebe, põe-se ali no ar e depois as professoras chateiam-se! Porque lá por ele não saber, tem que ter interesse em saber! Porque se não tiver interesse também não vai saber! E não vai conseguir lá tar no topo, como ele quer...

A2: Mas ele não sabe porque está distraído, faz de propósito...

A1: E há colegas meus que têm problemas nas disciplinas e perguntam: Júlia, como é que isto é? E eu digo assim: Tens que tar atento às aulas e se tu não passares de ano ou se tiveres dúvidas, não é comigo que tens de resolver, é com a professora! Eu trato do meu trabalho para conseguir tar no topo e passar de ano e tu, importaste contigo e só contigo, para conseguires também tar no topo...

A6: E também eu acho que elas têm ligação porque, quando a professora Paula precisa da professora Tânia, ela chama: Néné [rindo]! Néné, vem cá [rindo]!

[risada geral]

Or: Então, a forma como elas se tratam...

A6: [completando] É carinhosa! E amiga!

Or: Mostra que têm uma ligação boa umas com as outras?

A3: Mostra! Mostra que não têm conflitos, que se tratam bem... Nota-se que... Bem, pode-se dizer que são grandes amigas!

A1: São!

A3: Mesmo que se não fossem, depois quando nos tão a ver e têm que falar mais, conhecem-se mais, vêem que têm muito em comum e depois percebem que afinal, é assim: Porque é que eu nunca falei com ela? Porque é que eu tenho vergonha? Olha, ela até tem muito em comum comigo... Ou até podemos ser amigas. E depois fazem grandes amizades, não só como nós fazemos com elas e com os nossos colegas novos, como elas fazem conosco e com elas próprias!

A1: Eu acho que elas não são só amigas na escola! São amigas fora da escola! Porque eu vejo elas na escola, quando tão a falar de nós, mas elas começam-se a rir e convivem muito, por isso acho que são grandes amigas as professoras! E é muito bom serem boas amigas!

Or: E vocês acham que elas gostam de vocês?

Todos: SIM [bem alto]!!!

A3: De todos... não é da mesma maneira! Mas... [pausa] Bem, é da mesma maneira, não é assim: Ai eu gosto mais dele do que ele porque ele tem más notas... Não! Gostam de todos da mesma maneira e querem que todos tenham o mesmo objetivo: passar de ano, conseguir os melhores resultados, para no futuro conseguirmos aquilo que nós queremos! Por exemplo, eu quero ser médica e tou a lutar por isso! Médica pediatra, quero ver muitos bebés!

A6: Eu... A professora Paula já disse que eu era boa para ser advogada, porque eu falo muito, muito e muito!

A1: E eu que devia ser médica pediatra!

A6: Mas eu acho que vou seguir... Porque eu agora, quando eu era mais pequenina não era tão boa a desenhar, mas agora evolui bastante, e a minha amiga Maria e eu estávamos a pensar quando fossemos maiores irmos para França, porque nós vamos para França estudar, para lá para ver se há os nossos trabalhos, que nós gostamos mais de fazer.

Or: Então queres ir para artes?

A2: Eu ainda não sei...

A6: Também vou para ser modelo!

Or: E tu achas que a melhoria que tu tiveste agora no desenho tem que ver com teres uma professora só para a expressão plástica?

A6: Fazemos... Quando nós fomos ver o teatro da Fada Oriana, a professora pediu-nos para desenhar. Eu agora tenho muito melhores personagens do que desenhava antes.

A3: Pois, porque como ela também está na sua área, ensina-nos melhor. E ela tem prazer! O melhor que eu posso ver nas professoras é que nos estão a ensinar bem, claro, mas que têm prazer em nos ensinar! Se não estão a fazer aquilo que gostam,

eu não me sinto à vontade, porque eu quero que todos estejam felizes e, no final, se não são, não estão a fazer aquilo à vontade e depois desatinam um bocadinho e não nos... pronto, não nos põem muito à vontade.

A1: Já há algum tempo a professora estava a dar as profissões a cada pessoa. O João ia ser o Presidente, ia ser o Presidente!

Or: Ah, o Presidente! Tem jeito para a política?

A5: Tenho!

A1: Eu ia ser... ia ser...

A5: Reportér de televisão.

A1: Sim! Reportér de televisão! Ia para ao pé da Júlia Pinheiro, ia fazer companhia a ela. Era o que diziam, mas eu não era isso que eu queria! Eu também desenho bem, também evolui nos desenhos. Antes os desenhos eram um risquinho, era o corpo, estava feito [rindo]! Agora evolui muito mais nos desenhos, mas ainda tenho os desenhos de quando era pequenina e gosto de recordar a vê-los, mas eu estou a lutar para ser outra coisa!

Or: O que é?

A1: Eu gosto muito de desenhar roupa. Gosto de comprar aquelas bonecas para fazer as roupas e quase nunca uso os autocolantes. Prefiro desenhar eu! Sempre tive jeito para o desenho, mas evolui bastante!

A5: É verdade!

A1: Gostava de ser modelo como a Sofia, gostava de ser, mas ainda não sei, ainda sou muito nova! Ainda sou nova demais [rindo]!

A6: Eu ainda me lembro que nós éramos muito amigas na escola, e quando uma desenhava a outra estava ao pé dela para ver como é que ela desenhava. Nós

antes desenhávamos um bocadinho mal, assim, não é? E agora desenhamos bem [rindo]!

Or: E esta querida, o que é que quer ser?

A4: Eu queria ser professora, mas a minha professora Paula Costa disse que eu era boa para médica pediatra.

Sofia: E disse assim: Não queiras ser professora! Não queiras ser professora!

Or: E tu?

A3: Eu queria ser médica pediatra!

Or: E tu?

A2: Eu ainda não sei o que quero ser, porque, no passado, queria ser muito basquetebolista, mas depois, como não podia praticar esse desporto por causa das aulas, tive que mudar!

Or: Agora já não queres ser basquetebolista?

A2: Não, quero ser jogador de futsal e surfista!

Or: E a minha querida é mais uma médica pediatra, certo?

A3: Sim! Eu ando com a minha prima, quando ela chega, quando ela nasceu disseram assim: É assim que se pega! Não, eu sei! Depois peguei aqui [colocando a mão na nuca] e é assim, peguei tão bem, tão bem, tão bem, tava de olhinho aberto, eu pus-me ali a fazer festinhas na cabecinha... Dormiu nos meus braços! E até a consegui pôr no berço!

Or: E, para além de médica pediatra, mãe! Que também é uma boa profissão [rindo]!

Todos: [riram à gargalhada]

A6: Que é muito mais difícil do que médica pediatra!

A1: O João gostava de ser professor.

Or: Gostavas?

A5: Sim!

A1: E a professora Tânia diz que não se deve ser, porque é muito difícil corrigir os trabalhos, foi o que disse à Ilda!

A6: Como a nossa professora Paula também estava a dizer à nossa turma inteirinha, eu achei muito engraçado, porque a professora disse... a professora faz muitas piadas. Eu achei muito engraçado, o da Carolina, que ela chama de Caroli, porque é a que quer andar com o telemóvel: Ai, deixei o meu telemóvel em casa, vou busca-lo ou então é melhor comprar outro! Não, vou comprar outro que é para deixar um aqui no trabalho e outro lá em casa [rindo]! Ela é muito engraçada!

A2: Eu antes gostava de jogar ténis, mas o ténis era na hora das aulas e eu agora jogo futsal. E não é no horário da escola, por isso, quero ser jogador de futsal.

A3: Eu antigamente, na parte do desenho, quando estávamos a evoluir, eu antigamente ia ver as coisas do meu pai e no meu aniversário o meu pai mostrava-me assim: Inês, olha o desenho que tu me fi... No aniversário do meu pai, enganei-me. Olha o que tu me fizeste neste aniversário, quando eras bebé. Eu vi uma folha toda riscada, toda, toda riscada, sem desenho nenhum! Aquilo era só riscos, aquilo era só riscos numa folha! Ai meu Deus [colocando as mãos na cabeça]! E eu disse assim: E isto fui eu que desenhei? Sim, foste Inês! Mas eu não desenhei assim!!!

Or: Mas agora já nenhum de vocês desenha assim...

Todos: Não [rindo]!

Or: Agora, assim para nós concluirmos a nossa conversa gostava que vocês pensassem, assim de forma global, e me dissessem, se quiserem, um a um,

não são obrigados a dizer, já sabem, o que é que vocês acharam deste projeto, ao longo deste ano. [pausa breve] Diz querida...

A3: Obrigada! Eu achei que é muito bom, porque assim também nos estão a habituar, para o próximo ano vamos andar assim, a caminhar... Porque a partir do quinto vamos estar sempre assim, com estas professoras. E também é bom porque convivemos mais, convivemos mais, conhecemos mais jeitos e habituamo-nos. Conseguimos aprender a respeitá-los melhor e assim também vai ser uma coisa muito importante para o resto da nossa vida.

Or: Então achaste que foi bom?

A3: Foi muito bom!

Or: Diz tu agora.

A1: Eu acho que evolui bastante, como eu estava a dizer ainda há bocado, porque tinha piores notas a matemática, evolui bastante porque tenho uma professora só para aquela disciplina e não ter uma para todas...

Or: Então também achas que foi bom?

A1: Sim, acho que foi bom! Acho que foi uma iniciativa boa!

Or: Ótimo. Agora tu.

A6: Eu queria dizer que eu tenho a certeza que este foi o melhor ano que eu já tive até agora aqui nesta escola, porque foi muito mais engraçado do que os outros anos. Não quer dizer que eu não ache que a professora Paula não tenha sido engraçada nos outros anos, mas é que agora tenho a... Por exemplo, todas as professoras têm uma maneira diferente de te mostrar para...

A2: Para nós aprendermos... a matéria!

A1: Percebermos!

A6: Isso! Sim! E ser mais engraçada no seu jeitinho... Que eu gosto muito de professoras engraçadas!

Todos: [rindo]

A3: E simpáticas também! Nunca ninguém gosta de professoras assim: Ai! Fizeste mal! Vais ter de apagar tudo! Vais ter de fazer tudo outra vez [com voz grossa, cara zangada e os braços no ar]! Ai, ai! Isto está mal! Bá, bá, bá...

Or: Nenhuma delas é assim?

Todos: Não! Não! Não!

Or: E a minha querida, o que é que acha?

A4: Eu achei muito bom, porque também uma professora para cada disciplina é muito melhor, porque uma professora para todas as disciplinas, além de nós nos atrapalharmos, também as professoras se atrapalham, porque têm que ver os trabalhos de casa e assim... Então, achei muito bom!

A2: Também assim as professoras têm de fazer fichas de três matérias diferentes e agora é só fazerem um tipo de ficha mas imprimem muitas...

Or: O que é que achaste do projeto?

A2: Eu achei que evolui, mas na percentagem, porque as notas era impossível, porque tinha sempre muito bom [rindo]! Antes era sempre à rasca do bom, mas agora já é mais para o 100%.

Or: E tu João, o que é que achaste?

A5: Eu só achei que as nossas professoras estão-nos a preparar para o quinto ano.

Or: E foi bom, foi normal, foi menos bom... uma apreciação.

A5: Foi... foi uma apreciação, pois quando nós formos para o quinto ano nós não precisamos de estar assustados por termos várias professoras.

Or: Então estás mais preparado?

A5: Sim!

Or: Se eu vos dissesse que para o ano que vem não nos deixam desenvolver o projeto e vocês têm que voltar a ter uma só professora, o que é que vocês achavam?

Todos: Mal! Mau! Muito mau!

A6: [fingindo chorar] Eu quero as professoras todas! Eu prefiro muito mais assim! Assim vou ficar toda confusa!!!

Or: Não gostavam de voltar a ter só a vossa professora?

Todos: Não!

A3: Também assim parece que nós estamos mais infantis e aqui, agora, eu sinto-me... às vezes eu penso assim: OK, estou preparada para o ciclo [cantarolando]! Eu vou para o ciclo [rindo]! E já estou preparadinha! E os outros não [cantarolando e rindo]! E penso assim: Pronto, agora chego ao ciclo e está tudo feito! Mas depois, antigamente, quando era assim, não estava tão entusiasmada para passar de ano, porque era sempre a mesma coisa e andavam sempre a encalhar com a mesma matéria, a mesma forma de dar, e não era assim tão... motivador! E também agora como estamos, as professoras, as próprias professoras acho que se sentem à vontade porque têm mais tempo para elas e isso também é importante para nós!

A1: Eu aproveitei que a professora disse para voltar atrás, mas eu vou voltar para a frente e dizer se para o próximo ano continuarmos com o mesmo projeto eu não queria que fossem as professoras a vir para a nossa sala! As professoras ficam na sala delas e nós é que andávamos de sala em sala! Para nos habituar!

A3: É isso mesmo!

Or: Ah, já estás um bocadinho à frente, que é outra coisa que eu quero que vocês me digam!

A1: Mas é isso que eu queria que fosse!

A6: Como é que tu adivinhaste que eu também queria? És vidente?

Todos: [rindo]

Or: A última pergunta que eu tenho para vos fazer é exatamente essa...

A6: Ela é vidente professora [rindo]!

Todos: [rindo]

Or: Já temos uma ideia: para o ano termos uma sala de português, uma sala de matemática e uma sala de estudo do meio, e vocês é que rodam...

Todos: Sim! Sim! Sim!

Or: Outra ideia... Parecia que tinhas outra ideia...

A6: Não, era a mesma do que a Júlia!

Or: Mais ideias para além desta?

A3: E depois, não sei se vai acontecer, eu neste momento vou dizer uma coisa e perguntar outra ao mesmo tempo. Então, quando nós formos para o quinto e, como a Júlia disse, andarmos de salas em salas, agora no livro de matemática e estudo do meio temos sempre a “Grande Aventura”. Podem variar? Irão variar? Porque no de português é diferente e depois vão tar tudo diferente! E eu depois sinto-me mais agarrada àqueles livros e depois... desabituo-me... Gostava que, para o ano, fosse um livro para cada. Nós mudávamos de sala e também tínhamos hum... cada professora também tinha o seu jeito de livro!

Or: Então, também gostavas de ter um livro de uma editora diferente para cada disciplina?

A3: Sim, gostava!

Or: Em relação a isso, posso dizer-te que acho que os manuais para o quarto ano, dois são da mesma editora e da mesma colecção e o outro é diferente. Mas essa é uma mudança que nós não podemos fazer, porque os manuais que são escolhidos têm que se manter durante 6 anos.

Todos: Ah!

A3: Então quer dizer...

Or: Que não posso mudar isso! Os manuais que vão mudar este ano são só os de 1.º ano. Não posso mudar os de quarto, nem de terceiro, nem de segundo! Essa era uma ideia muito interessante, mas não podemos segui-la.

A1: Mas podemos mudar de sala, não é?

Or: Isso sim.

A2: Então, as professoras ficam na sala e nós vamos para lá! O meu primo tem uma agenda e está lá: Música - sala três! E é isso assim?

Or: É isso mesmo!

A4: É assim, eu gostava que as professoras ficassem na mesma sala e nós é que nos mudássemos, porque as professoras depois esquecem-se de muitas coisas, e depois perdem mais tempo...

A6: Houve uma vez que a professora perguntou assim: Não é para esta sala que eu venho? E nós dissemos: Não, é para a outra [rindo]! Confundem, às vezes!

Or: É tão confuso para elas como, se calhar, a princípio para vocês a mudança de terem mais professoras...

A3: Uma confusão!

A1/A6: Sim!

A3: Mas depois o horário, deram-nos o horário e nós fomos... sabendo.

A1: Mas eu não estou assim...

A2: Confusa?

A1: Não é confusa, é assim é que eu tenho o horário, mas não ligo assim muito ao horário, porque eu já decorei. Mas ao princípio eu não queria assim muito saber... Era a professora que chegava, era a que chegava e era a que tinha. Mas nas fichas de avaliação, aí já tinha que decorar a que horas é que tinha. Mas se não tivesse fichas de avaliação, era a que aparecesse!

Or: Agora, com a ideia que vocês me estão a dar, que eu levo muito a sério as vossas ideias, vou fazer os possíveis por conseguir pô-la em prática. Mas aí vocês é que têm que tomar atenção a qual é a sala.

A6: Mas a professora já nos deu um papelinho, para nós decorarmos! Só que o meu problema foi que eu perdi o papel, mas também não faz mal. O meu pai viu o papelinho, que acho que ele ficou com um no trabalho dele, que ele levou para o trabalho dele, para fazer um horário para mim. Ele fez um horário que é: Horário da princesa Sofia, que está lá no meu placard de fotografias de quando eu era mais pequenina e na cozinha para a minha mãe saber e para eu saber. E no... e no...

A1: Teu quarto.

A6: Não! No meu quarto está lá no placard de lá. É no trabalho do meu pai, lá também está um. Não sei para quê, mas está!

Or: É para ele saber também. Agora, para o ano, vamos mudar de salas, não é o que querem?

A2: Nós mudamos de sala e assim cada sala tem os manuais e os cadernos de cada turma e de cada área...

Or: Isso assim é mais fácil para vocês, pois podem deixar as coisas de matemática na sala de matemática, as de português na sala de português e as de estudo do meio na sala de estudo do meio. Mas têm que memorizar para que sala vão a seguir! Quando se enganarem, vão-se lembrar das figurinhas que as professoras fizeram este ano, que não sabiam qual era a sala. Vão ter que andar com o horário assim na mão...

A1: Não professora, também não é preciso tanto. Compramos uma agenda cada aluno, as nossas professoras oferecem-nos, e lá apontamos as notas, as salas onde é que é cada disciplina e os dias em que temos fichas de avaliação. Assim, todos os dias vamos lá, os dias passam e fazemos um X em cima do dia e assim sabemos o que é que temos que fazer.

A6: Eu achava que nós íamos ter uma agenda, no quarto ano que cada um dos meninos ia ter que comprar uma agenda para escrever lá, por exemplo, eu acho que no quinto ano vamos ter uma agenda que vamos ter que escrever lá, em vez de ser uma caderneta com tudo pronto já para mensagens.

Or: Mas vocês vão ter uma caderneta... É igualzinha à deste ano, só que é doutra cor.

A1: Nós vamos ter uma caderneta! Eu sei! É azul, não é? A minha prima tem uma!

Or: E nessa caderneta, depois têm que colar o vosso horário para saberem quais são as salas.

A1: Pois, e a minha prima está no sétimo ano e a caderneta é diferente. Ainda tem uma caderneta e tem muitos livros. Ela... é assim... ela tem, eu não sei como é que se chama a área, mas ela tem desenho e eu pergunto se foi a professora que ensinou o desenho e ela diz que não. No trabalho de casa de pintura, do desenho, a professora diz o que é que ela tem que fazer e eles é que têm que desenhar sozinhos, a professora não explica como é que devem desenhar.

A2: É como o meu primo. O meu primo tem uma grande aprendizagem, começou a ler aos 4 anos e agora, a cada quadro de honra que ganha, ganha quatrocentos euros.

Todos os outros: Ah!

Or: Ah, que maravilha, mas que sortudo! Tens um primo muito sortudo!

A1: Ya!

A6: Se fosse comigo, a sério, eu já ganhei dois quadros de honra e no terceiro ainda não tenho a certeza...

A1: Oitocentos euros...

A3: Não te preocupes, sê corajosa [rindo e colocando o braço por cima do ombro da Sofia]!

A2: Mas também ele tem muito pouco tempo para estar comigo, porque ele tem que fazer muitos trabalhos de casa, como a minha prima, que tem muitas dificuldades e está no décimo e ele ajuda-a. E depois, os livros que ele tem dá para encher dois armários!

Or: E não têm mais sugestões de alterações a fazer no projeto?

A3: Só há uma coisa que eu não gostava de fazer alteração. Apenas uma coisa!

Or: Não mudar. Não queres que mude?

A3: Não! Não quero que mude! Nada! Never! Never! Nada! Porque mais para a frente são livros assim [abrindo os braços], só para um teste! E eu não quero andar a ler isso tudo, perder as minhas noites todas a andar a estudar, a estudar, a estudar... Porque eu também quero ter tempo para mim! Eu não quero ter livros assim [abrindo o polegar e o indicador para mostrar elevada grossura]!

Or: Mas depois tu vais ter tempo para isso tudo, para ler os livros aos bocadinhos e para veres o cinema, e para veres os desenhos e para ires passear e para fazer ginástica!

A6: Eu tenho uma pergunta, que tenho que voltar atrás.

Or: Diz.

A6: Como é que os nossos pais cabem todos em uma sala, com todas as cadeiras e mesas, se nós, as três turmas, não cabemos?

Or: Nas reuniões com as professoras, certo? Eu vou-te explicar.

A1: Há pais que não apareceram.

Or: A primeira reunião com todos juntos foi comigo mesmo. Eu convidei todos, mas não vieram todos os pais. Os que vieram, encheram a sala, trouxemos mais cadeiras e uns ficaram de pé. Se calhar, aconteceu o mesmo na reunião que as professoras fizeram todas juntas, não vieram todos os pais e os que vieram couberam todos na mesma sala.

A2: Pois. Às vezes só vem metade dos pais.

Or: E sugestões de alteração do projeto, não têm mais nenhuma? Só aquela de serem vocês a rodar de sala em sala?

A3: Está tudo bem, menos as salas!

A1: Está tudo bem!

A6: Mudar de professoras, nunca! Com as três professoras está ótimo!

A2/A4/A5: Está ótimo! Está ótimo!

A1: Para verem como é, e não é só de mim, é de todas as salas. A professora Goreti pôs uma música dedicada às nossas professoras e ontem, começaram a

chorar, ontem à tarde! Hoje, uma colega minha chorou! Quase os colegas todos, quase estavam todos lá, eu estava quase a chorar, mas a música é muito emocionada!

A2: É do quê?

A3: Quantas é que andaram a chorar? Foram muitas, foram mais! Houve duas meninas que tiveram que ir para ao pé da professora! Choraram tanto, tanto, tanto...

Or: É uma música que fala do carinho, do amor, da ligação dos alunos às professoras e de emoção. E escola é isso mesmo!

A3: Isto prova que nós gostamos mesmo muito das professoras e elas de nós.

Todas as meninas: [começaram a cantar a melodia].

A6: Isto não é para contares às professoras porque é uma surpresa que vamos fazer!

A1: Professora, só lhe quero dizer uma coisa: no dia da Festa vai tudo começar a chorar de emoção!

Or: Olha, eu sou logo a primeira!

A3: Então, ainda bem que não ouviu o resto da música, senão já estávamos a ficar aqui todos emocionados!

Or: Então digam-me lá, custou muito esta nossa conversa?

Todos: Não!!!

A3: Porque você também é muito simpática e eu sinto-me à vontade!

A2: Nem me apercebi que passou uma hora! Como estamos distraídos

A6: Foi um bocadinho mais de uma hora!

A1: A professora é muito simpática!

Or: Só me resta agradecer-vos a todos por terem aceite o meu convite e por virem dar-me aqui a vossa opinião, que para mim é fundamental! Obrigada!

ANEXO IXc

PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA EFG1/A

1.º TRATAMENTO DA EFG1/A

[*Acerca das mudanças sentidas*] (...) Mudei a minha aprendizagem e também no início com o horário ficou dificultado, mas depois ao fim do tempo foi passando e depois habituei-me. (...) Porque tava habituado ao outro horário e também porque quando saia da escola ainda tinha atividades. (...) E gosto de aprender e elas também ensinam muito bem. (...) como elas [professoras] estão a fazer a área que mais gostam, ensinam-nos melhor e nós conseguimos percebê-las melhor (...) porque elas como estão a fazer a área delas conseguem explicar melhor e envolver-nos melhor no que estão a ensinar (...) ter mais professoras (...) elas estão a fazer o que gostam e explicam melhor assim (...) Eu melhorei bastante na Matemática! Eu antes tinha, não tinha más notas, mas tinha notas baixinhas e agora já subi as notas por ter uma professora só para aquela disciplina, que ela explica melhor. (...) As atividades são muito engraçadas. São totalmente diferentes, porque cada uma [professora] tem os seus gostos (...) como são professoras diferentes, dão-nos coisas totalmente diferentes, o que é mais divertido, porque estamos a experimentar coisas novas (...) É isso mesmo [experiências de aprendizagem novas]! (...) Sim [atividades mais divertidas que antes]! (...) Sim, totalmente diferentes [as atividades desenvolvidas este ano]! (...) a professora Mónica é muito boa a Matemática e, para já, consegue explicar da maneira correta, que dá para nós entendermos completamente (...) A professora Mónica tem um método de aprendizagem giro. (...) sempre que é para nós dividirmos, é sempre em comida! Kit-Kats! Sempre com chocolates! (...) E isso é muito bom!!! (...) E a de português explica melhor (...) Porque cada professora tem o seu método de ensino. (...) O método da professora “Antónia” é diferente do das outras, porque cada uma tem o seu, ninguém é igual! (...) porque cada uma dá a sua disciplina, não é a mistura de uma pessoa a dar todas, como alguns. (...) Assim conseguimos fazer mais atividades [com mais professoras]! (...) Ficamos mais preparados para o 5.º ano [com mais professoras]! (...) E também aprendemos melhor (...) porque elas estão a dar a sua própria matéria. (...) antigamente, a minha professora (...) dava totalmente diferente a área de estudo do meio e de português. Mudou

completamente! (...) Sim! Sim! Mais fácil [organização dos conhecimentos]! (...) como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras. (...) Se fosse a mesma pessoa ficávamos confundidos porque estão a explicar da mesma maneira. (...) Como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras e percebemos melhor! (...) no 2.º ano eu tinha muitas dificuldades porque não sabia qual era a matéria que íamos dar e depois ficava nervoso e não conseguia! (...) Eu ao princípio misturava as décadas de estudo do meio com as décimas da matemática. Agora já não troco! Já percebi o que é de estudo do meio e o que é de matemática (...) Quando nós fomos ver o teatro da Fada Oriana, a professora pediu-nos para desenhar. Eu agora tenho muito melhores personagens do que desenhava antes. (...) como ela [professora] também está na sua área, ensina-nos melhor. E ela tem prazer! (...) O melhor que eu posso ver nas professoras é que nos estão a ensinar bem, claro, mas que têm prazer em nos ensinar! (...) Se não estão a fazer aquilo que gostam (...) depois desatinam um bocadinho e não nos (...) põem muito à vontade. (...) Eu também desenho bem, também evolui nos desenhos. Antes os desenhos eram um risquinho, era o corpo, estava feito! Agora evolui muito mais nos desenhos (...) Sempre tive jeito para o desenho, mas evolui bastante! (...) Eu acho que evolui bastante (...) evolui bastante porque tenho uma professora só para aquela disciplina e não ter uma para todas (...) todas as professoras têm uma maneira diferente de te mostrar para (...) nós aprendermos... a matéria! (...)

[*Acerca da adaptação à mudança*] (...) Não [dificuldade de adaptação] (...) Sim, pois [adaptação fácil] (...) também me habituei bem porque todas são muito simpáticas. (...) Eu queria dizer que eu gostei bastante da mudança (...) eu gostei bem mais quando tivemos mais professoras, uma para cada disciplina, muito mais fixe (...) É mais fácil assim [com mais professoras]! (...) Não [dificuldade de adaptação aos diferentes métodos de ensino]! (...) Foi muito fácil [a adaptação às diferentes professoras]! (...) Porque eu a professora Paula já tinha conhecido (...) E gostei muito [da professora Paula]! (...) eu com a professora Paula já tinha estado. Com professora Tânia pois era a minha professora titular. Com a professora Mónica habituei-me. Está! E gosto de todas! (...) quando os meus pais me disseram, tipo: Sofia, vais ter três professoras, eu fiquei... Que bom! (...) Chocada [ao saber do projeto]! (...) Fiquei muito maravilhada, porque eu queria... sempre

sonhava em ter 3 professoras, uma para cada disciplina. Quando eu soube disto, eu fiquei muito feliz! (...) Eu, ao princípio, fiquei um bocadinho nervosa... Tipo: 3 professoras, isto vai ser um bocado complicado ter tantas professoras e organizar os trabalhos. (...) Mas agora já me habituei [às diferentes professoras] e até não é assim tão difícil como pensava! (...) Eu também pensava assim... (...) Ai, eu estou habituada à minha professora, mas agora se elas forem totalmente diferentes e depois não me deixarem fazer as minhas coisas? Não se habituarem elas a mim e não ao contrário? O que é que eu vou fazer??? (...) Mas não foi [mau]... Elas respeitam todas as nossas opiniões e respeitam todos os nossos cuidados. (...) Sim, da minha turma toda a gente aceitou! (...) ao princípio eu não queria assim muito saber... Era a professora que chegava, era a que chegava e era a que tinha. (...) nas fichas de avaliação, aí já tinha que decorar a que horas é que tinha. Mas se não tivesse fichas de avaliação, era a que aparecesse! (...)

[*Acerca da natureza das relações afetivo-emocionais estabelecidas*] (...) querem [as professoras] que nós consigamos ultrapassar todas as nossas dificuldades e chegar muito longe. (...) faz-nos algumas piadas e começa logo assim com... É muito divertida [a professora de português]! (...) A professora Paula também, também brinca muito conosco! (...) A professora Paula brinca muito conosco (...) E a professora Paula, às vezes estamos a meio de uma aula e dá-nos tempo para nós falarmos (...) Sim, para ouvir as nossas opiniões, ou seja, ela [professora Paula] importa-se conosco! (...) Todas [as professoras] se importam (...) São todas [as professoras] muito simpáticas! (...) É boa [relação com as professoras]! Sim! (...) Sim [ficam mais à vontade na escola por se relacionarem com mais professoras]! (...) Sim [sentem que é bom para eles relacionarem-se bem com as professoras]! (...) Sim [estão à vontade com todas as professoras]! (...) agora sinto-me mais à vontade porque cada uma [professora] ensinou a matéria que gosta mais e sente-se mais à vontade conosco e nós também nos importamos com as nossas professoras. (...) Eu acho que os colegas gostam... o que eu vejo é que eles gostam, só que acho que alguns ainda não se sentem muito à vontade com as professoras todas. (...) Eu nunca tinha falado, por exemplo, com meninos da professora Mónica... (...) E agora somos grandes amigas! (...) Agora já falamos muito... (...) No 2.º ano eu não falava muito com o André e agora somos amigos.

(...) Agora, quase todos os dias brincamos juntos! (...) Não há muitos conflitos entre nós, mesmo sendo de outros países ou isso, não. (...) Nós, como somos crianças, temos outra maneira de ver das pessoas. (...) Nós temos outro ponto de vista, porque nós somos crianças, ainda estamos a aprender e nós tentamos aceitar todos para conseguirmos evoluir nas amizades, e conseguir ter mais amigos e dar-nos melhor com os outros! (...) Agora damo-nos bem melhor! (...) O Isaac antes não tinha tantos amigos e agora já é... quase toda a escola o conhece. (...) E o Ibrahima também já joga conosco à bola (...) Gostam [as professoras] de todos da mesma maneira e querem que todos tenham o mesmo objetivo: passar de ano, conseguir os melhores resultados, para no futuro conseguirmos aquilo que nós queremos! (...) a professora [Paula] faz muitas piadas. (...) Para verem como é, e não é só de mim, é de todas as salas. A professora Goreti pôs uma música dedicada às nossas professoras e ontem, começaram a chorar, ontem à tarde! (...) Isto prova que nós gostamos mesmo muito das professoras e elas de nós. (...)

[Acerca da mudança no envolvimento dos pais e encarregados de educação] (...) Bem mais! Porque antes era só a professora Paula, agora tenho as 3 professoras e os meus pais estão bem mais interessados (...) Porque nós temos outras professoras e então eles [pais] querem saber a maneira de ensinar dos outros, ficam mais interessados, para depois apanharem esse jeito e ensinarem-nos e nós vamos mais longe, como sempre! (...) O meu pai e a minha mãe, antes, havia coisas e eles não participavam! Agora, às vezes o meu pai já pede lá no trabalho para deixarem ele e para vir participar comigo! (...) O meu pai quando foi o Jogo do 24, do outro dia, (...) ele quis vir comigo, para participar. Depois disse que a minha mãe, caso ele não conseguisse, porque não sabiam, ela também quis vir. Largou um bocadinho o seu trabalho para estar conosco. E assim também temos mais tempo com os nossos pais, mesmo quando estamos a fazer os trabalhos de casa. Eles ajudam-nos porque já sabem como é que são as professoras e quando nos ajudam, estamos mais tempo com eles! (...) A minha mãe está mais à vontade porque ela já tinha que estar em cima de mim porque eu não percebi, mas agora como eu tenho mais professoras, ela não tem que explicar mais coisas, mas ajuda-me à mesma. (...) É como o meu pai, o meu pai tem muito interesse, mas depois só tem um limite de 6 trocas por mês... Às vezes não vem, mas muitas vem... (...)

Mais, vem mais! (...) Antes a minha mãe só me vinha trazer à escola, só a minha mãe! Porque a minha mãe tinha mais tempo e depois passou a vir o meu pai e a minha mãe! Os dois! Porque eles gostam de, antes de ir para o trabalho, de tirar umas dúvidas com as professoras, antes delas entrarem. (...) eles vão conversar com as professoras. (...) Ela [a mãe] às vezes vai falar com as professoras, e qualquer coisa e depois conta-me quando eu chego a casa. E não me diz nada de manhã, mas fala com as professoras, pergunta coisas e isso, com as três, e depois diz-me e eu fico a saber. (...) E também quando perguntam às professoras, de todas, ficam a saber na parte da matéria o que é que nós temos dificuldades e depois o que é que aconteceu, o que é que nós temos dificuldades, para depois eles nos ajudarem e ensinarem como elas ensinam, que é para não nos confundir. (...) têm de perguntar às três [professoras] para saberem como é que elas ensinam e explicar-nos melhor. (...)

[*Acerca do desenvolvimento transversal e interdisciplinar do Currículo*] (...) Acho que estão ligadas [as diferentes disciplinas]! (...) acho que há uma ligação [entre as diferentes disciplinas]. (...) Sim [acerca da existência de temas/conteúdos trabalhados nas diferentes disciplinas]. (...) Ah, sim! Houve um uma vez, que quando nós estávamos a dar o diminuindo e o... (...) crescendo. (...) E depois tinha os sinais de Matemática, misturaram um bocadinho... (...) Depois em Matemática, é o diagrama de caule e folhas... do Estudo do Meio. (...) Às vezes no Estudo do Meio temos que fazer textos sobre aquilo que estamos a aprender. (...) Às vezes temos que falar um bocadinho, não é bem um texto, mas temos que escrever bastante sobre... como se fosse fazer um texto... informativo. E isso está misturado com o Português, que é os textos, e depois a parte do Estudo do Meio é que estamos a falar sobre as coisas de Estudo do Meio naquele texto. Isso mistura um bocado. (...) Elas [professoras] dizem que têm reuniões... (...) Às segundas vão [as professoras] para uma sala e que conversam... (...) É a sala da professora Paula!!! (...) E às terças, às terças também [se reúnem]! (...) Vão para a nossa sala e vão conversar sobre nós. Vai a professora Andreia, que é a professora de Inglês, vai a professora Telma, vai a professora Goreti, vai a professora Tânia, a professora Mónica, a professora Paula... (...) Vão todas as professoras... (...) E lá é a reunião (...) porque à segunda nós vamos fazer educação física lá para outro lado! (...)

Conversam sobre nós [as professoras]! (...) Estão a perguntar o que é que têm mais dificuldades, a perguntar o que é que nós fizemos nas aulas, para depois nos ensinarem melhor, ou nos educarem, se for uma asneira, claro! (...) O Apoio ao Estudo também elas têm que dizer e têm que dizer o que é que nós temos mais dificuldades nessa matéria para poder explicar de uma maneira a um, a nós que nós também possamos aprender melhor. Fazer exercícios que nós temos mais dificuldade, para sabermos como fazer. (...) nas segundas há as reuniões e elas falam de tudo e depois, nos apoios aos estudos, ajudam-nos, ajudam-nos imenso! (...) Como nós dissemos, entram todas as professoras, das nossas disciplinas [nas reuniões] (...). os nossos professores mais... que têm mais ligação conosco, vão lá e fazem a reunião e conversam tudinho o que aconteceu na aula! (...) Às vezes sentimos assim: Uau! Elas são videntes! Ou, se calhar, falaram nisso nas reuniões (...) eu acho que elas [professoras] têm ligação porque, quando a professora Paula precisa da professora Tânia, ela chama: Néné [rindo]! Néné, vem cá [rindo]! (...) É carinhosa! E amiga [a forma como as professoras se tratam]! (...) Mostra! Mostra que não têm conflitos, que se tratam bem [as professoras] (...) Nota-se que... Bem, pode-se dizer que são grandes amigas [as professoras]! (...) Mesmo que se não fossem, depois quando nos tão a ver e têm que falar mais, conhecem-se mais, vêem que têm muito em comum (...) E depois fazem grandes amizades, não só como nós fazemos com elas e com os nossos colegas novos, como elas fazem conosco e com elas próprias! (...) Eu acho que elas [professoras] não são só amigas na escola! São amigas fora da escola! (...) Porque eu vejo elas na escola, quando tão a falar de nós, mas elas começam-se a rir e convivem muito, por isso acho que são grandes amigas as professoras! (...) E é muito bom serem boas amigas [as professoras]! (...)

[*Opinião pessoal acerca do projeto de pluridocência*] (...) Eu achei que é muito bom, porque assim também nos estão a habituar, para o próximo ano vamos andar assim, a caminhar... Porque a partir do quinto vamos estar sempre assim, com estas professoras. (...) E também é bom porque convivemos mais, convivemos mais, conhecemos mais jeitos e habituamo-nos. Conseguimos aprender a respeitá-los melhor e assim também vai ser uma coisa muito importante para o resto da nossa vida. (...) Foi muito bom! (...) Sim, acho que foi bom! Acho que foi uma

iniciativa boa! (...) Eu queria dizer que eu tenho a certeza que este foi o melhor ano que eu já tive até agora aqui nesta escola, porque foi muito mais engraçado do que os outros anos. (...) Eu achei muito bom, porque também uma professora para cada disciplina é muito melhor, porque uma professora para todas as disciplinas, além de nós nos atrapalharmos, também as professoras se atrapalham (...) Então, achei muito bom! (...) Eu achei que evolui, mas na percentagem (...) era sempre à rasca do bom, mas agora já é mais para o 100%. (...) Eu só achei que as nossas professoras estão-nos a preparar para o quinto ano. (...) quando nós formos para o quinto ano nós não precisamos de estar assustados por termos várias professoras. (...) Eu quero as professoras todas! Eu prefiro muito mais assim! (...) aqui, agora, eu sinto-me (...) estou preparada para o ciclo! (...) Pronto, agora chego ao ciclo e está tudo feito! (...) antigamente (...) não estava tão entusiasmada para passar de ano, porque era sempre a mesma coisa e andavam sempre a encalhar com a mesma matéria, a mesma forma de dar, e não era assim tão... motivador! (...) também agora como estamos, as professoras, as próprias professoras acho que se sentem à vontade porque têm mais tempo para elas e isso também é importante para nós! (...)

[*Acerca de aspetos a melhorar no próximo ano letivo*] (...) As professoras ficam na sala delas e nós é que andávamos de sala em sala! Para nos habituar! (...) É isso mesmo [os alunos a andar de sala em sala]! (...) Mas é isso que eu queria que fosse [os alunos a andar de sala em sala]! (...) Como é que tu adivinhaste que eu também queria [andar de sala em sala]? (...) Gostava que, para o ano, fosse um livro para cada [uma colecção diferente para cada disciplina]. (...) Nós mudávamos de sala e também (...) cada professora também tinha o seu jeito de livro! (...) as professoras ficam na sala e nós vamos para lá! (...) eu gostava que as professoras ficassem na mesma sala e nós é que nos mudássemos, porque as professoras depois esquecem-se de muitas coisas, e depois perdem mais tempo (...) Nós mudamos de sala e assim cada sala tem os manuais e os cadernos de cada turma e de cada área (...) Não! Não quero que mude! Nada! Never! Never! Nada! (...) Está tudo bem, menos as salas! (...) Está tudo bem! (...) Mudar de professoras, nunca! Com as três professoras está ótimo! (...) Está ótimo! Está ótimo! (...)

ANEXO IXd

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/A

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA EFG1/A**Unidades de sentido**

1. [*Acerca das mudanças positivas sentidas*] (...) Mudei a minha aprendizagem (...)
2. (...) E gosto de aprender e elas também ensinam muito bem. (...) como elas [docentes] estão a fazer a área que mais gostam, ensinam-nos melhor e nós conseguimos percebê-las melhor (...)
3. (...) porque elas [docentes] como estão a fazer a área delas conseguem explicar melhor e envolver-nos melhor no que estão a ensinar (...)
4. (...) elas [docentes] estão a fazer o que gostam e explicam melhor assim (...)
5. (...) Eu melhorei bastante na Matemática! Eu antes tinha, não tinha más notas, mas tinha notas baixinhas e agora já subi as notas por ter uma professora só para aquela disciplina, que ela explica melhor. (...)
6. (...) As atividades são muito engraçadas. São totalmente diferentes, porque cada uma [docente] tem os seus gostos (...)
7. (...) como são professoras diferentes, dão-nos coisas totalmente diferentes, o que é mais divertido, porque estamos a experimentar coisas novas (...)
8. (...) a professora [nome] é muito boa a Matemática e, para já, consegue explicar da maneira correta, que dá para nós entendermos completamente (...)
9. (...) A professora [nome] tem um método de aprendizagem giro. (...) sempre que é para nós dividirmos, é sempre em comida! Kit-Kats! Sempre com chocolates! (...) E isso é muito bom!!! (...)
10. (...) E a de português explica melhor (...)
11. (...) Porque cada professora tem o seu método de ensino. (...) O método da professora [nome] é diferente do das outras, porque cada uma tem o seu, ninguém é igual! (...)
12. (...) porque cada uma [docente] dá a sua disciplina, não é a mistura de uma pessoa a dar todas, como alguns. (...)
13. (...) Assim conseguimos fazer mais atividades [com mais docentes]! (...)
14. (...) Ficamos mais preparados para o 5.º ano [com mais docentes]! (...)
15. (...) E também aprendemos melhor (...) porque elas estão a dar a sua própria matéria. (...)

16. (...) antigamente, a minha professora (...) dava totalmente diferente a área de estudo do meio e de português. Mudou completamente! (...)
17. (...) como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras. (...)
18. (...) Se fosse a mesma pessoa ficávamos confundidos porque estão a explicar da mesma maneira. (...)
19. (...) Como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras e percebemos melhor! (...)
20. (...) Eu ao princípio misturava as décadas de estudo do meio com as décimas da matemática. Agora já não troco! Já percebi o que é de estudo do meio e o que é de matemática (...)
21. (...) Quando nós fomos ver o teatro da Fada Oriana, a professora pediu-nos para desenhar. Eu agora tenho muito melhores personagens do que desenhava antes. (...) como ela também está na sua área, ensina-nos melhor. E ela tem prazer! (...)
22. (...) O melhor que eu posso ver nas professoras é que nos estão a ensinar bem, claro, mas que têm prazer em nos ensinar! (...)
23. (...) Eu também desenho bem, também evolui nos desenhos. Antes os desenhos eram um risquinho, era o corpo, estava feito! Agora evolui muito mais nos desenhos (...)
24. (...) Sempre tive jeito para o desenho, mas evolui bastante! (...) Eu acho que evolui bastante (...) evolui bastante porque tenho uma professora só para aquela disciplina e não ter uma para todas (...)
25. (...) todas as professoras têm uma maneira diferente de te mostrar para (...) nós aprendermos... a matéria! (...)
26. (...) Eu achei que evolui, mas na percentagem (...) era sempre à rasca do bom, mas agora já é mais para o 100%. (...)
27. (...) antigamente (...) não estava tão entusiasmada para passar de ano, porque era sempre a mesma coisa e andavam sempre a encalhar com a mesma matéria, a mesma forma de dar, e não era assim tão... motivador! (...)
28. (...) as próprias professoras acho que se sentem à vontade porque têm mais tempo para elas e isso também é importante para nós! (...)

29. [Acerca das mudanças menos positivas sentidas] (...) no início com o horário ficou dificultado (...)
30. (...) Porque tava habituado ao outro horário e também porque quando saia da escola ainda tinha atividades. (...)
31. [Acerca da reação perante a mudança] (...) mas depois ao fim do tempo foi passando e depois habituei-me [ao horário]. (...)
32. (...) Eu queria dizer que eu gostei bastante da mudança (...)
33. (...) eu gostei bem mais quando tivemos mais professoras, uma para cada disciplina, muito mais fixe (...) É mais fácil assim! (...)
34. (...) Foi muito fácil [a adaptação às docentes]! (...)
35. (...) Porque eu a professora [nome] já tinha conhecido (...) E gostei muito! (...)
36. (...) quando os meus pais me disseram, tipo: [nome], vais ter três professoras, eu fiquei... Que bom! (...)
37. (...) Chocada [ao saber do projeto]! (...)
38. (...) Fiquei muito maravilhada, porque eu queria... sempre sonhava em ter 3 professoras, uma para cada disciplina. Quando eu soube disto, eu fiquei muito feliz! (...)
39. (...) Eu, ao princípio, fiquei um bocadinho nervosa... (...)
40. (...) Tipo: 3 professoras, isto vai ser um bocado complicado ter tantas professoras e organizar os trabalhos. (...) Mas agora já me habituei e até não é assim tão difícil como pensava! (...)
41. (...) Eu também pensava assim... (...) Ai, eu estou habituada à minha professora, mas agora se elas forem totalmente diferentes e depois não me deixarem fazer as minhas coisas? Não se habituarem elas a mim e não ao contrário? O que é que eu vou fazer??? (...)
42. (...) Sim, da minha turma toda a gente aceitou [a mudança]! (...)
43. (...) ao princípio eu não queria assim muito saber... Era a professora que chegava, era a que chegava e era a que tinha. (...) nas fichas de avaliação, aí já tinha que decorar a que horas é que tinha. Mas se não tivesse fichas de avaliação, era a que aparecesse! (...)

44. [Acerca de facilitadores da adaptação à mudança] (...) também me habituei bem porque todas [as docentes] são muito simpáticas. (...)
45. (...) eu com a professora [nome] já tinha estado. Com professora [nome] pois era a minha professora titular. Com a professora [nome] habituei-me. Está! E gosto de todas! (...)
46. [Acerca da natureza das relações afetivo-emocionais estabelecidas pelos alunos com as diferentes docentes] (...) Elas [docentes] respeitam todas as nossas opiniões e respeitam todos os nossos cuidados. (...)
47. (...) [as docentes] querem que nós consigamos ultrapassar todas as nossas dificuldades e chegar muito longe. (...)
48. (...) faz-nos algumas piadas e começa logo assim com... É muito divertida [a docente de português]! (...)
49. (...) A professora [nome] também, também brinca muito conosco! (...) A professora [nome] brinca muito conosco (...)
50. (...) E a professora [nome], às vezes estamos a meio de uma aula e dá-nos tempo para nós falarmos (...) Sim, para ouvir as nossas opiniões, ou seja, ela [docente] importa-se conosco! (...) Todas se importam (...)
51. (...) [as docentes] São todas muito simpáticas! (...)
52. (...) É boa [a relação com as docentes]! Sim! (...)
53. (...) agora sinto-me mais à vontade porque cada uma ensinou a matéria que gosta mais e sente-se mais à vontade conosco e nós também nos importamos com as nossas professoras. (...)
54. (...) Eu acho que os colegas gostam... o que eu vejo é que eles gostam, só que acho que alguns ainda não se sentem muito à vontade com as professoras todas. (...)
55. (...) [as docentes] Gostam de todos da mesma maneira e querem que todos tenham o mesmo objetivo: passar de ano, conseguir os melhores resultados, para no futuro conseguirmos aquilo que nós queremos! (...)
56. (...) a professora faz muitas piadas. (...) Para verem como é, e não é só de mim, é de todas as salas. A professora [nome] pôs uma música dedicada às nossas professoras e ontem, começaram a chorar, ontem à tarde! (...) Isto prova que nós gostamos mesmo muito das professoras e elas de nós. (...)

57. *[Acerca da natureza das relações afetivo-emocionais estabelecidas pelos alunos com os outros alunos participantes]* (...) Eu nunca tinha falado, por exemplo, com meninos da professora [nome]... (...) E agora somos grandes amigas! (...) Agora já falamos muito... (...)
58. (...) No 2.º ano eu não falava muito com o [nome] e agora somos amigos. (...) Agora, quase todos os dias brincamos juntos! (...)
59. (...) Não há muitos conflitos entre nós [alunos das três turmas], mesmo sendo de outros países ou isso, não. (...) Nós, como somos crianças, temos outra maneira de ver das pessoas. (...)
60. (...) Nós temos outro ponto de vista, porque nós somos crianças, ainda estamos a aprender e nós tentamos aceitar todos para conseguirmos evoluir nas amizades, e conseguir ter mais amigos e dar-nos melhor com os outros! (...)
61. (...) Agora damo-nos bem melhor [alunos]! (...)
62. (...) O [nome] antes não tinha tantos amigos e agora já é... quase toda a escola o conhece. (...)
63. (...) E o [nome] também já joga conosco à bola (...)
64. *[Acerca das mudanças na participação em atividades letivas dos pais e encarregados de educação]* (...) O meu pai e a minha mãe, antes, havia coisas e eles não participavam! Agora, às vezes o meu pai já pede lá no trabalho para deixarem ele e para vir participar comigo! (...)
65. (...) O meu pai quando foi o Jogo do 24, do outro dia, (...) ele quis vir comigo, para participar. Depois disse que a minha mãe, caso ele não conseguisse, porque não sabiam, ela também quis vir. Largou um bocadinho o seu trabalho para estar conosco. (...)
66. (...) É como o meu pai, o meu pai tem muito interesse, mas depois só tem um limite de 6 trocas por mês... Às vezes não vem, mas muitas vem... (...) Mais, vem mais! (...)
67. *[Acerca das mudanças na relação dos pais e encarregados de educação com as docentes]* (...) Antes a minha mãe só me vinha trazer à escola, só a minha mãe! Porque a minha mãe tinha mais tempo e depois passou a vir o meu pai e a minha mãe! Os dois! Porque eles gostam de, antes de ir para o trabalho,

de tirar umas dúvidas com as professoras, antes delas entrarem. (...) eles vão conversar com as professoras. (...)

68. (...) Ela [a mãe] às vezes vai falar com as professoras, e qualquer coisa e depois conta-me quando eu chego a casa. E não me diz nada de manhã, mas fala com as professoras, pergunta coisas e isso, com as três, e depois diz-me e eu fico a saber. (...)
69. [*Acerca das mudanças no acompanhamento dos pais e encarregados de educação no processo de ensino-aprendizagem*] (...) Bem mais! Porque antes era só a professora [nome], agora tenho as 3 professoras e os meus pais estão bem mais interessados (...)
70. (...) Porque nós temos outras professoras e então eles [pais] querem saber a maneira de ensinar dos outros, ficam mais interessados, para depois apanharem esse jeito e ensinarem-nos e nós vamos mais longe, como sempre! (...)
71. (...) E assim também temos mais tempo com os nossos pais, mesmo quando estamos a fazer os trabalhos de casa. Eles ajudam-nos porque já sabem como é que são as professoras e quando nos ajudam, estamos mais tempo com eles! (...)
72. (...) A minha mãe está mais à vontade porque ela já tinha que estar em cima de mim porque eu não percebi, mas agora como eu tenho mais professoras, ela não tem que explicar mais coisas, mas ajuda-me à mesma. (...)
73. (...) E também quando perguntam às professoras, de todas, ficam a saber na parte da matéria o que é que nós temos dificuldades e depois o que é que aconteceu, o que é que nós temos dificuldades, para depois eles nos ajudarem e ensinarem como elas ensinam, que é para não nos confundir. (...)
74. (...) têm de perguntar às três [professoras] para saberem como é que elas ensinam e explicar-nos melhor. (...)
75. [*Acerca do desenvolvimento transversal de Temas e Conteúdos*] (...) Acho que estão ligadas [as diferentes disciplinas]! (...)
76. (...) acho que há uma ligação [entre as diferentes disciplinas]. (...)

77. (...) Ah, sim! Houve um uma vez, que quando nós estávamos a dar o diminuindo e o... (...) crescendo. (...) E depois tinha os sinais de Matemática, misturaram um bocadinho... (...)
78. (...) Depois em Matemática, é o diagrama de caule e folhas... do Estudo do Meio. (...)
79. [*Acerca do desenvolvimento de atividades interdisciplinares*] (...) Às vezes no Estudo do Meio temos que fazer textos sobre aquilo que estamos a aprender. (...) Às vezes temos que falar um bocadinho, não é bem um texto, mas temos que escrever bastante sobre... como se fosse fazer um texto... informativo. E isso está misturado com o Português, que é os textos, e depois a parte do Estudo do Meio é que estamos a falar sobre as coisas de Estudo do Meio naquele texto. Isso mistura um bocado. (...)
80. [*Acerca de atitudes de colaboração/coesão entre a equipa docente*] (...) Elas [docentes] dizem que têm reuniões... (...) Às segundas vão para uma sala e que conversam... (...)
81. (...) E às terças, às terças também [se reúnem]! (...) Vão para a nossa sala e vão conversar sobre nós. Vai a professora [nome], que é a professora de Inglês, vai a professora [nome], vai a professora [nome], vai a professora [nome], a professora [nome], a professora [nome] ... (...)
82. (...) Vão todas as professoras... (...) E lá é a reunião (...) porque à segunda nós vamos fazer educação física lá para outro lado! (...)
83. (...) Conversam sobre nós [as docentes]! (...) Estão a perguntar o que é que têm mais dificuldades, a perguntar o que é que nós fizemos nas aulas, para depois nos ensinarem melhor, ou nos educarem, se for uma asneira, claro! (...)
84. (...) O Apoio ao Estudo também elas têm que dizer e têm que dizer o que é que nós temos mais dificuldades nessa matéria para poder explicar de uma maneira a um, a nós que nós também possamos aprender melhor. Fazer exercícios que nós temos mais dificuldade, para sabermos como fazer. (...)
85. (...) nas segundas há as reuniões e elas falam de tudo e depois, nos apoios aos estudos, ajudam-nos, ajudam-nos imenso! (...)
86. (...) Como nós dissemos, entram todas as professoras, das nossas disciplinas [nas reuniões] (...)

87. (...) os nossos professores mais... que têm mais ligação conosco, vão lá e fazem a reunião e conversam tudinho o que aconteceu na aula! (...)
88. (...) Às vezes sentimos assim: Uau! Elas são videntes! Ou, se calhar, falaram nisso nas reuniões (...)
89. (...) eu acho que elas [docentes] têm ligação porque, quando a professora [nome] precisa da professora [nome], ela chama: Néné [rindo]! Néné, vem cá [rindo]! (...) É carinhosa! E amiga! (...)
90. (...) Mostra que não têm conflitos, que se tratam bem [as docentes] (...)
91. (...) Bem, pode-se dizer que são grandes amigas [as docentes]! (...)
92. (...) Mesmo que se não fossem [amigas], depois quando nos tão a ver e têm que falar mais, conhecem-se mais, vêem que têm muito em comum (...) E depois fazem grandes amizades, não só como nós fazemos com elas e com os nossos colegas novos, como elas fazem conosco e com elas próprias! (...)
93. (...) Eu acho que elas [docentes] não são só amigas na escola! São amigas fora da escola! (...)
94. (...) Porque eu vejo elas na escola, quando tão a falar de nós, mas elas começam-se a rir e convivem muito, por isso acho que são grandes amigas as professoras! (...) E é muito bom serem boas amigas! (...)
95. [*Acerca da apreciação pessoal acerca do projeto de pluridocência*] (...) Eu achei que é muito bom, porque assim também nos estão a habituar, para o próximo ano vamos andar assim, a caminhar... Porque a partir do quinto vamos estar sempre assim, com estas professoras. (...)
96. (...) E também é bom porque convivemos mais, convivemos mais, conhecemos mais jeitos e habituamo-nos. Conseguimos aprender a respeitá-los melhor e assim também vai ser uma coisa muito importante para o resto da nossa vida. (...)
97. (...) Foi muito bom! (...) Sim, acho que foi bom! Acho que foi uma iniciativa boa! (...)
98. (...) Eu queria dizer que eu tenho a certeza que este foi o melhor ano que eu já tive até agora aqui nesta escola, porque foi muito mais engraçado do que os outros anos. (...)

99. (...) Eu achei muito bom, porque também uma professora para cada disciplina é muito melhor, porque uma professora para todas as disciplinas, além de nós nos atrapalharmos, também as professoras se atrapalham (...) Então, achei muito bom! (...)
100. (...) Eu só achei que as nossas professoras estão-nos a preparar para o quinto ano. (...) quando nós formos para o quinto ano nós não precisamos de estar assustados por termos várias professoras. (...)
101. (...) Eu quero as professoras todas! Eu prefiro muito mais assim! (...)
102. (...) aqui, agora, eu sinto-me (...) estou preparada para o ciclo! (...) Pronto, agora chego ao ciclo e está tudo feito! (...)
103. [*Acerca de sugestões de melhoria do projeto*] (...) As professoras ficam na sala delas e nós é que andávamos de sala em sala! Para nos habituar! (...)
104. (...) É isso mesmo [os alunos a trocar de sala]! (...) Mas é isso que eu queria que fosse! (...)
105. (...) Como é que tu adivinhaste que eu também queria [andar de sala em sala]? (...)
106. (...) Gostava que, para o ano, fosse um livro para cada [livro diferente para cada disciplina]. (...)
107. (...) Nós mudávamos de sala e também (...) cada professora também tinha o seu jeito de livro! (...)
108. (...) as professoras ficam na sala e nós vamos para lá! (...)
109. (...) eu gostava que as professoras ficassem na mesma sala e nós é que nos mudássemos, porque as professoras depois esquecem-se de muitas coisas, e depois perdem mais tempo (...)
110. (...) Nós mudamos de sala e assim cada sala tem os manuais e os cadernos de cada turma e de cada área (...)
111. (...) Não! Não quero que mude! Nada! Never! Never! Nada! (...)
112. (...) Está tudo bem, menos as salas! (...) Está tudo bem! (...) Mudar de professoras, nunca! Com as três professoras está ótimo! (...) Está ótimo! Está ótimo! (...)

ANEXO IXe

CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/A

CATEGORIZAÇÃO DA EFG1/A

1. REPRESENTAÇÕES ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.**1.1. MUDANÇAS SENTIDAS.****1.1.1. MUDANÇAS POSITIVAS.**

- (...) Mudei a minha aprendizagem (...) **(1)**
- (...) E gosto de aprender e elas também ensinam muito bem. (...) como elas [docentes] estão a fazer a área que mais gostam, ensinam-nos melhor e nós conseguimos percebê-las melhor (...) **(2)**
- (...) porque elas [docentes] como estão a fazer a área delas conseguem explicar melhor e envolver-nos melhor no que estão a ensinar (...) **(3)**
- (...) elas [docentes] estão a fazer o que gostam e explicam melhor assim (...) **(4)**
- (...) Eu melhorei bastante na Matemática! Eu antes tinha, não tinha más notas, mas tinha notas baixinhas e agora já subi as notas por ter uma professora só para aquela disciplina, que ela explica melhor. (...) **(5)**
- (...) As atividades são muito engraçadas. São totalmente diferentes, porque cada uma [docente] tem os seus gostos (...) **(6)**
- (...) como são professoras diferentes, dão-nos coisas totalmente diferentes, o que é mais divertido, porque estamos a experimentar coisas novas (...) **(7)**
- (...) a professora [nome] é muito boa a Matemática e, para já, consegue explicar da maneira correta, que dá para nós entendermos completamente (...) **(8)**
- (...) A professora [nome] tem um método de aprendizagem giro. (...) sempre que é para nós dividirmos, é sempre em comida! Kit-Kats! Sempre com chocolates! (...) E isso é muito bom!!! (...) **(9)**
- (...) E a de português explica melhor (...) **(10)**
- (...) Porque cada professora tem o seu método de ensino. (...) O método da professora [nome] é diferente do das outras, porque cada uma tem o seu, ninguém é igual! (...) **(11)**

- (...) porque cada uma [docente] dá a sua disciplina, não é a mistura de uma pessoa a dar todas, como alguns. (...) **(12)**
- (...) Assim conseguimos fazer mais atividades [com mais docentes]! (...) **(13)**
- (...) E também aprendemos melhor (...) porque elas estão a dar a sua própria matéria. (...) **(15)**
- (...) antigamente, a minha professora (...) dava totalmente diferente a área de estudo do meio e de português. Mudou completamente! (...) **(16)**
- (...) como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras. (...) **(17)**
- (...) Se fosse a mesma pessoa ficávamos confundidos porque estão a explicar da mesma maneira. (...) **(18)**
- (...) Como são pessoas diferentes, explicam-nos de outras maneiras e percebemos melhor! (...) **(19)**
- (...) Eu ao princípio misturava as décadas de estudo do meio com as décimas da matemática. Agora já não troco! Já percebi o que é de estudo do meio e o que é de matemática (...) **(20)**
- (...) Quando nós fomos ver o teatro da Fada Oriana, a professora pediu-nos para desenhar. Eu agora tenho muito melhores personagens do que desenhava antes. (...) como ela também está na sua área, ensina-nos melhor. E ela tem prazer! (...) **(21)**
- (...) O melhor que eu posso ver nas professoras é que nos estão a ensinar bem, claro, mas que têm prazer em nos ensinar! (...) **(22)**
- (...) Eu também desenho bem, também evolui nos desenhos. Antes os desenhos eram um risquinho, era o corpo, estava feito! Agora evolui muito mais nos desenhos (...) **(23)**
- (...) Sempre tive jeito para o desenho, mas evolui bastante! (...) Eu acho que evolui bastante (...) evolui bastante porque tenho uma professora só para aquela disciplina e não ter uma para todas (...) **(24)**
- (...) todas as professoras têm uma maneira diferente de te mostrar para (...) nós aprendermos... a matéria! (...) **(25)**

- (...) Eu achei que evolui, mas na porcentagem (...) era sempre à rasca do bom, mas agora já é mais para o 100%. (...) **(26)**
- (...) antigamente (...) não estava tão entusiasmada para passar de ano, porque era sempre a mesma coisa e andavam sempre a encalhar com a mesma matéria, a mesma forma de dar, e não era assim tão... motivador! (...) **(27)**
- (...) as próprias professoras acho que se sentem à vontade porque têm mais tempo para elas e isso também é importante para nós! (...) **(28)**

1.1.2. MUDANÇAS MENOS POSITIVAS

- (...) no início com o horário ficou dificultado (...) **(29)**
- (...) Porque tava habituado ao outro horário e também porque quando saía da escola ainda tinha atividades. (...) **(30)**

1.2. ADAPTAÇÃO À MUDANÇA.

1.2.1. REAÇÃO PERANTE A MUDANÇA.

- (...) mas depois ao fim do tempo foi passando e depois habituei-me [ao horário]. (...) **(31)**
- (...) Eu queria dizer que eu gostei bastante da mudança (...) **(32)**
- (...) eu gostei bem mais quando tivemos mais professoras, uma para cada disciplina, muito mais fixe (...) É mais fácil assim! (...) **(33)**
- (...) Foi muito fácil [a adaptação às docentes]! (...) **(34)**
- (...) Porque eu a professora [nome] já tinha conhecido (...) E gostei muito! (...) **(35)**
- (...) quando os meus pais me disseram, tipo: [nome], vais ter três professoras, eu fiquei... Que bom! (...) **(36)**
- (...) Chocada [ao saber do projeto]! (...) **(37)**
- (...) Fiquei muito maravilhada, porque eu queria... sempre sonhava em ter 3 professoras, uma para cada disciplina. Quando eu soube disto, eu fiquei muito feliz! (...) **(38)**
- (...) Eu, ao princípio, fiquei um bocadinho nervosa... (...) **(39)**

- (...) Sim, da minha turma toda a gente aceitou [a mudança]! (...) **(42)**
- (...) ao princípio eu não queria assim muito saber... Era a professora que chegava, era a que chegava e era a que tinha. (...) nas fichas de avaliação, aí já tinha que decorar a que horas é que tinha. Mas se não tivesse fichas de avaliação, era a que aparecesse! (...) **(43)**

1.2.2. DIFICULDADES SENTIDAS.

- (...) Tipo: 3 professoras, isto vai ser um bocado complicado ter tantas professoras e organizar os trabalhos. (...) Mas agora já me habituei e até não é assim tão difícil como pensava! (...) **(40)**
- (...) Eu também pensava assim... (...) Ai, eu estou habituada à minha professora, mas agora se elas forem totalmente diferentes e depois não me deixarem fazer as minhas coisas? Não se habituarem elas a mim e não ao contrário? O que é que eu vou fazer??? (...) **(41)**
- (...) [as docentes] São todas muito simpáticas! (...) **(51)**
- (...) Eu acho que os colegas gostam... o que eu vejo é que eles gostam, só que acho que alguns ainda não se sentem muito à vontade com as professoras todas. (...) **(54)**

1.2.3. FACILITADORES DA ADAPTAÇÃO.

- (...) também me habituei bem porque todas [as docentes] são muito simpáticas. (...) **(44)**
- (...) eu com a professora [nome] já tinha estado. Com professora [nome] pois era a minha professora titular. Com a professora [nome] habituei-me. Está! E gosto de todas! (...) **(45)**

2. AMBIENTE SOCIO-AFETIVO-EMOCIONAL VIVIDO.

2.1. NATUREZA DAS RELAÇÕES AFETIVO-EMOCIONAIS ESTABELECIDAS PELOS ALUNOS.

2.1.1. COM AS DIFERENTES DOCENTES.

- (...) Elas [docentes] respeitam todas as nossas opiniões e respeitam todos os nossos cuidados. (...) **(46)**
- (...) [as docentes] querem que nós consigamos ultrapassar todas as nossas dificuldades e chegar muito longe. (...) **(47)**
- (...) faz-nos algumas piadas e começa logo assim com... É muito divertida [a docente de português]! (...) **(48)**
- (...) A professora [nome] também, também brinca muito conosco! (...) A professora [nome] brinca muito conosco (...) **(49)**
- (...) E a professora [nome], às vezes estamos a meio de uma aula e dá-nos tempo para nós falarmos (...) Sim, para ouvir as nossas opiniões, ou seja, ela [docente] importa-se conosco! (...) Todas se importam (...) **(50)**
- (...) É boa [a relação com as docentes]! Sim! (...) **(52)**
- (...) agora sinto-me mais à vontade porque cada uma ensinou a matéria que gosta mais e sente-se mais à vontade conosco e nós também nos importamos com as nossas professoras. (...) **(53)**
- (...) [as docentes] Gostam de todos da mesma maneira e querem que todos tenham o mesmo objetivo: passar de ano, conseguir os melhores resultados, para no futuro conseguirmos aquilo que nós queremos! (...) **(55)**
- (...) Para verem como é, e não é só de mim, é de todas as salas. A professora [nome] pôs uma música dedicada às nossas professoras e ontem, começaram a chorar, ontem à tarde! (...) Isto prova que nós gostamos mesmo muito das professoras e elas de nós. (...) **(56)**
- (...) Mesmo que se não fossem [amigas], depois quando nos tão a ver e têm que falar mais, conhecem-se mais, vêem que têm muito em comum (...) E depois fazem grandes amizades, não só como nós fazemos com elas e com os nossos colegas novos, como elas fazem conosco e com elas próprias! (...) **(92)**

2.1.2. COM OS OUTROS ALUNOS PARTICIPANTES.

- (...) Eu nunca tinha falado, por exemplo, com meninos da professora [nome]... (...) E agora somos grandes amigas! (...) Agora já falamos muito... (...) **(57)**
- (...) No 2.º ano eu não falava muito com o [nome] e agora somos amigos. (...) Agora, quase todos os dias brincamos juntos! (...) **(58)**
- (...) Não há muitos conflitos entre nós [alunos das três turmas], mesmo sendo de outros países ou isso, não. (...) Nós, como somos crianças, temos outra maneira de ver das pessoas. (...) **(59)**
- (...) Nós temos outro ponto de vista, porque nós somos crianças, ainda estamos a aprender e nós tentamos aceitar todos para conseguirmos evoluir nas amizades, e conseguir ter mais amigos e dar-nos melhor com os outros! (...) **(60)**
- (...) Agora damo-nos bem melhor [alunos]! (...) **(61)**
- (...) O [nome] antes não tinha tantos amigos e agora já é... quase toda a escola o conhece. (...) **(62)**
- (...) E o [nome] também já joga conosco à bola (...) **(63)**

3. ENVOLVIMENTO DOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.

3.1. MUDANÇAS SENTIDAS PELOS ALUNOS.

3.1.1. NA PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES LETIVAS.

- (...) O meu pai e a minha mãe, antes, havia coisas e eles não participavam! Agora, às vezes o meu pai já pede lá no trabalho para deixarem ele e para vir participar comigo! (...) **(64)**
- (...) O meu pai quando foi o Jogo do 24, do outro dia, (...) ele quis vir comigo, para participar. Depois disse que a minha mãe, caso ele não conseguisse, porque não sabiam, ela também quis vir. Largou um bocadinho o seu trabalho para estar conosco. (...) **(65)**
- (...) É como o meu pai, o meu pai tem muito interesse, mas depois só tem um limite de 6 trocas por mês... Às vezes não vem, mas muitas vem... (...) Mais, vem mais! (...) **(66)**

3.1.2. NA RELAÇÃO COM AS DOCENTES.

- (...) Antes a minha mãe só me vinha trazer à escola, só a minha mãe! Porque a minha mãe tinha mais tempo e depois passou a vir o meu pai e a minha mãe! Os dois! Porque eles gostam de, antes de ir para o trabalho, de tirar umas dúvidas com as professoras, antes delas entrarem. (...) eles vão conversar com as professoras. (...) **(67)**
- (...) Ela [a mãe] às vezes vai falar com as professoras, e qualquer coisa e depois conta-me quando eu chego a casa. E não me diz nada de manhã, mas fala com as professoras, pergunta coisas e isso, com as três, e depois diz-me e eu fico a saber. (...) **(68)**

3.1.3. NO ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.

- (...) Bem mais! Porque antes era só a professora [nome], agora tenho as 3 professoras e os meus pais estão bem mais interessados (...) **(69)**
- (...) Porque nós temos outras professoras e então eles [pais] querem saber a maneira de ensinar dos outros, ficam mais interessados, para depois apanharem esse jeito e ensinarem-nos e nós vamos mais longe, como sempre! (...) **(70)**
- (...) E assim também temos mais tempo com os nossos pais, mesmo quando estamos a fazer os trabalhos de casa. Eles ajudam-nos porque já sabem como é que são as professoras e quando nos ajudam, estamos mais tempo com eles! (...) **(71)**
- (...) A minha mãe está mais à vontade porque ela já tinha que estar em cima de mim porque eu não percebi, mas agora como eu tenho mais professoras, ela não tem que explicar mais coisas, mas ajuda-me à mesma. (...) **(72)**
- (...) E também quando perguntam às professoras, de todas, ficam a saber na parte da matéria o que é que nós temos dificuldades e depois o que é que aconteceu, o que é que nós temos dificuldades, para depois

eles nos ajudarem e ensinarem como elas ensinam, que é para não nos confundir. (...) **(73)**

- (...) têm de perguntar às três [professoras] para saberem como é que elas ensinam e explicar-nos melhor. (...) **(74)**

4. NATUREZA GLOBALIZANTE DAS APRENDIZAGENS.

4.1. DESENVOLVIMENTO TRANSVERSAL DO CURRÍCULO.

4.1.1. TEMAS E CONTEÚDOS TRANSVERSAIS.

- (...) Acho que estão ligadas [as diferentes disciplinas]! (...) **(75)**
- (...) acho que há uma ligação [entre as diferentes disciplinas]. (...) **(76)**
- (...) Ah, sim! Houve um uma vez, que quando nós estávamos a dar o diminuindo e o... (...) crescendo. (...) E depois tinha os sinais de Matemática, misturaram um bocadinho... (...) **(77)**
- (...) Depois em Matemática, é o diagrama de caule e folhas... do Estudo do Meio. (...) **(78)**

4.1.2. ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES.

- (...) Às vezes no Estudo do Meio temos que fazer textos sobre aquilo que estamos a aprender. (...) Às vezes temos que falar um bocadinho, não é bem um texto, mas temos que escrever bastante sobre... como se fosse fazer um texto... informativo. E isso está misturado com o Português, que é os textos, e depois a parte do Estudo do Meio é que estamos a falar sobre as coisas de Estudo do Meio naquele texto. Isso mistura um bocado. (...) **(79)**
- (...) O Apoio ao Estudo também elas têm que dizer e têm que dizer o que é que nós temos mais dificuldades nessa matéria para poder explicar de uma maneira a um, a nós que nós também possamos aprender melhor. Fazer exercícios que nós temos mais dificuldade, para sabermos como fazer. (...) **(84)**

4.1.3. ATITUDES DE COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES.

- (...) Elas [docentes] dizem que têm reuniões... (...) Às segundas vão para uma sala e que conversam... (...) **(80)**
- (...) E às terças, às terças também [se reúnem]! (...) Vão para a nossa sala e vão conversar sobre nós. Vai a professora [nome], que é a professora de Inglês, vai a professora [nome], vai a professora [nome], vai a professora [nome], a professora [nome], a professora [nome] ... (...) **(81)**
- (...) Vão todas as professoras... (...) E lá é a reunião (...) porque à segunda nós vamos fazer educação física lá para outro lado! (...) **(82)**
- (...) Conversam sobre nós [as docentes]! (...) Estão a perguntar o que é que têm mais dificuldades, a perguntar o que é que nós fizemos nas aulas, para depois nos ensinarem melhor, ou nos educarem, se for uma asneira, claro! (...) **(83)**
- (...) nas segundas há as reuniões e elas falam de tudo e depois, nos apoios aos estudos, ajudam-nos, ajudam-nos imenso! (...) **(85)**
- (...) Como nós dissemos, entram todas as professoras, das nossas disciplinas [nas reuniões] (...) **(86)**
- (...) os nossos professores mais... que têm mais ligação conosco, vão lá e fazem a reunião e conversam tudinho o que aconteceu na aula! (...) **(87)**
- (...) Às vezes sentimos assim: Uau! Elas são videntes! Ou, se calhar, falaram nisso nas reuniões (...) **(88)**
- (...) eu acho que elas [docentes] têm ligação porque, quando a professora [nome] precisa da professora [nome], ela chama: Néné [rindo]! Néné, vem cá [rindo]! (...) É carinhosa! E amiga! (...) **(89)**
- (...) Mostra que não têm conflitos, que se tratam bem [as docentes] (...) **(90)**
- (...) Bem, pode-se dizer que são grandes amigas [as docentes]! (...) **(91)**
- (...) Eu acho que elas [docentes] não são só amigas na escola! São amigas fora da escola! (...) **(93)**

- (...) Porque eu vejo elas na escola, quando tã a falar de nós, mas elas começam-se a rir e convivem muito, por isso acho que são grandes amigas as professoras! (...) E é muito bom serem boas amigas! (...) **(94)**

5. APRECIÇÃO GLOBAL DO PROJETO “PROFESSOR NO PLURAL”.

5.1. OPINIÃO PESSOAL.

- (...) Ficamos mais preparados para o 5.º ano [com mais docentes]! (...) **(14)**
- (...) Eu achei que é muito bom, porque assim também nos estão a habituar, para o próximo ano vamos andar assim, a caminhar... Porque a partir do quinto vamos estar sempre assim, com estas professoras. (...) **(95)**
- (...) E também é bom porque convivemos mais, convivemos mais, conhecemos mais jeitos e habituamo-nos. Conseguimos aprender a respeitá-los melhor e assim também vai ser uma coisa muito importante para o resto da nossa vida. (...) **(96)**
- (...) Foi muito bom! (...) Sim, acho que foi bom! Acho que foi uma iniciativa boa! (...) **(97)**
- (...) Eu queria dizer que eu tenho a certeza que este foi o melhor ano que eu já tive até agora aqui nesta escola, porque foi muito mais engraçado do que os outros anos. (...) **(98)**
- (...) Eu achei muito bom, porque também uma professora para cada disciplina é muito melhor, porque uma professora para todas as disciplinas, além de nós nos atrapalharmos, também as professoras se atrapalham (...) Então, achei muito bom! (...) **(99)**
- (...) Eu só achei que as nossas professoras estão-nos a preparar para o quinto ano. (...) quando nós formos para o quinto ano nós não precisamos de estar assustados por termos várias professoras. (...) **(100)**
- (...) Eu quero as professoras todas! Eu prefiro muito mais assim! (...) **(101)**
- (...) aqui, agora, eu sinto-me (...) estou preparada para o ciclo! (...) Pronto, agora chego ao ciclo e está tudo feito! (...) **(102)**

5.2. ASPETOS A MELHORAR NO PRÓXIMO ANO LETIVO.

5.2.1. SUGESTÕES DE MELHORIA.

- (...) As professoras ficam na sala delas e nós é que andávamos de sala em sala! Para nos habituar! (...) **(103)**
- (...) É isso mesmo [os alunos a trocar de sala]! (...) Mas é isso que eu queria que fosse! (...) **(104)**
- (...) Como é que tu adivinhaste que eu também queria [andar de sala em sala]? (...) **(105)**
- (...) Gostava que, para o ano, fosse um livro para cada [livro diferente para cada disciplina]. (...) **(106)**
- (...) Nós mudávamos de sala e também (...) cada professora também tinha o seu jeito de livro! (...) **(107)**
- (...) as professoras ficam na sala e nós vamos para lá! (...) **(108)**
- (...) eu gostava que as professoras ficassem na mesma sala e nós é que nos mudássemos, porque as professoras depois esquecem-se de muitas coisas, e depois perdem mais tempo (...) **(109)**
- (...) Nós mudamos de sala e assim cada sala tem os manuais e os cadernos de cada turma e de cada área (...) **(110)**
- (...) Não! Não quero que mude! Nada! Never! Never! Nada! (...) **(111)**
- (...) Está tudo bem, menos as salas! (...) Está tudo bem! (...) Mudar de professoras, nunca! Com as três professoras está ótimo! (...) Está ótimo! Está ótimo! (...) **(112)**

ANEXO IXf

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/A

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DA EFG1/A

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Representações acerca do projeto investigativo.	1.1. Mudanças sentidas.	1.1.1. Mudanças positivas
		1.1.2. Mudanças menos positivas
	1.2. Adaptação à mudança.	1.2.1. Reação perante a mudança
		1.2.2. Facilitadores da adaptação
2. Ambiente socio-afetivo-emocional vivido.	2.1. Natureza das relações afetivo-emocionais estabelecidas pelos alunos.	2.1.1. Com as diferentes docentes
		2.1.2. Com os outros alunos participantes
3. Envolvimento dos pais e encarregados de educação.	3.1. Mudanças sentidas pelos alunos.	3.1.1. Na participação em atividades letivas
		3.1.2. Na relação com as docentes
		3.1.3. No acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos
4. Natureza globalizante das aprendizagens.	4.1. Desenvolvimento transversal do Currículo.	4.1.1. Temas e conteúdos transversais
		4.1.2. Atividades interdisciplinares
		4.1.3. Atitudes de colaboração/coesão entre a equipa docente
5. Apreciação global do Projeto “Professor no Plural”.	5.1. Opinião pessoal.	5.1.1. Apreciação pessoal
	5.2. Aspetos a melhorar no próximo ano letivo.	5.2.1. Sugestões de melhoria

ANEXO X

**PRIMEIRA ENTREVISTA *FOCUS GROUP* COM À EQUIPA EDUCATIVA
(EFG1/EE)**

ANEXO Xa

GUIÃO DA ENTREVISTA EFG1/EE

Guião da 1.^a Entrevista *Focus Group* à Equipa Educativa

Tema: Representações das Docentes da Equipa Educativa envolvida no projeto de investigação-ação participativa acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural” e do trabalho em equipa, ao longo do 1.º ano letivo de implementação.

Objetivos gerais:

- Analisar e refletir acerca da natureza do trabalho cooperativo/colaborativo desenvolvido pela Equipa Educativa e suas repercussões na prática letiva docente.
- Conhecer a natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelas Docentes, ao longo do ano letivo, e refletir sobre o seu impacto na prática letiva conduzida.
- Conhecer as representações das Docentes acerca do desenvolvimento do projeto investigativo, ao longo do 1.º ano letivo de implementação.
- Analisar e refletir acerca de aspetos a melhorar/alterar na organização do projeto investigativo, no próximo ano letivo.

Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Observação
A ■ Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas	► Legitimar a entrevista e motivar as entrevistadas.	• Informar as entrevistadas acerca da finalidade da entrevista; • Solicitar os seus contributos indispensáveis à realização e desenvolvimento do trabalho de investigação; • Garantir-lhes todo o apoio possível, numa base de	Tempo médio: 2 a 5 minutos

		cooperação, no decorrer da entrevista; • Solicitar autorização para gravar a entrevista.	
B ■ Natureza do trabalho cooperativo/colaborativo desenvolvido pela Equipa Educativa.	► Analisar a natureza do trabalho cooperativo/colaborativo desenvolvido pela Equipa Educativa. ► Refletir acerca das repercussões do trabalho desenvolvido em	• Inquirir as entrevistadas acerca da organização e desenvolvimento do trabalho em equipa pedagógica, ao longo do 1.º ano da investigação, em termos de: - Planificação concertada da ação educativa; - Desenvolvimento do currículo, atendendo à natureza interdisciplinar e globalizante das aprendizagens no 1.º CEB; - Análise e reflexão conjunta acerca da prática letiva conduzida; - Análise e reflexão em grupo sobre os desempenhos/resultados dos alunos; - Delineação partilhada de estratégias de melhoria da ação educativa; - Gestão da relação do grupo docente com os alunos; - Gestão da relação do grupo docente com os encarregados de educação; • Refletir, com base na experiência vivida pelas	Tempo médio: 15 a 20 minutos

	equipa pedagógica na prática letiva docente.	entrevistadas e nas suas opiniões, as repercussões do trabalho desenvolvido em equipa pedagógica nas suas práticas letivas.	
C ■ Natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelas Docentes.	► Conhecer a natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelas Docentes, ao longo do ano letivo. ► Refletir acerca das repercussões do ambiente relacional vivido pela equipa educativa na prática letiva docente.	● Inquirir as entrevistadas acerca da natureza das relações que se estabeleceram entre todos os elementos da equipa educativa responsável pelo desenvolvimento da ação educativa nas 3 turmas envolvidas no projeto investigativo, explorando: - constrangimentos sentidos; - estratégias de superação dos constrangimentos; - ambiente socio-afetivo-emocional construído/vivido; - emoções sentidas. ● Refletir, com base na experiência vivida pelas entrevistadas e nas suas opiniões, as repercussões do ambiente relacional vivido pela equipa pedagógica nas suas práticas letivas.	Tempo médio: 15 a 20 minutos
D ■ Representações das Docentes acerca do desenvolvimento	► Conhecer as representações das Docentes acerca do desenvolvimento do projeto investigativo, ao	● Inquirir as entrevistadas sobre as suas opiniões acerca do desenvolvimento do projeto investigativo, ao longo do 1.º ano letivo, a nível de:	Tempo médio: 10 a 15 minutos

do projeto investigativo.	longo do 1.º ano letivo.	- pontos fortes; - aspetos menos positivos;	
E ■ Aspetos a melhorar/alterar na organização do projeto investigativo.	► Analisar e refletir acerca de aspetos a melhorar/alterar na organização do projeto investigativo, no próximo ano letivo.	• Analisar e refletir sobre aspetos a melhorar na organização do projeto investigativo de pluridocência, para o 2.º ano de desenvolvimento do estudo, com base na experiência vivida pelas docentes da equipa educativa, ao longo do presente ano letivo, e nas suas representações pessoais e profissionais.	Tempo médio: 10 a 15 minutos

ANEXO Xb

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/EE

TRANSCRIÇÃO DA EFG1/EE

Or: Uma vez que o 1.º Ciclo do Ensino Básico, no qual estamos a intervir, tem como tradição a monodocência, que propicia a que o vosso trabalho não se realize em equipa, gostaria de saber, em primeiro lugar, qual a estratégia de organização adotada pela vossa equipa educativa para a planificação da ação educativa desenvolver nestas três turmas?

D3: Em primeiro lugar tínhamos as nossas reuniões semanais, onde estávamos presentes sempre as titulares de cada turma, a professora de Inglês, a professora de Expressões e as professoras da educação especial, nem em todas, mas nalgumas, assim como a professora Goreti. Nessas reuniões o que é que nós fazíamos?

D1: Dávamos a conhecer o que é que ia ser trabalhado, nas diversas áreas, se houvesse possibilidade de trabalhar em interdisciplinaridade melhor ainda. Nem sempre, a nível da planificação que é feita para a escola, para todas as turmas, nem sempre é possível conciliar, mas sempre que foi possível tentámos fazer isso.

Or: Articular...

D1: Articular os vários conteúdos das diversas áreas.

Or: Vocês acham que termos organizado o projeto de forma a termos esses encontros semanais foi benéfico a esse nível, para a planificação?

D1: Foi. É assim, no meu caso, como temos agora esta experiência nova, mas temos muitos anos de monodocência. Sempre tentámos por em prática a interdisciplinaridade, mas às vezes não é possível, porque naquele mês ou naquela semana temos que abordar determinado conteúdo que não pode ser transversal a outro. É na oralidade, é em assuntos do quotidiano deles, mas em especificidade, muitas vezes não é. Eu posso estar a trabalhar um conteúdo da Matemática muito específico, que não pode ser alargado ao Inglês ou ao Estudo do Meio... Ao

Português, pois como é transversal, está sempre incluído. Ou à Música... Nem sempre deu, mas todas as vezes que houve possibilidade fizemo-lo. Mas há constrangimentos, quer no regime em que estivemos agora, quer como monodocente, porque os programas assim o exigem. Nem sempre se consegue os cem por cento da interdisciplinaridade. Nem num regime nem noutro. É assim, essa é a minha opinião, mas penso que, enquanto primeiro ano de implementação, que foi tudo novidade para nós, acho que conseguimos bons resultados. E de facto trabalhámos em equipa.

Or: E em relação ao desenvolvimento do currículo? Já falaram na interdisciplinaridade... Conseguiram sempre estar ao corrente daquilo que se estava a desenvolver, da forma como se estava a desenvolver e dos resultados que estavam a ter nas outras disciplinas?

D1: Sim.

D3: Sim. O início da reunião era sempre o balanço da semana que passou. Nós reunimos à segunda, o balanço da semana anterior, o que é que se conseguiu trabalhar, o que é que não conseguimos fazer, quais os alunos que tiveram mais dificuldades...

D1: Os conteúdos em que eles tiveram essas dificuldades...

D3: Exatamente. A melhor maneira de contornar, porque por exemplo se falarmos da turma C a Professora Mónica conhece melhor, porque é a titular da turma... E entre nós refletirmos e se calhar é melhor fazermos assim, com as estratégias que funcionassem melhor com o aluno A ou com o aluno B... Em troca de ideias e, daí, para essa semana seguinte já podermos implementar essas estratégias.

Or: Para vocês, nomeadamente, a professora de Música e a professora de Inglês, que estão um pouco mais afastadas das turmas, que não conhecem tão bem os alunos como as titulares de turma, foram importantes estes momentos de reflexão? Tiveram algum impacto naquilo que vocês

desenvolveram na sala de aula com os miúdos? O conhecimento e partilha de estratégias?

D4: Teve, porque assim sabíamos que estávamos todas a trabalhar no mesmo sentido e que as coisas batiam certo quer fosse em Estudo do Meio, em Português, em Matemática, em Inglês, em Música, porque sabíamos que estávamos todas a fazer da mesma forma para eles puderem atingir os melhores resultados possíveis.

D6: E acho que a diferença de ideias, todos somos diferentes, todos temos ideias diferentes, a partilha de experiências é muito importante. E como estava a dizer a Tânia, o estarmos constantemente a partilhar e a falar, não é, o dizer, se calhar, tenho esta matéria, se calhar eu dava assim, mas se calhar tenho outra estratégia para dar... E essa troca de ideias e experiências é muito importante.

Or: Então a organização do trabalho que vocês desenvolveram em equipa teve alguma repercussão na vossa prática? Na forma como aplicaram os programas? Teve impacto na vossa prática?

D2: Sem dúvida que teve impacto- Acho que aí não há qualquer dúvida.

Or: A que nível?

D2: Olha, a vários níveis. Há uma coisa que foi comum e que eu senti. Quando falava de um aluno, e que as minhas colegas eram titulares, cada uma delas titular da turma, nós sentíamos assim um certo receio inicial de como é que eu vou abordar este assunto, e depois chegávamos à conclusão de que aquilo que eu tinha dito até era coincidente com o pensamento delas. Podia até não ser, mas efetivamente as coisas conduziam nesse sentido. Portanto, essa também foi uma surpresa para mim. Inicialmente nós tivemos, eu falo por mim, tive algum constrangimento em ir abordar assuntos de determinadas turmas, referir determinados miúdos, porque eu não sabia qual era a visão que as colegas tinham de cada um em particular. Nomeadamente, principalmente a nossa grande preocupação era relativamente aos meninos que não conseguiam acompanhar por algum motivo e aqueles que tinham mais dificuldades, não é? Pronto. E nesse

sentido acabámos por sentir que realmente eles eram iguais, ou seja, faziam as mesmas coisas. A nossa avaliação que cada uma fazia dos miúdos era coincidente, não era díspar, não era diferente. E assim também era muito mais fácil, não havia aqui opiniões contrárias. Outra estratégia que adotámos também era... houve uma situação em que nós como também não conhecíamos uma determinada turma, e eu agora estou a falar entre a turma F e a turma D, a titular da turma F e a da turma D em relação à turma C. Houve uma situação em que nós entendemos por bem que havia uma menina que não estava bem naquele lugar e a colega disse “é assim, podemos tentar, eu já o fiz e não resultou”. Mas mesmo assim ela fez aquilo que nós tínhamos dito, que era mudar a criança de um sítio para o outro e, efetivamente não resultou, mas tentou-se e ela cedeu nesse sentido, apesar dela já saber que a coisa não funcionava, ela cedeu e nós, novamente concluímos que ela realmente tinha razão. Não resultou e voltámos a fazer a coisa diferente. Não sei se alguém tem mais alguma coisa a acrescentar...

D6: É isso que é o próprio trabalho de equipa. É concertar entre todas o que se tem que fazer, não é? E sendo um trabalho de equipa e um projeto, é por tentativas. Ele tem que ser avaliado ao longo do tempo, por isso tem que ser tudo pensado para verificar se resulta se não resulta, não é?

D1: O engraçado é que eu já sabia que não ia resultar [rindo], porque no primeiro e no segundo ano eu já tinha tentado de tudo... Vários sítios onde situar a menina na sala de aula, com diferentes colegas de mesa... Eu já sabia que ela tinha que estar em determinado sítio! Mas de qualquer das maneiras não fui contra tentarmos novamente.

D2: Mas podias ter uma atitude, “eh pá, já tentei tudo, não vamos por aí!” Mas não...

D1: Eu quis, fui aberta e disse “sim senhora eu vou pô-la onde vocês dizem e vamos ver, vamos dar um tempo”...

D3: Não foi preciso muito tempo!

D2: E é esta abertura que eu acho que qualquer uma de nós teve, não é? E é fundamental para trabalhar em equipa, caso contrário...

D6: Eu não sei se é possível fazer comparações, mas comparando, já que eu tenho várias outras turmas aqui na escola, comparando com outras turmas eu sinto muito essa diferença. Porque aqui, nesta equipa, dá para sugerirmos, dá para propormos para ser feito, enquanto algumas não. O problema da monodocência às vezes também é esse. É que cada um dos colegas está habituado a trabalhar só para si e vive na sua redoma. Aquela turma é minha, eu conheço, eu sei o que é que vou fazer, e quem chega de novo sente-se assim um bocadinho, quase, mas o que é que eu estou aqui a fazer, não é? Porque nem todos os colegas conseguem aceitar alguém que vem de fora e conseguem trabalhar em equipa e conseguem ver outras ideias e outras formas de estar e de trabalhar. E eu senti que com os colegas que aqui estão que isso não aconteceu. Sempre tive abertura suficiente para falar convosco, para trabalhar convosco e vocês sempre estiveram em articulação comigo e eu acho que também convosco. Por isso, o trabalho de equipa, e acho que a não monodocência funciona mesmo por isto, porque ajuda-nos a ter uma perspetiva no global, não é? Mais abrangente e não uma perspetiva só individual, eu às vezes até digo que é muito egocentrista, só metido para si. Não, tem que ser virado para todos, para o todo. E o todo somos nós e são os miúdos todos, independentemente de ser da turma, A, B, C, D ou F, não é?

D3: Pegando no que tu dizes, nós sentimos precisamente ao lançar as notas, na avaliação, sentimos isso mesmo. Se calhar se eu fosse avaliar só a minha turma, o aluno x e y tinha uma determinada nota, mas em comparação com a turma C e a turma D, se calhar posso ajustar porque, afinal de contas, tenho termo de comparação. Não é só dentro do grupo turma, mas dentro das turmas, neste caso três, se fossem mais, se calhar, ainda dava para mais, não é? E parece-me que desta forma acabamos por ser mais justas.

D1: Mais justas! Eu senti isso.

D2: Mais justas! Também senti isso.

D6: Até que por mais que haja uniformização de critérios, não é, somos diferentes, cada uma diferente e é tudo muito coletivo, não é?

Or: Em termos da avaliação dos alunos vocês também articularam, também cruzaram informação, também reuniram para isso? Foi mais fácil avaliar os miúdos em equipa?

D2: Para mim foi!

D3: Sobretudo aqueles miúdos que não conseguiram atingir tão facilmente aquilo que era abordado, foi mais fácil entre nós conseguirmos aferir a nota adequada, a avaliação adequada porque, sim senhor, notámos diferença numa determinada área mas entretanto compensou noutra e deu para nós podermos ser mais justas.

Or: Conseguiram, ainda assim, fazer uma globalização das aprendizagens enquanto equipa, com esse cruzamento de informação. Uma avaliação globalizante das capacidades que os alunos desenvolveram?

D2: Sim.

D3: Exatamente! O mais correta possível, uma vez que não era só dentro do grupo, mas sim dentro de vários grupos. Foi mais assertiva, mais justa.

D2: Justa.

Or: E aqui as colegas da Educação Especial, como é que conseguiram entrar neste “jogo” de equipa, nesta partilha? Contem a vossa experiência.

D8: Então, eu posso falar por mim, eu estava a trabalhar com a turma D e com a turma C, tenho alunos com Currículo Específico Individual, tenho quatro alunos, três com Currículo Específico Individual e um com outras medidas menos restritivas. Achei importante logo no início juntar-me com as colegas, naquela sessão da segunda-feira, para dar a conhecer o perfil de funcionalidade daqueles alunos que as colegas não conheciam. Conheciam de vista, porque é aqui o bloco, as colegas conheciam já os alunos, mas dar mais informação sobre eles, também

à professora de Inglês sobre certas características dos alunos. Achei muito importante definirmos como é que íamos trabalhar.

Or: Essa definição também foi em conjunto pela equipa?

D8: Sim, sim, sim, sim! Se havíamos de ter um dossier com materiais para eles. Depois eu não achei e acho que as colegas também não acharam tanta necessidade de me juntar todas as segundas-feiras porque todos os dias eu estava numa das salas, eu estava sempre com elas. Como venho à sala trabalhar com os meninos, falava com elas, definia estratégias, materiais, partilhávamos materiais... E foi assim que o trabalho foi feito.

Or: Nesse caso foi mais um acompanhamento dia-a-dia?

D8: Sim, sim! Dia-a-dia.

Or: Até porque as características dos alunos assim o justificam, não é? E em relação a ti Anabela, como é que te articulaste?

D9: Pois eu continuei com a monodocência da turma Tânia. Eu fui mais como os alunos, estava na turma e tinha três professoras, ou quatro ou cinco [rindo]. Eu sou sincera, no início, com os alunos que têm perturbação do espectro do autismo, fiquei um bocadinho... [pausa] apreensiva. Não vou dizer os nomes, mas especialmente com um dos alunos, até porque ele já tem uma relação estável e estabilizada e boa com a docente da turma, a titular, e pensei que poderia haver ali alguma reação, fosse ela de que tipo fosse, positiva ou negativa, que pudesse alterar ali algum comportamento. E com o decorrer do projeto, eu própria que também estou habituada noutros sítios a passar de disciplina para disciplina, de professor para professor, mas realmente aqui nunca vi nem estava habituada a isso, mas talvez também eu fui-me habituando, tal e qual como os alunos. Mas acabei por considerar que para eles, e principalmente para esse tipo de alunos, com essa problemática, vou um bocadinho no seguimento daquilo que diz a Goreti, só por ser a pluridocência, sermos vários agentes de ensino, as estratégias são logo diversificadas, mesmo que seja a mesma estratégia, mas nós damos sempre um

cunho pessoal, nem que seja na forma de comunicar, temos coisas que são próprias. Achei que isso, para eles, acabou por enriquecer também aquela parte das interações sociais e dos relacionamentos que a criança problemática traz muito ao de cima. E foi, como é que eu digo, uma boa experiência, uma boa..., um bom desafio até para ver como é que os alunos poderiam reagir, porque eles vão ter que reagir e vão ter que confrontar-se em ciclos mais avançados. Eu estou a falar, já agora, de alunos com o espectro do autismo mas com o currículo que segue o currículo normal, também tinha lá um Currículo Específico Individual, mas estou a falar mais nesse tipo de alunos, que sei que vão seguir o percurso no currículo normal no futuro e que vão ser confrontados com isso. Achei que realmente nesta idade em que eles estão, se calhar até foi muito bom. Aquilo que eu teria medo, que me deixou apreensiva, até acabei por achar que foi frutífero para eles.

Or: O resultado foi positivo, então?

D9: É verdade! Porque cada uma tinha estratégias realmente diferentes e a forma de comunicar e a forma de se completarem e a forma de reagirem... E isso para eles acho que foi, foi bom. Comportar-se com vários elementos no mesmo espaço da aula...

D1: Eu por acaso em relação a estes miúdos desta turma, no caso do aluno que tem Currículo Específico Individual, que nós ouvíamos falar muito mal dele em termos de comportamento nos anos anteriores, e trata-se de um aluno que já anda cá há vários anos, não é, porque já é mais velho, e de facto, apesar de nos dar algum trabalho em termos do cumprimento de regras, eu acho que, tenho a perceção que não foi tão mau, tão mau como aquilo que eu pensava, daquilo que eu ouvia da docente titular anterior. Não sei se teve influência se calhar ter vários professores, eu penso que sim. Eu penso que sim, porque à nossa maneira nós íamos domando e... e... e íamos inculcando certas regras e ele acho que não passava dos limites. Uma ou outra vez sim! Mas aí também tivemos nós que impor a nossa autoridade e acabar com isso...

D8: Foi importante porque, desculpa interromper, porque apesar das estratégias serem diversificadas havia coisas que eram iguais... a disciplina, as regras...

D1: Exatamente!

D8: E eles sabiam que passando de uma professora para a outra as coisas mudavam, mas havia coisas que se mantinham...

D1: Só para terminar... Eu, mesmo enquanto monodocente, não é, estar um dia inteiro com aquele tipo de aluno, mesmo a minha reação é diferente... Uma pessoa fica cansada sempre o mesmo tipo de comportamento, acaba por se calhar ter uma reação às vezes desajustada, e assim, naqueles bocadinhos, uma hora, uma hora e meia no máximo, que estamos com eles, vamos mudando de alunos. Portanto, com aquele aluno eu adoto aquela estratégia e até ao final do dia vou passar para outros. Portanto, eu não fico saturada daquele tipo de comportamento e quando vou para a outra turma já vou mais leve, já vai ser diferente, não é? Penso que isso a nível do comportamento e se calhar estou a derviar-me um bocadinho agora do assunto que tinhas colocado.

D6: Com os alunos é exatamente o mesmo.

D1: E acho que para eles também é o mesmo.

D8: Este tipo de aluno com comportamento desafiante, oposição à autoridade... Quer dizer, estás ali um bocadinho e depois ele sabe “esta professora vai e depois vem outra”, ele também não satura.

D1: Volta ao início, não continua naquele rol, naquele ciclo vicioso de estar a provocar, de estar a interromper, de estar a querer ser engraçadinho...

D6: Desde que haja critérios uniformes entre toda a equipa a nível do comportamento e isso verifica-se muito no quinto ano e acho que este projeto no primeiro ciclo é muito importante por causa disso. Se nós verificarmos e, na maioria das escolas a nível nacional, o ano em que há mais insucesso e mais problemas de comportamento é precisamente o quinto ano. Porquê? Os alunos vêm da monodocência e estão habituados a ter, no primeiro ciclo, a professora titular que é o pilar, está ali, na maior parte das vezes os quatro anos com eles, não é? Quando eles chegam ao quinto ano, também é verdade que há mudança de escola, há

mudança de idade, mas eles chegam e encontram um conjunto de pessoas completamente diferentes, com maneiras de ser completamente diferentes, e a primeira reação que têm é logo tentar medir forças. Logo. E então aí se não houver um trabalho bom entre toda a equipa, com critérios bem uniformes para que se consiga travar este tipo de comportamento, aquilo não funciona. Por isso é que temos muitos alunos que têm aqui quatro e cinco e depois chegam ao quinto ano e chegam mesmo a ter dois. Não tem que ver com o que muitas vezes se diz, porque o professor do primeiro ciclo não tem nada a ver com isso, eu chego muitas vezes a dizer que aos colegas deviam passar pelo primeiro ciclo para verificar isso, tem a ver sim com um conjunto de, de, de situações que leva precisamente a isso. E este projeto acho que é muito importante para evitar que isso aconteça, porque acontece inclusivamente numa idade mais nova, em que os miúdos conseguem incutir ainda muito mais facilmente as regras do que no quinto ano, e vão-se habituando. E quando chegarem, eu tenho quase a certeza absoluta que estas três turmas quando chegarem ao quinto ano, já não vão medir forças com nenhum dos professores e conseguem precisamente saber estar...

D3: Porque já o fizeram! Já o fizeram conosco. No início determinados alunos iam esticando até, até ver. Agora vem a professora de matemática, deixa lá ver se eu posso por o pé mais à frente ou mais atrás. E até as nossas reuniões de articulação serviam também para isso. “Não deixes porque ele está a experimentar ou, sei lá, pede-lhe a caderneta e põe em cima da tua secretária que ele fica logo...” Pronto, este tipo de atitude que funciona com determinados alunos e que com outros não, funciona outra coisa. Mas este tipo de partilha mesmo entre nós, e é isso que tu dizes, eles chegam ao quinto ano, estes já fizeram um bocadinho este ano, no início: “deixa lá ver se com esta professora eu consigo ir um bocadinho mais ali à frente”. E nós, como não os conhecemos tão bem, também levamos ali a testar, e aconteceu conosco, este ano, no início, numa primeira fase.

D6: Eles tentam sempre, eles tentam sempre...

Or: Se calhar estes tentam duma maneira mais ingénua, mais fácil de ultrapassar...

D6: É a idade, a idade é diferente...

D9: A maturidade é outra, pois...

Or: Os desafios que eles vos colocaram aqui, esses desafios, a medição de força, não têm a mesma amplitude do que quando eles já têm dez anos ou onze...

D3: E com estes alunos se calhar não se vai verificar porque eles já viram que não vale a pena.

D6: E não têm as mesmas consequências, não é? E não têm as mesmas consequências. Estão numa escola completamente diferente, estão em idades completamente diferentes e em termos de regulamento interno e de regras, também têm procedimentos completamente diferentes, não é? Aqui um aluno se se portar mal não está constantemente na rua ou num gabinete de disciplina, não é?

D1: As nossas medidas é mais para tentá-lo dissuadir, para não continuar a fazer, de repreensão... É mais de pedagogia, não é tão punitiva!

D6: É... e obviamente pegando nos critérios de avaliação, nos vinte por cento das atitudes e valores, automaticamente um aluno, se não conseguir ter um bom comportamento, tentar andar constantemente a medir as forças, o sucesso escolar vai logo por aí a baixo, não é? E eu tenho quase a certeza que estes meninos, quando chegarem ao quinto ano, isso já não vai acontecer, precisamente porque eles já estão habituados a trabalhar em equipa, a aceitar vários professores, já estão habituados às diferentes estratégias que cada um dos professores utiliza, maneiras de estar na sala de aula, feitos... E sabem respeitar cada um! Pronto, eu acho que, quando eles chegarem ao quinto ano, também já vai ser mais natural.

Or: Vocês já avançaram para a parte das relações e gostaria de saber como é que vocês geriram este relacionamento com os miúdos? Vocês, titulares de turma, habituadas a ter só a vossa turma, como é que foi gerir o

relacionamento com tantos miúdos e eles com mais professoras? Foi a tal medição de forças inicial... e depois, como é que correu?

D1: Olha, isto é assim, nas três turmas o panorama é diferente, acho que não podemos globalizar as três turmas porque elas próprias têm características diferentes. Eu, no meu caso, com as duas turmas das outras colegas titulares, da D e da F, não tive que me impor pela autoridade, porque eles já são miúdos com comportamento bom, com exceção dum ou doutro que tentou realmente avançar para domínios onde não lhe pertencia, mas também percebeu. Na minha turma, da qual sou titular, já tinha a relação estabelecida com eles, portanto eu já sabia se tivesse que me zangar como é que eu me iria zangar, é diferente. Com estes eu não podia entrar logo assim muito... Ou seja, teve que haver um meio termo, nem ser muito permissiva e nem ser muito autoritária. Mas nos momentos certos, mostrar que eu estava lá e que era eu que mandava. Mas isso foi para ali uma semana, porque eles perceberam logo como é que era o jogo. E de facto, no final do ano, a relação é boa com todos. O que eu achei foi uma grande receptividade deles, uma grande vontade em conhecer-me e em aprender aquilo que eu tinha para lhes ensinar. Nas outras duas turmas que desconhecia. E é preciso, também nós, enquanto titular da minha turma, tentar um bocadinho o desapego... “eles não são meus, são de todos” e pensar que... não ter ciúmes deles gostarem das outras colegas tanto como gostam de nós. E isto é a nível pessoal, não foi um esforço, eles perceberam que a nossa boa relação, entre nós professoras, não havia situações dessas. Portanto, eu respeitava o trabalho delas, a relação que elas têm com eles, uma relação afetiva que eu acho que é boa, porque quando às vezes fazemos a troca das salas, eles estão logo agarrados a dar beijinhos às outras professoras, não é? E nós “ah, eles eram meus, tadinhos eles gostavam tanto de mim e agora gostam também das outras?” Mas não, eu achei, no geral, que os miúdos foram brilhantes porque aceitaram-nos, podiam não o ter feito, não é? Porque são miúdos que ainda precisam de laços afetivos muito enraizados a um círculo pequeno de pessoas, mas não... esses laços foram alargados e é agora como se as três turmas fossem uma.

D3: Mesmo entre eles, mesmo entre eles verificou-se isso. Enquanto que... “nunca tinha brincado com o aluno x da turma C e hoje somos grandes amigos, todos os intervalos vamos brincar”. Portanto a parte de nós nos darmos também tão bem, de estarmos um bocadinho com cada um, de fazermos atividades em conjunto as três e eles, permitiu que eles se aproximassem e desenvolvessem uma relação que não tinham. Portanto a turma X era a turma X e a outra era a outra e cada um brincava só na sua. Agora não, agora eles até dizem “agora o Ibrahima até joga à bola com a gente”, pronto que é outra turma dentro das três. Portanto, eles próprios criaram mais laços de afinidade com alunos que não tinham grande contacto e que agora, através do projeto, passaram a ter. O mesmo com a gente... há um problema e a professora titular não está, eles dirigem-se à primeira que aparecer, se sou eu sou eu, se é a professora de Inglês é a professora de Inglês, se é a professora de Matemática é a professora de Matemática, automaticamente não interessa, já não interessa...

Or: São as professoras...

D1: Uma delas há de me ajudar a resolver este problema, ou porque dói a cabeça, ou porque tem febre, qualquer coisa.

Or: E enquanto equipa, houve necessidade de operacionalizar alguma estratégia para a gestão desse relacionamento “alunos/professoras – professoras/alunos” ou surgiu de forma natural?

D2: Eu penso que foi natural!

D4: Eles aceitaram com muita facilidade!

D2: Eles tiveram uma excelente capacidade de adaptação. Excelente! É como eu defino. Nós com muitos medos. Eu falo por mim. Muita ansiedade, como é que vai ser isto, ai, ai, ai, ai. Tenho que dizer a verdade, os meus medos e as minhas ansiedades. Eu ia para uma turma que não conhecia, miúdos novos, diferentes, não é? Portanto, nós com medos. Eles, com a inocência deles, completamente abertos. Não esperava. Esperava que este processo fosse mais longo, moroso e

difícil. Não foi! Quanto a nós, não tivemos estratégias nenhuma para a relação, manter a relação. Fomos nós próprias! É o que eu penso. Ninguém foi aqui diferente de... Eu atuo diferente com os miúdos porque eles são todos diferentes, mas a minha essência é sempre igual, não consigo ser diferente. Não sou diferente aqui na minha maneira de ser ou de agir, como não sou diferente ali, só porque é a turma da outra colega, ou na outra porque é outra turma. Sou eu, não consigo ser diferente. Agora em termos de miúdos, devo confessar, atendendo e respeitando cada um na sua individualidade, até porque eu sou uma pessoa muito brincalhona e claro que nem toda a gente, os miúdos principalmente, nem todos têm essa capacidade. Tenho algum cuidado, para tentar conhecer os miúdos, não é, e respeito nessa medida. Agora, acho que superou as minhas expectativas e foi muito mais fácil, sem utilizar estratégias nenhuma. Com os meus medos, mas sem estratégias.

Or: Vai um pouco ao encontro, penso eu, daquilo que estávamos a falar anteriormente, na idade em que eles estão neste momento estão muito mais carentes de afeto, estão muito mais abertos ao estabelecimento de relações afetivas próximas do que no momento da transição de ciclo. Aí, se calhar, o processo de adaptação é mais moroso, é mais difícil do que agora. Agora eles aceitam e até querem, porque dantes se aproximavam da professora e era só a professora que resolvia, agora não têm sete ou oito pessoas que cuidam deles...

D6: Pois é Soraia, eu não sei mas eu acho que estas três turmas por si só já sabem aceitar muito bem. Hum... Pela prática que eu tenho e pelo que vejo nas três turmas, qualquer turma que tenha alunos com necessidades educativas especiais, os outros alunos são muito mais inclusivos, aceitam-nos muito melhor. Trabalha-se, no meu ponto de vista, trabalha-se muito melhor com essas, com essas turmas. Eu acho que ensinam muito mais os meninos da Educação Especial aos alunos do ensino regular do que praticamente vice-versa. Eles sabem receber, sabem ver a diferença e se calhar essa diferença que se calhar desde o primeiro ano já aprenderam a ver com o outro colega, também acabaram por ver conosco. Porque eu acho que estas três turmas têm um bocadinho disso e eu vejo, eu que tenho

várias, tenho outras que não têm alunos com necessidades educativas especiais, eu sinto que existe um bocadinho disso. Essa inclusão também é muito boa! E se eles incluem e sabem incluir os colegas e sabem ver a diferença dos colegas, também sabem as nossas, a nossa relação, os nossos afetos...

Or: Então acham que a relação fluiu naturalmente?

D6: Sim.

Or: E com os pais?

D3: Encantados da vida! Só dizem: “É para continuar? É para continuar! É para continuar!”

Or: Em termos relacionais, o que é que vocês sentiram?

D3: Igual! Igual! De manhã, por exemplo, imaginando, aconteceu várias vezes, na minha hora, na hora do Português o menino tinha que sair dez minutos mais cedo porque tinha uma consulta. O encarregado de educação não ia falar com a titular de turma, porque ele ia ter Português, nesse período. Então ele vinha falar comigo e pedia-me a mim: “Professora, por este motivo peço-lhe para deixar.” Percebes, não houve constrangimento, “não tenho que dizer à professora, para a professora titular depois transmitir à outra professora que está com ele naquele momento”. Por exemplo, isto é um dos exemplos que aconteceu. Hum... E agora no fim, também houve vários, mesmo encontrando aqui na escola, o agradecimento: “obrigada por tudo, resultou lindamente”. As pessoas dirigiram-se a cada uma de nós a agradecer. Portanto eu penso que também tiveram uma boa..., aceitaram muito bem da parte deles. Se calhar com alguma... algum receio, talvez no início, porque eles são pequeninos, porque são os nossos meninos e agora vai uma e depois vai outra... Mas, por fim, por fim não eu acho que aquilo foi mesmo só o primeiro impacto, assim, o impacto choque! Mas depois a coisa não... acho que posso dizer que ao final do primeiro mês já, já isso não era um receio, já não era um receio, já viram que se calhar as outras intrusas, vá, que lá iam, não eram intrusas mas iam continuar com o trabalho que a colega normalmente fazia.

D1: Eu, eu vou ter que ser sincera. O início não foi logo bom porque, talvez por ser talvez a Matemática. Há certos pais que têm umas certas expetativas e, com a minha chegada, a coisa não fluiu logo, os meninos não mostraram logo que eram bons. Pronto. E ouvi e recebi recados escritos que aquele problema não era para os meninos desta idade, quando não era, tinha sido tirado exatamente do livro dos meninos, de terceiro ano. Mas eu percebi que era a reação a uma nova figura. Eu percebi isso tudo. Hum... E foi, não respondi, como é óbvio, e pensei “temos que dar tempo ao tempo porque isto é a adaptação dos pais também”, não é? Porque é uma pessoa diferente, não é, que aqui está. Essa foi uma das situações. Até recebi dois recados em relação a dois problemas que resolvemos em sala de aula. Depois há outra situação que realmente os pais têm algumas expetativas em relação à criança, mas que a criança não corresponde. Pronto e a professora titular muitas vezes veio-me dizer: “ah o pai do aluno X... a professora de Matemática, a professora de Matemática, a professora de Matemática, porque a professora de Matemática!” Os critérios são iguais para todos os meninos, portanto há meninos que têm muito bom, outros têm bom, outros têm suficiente. Os critérios estão definidos e, como tal, o menino ainda não atingiu a expetativa do pai. Mas não é a professora de Matemática, porque os pais também falham em muita coisa, não é?

D3: Como em qualquer outra disciplina!

D1: Então, não digo que com todos, estou a falar pela minha disciplina, eu tenha conseguido essa boa relação... aberta, em que tenham cem por cento de confiança no meu trabalho. Esse feedback eu não tenho de todos.

D6: Mas provavelmente, Mónica, não tem que ver com o teu trabalho...

D1: Mas felizmente é da maioria! Isto é um caso pontual, mas pronto, tenho que o referir.

D6: Tem a ver com a disciplina em si.

D9: Sim, e em monodocência aconteceria igual... se calhar...

D1: A minha vontade... A minha vontade era que todos os pais, não é, estivessem satisfeitos com tudo, mas realmente não estão... mas eles também não estão bem a ver o grau de exigência... e felizmente temos os colegas do ensino especial, que estão na sala de aula e vêem a exigência do que é um programa de Matemática do terceiro ano, e vêem que o desempenho do aluno está aquém. Mas não posso dizer que realmente é com todos, porque eu sei que com dois ou três não é. Mas são só dois ou três num universo de sessenta e oito, são muito poucos.

D6: Tem que ver com a disciplina em si.

D3: Também acho que sim.

D6: Se pegares num quinto ano, onde há mais recursos, onde há mais... é sempre com a situação também da Matemática, tem que ver com o grau de exigência das metas de aprendizagem...

D9: E as expetativas que alguns pais vão criando...

D2: E a relutância de alguns pais relativamente à Matemática! Quando se fala em Matemática alguns pais da minha turma que ficam: “ai, nunca fui bom e ele também não pode ser bom!” E para tirar isto da cabeça das pessoas? As pessoas dizem e transmitem aos filhos, portanto isto é um... há um estigma, exatamente! Relativamente a isso, e eu defino em duas reuniões. A primeira, quando eu olho para aquele anfiteatro e vejo os pais quando nós anunciámos o projeto... Uns não caíram dali porque... pronto estavam sentados!

D3: Porque estavam sentados [rindo]!

D2: Porque alguns ou caíam para a frente ou para trás, aquilo estava muito... E foi um choque muito grande! As pessoas saíram dali, a maior parte delas, a falar: “e agora, e agora, o que é que eu vou fazer da minha vida?” Habitadas à pessoa X, à pessoa Y e à professora... Eu senti! Tanto que depois saímos e fomos cada um fazer a sua reunião. As pessoas nem sabiam se haviam de falar. E via-se na cara delas a relutância, o medo e o pânico que elas tinham do que é que vai acontecer a partir de agora. Quando é que eu consegui sentir a coisa diferente? Foi na reunião

em que os pais pediram para falar conosco. Foi importante! Eu acho que aquela reunião veio esclarecer algumas coisas, para eles até se sentirem à vontade e foi a partir daí que eu senti que eles começaram a dirigir-se a cada uma de nós. Até os recados na caderneta eram para a professora X, para a professora Y, para a professora Z. Eram individualizados. E eu acho que isto é importante! Eles precisam também de sentir, tal e qual como os miúdos, uma coisa é o que os miúdos transmitem, outra coisa é eles sentirem também. Eles precisam sentir! Conhecer-nos! No fundo, é conhecer cada uma de nós. E aí foi a diferença, aí foi a mudança, porque até lá a coisa não estava muito bem consolidada, se bem que na turma D não houve nenhum pai... houve um pai apenas que afirmou ser opositor. De resto, não assumiram logo, mas mais tarde assumiram as suas ansiedades, os seus medos iniciais. Depois, a partir de agora, e é o que a Tânia disse há pouco, agora é: “Então e para o ano? Isto vai mudar? Eu espero bem que não mude! Acha que há probabilidade?” E eu digo sempre como respondo sempre: “Para o ano não sei. Para o ano logo se vê.” Também há dois anos, se me dissessem no segundo ano que iria entrar num projeto destes, dizia que se calhar é mentira, é impossível, então agora, não é? Portanto, está tudo em aberto, não é?

D6: Como diz o ditado... Primeiro estranha-se e depois entranha-se, não é?

D2 e D3: [ao mesmo tempo] É isso mesmo!

Or: Em relação aos encarregados de educação, tu disseste que houve ali um marco, momento que marcou um grande salto qualitativo, que foi uma reunião onde estiveram as três docentes titulares de turma com todos os pais.

D2: Sim!

Or: Os miúdos não. Os miúdos estão desde o dia “um”, o primeiro do desenvolvimento do Projeto, com todas. Os pais não. É a tal questão de estar junto, de ver, de falar. Se calhar se tivéssemos pensado logo em fazer uma reunião dessas em outubro, em novembro, com todos os pais, mais cedo, se calhar desbloqueava-se logo ali. Porque, inclusivamente, nessa reunião de trinta de novembro, quando os pais me pediram para que eu arranjasse forma

de fazer uma reunião, falasse com vocês, para fazer uma reunião porque eles queriam conhecer-vos todas, falar com todas, nessa reunião eu não tive feedback negativo de pai nenhum. Portanto os pais, nessa altura, já estavam meio caminho andado, pelo feedback dos filhos, para vos aceitar, tanto que vos pediram, através de mim, pediram para vos conhecer melhor. Se houvesse rejeição eles nem sequer queriam falar convosco, queriam só a titular de turma. Aquilo que vocês poderiam sentir no dia-a-dia, através dos recadinhos, eu não senti. Não senti rejeição e os pais estavam sozinhos comigo e podiam falar à vontade.

D2: Eu se calhar aí não concordo contigo. Eu acho que foi na altura certa! Até porque, como disse a Mónica e muito bem, temos que dar tempo para que as pessoas possam ouvir os filhos, o que é que acontece na sala de aula, cada um deles, e dar-lhes tempo porque aquilo foi inicial. Aquilo foi um choque inicial.

D1: Temos que ganhar a confiança...

D2: Aliás, fomos acusados de aguardar por ganhar a confiança. Houve pais que até disseram: “porque é que vocês não disseram nada?” E repara, isto tudo aconteceu no final do terceiro período, no tempo que íamos de férias. É claro que nós não íamos ligar a cada um dos pais a dizer: “se calhar para o ano...” Aliás, se calhar daria azo a outro tipo de confusões. Ficámos todas caladas e na primeira reunião falámos. Os pais também ficaram magoados com isso, percebes? Portanto, acho que foi no tempo certo!

Or: Até porque no final do ano não tínhamos certezas para dar a ninguém...

D2: Exatamente! Portanto, se o choque foi tão grande, até porque eles estavam muito ligados às titulares de turma, é aquela e é aquela e depois aprendem a gostar de nós e põem muitos medos das outras pessoas virem estragar o trabalhinho, e depois o meu filho vai deixar de ser diferente, e a professora vai dar outra nota... e isto deve ser, penso eu, que deve ser um relambório lá na cabeça deles. Esse tempo se calhar foi importante para as pessoas pensarem. Quando foram para a reunião contigo já iam com alguma maturidade e com algum feedback positivo dos

filhos, que ajudou. E tentaram, como quem diz, agora o que nós vamos fazer primeiro... Foi melhor ser imposto por eles, ou seja, pedido por eles do que imposto por nós. Nós irmos à frente. Foi uma atitude bonita de todos os pais. Quer dizer que a coisa tava bem. Isto é a minha opinião. Estavam receptivos. Olha, por isso, eu acho que tudo aconteceu no tempo certo e quando devia acontecer.

Or: Houve alguma estratégia planeada pela equipa educativa, e agora mesmo em termos de aceitação de todas as docentes envolvidas, para além das titulares, para que esse relacionamento com os encarregados de educação fosse facilitado? Houve alguma preocupação da vossa parte nesse sentido?

D2: Em transmitir que as pessoas estão presentes e que as coisas são faladas e transmitimos o feedback do que acontece nas nossas reuniões aos encarregados de educação

Or: Somente nas reuniões de atendimento mensal? Planeavam a forma de transmitirem as informações, é isso?

D2: Fazemos sempre esta pergunta: “o que é que tens para dizer sobre...” Cada uma de nós começa a falar. Tudo isso é anotado e depois, na reunião de pais, tudo é transmitido: “a professora de Inglês disse... a professora de matemática salientou isto, fez referência a isto...”

D1: E também já houve casos em que os pais tiveram necessidade de uma reunião em particular com determinada professora, em que a professora titular fez de mediadora, portanto, recebeu essa vontade dos pais, que precisavam de falar com a professora tal, e nós transmitimos à colega e chegámos a um acordo acerca do dia em que eles se iriam encontrar. E a professora titular não esteve presente porque era especificamente com a professora X.

Or: Mas houve a ligação?

D1: Fez-se a ligação.

D6: Eu acho que o tipo de atividades que foram realizadas, ao longo do ano letivo, também chamaram a atenção dos pais. Porque eles vêm realmente que nós estamos... que nada é feito por acaso e nada é feito sozinho, não é?

D9: Eu achei muito giro e gostei muito, porque sei que isso é ótimo, essencialmente para os meus alunos, de umas atividades em que vocês chamaram os pais, eu assisti, não quero deixar ninguém para trás, mas as que eu assisti e vi um bocadinho mais ou menos a organização e o funcionamento, foi aquela da leitura na biblioteca e o jogo do 24, que eu também nunca pensei que eles aderissem. Achei que realmente aquilo é ótimo, porque está a colocar pais de diferentes turmas a falarem do mesmo universo, do mesmo assunto, quando dantes ficava cada um na sua casinha, não é? Falavam do seu filho com a sua professora... E eles, em três turmas, num universo tão grande no primeiro ciclo, não é, é um bocadinho fora do comum e achei que isso ajuda imenso para as lições. Para os alunos isso cria estímulos ótimos e para os nossos é uma coisa... é bom, é bom, é bom... para saírem da rotina. Já agora queria dizer, quanto ao que foi focado em relação ao meu aluno que tinha Currículo Específico Individual, às vezes acontece isto, eles têm os Currículos Específicos Individuais, pode não ser bem o teu caso porque foi logo feito à partida, mas no caso do meu, por exemplo, esses alunos têm uma faixa etária um pouco mais avançada do que os restantes. E acho que são idades em que já não tem lógica, nem tem benefícios nenhuns eles continuarem com aquele modelo do “professor dos pequenos”. Porque isso dá, em termos de relacionamento, ou dá para o mal ou dá para o bem, vocês estão a perceber o que eu quero dizer. Ou manipulam já o professor porque aquela afectividade, eu noto isso às vezes comigo, fora da turma, eles conosco têm uma relação, um relacionamento ali que... e às tantas nós já estamos ali a decidir e a reagir, porque estamos comandados por essa afectividade, que se calhar se não tivéssemos reagíamos de outra maneira, como com outros alunos, não é? Então em faixas etárias um pouco mais avançadas não tem já lógica nenhuma, nem em termos neurológicos, nem psicológicos, continuar a ter aquele modelo de um professor. Eu acho que isso resultou no comportamento do tal aluno que antes teve tantas advertências e este ano acho que só teve aí uma coisinha, acho que só fez

uma coisita. E realmente foi ótimo, porque ele habituou-se àquilo que já estava a precisar.

D2: Até o pai desse menino já falava com todas as professoras. Somos todas as professoras, são todas, são todas as professoras dele.

Or: E o engraçado é que também vem mais à escola do que vinha antes. O próprio pai...

D9: O aluno e o próprio pai, não é?

D6: Quando a nossa menina daqui, quando a nossa menina daqui, não é, passa a aula toda a dizer: “professora Paula, professora Mônica, professora Tânia, olá tiexe!”. Uma menina com um Currículo como ela tem, com o perfil que ela tem...

D3: Que não falava, ou pouco falava...

D6: Nada, não era? Agora precisamente passa a aula a falar e o que é que ela fala, ela lembra-se do nome: “professora Marta, professora Marta!”

D2: Então e o vocabulário? É capaz de dizer bom dia a ti, olá, e ela diz “good-bye”, “bye-bye!” Ela sabe, ela relaciona.

D6: Quando essa aluna, com esse perfil, consegue fazer a articulação e dar-se bem, em termos de relacionamento, com todos é o exemplo para todos os outros.

D8: E também é muito importante, ao nível da relação, ainda há pouco a Goreti estava a dizer da relação, que eles quando têm colegas com necessidades, mas eu acho que também é o eles verem o modelo das professoras. Eles tratam depois esses colegas, porque eu vejo isso em relação a esta aluna e a outros. Quando lhe dão um beijo, quando lhe dão um abraço, quando ralham, eles estão a ver. Eles estão a ver o modelo. Se o modelo for ralhar com ela, dizer que ela não faz nada bem, eles vão fazer a mesma coisa. Mas se o modelo for falar com ela, puxar por ela, perguntar o que ela está a ver no quadro, que imagem é esta, fazer os trabalhinhos da mesma, da matemática mas adaptados a ela, com ajuda... Eles

vêm isso tudo e isso é muito bom porque daí vem a inclusão. É do modelo, do modelo que eles vêm os adultos ter com a própria criança.

D1: Pois com esta aluna em particular é muito engraçado, porque ela sabe exatamente o que é que eu venho ensinar, porque ela diz na minha aula “dezenas”, vai para o quadro e faz risquinhos com o giz e diz: “as dezenas!”. “Um, dois, três, cinco, seis, oito”, vai papagueando, não é, porque é o que ela vai parlando, vai dizendo, mas no assunto da minha aula, o que eu acho extraordinário!

D6: Na Música ela vai para o quadro, faz os risquinhos e diz: “tá, tá, titi, tá”!

D2: Ela sabe onde está.

D1: Ela sabe realmente separar as disciplinas, com a professora.

D2: E vocês sabem que quando eu entro, à quinta-feira, a seguir à professora de Inglês, ela diz “olá professora”, mas depois diz “hello tixeí”. Porque saiu..., percebes, de vez em quando...

D8: E vocês lembram-se das minhas reticências em colocar no Currículo dela o Inglês, porque eu achava: “o que é que aquela aluna... o que é que lhe vai servir?” Mas é a experiência, é experienciar coisas novas, estar a ouvir coisas novas e tanto é que é a tal assertividade da comunicação e da linguagem dela que é... chega a professora de Inglês é a “tixeí”, “hello”, Good-bye”, “Bye-bye”... ela sabe.

D3: Ela já sabe quando se diz “Hello” e quando é que se diz o “Good-bye”, ela sabe... A minha área foi uma experiência magnífica. A oralidade muito desenvolvida!

D8: Muita oralidade [rindo]!

Or: Acham que o vosso trabalho em equipa melhorou a vossa prática, o ensino que vocês ministram aos vossos alunos? Este trabalho em equipa contribuiu para vocês melhorarem aquilo que fazem todos os dias em sala de aula?

D3: Olha, para mim, pessoalmente, contribuiu, melhorou e aprendi imenso! Mesmo não estando nas aulas das minhas colegas, ou quando tinha, por exemplo, a colega que me dava apoio... coadjuvação, um dia por semana, aprendi com ela às vezes mesmo a forma como se dirige aos alunos. Agente fica a pensar se calhar daquela maneira consigo chegar mais depressa. Aprendi muito, sinceramente! Não tive mais... esta partilha, o trabalho em equipa melhorou a minha prática e, sobretudo, hum... agora não estou a encontrar a palavra... enriqueceu! Aprendi muito, em conclusão, pronto! Foi... hum... ideias que surgem sempre das mentes iluminadas... “eh pá como é que tu pensaste nisso eu ainda não tinha pensado, boa!” Há coisas que se calhar a gente não iria partilhar, se calhar com a pessoa em questão partilhava porque já trabalho há muito tempo com ela, ou ela partilhava comigo, mais concretamente, mas há coisas que a gente até brincava ao fim: “bolas, ontem tiveste ideias e continuaste a ter e ainda não paraste de tê-las” [risada geral]. E são sempre ideias construtivas e são aquelas ideias que até vale a pena a gente apontar num papelinho porque até se pode esquecer. E a verdade é esta... que burra que sou, nem tal me passou pela cabeça! Sou mesmo anormal. Mas aprendi, vou aprendendo!

D1: É assim, é óbvio que eu sempre me considereei uma boa professora [rindo], na monodocência. Mas, de facto, nós saímos muito mais enriquecidas porque a colega diz “eu fazia assim na minha turma”, não é, e nós vamos experimentar e a colega tinha razão, não é? Se calhar, pensava que estava a fazer uma coisa muito gira, superdivertida, mas de facto isto até é melhor! E penso que sim, que melhorou, não digo em termos científicos, porque isso nós todas sabemos quais são os conteúdos que temos que lecionar. É a forma como os vamos transmitir! E isso nós aprendemos umas com as outras, não é? Foi o primeiro ano. Eu penso que o segundo ano do projeto ainda tem mais probabilidade disso acontecer, não é? Porque a confiança entre todas aumentou, não é? Eu acho que, com o decorrer do tempo, aumentou.

D2: Já sabemos quem é quem. Sem dúvida!

D1: Penso que sim, que me tornei melhor!

Or: E tu Paula?

D2: Eu tornei-me muito melhor!

[risada geral]

D2: Eu tornei-me muito melhor! E eu vou-te explicar porquê! Basta um papel... Sabes que as minhas colegas são iluminadas, um dia trouxeram-me um papel para... “isto é para pôr no caderninho dos trabalhos para casa”. Diz lá trabalho para casa e na, na, na... O aluno tem que assinar, o pai tem que assinar e eu também. Nunca me tinha lembrado daquilo. Aquilo é uma estratégia fabulosa!

D3: É para os pais irem acompanhando.

D2: Eu não estava habituada. Eh pá, nunca me lembrei!

D1: Nós fazíamos as bolinhas, só que aquilo era muito colorido, era muito giro! Quem é que já ligava ao vermelho e ao verde? Aquilo ficava a bandeira de Portugal, uns amarelos, uns verdes, uns vermelhos... Resolvemos então implementar esta grelha em que se assinala a falta que o aluno teve: ou do trabalho de casa ou da pontualidade...

D3: Já é uma grelha dos grandes!

D1: É uma grelha de grandes, em que o aluno tem que assinar, tal como a professora e o encarregado de educação nesse dia. Está no caderno de casa, portanto vai e vem todos os dias.

D6: Há o compromisso entre todos...

D1: Há esse compromisso.

D2: Uma coisa que eu nunca me tinha lembrado, estás a ver? Até num pequeno papel, numa palavra, numa ação, nós estamos a aprender. Todos os dias!

D1: E passa se calhar muitas vezes em outras coisas informais que nós se calhar agora não conseguimos dizer e que transmitimos umas às outras. Sempre!

D3: Sempre! Nem que seja no corredor, nem que seja quando a gente troca de sala...

D1: E se calhar nós não fazemos os registos e aquilo sai-nos naturalmente nem estamos a ver que isso está a contribuir para a melhoria da nossa prática letiva.

Or: Mas sentem que melhorou?

D1: Eu sinto que melhorou!

D2/D3: Sim!

Or: E tu “Goreti”?

D6: E a parte relacional é muito importante aqui!

D2: Era isso que eu queria dizer. Em termos relacionais com as pessoas.

D6: Para quem faz precisamente Coadjuvação, por exemplo, não é? Uma coisa é eu entrar numa sala onde os colegas já estão habituados a ter vários docentes de diferentes anos, outra coisa é entrar numa sala onde os colegas ainda só estão ligados à monodocência. [pausa breve] Eu chego a estar a dar a aula, sou eu que estou a dar a aula e há colegas que de repente já estão a falar de outra coisa qualquer e chamam a atenção do menino disto, daquilo e daqueloutro. Quer dizer, não têm, é como se aquela turma fosse deles, não é?

D2: Elas têm uma visão diferente...

D9: Nós às vezes também sentimos isso.

D6: E aqui não. Eu entro aqui nesta sala e sinto-me sempre muito bem, e entro na tua e na tua e sinto-me bem porque existe esta ligação, este relacionamento, e este trabalho também veio ajudar nesse aspeto, no aspeto relacional e é óbvio que se

nós estivermos motivados e se estivermos bem entre todos, tudo funciona. Tudo funciona, não é? Se não, se às vezes sentirmos que até vamos entrar ali naquela sala e que parecemos, às vezes, que somos os intrusos, não é, às vezes pensamos que a outra pessoa está a dizer: “o que é que esta pessoa está aqui a fazer?”, não é? Pronto, se calhar por mais que nós tenhamos a vontade de fazer as coisas bem, se calhar já nem nos sentimos tão à vontade para, não é?

D2: E se calhar influencia a tua prática...

D6: E vai influenciar a prática! E nestas três turmas isto não acontece.

D1: E era engraçado, por exemplo, à terça-feira quando eu venho dar a Matemática e estava lá a Andreia de Inglês, acontecia a Andreia terminava as coisas dela e já estavam... Ela própria dizia aos miúdos: “então vamos começar a arrumar as coisas do Inglês e vão buscar as coisas de Matemática”, percebes? Porque nós temos este à vontade. Ela poderia achar que eu não gostasse que ela mexesse nas minhas coisas. Não, eu quando chegar, eu é que mando distribuir os cadernos, eu é que mando distribuir os livros, eu é que mando abrir a lição no quadro porque essa é a minha área! Mas isso não, e foi tudo natural! E agora que a Goreti estava a falar do entrar na sala, que eu não tinha essa experiência de entrar numa sala após uma colega minha. É tudo também novidade para nós. E isso também acontecia com as outras turmas. Mas de facto, uma vez que nós já nos conhecíamos, daqui a Andreia é nova, não é, achei... achava aquilo natural, podia até ter ficado, se fosse outra pessoa que não tivesse assim este espírito de equipa, “então mas o que é que ela tem que mandar agora os miúdos mexerem nas coisas de Matemática? Ela sabe lá se eu quero que eles dêem os cadernos?” Mas ela fazia e eu achava aquilo extraordinário, quando eu chegava já tinha essa parte feita!

D4: Lá está, era precisamente a pensar nisso, e muitas vezes eles abriam logo a lição de Português e aquilo tudo...

D2: Viste como facilitismo e não como intromissão.

D1: Não, vi como trabalho de equipa! Ela sabe que eu venho, acabou o dela e já está a iniciar o que vem a seguir. Achei ótimo!

D6: E os próprios alunos fazem logo essa separação.

D4: Ah, sim, perfeitamente!

D9: Por acaso houve uma experiência em que eu encontrei a Andreia fora destas turmas e até comentei contigo que nós estávamos constrangidas noutra turma. E eu até te disse: “mas esta turma é...”, e tu nem me soubeste responder, mas se calhar era isso, nós sentíamos-nos mais à vontade com este universo aqui do projeto.

D4: É, e para mim que venho sempre caída de paraquedas [rindo]...

D9: Tu e eu também! E sentimos ali um...

D4: Porque eu venho sempre de fora e quando era as AEC's ainda era pior, não é, porque eles nunca respeitavam a nossa autoridade. E este ano houve muito essa preocupação, na escola toda, foi fantástico, de incutir nos miúdos e, principalmente, nos pais o facto do Inglês, este ano, não ser uma AEC, ser uma disciplina obrigatória, em que eles tinham que estar como estão nas outras disciplinas e que iam ter notas tal e qual, tudo. Houve essa preocupação em toda as turmas. Nisso a escola foi fantástica, porque sei que houve sítios onde as coisas não correram assim tão bem. Mas aqui foi extraordinário! E os miúdos aceitaram perfeitamente e nota-se precisamente isso. Aqui as coisas fluem com muita naturalidade, porque para eles era mais uma disciplina. Porque eles tinham a disciplina de Estudo do Meio com uma professora e ao Português ia outra e ao Inglês ia outra! Era só acrescentar mais um elemento, o que facilitou bastante as coisas. Nas outras turmas, em que só há uma professora, pois lá está, lá íamos nós caídas de paraquedas naquela horinha. Perdia-se mais tempo na tal transição, em que nós tínhamos que estar ali à espera que a professora titular mande arrumar, mande fazer...ok. Perdia-se ali quase dez, quinze minutos até os miúdos saírem daquela

titularidade e ok agora vamos começar o Inglês. Levava ali mais um bocadinho, que aqui nunca se sentiu.

D9: E se eu não a conhecesse, mas como a conhecia, era a mesma professora aqui, não é, até te disse assim: “mas será que esta turma...”, mas não.

D2: É por essa sensibilidade e por essa experiência que ela agora reage de maneira diferente, e faz isso, faz isso com a Mónica, faz isso comigo que eu vou a seguir, exatamente porque, para mudar...

Or: **E esse trabalho que é de equipa, achas que contribuiu para melhorar aquilo que tu fazes em termos práticos nas turmas?**

D4: Contribuiu, sim! Contribuiu e outra coisa que para mim foi muito importante e que eu tenho imensa pena de não poder estar nunca nas reuniões até ao fim, porque começava a aula entretanto, mas essas reuniões, para mim, foram muito importantes. Porque, lá está, mais uma vez, eu não conhecia nenhum miúdo. Não tinha informação nenhuma. Nem como é que se gere melhor o comportamento daquele miúdo nem como é que se chega melhor até ao outro, e essas reuniões, mesmo que eu não tivesse nada a dizer, eu ouvia aquilo que elas diziam, não é? E era muito mais fácil perceber como é que havia de lidar com determinadas situações ou que estratégia é que devia adotar para melhor acompanhar determinado aluno. E sentia necessidade disso com outras turmas, porque aqui eu tinha a sensação de que conhecia melhor cada realidade e nas outras turmas temos que ser nós que, aos poucos, nos vamos adaptando e, com mais dificuldade, conhecendo os meninos. Isso acho que foi um elemento decisivo! Essas reuniões acho que são de extrema importância, até porque, lá está, porque assim as coisas batem todas certas, o que a professora de Português diz é o que diz a professora de Inglês, é o que diz a professora de Estudo do Meio, e anda ali tudo a tocar certinho.

D6: E há uma divisão muito boa dos tempos das disciplinas, e voltando a como eu te estava a dizer, eu quando chegava, eu tinha o 3.º C à quinta às três, estava a Telma, eles tinham Expressão Plástica e depois tinham Expressão Musical, nós

fazíamos a troca com a turma da *Manuela Silva* e enquanto havia a troca eu quando chegava à turma do 3.º C estavam caderninhos distribuídos, flautas distribuídas e os meninos a tocar ou a cantar a última canção ou a última melodia que deram, já estavam a fazer. Mal eu vinha a descer os degraus, já os estava a ouvir. E ainda nem sequer estava dentro da sala de aula.

D4: Mas é isso. Não havia quebras. Não havia aquela quebra dos miúdos estarem ali à espera.

D2: Ela chegou a chamar... Chegaste-me a chamar para observar isso.

D1: E logo de início, acho que nisso também temos mérito porque nós também destinámos, logo na sala, o sítio onde iam ficar as flautas, o sítio que era para o Inglês, foi tudo, o sítio que era para os livros de Matemática, o sítio... e eles perceberam que eram todos iguais, todos tinham o seu lugar lá na sala. Mesmo a nível da organização do material. Eles perceberam!

D6: Eu no início eu senti logo quando cheguei à tua turma, quando dei a primeira música de boas vindas e do comportamento, que lhes dei fotocópia, não é? Quando cheguei à aula seguinte, eles tinham recortado e tudo coladinho no caderno de música. E não fui eu.

D1: Pois não, fui eu.

[risada geral]

D2: Ai, descobrimos! [rindo]

D1: Porque achei que as coisas tinham que ficar organizadas.

D6: Exatamente! Mas é por isso mesmo. Existe, desde o início que existe esta articulação e não importa ser o trabalho da disciplina A, B, C, D ou E. O que importa são os miúdos e eles próprios sentirem que existe esta ligação, esta articulação entre todos.

Or: Então assim muito sucintamente, como é que vocês caracterizam, em duas ou três palavras, o ambiente afetivo vivido na equipa, entre vocês?

D2: Excelente!

D1: Abertura.

D2: Cooperação.

D3: Cumplicidade.

D1 e D2: Cumplicidade! [ao mesmo tempo]

D6: Criatividade! Também existe muita.

D4: E respeito!

D1, D3 e D6: Respeito!

D2: Muita vontade!

D4: Amizade!

D7: Ótimo! O ambiente foi ótimo.

Or: Anabela, e tu o que acrescentas?

D9: Concorde plenamente! Sim, e achei essa interdisciplinaridade, essa comunicação muito boa. Acho que foi muito... e a comunicação para mim é muito importante e os relacionamentos. Acho que foi isso que existiu em todos, não só nos titulares, porque eu só conhecia mais a professora Tânia, não é, mas mesmo em relação aos outros, que às vezes só via uma vez por semana, não é, ou até com a Telma, com as Expressões. Havia... mesmo às vezes vinham das reuniões, ou ela ou outra dizia “na reunião elas falaram nisso e então e se nós também fizéssemos assim e tal, eh pá, ótimo”. Era um pouco isto. É um bom ambiente... É a partilha. É isso.

Or: Continuando de forma sucinta, gostava que me apontassem dois ou três pontos fortes deste projeto?

D6: A articulação horizontal entre as diferentes disciplinas.

D2: As pessoas!

D6: A articulação vertical que é muito importante a nível, não tanto do Currículo, mas a nível das atitudes e valores, da parte comportamental.

D7: Para mim teve muitos aspetos positivos. A partilha, a cooperação entre as colegas, aquela reunião semanal que fazíamos sempre para chegarmos a um consenso do que se tinha passado na semana anterior e o que é que tínhamos pensado e projectado para a semana seguinte. Portanto, acho que isso foi um aspeto muito positivo. Acho que nos dava um conhecimento alargado de todos os alunos em geral e conseguíamos falar daquele aluno, não só na área em que nós estávamos a lecionar, mas tínhamos um conhecimento do aluno no global, no geral, porque nós partilhávamos esse conhecimento acerca dos alunos nas reuniões.

D9: Para mim é a multiplicidade e diversidade de estratégias em sala de aula. Para mim foi óptimo. Acho eu, em termos de efeitos para os alunos. Não só em termos afetivos, mas também de aquisição de aprendizagens.

D1: Sim, por acaso ainda não tocámos nos resultados escolares, mas se calhar acho que um dos pontos fortes são os resultados.

Or: Verificou-se uma melhoria?

D1: Sim!

D3: Gradual.

D1: Gradualmente. Repercutiu-se e tem muito que ver com a avaliação, não é? Aquilo que eu fiz numa turma em relação à Matemática, fiz nas outras duas de igual forma.

D2: A qualidade do ensino, não é?

Or: O projeto possibilita que vocês melhorem o vosso ensino e que melhorem os resultados?

D2: Sim, mas volto a dizer, nada disto se faz sem as pessoas.

D8: A relação entre as pessoas.

D2: A abertura, a cumplicidade, a cooperação...

D6: Posso fazer uma pergunta?

D2: A mim diretamente?

D6: A vocês as três [referindo-se às titulares de turma]. A nível da preparação das aulas, é mais fácil preparar só uma área ou preparar as três?

D3: É mais desafiante preparar só uma.

D2: É. Mas mais difícil, porque vais querer beber mais, vais querer ir à procura de novas estratégias. Aprofundar, não é? Acabamos por ter... por nos perder um bocado naquela área específica, coisa que eu devo confessar é que na monodocência, quando tinha as três áreas nucleares ia uma vez para uma, outra vez para outra e para outra.

D6: Mas se calhar, pegando no que disseste esse aprofundar mais aquela área significa que depois ao nível da sala de aula e ao nível da aplicação daqueles conteúdos, se calhar também são muito mais aprofundados.

D3: São.

D2: Sim. Sim.

D6: O que vem beneficiar e melhorar os resultados.

D1: Por isso é que eu digo que os resultados são bons, porque também sinto que se calhar a exigência é maior, não é?

D3: Durante aquele período de tempo a gente só pensa na nossa disciplina.

D1: Mas eu perco o mesmo tempo para uma do que para as outras, porque eu quero levar mais além, quero diversificar, quero apresentar coisas novas...

D2: Por isso é que eu estou a dizer este projeto se calhar também ajuda nesse aspeto, não quer dizer que trabalhem menos, pelo contrário...

D2 e D3: Não, não, não...

D6: Permite é aprofundar mais aquela área e por isso vai melhorar a prática daquela área e os resultados naquela área.

Or: E aspetos menos positivos do projeto?

D3: Tirando as colegas que falaram contra...

D6: Olha isso é muito bom, porque agora já ninguém diz nada! [rindo]

D2: Isso é bom, é positivo! Menos negativos...

Or: Aspetos menos positivos... eu não gosto de chamar negativos porque tudo pode ser visto de diferentes ângulos e uma coisa que é negativa para mim, pode não ser negativa para outra pessoa. Então eu opto pelo menos positivo.

D2: Ai, desculpa enganei-me...

D1: Eu acho que foi tudo positivo no sentido que foi uma experiência única que nunca nenhuma de nós passou. Portanto, tudo o que poderá ser um pormenor, no meio de tudo o que foi aqui dito, não é negativo, nem menos positivo, porque serviu para melhorarmos, para ajustarmos. Agora se quiseres uma sugestão, uma vez que já falámos informalmente, que era a questão dos materiais, a nível da gestão dos

materiais didáticos com que tínhamos que andar de uma sala para a outra. Não sei se também faz parte do âmbito desta pergunta agora, mas poderei falar a seguir.

D6: Eu acho que é pena alguns docentes desta escola ainda não terem percebido, e não estou a falar desta equipa, estou a falar de outros docentes, claro, não terem ainda percebido a importância do projeto e a forma como a equipa trabalha.

Or: **Achas que isso é menos positivo, achas que as outras pessoas deviam ter-se aproximado?**

D6: Acho que as pessoas deveriam ter-se aproximado.

D1: Foram as resistências...

D6: A tudo o que é novo. Infelizmente é assim... Tudo o que é novo... e depois significa que quando não é dado a todos, digamos assim, quando fica só uma equipa mais restrita, e que no início tem que ser, se é para experimentar temos que ver...

Or: **Neste caso não. O desafio foi lançado a todas as colegas e ninguém aceitou, só esta equipa.**

D6: Pois, é isso. Por vezes pode não se aceitar, pode não se aceitar porque não se sabe o que é e depois quando se verifica que a coisa até funciona, depois aí que me desculpem, mas já pode haver um bocadinho de dor de cotovelo e eu que passo por todos os terceiros anos apercebo-me e sei o que é que se passa. Pronto.

D2: E eu estou tranquila.

Or: **Depois dessa resistência inicial, que é perfeitamente normal, eu esperava que tivesse gerado curiosidade nos restantes docentes.**

D1: Isso não porque as pessoas são competitivas e o que lhes interessa ver é se os resultados que aparecem nas pautas destas turmas são melhores que os das outras. Mas não é isso que está aqui em causa, porque cada turma tem o seu contexto. Nós não estamos aqui em competitividade que a turma C, da qual sou

titular, tem melhores notas que a D, da qual a Paula é titular, ou da F que a Tânia é titular. Isso não conta. Temos que ter em conta o processo de cada aluno e é aí que nós vemos o sucesso. Mais nada. E os bons resultados, não é em relação a uma turma... Os contextos são diferentes, há turmas com CEI's, com PEI's e há outras que não têm. Não se pode comparar isso assim. Não estamos a fazer nenhum ranking aqui na escola.

D3: Não...

D2: Mas nós podemos comparar entre nós.

D1: E essas pessoas sentiram-se talvez um bocadinho ou intimidadas ou essas resistências surgem de estes agora irem ser os melhores. Não se trata disso. E acho que as pessoas continuam um bocadinho iludidas... Não se trata disso. É preciso às vezes também tentar esclarecer isto.

Or: Mas sempre esperei que surgisse uma curiosidade por parte dos restantes docentes, para que este projeto pudesse ser um foco de boas práticas, uma lufada de ar fresco que difundisse práticas colaborativas e trabalho em equipa na escola.

D6: Por isso é que eu digo este aspeto menos positivo, mas não do projeto porque o projeto está muito bem, mas sim das resistências que ainda houve perante o projeto.

D9: Pode ser que ainda lá chegue... Dá-lhes tempo.

Or: Voltando ao nosso projeto e projectando-o no futuro, quais os aspetos organizacionais ou logísticos que acham que se devam alterar, no próximo ano letivo, para melhorar?

D1: Nós este ano quisemos dar estabilidade aos miúdos, permanecendo na sua sala de aula enquanto eramos nós que saíamos de uma turma para outra noutra sala. O que é que acontece? Muitas vezes há necessidade de utilizar certos materiais ou de afixar informação nos placards o que me obrigou a fazer isso a

triplicar, com a ajuda das minhas colegas que produziram muitos cartazes, nomeadamente o dos números que é de tirar e pôr para facilitar a leitura de números. Então, tivemos que ter isso nas três salas e eu tinha que me deslocar com réguas e esquadros e aquilo tudo também de uma sala para a outra. Quando é uma vez, faz-se bem, um ano letivo inteiro torna-se um bocadinho cansativo, não é? Também tínhamos que dividir depois o espaço pelas outras disciplinas. Portanto, a minha sugestão, penso que também é das minhas colegas porque já falámos, não estou só a falar por mim, porque já conversámos disso, era que no próximo ano e uma vez que também já é final de ciclo, porque não apostarmos em fazer uma sala da Matemática, do Estudo do Meio e do Português e serem os alunos a rodar. Isso vai acontecer que nos vamos ter que adaptar. Vai ser outro desafio, portanto o projeto vai continuar a trazer-nos sempre novos desafios. Não vamos pensar que isto vai ficar estagnado, não é? Agora estou me a lembrar disto em termos dos materiais, mas hão de vir novos desafios que entretanto nós nos vamos lembrando. Em termos de transição de uma sala para a outra, acabarmos por exemplo cinco minutinhos mais cedo, se calhar, para possibilitar a arrumar o material e para se fazer a saída de uma sala para a outra sala. Em termos das lancheiras, onde é que vão ficar? Em termos dos casacos, dos guarda-chuvas... São coisas que parecem básicas, mas que temos que depois pensar como é que se organizam, de modo a que haja menos constrangimentos possíveis nessas transições. Mas a minha sugestão era realmente, uma vez que é final de ciclo, fixarmo-nos nós e rodarem os miúdos. Há miúdos que já nos deram esse feedback, que gostavam muito de serem eles a mudar de sala.

D9: E preparam-se para um quinto ano e a seguir vão ter que mudar de sala. É uma preparação para o quinto ano.

D1: Eles querem ser crescidos, porque na outra escola também vão ter que mudar de sala e então acham que isso seria bom.

D3: Assim já não tenho que ir buscar a minha garrafa de água à sala da minha colega para ver o que é que ela está a fazer... E o casaco, que ficava lá de propósito...

[risadas]

Or: Há mais alguma coisa que vocês gostariam de sugerir?

D2: Ficar a mesma equipa! Com todas!

D1: Põe-se uma cunha para o Inglês, uma cunha para a Marta, para a Telma, para a Goreti...

D2: Exatamente! Para todas!

D9: Acho que sim, até para a estabilidade e até crescimento do projeto acho que era essencial haver a continuidade desta equipa.

D6: Podemos pensar numa visita de estudo ligada à Música e às restantes áreas, com mais que um dia, para as três turmas. Podemos pensar nisso...

D2 e D3: Boa, boa, boa...

D1: Para culminar.

D3: Estás a ver, é a viagem de despedida...

D4: De finalistas.

Or: E vai a equipa toda a acompanhar os meninos...

D6: Podemos pensar.

D4: De finalistas.

D9: Outra coisa que eu acho muito importante manter ou mesmo aumentar são essas atividades com os encarregados de educação das três turmas tudo ao barulho. Acho bom para que continue a união. Achei ótimo e é para manter essas atividades.

D3: Então, para o ano vamos pôr todos ao barulho. Vamos fazer o jogo do Mata, como ela fez um ano.

D1: Eu por acaso já pensei, que eu levo as noites inteiras a trabalhar, o que é que eu hei de fazer?

[risadas]

D9: No quarto ano eu penso que têm que contar que vão acelerar um pouco as expetativas dos papás, por ser o ano terminal, portanto é bom manterem esse nível de afetividade nas atividades com os alunos e pais. Acho que isso vai ajudar.

D6: Estava aqui a lembrar-me daquele projeto que existe com a Margarida Correia, da Fundação Gil, acho que está ligado à EDP, que é aquele trabalho em que as escolas têm que ser solidárias. Era giro as nossas três turmas fazerem um trabalho com um lar da terceira idade a nível de Música, a nível de poesia, a nível assim de umas coisas giras. Aproveitar a Expressão Musical, a Expressão Plástica...

Or: É começarem a pensar nisso...

D7: Eu tenho uma sugestão mas que tem que ver com a Câmara Municipal, com a piscina, que era um dos períodos letivos, em vez que fazemos Expressão Físico-Motora aqui porque não fazer natação? A Câmara cedia o autocarro e fazia-se natação lá. Tinha também que haver um técnico lá que acompanhasse a turma.

D1: Dantes eles tinham o projeto “Aprender a Nadar”...

D9: É isso mesmo, porque o agrupamento tem o Desporto Escolar com natação e isso tudo...

Or: Para terminar, gostaria de vos propor que exteriorizassem as emoções que sentiram ao longo do ano, no âmbito deste projeto.

D3: Emoções? Queres emoções?

D6: Ó Soraia, olha lá para as nossas caras e observa como estamos felizes todas nós. Vê lá se não consegues ver as emoções...

Or: Realmente é uma pena eu não conseguir pôr por escrito o que tenho visto nos vossos rostos e o ambiente que sinto ao falar convosco...

D6: Então deixa-me só dizer uma coisa. Falando em equipa e já que estamos em equipa, façam favor de torcer pela nossa menina, que pertence à turma do projeto e amanhã está a representar-nos muito bem na “Chaminé D’Ouro”.

Or: Se as emoções da equipa são mesmo só para ser vividas e sentidas, da minha parte não tenho mais questões a fazer-vos. Resta-me agradecer a Vossa colaboração nesta entrevista e em todo o desenvolvimento do projeto. Muito obrigada a todas.

D1: Obrigada a todas por me aturarem, que nem sempre é fácil...

[risadas]

ANEXO Xc

PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA EFG1/EE

1.º TRATAMENTO DA EFG1/EE

[*Acerca da natureza do trabalho colaborativo/cooperativo desenvolvido pela equipa docente*] (...) Em primeiro lugar tínhamos as nossas reuniões semanais, onde estávamos presentes sempre as titulares de cada turma, a professora de Inglês, a professora de Expressões e as professoras da educação especial, (...) Dávamos a conhecer o que é que ia ser trabalhado, nas diversas áreas, se houvesse possibilidade de trabalhar em interdisciplinaridade melhor ainda. (...) nem sempre é possível conciliar, mas sempre que foi possível tentámos fazer isso. (...) Articular os vários conteúdos das diversas áreas. (...) Sempre tentámos por em prática a interdisciplinaridade, mas às vezes não é possível, (...) É na oralidade, é em assuntos do quotidiano deles, mas em especificidade, muitas vezes não é. (...) Nem sempre deu, mas todas as vezes que houve possibilidade fizemo-lo. Mas há constrangimentos, quer no regime em que estivemos agora, quer como monodocente, porque os programas assim o exigem. (...) Nem sempre se consegue os cem por cento da interdisciplinaridade. Nem num regime nem noutro. (...) enquanto primeiro ano de implementação, que foi tudo novidade para nós, acho que conseguimos bons resultados. E de facto trabalhámos em equipa. (...) O início da reunião era sempre o balanço da semana que passou. Nós reunimos à segunda, o balanço da semana anterior, o que é que se conseguiu trabalhar, o que é que não conseguimos fazer, quais os alunos que tiveram mais dificuldades... (...) Os conteúdos em que eles tiveram essas dificuldades... (...) A melhor maneira de contornar (...) E entre nós refletimos e se calhar é melhor fazermos assim, com as estratégias que funcionassem melhor com o aluno A ou com o aluno B... Em troca de ideias e, daí, para essa semana seguinte já poderemos implementar essas estratégias. (...) assim sabíamos que estávamos todas a trabalhar no mesmo sentido e que as coisas batiam certo quer fosse em Estudo do Meio, em Português, em Matemática, em Inglês, em Música, porque sabíamos que estávamos todas a fazer da mesma forma para eles puderem atingir os melhores resultados possíveis. (...) E acho que a diferença de ideias, todos somos diferentes, todos temos ideias diferentes, a partilha de experiências é muito importante (...) o estarmos constantemente a partilhar e a falar (...) tenho esta matéria, se calhar eu dava assim, mas se calhar tenho outra estratégia para dar... E essa troca de ideias e

experiências é muito importante. (...) Há uma coisa que foi comum e que eu senti. Quando falava de um aluno, (...) nós sentíamos assim um certo receio inicial de como é que eu vou abordar este assunto, e depois chegávamos à conclusão de que aquilo que eu tinha dito até era coincidente com o pensamento delas. (...) Inicialmente (...) tive algum constrangimento em ir abordar assuntos de determinadas turmas, referir determinados miúdos, porque eu não sabia qual era a visão que as colegas tinham de cada um em particular. (...) a nossa grande preocupação era relativamente aos meninos que não conseguiam acompanhar por algum motivo e aqueles que tinham mais dificuldades, (...) E nesse sentido acabámos por sentir que realmente eles eram iguais, ou seja, faziam as mesmas coisas. (...) A nossa avaliação que cada uma fazia dos miúdos era coincidente, não era díspar, não era diferente. E assim também era muito mais fácil, não havia aqui opiniões contrárias. (...) É isso que é o próprio trabalho de equipa. É concertar entre todas o que se tem que fazer, (...) E sendo um trabalho de equipa e um projeto, é por tentativas. Ele tem que ser avaliado ao longo do tempo, por isso tem que ser tudo pensado para verificar se resulta se não resulta (...) é esta abertura que eu acho que qualquer uma de nós teve (...) E é fundamental para trabalhar em equipa, caso contrário... (...) Eu não sei se é possível fazer comparações, mas comparando, já que eu tenho várias outras turmas aqui na escola, (...) eu sinto muito essa diferença. (...) nesta equipa, dá para sugerirmos, dá para propormos para ser feito, enquanto algumas não. O problema da monodocência às vezes também é esse. É que cada um dos colegas está habituado a trabalhar só para si e vive na sua redoma (...) e quem chega de novo sente-se assim um bocadinho, quase, mas o que é que eu estou aqui a fazer (...) Porque nem todos os colegas conseguem aceitar alguém que vem de fora e conseguem trabalhar em equipa e conseguem ver outras ideias e outras formas de estar e de trabalhar. (...) eu senti que com os colegas que aqui estão que isso não aconteceu. Sempre tive abertura suficiente para falar convosco, para trabalhar convosco e vocês sempre estiveram em articulação comigo e eu acho que também convosco. (...) o trabalho de equipa, (...) a não monodocência funciona mesmo por isto, porque ajuda-nos a ter uma perspetiva no global (...) Mais abrangente e não uma perspetiva só individual, eu às vezes até digo que é muito egocentrista, só metido para si. Não, tem que ser

virado para todos, para o todo. E o todo somos nós e são os miúdos todos, independentemente de ser da turma, A, B, C, D ou F (...) eu estava a trabalhar com (...) alunos com Currículo Específico Individual (...) Achei importante logo no início juntar-me com as colegas, naquela sessão da segunda-feira, para dar a conhecer o perfil de funcionalidade daqueles alunos que as colegas não conheciam. Conheciam de vista (...) mas dar mais informação sobre eles, também à professora de Inglês sobre certas características dos alunos. Achei muito importante definirmos como é que íamos trabalhar. (...) Depois eu não achei e acho que as colegas também não acharam tanta necessidade de me juntar todas as segundas-feiras porque todos os dias eu estava numa das salas, eu estava sempre com elas. Como venho à sala trabalhar com os meninos, falava com elas, definia estratégias, materiais, partilhávamos materiais... E foi assim que o trabalho foi feito. (...) Eu sou sincera, no início, com os alunos que têm perturbação do espectro do autismo, fiquei um bocadinho... apreensiva. (...) e pensei que poderia haver ali alguma reação, fosse ela de que tipo fosse, positiva ou negativa, que pudesse alterar ali algum comportamento. (...) Mas acabei por considerar que para eles, e principalmente para esse tipo de alunos, com essa problemática (...) só por ser a pluridocência, sermos vários agentes de ensino, as estratégias são logo diversificadas, mesmo que seja a mesma estratégia, mas nós damos sempre um cunho pessoal, nem que seja na forma de comunicar, temos coisas que são próprias. Achei que isso, para eles, acabou por enriquecer também aquela parte das interações sociais e dos relacionamentos que a criança problemática traz muito ao de cima. (...) E foi (...) uma boa experiência, (...) um bom desafio até para ver como é que os alunos poderiam reagir, porque eles vão ter que reagir e vão ter que confrontar-se em ciclos mais avançados. (...) Achei que realmente nesta idade em que eles estão, se calhar até foi muito bom. Aquilo que eu teria medo, que me deixou apreensiva, até acabei por achar que foi frutífero para eles. (...) Porque cada uma tinha estratégias realmente diferentes e a forma de comunicar e a forma de se completarem e a forma de reagirem... E isso para eles [alunos com autismo] acho que foi, foi bom. Comportar-se com vários elementos no mesmo espaço da aula... (...) Foi importante porque (...) apesar das estratégias serem diversificadas havia coisas que eram iguais... a disciplina, as regras... (...) E eles sabiam que passando

de uma professora para a outra as coisas mudavam, mas havia coisas que se mantinham... (...) Eu (...) estar um dia inteiro com aquele tipo de aluno [irrequieto], mesmo a minha reação é diferente... Uma pessoa fica cansada sempre o mesmo tipo de comportamento, acaba por se calhar ter uma reação às vezes desajustada, e assim, naqueles bocadinhos, uma hora, uma hora e meia no máximo, que estamos com eles, vamos mudando de alunos. (...) com aquele aluno eu adoto aquela estratégia e até ao final do dia vou passar para outros. (...) eu não fico saturada daquele tipo de comportamento e quando vou para a outra turma já vou mais leve, já vai ser diferente (...) Com os alunos é exatamente o mesmo. (...) Este tipo de aluno com comportamento desafiante, oposição à autoridade... Quer dizer, estás ali um bocadinho e depois ele sabe “esta professora vai e depois vem outra”, ele também não satura. (...) Volta ao início, não continua naquele rol, naquele ciclo vicioso de estar a provocar, de estar a interromper, de estar a querer ser engraçadinho... (...) Desde que haja critérios uniformes entre toda a equipa a nível do comportamento e isso verifica-se muito no quinto ano e acho que este projeto no primeiro ciclo é muito importante por causa disso. Se nós verificarmos e, na maioria das escolas a nível nacional, o ano em que há mais insucesso e mais problemas de comportamento é precisamente o quinto ano. (...) Os alunos vêm da monodocência e estão habituados a ter (...) a professora titular que é o pilar, está ali, na maior parte das vezes os quatro anos com eles (...) Quando eles chegam ao quinto ano, também é verdade que há mudança de escola, há mudança de idade, mas eles chegam e encontram um conjunto de pessoas completamente diferentes, com maneiras de ser completamente diferentes, e a primeira reação que têm é logo tentar medir forças. (...) então aí se não houver um trabalho bom entre toda a equipa, com critérios bem uniformes para que se consiga travar este tipo de comportamento, aquilo não funciona. (...) E este projeto acho que é muito importante para evitar que isso aconteça, porque acontece inclusivamente numa idade mais nova, em que os miúdos conseguem incutir ainda muito mais facilmente as regras do que no quinto ano, e vão-se habituando. (...) eu tenho quase a certeza absoluta que estas três turmas quando chegarem ao quinto ano, já não vão medir forças com nenhum dos professores e conseguem precisamente saber estar... (...) Porque já o fizeram! Já o fizeram conosco. No início determinados alunos iam

esticando até, até ver. Agora vem a professora de matemática, deixa lá ver se eu posso por o pé mais à frente ou mais atrás. (...) as nossas reuniões de articulação serviam também para isso: “Não deixes porque ele está a experimentar ou, sei lá, pede-lhe a caderneta e põe em cima da tua secretária que ele fica logo...” (...) E com estes alunos se calhar não se vai verificar porque eles já viram que não vale a pena. (...) Aqui um aluno se se portar mal não está constantemente na rua ou num gabinete de disciplina (...) As nossas medidas é mais para tentá-lo dissuadir, para não continuar a fazer, de repreensão... É mais de pedagogia, não é tão punitiva! (...) E eu tenho quase a certeza que estes meninos, quando chegarem ao quinto ano, isso já não vai acontecer, precisamente porque eles já estão habituados a trabalhar em equipa, a aceitar vários professores, já estão habituados às diferentes estratégias que cada um dos professores utiliza, maneiras de estar na sala de aula, feitos... E sabem respeitar cada um! (...) quando eles chegarem ao quinto ano, também já vai ser mais natural. (...) nas três turmas o panorama é diferente, acho que não podemos globalizar as três turmas porque elas próprias têm características diferentes. Eu, (...) não tive que me impor pela autoridade, porque eles já são miúdos com comportamento bom, com exceção dum ou doutro que tentou realmente avançar para domínios onde não lhe pertencia, mas também percebeu. Na minha turma, (...) já tinha a relação estabelecida com eles, portanto eu já sabia se tivesse que me zangar como é que eu me iria zangar, é diferente. Com estes eu não podia entrar logo assim muito... (...) teve que haver um meio-termo, nem ser muito permissiva e nem ser muito autoritária. Mas nos momentos certos, mostrar que eu estava lá e que era eu que mandava. Mas isso foi para ali uma semana, porque eles perceberam logo como é que era o jogo. (...) E de facto, no final do ano, a relação é boa com todos. O que eu achei foi uma grande recetividade deles, uma grande vontade em conhecer-me e em aprender aquilo que eu tinha para lhes ensinar. (...) E é preciso, também nós, enquanto titular da minha turma, tentar um bocadinho o desapego... “eles não são meus, são de todos” e pensar que... não ter ciúmes deles gostarem das outras colegas tanto como gostam de nós. (...) eles perceberam que a nossa boa relação, entre nós professoras, não havia situações dessas. Portanto, eu respeitava o trabalho delas, a relação que elas têm com eles, uma relação afetiva que eu acho que é boa, porque quando às vezes fazemos a

troca das salas, eles estão logo agarrados a dar beijinhos às outras professoras (...) eu achei, no geral, que os miúdos foram brilhantes porque aceitaram-nos, podiam não o ter feito (...) Porque são miúdos que ainda precisam de laços afetivos muito enraizados a um círculo pequeno de pessoas, mas não... esses laços foram alargados e é agora como se as três turmas fossem uma. (...) mesmo entre eles [alunos] verificou-se isso. (...) Portanto a parte de nós nos darmos também tão bem, de estarmos um bocadinho com cada um, de fazermos atividades em conjunto as três e eles, permitiu que eles se aproximassem e desenvolvessem uma relação que não tinham. (...) eles próprios criaram mais laços de afinidade com alunos que não tinham grande contacto e que agora, através do projeto, passaram a ter. (...) há um problema e a professora titular não está, eles dirigem-se à primeira [docente da equipa] que aparecer, (...) Uma delas há de me ajudar a resolver este problema, (...) Eles tiveram uma excelente capacidade de adaptação. Excelente! É como eu defino. Nós com muitos medos. (...) Muita ansiedade, como é que vai ser isto (...) nós com medos. Eles, com a inocência deles, completamente abertos. Não esperava. Esperava que este processo fosse mais longo, moroso e difícil. Não foi! (...) Quanto a nós, não tivemos estratégias nenhuma para a relação, manter a relação. Fomos nós próprias! É o que eu penso. Ninguém foi aqui diferente (...) Eu atuo diferente com os miúdos porque eles são todos diferentes, mas a minha essência é sempre igual, não consigo ser diferente. Não sou diferente aqui na minha maneira de ser ou de agir, como não sou diferente ali, só porque é a turma da outra colega, ou na outra porque é outra turma. Sou eu, não consigo ser diferente. (...) acho que superou as minhas expectativas [relação com os alunos] e foi muito mais fácil, sem utilizar estratégias nenhuma. Com os meus medos, mas sem estratégias. (...) eu acho que estas três turmas por si só já sabem aceitar muito bem. (...) Pela prática que eu tenho e pelo que vejo nas três turmas, qualquer turma que tenha alunos com necessidades educativas especiais, os outros alunos são muito mais inclusivos, aceitam-nos muito melhor. (...) trabalha-se muito melhor com essas turmas. Eu acho que ensinam muito mais os meninos da Educação Especial aos alunos do ensino regular do que praticamente vice-versa. Eles sabem receber, sabem ver a diferença e se calhar essa diferença que se calhar desde o primeiro ano já aprenderam a ver com o outro colega, também acabaram por ver conosco.

(...) Essa inclusão também é muito boa! E se eles incluem e sabem incluir os colegas e sabem ver a diferença dos colegas, também sabem as nossas, a nossa relação, os nossos afetos... (...) Encantados da vida [os encarregados de educação]! Só dizem: “É para continuar? É para continuar! É para continuar!” (...)

[Acerca das repercussões do trabalho desenvolvido pela equipa docente] (...) Sem dúvida que teve impacto [o trabalho em equipa na prática letiva]. Acho que aí não há qualquer dúvida. (...) nós sentimos precisamente ao lançar as notas, na avaliação, sentimos isso mesmo. Se calhar se eu fosse avaliar só a minha turma, o aluno x e y tinha uma determinada nota, mas em comparação com a turma [designação] e a turma [designação], se calhar posso ajustar porque, afinal de contas, tenho termo de comparação. Não é só dentro do grupo turma, mas dentro das turmas, neste caso três, se fossem mais, se calhar, ainda dava para mais, (...) E parece-me que desta forma acabamos por ser mais justas. (...) Mais justas! Eu senti isso. (...) Mais justas! Também senti isso. (...) Para mim foi [mais fácil avaliar em equipa]! (...) Sobretudo aqueles miúdos que não conseguiram atingir tão facilmente aquilo que era abordado, foi mais fácil entre nós conseguirmos aferir a nota adequada, a avaliação adequada porque (...) notámos diferença numa determinada área mas entretanto compensou noutra e deu para nós podermos ser mais justas. (...) O mais correta possível [avaliação dos alunos], uma vez que não era só dentro do grupo, mas sim dentro de vários grupos. Foi mais assertiva, mais justa. (...)

[Acerca da natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pela equipa docente] (...) agora no fim, também houve vários [encarregados de educação], mesmo encontrando aqui na escola, o agradecimento: “obrigada por tudo, resultou lindamente”. As pessoas dirigiram-se a cada uma de nós a agradecer. (...) eu vou ter que ser sincera. O início não foi logo bom porque, talvez por ser talvez a Matemática. Há certos pais que têm umas certas expetativas e, com a minha chegada, a coisa não fluiu logo, os meninos não mostraram logo que eram bons. (...) E ouvi e recebi recados escritos que aquele problema não era para os meninos desta idade, quando (...) tinha sido tirado exatamente do livro dos meninos, de terceiro ano. Mas eu percebi que era a reação a uma nova figura. (...) não respondi,

como é óbvio, e pensei “temos que dar tempo ao tempo porque isto é a adaptação dos pais também” (...) Os critérios são iguais para todos os meninos, portanto há meninos que têm muito bom, outros têm bom, outros têm suficiente. Os critérios estão definidos e, como tal, o menino ainda não atingiu a expectativa do pai. Mas não é a professora de Matemática, porque os pais também falham em muita coisa (...) Então, não digo que com todos [encarregados de educação] (...) eu tenha conseguido essa boa relação... aberta, em que tenham cem por cento de confiança no meu trabalho. Esse feedback eu não tenho de todos. (...) Tem a ver com a disciplina em si [matemática]. (...) Sim, e em monodocência aconteceria igual... se calhar... (...) A minha vontade era que todos os pais (...) estivessem satisfeitos com tudo, mas realmente não estão... (...) Mas não posso dizer que realmente é com todos, porque eu sei que com dois ou três não é. Mas são só dois ou três num universo de sessenta e oito, são muito poucos. (...) Tem que ver com a disciplina em si. (...) Se pegares num quinto ano, onde há mais recursos, onde há mais... é sempre com a situação também da Matemática, tem que ver com o grau de exigência das metas de aprendizagem... (...) E as expectativas que alguns pais vão criando... (...) E a relutância de alguns pais relativamente à Matemática! Quando se fala em Matemática alguns pais da minha turma que ficam: “ai, nunca fui bom e ele também não pode ser bom!” (...) Relativamente a isso [relação com os pais], e eu defino em duas reuniões. A primeira, quando eu olho para aquele anfiteatro e vejo os pais quando nós anunciámos o projeto... Uns não caíram dali porque... pronto estavam sentados! (...) Porque alguns ou caíam para a frente ou para trás, aquilo estava muito... E foi um choque muito grande! (...) Tanto que depois saímos e fomos cada uma fazer a sua reunião. As pessoas nem sabiam se haviam de falar. E via-se na cara delas a relutância, o medo e o pânico que elas tinham do que é que vai acontecer a partir de agora. Quando é que eu consegui sentir a coisa diferente? Foi na reunião em que os pais pediram para falar conosco. Foi importante! Eu acho que aquela reunião veio esclarecer algumas coisas, para eles até se sentirem à vontade e foi a partir daí que eu senti que eles começaram a dirigir-se a cada uma de nós. Até os recados na caderneta eram para a professora X, para a professora Y, para a professora Z. Eram individualizados. E eu acho que isto é importante! Eles precisam também de sentir, tal e qual como os miúdos, uma

coisa é o que os miúdos transmitem, outra coisa é eles sentirem também. Eles precisam sentir! Conhecer-nos! No fundo, é conhecer cada uma de nós. E aí foi a diferença, aí foi a mudança, porque até lá a coisa não estava muito bem consolidada, se bem que na turma [designação] não houve nenhum pai... houve um pai apenas que afirmou ser opositor. De resto, não assumiram logo, mas mais tarde assumiram as suas ansiedades, os seus medos iniciais. (...) agora é: "Então e para o ano? Isto vai mudar? Eu espero bem que não mude! Acha que há probabilidade?" E eu digo sempre como respondo sempre: "Para o ano não sei. Para o ano logo se vê." (...) Como diz o ditado... Primeiro estranha-se e depois entranha-se (...) temos que dar tempo para que as pessoas possam ouvir os filhos, o que é que acontece na sala de aula, cada um deles, e dar-lhes tempo porque aquilo foi inicial. Aquilo foi um choque inicial. (...) Temos que ganhar a confiança [dos encarregados de educação]... (...) Esse tempo se calhar foi importante para as pessoas pensarem. Quando foram para a reunião contigo já iam com alguma maturidade e com algum feedback positivo dos filhos, que ajudou. (...) Foi melhor ser imposto por eles, ou seja, pedido por eles do que imposto por nós. Nós irmos à frente. Foi uma atitude bonita de todos os pais. Quer dizer que a coisa tava bem. (...) Estavam recetivos. (...) eu acho que tudo aconteceu no tempo certo e quando devia acontecer. (...) transmitimos o feedback do que acontece nas nossas reuniões aos encarregados de educação (...) Fazemos sempre esta pergunta: "o que é que tens para dizer sobre..." Cada uma de nós começa a falar. Tudo isso é anotado e depois, na reunião de pais, tudo é transmitido: "a professora de Inglês disse... a professora de matemática salientou isto, fez referência a isto..." (...) também já houve casos em que os pais tiveram necessidade de uma reunião em particular com determinada professora, em que a professora titular fez de mediadora, portanto, recebeu essa vontade dos pais, que precisavam de falar com a professora tal, e nós transmitimos à colega e chegámos a um acordo acerca do dia em que eles se iriam encontrar. E a professora titular não esteve presente porque era especificamente com a professora X. (...) Fez-se a ligação. (...) Eu acho que o tipo de atividades que foram realizadas, ao longo do ano letivo, também chamou a atenção dos pais. Porque eles vêm realmente que nós estamos... que nada é feito por acaso e nada é feito sozinho (...) Eu achei muito giro e gostei muito, porque sei

que isso é ótimo, essencialmente para os meus alunos, de umas atividades em que vocês chamaram os pais, eu assisti, (...) e vi um bocadinho mais ou menos a organização e o funcionamento, foi aquela da leitura na biblioteca e o jogo do 24, que eu também nunca pensei que eles aderissem. Achei que realmente aquilo é ótimo, porque está a colocar pais de diferentes turmas a falarem do mesmo universo, do mesmo assunto, quando dantes ficava cada um na sua casinha (...) Falavam do seu filho com a sua professora... E eles, em três turmas, num universo tão grande no primeiro ciclo, (...) é um bocadinho fora do comum e achei que isso ajuda imenso para as lições. Para os alunos isso cria estímulos ótimos e para os nossos é uma coisa... é bom, é bom, é bom... para saírem da rotina. (...) acho que são idades em que já não tem lógica, nem tem benefícios nenhuns eles [alunos mais velhos] continuarem com aquele modelo do “professor dos pequenos”. (...) Então em faixas etárias um pouco mais avançadas não tem já lógica nenhuma, nem em termos neurológicos, nem psicológicos, continuar a ter aquele modelo de um professor. Eu acho que isso resultou no comportamento do tal aluno que antes teve tantas advertências e este ano acho que só teve aí uma coisinha, acho que só fez uma coisita. E realmente foi ótimo, porque ele habituou-se àquilo que já estava a precisar. (...) Até o pai desse menino já falava com todas as professoras. Somos todas as professoras, são todas, são todas as professoras dele. (...) quando a nossa menina daqui (...) passa a aula toda a dizer: “professora [nome], professora [nome], professora [nome], olá tiexei”. Uma menina com um Currículo como ela tem, com o perfil que ela tem... (...) Que não falava, ou pouco falava... (...) Agora precisamente passa a aula a falar e o que é que ela fala, ela lembra-se do nome: “professora [nome], professora [nome]!” (...) Então e o vocabulário? É capaz de dizer bom dia a ti, olá, e ela diz “good-bye”, “bye-bye!” Ela sabe, ela relaciona. (...) Quando essa aluna, com esse perfil, consegue fazer a articulação e dar-se bem, em termos de relacionamento, com todos é o exemplo para todos os outros. (...) E também é muito importante, ao nível da relação (...) eu acho que também é o eles verem o modelo das professoras. Eles tratam depois esses colegas, porque eu vejo isso em relação a esta aluna e a outros. Quando lhe dão um beijo, quando lhe dão um abraço, quando ralham, eles estão a ver. Eles estão a ver o modelo. Se o modelo for ralhar com ela, dizer que ela não faz nada bem, eles vão fazer a mesma

coisa. Mas se o modelo for falar com ela, puxar por ela, perguntar o que ela está a ver no quadro, que imagem é esta, fazer os trabalhinhos da mesma, da matemática mas adaptados a ela, com ajuda... Eles vêm isso tudo e isso é muito bom porque daí vem a inclusão. É do modelo, do modelo que eles vêm os adultos ter com a própria criança. (...) Pois com esta aluna em particular é muito engraçado, porque ela sabe exatamente o que é que eu venho ensinar, porque ela diz na minha aula “dezenas”, vai para o quadro e faz risquinhos com o giz e diz: “as dezenas!”. “Um, dois, três, cinco, seis, oito”, vai papagueando (...) porque é o que ela vai parlando, vai dizendo, mas no assunto da minha aula, o que eu acho extraordinário! (...) Na Música ela vai para o quadro, faz os risquinhos e diz: “tá, tá, titi, tá!” (...) Ela sabe onde está. (...) Ela sabe realmente separar as disciplinas, com a professora. (...) E vocês sabem que quando eu entro, à quinta-feira, a seguir à professora de Inglês, ela diz “olá professora”, mas depois diz “hello tixeí”. Porque saiu... (...) E vocês lembram-se das minhas reticências em colocar no Currículo dela o Inglês, porque eu achava: “o que é que aquela aluna... o que é que lhe vai servir?” Mas é a experiência, é experienciar coisas novas, estar a ouvir coisas novas e tanto é que é a tal assertividade da comunicação e da linguagem dela que é... chega a professora de Inglês é a “tixeí”, “hello”, “Good-bye”, “Bye-bye”... ela sabe. (...) Ela já sabe quando se diz “Hello” e quando é que se diz o “Good-bye”, ela sabe... A minha área foi uma experiência magnífica. A oralidade muito desenvolvida! (...) Muita oralidade! (...)

[*Acerca das repercussões do ambiente relacional da equipa docente*] (...) para mim, pessoalmente, contribuiu, melhorou e aprendi imenso [ambiente relacional da equipa]! Mesmo não estando nas aulas das minhas colegas, ou quando tinha, por exemplo, a colega que me dava apoio... coadjuvação, um dia por semana, aprendi com ela às vezes mesmo a forma como se dirige aos alunos. Agente fica a pensar se calhar daquela maneira consigo chegar mais depressa. Aprendi muito, sinceramente! (...) esta partilha, o trabalho em equipa melhorou a minha prática e, sobretudo, (...) enriqueceu! Aprendi muito, em conclusão, pronto! (...) são sempre ideias construtivas e são aquelas ideias que até vale a pena a gente apontar num papelinho porque até se pode esquecer. E a verdade é esta... (...) aprendi, vou aprendendo! (...) É assim, é óbvio que eu sempre me considereei uma boa

professora, na monodocência. Mas, de facto, nós saímos muito mais enriquecidas porque a colega diz “eu fazia assim na minha turma” (...) e nós vamos experimentar e a colega tinha razão (...) Se calhar, pensava que estava a fazer uma coisa muito gira, superdivertida, mas de facto isto até é melhor! E penso que sim, que melhorou [a prática letiva], não digo em termos científicos, porque isso nós todas sabemos quais são os conteúdos que temos que lecionar. É a forma como os vamos transmitir! E isso nós aprendemos umas com as outras (...) Foi o primeiro ano. Eu penso que o segundo ano do projeto ainda tem mais probabilidade disso acontecer (...) Porque a confiança entre todas aumentou (...) Eu acho que, com o decorrer do tempo, aumentou. (...) Já sabemos quem é quem. Sem dúvida! (...) Penso que sim, que me tornei melhor! (...) Eu tornei-me muito melhor! (...) Eu tornei-me muito melhor! E eu vou-te explicar porquê! Basta um papel... Sabes que as minhas colegas são iluminadas, um dia trouxeram-me um papel para... “isto é para pôr no caderninho dos trabalhos para casa”. Diz lá trabalho para casa e (...) O aluno tem que assinar, o pai tem que assinar e eu também. Nunca me tinha lembrado daquilo. Aquilo é uma estratégia fabulosa! (...) É para os pais irem acompanhando. (...) É uma grelha de grandes, em que o aluno tem que assinar, tal como a professora e o encarregado de educação nesse dia. Está no caderno de casa, portanto vai e vem todos os dias. (...) Há o compromisso entre todos...(...) Até num pequeno papel, numa palavra, numa ação, nós estamos a aprender. Todos os dias! (...) E passa se calhar muitas vezes em outras coisas informais que nós se calhar agora não conseguimos dizer e que transmitimos umas às outras. Sempre! (...) Sempre! Nem que seja no corredor, nem que seja quando a gente troca de sala... (...) E se calhar nós não fazemos os registos e aquilo sai-nos naturalmente nem estamos a ver que isso está a contribuir para a melhoria da nossa prática letiva. (...) Eu sinto que melhorou [a prática letiva]! (...) E a parte relacional é muito importante aqui! (...) Para quem faz precisamente Coadjuvação, por exemplo (...) Uma coisa é eu entrar numa sala onde os colegas já estão habituados a ter vários docentes de diferentes anos, outra coisa é entrar numa sala onde os colegas ainda só estão ligados à monodocência. Eu chego a estar a dar a aula, sou eu que estou a dar a aula e há colegas que de repente já estão a falar de outra coisa qualquer e chamam a atenção do menino disto, daquilo e daqueloutro. Quer dizer, não têm, é como se

aquela turma fosse deles (...) Elas têm uma visão diferente... (...) Nós às vezes também sentimos isso. (...) E aqui não. Eu entro aqui nesta sala e sinto-me sempre muito bem, e entro na tua e na tua e sinto-me bem porque existe esta ligação, este relacionamento, e este trabalho também veio ajudar nesse aspeto, no aspeto relacional e é óbvio que se nós estivermos motivados e se estivermos bem entre todos, tudo funciona. Tudo funciona (...) Se não, se às vezes sentirmos que até vamos entrar ali naquela sala e que parecemos, às vezes, que somos os intrusos (...) às vezes pensamos que a outra pessoa está a dizer: “o que é que esta pessoa está aqui a fazer?” (...) Pronto, se calhar por mais que nós tenhamos a vontade de fazer as coisas bem, se calhar já nem nos sentimos tão à vontade para (...) E vai influenciar a prática! E nestas três turmas isto não acontece. (...) E era engraçado, por exemplo, à terça-feira quando eu venho dar a Matemática e estava lá a [nome] de Inglês (...) Ela própria dizia aos miúdos: “então vamos começar a arrumar as coisas do Inglês e vão buscar as coisas de Matemática”, percebes? Porque nós temos este à vontade. Ela poderia achar que eu não gostasse que ela mexesse nas minhas coisas. (...) e foi tudo natural! (...) Mas de facto, uma vez que nós já nos conhecíamos, (...) achava aquilo natural (...) ela fazia e eu achava aquilo extraordinário, quando eu chegava já tinha essa parte feita! (...) Viste como facilitismo e não como intromissão. (...) Não, vi como trabalho de equipa! Ela sabe que eu venho, acabou o dela e já está a iniciar o que vem a seguir. Achei ótimo! (...) E os próprios alunos fazem logo essa separação. (...) nós sentíamos-nos mais à vontade com este universo aqui do projeto. (...) Mas aqui foi extraordinário! E os miúdos aceitaram perfeitamente e nota-se precisamente isso. Aqui as coisas fluem com muita naturalidade, porque para eles era mais uma disciplina. Porque eles tinham a disciplina de Estudo do Meio com uma professora e ao Português ia outra e ao Inglês ia outra! Era só acrescentar mais um elemento, o que facilitou bastante as coisas. Nas outras turmas, em que só há uma professora (...) lá íamos nós caídas de paraquedas naquela horinha. Perdia-se mais tempo na tal transição, em que nós tínhamos que estar ali à espera que a professora titular mande arrumar (...) Perdia-se ali quase dez, quinze minutos até os miúdos saírem daquela titularidade e ok agora vamos começar o Inglês. Levava ali mais um bocadinho, que aqui nunca se sentiu. (...) Contribuiu, sim [o trabalho de equipa para a melhoria da

prática]! Contribuiu e outra coisa que para mim foi muito importante e que eu tenho imensa pena de não poder estar nunca nas reuniões até ao fim, porque começava a aula entretanto, mas essas reuniões, para mim, foram muito importantes. Porque (...) eu não conhecia nenhum miúdo. Não tinha informação nenhuma. Nem como é que se gere melhor o comportamento daquele miúdo nem como é que se chega melhor até ao outro, e essas reuniões, mesmo que eu não tivesse nada a dizer, eu ouvia aquilo que elas diziam (...) E era muito mais fácil perceber como é que havia de lidar com determinadas situações ou que estratégia é que devia adotar para melhor acompanhar determinado alunos. E sentia necessidade disso com outras turmas, porque aqui eu tinha a sensação de que conhecia melhor cada realidade e nas outras turmas temos que ser nós que, aos poucos, nos vamos adaptando e, com mais dificuldade, conhecendo os meninos. Isso acho que foi um elemento decisivo! Essas reuniões acho que são de extrema importância, até porque (...) assim as coisas batem todas certas, o que a professora de Português diz é o que diz a professora de Inglês, é o que diz a professora de Estudo do Meio, e anda ali tudo a tocar certinho. (...) E há uma divisão muito boa dos tempos das disciplinas (...) eu quando chegava à turma do [designação] estavam caderninhos distribuídos, flautas distribuídas e os meninos a tocar ou a cantar a última canção ou a última melodia que deram, já estavam a fazer. Mal eu vinha a descer os degraus, já os estava a ouvir. E ainda nem sequer estava dentro da sala de aula. (...) Mas é isso. Não havia quebras. Não havia aquela quebra dos miúdos estarem ali à espera. (...) E logo de início, acho que nisso também temos mérito porque nós também destinámos, logo na sala, o sítio onde iam ficar as flautas, o sítio que era para o Inglês, foi tudo, o sítio que era para os livros de Matemática, o sítio... e eles [alunos] perceberam que eram todos iguais, todos tinham o seu lugar lá na sala. Mesmo a nível da organização do material. Eles perceberam! (...) Eu no início eu senti logo quando cheguei à tua turma, quando dei a primeira música de boas vindas e do comportamento, que lhes dei fotocópia (...) Quando cheguei à aula seguinte, eles tinham recortado e tudo coladinho no caderno de música. E não fui eu. (...) Existe, desde o início que existe esta articulação e não importa ser o trabalho da disciplina A, B, C, D ou E. O que importa são os miúdos e eles próprios sentirem que existe esta ligação, esta articulação entre todos. (...) Excelente [ambiente afetivo da

equipa]! (...) Abertura. (...) Cooperação. (...) Cumplicidade. (...) Cumplicidade! (...) Criatividade! Também existe muita. (...) E respeito! (...) Respeito! (...) Muita vontade! (...) Amizade! (...) Ótimo! O ambiente foi ótimo. (...) Concordo plenamente [ambiente ótimo na equipa]! (...) achei essa interdisciplinaridade, essa comunicação muito boa. (...) Acho que foi isso que existiu em todos, não só nos titulares, (...) mas mesmo em relação aos outros (...) É um bom ambiente... É a partilha. (...)

[*Acerca da opinião pessoal acerca do desenvolvimento do projeto investigativo*] (...) A articulação horizontal entre as diferentes disciplinas. (...) As pessoas! (...) A articulação vertical que é muito importante a nível, não tanto do Currículo, mas a nível das atitudes e valores, da parte comportamental. (...) Para mim teve muitos aspetos positivos. A partilha, a cooperação entre as colegas, aquela reunião semanal que fazíamos sempre para chegarmos a um consenso do que se tinha passado na semana anterior e o que é que tínhamos pensado e projectado para a semana seguinte. Portanto, acho que isso foi um aspeto muito positivo. Acho que nos dava um conhecimento alargado de todos os alunos em geral e conseguíamos falar daquele aluno, não só na área em que nós estávamos a lecionar, mas tínhamos um conhecimento do aluno no global, no geral, porque nós partilhávamos esse conhecimento acerca dos alunos nas reuniões. (...) Para mim é a multiplicidade e diversidade de estratégias em sala de aula. Para mim foi ótimo. Acho eu, em termos de efeitos para os alunos. Não só em termos afetivos, mas também de aquisição de aprendizagens. (...) Sim, por acaso ainda não tocámos nos resultados escolares, mas se calhar acho que um dos pontos fortes são os resultados. (...) Gradualmente. Repercutiu-se [nos resultados escolares] e tem muito que ver com a avaliação (...) Aquilo que eu fiz numa turma em relação à Matemática, fiz nas outras duas de igual forma. (...) A qualidade do ensino (...) Sim [melhoria no ensino e nos resultados], mas volto a dizer, nada disto se faz sem as pessoas. (...) A relação entre as pessoas. (...) A abertura, a cumplicidade, a cooperação... (...) É mais desafiante preparar só uma [disciplina]. (...) É. Mas mais difícil, porque vais querer beber mais, vais querer ir à procura de novas estratégias. Aprofundar (...) Acabamos por ter... por nos perder um bocado naquela área específica, coisa que eu devo confessar é que na monodocência, quando tinha as

três áreas nucleares ia uma vez para uma, outra vez para outra e para outra. (...) esse aprofundar mais aquela área significa que depois ao nível da sala de aula e ao nível da aplicação daqueles conteúdos, se calhar também são muito mais aprofundados. (...) O que vem beneficiar e melhorar os resultados. (...) Por isso é que eu digo que os resultados são bons, porque também sinto que se calhar a exigência é maior (...) Durante aquele período de tempo a gente só pensa na nossa disciplina. (...) Mas eu perco o mesmo tempo para uma do que para as outras, porque eu quero levar mais além, quero diversificar, quero apresentar coisas novas... (...) Por isso é que eu estou a dizer este projeto se calhar também ajuda nesse aspeto, não quer dizer que trabalhem menos, pelo contrário... (...) Permite é aprofundar mais aquela área e por isso vai melhorar a prática daquela área e os resultados naquela área. (...) Tirando as colegas que falaram contra... (...) Olha isso é muito bom, porque agora já ninguém diz nada! (...) Isso é bom, é positivo! (...) Eu acho que foi tudo positivo no sentido que foi uma experiência única que nunca nenhuma de nós passou. Portanto, tudo o que poderá ser um pormenor, no meio de tudo o que foi aqui dito, não é negativo, nem menos positivo, porque serviu para melhorarmos, para ajustarmos. (...) Eu acho que é pena alguns docentes desta escola ainda não terem percebido, e não estou a falar desta equipa, estou a falar de outros docentes, claro, não terem ainda percebido a importância do projeto e a forma como a equipa trabalha. (...) Acho que as pessoas deveriam ter-se aproximado. (...) Foram as resistências... (...) A tudo o que é novo. Infelizmente é assim... Tudo o que é novo... (...) Por vezes pode não se aceitar, pode não se aceitar porque não se sabe o que é e depois quando se verifica que a coisa até funciona, depois aí que me desculpem, mas já pode haver um bocadinho de dor de cotovelo e eu que passo por todos os terceiros anos apercebo-me e sei o que é que se passa. (...) as pessoas são competitivas e o que lhes interessa ver é se os resultados que aparecem nas pautas destas turmas são melhores que os das outras. Mas não é isso que está aqui em causa, porque cada turma tem o seu contexto. Nós não estamos aqui em competitividade que a turma [designação] (...) tem melhores notas que a [designação] (...) ou da [designação] (...). Isso não conta. Temos que ter em conta o processo de cada aluno e é aí que nós vemos o sucesso. Mais nada. E os bons resultados, não é em relação a uma turma... Os contextos

são diferentes, há turmas com CEI's, com PEI's e há outras que não têm. Não se pode comparar isso assim. Não estamos a fazer nenhum ranking aqui na escola. (...) E essas pessoas [docentes] sentiram-se talvez um bocadinho ou intimidadas ou essas resistências surgem de estes agora irem ser os melhores. Não se trata disso. E acho que as pessoas continuam um bocadinho iludidas... Não se trata disso. É preciso às vezes também tentar esclarecer isto. (...) Por isso é que eu digo este aspeto menos positivo, mas não do projeto porque o projeto está muito bem, mas sim das resistências que ainda houve perante o projeto. (...)

[*Acerca de sugestões de melhoria na organização do projeto investigativo*] (...) Nós este ano quisemos dar estabilidade aos miúdos, permanecendo na sua sala de aula enquanto eramos nós que saíamos de uma turma para outra noutra sala. (...) Muitas vezes há necessidade de utilizar certos materiais ou de afixar informação nos placards o que me obrigou a fazer isso a triplicar, com a ajuda das minhas colegas que produziram muitos cartazes (...) Então, tivemos que ter isso nas três salas e eu tinha que me deslocar com réguas e esquadros e aquilo tudo também de uma sala para a outra. Quando é uma vez, faz-se bem, um ano letivo inteiro torna-se um bocadinho cansativo (...) Também tínhamos que dividir depois o espaço pelas outras disciplinas. (...) a minha sugestão, penso que também é das minhas colegas porque já falámos, (...) era que no próximo ano e uma vez que também já é final de ciclo, porque não apostarmos em fazer uma sala da Matemática, do Estudo do Meio e do Português e serem os alunos a rodar. (...) Vai ser outro desafio, portanto o projeto vai continuar a trazer-nos sempre novos desafios. Não vamos pensar que isto vai ficar estagnado (...) Agora estou-me a lembrar disto em termos dos materiais, mas hão de vir novos desafios que entretanto nós nos vamos lembrando. Em termos de transição de uma sala para a outra, acabarmos por exemplo cinco minutinhos mais cedo (...) para possibilitar a arrumar o material e para se fazer a saída de uma sala para a outra sala. Em termos das lancheiras, onde é que vão ficar? Em termos dos casacos, dos guarda-chuvas... São coisas que parecem básicas, mas que temos que depois pensar como é que se organizam, de modo a que haja menos constrangimentos possíveis nessas transições. Mas a minha sugestão era realmente, uma vez que é final de ciclo, fixarmo-nos nós e rodarem os miúdos. Há miúdos que já nos deram esse

feedback, que gostavam muito de serem eles a mudar de sala. (...) E preparam-se para um quinto ano e a seguir vão ter que mudar de sala. É uma preparação para o quinto ano. (...) Eles querem ser crescidos, porque na outra escola também vão ter que mudar de sala e então acham que isso seria bom. (...) Ficar a mesma equipa! Com todas! (...) Exatamente! Para todas! (...) Acho que sim, até para a estabilidade e até crescimento do projeto acho que era essencial haver a continuidade desta equipa. (...) Podemos pensar numa visita de estudo ligada à Música e às restantes áreas, com mais que um dia, para as três turmas. Podemos pensar nisso... (...) Para culminar. (...) Outra coisa que eu acho muito importante manter ou mesmo aumentar são essas atividades com os encarregados de educação das três turmas tudo ao barulho. Acho bom para que continue a união. Achei ótimo e é para manter essas atividades. (...) Então, para o ano vamos pôr todos ao barulho. Vamos fazer o jogo do Mata, como ela fez um ano. (...) No quarto ano eu penso que têm que contar que vão acelerar um pouco as expectativas dos papás, por ser o ano terminal, portanto é bom manterem esse nível de afetividade nas atividades com os alunos e pais. Acho que isso vai ajudar. (...) Era giro as nossas três turmas fazerem um trabalho com um lar da terceira idade a nível de Música, a nível de poesia, a nível assim de umas coisas giras. Aproveitar a Expressão Musical, a Expressão Plástica... (...) Eu tenho uma sugestão mas que tem que ver com a Câmara Municipal, com a piscina, que era um dos períodos letivos, em vez que fazemos Expressão Físico-Motora aqui porque não fazer natação? A Câmara cedia o autocarro e fazia-se natação lá. Tinha também que haver um técnico lá que acompanhasse a turma. (...) Emoções? Queres emoções? (...) olha lá para as nossas caras e observa como estamos felizes todas nós. Vê lá se não consegues ver as emoções... (...)

ANEXO Xd

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/EE

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA EFG1/EE

Unidades de sentido

1. *[Acerca das dificuldades sentidas no trabalho colaborativo/cooperativo desenvolvido pela equipa docente]* (...) Há uma coisa que foi comum e que eu senti. Quando falava de um aluno, (...) nós sentíamos assim um certo receio inicial de como é que eu vou abordar este assunto, e depois chegávamos à conclusão de que aquilo que eu tinha dito até era coincidente com o pensamento delas. (...)
2. (...) Inicialmente (...) tive algum constrangimento em ir abordar assuntos de determinadas turmas, referir determinados miúdos, porque eu não sabia qual era a visão que as colegas tinham de cada um em particular. (...)
3. *[Acerca dos pontos fortes do trabalho colaborativo/cooperativo desenvolvido pela equipa docente]* (...) E acho que a diferença de ideias, todos somos diferentes, todos temos ideias diferentes, a partilha de experiências é muito importante (...)
4. (...) é esta abertura que eu acho que qualquer uma de nós teve (...) E é fundamental para trabalhar em equipa, caso contrário... (...)
5. (...) Eu não sei se é possível fazer comparações, mas (...) já que eu tenho várias outras turmas aqui na escola, (...) eu sinto muito essa diferença. (...) nesta equipa, dá para sugerirmos, dá para propormos para ser feito, enquanto algumas não. (...)
6. (...) Porque nem todos os colegas conseguem aceitar alguém que vem de fora e conseguem trabalhar em equipa e conseguem ver outras ideias e outras formas de estar e de trabalhar. (...) eu senti que com os colegas que aqui estão que isso não aconteceu. Sempre tive abertura suficiente para falar convosco, para trabalhar convosco e vocês sempre estiveram em articulação comigo e eu acho que também convosco. (...)
7. (...) o trabalho de equipa, (...) a não monodocência funciona mesmo por isto, porque ajuda-nos a ter uma perspetiva no global (...) Mais abrangente e não uma perspetiva só individual, eu às vezes até digo que é muito egocentrista, só metido para si. Não, tem que ser virado para todos, para o todo. E o todo somos nós e são os miúdos todos (...)

8. (...) Existe, desde o início que existe esta articulação [entre a equipa] e não importa ser o trabalho da disciplina A, B, C, D ou E. O que importa são os miúdos e eles próprios sentirem que existe esta ligação, esta articulação entre todos. (...)
9. [*Acerca da planificação da ação educativa pela equipa docente*] (...) Em primeiro lugar tínhamos as nossas reuniões semanais, onde estávamos presentes (...) Dávamos a conhecer o que é que ia ser trabalhado, nas diversas áreas, se houvesse possibilidade de trabalhar em interdisciplinaridade melhor ainda. (...)
10. (...) eu estava a trabalhar com (...) alunos com Currículo Específico Individual (...) Achei importante logo no início juntar-me com as colegas, naquela sessão da segunda-feira, para dar a conhecer o perfil de funcionalidade daqueles alunos que as colegas não conheciam. (...) dar mais informação sobre eles, (...) sobre certas características dos alunos. Achei muito importante definirmos como é que íamos trabalhar. (...)
11. (...) Depois eu não achei e acho que as colegas também não acharam tanta necessidade de me juntar todas as segundas-feiras porque todos os dias eu estava numa das salas, eu estava sempre com elas. Como venho à sala trabalhar com os meninos, falava com elas, definia estratégias, materiais, partilhávamos materiais... E foi assim que o trabalho foi feito. (...)
12. (...) Essas reuniões acho que são de extrema importância, até porque (...) assim as coisas batem todas certas, o que a professora de Português diz é o que diz a professora de Inglês, é o que diz a professora de Estudo do Meio, e anda ali tudo a tocar certinho. (...)
13. [*Acerca do desenvolvimento interdisciplinar e globalizante do Currículo pela equipa docente*] (...) nem sempre é possível conciliar, mas sempre que foi possível tentámos fazer isso. (...) Articular os vários conteúdos das diversas áreas. (...)
14. (...) Sempre tentámos por em prática a interdisciplinaridade, mas às vezes não é possível, (...) É na oralidade, é em assuntos do quotidiano deles, mas em especificidade, muitas vezes não é. (...)
15. (...) Nem sempre deu, mas todas as vezes que houve possibilidade fizemo-lo [interdisciplinaridade]. Mas há constrangimentos, quer no regime em que estivemos agora, quer como monodocente, porque os programas assim o exigem. (...)

16. (...) Nem sempre se consegue os cem por cento da interdisciplinaridade. Nem num regime nem noutro. (...)
17. [*Acerca da análise e reflexão sobre a prática letiva pela equipa docente*] (...) O início da reunião era sempre o balanço da semana que passou. (...)
18. (...) Nós reunimos à segunda, o balanço da semana anterior, o que é que se conseguiu trabalhar, o que é que não conseguimos fazer, quais os alunos que tiveram mais dificuldades... (...) Os conteúdos em que eles tiveram essas dificuldades... (...) A melhor maneira de contornar (...)
19. (...) o estarmos constantemente a partilhar e a falar (...) tenho esta matéria, se calhar eu dava assim, mas se calhar tenho outra estratégia para dar... E essa troca de ideias e experiências é muito importante. (...)
20. [*Acerca da análise e reflexão sobre os resultados dos alunos pela equipa docente*] (...) enquanto primeiro ano de implementação, que foi tudo novidade para nós, acho que conseguimos bons resultados. E de facto trabalhámos em equipa. (...)
21. (...) assim sabíamos que estávamos todas a trabalhar no mesmo sentido e que as coisas batiam certo (...) porque sabíamos que estávamos todas a fazer da mesma forma para eles puderem atingir os melhores resultados possíveis. (...)
22. (...) a nossa grande preocupação era relativamente aos meninos que não conseguiam acompanhar por algum motivo e aqueles que tinham mais dificuldades (...)
23. [*Acerca da delineação de estratégias de melhoria da ação educativa pela equipa docente*] (...) É isso que é o próprio trabalho de equipa. É concertar entre todas o que se tem que fazer (...)
24. (...) E entre nós refletimos e se calhar é melhor fazermos assim, com as estratégias que funcionassem melhor com o aluno A ou com o aluno B... Em troca de ideias e, daí, para essa semana seguinte já podermos implementar essas estratégias. (...)
25. (...) E sendo um trabalho de equipa e um projeto, é por tentativas. Ele tem que ser avaliado ao longo do tempo, por isso tem que ser tudo pensado para verificar se resulta se não resulta (...)

26. [*Acerca da avaliação dos alunos pela equipa docente*] (...) A nossa avaliação que cada uma fazia dos miúdos era coincidente, não era díspar, não era diferente. E assim também era muito mais fácil, não havia aqui opiniões contrárias. (...)
27. (...) Se calhar se eu fosse avaliar só a minha turma, o aluno x e y tinha uma determinada nota, mas em comparação com a turma [designação] e a turma [designação], se calhar posso ajustar porque, afinal de contas, tenho termo de comparação. Não é só dentro do grupo turma, mas dentro das turmas, neste caso três, se fossem mais, se calhar, ainda dava para mais, (...)
28. (...) E parece-me que desta forma acabamos por ser mais justas [na avaliação]. (...) Mais justas! Eu senti isso. (...)
29. (...) Mais justas [na avaliação]! Também senti isso. (...)
30. (...) Sobretudo aqueles miúdos que não conseguiram atingir tão facilmente aquilo que era abordado, foi mais fácil entre nós conseguirmos aferir a nota adequada, a avaliação adequada porque (...) notámos diferença numa determinada área mas entretanto compensou noutra e deu para nós podermos ser mais justas. (...)
31. (...) O mais correta possível [avaliação dos alunos], uma vez que não era só dentro do grupo, mas sim dentro de vários grupos. Foi mais assertiva, mais justa. (...)
32. [*Acerca da gestão da relação com os alunos pela equipa docente*] (...) No início determinados alunos iam esticando até, até ver. Agora vem a professora de matemática, deixa lá ver se eu posso por o pé mais à frente ou mais atrás. (...) as nossas reuniões de articulação serviam também para isso: “Não deixes porque ele está a experimentar ou, sei lá, pede-lhe a caderneta e põe em cima da tua secretária que ele fica logo...” (...)
33. (...) não tive que me impor pela autoridade, porque eles já são miúdos com comportamento bom, com exceção dum ou doutro que tentou realmente avançar para domínios onde não lhe pertencia, mas também percebeu. (...)
34. (...) Na minha turma, (...) já tinha a relação estabelecida com eles, portanto eu já sabia se tivesse que me zangar como é que eu me iria zangar, é diferente. Com estes eu não podia entrar logo assim muito... (...)

35. (...) teve que haver um meio-termo, nem ser muito permissiva e nem ser muito autoritária. Mas nos momentos certos, mostrar que eu estava lá e que era eu que mandava. Mas isso foi para ali uma semana, porque eles perceberam logo como é que era o jogo. (...)
36. (...) E de facto, no final do ano, a relação é boa com todos [os alunos]. (...)
37. (...) O que eu achei foi uma grande receptividade deles, uma grande vontade em conhecer-me e em aprender aquilo que eu tinha para lhes ensinar. (...)
38. (...) E é preciso, também nós, enquanto titular da minha turma, tentar um bocadinho o desapego... “eles não são meus, são de todos” e pensar que... não ter ciúmes deles [alunos] gostarem das outras colegas tanto como gostam de nós. (...)
39. (...) eles [alunos] perceberam que a nossa boa relação, entre nós professoras, não havia situações dessas. Portanto, eu respeitava o trabalho delas, a relação que elas têm com eles, uma relação afetiva que eu acho que é boa, porque quando às vezes fazemos a troca das salas, eles estão logo agarrados a dar beijinhos às outras professoras (...)
40. (...) eu achei, no geral, que os miúdos foram brilhantes porque aceitaram-nos, podiam não o ter feito (...)
41. (...) Porque são miúdos que ainda precisam de laços afetivos muito enraizados a um círculo pequeno de pessoas, mas não... esses laços foram alargados e é agora como se as três turmas fossem uma. (...)
42. (...) mesmo entre eles [alunos] verificou-se isso. (...) Portanto a parte de nós nos darmos também tão bem, de estarmos um bocadinho com cada um, de fazermos atividades em conjunto as três e eles, permitiu que eles se aproximassem e desenvolvessem uma relação que não tinham. (...)
43. (...) eles próprios criaram mais laços de afinidade com alunos que não tinham grande contacto e que agora, através do projeto, passaram a ter. (...)
44. (...) há um problema e a professora titular não está, eles [alunos] dirigem-se à primeira [docente da equipa] que aparecer, (...) Uma delas há de me ajudar a resolver este problema, (...)
45. (...) Eles [alunos] tiveram uma excelente capacidade de adaptação. Excelente! É como eu defino. (...)

46. (...) Nós com muitos medos. (...) Muita ansiedade (...) nós com medos. Eles [alunos], com a inocência deles, completamente abertos. Não esperava. Esperava que este processo fosse mais longo, moroso e difícil. Não foi! (...)
47. (...) Quanto a nós, não tivemos estratégias nenhuma para a relação [com os alunos], manter a relação. Fomos nós próprias! É o que eu penso. Ninguém foi aqui diferente (...)
48. (...) Eu atuo diferente com os miúdos porque eles são todos diferentes, mas a minha essência é sempre igual, não consigo ser diferente. Não sou diferente aqui na minha maneira de ser ou de agir, como não sou diferente ali, só porque é a turma da outra colega, ou na outra porque é outra turma. Sou eu, não consigo ser diferente. (...)
49. (...) acho que superou as minhas expetativas [relação com os alunos] e foi muito mais fácil, sem utilizar estratégias nenhuma. Com os meus medos, mas sem estratégias. (...)
50. (...) eu acho que estas três turmas por si só já sabem aceitar muito bem. (...) Pela prática que eu tenho e pelo que vejo nas três turmas, qualquer turma que tenha alunos com necessidades educativas especiais, os outros alunos são muito mais inclusivos, aceitam-nos muito melhor. (...)
51. (...) Eu acho que ensinam muito mais os meninos da Educação Especial aos alunos do ensino regular do que praticamente vice-versa. Eles sabem receber, sabem ver a diferença e se calhar essa diferença que se calhar desde o primeiro ano já aprenderam a ver com o outro colega, também acabaram por ver conosco. (...)
52. (...) Essa inclusão também é muito boa! E se eles incluem e sabem incluir os colegas e sabem ver a diferença dos colegas, também sabem as nossas, a nossa relação, os nossos afetos... (...)
53. (...) E também é muito importante, ao nível da relação (...) eu acho que também é o eles verem o modelo das professoras. (...) Eles estão a ver o modelo. (...)
54. (...) Mas aqui foi extraordinário! E os miúdos aceitaram perfeitamente e nota-se precisamente isso. Aqui as coisas fluem com muita naturalidade, porque para eles era mais uma disciplina. Porque eles tinham a disciplina de Estudo do Meio

com uma professora e ao Português ia outra e ao Inglês ia outra! Era só acrescentar mais um elemento, o que facilitou bastante as coisas. (...)

55. [*Acerca da gestão da relação com os encarregados de educação pela equipa docente*] (...) Encantados da vida [os encarregados de educação]! Só dizem: “É para continuar? É para continuar! É para continuar!” (...)

56. (...) agora no fim, também houve vários [encarregados de educação], mesmo encontrando aqui na escola, o agradecimento: “obrigada por tudo, resultou lindamente”. As pessoas dirigiram-se a cada uma de nós a agradecer. (...)

57. (...) eu vou ter que ser sincera. O início não foi logo bom porque, talvez por ser talvez a Matemática. Há certos pais que têm umas certas expetativas e, com a minha chegada, a coisa não fluiu logo, os meninos não mostraram logo que eram bons. (...)

58. (...) E ouvi e recebi recados escritos que aquele problema não era para os meninos desta idade, quando (...) tinha sido tirado exatamente do livro dos meninos (...). Mas eu percebi que era a reação a uma nova figura. (...) não respondi, como é óbvio, e pensei “temos que dar tempo ao tempo porque isto é a adaptação dos pais também” (...)

59. (...) Então, não digo que com todos [encarregados de educação] (...) eu tenha conseguido essa boa relação... aberta, em que tenham cem por cento de confiança no meu trabalho. Esse feedback eu não tenho de todos. (...) e em monodocência aconteceria igual... se calhar... (...)

60. (...) A minha vontade era que todos os pais (...) estivessem satisfeitos com tudo, mas realmente não estão... (...) Mas não posso dizer que realmente é com todos, porque eu sei que com dois ou três não é. Mas são só dois ou três num universo de sessenta e oito, são muito poucos. (...)

61. (...) Relativamente a isso [relação com os pais], e eu defino em duas reuniões. A primeira, quando eu olho para aquele anfiteatro e vejo os pais quando nós anunciámos o projeto... Uns não caíram dali porque... pronto estavam sentados! (...) E foi um choque muito grande! (...) As pessoas nem sabiam se haviam de falar. E via-se na cara delas a relutância, o medo e o pânico que elas tinham do que é que vai acontecer a partir de agora. (...)

62. (...) Quando é que eu consegui sentir a coisa diferente? Foi na reunião em que os pais pediram para falar conosco. Foi importante! Eu acho que aquela reunião veio esclarecer algumas coisas, para eles até se sentirem à vontade e foi a partir daí que eu senti que eles começaram a dirigir-se a cada uma de nós. (...)
63. (...) Até os recados na caderneta eram para a professora X, para a professora Y, para a professora Z. Eram individualizados. E eu acho que isto é importante! (...)
64. (...) Eles [encarregados de educação] precisam também de sentir, tal e qual como os miúdos, uma coisa é o que os miúdos transmitem, outra coisa é eles sentirem também. Eles precisam sentir! Conhecer-nos! No fundo, é conhecer cada uma de nós. (...)
65. (...) E aí [primeira reunião com a equipa] foi a diferença, aí foi a mudança, porque até lá a coisa não estava muito bem consolidada, se bem que na turma [designação] (...) houve um pai apenas que afirmou ser opositor. De resto, não assumiram logo, mas mais tarde assumiram as suas ansiedades, os seus medos iniciais. (...)
66. (...) agora é: “Então e para o ano? Isto vai mudar? Eu espero bem que não mude [opinião dos encarregados de educação]! (...)
67. (...) temos que dar tempo para que as pessoas possam ouvir os filhos, o que é que acontece na sala de aula, cada um deles, e dar-lhes tempo porque aquilo foi inicial. Aquilo foi um choque inicial. (...) Temos que ganhar a confiança [dos encarregados de educação]... (...)
68. (...) Esse tempo se calhar foi importante para as pessoas pensarem. Quando foram para a reunião contigo já iam com alguma maturidade e com algum feedback positivo dos filhos, que ajudou. (...)
69. (...) Foi melhor ser imposto por eles, ou seja, pedido por eles do que imposto por nós. Nós irmos à frente. Foi uma atitude bonita de todos os pais. Quer dizer que a coisa tava bem. (...) Estavam recetivos. (...)
70. (...) transmitimos o feedback do que acontece nas nossas reuniões aos encarregados de educação (...) Fazemos sempre esta pergunta: “o que é que tens para dizer sobre...” Cada uma de nós começa a falar. Tudo isso é anotado e depois, na reunião de pais, tudo é transmitido: “a professora de Inglês disse... a professora de matemática salientou isto, fez referência a isto...” (...)

71. (...) também já houve casos em que os pais tiveram necessidade de uma reunião em particular com determinada professora, em que a professora titular fez de mediadora, (...) e nós transmitimos à colega e chegámos a um acordo acerca do dia em que eles se iriam encontrar. E a professora titular não esteve presente porque era especificamente com a professora X. (...) Fez-se a ligação. (...)
72. (...) Eu acho que o tipo de atividades que foram realizadas, ao longo do ano letivo, também chamou a atenção dos pais. Porque eles veem realmente que (...) que nada é feito por acaso e nada é feito sozinho (...)
73. (...) Eu achei muito giro e gostei muito, porque sei que isso é óptimo, essencialmente para os meus alunos, de umas atividades em que vocês chamaram os pais, eu assisti, (...) e vi um bocadinho mais ou menos a organização e o funcionamento, foi aquela da leitura na biblioteca e o jogo do 24, que eu também nunca pensei que eles aderissem. (...)
74. (...) Achei que realmente aquilo é óptimo [atividades conjuntas com os pais], porque está a colocar pais de diferentes turmas a falarem do mesmo universo, do mesmo assunto, quando dantes ficava cada um na sua casinha (...) Falavam do seu filho com a sua professora... (...)
75. (...) E eles, em três turmas, num universo tão grande no primeiro ciclo, (...) é um bocadinho fora do comum e achei que isso [atividades conjuntas com os pais] ajuda imenso para as lições. Para os alunos isso cria estímulos óptimos e para os nossos é uma coisa... é bom, é bom, é bom... para saírem da rotina. (...)
76. *[Acerca das repercussões do trabalho da equipa docente na prática letiva das docentes]* (...) Sem dúvida que teve impacto [o trabalho em equipa na prática letiva]. Acho que aí não há qualquer dúvida. (...)
77. (...) para mim, pessoalmente, contribuiu, melhorou e aprendi imenso! Mesmo não estando nas aulas das minhas colegas, ou quando tinha, por exemplo, a colega que me dava apoio... coadjuvação, um dia por semana, aprendi com ela às vezes mesmo a forma como se dirige aos alunos. Agente fica a pensar se calhar daquela maneira consigo chegar mais depressa. (...)
78. (...) Aprendi muito, sinceramente! (...) esta partilha, o trabalho em equipa melhorou a minha prática e, sobretudo, (...) enriqueceu! Aprendi muito, em conclusão, pronto! (...)

79. (...) são sempre ideias construtivas e são aquelas ideias que até vale a pena a gente apontar num papelinho porque até se pode esquecer. E a verdade é esta... (...) aprendi, vou aprendendo! (...)
80. (...) É assim, é óbvio que eu sempre me considerei uma boa professora, na monodocência. Mas, de facto, nós saímos muito mais enriquecidas porque a colega diz “eu fazia assim na minha turma” (...) e nós vamos experimentar e a colega tinha razão (...) Se calhar, pensava que estava a fazer uma coisa muito gira, superdivertida, mas de facto isto até é melhor! (...)
81. (...) E penso que sim, que melhorou [a prática letiva], não digo em termos científicos, porque isso nós todas sabemos quais são os conteúdos que temos que lecionar. É a forma como os vamos transmitir! E isso nós aprendemos umas com as outras (...)
82. (...) Penso que sim, que me tornei melhor! (...) Eu tornei-me muito melhor! (...) Eu tornei-me muito melhor! (...) Basta um papel... (...) um dia trouxeram-me um papel para... “isto é para pôr no caderninho dos trabalhos para casa”. Diz lá trabalho para casa e (...) O aluno tem que assinar, o pai tem que assinar e eu também. Nunca me tinha lembrado daquilo. Aquilo é uma estratégia fabulosa! (...) É para os pais irem acompanhando. (...) Há o compromisso entre todos...(…)
83. (...) Até num pequeno papel, numa palavra, numa ação, nós estamos a aprender. Todos os dias! (...) E passa se calhar muitas vezes em outras coisas informais que nós se calhar agora não conseguimos dizer e que transmitimos umas às outras. Sempre! (...)
84. (...) Sempre! Nem que seja no corredor, nem que seja quando a gente troca de sala... (...) E se calhar nós não fazemos os registos e aquilo sai-nos naturalmente nem estamos a ver que isso está a contribuir para a melhoria da nossa prática letiva. (...)
85. (...) Contribuiu, sim [o trabalho de equipa para a melhoria da prática]! Contribuiu e outra coisa que para mim foi muito importante (...) essas reuniões, para mim, foram muito importantes. Porque (...) eu não conhecia nenhum miúdo. Não tinha informação nenhuma. Nem como é que se gere melhor o comportamento daquele miúdo nem como é que se chega melhor até ao outro, e essas reuniões, mesmo que eu não tivesse nada a dizer, eu ouvia aquilo que elas diziam (...) E era muito

mais fácil perceber como é que havia de lidar com determinadas situações ou que estratégia é que devia adotar para melhor acompanhar determinado alunos. (...)

86. (...) E sentia necessidade disso [reuniões] com outras turmas, porque aqui eu tinha a sensação de que conhecia melhor cada realidade e nas outras turmas temos que ser nós que, aos poucos, nos vamos adaptando e, com mais dificuldade, conhecendo os meninos. Isso acho que foi um elemento decisivo [para a melhoria da prática]! (...)

87. [*Acerca do ambiente afetivoemocional construído pela equipa docente*] (...) Excelente [ambiente afetivo da equipa]! (...)

88. (...) Abertura. (...)

89. (...) Cooperação. (...)

90. (...) Cumplicidade. (...) Cumplicidade! (...)

91. (...) Criatividade! Também existe muita. (...)

92. (...) E respeito! (...) Respeito! (...)

93. (...) Muita vontade! (...)

94. (...) Amizade! (...)

95. (...) Ótimo! O ambiente foi ótimo. (...)

96. (...) achei essa interdisciplinaridade, essa comunicação muito boa. (...) Acho que foi isso que existiu em todos, não só nos titulares, (...) mas mesmo em relação aos outros (...)

97. (...) É um bom ambiente... (...)

98. (...) É a partilha. (...)

99. [*Acerca das emoções sentidas pela equipa docente*] (...) Emoções? Queres emoções? (...) olha lá para as nossas caras e observa como estamos felizes todas nós. Vê lá se não consegues ver as emoções... (...)

100. [*Acerca das repercussões do ambiente relacional da equipa docente na prática letiva das docentes*] (...) E a parte relacional é muito importante aqui! (...) Para quem faz precisamente Coadjuvação, (...) Uma coisa é eu entrar numa sala onde os colegas já estão habituados a ter vários docentes de diferentes anos, outra coisa é entrar numa sala onde os colegas ainda só estão ligados à monodocência. (...)

101. (...) Eu chego a estar a dar a aula, sou eu que estou a dar a aula e há colegas que de repente já estão a falar de outra coisa qualquer e chamam a atenção do menino disto, daquilo e daqueloutro. (...) Elas têm uma visão diferente... (...) E aqui não. (...)

102. (...) Eu entro aqui nesta sala e sinto-me sempre muito bem, e entro na tua e na tua e sinto-me bem porque existe esta ligação, este relacionamento, e este trabalho também veio ajudar nesse aspeto, no aspeto relacional e é óbvio que se nós estivermos motivados e se estivermos bem entre todos, tudo funciona. Tudo funciona (...)

103. (...) se calhar por mais que nós tenhamos a vontade de fazer as coisas bem, se calhar já nem nos sentimos tão à vontade para (...) E vai influenciar a prática! E nestas três turmas isto não acontece. (...)

104. (...) E era engraçado, por exemplo, à terça-feira quando eu venho dar a Matemática e estava lá a [nome] de Inglês (...) Ela própria dizia aos miúdos: “então vamos começar a arrumar as coisas do Inglês e vão buscar as coisas de Matemática”, percebes? Porque nós temos este à vontade. (...) e foi tudo natural! (...)

105. (...) Mas de facto, uma vez que nós já nos conhecíamos, (...) achava aquilo natural (...) ela fazia e eu achava aquilo extraordinário, quando eu chegava já tinha essa parte feita! (...) Ela sabe que eu venho, acabou o dela e já está a iniciar o que vem a seguir. Achei ótimo! (...)

106. [Acerca das repercussões do ambiente relacional da equipa docente no bem-estar pessoal e profissional das docentes] (...) nós sentíamos-nos mais à vontade com este universo aqui do projeto. (...)

107. (...) Nas outras turmas, em que só há uma professora (...) lá íamos nós caídas de paraquedas naquela horinha. Perdia-se mais tempo na tal transição, em que nós tínhamos que estar ali à espera que a professora titular mande arrumar (...) Perdia-se ali quase dez, quinze minutos até os miúdos saírem daquela titularidade e ok agora vamos começar o Inglês. Levava ali mais um bocadinho, que aqui nunca se sentiu. (...)

108. [*Acerca de pontos fortes do desenvolvimento do projeto investigativo*] (...) no início, com os alunos que têm perturbação do espectro do autismo, fiquei um bocadinho... apreensiva. (...) e pensei que poderia haver ali alguma reação, (...) que pudesse alterar ali algum comportamento. (...) Mas acabei por considerar que para eles (...) só por ser a pluridocência, sermos vários agentes de ensino, as estratégias são logo diversificadas, (...) Achei que isso (...) acabou por enriquecer também aquela parte das interações sociais e dos relacionamentos que a criança problemática traz muito ao de cima. (...)
109. (...) E foi (...) uma boa experiência, (...) um bom desafio até para ver como é que os alunos [com autismo] poderiam reagir, porque eles vão ter que reagir e vão ter que confrontar-se em ciclos mais avançados. (...)
110. (...) Achei que realmente nesta idade em que eles estão, se calhar até foi muito bom. Aquilo que eu teria medo, que me deixou apreensiva, até acabei por achar que foi frutífero para eles [alunos com autismo]. (...)
111. (...) Porque cada uma tinha estratégias realmente diferentes e a forma de comunicar e a forma de se completarem e a forma de reagirem... E isso para eles [alunos com autismo] acho que foi, foi bom. Comportar-se com vários elementos no mesmo espaço da aula... (...)
112. (...) Foi importante porque (...) apesar das estratégias serem diversificadas havia coisas que eram iguais... a disciplina, as regras... (...) E eles [alunos] sabiam que passando de uma professora para a outra as coisas mudavam, mas havia coisas que se mantinham... (...)
113. (...) Eu (...) estar um dia inteiro com aquele tipo de aluno [irrequieto], mesmo a minha reação é diferente... Uma pessoa fica cansada sempre o mesmo tipo de comportamento, acaba por se calhar ter uma reação às vezes desajustada, e assim, naqueles bocadinhos, uma hora, uma hora e meia no máximo, que estamos com eles, vamos mudando de alunos. (...)
114. (...) com aquele aluno eu adoto aquela estratégia e até ao final do dia vou passar para outros. (...) eu não fico saturada daquele tipo de comportamento e quando vou para a outra turma já vou mais leve, já vai ser diferente (...)
115. (...) Com os alunos é exatamente o mesmo. (...) Este tipo de aluno com comportamento desafiante, oposição à autoridade... (...) estás ali um bocadinho e

depois ele sabe “esta professora vai e depois vem outra”, ele também não satura. (...) Volta ao início, não continua naquele rol, naquele ciclo vicioso de estar a provocar, de estar a interromper, de estar a querer ser engraçadinho... (...)

116. (...) o ano em que há mais insucesso e mais problemas de comportamento é precisamente o quinto ano. (...) Os alunos vêm da monodocência e estão habituados a ter (...) a professora titular que é o pilar (...) Quando eles chegam ao quinto ano, (...) e encontram um conjunto de pessoas completamente diferentes, com maneiras de ser completamente diferentes, e a primeira reação que têm é logo tentar medir forças. (...) E este projeto acho que é muito importante para evitar que isso aconteça, porque acontece inclusivamente numa idade mais nova, em que os miúdos conseguem incutir ainda muito mais facilmente as regras do que no quinto ano, e vão-se habituando. (...)

117. (...) eu tenho quase a certeza absoluta que estas três turmas quando chegarem ao quinto ano, já não vão medir forças com nenhum dos professores e conseguem precisamente saber estar... (...) Porque já o fizeram! Já o fizeram conosco. (...)

118. (...) E eu tenho quase a certeza que estes meninos, quando chegarem ao quinto ano, isso já não vai acontecer, precisamente porque eles já estão habituados a trabalhar em equipa, a aceitar vários professores, já estão habituados às diferentes estratégias que cada um dos professores utiliza, maneiras de estar na sala de aula, feitos... E sabem respeitar cada um! (...)

119. (...) acho que são idades em que já não tem lógica, nem tem benefícios nenhuns eles continuarem com aquele modelo do “professor dos pequenos”. (...) Então em faixas etárias um pouco mais avançadas não tem já lógica nenhuma, nem em termos neurológicos, nem psicológicos, continuar a ter aquele modelo de um professor. (...)

120. (...) Eu acho que isso resultou no comportamento do tal aluno que antes teve tantas advertências e este ano acho que só teve aí uma coisinha, acho que só fez uma coisita. E realmente foi ótimo, porque ele habituou-se àquilo que já estava a precisar. (...)

121. (...) Uma menina com um Currículo como ela tem, com o perfil que ela tem... (...) Que não falava, ou pouco falava... (...) Agora precisamente passa a aula a

falar e o que é que ela fala, ela lembra-se do nome: “professora [nome], professora [nome]!” (...) Então e o vocabulário? É capaz de dizer bom dia a ti, olá, e ela diz “good-bye”, “bye-bye!” Ela sabe, ela relaciona. (...) Quando essa aluna, com esse perfil, consegue fazer a articulação e dar-se bem, em termos de relacionamento, com todos é o exemplo para todos os outros. (...)

122. (...) Ela [aluna com CEI] sabe realmente separar as disciplinas, com a professora. (...)

123. (...) E há uma divisão muito boa dos tempos das disciplinas (...) eu quando chegava à turma do [designação] estavam caderninhos distribuídos, flautas distribuídas e os meninos a tocar ou a cantar a última canção ou a última melodia que deram (...) Não havia quebras. Não havia aquela quebra dos miúdos estarem ali à espera. (...)

124. (...) A articulação horizontal entre as diferentes disciplinas. (...)

125. (...) As pessoas [equipa]! (...)

126. (...) A articulação vertical que é muito importante a nível, não tanto do Currículo, mas a nível das atitudes e valores, da parte comportamental. (...)

127. (...) Para mim teve muitos aspetos positivos. A partilha, a cooperação entre as colegas, aquela reunião semanal que fazíamos sempre para chegarmos a um consenso do que se tinha passado na semana anterior e o que é que tínhamos pensado e projectado para a semana seguinte. Portanto, acho que isso foi um aspeto muito positivo. Acho que nos dava um conhecimento alargado de todos os alunos em geral e conseguíamos falar daquele aluno, não só na área em que nós estávamos a lecionar, mas tínhamos um conhecimento do aluno no global, no geral, porque nós partilhávamos esse conhecimento acerca dos alunos nas reuniões. (...)

128. (...) Para mim é a multiplicidade e diversidade de estratégias em sala de aula. (...)

129. (...) Para mim foi ótimo. Acho eu, em termos de efeitos para os alunos. Não só em termos afetivos, mas também de aquisição de aprendizagens. (...)

130. (...) acho que um dos pontos fortes são os resultados [dos alunos]. (...)

131. (...) A qualidade do ensino (...)

132. (...) A relação entre as pessoas. (...) A abertura, a cumplicidade, a cooperação... (...)

133. (...) É mais desafiante preparar só uma [disciplina]. (...) Mas mais difícil, porque vais querer beber mais, vais querer ir à procura de novas estratégias. Aprofundar (...)
134. (...) esse aprofundar mais aquela área significa que depois ao nível da sala de aula e ao nível da aplicação daqueles conteúdos, se calhar também são muito mais aprofundados. (...) O que vem beneficiar e melhorar os resultados. (...)
135. (...) Por isso é que eu digo que os resultados são bons, porque também sinto que se calhar a exigência é maior (...)
136. (...) Durante aquele período de tempo a gente só pensa na nossa disciplina. (...) Mas eu perco o mesmo tempo para uma do que para as outras, porque eu quero levar mais além, quero diversificar, quero apresentar coisas novas... (...)
137. (...) Por isso é que eu estou a dizer este projeto se calhar também ajuda nesse aspeto, não quer dizer que trabalhem menos, pelo contrário... (...) Permite é aprofundar mais aquela área e por isso vai melhorar a prática daquela área e os resultados naquela área. (...)
138. (...) Eu acho que foi tudo positivo no sentido que foi uma experiência única que nunca nenhuma de nós passou. Portanto, tudo o que poderá ser um pormenor, no meio de tudo o que foi aqui dito, não é negativo, nem menos positivo, porque serviu para melhorarmos, para ajustarmos. (...)
139. [*Acerca de aspetos menos positivos do desenvolvimento do projeto investigativo*] (...) Eu acho que é pena alguns docentes desta escola ainda não terem percebido, e não estou a falar desta equipa, estou a falar de outros docentes, claro, não terem ainda percebido a importância do projeto e a forma como a equipa trabalha. (...) Acho que as pessoas deveriam ter-se aproximado. (...)
140. (...) Foram as resistências... (...) A tudo o que é novo. Infelizmente é assim... Tudo o que é novo... (...)
141. (...) as pessoas são competitivas e o que lhes interessa ver é se os resultados que aparecem nas pautas destas turmas são melhores que os das outras. Mas não é isso que está aqui em causa, porque cada turma tem o seu contexto. (...)
142. (...) E essas pessoas sentiram-se talvez um bocadinho ou intimidadas ou essas resistências surgem de estes agora irem ser os melhores. Não se trata disso.

E acho que as pessoas continuam um bocadinho iludidas... Não se trata disso. É preciso às vezes também tentar esclarecer isto. (...)

143. (...) Por isso é que eu digo este aspeto menos positivo, mas não do projeto porque o projeto está muito bem, mas sim das resistências que ainda houve perante o projeto. (...)

144. [*Acerca de sugestões de melhoria na organização do trabalho escolar*] (...) a minha sugestão, penso que também é das minhas colegas porque já falámos, (...) era que no próximo ano (...), porque não apostarmos em fazer uma sala da Matemática, do Estudo do Meio e do Português e serem os alunos a rodar. (...)

145. (...) Em termos de transição de uma sala para a outra, acabarmos por exemplo cinco minutinhos mais cedo (...) para possibilitar a arrumar o material e para se fazer a saída de uma sala para a outra sala. (...) temos que depois pensar como é que se organizam, de modo a que haja menos constrangimentos possíveis nessas transições. (...)

146. (...) Mas a minha sugestão era realmente, uma vez que é final de ciclo, fixarmo-nos nós e rodarem os miúdos. (...)

147. (...) Há miúdos que já nos deram esse feedback, que gostavam muito de serem eles a mudar de sala. (...) E preparam-se para um quinto ano e a seguir vão ter que mudar de sala. É uma preparação para o quinto ano. (...) Eles querem ser crescidos, porque na outra escola também vão ter que mudar de sala e então acham que isso seria bom. (...)

148. [*Acerca de sugestões de melhoria no funcionamento da equipa docente*] (...) Ficar a mesma equipa! Com todas! (...)

149. (...) Acho que sim, até para a estabilidade e até crescimento do projeto acho que era essencial haver a continuidade desta equipa. (...)

150. [*Acerca de sugestões de melhoria para o envolvimento dos alunos*] (...) Podemos pensar numa visita de estudo ligada à Música e às restantes áreas, com mais que um dia, para as três turmas. Podemos pensar nisso... (...) Para culminar. (...)

151. (...) Era giro as nossas três turmas fazerem um trabalho com um lar da terceira idade a nível de Música, a nível de poesia, a nível assim de umas coisas giras. Aproveitar a Expressão Musical, a Expressão Plástica... (...)

152. (...) Eu tenho uma sugestão (...) que era um dos períodos letivos, em vez que fazemos Expressão Físico-Motora aqui porque não fazer natação? A Câmara cedia o autocarro e fazia-se natação lá. (...)

153. [*Acerca de sugestões de melhoria para o envolvimento dos encarregados de educação*] (...) Outra coisa que eu acho muito importante manter ou mesmo aumentar são essas atividades com os encarregados de educação das três turmas tudo ao barulho. Acho bom para que continue a união. Achei ótimo e é para manter essas atividades. (...)

154. (...) Então, para o ano vamos pôr todos ao barulho. Vamos fazer o jogo do Mata, como ela fez um ano. (...)

155. (...) No quarto ano eu penso que têm que contar que vão acelerar um pouco as expectativas dos papás, por ser o ano terminal, portanto é bom manterem esse nível de afetividade nas atividades com os alunos e pais. Acho que isso vai ajudar. (...)

ANEXO Xe

CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/EE

CATEGORIZAÇÃO DA EFG1/EE

1. TRABALHO DESENVOLVIDO PELA EQUIPA EDUCATIVA.**1.1. NATUREZA DO TRABALHO COLABORATIVO/COOPERATIVO.****1.1.1. DIFICULDADES SENTIDAS.**

- (...) Há uma coisa que foi comum e que eu senti. Quando falava de um aluno, (...) nós sentíamos assim um certo receio inicial de como é que eu vou abordar este assunto, e depois chegávamos à conclusão de que aquilo que eu tinha dito até era coincidente com o pensamento delas. (...) **(1)**
- (...) Inicialmente (...) tive algum constrangimento em ir abordar assuntos de determinadas turmas, referir determinados miúdos, porque eu não sabia qual era a visão que as colegas tinham de cada um em particular. (...) **(2)**

1.1.2. PONTOS FORTES.

- (...) E acho que a diferença de ideias, todos somos diferentes, todos temos ideias diferentes, a partilha de experiências é muito importante (...) **(3)**
- (...) é esta abertura que eu acho que qualquer uma de nós teve (...) E é fundamental para trabalhar em equipa, caso contrário... (...) **(4)**
- (...) Eu não sei se é possível fazer comparações, mas (...) já que eu tenho várias outras turmas aqui na escola, (...) eu sinto muito essa diferença. (...) nesta equipa, dá para sugerirmos, dá para propormos para ser feito, enquanto algumas não. (...) **(5)**
- (...) Porque nem todos os colegas conseguem aceitar alguém que vem de fora e conseguem trabalhar em equipa e conseguem ver outras ideias e outras formas de estar e de trabalhar. (...) eu senti que com os colegas que aqui estão que isso não aconteceu. Sempre tive abertura suficiente para falar convosco, para trabalhar convosco e vocês sempre estiveram em articulação comigo e eu acho que também convosco. (...) **(6)**
- (...) o trabalho de equipa, (...) a não monodocência funciona mesmo por isto, porque ajuda-nos a ter uma perspetiva no global (...) Mais abrangente e não uma perspetiva só individual, eu às vezes até digo que é muito egocentrista, só metido para si. Não, tem que ser virado para todos, para o todo. E o todo somos nós e são os miúdos todos (...) **(7)**

- (...) Existe, desde o início que existe esta articulação [entre a equipa] e não importa ser o trabalho da disciplina A, B, C, D ou E. O que importa são os miúdos e eles próprios sentirem que existe esta ligação, esta articulação entre todos. (...) **(8)**

1.1.3. PLANIFICAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA.

- (...) Em primeiro lugar tínhamos as nossas reuniões semanais, onde estávamos presentes (...) Dávamos a conhecer o que é que ia ser trabalhado, nas diversas áreas, se houvesse possibilidade de trabalhar em interdisciplinaridade melhor ainda. (...) **(9)**
- (...) eu estava a trabalhar com (...) alunos com Currículo Específico Individual (...) Achei importante logo no início juntar-me com as colegas, naquela sessão da segunda-feira, para dar a conhecer o perfil de funcionalidade daqueles alunos que as colegas não conheciam. (...) dar mais informação sobre eles, (...) sobre certas características dos alunos. Achei muito importante definirmos como é que íamos trabalhar. (...) **(10)**
- (...) Depois eu não achei e acho que as colegas também não acharam tanta necessidade de me juntar todas as segundas-feiras porque todos os dias eu estava numa das salas, eu estava sempre com elas. Como venho à sala trabalhar com os meninos, falava com elas, definia estratégias, materiais, partilhávamos materiais... E foi assim que o trabalho foi feito. (...) **(11)**
- (...) Essas reuniões acho que são de extrema importância, até porque (...) assim as coisas batem todas certas, o que a professora de Português diz é o que diz a professora de Inglês, é o que diz a professora de Estudo do Meio, e anda ali tudo a tocar certinho. (...) **(12)**

1.1.4. DESENVOLVIMENTO INTERDISCIPLINAR E GLOBALIZANTE DO CURRÍCULO.

- (...) nem sempre é possível conciliar, mas sempre que foi possível tentámos fazer isso. (...) Articular os vários conteúdos das diversas áreas. (...) **(13)**
- (...) Sempre tentámos por em prática a interdisciplinaridade, mas às vezes não é possível, (...) É na oralidade, é em assuntos do quotidiano deles, mas em especificidade, muitas vezes não é. (...) **(14)**
- (...) Nem sempre deu, mas todas as vezes que houve possibilidade fizemo-lo [interdisciplinaridade]. Mas há constrangimentos, quer no

regime em que estivemos agora, quer como monodocente, porque os programas assim o exigem. (...) **(15)**

- (...) Nem sempre se consegue os cem por cento da interdisciplinaridade. Nem num regime nem noutro. (...) **(16)**

1.1.5. ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA.

- (...) O início da reunião era sempre o balanço da semana que passou. (...) **(17)**
- (...) Nós reunimos à segunda, o balanço da semana anterior, o que é que se conseguiu trabalhar, o que é que não conseguimos fazer, quais os alunos que tiveram mais dificuldades... (...) Os conteúdos em que eles tiveram essas dificuldades... (...) A melhor maneira de contornar (...) **(18)**
- (...) o estarmos constantemente a partilhar e a falar (...) tenho esta matéria, se calhar eu dava assim, mas se calhar tenho outra estratégia para dar... E essa troca de ideias e experiências é muito importante. (...) **(19)**

1.1.6. ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE OS RESULTADOS DOS ALUNOS.

- (...) enquanto primeiro ano de implementação, que foi tudo novidade para nós, acho que conseguimos bons resultados. E de facto trabalhámos em equipa. (...) **(20)**
- (...) assim sabíamos que estávamos todas a trabalhar no mesmo sentido e que as coisas batiam certo (...) porque sabíamos que estávamos todas a fazer da mesma forma para eles puderem atingir os melhores resultados possíveis. (...) **(21)**
- (...) a nossa grande preocupação era relativamente aos meninos que não conseguiam acompanhar por algum motivo e aqueles que tinham mais dificuldades (...) **(22)**

1.1.7. DELINEAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE MELHORIA DA AÇÃO EDUCATIVA.

- (...) É isso que é o próprio trabalho de equipa. É concertar entre todas o que se tem que fazer (...) **(23)**
- (...) E entre nós refletirmos e se calhar é melhor fazermos assim, com as estratégias que funcionassem melhor com o aluno A ou com o aluno B... Em troca de ideias e, daí, para essa semana seguinte já podermos implementar essas estratégias. (...) **(24)**

- (...) E sendo um trabalho de equipa e um projeto, é por tentativas. Ele tem que ser avaliado ao longo do tempo, por isso tem que ser tudo pensado para verificar se resulta se não resulta (...) **(25)**

1.1.8. AVALIAÇÃO DOS ALUNOS.

- (...) A nossa avaliação que cada uma fazia dos miúdos era coincidente, não era díspar, não era diferente. E assim também era muito mais fácil, não havia aqui opiniões contrárias. (...) **(26)**
- (...) Se calhar se eu fosse avaliar só a minha turma, o aluno x e y tinha uma determinada nota, mas em comparação com a turma [designação] e a turma [designação], se calhar posso ajustar porque, afinal de contas, tenho termo de comparação. Não é só dentro do grupo turma, mas dentro das turmas, neste caso três, se fossem mais, se calhar, ainda dava para mais (...) **(27)**
- (...) E parece-me que desta forma acabamos por ser mais justas [na avaliação]. (...) Mais justas! Eu senti isso. (...) **(28)**
- (...) Mais justas [na avaliação]! Também senti isso. (...) **(29)**
- (...) Sobretudo aqueles miúdos que não conseguiram atingir tão facilmente aquilo que era abordado, foi mais fácil entre nós conseguirmos aferir a nota adequada, a avaliação adequada porque (...) notámos diferença numa determinada área mas entretanto compensou noutra e deu para nós podermos ser mais justas. (...) **(30)**
- (...) O mais correta possível [avaliação dos alunos], uma vez que não era só dentro do grupo, mas sim dentro de vários grupos. Foi mais assertiva, mais justa. (...) **(31)**

1.1.9. GESTÃO DA RELAÇÃO COM OS ALUNOS.

- (...) No início determinados alunos iam esticando até, até ver. Agora vem a professora de matemática, deixa lá ver se eu posso por o pé mais à frente ou mais atrás. (...) as nossas reuniões de articulação serviam também para isso: “Não deixes porque ele está a experimentar ou, sei lá, pede-lhe a caderneta e põe em cima da tua secretária que ele fica logo...” (...) **(32)**
- (...) não tive que me impor pela autoridade, porque eles já são miúdos com comportamento bom, com exceção dum ou doutro que tentou realmente avançar para domínios onde não lhe pertencia, mas também percebeu. (...) **(33)**
- (...) Na minha turma, (...) já tinha a relação estabelecida com eles, portanto eu já sabia se tivesse que me zangar como é que eu me iria

zangar, é diferente. Com estes eu não podia entrar logo assim muito...
(...) **(34)**

- (...) teve que haver um meio-termo, nem ser muito permissiva e nem ser muito autoritária. Mas nos momentos certos, mostrar que eu estava lá e que era eu que mandava. Mas isso foi para ali uma semana, porque eles perceberam logo como é que era o jogo. (...) **(35)**
- (...) E de facto, no final do ano, a relação é boa com todos [os alunos]. (...) **(36)**
- (...) O que eu achei foi uma grande receptividade deles, uma grande vontade em conhecer-me e em aprender aquilo que eu tinha para lhes ensinar. (...) **(37)**
- (...) E é preciso, também nós, enquanto titular da minha turma, tentar um bocadinho o desapego... “eles não são meus, são de todos” e pensar que... não ter ciúmes deles [alunos] gostarem das outras colegas tanto como gostam de nós. (...) **(38)**
- (...) eles [alunos] perceberam que a nossa boa relação, entre nós professoras, não havia situações dessas. Portanto, eu respeitava o trabalho delas, a relação que elas têm com eles, uma relação afetiva que eu acho que é boa, porque quando às vezes fazemos a troca das salas, eles estão logo agarrados a dar beijinhos às outras professoras (...) **(39)**
- (...) eu achei, no geral, que os miúdos foram brilhantes porque aceitaram-nos, podiam não o ter feito (...) **(40)**
- (...) Porque são miúdos que ainda precisam de laços afetivos muito enraizados a um círculo pequeno de pessoas, mas não... esses laços foram alargados e é agora como se as três turmas fossem uma. (...) **(41)**
- (...) mesmo entre eles [alunos] verificou-se isso. (...) Portanto a parte de nós nos darmos também tão bem, de estarmos um bocadinho com cada um, de fazermos atividades em conjunto as três e eles, permitiu que eles se aproximassem e desenvolvessem uma relação que não tinham. (...) **(42)**
- (...) eles próprios criaram mais laços de afinidade com alunos que não tinham grande contacto e que agora, através do projeto, passaram a ter. (...) **(43)**
- (...) há um problema e a professora titular não está, eles [alunos] dirigem-se à primeira [docente da equipa] que aparecer, (...) Uma delas há de me ajudar a resolver este problema (...) **(44)**
- (...) Eles [alunos] tiveram uma excelente capacidade de adaptação. Excelente! É como eu defino. (...) **(45)**

- (...) Nós com muitos medos. (...) Muita ansiedade (...) nós com medos. Eles [alunos], com a inocência deles, completamente abertos. Não esperava. Esperava que este processo fosse mais longo, moroso e difícil. Não foi! (...) **(46)**
- (...) Quanto a nós, não tivemos estratégias nenhuma para a relação [com os alunos], manter a relação. Fomos nós próprias! É o que eu penso. Ninguém foi aqui diferente (...) **(47)**
- (...) Eu atuo diferente com os miúdos porque eles são todos diferentes, mas a minha essência é sempre igual, não consigo ser diferente. Não sou diferente aqui na minha maneira de ser ou de agir, como não sou diferente ali, só porque é a turma da outra colega, ou na outra porque é outra turma. Sou eu, não consigo ser diferente. (...) **(48)**
- (...) acho que superou as minhas expetativas [relação com os alunos] e foi muito mais fácil, sem utilizar estratégias nenhuma. Com os meus medos, mas sem estratégias. (...) **(49)**
- (...) eu acho que estas três turmas por si só já sabem aceitar muito bem. (...) Pela prática que eu tenho e pelo que vejo nas três turmas, qualquer turma que tenha alunos com necessidades educativas especiais, os outros alunos são muito mais inclusivos, aceitam-nos muito melhor. (...) **(50)**
- (...) Eu acho que ensinam muito mais os meninos da Educação Especial aos alunos do ensino regular do que praticamente vice-versa. Eles sabem receber, sabem ver a diferença e se calhar essa diferença que se calhar desde o primeiro ano já aprenderam a ver com o outro colega, também acabaram por ver conosco. (...) **(51)**
- (...) Essa inclusão também é muito boa! E se eles incluem e sabem incluir os colegas e sabem ver a diferença dos colegas, também sabem as nossas, a nossa relação, os nossos afetos... (...) **(52)**
- (...) E também é muito importante, ao nível da relação (...) eu acho que também é o eles verem o modelo das professoras. (...) Eles estão a ver o modelo. (...) **(53)**
- (...) Mas aqui foi extraordinário! E os miúdos aceitaram perfeitamente e nota-se precisamente isso. Aqui as coisas fluem com muita naturalidade, porque para eles era mais uma disciplina. Porque eles tinham a disciplina de Estudo do Meio com uma professora e ao Português ia outra e ao Inglês ia outra! Era só acrescentar mais um elemento, o que facilitou bastante as coisas. (...) **(54)**

1.1.10. GESTÃO DA RELAÇÃO COM OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.

- (...) Encantados da vida [os encarregados de educação]! Só dizem: “É para continuar? É para continuar! É para continuar!” (...) **(55)**
- (...) agora no fim, também houve vários [encarregados de educação], mesmo encontrando aqui na escola, o agradecimento: “obrigada por tudo, resultou lindamente”. As pessoas dirigiram-se a cada uma de nós a agradecer. (...) **(56)**
- (...) eu vou ter que ser sincera. O início não foi logo bom porque, talvez por ser talvez a Matemática. Há certos pais que têm umas certas expetativas e, com a minha chegada, a coisa não fluiu logo, os meninos não mostraram logo que eram bons. (...) **(57)**
- (...) E ouvi e recebi recados escritos que aquele problema não era para os meninos desta idade, quando (...) tinha sido tirado exatamente do livro dos meninos (...). Mas eu percebi que era a reação a uma nova figura. (...) não respondi, como é óbvio, e pensei “temos que dar tempo ao tempo porque isto é a adaptação dos pais também” (...) **(58)**
- (...) Então, não digo que com todos [encarregados de educação] (...) eu tenha conseguido essa boa relação... aberta, em que tenham cem por cento de confiança no meu trabalho. Esse feedback eu não tenho de todos. (...) e em monodocência aconteceria igual... se calhar... (...) **(59)**
- (...) A minha vontade era que todos os pais (...) estivessem satisfeitos com tudo, mas realmente não estão... (...) Mas não posso dizer que realmente é com todos, porque eu sei que com dois ou três não é. Mas são só dois ou três num universo de sessenta e oito, são muito poucos. (...) **(60)**
- (...) Relativamente a isso [relação com os pais], e eu defino em duas reuniões. A primeira, quando eu olho para aquele anfiteatro e vejo os pais quando nós anunciámos o projeto... Uns não caíram dali porque... pronto estavam sentados! (...) E foi um choque muito grande! (...) As pessoas nem sabiam se haviam de falar. E via-se na cara delas a relutância, o medo e o pânico que elas tinham do que é que vai acontecer a partir de agora. (...) **(61)**
- (...) Quando é que eu consegui sentir a coisa diferente? Foi na reunião em que os pais pediram para falar conosco. Foi importante! Eu acho que aquela reunião veio esclarecer algumas coisas, para eles até se sentirem à vontade e foi a partir daí que eu senti que eles começaram a dirigir-se a cada uma de nós. (...) **(62)**
- (...) Até os recados na caderneta eram para a professora X, para a professora Y, para a professora Z. Eram individualizados. E eu acho que isto é importante! (...) **(63)**

- (...) Eles [encarregados de educação] precisam também de sentir, tal e qual como os miúdos, uma coisa é o que os miúdos transmitem, outra coisa é eles sentirem também. Eles precisam sentir! Conhecer-nos! No fundo, é conhecer cada uma de nós. (...) **(64)**
- (...) E aí [primeira reunião com a equipa] foi a diferença, aí foi a mudança, porque até lá a coisa não estava muito bem consolidada, se bem que na turma [designação] (...) houve um pai apenas que afirmou ser opositor. De resto, não assumiram logo, mas mais tarde assumiram as suas ansiedades, os seus medos iniciais. (...) **(65)**
- (...) agora é: “Então e para o ano? Isto vai mudar? Eu espero bem que não mude [opinião dos encarregados de educação]! (...) **(66)**
- (...) temos que dar tempo para que as pessoas possam ouvir os filhos, o que é que acontece na sala de aula, cada um deles, e dar-lhes tempo porque aquilo foi inicial. Aquilo foi um choque inicial. (...) Temos que ganhar a confiança [dos encarregados de educação]... (...) **(67)**
- (...) Esse tempo se calhar foi importante para as pessoas pensarem. Quando foram para a reunião contigo já iam com alguma maturidade e com algum feedback positivo dos filhos, que ajudou. (...) **(68)**
- (...) Foi melhor ser imposto por eles, ou seja, pedido por eles do que imposto por nós. Nós irmos à frente. Foi uma atitude bonita de todos os pais. Quer dizer que a coisa tava bem. (...) Estavam recetivos. (...) **(69)**
- (...) transmitimos o feedback do que acontece nas nossas reuniões aos encarregados de educação (...) Fazemos sempre esta pergunta: “o que é que tens para dizer sobre...” Cada uma de nós começa a falar. Tudo isso é anotado e depois, na reunião de pais, tudo é transmitido: “a professora de Inglês disse... a professora de matemática salientou isto, fez referência a isto...” (...) **(70)**
- (...) também já houve casos em que os pais tiveram necessidade de uma reunião em particular com determinada professora, em que a professora titular fez de mediadora, (...) e nós transmitimos à colega e chegámos a um acordo acerca do dia em que eles se iriam encontrar. E a professora titular não esteve presente porque era especificamente com a professora X. (...) Fez-se a ligação. (...) **(71)**
- (...) Eu acho que o tipo de atividades que foram realizadas, ao longo do ano letivo, também chamou a atenção dos pais. Porque eles veem realmente que (...) que nada é feito por acaso e nada é feito sozinho (...) **(72)**
- (...) Eu achei muito giro e gostei muito, porque sei que isso é ótimo, essencialmente para os meus alunos, de umas atividades em que vocês chamaram os pais, eu assisti, (...) e vi um bocadinho mais ou

menos a organização e o funcionamento, foi aquela da leitura na biblioteca e o jogo do 24, que eu também nunca pensei que eles aderissem. (...) **(73)**

- (...) Achei que realmente aquilo é ótimo [atividades conjuntas com os pais], porque está a colocar pais de diferentes turmas a falarem do mesmo universo, do mesmo assunto, quando dantes ficava cada um na sua casinha (...) Falavam do seu filho com a sua professora... (...) **(74)**
- (...) E eles, em três turmas, num universo tão grande no primeiro ciclo, (...) é um bocadinho fora do comum e achei que isso [atividades conjuntas com os pais] ajuda imenso para as lições. Para os alunos isso cria estímulos ótimos e para os nossos é uma coisa... é bom, é bom, é bom... para saírem da rotina. (...) **(75)**

1.2. REPERCUSSÕES DO TRABALHO DA EQUIPA DOCENTE.

1.2.1. NA PRÁTICA LETIVA DAS DOCENTES.

- (...) Sem dúvida que teve impacto [o trabalho em equipa na prática letiva]. Acho que aí não há qualquer dúvida. (...) **(76)**
- (...) para mim, pessoalmente, contribuiu, melhorou e aprendi imenso! Mesmo não estando nas aulas das minhas colegas, ou quando tinha, por exemplo, a colega que me dava apoio... coadjuvação, um dia por semana, aprendi com ela às vezes mesmo a forma como se dirige aos alunos. Agente fica a pensar se calhar daquela maneira consigo chegar mais depressa. (...) **(77)**
- (...) Aprendi muito, sinceramente! (...) esta partilha, o trabalho em equipa melhorou a minha prática e, sobretudo, (...) enriqueceu! Aprendi muito, em conclusão, pronto! (...) **(78)**
- (...) são sempre ideias construtivas e são aquelas ideias que até vale a pena a gente apontar num papelinho porque até se pode esquecer. E a verdade é esta... (...) aprendi, vou aprendendo! (...) **(79)**
- (...) É assim, é óbvio que eu sempre me considereei uma boa professora, na monodocência. Mas, de facto, nós saímos muito mais enriquecidas porque a colega diz “eu fazia assim na minha turma” (...) e nós vamos experimentar e a colega tinha razão (...) Se calhar, pensava que estava a fazer uma coisa muito gira, superdivertida, mas de facto isto até é melhor! (...) **(80)**
- (...) E penso que sim, que melhorou [a prática letiva], não digo em termos científicos, porque isso nós todas sabemos quais são os conteúdos que temos que lecionar. É a forma como os vamos transmitir! E isso nós aprendemos umas com as outras (...) **(81)**

- (...) Penso que sim, que me tornei melhor! (...) Eu tornei-me muito melhor! (...) Eu tornei-me muito melhor! (...) Basta um papel... (...) um dia trouxeram-me um papel para... “isto é para pôr no caderninho dos trabalhos para casa”. Diz lá trabalho para casa e (...) O aluno tem que assinar, o pai tem que assinar e eu também. Nunca me tinha lembrado daquilo. Aquilo é uma estratégia fabulosa! (...) É para os pais irem acompanhando. (...) Há o compromisso entre todos... (...) **(82)**
- (...) Até num pequeno papel, numa palavra, numa ação, nós estamos a aprender. Todos os dias! (...) E passa se calhar muitas vezes em outras coisas informais que nós se calhar agora não conseguimos dizer e que transmitimos umas às outras. Sempre! (...) **(83)**
- (...) Sempre! Nem que seja no corredor, nem que seja quando a gente troca de sala... (...) E se calhar nós não fazemos os registos e aquilo sai-nos naturalmente nem estamos a ver que isso está a contribuir para a melhoria da nossa prática letiva. (...) **(84)**
- (...) Contribuiui, sim [o trabalho de equipa para a melhoria da prática]! Contribuiui e outra coisa que para mim foi muito importante (...) essas reuniões, para mim, foram muito importantes. Porque (...) eu não conhecia nenhum miúdo. Não tinha informação nenhuma. Nem como é que se gere melhor o comportamento daquele miúdo nem como é que se chega melhor até ao outro, e essas reuniões, mesmo que eu não tivesse nada a dizer, eu ouvia aquilo que elas diziam (...) E era muito mais fácil perceber como é que havia de lidar com determinadas situações ou que estratégia é que devia adotar para melhor acompanhar determinado alunos. (...) **(85)**
- (...) E sentia necessidade disso [reuniões] com outras turmas, porque aqui eu tinha a sensação de que conhecia melhor cada realidade e nas outras turmas temos que ser nós que, aos poucos, nos vamos adaptando e, com mais dificuldade, conhecendo os meninos. Isso acho que foi um elemento decisivo [para a melhoria da prática]! (...) **(86)**

2. AMBIENTE AFETIVOEMOCIONAL VIVIDO PELA EQUIPA EDUCATIVA.

2.1.NATUREZA DO AMBIENTE AFETIVOEMOCIONAL.

2.1.1. AMBIENTE AFETIVOEMOCIONAL CONSTRUÍDO.

- (...) Excelente [ambiente afetivo da equipa]! (...) **(87)**
- (...) Abertura. (...) **(88)**
- (...) Cooperação. (...) **(89)**
- (...) Cumplicidade. (...) Cumplicidade! (...) **(90)**
- (...) Criatividade! Também existe muita. (...) **(91)**

- (...) E respeito! (...) Respeito! (...) **(92)**
- (...) Muita vontade! (...) **(93)**
- (...) Amizade! (...) **(94)**
- (...) Ótimo! O ambiente foi ótimo. (...) **(95)**
- (...) achei essa interdisciplinaridade, essa comunicação muito boa. (...) Acho que foi isso que existiu em todos, não só nos titulares, (...) mas mesmo em relação aos outros (...) **(96)**
- (...) É um bom ambiente... (...) **(97)**
- (...) É a partilha. (...) **(98)**

2.1.2. EMOÇÕES SENTIDAS.

- (...) Emoções? Queres emoções? (...) olha lá para as nossas caras e observa como estamos felizes todas nós. Vê lá se não consegues ver as emoções... (...) **(99)**

2.2. REPERCUSSÕES DO AMBIENTE RELACIONAL DA EQUIPA EDUCATIVA.

2.2.1. NA PRÁTICA LETIVA DAS DOCENTES.

- (...) E a parte relacional é muito importante aqui! (...) Para quem faz precisamente Coadjuvação, (...) Uma coisa é eu entrar numa sala onde os colegas já estão habituados a ter vários docentes de diferentes anos, outra coisa é entrar numa sala onde os colegas ainda só estão ligados à monodocência. (...) **(100)**
- (...) Eu chego a estar a dar a aula, sou eu que estou a dar a aula e há colegas que de repente já estão a falar de outra coisa qualquer e chamam a atenção do menino disto, daquilo e daqueloutro. (...) Elas têm uma visão diferente... (...) E aqui não. (...) **(101)**
- (...) Eu entro aqui nesta sala e sinto-me sempre muito bem, e entro na tua e na tua e sinto-me bem porque existe esta ligação, este relacionamento, e este trabalho também veio ajudar nesse aspeto, no aspeto relacional e é óbvio que se nós estivermos motivados e se estivermos bem entre todos, tudo funciona. Tudo funciona (...) **(102)**
- (...) se calhar por mais que nós tenhamos a vontade de fazer as coisas bem, se calhar já nem nos sentimos tão à vontade para (...) E vai influenciar a prática! E nestas três turmas isto não acontece. (...) **(103)**
- (...) E era engraçado, por exemplo, à terça-feira quando eu venho dar a Matemática e estava lá a [nome] de Inglês (...) Ela própria dizia aos miúdos: “então vamos começar a arrumar as coisas do Inglês e vão buscar as coisas de Matemática”, percebes? Porque nós temos este à vontade. (...) e foi tudo natural! (...) **(104)**

- (...) Mas de facto, uma vez que nós já nos conhecíamos, (...) achava aquilo natural (...) ela fazia e eu achava aquilo extraordinário, quando eu chegava já tinha essa parte feita! (...) Ela sabe que eu venho, acabou o dela e já está a iniciar o que vem a seguir. Achei ótimo! (...) **(105)**

2.2.2. NO BEMESTAR PESSOAL E PROFISSIONAL DAS DOCENTES.

- (...) nós sentíamos-nos mais à vontade com este universo aqui do projeto. (...) **(106)**
- (...) Nas outras turmas, em que só há uma professora (...) lá íamos nós caídas de paraquedas naquela horinha. Perdia-se mais tempo na tal transição, em que nós tínhamos que estar ali à espera que a professora titular mande arrumar (...) Perdia-se ali quase dez, quinze minutos até os miúdos saírem daquela titularidade e ok agora vamos começar o Inglês. Levava ali mais um bocadinho, que aqui nunca se sentiu. (...) **(107)**

3. REPRESENTAÇÕES ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.

3.1. OPINIÃO PESSOAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.

3.1.1. PONTOS FORTES.

- (...) no início, com os alunos que têm perturbação do espectro do autismo, fiquei um bocadinho... apreensiva. (...) e pensei que poderia haver ali alguma reação, (...) que pudesse alterar ali algum comportamento. (...) Mas acabei por considerar que para eles (...) só por ser a pluridocência, sermos vários agentes de ensino, as estratégias são logo diversificadas, (...) Achei que isso (...) acabou por enriquecer também aquela parte das interações sociais e dos relacionamentos que a criança problemática traz muito ao de cima. (...) **(108)**
- (...) E foi (...) uma boa experiência, (...) um bom desafio até para ver como é que os alunos [com autismo] poderiam reagir, porque eles vão ter que reagir e vão ter que confrontar-se em ciclos mais avançados. (...) **(109)**
- (...) Achei que realmente nesta idade em que eles estão, se calhar até foi muito bom. Aquilo que eu teria medo, que me deixou apreensiva, até acabei por achar que foi frutífero para eles [alunos com autismo]. (...) **(110)**
- (...) Porque cada uma tinha estratégias realmente diferentes e a forma de comunicar e a forma de se completarem e a forma de reagirem... E

isso para eles [alunos com autismo] acho que foi, foi bom. Comportar-se com vários elementos no mesmo espaço da aula... (...) **(111)**

- (...) Foi importante porque (...) apesar das estratégias serem diversificadas havia coisas que eram iguais... a disciplina, as regras... (...) E eles [alunos] sabiam que passando de uma professora para a outra as coisas mudavam, mas havia coisas que se mantinham... (...) **(112)**
- (...) Eu (...) estar um dia inteiro com aquele tipo de aluno [irrequieto], mesmo a minha reação é diferente... Uma pessoa fica cansada sempre o mesmo tipo de comportamento, acaba por se calhar ter uma reação às vezes desajustada, e assim, naqueles bocadinhos, uma hora, uma hora e meia no máximo, que estamos com eles, vamos mudando de alunos. (...) **(113)**
- (...) com aquele aluno eu adoto aquela estratégia e até ao final do dia vou passar para outros. (...) eu não fico saturada daquele tipo de comportamento e quando vou para a outra turma já vou mais leve, já vai ser diferente (...) **(114)**
- (...) Com os alunos é exatamente o mesmo. (...) Este tipo de aluno com comportamento desafiante, oposição à autoridade... (...) estás ali um bocadinho e depois ele sabe “esta professora vai e depois vem outra”, ele também não satura. (...) Volta ao início, não continua naquele rol, naquele ciclo vicioso de estar a provocar, de estar a interromper, de estar a querer ser engraçadinho... (...) **(115)**
- (...) o ano em que há mais insucesso e mais problemas de comportamento é precisamente o quinto ano. (...) Os alunos vêm da monodocência e estão habituados a ter (...) a professora titular que é o pilar (...) Quando eles chegam ao quinto ano, (...) e encontram um conjunto de pessoas completamente diferentes, com maneiras de ser completamente diferentes, e a primeira reação que têm é logo tentar medir forças. (...) E este projeto acho que é muito importante para evitar que isso aconteça, porque acontece inclusivamente numa idade mais nova, em que os miúdos conseguem incutir ainda muito mais facilmente as regras do que no quinto ano, e vão-se habituando. (...) **(116)**
- (...) eu tenho quase a certeza absoluta que estas três turmas quando chegarem ao quinto ano, já não vão medir forças com nenhum dos professores e conseguem precisamente saber estar... (...) Porque já o fizeram! Já o fizeram conosco. (...) **(117)**
- (...) E eu tenho quase a certeza que estes meninos, quando chegarem ao quinto ano, isso já não vai acontecer, precisamente porque eles já estão habituados a trabalhar em equipa, a aceitar vários professores, já estão habituados às diferentes estratégias que cada um dos

professores utiliza, maneiras de estar na sala de aula, feitos... E sabem respeitar cada um! (...) **(118)**

- (...) acho que são idades em que já não tem lógica, nem tem benefícios nenhuns eles continuarem com aquele modelo do “professor dos pequenos”. (...) Então em faixas etárias um pouco mais avançadas não tem já lógica nenhuma, nem em termos neurológicos, nem psicológicos, continuar a ter aquele modelo de um professor. (...) **(119)**
- (...) Eu acho que isso resultou no comportamento do tal aluno que antes teve tantas advertências e este ano acho que só teve aí uma coisinha, acho que só fez uma coisita. E realmente foi óptimo, porque ele habituou-se àquilo que já estava a precisar. (...) **(120)**
- (...) Uma menina com um Currículo como ela tem, com o perfil que ela tem... (...) Que não falava, ou pouco falava... (...) Agora precisamente passa a aula a falar e o que é que ela fala, ela lembra-se do nome: “professora [nome], professora [nome]!” (...) Então e o vocabulário? É capaz de dizer bom dia a ti, olá, e ela diz “good-bye”, “bye-bye!” Ela sabe, ela relaciona. (...) Quando essa aluna, com esse perfil, consegue fazer a articulação e dar-se bem, em termos de relacionamento, com todos é o exemplo para todos os outros. (...) **(121)**
- (...) Ela [aluna com CEI] sabe realmente separar as disciplinas, com a professora. (...) **(122)**
- (...) E há uma divisão muito boa dos tempos das disciplinas (...) eu quando chegava à turma do [designação] estavam caderninhos distribuídos, flautas distribuídas e os meninos a tocar ou a cantar a última canção ou a última melodia que deram (...) Não havia quebras. Não havia aquela quebra dos miúdos estarem ali à espera. (...) **(123)**
- (...) A articulação horizontal entre as diferentes disciplinas. (...) **(124)**
- (...) As pessoas [equipa]! (...) **(125)**
- (...) A articulação vertical que é muito importante a nível, não tanto do Currículo, mas a nível das atitudes e valores, da parte comportamental. (...) **(126)**
- (...) Para mim teve muitos aspetos positivos. A partilha, a cooperação entre as colegas, aquela reunião semanal que fazíamos sempre para chegarmos a um consenso do que se tinha passado na semana anterior e o que é que tínhamos pensado e projectado para a semana seguinte. Portanto, acho que isso foi um aspeto muito positivo. Acho que nos dava um conhecimento alargado de todos os alunos em geral e conseguíamos falar daquele aluno, não só na área em que nós estávamos a lecionar, mas tínhamos um conhecimento do aluno no global, no geral, porque nós partilhávamos esse conhecimento acerca dos alunos nas reuniões. (...) **(127)**

- (...) Para mim é a multiplicidade e diversidade de estratégias em sala de aula. (...) **(128)**
- (...) Para mim foi ótimo. Acho eu, em termos de efeitos para os alunos. Não só em termos afetivos, mas também de aquisição de aprendizagens. (...) **(129)**
- (...) acho que um dos pontos fortes são os resultados [dos alunos]. (...) **(130)**
- (...) A qualidade do ensino (...) **(131)**
- (...) A relação entre as pessoas. (...) A abertura, a cumplicidade, a cooperação... (...) **(132)**
- (...) É mais desafiante preparar só uma [disciplina]. (...) Mas mais difícil, porque vais querer beber mais, vais querer ir à procura de novas estratégias. Aprofundar (...) **(133)**
- (...) esse aprofundar mais aquela área significa que depois ao nível da sala de aula e ao nível da aplicação daqueles conteúdos, se calhar também são muito mais aprofundados. (...) O que vem beneficiar e melhorar os resultados. (...) **(134)**
- (...) Por isso é que eu digo que os resultados são bons, porque também sinto que se calhar a exigência é maior (...) **(135)**
- (...) Durante aquele período de tempo a gente só pensa na nossa disciplina. (...) Mas eu perco o mesmo tempo para uma do que para as outras, porque eu quero levar mais além, quero diversificar, quero apresentar coisas novas... (...) **(136)**
- (...) Por isso é que eu estou a dizer este projeto se calhar também ajuda nesse aspeto, não quer dizer que trabalhem menos, pelo contrário... (...) Permite é aprofundar mais aquela área e por isso vai melhorar a prática daquela área e os resultados naquela área. (...) **(137)**
- (...) Eu acho que foi tudo positivo no sentido que foi uma experiência única que nunca nenhuma de nós passou. Portanto, tudo o que poderá ser um pormenor, no meio de tudo o que foi aqui dito, não é negativo, nem menos positivo, porque serviu para melhorarmos, para ajustarmos. (...) **(138)**

3.1.2. ASPETOS MENOS POSITIVOS.

- (...) Eu acho que é pena alguns docentes desta escola ainda não terem percebido, e não estou a falar desta equipa, estou a falar de outros docentes, claro, não terem ainda percebido a importância do projeto e a forma como a equipa trabalha. (...) Acho que as pessoas deveriam ter-se aproximado. (...) **(139)**
- (...) Foram as resistências... (...) A tudo o que é novo. Infelizmente é assim... Tudo o que é novo... (...) **(140)**

- (...) as pessoas são competitivas e o que lhes interessa ver é se os resultados que aparecem nas pautas destas turmas são melhores que os das outras. Mas não é isso que está aqui em causa, porque cada turma tem o seu contexto. (...) **(141)**
- (...) E essas pessoas sentiram-se talvez um bocadinho ou intimidadas ou essas resistências surgem de estes agora irem ser os melhores. Não se trata disso. E acho que as pessoas continuam um bocadinho iludidas... Não se trata disso. É preciso às vezes também tentar esclarecer isto. (...) **(142)**
- (...) Por isso é que eu digo este aspeto menos positivo, mas não do projeto porque o projeto está muito bem, mas sim das resistências que ainda houve perante o projeto. (...) **(143)**

4. MELHORIA DO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA.

4.1. SUGESTÕES DE MELHORIA PARA O PROJETO INVESTIGATIVO.

4.1.1. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR.

- (...) a minha sugestão, penso que também é das minhas colegas porque já falámos, (...) era que no próximo ano (...), porque não apostarmos em fazer uma sala da Matemática, do Estudo do Meio e do Português e serem os alunos a rodar. (...) **(144)**
- (...) Em termos de transição de uma sala para a outra, acabarmos por exemplo cinco minutinhos mais cedo (...) para possibilitar a arrumar o material e para se fazer a saída de uma sala para a outra sala. (...) temos que depois pensar como é que se organizam, de modo a que haja menos constrangimentos possíveis nessas transições. (...) **(145)**
- (...) Mas a minha sugestão era realmente, uma vez que é final de ciclo, fixarmo-nos nós e rodarem os miúdos. (...) **(146)**
- (...) Há miúdos que já nos deram esse feedback, que gostavam muito de serem eles a mudar de sala. (...) E preparam-se para um quinto ano e a seguir vão ter que mudar de sala. É uma preparação para o quinto ano. (...) Eles querem ser crescidos, porque na outra escola também vão ter que mudar de sala e então acham que isso seria bom. (...) **(147)**

4.1.2. EQUIPA EDUCATIVA.

- (...) Ficar a mesma equipa! Com todas! (...) **(148)**
- (...) Acho que sim, até para a estabilidade e até crescimento do projeto acho que era essencial haver a continuidade desta equipa. (...) **(149)**

4.1.3. ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS.

- (...) Podemos pensar numa visita de estudo ligada à Música e às restantes áreas, com mais que um dia, para as três turmas. Podemos pensar nisso... (...) Para culminar. (...) **(150)**
- (...) Era giro as nossas três turmas fazerem um trabalho com um lar da terceira idade a nível de Música, a nível de poesia, a nível assim de umas coisas giras. Aproveitar a Expressão Musical, a Expressão Plástica... (...) **(151)**
- (...) Eu tenho uma sugestão (...) que era um dos períodos letivos, em vez que fazemos Expressão Físico-Motora aqui porque não fazer natação? A Câmara cedia o autocarro e fazia-se natação lá. (...) **(152)**

4.1.4. ENVOLVIMENTO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.

- (...) Outra coisa que eu acho muito importante manter ou mesmo aumentar são essas atividades com os encarregados de educação das três turmas tudo ao barulho. Acho bom para que continue a união. Achei ótimo e é para manter essas atividades. (...) **(153)**
- (...) Então, para o ano vamos pôr todos ao barulho. Vamos fazer o jogo do Mata, como ela fez um ano. (...) **(154)**
- (...) No quarto ano eu penso que têm que contar que vão acelerar um pouco as expectativas dos papás, por ser o ano terminal, portanto é bom manterem esse nível de afetividade nas atividades com os alunos e pais. Acho que isso vai ajudar. (...) **(155)**

ANEXO Xf

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG1/EE

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DA EFG1/EE

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Trabalho desenvolvido em Equipa Educativa.	1.1. Natureza do trabalho colaborativo/cooperativo.	1.1.1. Dificuldades sentidas
		1.1.2. Pontos fortes
		1.1.3. Planificação da ação educativa
		1.1.4. Desenvolvimento interdisciplinar e globalizante do Currículo
		1.1.5. Análise e reflexão sobre a prática
		1.1.6. Análise e reflexão sobre os resultados dos alunos
		1.1.7. Delineação de estratégias de melhoria da ação educativa
		1.1.8. Avaliação dos alunos
		1.1.9. Gestão da relação com os alunos
		1.1.10. Gestão da relação com os encarregados de educação
2. Ambiente afetivo emocional vivido pela Equipa Educativa.	1.2. Repercussões do trabalho em Equipa Educativa.	1.2.1. Na prática letiva das docentes
	2.1. Natureza do ambiente afetivo emocional.	2.1.1. Ambiente afetivo emocional construído
		2.1.2. Emoções sentidas
		2.2. Repercussões do ambiente relacional da Equipa Educativa.
3. Representações acerca do projeto investigativo.	3.1. Opinião pessoal acerca do desenvolvimento do projeto.	2.2.1. Na prática letiva das docentes
		2.2.2. No bem-estar pessoal e profissional das docentes
		3.1.1. Pontos fortes
		3.1.2. Aspetos menos positivos

4. Melhoria do projeto de pluridocência.	4.1. Sugestões de melhoria para o projeto investigativo.	4.1.1. Organização do trabalho escolar
		4.1.2. Funcionamento da equipa educativa
		4.1.3. Envolvimento dos alunos
		4.1.4. Envolvimento dos encarregados de educação

ANEXO XI

SEGUNDO QUESTIONÁRIO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

(Q2)

Questionário 2

O presente questionário enquadra-se na investigação subordinada ao Tema “Pluridocência no 1.º Ciclo do Ensino Básico” e constituirá a minha Tese de Doutoramento em Educação - Especialidade em Liderança Educacional. Tem por objetivo primordial a recolha de informação relativa ao desenvolvimento processo de ensino dos Vossos Educandos, que também são participantes no estudo, de forma a identificar as potencialidades e os constrangimentos do regime de pluridocência implementado nos últimos dois anos letivos. As informações recolhidas são confidenciais e será salvaguardado o anonimato.

Grata pela Vossa colaboração.

1. Dados pessoais (selecione apenas uma opção).

1.1. Género

☐ Feminino

☐ Masculino

1.2. Idade

☐ < 25

☐ 25 – 35

☐ 36 - 45

☐ 46 – 55

☐ > 56

1.3. Grau de parentesco com o(a) aluno(a) participante no projeto.

☐ Mãe

☐ Pai

☐ Avó

☐ Avô

☐ Tia

☐ Tio

☐ Outro. Qual? _____

2. Resultados do projeto de Pluridocência no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

2.1. Considera que o trabalho desenvolvido em pluridocência contribuiu para a melhoria dos resultados escolares do(a) seu(sua) Educando(a), ao longo dos dois últimos anos letivos? (selecione apenas uma opção).

- ☐ Sim. ☐ Não. ☐ Talvez.

2.1.1. Se respondeu SIM, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Porque os conteúdos das disciplinas foram melhor aprofundados.
- ☐ Porque esta organização permite melhorar o ensino das docentes.
- ☐ Porque cada docente consegue acompanhar melhor os alunos.
- ☐ Porque esta organização permite uma melhor concentração dos alunos.
- ☐ Outro motivo. Qual? _____

2.1.2. Se respondeu NÃO, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Porque não houve melhoria nos resultados escolares.
- ☐ Porque são muitos conteúdos e pouco tempo para assimilar.
- ☐ Porque se mantêm as mesmas dificuldades nos alunos.
- ☐ Porque são mais conteúdos e menos aprofundados.
- ☐ Outro motivo. Qual? _____

2.1.3. Se respondeu TALVEZ, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Porque é difícil avaliar se existe relação entre os resultados e a investigação.
- ☐ Porque a professora ser especialista é benéfico para o ensino.
- ☐ Porque diminui a carga de trabalho das docentes.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.2. Acha que este projeto investigativo contribuiu para um maior empenho e envolvimento do(a) seu(sua) Educando(a) no seu processo de aprendizagem, nos dois últimos anos letivos? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

2.2.1. Se respondeu SIM, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque verifiquei um maior entusiasmo/motivação/empenho do(a) meu(minha) educando(a) pela aprendizagem.

☐ Porque melhorou a capacidade de adaptação do(a) meu(minha) educando(a) a diferentes métodos de ensino.

☐ Porque aumentou a responsabilidade do(a) meu(minha) educando(a) na sua aprendizagem.

☐ Porque o(a) meu(minha) educando(a) desenvolveu novos métodos de estudo e de organização do trabalho.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.2.2. Se respondeu NÃO, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque se manteve o mesmo nível de empenho do(a) meu(minha) educando(a).

☐ Porque o(a) meu(minha) educando(a) teve dificuldade em acompanhar o ritmo de ensino.

☐ Porque o(a) meu(minha) educando(a) teve dificuldade na adaptação a diferentes métodos de ensino.

☐ Porque esta organização do processo de ensino causou maior instabilidade no(a) meu(minha) educando(a).

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.2.3. Se respondeu TALVEZ, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque notei melhoria no nível de motivação/empenho/entusiasmo do(a) meu(minha) educando(a).

☐ Porque verifiquei maior responsabilidade e autonomia no(a) meu(minha) educando(a).

☐ Porque nesta organização as aulas são menos monótonas.

☐ Porque se verificou uma melhoria nas relações afetivas em contexto escolar.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.3. Considera que o projeto contribuiu para um maior envolvimento da sua parte na vida escolar do(a) seu(sua) Educando(a), nos últimos dois anos letivos? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

2.3.1. Se respondeu SIM, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque este projeto requereu mais atenção da minha parte ao estudo e trabalho do(a) meu(minha) educando(a).

☐ Porque quis compreender/acompanhar o projeto e os seus resultados.

☐ Para participar nas atividades a convite das docentes.

☐ Porque a motivação do(a) meu(minha) educando(a) me aproximou.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.3.2. Se respondeu NÃO, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Porque sempre acompanhei desta forma a vida escolar do(a) meu(minha) educando(a).
 - ☐ Porque está mais autónomo(a) e mais organizado(a) e só precisa da minha supervisão.
 - ☐ Por falta de tempo disponível da minha parte.
 - ☐ Outro motivo. Qual? _____
-
-

2.3.3. Se respondeu TALVEZ, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Para compreender o projeto e acompanhar os seus resultados.
 - ☐ Apenas no início, porque estava preocupado(a) com a mudança.
 - ☐ Outro motivo. Qual? _____
-
-

2.4. Acha que a organização do processo de ensino em pluridocência e o trabalho colaborativo docente conduziu a uma melhoria do ensino ministrado, nos últimos dois anos letivos? (selecione apenas uma opção).

- ☐ Sim. ☐ Não. ☐ Talvez.

2.4.1. Se respondeu SIM, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Porque permite que cada docente se torne mais eficaz e inovadora na sua disciplina.
- ☐ Porque permite que as docentes partilhem ideias e melhorem a prática.
- ☐ Porque permite que as docentes procurem exercícios mais diversificados.

☐ Porque o trabalho escolar é partilhado e dá mais tempo para preparar melhor as aulas.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.4.2. Se respondeu NÃO, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque não noto melhoria, o ensino antes era bom e mantém-se bom.

☐ Porque o Programa é igual ao dos outros alunos da escola.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.4.3. Se respondeu TALVEZ, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque cada docente está focada só numa disciplina e pode explicar melhor.

☐ Porque as docentes estão mais motivadas e empenham-se mais.

☐ Porque a minha perceção é positiva, embora não possua dados suficientes.

☐ Outro motivo. Qual? _____

2.5. Na sua opinião, este projeto investigativo contribuiu para uma melhor preparação dos alunos para a transição de ciclo de ensino? (selecione apenas uma opção).

☐ Sim.

☐ Não.

☐ Talvez.

2.5.1. Se respondeu SIM, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

☐ Porque os alunos ficaram mais habituados à pluridocência, a diferentes práticas e contextos educativos.

- ☐ Porque os alunos desenvolveram as capacidades de orientação e organização.
 - ☐ Porque permitiu o desenvolvimento da capacidade relacional dos alunos e a sua preparação emocional.
 - ☐ Porque contribuiu para a redução dos medos e ansiedades dos alunos perante a mudança de ciclo.
 - ☐ Outro motivo. Qual? _____
- _____
- _____

2.5.2. Se respondeu NÃO, indique o principal motivo justificativo da sua resposta.

2.5.3. Se respondeu TALVEZ, selecione o principal motivo justificativo da sua resposta (selecione apenas uma opção).

- ☐ Porque se habituaram a vários docentes e a diferentes métodos de ensino.
 - ☐ Porque precisaram “crescer” depressa.
 - ☐ Outro motivo. Qual? _____
- _____
- _____
- _____

3. Apreciação global do Projeto de Pluridocência.

3.1. Quais os 3 aspetos mais positivos que reconhece no projeto de investigação desenvolvido nos últimos dois anos letivos? (selecione apenas três opções de resposta).

- ☐ A aplicação do regime de pluridocência, com diferentes métodos de ensino.
- ☐ A especialização das docentes nas disciplinas que melhora o ensino.

- ☐ O desenvolvimento da responsabilidade e maturidade dos alunos.
- ☐ A maior motivação/envolvimento/empenho dos alunos na aprendizagem.
- ☐ O desenvolvimento da capacidade relacional/emocional dos alunos.
- ☐ A melhoria dos resultados escolares dos alunos.
- ☐ O trabalho colaborativo das docentes da equipa educativa.
- ☐ Outro aspeto. Qual? _____

3.2. Quais os 3 aspetos menos positivos que identifica no projeto de investigação desenvolvido nos últimos dois anos letivos? (selecione apenas três opções de resposta).

- ☐ A limitação temporal das disciplinas perante a extensão do Programa.
- ☐ A coordenação dos trabalhos de casa por parte das docentes.
- ☐ O projeto obriga os alunos a crescer mais depressa.
- ☐ Pouco contacto entre os pais e as diferentes docentes da equipa educativa.
- ☐ Dificuldade na avaliação de mais alunos.
- ☐ Outro aspeto. Qual? _____

3.3. Gostaria, para concluir, de contar com uma apreciação global sucinta acerca do desenvolvimento do projeto investigativo, ao longo dos dois últimos anos letivos.

**Muito Grata pela Vossa confiança, pelo Vosso apoio e pela Vossa
colaboração!**

A investigadora,

Soraia Pinho.



ANEXO XII

SEGUNDA ENTREVISTA *FOCUS GROUP* AOS ALUNOS

(EFG2/A)

ANEXO XIIa

GUIÃO DA ENTREVISTA EFG2/A

Guião da 2.^a Entrevista *focus group* aos Alunos

Tema: Representações dos alunos envolvidos no projeto de investigação acerca do seu desenvolvimento ao longo dos dois anos letivos de implementação.

Objetivos gerais:

- Analisar os resultados do desenvolvimento do projeto investigativo.
- Explorar as representações dos alunos acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo dos dois anos letivos de implementação.
- Conhecer as expetativas dos alunos acerca da transição de ciclo de ensino.

Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Observação
A ■ Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	► Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados.	• Informar os alunos acerca da finalidade da entrevista; • Solicitar os seus contributos indispensáveis à realização e desenvolvimento do trabalho de investigação; • Garantir-lhes todo o apoio possível, numa base de cooperação, no decorrer da entrevista; • Relembrar os alunos que a entrevista irá ser gravada. • Reforçar a garantia da confidencialidade da informação recolhida e da sua identidade.	Tempo médio: 3 a 5 minutos
B ■ Resultados do desenvolvimento do projeto investigativo.	► Analisar os resultados do desenvolvimento do projeto de investigação, do ponto de vista dos alunos.	• Inquirir os alunos sobre a influência do projeto de pluridocência nos seus resultados escolares.	Tempo médio: 10 a 15 minutos

		• Inquirir os alunos acerca da influência do projeto de pluridocência no seu envolvimento no processo de aprendizagem. • Questionar os alunos acerca da contribuição do projeto investigativo para o incremento da participação dos pais/EE na sua vida escolar. • Questionar os alunos sobre a contribuição do projeto de pluridocência para a melhoria da qualidade do ensino ministrado.	
C ■ Desenvolvimento do projeto investigativo.	► Conhecer as representações dos alunos acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo dos dois anos letivos de implementação.	• Inquirir os alunos sobre os aspetos mais positivos que reconhecem ao projeto investigativo. • Inquirir os alunos acerca dos aspetos menos positivos que identificam no projeto investigativo.	Tempo médio: 10 a 15 minutos
	► Conhecer a opinião pessoal dos alunos acerca do projeto investigativo.	• Solicitar aos alunos que efetuem uma apreciação global do desenvolvimento do projeto investigativo.	
D ■ Expetativas acerca da transição de ciclo de ensino.	► Conhecer as expetativas dos alunos acerca da transição de ciclo de ensino.	• Inquirir os alunos acerca das suas expetativas acerca da transição de ciclo de ensino que irão vivenciar no próximo ano letivo.	Tempo médio: 5 a 10 minutos

ANEXO XIIb

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/A

TRANSCRIÇÃO DA EFG2/A

Or: Vocês sabem porque é que estão aqui, certo?

Todos: Sim!

Or: Há dois anos que vocês estão a desenvolver o vosso processo de ensino-aprendizagem de uma maneira diferente do resto dos colegas da escola. Com as outras turmas da escola, as coisas não funcionam como funcionam convosco. Vocês têm várias professoras, cada uma para a sua disciplina, e os outros colegas não, cada um só tem uma. Vocês têm noção disso, certo?

Todos: Sim!

Or: E estamos agora a acabar o quarto ano. O que eu preciso de saber da vossa parte é se vocês acham que esta organização, que este projeto, como ele foi desenvolvido, se vocês acham que teve alguma influência nos vossos resultados escolares, nas vossas notas?

D7: Eu acho que sim, porque, por exemplo, com a professora Paula, que faz muitos powerpoints, para Estudo do Meio, se tivesse que dar todas as outras... disciplinas, não tinha tempo para fazer os powerpoints. E assim aprendemos melhor.

Or: Achas então que a influência foi positiva. Melhoraram as tuas notas?

D7: Sim, especialmente na parte dos reis...

D8: Eu, lá na professora Mónica, estamos sempre a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar. E um dia estudei muito, a professora disse para estudar muito, e estudei muito, muito, muito... E depois tive um bom no teste de Matemática, que antes tinha suficientes e insuficientes.

Or: Então achas que a professora dar só uma disciplina foi melhor para os teus resultados?

D8: Eu gostei... melhoraram todos os testes.

D9: Acho que sim, foi bom porque cada professora tem o seu método de ensino. A professora Mónica é, de facto, é uma boa professora de Matemática, a professora Paula ensina bem, porque no segundo ano, em Estudo do Meio, eu era um péssimo aluno e agora sou um aluno de 100.

Or: Então melhoraram os teus resultados, no Estudo do Meio?

A9: Sim!

Or: E nas outras disciplinas, também?

A9: Também, também...

D10: Eu acho que sim, porque as professoras fazem várias fichas, como na Matemática a professora faz problemas da semana, teste de cálculo mental, ditado de tabuadas e isso ajuda muito para melhorar as notas.

Or: As tuas também melhoraram?

D10: Sim.

D11: Eu acho que sim, que foi melhor, por causa que também melhorei as notas.

Or: Acham que essa melhoria nos vossos resultados, nas vossas notas, teve que ver com a situação de terem uma professora para cada disciplina ou que melhoravam, mesmo que fosse só uma professora para todas as disciplinas?

D12: Não, com uma em cada disciplina.

Or: Acham que é melhor se for uma professora em cada disciplina?

Todos: Sim.

Or: E em relação ao vosso envolvimento na aprendizagem, ou seja, ao vosso empenho, à vossa motivação, vocês acham que desta forma, com várias

professoras, neste projeto, vocês se envolveram mais? Estudaram mais? Aplicaram-se mais?

A11: Sim, porque consigo entender melhor com a professora Mónica do que com a professora Paula, na Matemática.

Or: Achas que estás mais envolvida, mais motivada, porque é aquela professora, diferente da outra?

A11: Sim.

A8: Eu estou mais envolvido no Estudo do Meio, porque a professora está sempre a fazer-nos powerpoints e nós temos que passar e eu gosto muito de fazer isso, porque assim posso sempre estudar quando tiver dúvidas para o teste e para os problemas que a nossa professora dá.

Or: Mais alguém tem alguma coisa a dizer acerca deste envolvimento? Se ter mais professoras vos ajudou a empenhar-se mais?

A12: Sim, porque cada professora é melhor numa coisa, portanto cada uma faz o seu melhor para essa coisa, para essa disciplina.

A9: Cada professora é mais especializada numa área e eu penso que com isso ensinam melhor. Porque a professora Tânia não sabia tanto de Matemática, tanto como a professora Mónica e a professora Mónica sabe muito...

Or: E isso dá-te vontade de aprender mais?

A9: Dá.

Or: E os vossos pais, vocês acham que houve mais envolvimento da parte deles na Escola desde que começou este projeto ou acham que continuou tudo igual?

A7: Eu acho que mudou.

Or: Melhorou? Piorou?

A7: Melhorou, melhorou...

Or: Eles vêm mais?

A7: Sim.

Or: Acompanham mais a tua aprendizagem?

A7: Sim.

A8: A mim, os meus pais melhoraram muito a atenção e gostaram muito do projeto e queriam continuar...

Or: Queriam continuar?

A8: Sim, com as mesmas professoras no quinto ano! E com a mesma diretora e assim tudo, que assim estava mais confortável.

Or: Eles gostaram e envolveram-se mais?

A8: Sim!

A11: A minha mãe também achou melhor, concordou, por causa que a professora Paula, não estou a dizer que ela não tenha conhecimento a Matemática, mas a professora Mónica tem um bocadinho mais do que a professora Paula. Então a minha mãe concordou, porque quando fui para este projeto eu comecei a melhorar mais as notas.

Or: E a tua mãe melhorou o acompanhamento dela? Achas que esteve mais atenta, que acompanhou mais agora, nestes dois anos, do que dantes?

A11: Sim, acho que foi agora, mais do que os outros anos.

A10: Eu acho que melhorou porque, por exemplo, agora temos estas professoras, não é como as outras turmas, e assim já vamos mais habituados para o quinto ano, já se preocupam mais conosco, como vai ser o nosso futuro.

Or: E os teus pais, por causa disso aproximaram-se mais?

A10: Sim. Eu acho que sim, porque eu não era muito boa a Matemática e os meus pais aperceberam-se disso e puseram-me na explicação para eu estudar um pouco mais Matemática.

A12: E a minha mãe ajuda-me mais no estudo do meio, por causa que a matéria é muita e eu preciso...

A9: Os meus pais acham que é bom porque já sabiam que a professora Tânia era boa e queriam ver se os métodos das outras professoras eram iguais ou melhores. Então eles seguem-me...

Or: Acompanham mais de perto...

A9: Sim.

Or: Ao acompanharem mais de perto, eles acham que os métodos de cada uma se adequam à disciplina de cada uma?

A8/A10: Sim.

Or: Bom, em relação às estratégias que as professoras usam, vocês já falaram de algumas, os powerpoints, o cálculo mental, aquelas atividades da Matemática, o ditado de tabuadas, as estratégias que a professora faz a compreensão do oral...

A11: As experiências que a professora Paula faz...

Or: Isso tudo são estratégias e metodologias de ensino. Vocês acham que, a partir do momento em que entraram neste projeto, as estratégias, as metodologias foram melhores, mais motivadoras, mais aliciantes para vocês?

A7: Sim, foram, porque antes eu não sabia muito bem as tabuadas, principalmente a do sete e a do oito, mas agora já sei!

Or: E isso dependeu das estratégias que a professora Mónica aplicou?

A7: Sim, nas rotinas de cálculo fazemos muitas vezes...

Or: E dantes, não fazias?

A7: Não.

A8: Era o que o Bernardo estava a dizer, era igual...

Or: Mas podes dizer à mesma... Achas que as estratégias foram mais diversificadas, diferentes?

A8: Sim. Gostei mais! Eu gostei mais do que só uma professora, porque assim confundia-me tudo... Se era Estudo do Meio, se era Matemática... Confundia-me tudo, mas agora como já tenho mais professoras já, já oriento-me...

Or: Orientas-te melhor. Mas a este nível das estratégias acham que houve uma melhoria? As professoras agora usam estratégias melhores, mais adequadas e que vos ensinam melhor?

A9: Sim, porque a professora Mónica brinca muito com a Matemática e ensina-nos coisas que se estivesse a explicar normalmente nós ficávamos assim: “ai, que seca”! e assim a professora Mónica faz com que a Matemática seja divertida e ao mesmo tempo simples.

A11: A professora Paula também acho que foi bom fazer os powerpoints, porque assim nós estudamos e assim fazemos várias coisas para melhorarmos as notas.

A12: Acho que as estratégias da professora Tânia também me fazem perceber melhor, porque também aquilo da composição que a professora nos ensinou, também comecei a perceber melhor!

A10: Eu acho que sim, porque quando nós estávamos no primeiro e no segundo ano as professoras tinham que se preocupar com três disciplinas. Agora é só com uma e dedicam-se mais a essa.

Or: Então arranjam coisas diferentes, é isso?

A10: Sim, sim!

Or: Há assim alguma estratégia que vocês não conhecessem antes e que entretanto agora tenham aplicado?

A8: Não.

A12: As fichas com... quando fazemos as fichas e podemos ir ver ao manual...

Or: Fichas com consulta?

A12: Sim!

Or: Também me lembro que os vossos colegas, o ano passado, também me falaram do Jogo do 24...

A10: Ah, sim! O Jogo do 24!

A8: Sim!

Or: Os colegas que não eram da turma da professora Mónica não conheciam o Jogo do 24... E com o projeto começaram a conhecer. E as experiências no Estudo do Meio?

A8: Sim! E os exercícios de gramática.

A12: Só que no caso da professora Tânia é diferente! Na gramática é só manual, mas no fim da gramática tem lá as soluções, mas não podemos ver.

A8: Pois não! Assim era rápido, era só escrever e já está!

Or: Pois é...

A7: O tempo que demorávamos a fazer aquilo era só o tempo de ir procurar a página!

Or: Agora gostava que vocês pensassem um bocadinho todos e refletissem sobre estes dois últimos anos, e me dissessem o que é que vocês acham que são os aspetos mais positivos deste projeto? O que é que vocês acham que este projeto tem mesmo de melhor?

A7: Como eu já tinha dito, cada professora pode concentrar-se melhor na sua disciplina... e fazer melhor. E também ter mais tempo para fazer powerpoints e todas essas coisas...

Or: E procurarem estratégias mais divertidas...

A7: Sim.

A8: As matérias e os conteúdos foram mais fáceis.

Or: Achas que foram mais fáceis assim? Percebeste melhor?

A8: Sim, percebi melhor assim.

A11: Sim, acho que também percebi melhor as matérias porque cada professora não precisa de se preocupar em Matemática, por exemplo: “ai tenho Matemática a seguir e depois Estudo do Meio”, as professoras só pensam numa matéria para dar.

A12: Mais positivo deste projeto foi que no primeiro e segundo ano eu não percebia bem as matérias de Matemática com a professora Paula. Agora com a professora Mónica parecia mais fácil...

Or: Achas que isso foi o ponto mais positivo?

A12: Acho!

A10: Eu acho que estamos mais preparados para o quinto ano. Não temos, não... não vamos estranhar a mudança das salas, não vamos estranhar a mudança das professoras, não vamos estar só com uma professora, mas sim com mais, como neste projeto.

Or: **Estão mais preparados para o quinto ano, isso?**

Todos: Sim!

A8: Para as Ciências, História, HGP ou isso...

A12: E eu acho também que foi bom dar a História de Portugal no fim porque nós vamos ter uma disciplina que é História e assim não vamos esquecer muito.

Or: **Exatamente, e vão começar por aí. Muito bem, e em relação aos aspetos menos positivos, o que é que vocês acham que esta organização, com várias professoras, tem de menos positivo?**

A8: As matérias são mais rápidas. Como por exemplo, agora estamos a dar uma matéria e depois passamos logo para outra matéria e assim é muito confuso...

Or: **Deixa ver se eu percebi, o menos positivo para ti foi a mudança de disciplinas, andar de disciplina em disciplina: ter uma hora e meia duma disciplina e mudavas logo para outra, mais uma hora. É isso?**

A8: Sim, é.

A9: Eu acho que não há aspetos menos positivos... Não, não...

Or: **Tu achas que foi tudo positivo?**

A9: Sim!

A11: Eu acho que o menos positivo foi que no Português, eu acho que a professora Paula era melhor a explicar do que a professora Tânia, porque acho que tenho mais conhecimentos com a professora Paula do que com a professora Tânia.

Or: Achaste que ao nível do Português se tivesses ficado só com uma professora terias ficado melhor, é isso?

A11: Sim.

A7: Eu acho que não há aspetos negativos.

A10: Eu também acho que só há aspetos positivos.

Or: Agora, em termos globais, pensem nestes dois últimos anos letivos em que têm estado no projeto e digam-me qual é a apreciação que vocês fazem?

[silêncio]

Or: Vocês sabem o que é uma apreciação?

Todos: Sim...

Or: Pensando assim nos últimos dois anos que passaram aqui na escola, qual é a ideia que vocês têm ao pensar no projeto?

A10: Eu acho que antes eram as professoras a mudarem de sala e agora somos nós. Eu acho que estamos um pouco mais preparados.

[silêncio]

A7: Ajudou-nos a aprender as coisas melhor...

[silêncio]

Or: Se vocês tivessem que avaliar o projeto, eu sei que estão em altura de avaliações e por isso, se calhar, assim é mais fácil para vocês. Qual era a avaliação que vocês davam a este projeto?

A11: Acho que é bom.

A8: Muito Bom!

A7: Muito Bom!

A12: Muito Bom!

A10: Muito Bom!

A9: Excelente!

Todos: Excelente! Excelente! Excelente!

Or: Estão a ver como foi fácil, bastou que eu mudasse a palavra apreciação para avaliação e perceberam do que se tratava. Isto é uma apreciação global, é como se fossem vocês a avaliar estes dois últimos anos...

Or: Eu fico muito contente de vocês avaliarem tão bem o meu projeto, pois se é o meu projeto eu sinto-me avaliada com ele...

A11: Foi uma boa ideia!

A8: Sim!

Or: Agora, vocês estão no fim do primeiro ciclo. Eu acho que todos vocês vão passar de ano...

Todos: Sim... [baixinho]

Or: Portanto, para o próximo ano vão estar no quinto ano, não é? Agora, quais são as vossas expetativas para o ano?

A7: Boas!

Or: São boas! O que é que acham? Como é que acham que vai ser? Acham que se vão adaptar bem?

A7/A8/A11: Sim!

A11: Porque já estamos habituados.

A7: Por causa do projeto já nos habituámos a mudar de sala, não vai ser, não vamos sentir nenhuma diferença.

A8: Pois!

Or: Não vai ser um bicho-de-sete-cabeças...

A9: Vai ser como estamos agora, com mais algumas disciplinas.

A8: Só precisamos é de nos lembrar das salas...

A12: E saber de cor!

A11: Não vai ser muita surpresa porque já tivemos aqui um treino, mas que foi mais fácil! Foi três salas, mas a sala dois foi a que teve mais matérias! Teve a TIC, o Inglês, o Estudo do Meio...

A12: Mas para o próximo ano não, cada uma é que é mesmo uma disciplina! Mas estamos mais preparados à mesma!

Or: Mais expetativas?

A10: São boas, só que a professora Mónica já nos contou que no intervalo vamos levar as mochilas para... o intervalo...

Or: Vão levar as mochilas porque a seguir é noutra sala.

A10: Mas aqui deixamos logo as mochilas para não estarmos carregados! Mas como a professora Mónica já nos disse isso, acho que já estou preparada!

Or: Então não há receios, achas que vai correr tudo bem?

A10: Sim!

A8: Eu para mim é excelente, porque tem muitas coisas, há um bar dos alunos onde podemos comer, há a biblioteca para trabalhar Inglês quando nós temos dúvidas e também mudar de salas...

Or: E vais mudar de escola...

A8: Sim, para a Buisel.

Or: Já percebi que a parte de mudar de sala e de professores já é um hábito para vocês, já não vos mete medo. Mas vão mudar de escola, para uma escola nova e diferente, que não conhecem. Quais são as vossas expetativas? Têm receios ou não?

A8: Eu só tenho dúvidas de quando formos almoçar onde é que pomos as mochilas...

A12: À porta do refeitório!

A8: E se roubam???

A10: Como eu vou para a “Buisel” e nós já fomos visitar a “Buisel”, já sabemos, mais ou menos, como é que aquilo é, quem nos guiou já nos estiveram a explicar tudo...

Or: Como é que funciona...

A10: Sim! Já estive a dizer os sítios. Já estiveram a mostrar-nos as salas. Portanto... eu não estou a dizer que as outras escolas são muito diferentes, mas eu acho que estamos mais preparados. Quem vai para a “D. Martinho” a escola é mais ou menos igual...

Or: Claro, todas funcionam mais ou menos da mesma maneira... Mas o receio de ires daqui para outra escola, tens? Não tens?

A10: Eu não tenho por causa do projeto, se não até tinha...

Or: Achas? Se calhar tinhas o mesmo receio que tiveste quando começámos este projeto...

A10: Sim, no início eu fiquei com um bocadinho de receio...

Or: Mas tudo correu bem e agora estamos aqui prontos para outra fase. Diz lá tu...

A11: A minha expectativa é boa, porque quando nós lá fomos visitar com muitos amigos, como ela já disse, e como já estamos habituados a este projeto, acho que já vamos estar habituados ao funcionamento.

A8: Eu não tenho receio, acho que vai correr bem e como ela já disse nós já visitámos a escola e eu, para mim é mais fácil, já me habituei e assim já é mais fácil para mim.

Or: E tu João, expectativas?

A9: Eu acho que vai ser igual, o quinto ano vai ser igual aqui só que com mais salas, com muitas mais professoras...

Or: As salas são mais longe...

A11: Temos que mudar de edifícios...

A12: Aqui são edifícios, lá são blocos, temos que mudar de blocos.

Or: Da minha parte é tudo, não preciso de mais nada. Vocês querem dizer mais alguma coisa?

Todos: Não...

Or: Então resta-me agradecer imenso a vossa colaboração e desejar-vos boa sorte para a nova etapa que se vai iniciar na vossa vida! Obrigada!

ANEXO XIIc

PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA EFG2/A

1.º TRATAMENTO DA EFG2/A

[*Acerca da análise do impacto do projeto investigativo*] (...) Eu acho que sim [projeto influenciou os resultados escolares], porque, por exemplo, com a professora [nome], que faz muitos powerpoints, para Estudo do Meio, se tivesse que dar todas as outras... disciplinas, não tinha tempo para fazer os powerpoints. E assim aprendemos melhor. (...) especialmente na parte dos reis... (...) lá na professora [nome], estamos sempre a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar. E um dia estudei muito, a professora disse para estudar muito, e estudei muito, muito, muito... E depois tive um bom no teste de Matemática, que antes tinha suficientes e insuficientes. (...) Eu gostei [do projeto]... melhoraram todos os testes. (...) foi bom porque cada professora tem o seu método de ensino. A professora [nome] (...) é uma boa professora de Matemática, a professora [nome] ensina bem, porque no segundo ano, em Estudo do Meio, eu era um péssimo aluno e agora sou um aluno de 100. (...) Eu acho que sim [projeto melhorou os resultados], porque as professoras fazem várias fichas, como na Matemática a professora faz problemas da semana, teste de cálculo mental, ditado de tabuadas e isso ajuda muito para melhorar as notas. (...) Eu acho que sim, que foi melhor, por causa que também melhorei as notas. (...) com uma [professora] em cada disciplina [os resultados são melhores]. (...) Sim [melhor com uma professora por disciplina]. (...) Sim, porque consigo entender melhor com a professora [nome] do que com a professora [nome], na Matemática. (...) Eu estou mais envolvido no Estudo do Meio, porque a professora está sempre a fazer-nos powerpoints e nós temos que passar e eu gosto muito de fazer isso, porque assim posso sempre estudar quando tiver dúvidas para o teste e para os problemas que a nossa professora dá. (...) Sim [maior envolvimento na aprendizagem], porque cada professora é melhor numa coisa, portanto cada uma faz o seu melhor para essa coisa, para essa disciplina. (...) Cada professora é mais especializada numa área e eu penso que com isso ensinam melhor. Porque a professora [nome] não sabia tanto de Matemática, tanto como a professora [nome] e a professora [nome] sabe muito... (...) Dá [mais vontade de aprender]. (...) Eu acho que mudou [envolvimento parental na escola]. (...) Melhorou, melhorou... (...) Sim [os pais vêm mais à escola]. (...) Sim [os pais acompanham mais a aprendizagem]. (...) A mim, os meus pais melhoraram muito

a atenção e gostaram muito do projeto e queriam continuar... (...) com as mesmas professoras no quinto ano! E com a mesma diretora e assim tudo, que assim estava mais confortável. (...) Sim [os pais gostaram e envolveram-se mais]! (...) A minha mãe também achou melhor, concordou, por causa que a professora [nome], não estou a dizer que ela não tenha conhecimento a Matemática, mas a professora [nome] tem um bocadinho mais do que a professora [nome]. Então a minha mãe concordou, porque quando fui para este projeto eu comecei a melhorar mais as notas. (...) Sim [a mãe acompanhou mais], acho que foi agora, mais do que os outros anos. (...) Eu acho que melhorou [acompanhamento parental] porque, por exemplo, agora temos estas professoras, não é como as outras turmas, e assim já vamos mais habituados para o quinto ano, já se preocupam mais conosco, como vai ser o nosso futuro. (...) Sim [melhorou o acompanhamento parental]. Eu acho que sim, porque eu não era muito boa a Matemática e os meus pais aperceberam-se disso e puseram-me na explicação para eu estudar um pouco mais Matemática. (...) E a minha mãe ajuda-me mais no estudo do meio, por causa que a matéria é muita e eu preciso... (...) Os meus pais acham que é bom porque já sabiam que a professora [nome] era boa e queriam ver se os métodos das outras professoras eram iguais ou melhores. Então eles seguem-me... (...) As experiências que a professora [nome] faz... (...) Sim, foram [metodologias de ensino mais motivadoras], porque antes eu não sabia muito bem as tabuadas, principalmente a do sete e a do oito, mas agora já sei! (...) Sim, nas rotinas de cálculo fazemos muitas vezes... (...) Sim. Gostei mais [das estratégias usadas]! Eu gostei mais do que só uma professora, porque assim confundia-me tudo... Se era Estudo do Meio, se era Matemática... Confundia-me tudo, mas agora como já tenho mais professoras já, já oriento-me... (...) Sim [melhorou o ensino], porque a professora [nome] brinca muito com a Matemática e ensina-nos coisas que se estivesse a explicar normalmente nós ficávamos assim: “ai, que seca”! e assim a professora [nome] faz com que a Matemática seja divertida e ao mesmo tempo simples. (...) A professora [nome] também acho que foi bom fazer os powerpoints, porque assim nós estudamos e assim fazemos várias coisas para melhorarmos as notas. (...) Acho que as estratégias da professora [nome] também me fazem perceber melhor, porque também aquilo da composição que a professora nos ensinou, também

comecei a perceber melhor! (...) Eu acho que sim [melhorou o ensino], porque quando nós estávamos no primeiro e no segundo ano as professoras tinham que se preocupar com três disciplinas. Agora é só com uma e dedicam-se mais a essa. (...) As fichas com... quando fazemos as fichas e podemos ir ver ao manual... (...) Ah, sim! O Jogo do 24! (...) E os exercícios de gramática. (...) Só que no caso da professora [nome] é diferente! Na gramática é só manual, mas no fim da gramática tem lá as soluções, mas não podemos ver. (...)

[*Acerca da análise dos dois anos de implementação do projeto investigativo*] (...) Como eu já tinha dito, cada professora pode concentrar-se melhor na sua disciplina... e fazer melhor. E também ter mais tempo para fazer powerpoints e todas essas coisas... (...) As matérias e os conteúdos foram mais fáceis. (...) Sim, percebi melhor assim. (...) Sim, acho que também percebi melhor as matérias porque cada professora não precisa de se preocupar em Matemática, por exemplo: “ai tenho Matemática a seguir e depois Estudo do Meio”, as professoras só pensam numa matéria para dar. (...) Mais positivo deste projeto foi que no primeiro e segundo ano eu não percebia bem as matérias de Matemática com a professora [nome]. Agora com a professora [nome] parecia mais fácil... (...) Eu acho que estamos mais preparados para o quinto ano. Não temos, não... não vamos estranhar a mudança das salas, não vamos estranhar a mudança das professoras, não vamos estar só com uma professora, mas sim com mais, como neste projeto. (...) Sim [mais preparados para o 5.º ano]! (...) Para as Ciências, História, HGP ou isso... (...) eu acho também que foi bom dar a História de Portugal no fim porque nós vamos ter uma disciplina que é História e assim não vamos esquecer muito. (...) As matérias são mais rápidas. Como por exemplo, agora estamos a dar uma matéria e depois passamos logo para outra matéria e assim é muito confuso... (...) Eu acho que não há aspetos menos positivos... Não, não... (...) Eu acho que o menos positivo foi que no Português, eu acho que a professora [nome] era melhor a explicar do que a professora [nome], porque acho que tenho mais conhecimentos com a professora [nome] do que com a professora [nome]. (...) Eu acho que não há aspetos negativos. (...) Eu também acho que só há aspetos positivos. (...) Eu acho que antes eram as professoras a mudarem de sala e agora somos nós. Eu acho que estamos um pouco mais preparados. (...) Ajudou-nos a aprender as

coisas melhor... (...) Acho que é bom. (...) Muito Bom! (...) Muito Bom! (...) Muito Bom! (...) Muito Bom! (...) Excelente! (...) Excelente! Excelente! Excelente! (...) Foi uma boa ideia! (...)

[*Acerca das expectativas acerca da transição de ciclo de ensino*] (...) Boas! (...) Porque já estamos habituados. (...) Por causa do projeto já nos habituámos a mudar de sala, não vai ser, não vamos sentir nenhuma diferença. (...) Pois! (...) Vai ser como estamos agora, com mais algumas disciplinas. (...) Só precisamos é de nos lembrar das salas... (...) E saber de cor! (...) Não vai ser muita surpresa porque já tivemos aqui um treino, mas que foi mais fácil! Foi três salas, mas a sala dois foi a que teve mais matérias! Teve a TIC, o Inglês, o Estudo do Meio... (...) Mas para o próximo ano não, cada uma é que é mesmo uma disciplina! Mas estamos mais preparados à mesma! (...) São boas, só que a professora [nome] já nos contou que no intervalo vamos levar as mochilas para... o intervalo... (...) Mas aqui deixamos logo as mochilas para não estarmos carregados! Mas como a professora [nome] já nos disse isso, acho que já estou preparada! (...) para mim é excelente, porque tem muitas coisas, há um bar dos alunos onde podemos comer, há a biblioteca para trabalhar Inglês quando nós temos dúvidas e também mudar de salas... (...) Eu só tenho dúvidas de quando formos almoçar onde é que pomos as mochilas... (...) Como eu vou para a [nome da escola] e nós já fomos visitar a [nome da escola], já sabemos, mais ou menos, como é que aquilo é, quem nos guiou já nos estiveram a explicar tudo... (...) Sim! Já estive a dizer os sítios. Já estiveram a mostrar-nos as salas. Portanto... eu não estou a dizer que as outras escolas são muito diferentes, mas eu acho que estamos mais preparados. Quem vai para a [nome da escola] a escola é mais ou menos igual... (...) Eu não tenho [receio] por causa do projeto, se não até tinha... (...) A minha expectativa é boa, porque quando nós lá fomos visitar com muitos amigos, (...) e como já estamos habituados a este projeto, acho que já vamos estar habituados ao funcionamento. (...) Eu não tenho receio, acho que vai correr bem (...) nós já visitámos a escola e eu, para mim é mais fácil, já me habituei e assim já é mais fácil para mim. (...) Eu acho que vai ser igual, o quinto ano vai ser igual aqui só que com mais salas, com muitas mais professoras... (...) Temos que mudar de edifícios... (...) Aqui são edifícios, lá são blocos, temos que mudar de blocos. (...)

ANEXO XIId

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/A

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA EFG2/A

Unidades de sentido

1. *[Acerca da análise do impacto do projeto investigativo nos resultados escolares]*
(...) Eu acho que sim [projeto influenciou os resultados escolares], porque (...) com a professora [nome], que faz muitos powerpoints, para Estudo do Meio, se tivesse que dar todas as outras... disciplinas, não tinha tempo para fazer os powerpoints. E assim aprendemos melhor. (...)
2. (...) lá na professora [nome], estamos sempre a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar. E um dia estudei muito, a professora disse para estudar muito, e estudei muito, muito, muito... E depois tive um bom no teste de Matemática, que antes tinha suficientes e insuficientes. (...)
3. (...) Eu gostei [do projeto]... melhoraram todos os testes. (...)
4. (...) foi bom porque cada professora tem o seu método de ensino. A professora [nome] (...) é uma boa professora de Matemática, a professora [nome] ensina bem, porque no segundo ano, em Estudo do Meio, eu era um péssimo aluno e agora sou um aluno de 100. (...)
5. (...) Eu acho que sim [projeto melhorou os resultados], porque as professoras fazem várias fichas, como na Matemática a professora faz problemas da semana, teste de cálculo mental, ditado de tabuadas e isso ajuda muito para melhorar as notas. (...)
6. (...) Eu acho que sim, que foi melhor, por causa que também melhorei as notas. (...)
7. (...) com uma [professora] em cada disciplina [os resultados são melhores]. (...)
8. *[Acerca da análise do impacto do projeto investigativo no envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem]*(...) Sim, porque consigo entender melhor com a professora [nome] do que com a professora [nome], na Matemática. (...)
9. (...) Eu estou mais envolvido no Estudo do Meio, porque a professora está sempre a fazer-nos powerpoints e nós temos que passar e eu gosto muito de fazer isso, porque assim posso sempre estudar quando tiver dúvidas para o teste e para os problemas que a nossa professora dá. (...)
10. (...) Dá [mais vontade de aprender]. (...)

11. *[Acerca da análise do impacto do projeto investigativo no envolvimento parental na vida escolar dos alunos]* (...) Eu acho que mudou [envolvimento parental na escola]. (...) Melhorou, melhorou... (...)
12. (...) A mim, os meus pais melhoraram muito a atenção e gostaram muito do projeto e queriam continuar... (...) com as mesmas professoras no quinto ano! E com a mesma diretora e assim tudo, que assim estava mais confortável. (...)
13. (...) A minha mãe também achou melhor, concordou, por causa que a professora [nome], não estou a dizer que ela não tenha conhecimento a Matemática, mas a professora [nome] tem um bocadinho mais do que a professora [nome]. Então a minha mãe concordou, porque quando fui para este projeto eu comecei a melhorar mais as notas. (...)
14. (...) Sim, acho que foi mais agora, mais do que os outros anos [envolvimento parental]. (...)
15. (...) Eu acho que melhorou [acompanhamento parental] porque, (...) agora temos estas professoras, não é como as outras turmas, e assim já vamos mais habituados para o quinto ano, já se preocupam mais conosco, como vai ser o nosso futuro. (...)
16. (...) Sim [melhorou o acompanhamento parental]. Eu acho que sim, porque eu não era muito boa a Matemática e os meus pais aperceberam-se disso e puseram-me na explicação para eu estudar um pouco mais Matemática. (...)
17. (...) a minha mãe ajuda-me mais no estudo do meio, por causa que a matéria é muita e eu preciso... (...)
18. (...) Os meus pais acham que é bom porque já sabiam que a professora [nome] era boa e queriam ver se os métodos das outras professoras eram iguais ou melhores. Então eles seguem-me... (...)
19. *[Acerca da análise do impacto do projeto investigativo na qualidade do ensino ministrado]* (...) porque cada professora é melhor numa coisa, portanto cada uma faz o seu melhor para essa coisa, para essa disciplina. (...)
20. (...) Cada professora é mais especializada numa área e eu penso que com isso ensinam melhor. (...)
21. (...) Porque a professora [nome] não sabia tanto de Matemática, tanto como a professora [nome] e a professora [nome] sabe muito... (...)

22. (...) As experiências que a professora [nome] faz... (...)
23. (...) Sim, foram [metodologias de ensino mais motivadoras], porque antes eu não sabia muito bem as tabuadas, principalmente a do sete e a do oito, mas agora já sei! (...)
24. (...) Sim, nas rotinas de cálculo fazemos muitas vezes... (...)
25. (...) Sim. Gostei mais [das estratégias usadas]! Eu gostei mais do que só uma professora, porque assim confundia-me tudo... Se era Estudo do Meio, se era Matemática... Confundia-me tudo, mas agora como já tenho mais professoras já, já oriento-me... (...)
26. (...) Sim [melhorou o ensino], porque a professora [nome] brinca muito com a Matemática e ensina-nos coisas que se estivesse a explicar normalmente nós ficávamos assim: “ai, que seca”! e assim a professora [nome] faz com que a Matemática seja divertida e ao mesmo tempo simples. (...)
27. (...) A professora [nome] também acho que foi bom fazer os powerpoints, porque assim nós estudamos e assim fazemos várias coisas para melhorarmos as notas. (...)
28. (...) Acho que as estratégias da professora [nome] também me fazem perceber melhor, porque também aquilo da composição que a professora nos ensinou, também comecei a perceber melhor! (...)
29. (...) Eu acho que sim [melhorou o ensino], porque quando nós estávamos no primeiro e no segundo ano as professoras tinham que se preocupar com três disciplinas. Agora é só com uma e dedicam-se mais a essa. (...)
30. [Acerca dos aspetos mais positivos do projeto investigativo] (...) Como eu já tinha dito, cada professora pode concentrar-se melhor na sua disciplina... e fazer melhor. E também ter mais tempo para fazer powerpoints e todas essas coisas... (...)
31. (...) As matérias e os conteúdos foram mais fáceis. (...)
32. (...) percebi melhor assim. (...)
33. (...) acho que também percebi melhor as matérias porque cada professora não precisa de se preocupar em Matemática, por exemplo: “ai tenho Matemática a seguir e depois Estudo do Meio”, as professoras só pensam numa matéria para dar. (...)

34. (...) Mais positivo deste projeto foi que no primeiro e segundo ano eu não percebia bem as matérias de Matemática com a professora [nome]. Agora com a professora [nome] parecia mais fácil... (...)
35. (...) Eu acho que estamos mais preparados para o quinto ano. Não (...) vamos estranhar a mudança das salas, não vamos estranhar a mudança das professoras, não vamos estar só com uma professora, mas sim com mais, como neste projeto. (...)
36. (...) eu acho também que foi bom dar a História de Portugal no fim porque nós vamos ter uma disciplina que é História e assim não vamos esquecer muito. (...)
37. (...) Eu também acho que só há aspetos positivos. (...)
38. (...) Eu acho que antes eram as professoras a mudarem de sala e agora somos nós. Eu acho que estamos um pouco mais preparados. (...)
39. (...) Ajudou-nos a aprender as coisas melhor... (...)
40. [*Acerca dos aspetos menos positivos do projeto investigativo*] (...) As matérias são mais rápidas. Como por exemplo, agora estamos a dar uma matéria e depois passamos logo para outra matéria e assim é muito confuso... (...)
41. (...) Eu acho que não há aspetos menos positivos... Não, não... (...)
42. (...) Eu acho que o menos positivo foi que no Português, eu acho que a professora [nome] era melhor a explicar do que a professora [nome], porque acho que tenho mais conhecimentos com a professora [nome] do que com a professora [nome]. (...)
43. (...) Eu acho que não há aspetos negativos. (...)
44. [*Acerca da apreciação global do projeto investigativo*] (...) Acho que é bom. (...)
45. (...) Muito Bom! (...)
46. (...) Muito Bom! (...)
47. (...) Muito Bom! (...)
48. (...) Muito Bom! (...)
49. (...) Excelente! (...)
50. (...) Excelente! Excelente! Excelente! (...)
51. (...) Foi uma boa ideia! (...)
52. [*Acerca das expectativas favoráveis para a transição de ciclo de ensino*] (...) Boas! (...) Porque já estamos habituados. (...)

53. (...) Por causa do projeto já nos habituámos a mudar de sala (...) não vamos sentir nenhuma diferença. (...)
54. (...) Vai ser como estamos agora, com mais algumas disciplinas. (...)
55. (...) Só precisamos é de nos lembrar das salas... (...) E saber de cor! (...)
56. (...) Não vai ser muita surpresa porque já tivemos aqui um treino, mas que foi mais fácil! Foi três salas, mas a sala dois foi a que teve mais matérias! Teve a TIC, o Inglês, o Estudo do Meio... (...)
57. (...) para o próximo ano não, cada uma [sala] é que é mesmo uma disciplina! Mas estamos mais preparados à mesma! (...)
58. (...) São boas, só que a professora [nome] já nos contou que no intervalo vamos levar as mochilas para... o intervalo... (...) Mas aqui deixamos logo as mochilas para não estarmos carregados! Mas como a professora [nome] já nos disse isso, acho que já estou preparada! (...)
59. (...) para mim é excelente, porque tem muitas coisas, há um bar dos alunos onde podemos comer, há a biblioteca para trabalhar Inglês quando nós temos dúvidas e também mudar de salas... (...)
60. (...) Como eu vou para a [nome da escola] e nós já fomos visitar a [nome da escola], já sabemos, mais ou menos, como é que aquilo é, quem nos guiou já nos estiveram a explicar tudo... (...)
61. (...) Já estive a dizer os sítios. Já estiveram a mostrar-nos as salas. Portanto... eu não estou a dizer que as outras escolas são muito diferentes, mas eu acho que estamos mais preparados. (...)
62. (...) Eu não tenho [receio] por causa do projeto, se não até tinha... (...)
63. (...) A minha expectativa é boa, porque quando nós lá fomos visitar com muitos amigos, (...) e como já estamos habituados a este projeto, acho que já vamos estar habituados ao funcionamento. (...)
64. (...) Eu não tenho receio, acho que vai correr bem (...) nós já visitámos a escola e eu, para mim é mais fácil, já me habituei e assim já é mais fácil para mim. (...)
65. (...) Eu acho que vai ser igual, o quinto ano vai ser igual aqui só que com mais salas, com muitas mais professoras... (...)

66. *[Acerca das expetativas desfavoráveis para a transição de ciclo de ensino]* (...)

Eu só tenho dúvidas de quando formos almoçar onde é que pomos as mochilas...

(...)

ANEXO XIle

CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/A

CATEGORIZAÇÃO DA EFG2/A

1. RESULTADOS DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INVESTIGATIVO.**1.1. ANÁLISE DO IMPACTO DO PROJETO INVESTIGATIVO.****1.1.1. NOS RESULTADOS ESCOLARES.**

- (...) Eu acho que sim [projeto influenciou os resultados escolares], porque (...) com a professora [nome], que faz muitos powerpoints, para Estudo do Meio, se tivesse que dar todas as outras... disciplinas, não tinha tempo para fazer os powerpoints. E assim aprendemos melhor. (...) **(1)**
- (...) lá na professora [nome], estamos sempre a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar. E um dia estudei muito, a professora disse para estudar muito, e estudei muito, muito, muito... E depois tive um bom no teste de Matemática, que antes tinha suficientes e insuficientes. (...) **(2)**
- (...) Eu gostei [do projeto]... melhoraram todos os testes. (...) **(3)**
- (...) foi bom porque cada professora tem o seu método de ensino. A professora [nome] (...) é uma boa professora de Matemática, a professora [nome] ensina bem, porque no segundo ano, em Estudo do Meio, eu era um péssimo aluno e agora sou um aluno de 100. (...) **(4)**
- (...) Eu acho que sim [projeto melhorou os resultados], porque as professoras fazem várias fichas, como na Matemática a professora faz problemas da semana, teste de cálculo mental, ditado de tabuadas e isso ajuda muito para melhorar as notas. (...) **(5)**
- (...) Eu acho que sim, que foi melhor, por causa que também melhorei as notas. (...) **(6)**
- (...) com uma [professora] em cada disciplina [os resultados são melhores]. (...) **(7)**

1.1.2. NO ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- (...) Sim, porque consigo entender melhor com a professora [nome] do que com a professora [nome], na Matemática. (...) **(8)**

- (...) Eu estou mais envolvido no Estudo do Meio, porque a professora está sempre a fazer-nos powerpoints e nós temos que passar e eu gosto muito de fazer isso, porque assim posso sempre estudar quando tiver dúvidas para o teste e para os problemas que a nossa professora dá. (...) **(9)**
- (...) Dá [mais vontade de aprender]. (...) **(10)**

1.1.3. NO ENVOLVIMENTO PARENTAL NA VIDA ESCOLAR DOS ALUNOS.

- (...) Eu acho que mudou [envolvimento parental na escola]. (...) Melhorou, melhorou... (...) **(11)**
- (...) A mim, os meus pais melhoraram muito a atenção e gostaram muito do projeto e queriam continuar... (...) com as mesmas professoras no quinto ano! E com a mesma diretora e assim tudo, que assim estava mais confortável. (...) **(12)**
- (...) A minha mãe também achou melhor, concordou, por causa que a professora [nome], não estou a dizer que ela não tenha conhecimento a Matemática, mas a professora [nome] tem um bocadinho mais do que a professora [nome]. Então a minha mãe concordou, porque quando fui para este projeto eu comecei a melhorar mais as notas. (...) **(13)**
- (...) Sim, acho que foi mais agora, mais do que os outros anos [envolvimento parental]. (...) **(14)**
- (...) Eu acho que melhorou [acompanhamento parental] porque, (...) agora temos estas professoras, não é como as outras turmas, e assim já vamos mais habituados para o quinto ano, já se preocupam mais conosco, como vai ser o nosso futuro. (...) **(15)**
- (...) Sim [melhorou o acompanhamento parental]. Eu acho que sim, porque eu não era muito boa a Matemática e os meus pais aperceberam-se disso e puseram-me na explicação para eu estudar um pouco mais Matemática. (...) **(16)**
- (...) a minha mãe ajuda-me mais no estudo do meio, por causa que a matéria é muita e eu preciso... (...) **(17)**

- (...) Os meus pais acham que é bom porque já sabiam que a professora [nome] era boa e queriam ver se os métodos das outras professoras eram iguais ou melhores. Então eles seguem-me... (...) **(18)**

1.1.4. NA QUALIDADE DO ENSINO MINISTRADO.

- (...) porque cada professora é melhor numa coisa, portanto cada uma faz o seu melhor para essa coisa, para essa disciplina. (...) **(19)**
- (...) Cada professora é mais especializada numa área e eu penso que com isso ensinam melhor. (...) **(20)**
- (...) Porque a professora [nome] não sabia tanto de Matemática, tanto como a professora [nome] e a professora [nome] sabe muito... (...) **(21)**
- (...) As experiências que a professora [nome] faz... (...) **(22)**
- (...) Sim, foram [metodologias de ensino mais motivadoras], porque antes eu não sabia muito bem as tabuadas, principalmente a do sete e a do oito, mas agora já sei! (...) **(23)**
- (...) Sim, nas rotinas de cálculo fazemos muitas vezes... (...) **(24)**
- (...) Sim. Gostei mais [das estratégias usadas]! Eu gostei mais do que só uma professora, porque assim confundia-me tudo... Se era Estudo do Meio, se era Matemática... Confundia-me tudo, mas agora como já tenho mais professoras já, já oriento-me... (...) **(25)**
- (...) Sim [melhorou o ensino], porque a professora [nome] brinca muito com a Matemática e ensina-nos coisas que se estivesse a explicar normalmente nós ficávamos assim: “ai, que seca”! e assim a professora [nome] faz com que a Matemática seja divertida e ao mesmo tempo simples. (...) **(26)**
- (...) A professora [nome] também acho que foi bom fazer os powerpoints, porque assim nós estudamos e assim fazemos várias coisas para melhorarmos as notas. (...) **(27)**
- (...) Acho que as estratégias da professora [nome] também me fazem perceber melhor, porque também aquilo da composição que a professora nos ensinou, também comecei a perceber melhor! (...) **(28)**

- (...) Eu acho que sim [melhorou o ensino], porque quando nós estávamos no primeiro e no segundo ano as professoras tinham que se preocupar com três disciplinas. Agora é só com uma e dedicam-se mais a essa. (...) **(29)**

2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INVESTIGATIVO.

2.1. ANÁLISE DOS DOIS ANOS DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO INVESTIGATIVO.

2.1.1. ASPETOS MAIS POSITIVOS.

- (...) Como eu já tinha dito, cada professora pode concentrar-se melhor na sua disciplina... e fazer melhor. E também ter mais tempo para fazer powerpoints e todas essas coisas... (...) **(30)**
- (...) As matérias e os conteúdos foram mais fáceis. (...) **(31)**
- (...) percebi melhor assim. (...) **(32)**
- (...) acho que também percebi melhor as matérias porque cada professora não precisa de se preocupar em Matemática, por exemplo: “ai tenho Matemática a seguir e depois Estudo do Meio”, as professoras só pensam numa matéria para dar. (...) **(33)**
- (...) Mais positivo deste projeto foi que no primeiro e segundo ano eu não percebia bem as matérias de Matemática com a professora [nome]. Agora com a professora [nome] parecia mais fácil... (...) **(34)**
- (...) Eu acho que estamos mais preparados para o quinto ano. Não (...) vamos estranhar a mudança das salas, não vamos estranhar a mudança das professoras, não vamos estar só com uma professora, mas sim com mais, como neste projeto. (...) **(35)**
- (...) eu acho também que foi bom dar a História de Portugal no fim porque nós vamos ter uma disciplina que é História e assim não vamos esquecer muito. (...) **(36)**
- (...) Eu também acho que só há aspetos positivos. (...) **(37)**
- (...) Eu acho que antes eram as professoras a mudarem de sala e agora somos nós. Eu acho que estamos um pouco mais preparados. (...) **(38)**
- (...) Ajudou-nos a aprender as coisas melhor... (...) **(39)**

2.1.2. ASPETOS MENOS POSITIVOS.

- (...) As matérias são mais rápidas. Como por exemplo, agora estamos a dar uma matéria e depois passamos logo para outra matéria e assim é muito confuso... (...) **(40)**
- (...) Eu acho que não há aspetos menos positivos... Não, não... (...) **(41)**
- (...) Eu acho que o menos positivo foi que no Português, eu acho que a professora [nome] era melhor a explicar do que a professora [nome], porque acho que tenho mais conhecimentos com a professora [nome] do que com a professora [nome]. (...) **(42)**
- (...) Eu acho que não há aspetos negativos. (...) **(43)**

2.2. OPINIÃO PESSOAL ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.

2.2.1. APRECIÇÃO GLOBAL.

- (...) Acho que é bom. (...) **(44)**
- (...) Muito Bom! (...) **(45)**
- (...) Muito Bom! (...) **(46)**
- (...) Muito Bom! (...) **(47)**
- (...) Muito Bom! (...) **(48)**
- (...) Excelente! (...) **(49)**
- (...) Excelente! Excelente! Excelente! (...) **(50)**
- (...) Foi uma boa ideia! (...) **(51)**

3. TRANSIÇÃO DE CICLO DE ENSINO.

3.1. EXPECTATIVAS ACERCA DA TRANSIÇÃO DE CICLO DE ENSINO.

3.1.1. EXPECTATIVAS FAVORÁVEIS.

- (...) Boas! (...) Porque já estamos habituados. (...) **(52)**
- (...) Por causa do projeto já nos habituámos a mudar de sala (...) não vamos sentir nenhuma diferença. (...) **(53)**
- (...) Vai ser como estamos agora, com mais algumas disciplinas. (...) **(54)**
- (...) Só precisamos é de nos lembrar das salas... (...) E saber de cor! (...) **(55)**

- (...) Não vai ser muita surpresa porque já tivemos aqui um treino, mas que foi mais fácil! Foi três salas, mas a sala dois foi a que teve mais matérias! Teve a TIC, o Inglês, o Estudo do Meio... (...) **(56)**
- (...) para o próximo ano não, cada uma [sala] é que é mesmo uma disciplina! Mas estamos mais preparados à mesma! (...) **(57)**
- (...) São boas, só que a professora [nome] já nos contou que no intervalo vamos levar as mochilas para... o intervalo... (...) Mas aqui deixamos logo as mochilas para não estarmos carregados! Mas como a professora [nome] já nos disse isso, acho que já estou preparada! (...) **(58)**
- (...) para mim é excelente, porque tem muitas coisas, há um bar dos alunos onde podemos comer, há a biblioteca para trabalhar Inglês quando nós temos dúvidas e também mudar de salas... (...) **(59)**
- (...) Como eu vou para a [nome da escola] e nós já fomos visitar a [nome da escola], já sabemos, mais ou menos, como é que aquilo é, quem nos guiou já nos estiveram a explicar tudo... (...) **(60)**
- (...) Já estive a dizer os sítios. Já estiveram a mostrar-nos as salas. Portanto... eu não estou a dizer que as outras escolas são muito diferentes, mas eu acho que estamos mais preparados. (...) **(61)**
- (...) Eu não tenho [receio] por causa do projeto, se não até tinha... (...) **(62)**
- (...) A minha expectativa é boa, porque quando nós lá fomos visitar com muitos amigos, (...) e como já estamos habituados a este projeto, acho que já vamos estar habituados ao funcionamento. (...) **(63)**
- (...) Eu não tenho receio, acho que vai correr bem (...) nós já visitámos a escola e eu, para mim é mais fácil, já me habituei e assim já é mais fácil para mim. (...) **(64)**
- (...) Eu acho que vai ser igual, o quinto ano vai ser igual aqui só que com mais salas, com muitas mais professoras... (...) **(65)**

3.1.2. EXPETATIVAS DESFAVORÁVEIS.

- (...) Eu só tenho dúvidas de quando formos almoçar onde é que pomos as mochilas... (...) **(66)**

ANEXO XIIf

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/A

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DA EFG2/A

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Resultados do desenvolvimento do projeto investigativo	1.1. Análise do impacto do projeto investigativo.	1.1.1. Nos resultados escolares
		1.1.2. No envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem
		1.1.3. No envolvimento parental na vida escolar dos alunos
		1.1.4. Na qualidade do ensino ministrado
2. Desenvolvimento do projeto investigativo.	2.1. Análise dos dois anos letivos de implementação do projeto investigativo.	2.1.1. Aspetos mais positivos
		2.1.2. Aspetos menos positivos
	2.2. Opinião pessoal acerca do projeto investigativo.	2.2.1. Apreciação global
3. Transição de ciclo de ensino.	3.1. Expetativas acerca da transição de ciclo de ensino.	3.1.1. Expetativas favoráveis
		3.1.2. Expetativas desfavoráveis

ANEXO XIII

SEGUNDA ENTREVISTA *FOCUS GROUP* À EQUIPA EDUCATIVA

(EFG2/EE)

ANEXO XIIIa

GUIÃO DA ENTREVISTA EFG2/EE

Guião da 2.^a Entrevista Focus Group à Equipa Educativa

Tema: Representações das docentes da Equipa Educativa envolvida no projeto de investigação acerca do seu desenvolvimento ao longo dos dois anos letivos de implementação.

Objetivos gerais:

- Analisar, reflexivamente, os resultados do desenvolvimento do projeto investigativo.
- Conhecer as representações das docentes da Equipa Educativa acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo dos dois anos letivos de implementação.
- Conhecer as opiniões pessoais das docentes acerca do projeto investigativo.

Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Observação
A ■ Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas	► Legitimar a entrevista e motivar as entrevistadas.	• Informar as entrevistadas acerca da finalidade da entrevista; • Solicitar os seus contributos indispensáveis à realização e desenvolvimento do trabalho de investigação; • Garantir-lhes todo o apoio possível, numa base de cooperação, no decorrer da entrevista; • Solicitar autorização para gravar a entrevista.	Tempo médio: 2 a 5 minutos
B ■ Resultados do desenvolvimento	► Analisar os resultados do desenvolvimento do projeto de investigação, do	• Inquirir as docentes sobre a influência do projeto de pluridocência	Tempo médio:

do projeto investigativo.	ponto de vista das docentes.	nos resultados escolares dos alunos. • Inquirir as docentes acerca da influência do projeto de pluridocência no envolvimento dos alunos no seu processo de aprendizagem. • Questionar as docentes acerca da contribuição do projeto investigativo para o incremento da participação dos pais/EE na sua vida escolar dos alunos. • Questionar as docentes sobre a influência do projeto de pluridocência para a melhoria da qualidade do ensino ministrado. • Inquirir as docentes sobre a contribuição do projeto investigativo para a suavização da transição entre ciclos de ensino dos alunos. • Questionar as docentes sobre a contribuição do projeto investigativo para o desenvolvimento de culturas profissionais colaborativas e reflexivas. • Inquirir as docentes sobre a influência do trabalho em Equipa Educativa desenvolvido no âmbito do projeto investigativo para o seu	20 a 25 minutos

		desenvolvimento pessoal e profissional.	
C ■ Desenvolvimento do projeto investigativo.	► Conhecer as representações das docentes da Equipa Educativa acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo dos dois anos letivos de implementação.	• Inquirir as docentes sobre os aspetos mais positivos que reconhecem ao projeto investigativo. • Inquirir as docentes acerca dos aspetos menos positivos que identificam no projeto investigativo.	Tempo médio: 10 a 15 minutos
D ■ Apreciação global do projeto investigativo.	► Conhecer a opinião pessoal das docentes da Equipa Educativa do projeto investigativo.	• Solicitar às docentes que efetuem uma apreciação global do projeto investigativo.	Tempo médio: 5 a 10 minutos

ANEXO XIIIb

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/EE

PROTOCOLO DA EFG2/EE

Or: Agora que terminaram os dois anos de implementação deste projeto investigativo, acham que este projeto investigativo em pluridocência, em equipa educativa teve alguma repercussão nos resultados escolares dos alunos participantes? Se sim, se foi positiva ou negativa, e efetivamente de que forma teve impacto nos resultados dos alunos?

D1: Eu acho que teve impacto.

D2/D3: Teve.

Or: Teve impacto. Foi negativo, foi positivo?

D1: Eu acho que foi positivo. Para já no sentido em que não houve retrocessos... isso já é uma parte positiva, não é? Porque podíamos ter verificado retrocessos na aprendizagem dos alunos e isso não se verificou. Alguns mantiveram os níveis dos anos anteriores, mas outros conseguiram até melhorar bastante. E daí eu considerar que o saldo seja positivo... Acho que a qualidade, que não é só em termos de sucesso, passaram todos ou não passaram, mas acho que a qualidade da aprendizagem deles, que levou aos bons resultados escolares, é muito positiva.

Or: Então achas que melhorou, não só em termos de percentagem de sucesso, não é, neste caso transição, mas em termos de qualidade do sucesso?

D1: Melhorou, sim. Eu acho que aí até é sobretudo a qualidade, a qualidade...

D9: Eu como parte nova aqui no grupo, achei uma ideia e um projeto muito pertinente. Não tenho termos de comparação com os outros anos, mas achei que foi um projeto muito interessante, principalmente com os meus miúdos de CEI, porque treinou muito a autonomia e a formação pessoal deles e a articulação também já depois com o próximo ano letivo que será numa outra vertente educativa, de ensino que é o quinto ano, na 2,3. E achei que eles estavam muito bem, que autonomamente conseguiam gerir as disciplinas, as turmas onde

estavam e mesmo a nível de aprendizagens, achei que é um mecanismo extremamente útil para aprendizagens transversais, que eles vão aprendendo ao longo da vida. Achei muito, muito bom!

Or: Então, em termos dos alunos com necessidades educativas especiais, achas que teve um impacto positivo?

D9: Muito, muito bom, muito positivo, sim, sim!

Or: Não só nos resultados escolares como nos resultados sociais...

D9: Sim, sim! A nível da funcionalidade deles para a vida, aprenderem para a vida, não é, coisas práticas, coisas funcionais, aprendizagens funcionais, achei que foi muito importante. Achei que foi um projeto que, que foi uma mais-valia para essas aprendizagens a nível transversal, de todas as áreas e todos os domínios de aprendizagem.

D6: Eu posso falar da área da Música também, que é interessante... porque cheguei ao grupo quase no fim... mas nota-se que não há grande discrepância entre a evolução da flauta, um sabe tocar menos, outro sabe tocar mais, e todos eles estão muito envolvidos em poder ajudar, não há diferenças entre os alunos. Há um ou outro, mas que vai sempre atrás e ninguém discrimina ninguém. Nota-se esse sentido de grupo, a união do grupo...

Or: Notaste a parte que a Paula falava em termos de resultados sociais...

D6: Sim, fartei-me de falar da escola, porque realmente o único exemplo que tinha tido até agora tinha sido na Madeira, a nível de Expressão Musical, e agora passados oito anos foi aqui e realmente com estas três turmas, adorei trabalhar com eles! Saia daqui mesmo realizada! Sabem estar, sabia que podia contar com eles, não são aqueles miúdos rebeldes, têm uma forma diferente de estar na sala de aula, e tudo o que fosse para ensinar de novo, aprendiam num dia! Não demoravam semanas e semanas. Tudo o que apresentaram no espetáculo, era quase tudo matéria de quinto e de sexto ano e eles aprendiam assim... E depois quando eu chegava às minhas turmas de quinto e sexto ano ficava desmotivada...

depois chegava aqui e eles... tinham uma grande pedalada, sim! E uma grande facilidade em aprender, mesmo os meninos com necessidades educativas especiais, estava a falar agora do Henrique... Nunca desistir, nunca... sempre... O nível musical foi muito bom! Foi uma experiência muito boa.

Or: Acham então que mesmo em termos do envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, também houve um impacto positivo do projeto investigativo a esse nível? É disso que estás a falar?

D6: É disso que estou a falar, sim. Em vez de termos metade da turma que vai participar e outra metade que fica a olhar, porque não sabe tocar, a maioria tocou! A maioria ou quase todos, não é? Há sempre aqueles meninos no quarto ano... mas não, estavam todos envolvidos. Podiam até chegar à sala todos agitados, até organizar, como crianças que chegam do recreio, mas depois o aprender era... e tinham gosto! Eram crianças com uma cara alegre! Com vontade, sim! E trabalharam sempre em turma.

D3: Até porque, uma coisa que se calhar ajudou, o facto de vir uma professora diferente para a Música, para eles também não era novidade. Eles comportavam-se com a professora de Música tal como se comportavam com a professora de Inglês, como se comportavam com a professora de Matemática, com a professora de Estudo do Meio... Para eles não era novidade... não precisavas com certeza de levar muito tempo até que eles acalmassem...

D6: Não, não...não.

D3: Para eles já era uma rotina, mudar de sala, mudar de, arrumar as coisinhas, ter aquele tempo... e passar para a próxima!

Or: Em termos das diferentes disciplinas, o nível de envolvimento dos alunos melhorou? Estavam mais motivados, mais empenhados ou foi uma continuação daquilo que já se verificava antes?

D2: Eu acho que no segundo ano melhorou significativamente. Eu tenho uma passagem muito curiosa em que eu tive um grupo de duas ou três crianças que, a

matéria é muito extensa, principalmente na área de Estudo do Meio, em que eles tinham, a História é sempre, não é, mais complicado, têm que estudar mais e têm que decorar determinadas datas e tal... E houve uma envolvimento no final de puxar aqueles, houve um grupo de miúdos que se auto propuseram ajudar aqueles que estavam a ficar para trás. Na hora do intervalo e na hora do almoço eles juntavam-se e “vamos, tens que conseguir, nós vamos conseguir!” E isto foi uma situação que eu não estava à espera, porque não foi motivada por mim, não foi instigada por qualquer uma de nós, partiu deles. E isto mostra a coesão, a união, que ajudou a melhorar. E a nível... é o que se disse há pouco, eu acho que a nível da qualidade... e o envolvimento deles em que ninguém ficasse para trás. Isto foi um exemplo que me deixou feliz no fundo, não é? Nós estamos bem, mas vamos ajudar aqueles que precisam mais de nós. Isto foi também uma situação que eu observei, que verifiquei e que ajudou também. Às vezes eles chegam muito mais depressa a eles do que nós. Nós dizemos: “ai temos que estudar, temos que trabalhar, temos que...”, mas se vier deles, entre eles, o impacto é diferente. Eles acatam de maneira diferente e correspondem às vezes de maneira diferente. E foi isso que aconteceu. Isto foi uma passagem curiosa que ajudou também nos resultados.

Or: Ver o envolvimento deles não só no seu processo de aprendizagem, mas também no dos outros, a ajudarem o outro também a conseguir chegar lá...

D2: E daí a qualidade melhorou. Também concordo que a qualidade melhorou!

D1: Indo ao encontro do que a Paula está a dizer, esse envolvimento deles e a motivação que eles sempre mostraram nas aulas, eu acho que também teve um bocadinho que ver com a equipa de professores que eles apanharam. Porque eles sentiam esta coesão entre nós, nós estávamos de facto 100% envolvidas e eles viam a boa relação entre todas...

D3: E em sintonia...

D1: E todas em sintonia. E viam que muitas vezes também pedíamos ajuda umas às outras: “olha, chega cá... vem lá aqui ajudar-me nisto”. E eu acho que eles, passou a ser normal para eles ajudar e ser ajudado, tal como as professoras faziam

entre si. E eu acho que esta coesão e esta sintonia passou para eles. Talvez nós nos tivéssemos apercebido disso num momento, mas agora refletindo, isso acho que passou para eles, não é? Porque eles sabiam que nós nos reuníamos, a titular de turma muitas vezes falava em coisas e eles sabiam que isso tinha passado das restantes professoras para nós: “olha, vocês vejam lá as fichas de leitura no Português... Olha, estão a estudar a História, sabem isto, sabem aquilo?” Portanto, eu era de Matemática, mas na parte da minha turma, que era a titular, e as colegas também, não é, quando tinham a turma delas possivelmente davam o feedback das outras colegas. Eu acho que eles perceberam esse envolvimento e eles próprios responsabilizaram-se também por isso. Eu acho que isso partiu também um bocadinho...

D3: E acabou por se formar um grupo de 66 alunos e 2, 4, 6, 8 professores [contando]...

D6: O que dá quase uma perspetiva já do 5.º ano, não é?

D3: Exatamente! Foi um grupo, não é a turma y ou a turma z, somos nós, somos o projeto, estamos todos a trabalhar para o mesmo, que no fundo era o sucesso, e todos se envolveram no mesmo em prol do mesmo objetivo.

D8: Quem está de fora, como eu que só vou às salas de vez em quando, e vejo as coisas assim mais de fora em várias turmas, a ideia que dá é a de uma grande equipa. Tudo junto, alunos, professores, é tudo uma grande equipa, um organismo orgânico, vivo, ali a trabalhar... autónomo, exatamente! É muito engraçado.

D9: E isso vai ao encontro da ideia que muita gente defende que o conhecimento deve ser transversal, não em compartimentos estanques, não é? Não é a Matemática, não é o Português, não é o Estudo do Meio, mas é tudo, uma grande diversidade, mas tudo transversal. Que até no 5.º ano eles não vão ter isso, não é? O que é uma pena, diga-se de passagem... Mas que lhes dá uma grande autonomia depois, para quando eles forem para outro nível de ensino já estarem a par e já saberem gerir o tempo deles, a autonomia deles, a... portanto, toda aquela funcionalidade que irão ter e que para eles, em princípio iria ser novo, não é? E que

nesta altura já não vai ser, não é? E era extremamente importante que toda a aprendizagem, e eu sou uma adepta fervorosa disso, que toda a aprendizagem fosse através disso assim, que fosse transversal, que os professores estivessem todos interligados, estivessem todos em interação para darem as diferentes matérias porque todas se interligam, não é? O conhecimento não é estanque... Realmente eu gostei muito e, como já disse, achei muito pertinente e fiquei muito contente de haver aqui um projeto destes, que eu acho que se deveria repetir, que eu acho que deve dar imenso trabalho, mas que também deve dar muita satisfação... Eu acho que sim, não é?

Or: Sem dúvida... E em termos de, já que estamos a falar de envolvimento, em termos do envolvimento dos encarregados de educação. Houve uma melhoria? Houve um retrocesso? O envolvimento, o acompanharem os filhos neste processo todo, no processo de aprendizagem deles, na construção dos conhecimentos deles. Acham que o envolvimento dos pais acompanhou o envolvimento da equipa e dos alunos?

D1: Olha, eu acho que neste segundo ano de desenvolvimento do projeto, notei os pais bem mais tranquilos do que no primeiro. Acho que no primeiro eles, nas reuniões de atendimento mensal, questionavam mais certas coisas e perguntavam à titular de turma acerca do Português e do Estudo do meio e, de facto, nós tínhamos resposta para eles, não é? Uma vez que nós, como nos reuníamos sempre à segunda-feira, sempre que um pai nos colocava uma questão de uma outra disciplina nós tínhamos essa resposta e eu acho que isso levou a tranquilizá-los. Penso que neste segundo ano eles acompanharam muito os filhos, penso que sim, mas em termos dos atendimentos mensais achei-os mais tranquilos. Acho que questionavam menos o que se passava nas outras disciplinas.

D3: Até porque sempre tinham à vontade de abordar qualquer uma de nós para questionar o que quer que fosse ou esclarecer alguma dúvida que tivesse surgido, mesmo em trabalhos de casa ou trabalhos pedidos por nós. Não tinham qualquer problema em dirigir-se à outra professora que não fosse a professora titular e

perguntar: “Como é que é? Como é que se faz? O que é que pretende?” Se fosse esse o caso, não é? Daí a tranquilidade...

D1: Eu notei isso...

D8: Com os pais que eu falei, e pais de crianças com necessidades educativas especiais são ainda mais ansiosos do que os outros, não é, a mudança é difícil para todos, mas todos referiram no fim: “Isto foi muito bom, porque ele já está habituado!” Foi uma segurança também para os pais. O mudar de sala, que foi uma mudança introduzida este ano, mudar de salas, mais as professoras: “Ai ele para o ano já vai habituado! Não vai ser tão difícil!” Foi um descanso também para os pais nesse sentido.

Or: Esse descanso não terá conduzido a que eles se tenham afastado mais?

D3: Tranquilizaram-se... Afastar em que sentido?

Or: No sentido de não acompanharem tanto a aprendizagem dos filhos, uma vez que estavam tranquilos.

D1: Não, eu não senti isso.

D8: Não, nada disso!

D3: Não, eu não senti.

D2: Uma coisa não tem nada que ver com a outra. O acompanhamento era feito. Havia era aqui uma insegurança e eu defino isto assim: primeiro estranha-se, depois entranha-se e assume-se! E foi o que acabou por acontecer, percebes? Portanto, eles primeiro estranharam, foi um choque inicial, depois vamos ver como é que isto está, depois vou questionar, vou questionar, vou ver se a coisa bate certo. A coisa começou a bater certo, vamos tranquilizar, vamos deixar a parte das professoras, os nossos filhos estão bem entregues, agora vamos apoiá-los na parte, sempre, insistentemente, nas aprendizagens.

D3: Deixaram de ter a preocupação com o grupo e passaram a focar-se nos filhos e no acompanhamento.

Or: Então melhorou?

D3: Sim, sim, por mim acho que sim. Há sempre casos pontuais...

D1: E foram pedidos muitos trabalhos, nos quais era necessária a participação dos pais, não é? E todos eles aderiram a esses trabalhos e vieram apresentar com a colaboração dos pais, estou-me a lembrar do Sistema Solar, das fichas de leitura que os pais também controlavam e ajudavam na leitura e no preenchimento...

D3: A participação nos “Espelhos de Leitura”...

D2: No feedback dos exercícios de cálculo...

D1: Sim...

D2: Eles tinham sistematicamente o feedback do que os filhos estavam a fazer!

D1: Eles praticamente estavam envolvidos sempre!

D2: Sempre!

D3: Ou numa atividade ou noutra, não tinham descanso também!

[riso]

D3: Não eramos só nós!

D1: O feedback era dado sistematicamente, portanto, eles faziam as fichas de verificação de leitura no Português ou na própria semana ou na semana seguinte tinham o feedback do resultado. Na Matemática, os problemas da semana, os ditados de tabuadas, essas coisas, eles tinham automaticamente esse feedback. Já não era necessário vir tantas vezes questionar: “Ai como é que ele está? Como

é a evolução? Nesta disciplina, na outra e na outra?” Porque eles iam recebendo em casa essa informação.

D3: E como era uma rotina, tanto os cálculos como a verificação da leitura, semanal, eles verificavam: “Ai agora está melhor. Ai agora o que houve aqui porque ele esbarrou-se nesta ficha? O que é que se passou?” Muitos deles sabiam a resposta logo! “Realmente não houve tempo para... Ou tivemos uma festa, ou um jantar...” Já sabiam o porquê da nota não ter sido tão boa ou igual à anterior. Portanto, eles já sabiam e estavam envolvidos sem querer, coitados... [rindo]

[riso]

Or: Ou, se calhar, por querer...

D1: Porque é assim, esta transparência do trabalho que fazemos na sala de aula e que passa para casa, porque tudo aqui foi transparente, eu acho que isso também conduziu a essa tranquilidade dos pais. E acabaram por se envolver desta forma! É transparente. Está aqui. Fizemos. Vai a casa. Volta. É do conhecimento de todos. Nada aqui foi feito nas costas, nada aqui foi omitido, quer o bom quer o menos bom, está tudo às vistas, está tudo às claras!

D9: E ao participarem nesses trabalhos dos filhos acho que também acabaram por valorizar esse trabalho, o que fez com que fosse promovida a maior vontade de trabalhar e de obter resultados e de chegar ao sucesso. Isso é muito importante!

D2: Nenhum deles, ao chegar ao final de... aí ao início do terceiro período, nenhum deles queria voltar para trás. Isto é significativo, não é? Quando eles nos davam o feedback nas reuniões que também fazíamos com os pais mensalmente, eles diziam: “Não queremos voltar para trás!” Acho que era uma coisa que nunca...

D3: Nem se imaginavam a ter que voltar atrás, isto é, voltar a ter só uma professora, o normal...

D1: Na mesma sala... o dia todo...

D3: Na mesma sala... pronto. Não, isso não! Até porque houve muitas mais-valias! Para além de tudo o que se falou, foram cumpridos os horários que foram estabelecidos, não só para as áreas nucleares, mas também em termos de expressões plásticas, físico-motoras, portanto tudo foi cumprido, porque nós eramos realmente obrigadas a respeitar o nosso horário...

D1: A matriz curricular...

D3: Não havia realmente hipótese de tirar um bocadinho de um lado ou de outro, como se faz, para colmatar algumas insuficiências que vamos tendo ao longo da semana, por exemplo. E eles ganharam muito também com isso, penso isso.

D2: Concordo.

D9: Isto podia ser o fim da monodocência.

D2/D3: Podia, podia ser!

Or: **Eu não considero que podia ser o fim, mas sim a transição para uma outra situação em que até nós de certeza que seríamos mais felizes. Até nós...**

D9: Uma situação menos passiva, menos passiva, não é? Eu acho que sim. Também.

D3: Olha, eu posso dizer que fui muito feliz nestes dois últimos anos, apesar de todas as contrariedades que tivemos, e foram muitas... No início, alguma resistência por parte dos pais, porque também era desconhecido, não sabiam. Tal como nós tínhamos insegurança, eles também! Nunca, em situação alguma, insegurança ou dificuldade com os meus pares, nunca! E estou a falar das três, quatro principais que se jogaram de cabeça, nunca! Sempre foi como a Mónica disse, e muito bem, transparente e com muita confiança, que acho que isso então é a base. Mas, mesmo a nível, cá está, o fim da monodocência, a nível das colegas, o primeiro ano foi complicadíssimo, algumas pessoas sentem mais ou lidam pior do que as outras, eu não lido muito bem. Foi muito difícil, mas apesar dessas dificuldades, digo conscientemente e sem qualquer problema: Fui muito feliz nestes

dois anos e foi este projeto que fez com que eu pensasse em ir lecionar para o 2.º ciclo.

Or: Já que o 2.º ciclo veio agora à conversa, deixem que vos pergunte se acham que o desenvolvimento deste projeto preparou melhor os alunos para a transição de ciclo de ensino?

D8: Olha, para os alunos com necessidades educativas especiais foi muito bom. Lidar com a mudança, organização da rotina diária, eles sabiam perfeitamente o seu dia. Um estava constantemente a dizer-me: “Professora, eu hoje vou ter o problema da semana, à tarde!” Ele estava na aula de Português, mas sabia que à tarde ia ter uma atividade que ele achava que era muito importante, então dizia-me sempre aquilo. Muito bom para a organização e gestão do tempo, a gestão do espaço. O esperarem na fila para os colegas saírem e eles depois puderem entrar... Muito bom, muito bom.

D4: Terem que gerir as coisas deles e o espaço deles para não deixarem as coisas espalhadas por todo o lado, saberem onde têm a lancheira, onde é que deixam o casaco, onde é que deixam a sombrinha. E saberem gerir tudo isso depois na transição de sala para sala. Acho que foi muito positivo. Facilita-lhes bastante.

D6: Como professora também do 5.º ano, porque sou professora de Educação Musical, quem me dera a mim que todas as escolas trabalhassem com este tipo de projeto, porque era muito mais fácil recebê-los, e eles chegam lá a cima e nota-se logo uma diferença, porque vão misturados, e este ano trabalhei com meninos da major, daqui e dali, e há uma grande diferença. Quem me dera a mim que fosse a turma inteirinha para a Martinho, porque realmente ajuda do 4.º ano para o 5.º, assim como do Português para o Português do 5.º ano, da Matemática para a Matemática do 5.º ano... Música, se fosse a turminha inteira para o 5.º ano, assim como está, era uma maravilha!

D3: Querias... isso era o ideal!

[risada geral]

D6: Então, mas era o ideal, aqui está! A turminha...

D3: Nós tentámos começar...

D6: É que se nota a diferença e, por isso, é que se nota, e com este projeto que quando chegam 5 ou 6 miúdos da Major são diferentes... E que realmente a Música vai lá, não só neste projeto, mas como eles já têm Música no 4.º ano em todas as turmas é uma grande diferença... E o saber estar, e o saber ser e vão com as regras todas e este ano já notei diferença dos miúdos de 5.º ano. E agora quem me dera a mim ficar na D. Martinho, já agora isto é um pedido, mas estas turmas deviam seguir assim, para maior sucesso ainda dos meninos com necessidades educativas especiais. Todos juntinhos era uma maravilha!

Or: **Contudo, eles distribuídos também podem, com a experiência que têm, ajudar os outros**

D6: Sim, eu já os recebi e os meninos da Major ajudavam os outros. Aqui está! O ajudar... e eles iam logo: “Posso ajudar?” Porque eles têm muita facilidade, porque a Música vai já equivalente a um 6.º ano, porque não dava para menos, não ia ensinar coisas básicas, porque eles já estavam bem e então eles diziam logo: “Posso ajudar?” Pronto, levo já ali professores, já os formei, acho que já estão licenciados! [rindo]

D9: Especificamente com os alunos de CEI, como tiveram mais Desporto Escolar, Boccia, Natação e depois a Oficina das Letras, dos Números e das Expressões, eu acho que eles vão mais do que autónomos e com uma grande perceção daquilo que lhes vai acontecer e como é que hão de organizar-se no espaço e no tempo, porque depois também fizemos as visitas guiadas lá às escolas, tanto à José Buisel como à Teixeira, não é? Então eles já tomaram contacto com todos aqueles ambientes de ensino-aprendizagem. E com os alunos também de lá, porque eles também participaram nos Encontros Regionais do Boccia, da Natação, etc. e em visitas de estudo com os alunos desses graus de ensino, o que foi fundamental. Foram com as professoras, comigo, com todos... foi, foi ótimo!

D1: Eu acho que há mais um ponto que nós devemos referir, não só em termos da organização dos recursos e dos materiais, mas eles já se aperceberam que cada professora vai ser diferente. E que se podem comportar de uma maneira com uma, mas com outra tem que ser de outra forma...

D3: O tal saber estar que a Sandra falou...

D1: Eu acho que eles perceberam isso. Comigo era de uma maneira, se calhar ou esticavam-se um bocadinho mais comigo ou menos, mas sabiam até que ponto é que... acho que era um bocadinho menos, sabiam até onde podiam ir. Mas eu acho que o que é de realçar aqui é que eles já perceberam que não vão apanhar professores todos formatados, não é, da mesma maneira. E eles já sabem que vão ter que se adaptar e que ao fim de x tempo aquilo dá uma lufada de ar fresco, porque éstra a levar naquele registo as cinco horas do dia, não só é penoso para nós, que estamos ali com os mesmos alunos, não é, é cansativo, como também é penoso para os miúdos, não é? Estarem a levar com o mesmo registo, muda a disciplina mas não muda a pessoa, quer dizer...

D6: E o timbre...

D1: E o timbre de voz e os dizeres e aquela maneira.

D9: Eles já vão daqui diplomados em gestão comportamental e emocional! [rindo]

D1: Eu acho que isso é ainda melhor!

D3: Em Português as coisas tornam-se, às vezes, nem sempre, mas às vezes tornam-se muito monótonas. Eu dava por mim a ver assim muito bons alunos deitados em cima da mesa, e eu com a certeza absoluta mesmo que: “coitado está mesmo farto de me ouvir”. Mas eu tinha que falar. Mas sabia e pensava: “ainda bem que só faltam dez minutinhos e ele depois vai arrebitar”, porque é verdade, a gente também se preocupa e vê-se na cara deles e no comportamento que eles estão enfadados, já não dá, quer dizer: “cala-te p’ra aí”! [rindo] Vamos lá mudar! Pronto!

D1: E a seguir mudam e fazem um reset, não é, no comportamento, e aquilo dá uma motivação, vamos lá ouvir agora quem é diferente, é outra, é outra voz, é outra maneira, pronto.

D6: E era, e quando eu chegava à sala de aula, eles já, era mudar ali o caderno e a flauta e acabava aquela e, pronto, Música tinham que rapidamente, porque não tinham intervalo, muitas das vezes nem tinham intervalo e era mudar de repente de uma disciplina para a outra e ouvir outra coisa. Eram muito rápidos!

D3: E tinha que ser, que era para não perder, não perder tempo...

D6: E eu já chegava com o... as minhas colegas já sabiam montar o piano, por vezes mal, mas...

D3: Mal [rindo]...

D6: De cabeça para o ar, mas...

D2: Havia uma que punha sempre o piano mal, mas pronto era da rapidez! [rindo]

D3: As tuas colegas não! Era só uma que punha sempre mal, mas insistia que tinha que fazer aquilo de cabeça para baixo... [rindo]

D6: Mas esta união sim, era muito bom!

D2: As outras professoras não deixavam passar nada! Quer dizer, uma pessoa enganava-se e não deixavam passar nada!

D6: Pronto, isto é a parte em que nós discutíamos, não é [rindo], e vai ficar aí também. Olha, eu quero essa gravação! [rindo]

[risada geral]

Or: Agora vamos passar dos meninos e do impacto nos meninos para vocês, para o vosso trabalho. Em termos da qualidade do ensino, ou seja, da vossa prática letiva, gostava de saber se consideram que este tipo de organização,

em que há uma equipa docente, em que há uma divisão por disciplinas, se este funcionamento melhorou ou contribuiu para a melhoria da qualidade do ensino, individualmente?

D2: Sem dúvida! Muito mais tempo para me dedicar àquilo que é o essencial, a debruçar-me sobre aquilo que é fundamental para eles, fazer uma seleção e, fundamentalmente, dedicar-me só àquilo. Claro que, se eu me dedicar só a uma área, eu serei completamente diferente, não é? Claro que serei melhor nas minhas práticas, não é? E na transmissão de conhecimentos. E aprofundo mais e tenho mais tempo para me aprofundar sobre outros conceitos, a seleccionar o que é essencial, o que é que eu quero diretamente que eles aprendam e que eles levem daqui, naquela área específica. Portanto, as práticas melhorarão obrigatoriamente, porque me dedico àquilo, principalmente àquela área específica.

D3: É muito diferente preparares aulas...

D2: A nível de estratégias e tudo... E trabalho, atividades, tudo!

D3: ... preparares atividades para várias áreas do que te dedicares só a uma. Ou a duas que fossem! Pronto, tu procuras, como a Paula disse e bem, dissecar um bocadinho, ver aquilo que é realmente essencial e focar no essencial, e não em: “olha, apareceu isto, vamos embora...”.

Or: Então acham que nestes dois anos conseguiram ensinar melhor?

D1: Sim!

D6: Sem dúvida que sim!

D1: Há aqui um aspeto, mas passa-se em todas as disciplinas, a Matemática tem alguma linguagem técnica específica, assim como todas as disciplinas. Mas eu dei por mim a usar termos mais técnicos e mais científicos agora, nestes dois anos, do que propriamente antes desta experiência. Porquê? Tínhamos tanta coisa para dar, que aquele determinado conteúdo não podia ser tão aprofundado, não é? Agora, eu tentava dar a parte técnica e, ao mesmo tempo, arranjava estratégias para que

eles chegassem a essa linguagem técnica. Deixava-os usar a linguagem normal, comum, e depois tentava encaminhar para usar os termos mais adequados. Usar o denominador, numerador, não é o de cima, não é o de baixo, não é? Obriguei-os a utilizar, não é uma conta de vezes, é uma multiplicação, não é? O sinal chama-se vezes, mas a operação é a multiplicação. Portanto eu insisti, como isto noutras coisas, na geometria então há muitos termos técnicos. Eu penso que também a nível da linguagem específica de cada uma das áreas, que ela foi mais trabalhada. Não fazer superficialmente, mas chegar lá!

D3: Até porque nós repetíamos mais. Todos eles não diziam que era o acento para a direita nem para a esquerda, era o agudo ou o grave. Coisa que, se calhar nestes anos todos, posso dizer, se calhar, contra mim falo, não é, não insisti. E agora não, não é o virado para a janela é o acento agudo. É com acento grave... sempre a repetir as mesmas coisas, tal como se calhar em Matemática, sempre que surgia aquela situação, repetir os termos técnicos, e eles iam e já sem querer, acho eu, de tão habituados que estavam, eles próprios chamavam pelos nomes. Em cada disciplina...

D1: Mesmo as nomenclaturas, o ângulo, o sinal do ângulo, a amplitude do ângulo que tem outro sinal, a própria nomenclatura eu insistia para eles utilizarem.

Or: Achas que insistias mais agora?

D1: Insistia mais agora. Insisti mais agora.

Or: E porquê?

D1: Porque estou dedicada, só estou focada naquela e quero prepará-los o melhor possível naquela disciplina. Quando estou a dar muitas disciplinas, é tanta coisa que há coisas que eu ia desculpabilizando, porque era eu que estava a dar as informações todas e então pensava: “ai, coitadinhos, já têm tanta coisa...”, não é? E agora, responsável por uma só disciplina, ela tem que ser bem dada e eles têm que, minimamente, mesmo que esqueçam, mas estas nomenclaturas têm que passar para o 5.º ano, alguma coisa eles têm que se recordar.

D3: Eles podem esquecer, mas para o ano quando ouvirem: “ah, acho que já ouvi...”

D1: Ai, acho que já vi isso, acho que já vi, já vi esse simbolozinho ou qualquer coisa assim. Por exemplo, lembro-me perfeitamente na parte das dízimas, portanto as dízimas infinitas, que tínhamos que fazer os arredondamentos e eu tive que ensinar-lhes que não era igual, que não podíamos dizer que x a dividir por y era igual àquela dízima. Então, usámos o sinal equivalente a, ou aproximadamente igual, que é o outro com o tracinho... Portanto, aproximadamente igual, “não é igual meninos, não é igual a 1,5, é aproximadamente igual a 1,5”, porque aquilo dava 1,532. Portanto, tive mais essa preocupação. Eu acho que ensinei melhor.

D6: E eles saíram melhor preparados...

Or: E em termos profissionais desenvolveste-te?

D1: Sim! Porque, na minha perspetiva, isto até foi uma autoformação. Não uma formação acreditada, não é, [rindo] mas acho que contribuiu para o nosso desenvolvimento...

D3: Se calhar mais acreditada do que qualquer uma outra que tenhas tido...

D6: Porque é real!

D3: Porque é real e é a tua satisfação pessoal!

D6: E pôs os alunos à frente...

D1: E é no terreno!

D2: O resultado a nível pessoal é melhor, é mais frutífero... Pessoal e profissional!

Or: Acham que contribuiu para o vosso desenvolvimento profissional?

D2: Sem dúvida! Aprendemos mais... aprofundámos mais os nossos conhecimentos...

D6: Porque eles queriam mais... exige mais e nós não nos podemos dispersar noutras coisas.

D1: Em termos pessoais, andei muito motivada! [rindo] Andei muito motivada por várias razões. Para já, para ver o feedback em diferentes turmas, não é, se a maneira como eu leccionava numa turma se mantinha o resultado nas outras. Mas o que é certo é que a mesma aula era dada muitas vezes de maneiras diferentes, não é?

D3: Quase sempre!

D1: Sempre. Pronto. Para não dizer sempre. Porquê? Porque o público que está à nossa frente também requer outro tipo de atuação nossa e, às vezes, é na hora que nós ajustamos ali no momento. Vamos buscar a nossa criatividade e ali naquele momento: “Então, espera lá, vamos lá fazer aqui”. Depois, como na hora inventava ali um exercício diferente para ver se eles faziam melhor, o que é que eu fazia? Nas outras turmas levava esse mesmo exercício, não é? Não deixava fechado numa sala. “Vamos lá ver como é que estes reagem a este exercício. Eu acho que isso dá uma grande satisfação pessoal e acho que desafia-nos, não é? Porque, se calhar, havia a tendência, já na monodocência, daquela monotonia, aquela rotina. Acho que isto obrigou-nos a sair um bocadinho mais...

D3: Da zona de conforto.

D1: Da zona de conforto, porque os miúdos são diferentes e o que funcionava numa turma, podia não funcionar noutra e isso desafia-nos e puxa por nós. Eu senti isso! Daí eu achar que a nível pessoal me tenha sentido mais realizada e sempre motivada!

D2: Eu também não saio daqui a mesma, por várias razões. Para já, pelo relacionamento que estabeleci com a equipa, pela confiança... Principalmente com vocês que estão mais próximas, não é? Porque a qualquer momento a gente passava ali... não é? E acho que, a nível pessoal, sem dúvida, muito mais rica. Claro que há uma coisa que é fundamental, que é partilhar mesmo tudo!

D3: Tudo, tudo!

D2: Chegares a um ponto e dizes: “Este miúdo não funciona comigo, eh pá, o que é que se passa?” E depois até fico aliviada, porque a colega até sente o mesmo que eu! E isto, dizer, assumir que podemos falhar e que podemos não estar a fazer certo, e ouvirmos da outra pessoa: “Eu tenho exatamente a mesma opinião!”, é não ter medo de nos expor! Não podemos ter medo de nos expor! Dizer: “Oh pá, aconteceu isto com aquele miúdo, como é que é contigo?” Não tem que funcionar da mesma maneira, até pode ser divergente a minha opinião, não é? Mas eu tenho que assumir que comigo falhou e porque é que falhou, não é? E tem que haver esta transparência! Como dizer também: “Olha, esta situação funcionou muito bem comigo.” Não há que ter medo do falhar e dizer: “Não, aconteceu isto e agora?” E isto é que é fundamental, eu não ter problema com qualquer uma de vocês e dizer-vos: “Eh pá, isto comigo não está a dar certo”. Acho que aí é que é a grande evolução!

D3: Daí a escolha da equipa, pelo menos a nossa equipa inicial. Era impossível, se não houvesse esse à vontade, essa transparência, esse não medo, o não receio, ou mesmo ao preparar a aula: “Eu não me posso esquecer de dizer isto à Mónica, de dizer aquilo à Paula antes de...”

D6: Mas isto é o que acontece já muito no 5.º ano, por isso já acontecia aqui. Falarmos com aquelas pessoas que temos mais à vontade. E o Conselho de Turma, quando se reúne já é para partilhar.

D3: Mas aqui não se verifica isso, percebes?

D6: Mas se fosse monodocência, não tinhas com quem desabafar e aqui já está um bocadinho do 5.º ano, o poder falar com alguém e de ter mais colegas com quem partilhar.

D3: Cá está! E daí haver esta confiança, porque tem que haver! As pessoas que estão no 1.º ciclo e na monodocência normalmente não têm com quem partilhar: “Agora vou lá dizer à minha colega da porta ao lado que não sei ensinar isto? Ela

vai dar-me uma ajudinha [ironicamente]”... Não, não é! Mas isso, por exemplo, com a Mónica e com a Suzel: “Como é que dás a multiplicação? Como é que dás a adição com transporte? Ou a subtração com empréstimo? Como é que fazes? Como é que passas para a divisão?” Eu perguntava sempre! É a área dela! Nunca tive esse problema! É evidente que a maior parte das pessoas, neste nível de ensino fecha-se um bocado. É o normal! Fecham-se na sala delas. E nós não sentimos isso, o que foi outra grande aprendizagem.

D6: E o projeto levou a isso.

D3: Ter o apoio delas sempre!

D2: Eu acho que nós fomos muito mais justas na avaliação dos nossos alunos.

D6: Ah, isso é que sim!

D2: Ela na área da Matemática, no Inglês [apontando], cada uma de nós na sua área fomos muito mais... era um grupo maior. Portanto, eram visões de cada uma na sua área, eram visões de um grupo e não só uma turma, não é, eram 3 turmas. E tentamos ser o mais justas possível, por exemplo: “Tenho aquele aluno na mesma situação, espera aí, se eu dei isto, eu tenho que ver o que é que aquele foi capaz de fazer”. Aí, na avaliação, somos muito mais justas, na minha maneira de ver, porque avaliar não é fácil. Para mim não é fácil! Não é uma área que eu goste muito, muito sinceramente. Chegar ali e cotar aquele aluno com aquela nota, para mim é uma coisa que me... Porque nós vemos sempre que eles têm esta coisa boa, e deixamo-nos envolver sentimentalmente: “Ele não é bom naquilo, mas é bom nisto”... E é esta a visão que a monodocência tem. E depois é assim, numa turma eu posso ter um grupo de miúdos espetaculares e eles são Top e, se calhar, aquele mais fraquinho vai ser extremamente penalizado...

D1: Mas se estiver noutra turma, ele até...

D2: Se estiver noutra turma ele até consegue!

D3: Muitas vezes nós dizíamos: “Esta menina desta turma se calhar era um bom naquela turma”, percebes?

D2: Temos essa visão! Uma visão mais global.

D3: Um suficiente neste grupo era bom noutro grupo, porque o nível é diferente, daí a gente preparar uma aula para as três turmas e nunca ser diferente, e nunca correr igual. Termos o mesmo tempo e, pelo menos eu, no final da semana, nunca... Tentava acabar a semana igual para todas, mas durante a semana era impossível ir ao mesmo nível. Ia mais à frente com uma, ia mais atrás com outras... Porque os ritmos são diferentes!

D2: Os ritmos de trabalho eram diferentes, os grupos eram diferentes. Agora, cada uma de nós foi muito mais, na minha opinião, foi muito mais assertiva e muito mais justa na avaliação dos miúdos, eu acho que sim! É um outro contributo do projeto.

Or: De hoje em diante, não havendo projeto, vocês acham que vão ser professoras diferentes?

D3: Ai, eu vou de certeza!

D2: Sem dúvida!

D1: Eu acho que sim.

D2: Voltar agora atrás era um retrocesso, ia deixar-nos infelizes, eu falo por mim, vá. E ficar infeliz!

D6: Eu fiquei muito feliz com o projeto, sim senhora! E saber que há escolas que querem andar para a frente, assim como foi com o projeto. Foi muito giro, muito inovador, muito funcional...

D2: Mas para isto é preciso as pessoas estarem dispostas a mudar, a abrir as suas mentes, a arriscar conscientemente em prol dos miúdos.

Or: Em relação ao tipo de investigação desenvolvida, a investigação-ação e em equipa, com as mudanças efetuadas ao longo do projeto, decorrentes das necessidades de reformular o plano sentidas ao longo do caminho, vocês acham que esta metodologia de trabalho pode ser um início, um potenciador do desenvolvimento de culturas reflexivas e colaborativas no corpo docente?

D3: Quem já se envolveu numa cultura dessas é natural que isso volte a acontecer. Agora, há pessoas que continuam na resistência à mudança...

D6: E eles vão para o 5.º ano com pessoas que depois pode quebrar um bocadinho, não é, é pena. Isto agora devia continuar, era isso que eu estava a dizer em relação à continuidade no 5.º ano. Eles vão sentir que realmente o projeto pode ir abaixo, um bocadinho, porque as pessoas não são iguais, e é pena no 5.º ano eles não sentirem esta estabilidade.

D3: Essa cultura para nós já era normal e era habitual e frequente, mas era frequente entre nós.

D1: Eu acho que não era preciso haver projeto para haver colaboração e reflexão, mas uma vez que isso acontece muito pouco, não é, infelizmente, porque as pessoas não estando em pluridocência podiam à mesma fazer, abrir a porta da sala, não é? E fazerem coisas em comum, sem ter o nome de projeto, não é? Mão é preciso ter um projeto alinhavado para se fazer, isso já devia fazer parte da prática de todos os professores. Mas uma vez que há muita resistência, o projeto veio dar um pontapé nessas práticas. Eu acho que aqui ninguém teve problemas em fazer, nesta equipa, sempre a colaboração e a reflexão. E não era só no dia estipulado, porque quando nos cruzávamos, em momentos informais, passava muita informação. Às vezes até chegávamos à nossa reunião semanal, mas já tínhamos dito as coisas que tínhamos apontado para passar umas às outras, porque nos encontrávamos aí na escola. Mas pronto, voltávamos a repetir e a refletir sobre as mesmas coisas várias vezes. Eu acho que isso é muito bom! Eu sinto-me apoiada, não é, naqueles dias em que uma pessoa está: “ai, isto não está a resultar, ai eles estão a ter tanta dificuldade e vamos...” É quase como um desabafo, e elas: “Então mas deixa estar, vais ver, ou faz desta maneira ou já experimentaste assim”, não

é? Todas nós temos experiência, seja lá em que disciplina for, mas temos experiência de muitas estratégias e essa reflexão... e as outras ajudarem... Eu senti-me muito apoiada.

D3: Só também o simples facto de chegarmos ali a uma altura e, por exemplo, a professora de Matemática dizer: “Não estou a conseguir cumprir a planificação, falta-me tempo”, acho que só o simples facto, por exemplo, duma ou de outra dizerem assim: “Oh pá, eu prescindo do Apoio ao Estudo e vá, o que é que é preciso que eu faça, eu ajudo-te! Eu faço essa parte, deixa a parte que achas que é para reforçar que eu faço!” Eu acho que só isso tira 50 quilos de cima de cada um. Uma pessoa pensa assim: “Espera aí, eu posso contar com as minhas colegas!” E isso foi outra coisa em que nunca houve qualquer problema! Com a Paula aconteceu duas vezes ou três, porque ela só tinha aula duas vezes por semana, ela não tinha muito tempo para o Estudo do Meio, e não havia problema, nós fazíamos permutas...

D1: Eram umas permutas...

D3: Mas estávamos sempre disponíveis para colaborar, apoiar...

Or: Acham, então, que esta metodologia propicia a que se ganhem rotinas dessas?

D4: Para nós sim!

D2: O problema não está no papel, o problema está nas pessoas, na mentalidade das pessoas...

D9: Mas o papel dá uma certa obrigatoriedade, não é?

D1: Pois é, é isso, infelizmente! Não devia ser preciso...

Or: Vocês agora, pondo-se de fora, é difícil pois estiveram dentro, mas...

D3: Era isso que eu estava a dizer, entre nós não havia qualquer dificuldade, agora incutires isso, a reflexão e a colaboração, e lewares essa mudança para outras

peessoas que não têm o papel a obrigar, só fazem se realmente tiverem essa mente aberta...

D9: Ou o papel!

Or: Imaginem que este tipo de organização era implementado na escola toda. Como é óbvio, a princípio haveria as resistências, as mentalidades, isso tudo, mas havia uma obrigatoriedade estrutural de fazer. Aham que seria potenciador de culturas colaborativas e reflexivas, mesmo para esses professores que resistem?

D1: Sim, mais cedo ou mais tarde, sim.

D6: Mais cedo ou mais tarde...

D1: Acho que tem potencialidade para isso...

D4: Quando as pessoas perceberem...

D2: Elas têm que viver isto!

D8: Não é bem ter potencialidade para isso, num projeto destes é obrigatório estar envolvida essa dimensão, mas obrigatoriamente, mas cedo ou mais tarde, as pessoas não se podem fechar.

D2: Mas ia ser duro... para umas pessoas mais que para outras... Uma coisa é imposição, e nós todas entrámos de vontade! Vontade! E isto faz toda a diferença! Agora numa imposição, de um órgão superior, isto causa muito distúrbio e muita resistência. É partir pedra! É partir pedra! Nós não entrámos nessa vertente...

D9: Também tem que ver com as relações que se estabelecem com os pares educativos.

D3: Eu acho que havia pessoas na nossa escola e nas outras que iam custar a entrar na engrenagem...

D9: Eu acho que esse tempo tem que ver com as relações que se constroem nas comunidades educativas, não é?

D2: Para mim foi mais difícil, eu cheguei aqui há 4 anos, elas já tinham uma amizade construída e uma relação estabelecida. Mas tem que ver também com o meu historial profissional, sempre me envolvi em projetos, vim de uma escola P3, em que as portas estavam todas abertas: “olha agora dás tu que eu não estou a perceber isto! Eles comigo não estão a conseguir, se contigo conseguem, bora!” Portanto eu já tenho isso no meu desenvolvimento profissional. Elas não, elas já tinham uma relação sólida, já se conheciam há muitos anos e muito bem, mas eu não. Eu só estou aqui há 4 anos e eu ingressei num projeto destes porque eu gosto de coisas diferentes, eu gosto...

D1: Só estavas aqui há dois quando começámos no projeto, só estavas aqui há dois anos quando iniciámos...

D2: Quando começámos o projeto só estava há dois, mas receberam-me muito bem, trataram-me muito bem...

D3: Vá lá, tiveste sorte! [rindo]

[risada geral]

D1: Mas agora também é assim, só para acrescentar ao que a Paula disse, eu por acaso fiquei com a Matemática que é uma área que eu gosto, mas se eu tivesse ficado com outra, porque às vezes há essa questão, da confiança nos outros, não é? Será que eu vou confiar a minha turma àquela colega no Português? Mas nós temos que ter essa confiança à partida, não é? Porque se eu tivesse ficado no Estudo do Meio ou no Português, porque sou professora do 1.º ciclo, portanto estou habilitada para lecionar qualquer área, o meu empenho era igual! Neste caso aproveitámos a nossa área específica de formação, mas se for só de 1.º ciclo, se nós não tivéssemos a especificidade das áreas, podiam ter-me dado outra área qualquer, que eu abraçava o projeto tal como abracei por ser a Matemática! Era igual, porque temos essa abertura. Agora há aquela coisa: “Ai, será que ela é boa

na Matemática assim?” Tem que haver, a gente primeiro tem que dar, vamos dar o benefício da dúvida, vamos ver, não é? Ai não, eu só dou, só faço com ela se for eu a dar o Português, ai... Já há, mesmo antes de iniciar, já havia ali alguma coisa que podia impedir a tal confiança, a tal abertura umas das outras.

D2: Agora imaginem um projeto destes ser imposto numa escola... dava logo à partida discussão com as áreas que cada uma dava.

D6: Mas não tinha que dar! Se as pessoas até nem estivessem muito à vontade com a área a lecionar, podia ainda ser melhor, ou aprendiam umas com as outras, ou tinha que estudar e desenvolvia-se mais! Até era bastante benéfico, melhorava os seus conhecimentos.

Or: E em equipa essas arestas depois eram todas limadas.

D2: Para isto ser melhor era exactamente implementar para quem quisesse, com 3 turmas, com 6 turmas e fazer ali uma equipa, a professora de Matemática com a professora de matemática e entre elas refletir.

D9: Equipas por área...

D3: Isso é que era brutal!

Or: Gostava que refletissem um pouco acerca do projeto e me dissessem, objectivamente, os aspetos mais positivos que vêm nele?

D1: Primeiro que tudo, alunos!

D9: Autonomia, relação pessoal...

D1: Primeiro aspeto positivo: alunos! Nas vertentes que a Paula está a acabar de dizer, a autonomia, as competências sociais, a organização do tempo, do espaço, dessas coisas todas, porque nós trabalhámos para eles. Portanto, em primeiro lugar, o aspeto para mim mais positivo é o desenvolvimento que verifiquei nos alunos nesses aspetos e na aprendizagem. Nos métodos de trabalho, nos métodos

de estudo. Esse é o primeiro... Depois há a parte da formação profissional... e pessoal.

D2/D9: Desenvolvimento profissional e pessoal!

D4: Também concordo com o desenvolvimento pessoal e profissional.

D1: Outro aspeto: a avaliação concertada. Justa, mais justa e concertada, porque atenção todas as notas atribuídas foram feitas em equipa, quer a de Português, quer a de Estudo do meio, quer a de Matemática, quer a de Expressões. Foram concertadas as de Português por todas nós, não foi só pela professora de Português, que lançou as suas notazinhas e mais ninguém tinha conhecimento. Não! Portanto, até aí eu acho que os alunos beneficiaram de uma melhor avaliação. Estávamos todas implicadas nessas disciplinas, nessas notas. A corresponsabilização, é isso!

D6: Para mim é a motivação. Motivação!

D2: E a cooperação, e a partilha!

D6: A partilha, a motivação!

D9: A inclusão! A inclusão, que é muito importante, e a articulação entre todas.

D2: Fizemos inclusão nós? Fizemos? [rindo]

D1: Fizemos inclusão sim! Fomos as únicas turmas com meninos CEI! Os únicos alunos com Currículo específico Individual de 4.º ano eram só os meninos do projeto.

D6: A integração, não só dos alunos, mas dos novos professores que chegam assim a meio do projeto [rindo], e levar assim com estas beldades... que são diferentes! Queriam logo teatro, isto e aquilo! Como são pessoas das expressões identifiquei-me logo à primeira. [rindo] Não me apercebi logo que era um projeto, mas vi logo que eram pessoas especiais. Realmente estavam com outra motivação e com outra forma de receber outro professor naquele projeto! Já se notava que

eram diferentes! Chegar ali a uma sala de monodocência e... “Oh, chegou a professora de Música.” E ali era logo uma festa, aquele espetáculo que eu também gosto e os miúdos ficavam logo alegres e aquilo tudo!

D3: E nós apanharmos uma professora que é irritante que está sempre a rir! [rindo]
[risada geral]

D6: Pois! E chegar ali e sentir que o professor gosta de nós, acho que sim [rindo], e sentir que os alunos gostam de nós e estão já ali prontos para nos receber, é bom! Portanto, eu como novata agradeço realmente, e fica já aí registado, que se vê logo que são do projeto, porque têm uma outra forma de receber quem vem de novo no seio da equipa, ou quem entra na sala. Porque há muitas professoras de monodocência que acham que os meninos são só delas e a monodocência leva a isso: “Os meus meninos, os meus meninos, os meus meninos”, e os meninos só vêm aquela professora. Aqui vamos a passar na rua e eles tratam-nos igual porque somos quase como se fosse a professora titular! Aqui no projeto, não é, porque as professoras dão essa entrada, dão essa... autorizam! E pronto, e nota-se e realmente por isso é que eu estava a dizer, estes miúdos agora chegam ao 5.º ano, chegam já com esta preparação, e é tão bom recebê-los já com esta bagagem! Se vão ser bem recebidos ou não, a nível depois de corresponder àquilo que eles estavam a receber, aí já é outro problema, não é? Nós aqui fizemos um belo trabalhinho! [rindo] Gostei muito, sim senhora! Belo projeto!

D2: Eu, se estivesse no 5.º ano, tinha curiosidade por saber quem eram estes miúdos, sabendo que havia um projeto. Acho que essa curiosidade existe...

D1: Quando estiveste na constituição de turmas passaste a informação de que estes alunos vinham de um projeto de pluridocência?

D6: Sim, sim! Alguns foram para o ensino articulado... Eu contei às professoras que estavam comigo a constituir turmas, os que os vão receber, que vão ser os próximos professores, aí é que já não sei se vai conseguir chegar lá, mas acho que os miúdos dizem.

D1: Ai, os miúdos dizem! Quando o professor começar com aquela história: “Pois, vocês só tinham um professor, agora têm vários...”

D3: “Ai, não, não, não, não, não!!! Nós não! Somos diferentes!” [rindo]

D2: “Agora vocês têm que pegar nas coisas, têm que sair da sala...”

D1/D3: “Oh professor, isso a gente já sabe, agora vamos para a outra sala!” Dizem logo! [rindo]

D6: Mas todos os alunos tocam, mas quando chegou lá o nome do Henrique, gosto de todos os alunos, mas ele tinha dificuldades, mas tocava muito bem flauta e era tão... Até ele podia ficar fechado, mas não! Tocava e tinha sempre aquele sorriso, porque há miúdos que ficam mais introvertidos ou qualquer coisa. Todos eles participavam iguais. Quase até o nosso amigo “Faustininho”...

D1: Mas mesmo na festa o feedback foi que ninguém notou quem eram os miúdos com as necessidades educativas especiais!

D6: Pois não, não há diferenças!

D3: Só a Joana...

D6: Mas a Joana participou muito bem, e lá estava...

D1: Mas os outros miúdos que lá estavam não se notou.

D2: Ainda queriam que eu pusesse a moça com o corpo direto! Ela tem que estar como ela está à vontade! Ela até se pôs de paus e tudo! Que engraçada!

[risada]

D1: Mas indo ao encontro do que a Paula disse dos aspetos positivos da inclusão, foi engraçado na festa, na última atuação, a Joana apareceu ao pé de mim e da Tânia, e não da professora titular, e veio para ao pé de nós. E houve alguém que reparou, acho que até foi uma mãe. E depois nós é que a empurrámos para ir para

ao pé da turma dela. Portanto, essa inclusão, não só com os outros meninos, mas ela sentiu que também foi com as outras professoras, identificava-se com todas!

D2: Com qualquer uma de nós! O que foi bom!

Or: Esse era um receio da Marta no início. Lembras-te?

D8: Sim, a Joana e os outros. Mas a verdade é que eles suplantaram as expetativas e isto deu-lhe segurança, porque ela não precisava de andar sempre ao pé da Paula para ter segurança. Com qualquer uma das outras professoras...

Or: E mesmo no espaço escolar...

D8: Sim, também.

D6: E andava à vontade, sem restrições.

D9: Porque a essência humana também é social, não é? Mesmo as crianças que têm espectro do autismo têm necessidade de estar em grupo e quanto mais alargado, melhor é, porque acaba por lhes atenuar as estereotípias, os medos, as fobias de estar em grupo, etc. E nós temos que lhes ir dando isso paulatinamente. E acho que nesse caso, para mim, funcionou, no meu ponto de vista, funcionou excelentemente. Foi muito, muito bom. Muito bom mesmo! Até porque eles acabaram depois por trabalhar por tutorias, a pares. Todos protegiam a Joana, iam buscar a Joana, ou quando a Cristiana não estava, iam buscar a Cristiana, neste grupinho com que eu estava mais diretamente, não é? Mas acho que eles funcionaram mesmo muito por tutoria...

D3: Aliás, eles não saíam da sala de aula sem ter que ir chamar os outros todos.

D9: Era exatamente. Podia faltar ali alguém, sim, sim.

D6: Podiam sair do autocarro que nunca ficava lá ninguém esquecido.

D2: Até a Joana!

D9: Até a Joana!

D6: A Joana era com a Cristiana, não era? Quantas vezes eu estava a dar a aula e a Joana: “E a Cristiana?”

D9: A Joana, eu acho que aqui maximizou muito as potencialidades dela e aqui desenvolveu muitas competências a nível social e a nível da Língua, linguagem oral. Foi, foi!

D2: Ela até apresentou histórias!

Or.: A culpa foi da professora de Português...

D3: Agora a sério, eu também tinha os meus receios, como toda a gente. Os nossos iniciais a gente vai mais ou menos, já estamos ali, já sabemos onde é que pisamos. Depois vem uma aluna como a Joana, que é diferente em tudo: “E agora o que é que eu faço em 2 horas de Português, com a Joana?”

D2: Aqui a oralidade, com a Mónica a autonomia...

D3: Ai, com a Mónica eram os dinheirinhos...

D2: Ai ela, ela, ela delirava com cada uma de maneira diferente! Hein, e esta? A professora Mónica era: “A Antonieta, professora, cópias professora, água professora...”

D1: Eu compro água e comecei a dar-lhe essas tarefas de ir às fotocópias, de ir comprar-me água. Mas eu tinha água, mas era para ela ir lá e ela lá ia. A pouco e pouco, não é, não foi logo assim... A pouco e pouco, ela foi. Até o exemplo da Joana é um exemplo muito, muito bom para aquilo que eu disse ainda há bocadinho, que é que eles sabiam perfeitamente como é que se deviam comportar em cada uma das salas. E a Joana é mesmo visível, porque ela pedia a água e as cópias na minha, só. Nela ela ia contar histórias, a ler. Ali era para outra coisa.

D8: E com a Andreia só chamava “tixéi”.

D2: “Tixéi” era só a professora de Inglês.

D1: É muito interessante porque ela, mesmo sem saber os números: “Professora Tânia, sala 1. Sala 1. Vai lá à sala 1”, e ela saía da minha e ia à sala 1.

D2: Mas ela embicava mais para a professora Mónica porque era mais autónoma, estás a perceber? Então era sempre a sala 3, ir para a sala 3.

D3: Ela estava sempre com o olho na sala 3.

D1: Estás a ver, eu acho que a “Joana” é um dos exemplos perfeitos dos aspetos positivos deste projeto.

D9: A Joana eu consigo compará-la porque eu conheci-a do ano anterior, da piscina. Íamos muito à piscina, íamos aos Encontros, etc. Então, as únicas frases que eu conhecia da Joana eram: “Como é que te chamas? Como é que te chamas? Já chegámos? Já chegámos? Já chegámos?” E este ano achei que tinha havido ali uma maximização, um desenvolvimento do exponencial dela mesmo a todos os níveis. Já não é com as ecolalias que ela se exprimia e representava, mas às vezes através mesmo de frases já contextualizadas e completas, que eu ficava: “Ahhhh... olha, toma!”

D3: Contextualizadíssimas! Ela só pedia as fotocópias e a água à professora que lhe abriu esse caminho.

D2: E outra coisa, ela na sala da Mónica dizia 3 mais 3, mas na nossa não dizia.

D3: Na minha, depois de dois apresentarem o livro, ela salta da cadeira: “Agora sou eu!” E o ditado? Também queria fazer o ditado, pegava no lápis e escrevia, fazia riscos, mas na cabeça dela ela escrevia.

D9: E sabia o sentido da escrita...

D3: E dava espaços entre palavras! E mudava de linha no parágrafo!

Or.: Muito positivo, portanto. E agora aspetos menos positivos do projeto?

D2: Ai, isso agora é que é mais difícil! Aspectos menos positivos...

D3: Oh pá, é a continuação da resistência de algumas pessoas e de verem tudo com desconfiança e de acharem, por exemplo, de acharem que nós tínhamos outro tipo de horário, de não acreditarem que nós nos juntávamos todas as semanas, acho que ainda hoje há pessoas que não acreditam nisso. Portanto, essa resistência dos outros! Da nossa parte, não!

D9: A não continuidade do projeto. Também é um aspecto negativo. Pronto, foi bom, foi muito bom, teve resultados ótimos, e agora fecha-se a porta!

D2: Negativo, isto agora ficar aqui fechado! E pronto, foi bom enquanto durou e agora acabou!

D6: Pois, muito negativo!

Or.: Fecha-se aqui porque não há interesse e abertura da direção em continuar, mas esta investigação vai ser divulgada, no âmbito académico, e pode haver alguém, alguma escola que siga o exemplo e queira experimentar e continuar, com base no nosso estudo. De qualquer forma, perante tudo o que tenho visto e ouvido da vossa parte, ao longo da investigação, já valeu a pena! Valeu a pena pelos miúdos, valeu a pena por vocês, valeu a pena porque aprendi imenso, valeu a pena por isto tudo!

D9: Pode ser que seja um contágiosinho... Sabes, se calhar até era um estudo giro, vai agora haver no dia 9 de setembro um seminário, vá lá, uma formação sobre o perfil do aluno para o século XXI, e isso era um tema extremamente interessante e acho que está dentro dessas temáticas que se debate agora por aí. E acho que é o início de alguns que vão agora haver no âmbito da flexibilização dos currículos.

Or.: Voltando ao tema, não há mais aspectos negativos no projeto que queiram enunciar?

D2: Dentro do projeto, não!

D6: Os aspetos negativos são extra-projeto!

D3: Não, não há!

Or.: Para concluir, gostava que fizessem uma apreciação global do projeto investigativo. O que é que vocês têm para dizer destes dois anos?

D3: Olha, eu digo-te já, tu sabes que durante muito tempo tentámos, eu e a Mónica, não nesta dimensão, mas fazer algo parecido, o par pedagógico. Nunca nos foi concedida essa hipótese, até por entidades superiores. De qualquer forma, isto foi o concretizar de um sonho, para mim, um desejo, vá. Um desejo concretizado, porque eu tinha muita vontade em experimentar, na minha T-shirt eu tinha escrito atrás, na festa: “Desejo concretizado!” É verdade! Bendita a hora em que tiveste esta ideia e que nos convidaste a nós, ainda bem que te lembraste de nós! De mim, pelo menos, vá, estou a falar por mim. Só tenho a agradecer a oportunidade que me deste de estar envolvida numa coisa em que eu acredito, que tinha vontade de fazer e que gostei imenso! E ainda bem que fiz! Pronto! Obrigada!

Or.: De nada.

[beijo]

D2: Pronto, perante tudo o que foi dito a apreciação global é positiva. Foi importante passar pelos constrangimentos, pelas adversidades, até isso me fez crescer, e não me fez diminuir enquanto docente, fez-me fortalecer. E só me ajudou, tudo, tudo à volta, só me ajudou a continuar assim e a ser diferente, ok? Em termos de projeto, tinha ansiedade, tinha medos, como toda a gente. Tinha medo de fracassar, como é óbvio, estava consciente dos riscos todos que estava a correr, não me meti nas coisas sem saber, porque eu analiso primeiro sempre o risco, analiso as frustrações, analiso tudo isso, sou muito pouco optimista, mas acredito, acreditei que, acreditei do fundo do coração que ia dar certo. Mas estava consciente de tudo, de tudo, das adversidades, dos problemas que ia ter com os pais possivelmente, das ansiedades dos pais, que possivelmente me iam contaminar a mim, que eu possivelmente iria contaminar as minhas colegas, consciente de tudo! Ainda bem

que o fiz, ainda bem que passei por este processo, é uma aprendizagem para a vida, que só eu, só nós que participámos é que levamos daqui. Mais ninguém! E estou disposta a outros projetos, nunca vou parar de me meter em loucuras... É a verdade! Correndo os riscos, caindo, espatifando-me toda no chão... é por aí. Gostei! Adorei! Houve dificuldades, houve contrariedades, houve isso tudo, mesmo dentro, com os miúdos, houve coisas que nem sempre foi fácil, não é? Os pais, com todos não foi fácil, se calhar a parte mais fácil foi a relacional com as colegas [rindo]... Olha, estás a ver, uma coisa muito positiva! Mas valeu a pena, voltava a fazer tudo. Tal como a Tânia disse, muito obrigada! Continua a ser a pessoa que és e a rasgar isto tudo, porque um dia dá frutos...

D4: Foi bastante positivo! Claro que é muito mais significativo para quem estava em regime de monodocência, que sente uma diferença enorme, para mim e se calhar para a Sandra, que já estamos habituadas a andar nisto de outra forma enquanto 2.º ciclo, achamo-nos mais em casa. Conseguimos encaixar mais facilmente num grupo assim do que propriamente numa sala da monodocência, em que chegamos lá e a transição demora ali um bocadinho até encaixar, deixar a professora titular e encaixar com a nossa presença dá ali um bocadinho mais de resistência. E aqui nunca sentimos isso, ou, pelo menos, eu falo por mim, nunca senti isso! Chegar eu, chegar a professora Mónica, chegar a professora de Estudo do Meio, era tudo igual, era virar, lá está, fechar o caderninho, mudar e seguir. E já o ano passado referi e continuo a dizer que acho muito importante aquilo que nós fazíamos todas as semanas, e que devia ser feito por todos, porque aquelas reuniões que nós temos, em que levamos a falar às vezes coisas concretas, em que ficamos a conhecer melhor os alunos, e para nós, que estamos menos tempo com eles, não é, porque elas já os conheciam, nós temos uma visão exterior. É nestas trocas de informação semanal que nós ficamos a conhecer melhor os alunos e como é que devemos proceder com este ou com aquele, qual é a melhor estratégia que funciona com um e sabemos que com aquele não funciona. Será que a colega faz, como é que faz, como é que vamos fazer para as coisas baterem todas certinhas. Acho que nesse aspeto é muito importante! E daí ser muito importante mesmo para todos. Isto sair daqui, enquanto projeto funcionar assim,

mas mesmo quem não está no projeto devia ter aquele ponto de encontro para trocar ideias, para trocar experiências, para trocar... não sei... saberes! [rindo]

D2: Deixa-me dizer também que eu senti isso, eu muitas vezes ia para a sala dela e ela abria-me logo o caminho, para eu não perder tempo, e dar continuidade. E isto também foi feito por ela, não é? Se bem que, se houve essa recetividade, porque nós partilhávamos a mesma sala...

D4: Exatamente, este ano éramos só nós, não é?

D2: Éramos só nós... e ela já tinha aberto o caminho para eu também ir já para a frente, assim como foi aberto o caminho para a Sandra, para ela depois não perder muito tempo e estar tudo pronto.

D3: Embora o piano estivesse de cabeça para baixo... [rindo]

D2: Não interessa! O que interessa é a boa vontade! Estás a ver, esta é a parte má, está sempre a bater nesta tecla... [rindo]

[risada geral]

D6: Até os miúdos às vezes se chateavam: “Hoje sou eu que monto o piano! Não, sou eu!” Toda a gente já queria montar a banda! [rindo]

[risada geral]

D2: E até respeitávamos o espaço umas das outras, nós que partilhávamos a sala... Sim, porque eu partilhava com elas todas!

D4: Mas é isso, houve sempre respeito, houve sempre entreaajuda, houve sempre partilha daquilo que era preciso: “Olha, despacha lá isso um bocadinho mais cedo, porque eu hoje preciso de mais 5 minutinhos, ou vê lá se está tudo em ordem, ou hoje tenho menos tempo de Estudo do Meio, vê lá se os moços já estão despachados, quando eu chegar”. E eu: “Vá meninos, coisas de Estudo do meio em cima das mesas, vem aí a professora de Estudo do meio!” Pronto, e eles já estavam ali em estado zen...

D2: Já estava tudo com o reset, como disse a Mônica, para o Estudo do Meio... Pronto, bora.

Or.: Então foi bom?

D4: Foi muito bom! Muito positivo!

D1: Eu também faço uma avaliação muito boa do projeto. Quando me meti nisto, e tu sabias que eu ia aderir facilmente [rindo], a minha primeira ideia foi se isto ia ser bom para os miúdos. Não hesitei: “Claro que vai ser bom!” Porque não é Deus no céu e eu na terra, isto não tem que girar à volta da professora da turma, isto tem que girar à volta deles! E quando fiz foi a pensar neles, não é? E quando enfrentámos os pais e explicámos, foi no sentido de lhes fazer ver que isto era importante para o desenvolvimento dos seus filhos. Conclusão da história: Foi bom para eles, mas foi muito, muito muito bom para mim! Porque o que eu sinto agora é que eu estava, esta palavra não existe, mas eu vou dizer, a emburrecer!

[risos]

D3: Existe sim senhora!

D1: Existe emburrecer??? Eu emburreço, tu emburreces...

D3: Ele emburrece! É uma palavra composta.

D1: Pronto, existe, mas isto para dizer que eu me sentia estagnada. Estagnada em termos do trabalho. Isto porque eu já vivi tanta coisa a nível quer de mudança de Programas, quer de implementações de Programas, implementações de Metas, e de projetos, e de formações contínuas de Ciências e aquelas coisas todas, mas que, no fundo, não saía das 4 paredes! Estava ali comigo e com os meus alunos! Portanto, tudo aquilo que uma pessoa traz de trás, as nossas competências, foram ainda mais desenvolvidas neste projeto. E antes iam ficando adormecidas. E isto fez com que elas voltassem novamente a aflorar e a dar-me outra motivação que já ia perdendo, por fazer quase sempre já da mesma maneira. Para além do projeto ter sido muito bom, a motivação aqui também conta muito... E esse é o balanço

que eu faço. À parte de tudo aquilo que já aqui foi dito, das partilhas, fiz pelos alunos, mas eu também saí daqui muito mais rica! E pronto, é pena realmente as ideias que tu tens não terem assim público para embarcar contigo nestas loucuras, mas já sabes que te desejo a melhor sorte do mundo e que realmente haja alguém com visão para pegar nisto e espalhar!

Or.: Sandra, a tua apreciação global, parcial...

D6: Exatamente, de praticamente dois períodos letivos, em que a professora que já vinha do 1.º ano deste projeto me cedeu o lugar, a professora “Goreti”. Tinha duas coisas: uma escola nova e vir substituir uma professora! O que é sempre um empato, uma pessoa chega e: “Aaah, um novo professor...” Até nesse sentido os miúdos foram muito agradáveis, podia chegar ali e começarem: “Aaah não, outra professora não!” Mas não, ouviram, cantaram e, lá está, o saber receber. Como já estavam tão habituados... Porque não é fácil, eu sou contratada já há bastante tempo, não é, e a pessoa chegar assim a um sítio e ser bem recebida, quer pelos alunos, quer pela coordenação, quer pelos colegas, todos sempre com um sorriso na cara. Isto mostra que o projeto não só ensina como motiva as pessoas e leva as pessoas a tornarem-se mais felizes. E eu saio daqui realmente muito agradada, tenho falado muito deste projeto. Mas realmente senti que a Major e, falava, falei lá do outro lado, na concorrência, que tinha alguma coisa de especial. E realmente era isto que unia as pessoas e que faz falta para ficarmos motivados e, só assim, o sucesso só aparece se realmente tivermos pessoas boas de coração e que gostem de implementar coisas diferentes. E que sejam loucas e que sejam divertidas e que mostrem aos alunos realmente aquilo que são, não é aquilo que não são! Portanto, agradeço a todas e a ti, Soraia, realmente porque és muito fixe! [rindo]

D3: É a mentora...

D1: Mentora e... fixe!

D2: É o cérebro!

D6: É uma mentora excepcional que pode correr o mundo todo, porque vai ter certamente muito sucesso! Muitas felicidades e obrigada por me deixarem estar aqui!

Or.: De nada! Paula...

D9: Pois, olha, eu acho que é assim, a apreciação global é: não oferecer resistência à mudança é muito bom, é diferente. Ser diferente ajuda a crescer e a fazer crescer, porque este ano também foi tudo diferente para mim! [rindo] E eu acho que saí também, a nível pessoal e a nível profissional, mais crescida... com o vosso projeto, que também estive incluída nele, e com todo este ambiente educativo e de aprendizagem em que eu estive envolvida. Foi muito bom!

Or.: Marta...

D8: Eu... sou a última. Olha, nós, eu pelo menos, assim como vocês, ouvimos às vezes falar destas coisas, a pluridocência no 1.º ciclo... Mas aqui eu tive a oportunidade de ver, na prática! Foi a primeira vez que eu vi! E que participei, também diretamente. Já agora, quero um certificado... [rindo] Sim, porque isto no meu Currículo isto deve valorizar imenso, porque eu posso chegar a algum sítio e dizer, eu vou dizer: “Eu participei, está aqui!” Eu já estive em escolas pequenas em que as professoras, e até com muitos anos de serviço já, em que as professoras comentavam: “Ai, era tão bom, eu gostava tanto de só dar Matemática!” E a outra: “Olha, eu dava Português e a Marta ficava com o Estudo do Meio! Pode ser, pode ser!” E tinham esta vontade!

D2: Estás a ver? E pessoas mais velhas... Lá está, são as pessoas, são as pessoas...

D9: Mas é assim, embora vocês dessem cada uma áreas diferentes, não quer dizer que fossem em compartimentos estanques! É isso que eu também acho ótimo! Fizeram transversalidade! Eu acho ótimo!

D8: Por outro lado, já partilhei isto com outras pessoas também com muito tempo de serviço e: “Ai não! Nem pensar! Mas achas que isto vai dar resultado???” Eu

agora posso chegar aos sítios e dizer: “Não, eu vi! E deu resultado! Os resultados foram estes e foi maravilhoso! E as colegas andavam motivadíssimas e felizes!” Isto foi uma coisa que eu gostei muito, que resultou muito bem, é uma experiência que fica também para mim, para a vida inteira! E que vou partilhar com todas as pessoas, com todos os colegas.

Or.: Também podes, por onde andares, semear...

D8: Eu fui um bocadinho envolvida nisto, não é, sem ter visto na prática se calhar era daquelas que tinha resistência, tinha assim, se calhar medo e, se calhar se me convidarem um dia para uma coisa destas se calhar também vou com medo, mas eu vi! E vi que deu bem, e vi que resultou, e vi que atitude é que tenho que ter perante as colegas, e vi como é que trabalhámos. Já vou com outra ideia.

D9: Dou-te os parabéns por teres sido a mentora deste projeto. E a todas nós que funcionámos tão bem, no meio de tanto velho do Restelo...

D8: Eu acho que os professores também precisam destas lufadas de ar fresco, porque o problema fulcral do nosso ensino, lá das Metas e das coisas todas desajustadas, acho eu que é a disciplina. Os miúdos indisciplinados com 3 professoras ou mais diluem-se, porque uma tratam de uma maneira, outra tratam de outra. Eu lembro-me, por exemplo, do Faustino. O Faustino andou ali no ponto! No ponto! Era com uma, era com outra... não havia diferença. Noutros contextos era terrível! A nível de disciplina os resultados também são óptimos.

Or.: Se mais ninguém tiver nada a acrescentar, dou então por encerrada esta entrevista. Resta-me agradecer a todas a Vossa participação neste projeto, o Vosso empenho, o Vosso profissionalismo e competência e a Vossa inestimável colaboração! Muito obrigada a todas!

ANEXO XIIIc

PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA EFG2/EE

1.º TRATAMENTO DA EFG2/EE

[*Acerca da natureza do impacto do projeto investigativo*] (...) Eu acho que teve impacto. (...) Eu acho que foi positivo [o impacto]. Para já no sentido em que não houve retrocessos... isso já é uma parte positiva (...) Porque podíamos ter verificado retrocessos na aprendizagem dos alunos e isso não se verificou. Alguns mantiveram os níveis dos anos anteriores, mas outros conseguiram até melhorar bastante. E daí eu considerar que o saldo seja positivo (...) Acho que a qualidade, que não é só em termos de sucesso, (...) mas acho que a qualidade da aprendizagem deles, que levou aos bons resultados escolares, é muito positiva. (...) Melhorou, sim. Eu acho que aí até é sobretudo a qualidade, a qualidade (...) Eu como parte nova aqui no grupo, achei uma ideia e um projeto muito pertinente. Não tenho termos de comparação com os outros anos, mas achei que foi um projeto muito interessante, principalmente com os meus miúdos de CEI, porque treinou muito a autonomia e a formação pessoal deles e a articulação também já depois com o próximo ano letivo que será numa outra vertente educativa, de ensino que é o quinto ano (...) achei que eles [alunos NEE] estavam muito bem, que autonomamente conseguiam gerir as disciplinas, as turmas onde estavam e mesmo a nível de aprendizagens, achei que é um mecanismo extremamente útil para aprendizagens transversais, que eles vão aprendendo ao longo da vida. Achei muito, muito bom! (...) Muito, muito bom, muito positivo [o impacto], sim, sim! (...) Sim, sim! A nível da funcionalidade deles para a vida, aprenderem para a vida, (...) coisas práticas, coisas funcionais, aprendizagens funcionais, achei que foi muito importante. Achei que foi um projeto que (...) foi uma mais-valia para essas aprendizagens a nível transversal, de todas as áreas e todos os domínios de aprendizagem. (...) Eu posso falar da área da Música também, que é interessante... porque cheguei ao grupo quase no fim... mas nota-se que não há grande discrepância entre a evolução da flauta, um sabe tocar menos, outro sabe tocar mais, e todos eles estão muito envolvidos em poder ajudar, não há diferenças entre os alunos. Há um ou outro, mas que vai sempre atrás e ninguém discrimina ninguém. Nota-se esse sentido de grupo [alunos], a união do grupo (...) Sim, fartei-me de falar da escola, porque realmente o único exemplo que tinha tido até agora tinha sido na Madeira (...) e realmente com estas três turmas, adorei trabalhar com

eles! Saia daqui mesmo realizada! Sabem estar, sabia que podia contar com eles, não são aqueles miúdos rebeldes, têm uma forma diferente de estar na sala de aula, e tudo o que fosse para ensinar de novo, aprendiam num dia! Não demoravam semanas e semanas. Tudo o que apresentaram no espetáculo, era quase tudo matéria de quinto e de sexto ano e eles aprendiam assim... (...) quando eu chegava às minhas turmas de quinto e sexto ano ficava desmotivada... depois chegava aqui e eles... tinham uma grande pedalada, sim! E uma grande facilidade em aprender, mesmo os meninos com necessidades educativas especiais (...) Nunca desistir, nunca... (...) O nível musical foi muito bom! Foi uma experiência muito boa. (...) É disso que estou a falar, sim [envolvimento dos alunos]. Em vez de termos metade da turma que vai participar e outra metade que fica a olhar, porque não sabe tocar, a maioria tocou! A maioria ou quase todos (...) estavam todos envolvidos. Podiam até chegar à sala todos agitados, até organizar, como crianças que chegam do recreio, mas depois o aprender era... e tinham gosto! Eram crianças com uma cara alegre! Com vontade, sim! E trabalharam sempre em turma. (...) uma coisa que se calhar ajudou, o facto de vir uma professora diferente para a Música, para eles também não era novidade. Eles comportavam-se com a professora de Música tal como se comportavam com a professora de Inglês, como se comportavam com a professora de Matemática, com a professora de Estudo do Meio... Para eles não era novidade (...) Para eles já era uma rotina, mudar de sala (...) arrumar as coisinhas, ter aquele tempo... e passar para a próxima [disciplina]! (...) Eu acho que no segundo ano melhorou significativamente [o envolvimento dos alunos]. (...) houve um grupo de miúdos que se auto propuseram ajudar aqueles que estavam a ficar para trás. Na hora do intervalo e na hora do almoço eles juntavam-se e “vamos, tens que conseguir, nós vamos conseguir!” E isto foi uma situação que eu não estava à espera, porque não foi motivada por mim, não foi instigada por qualquer uma de nós, partiu deles. E isto mostra a coesão, a união, que ajudou a melhorar. (...) o envolvimento deles em que ninguém ficasse para trás. Isto foi um exemplo que me deixou feliz no fundo (...) Às vezes eles chegam muito mais depressa a eles do que nós. Nós dizemos: “ai temos que estudar, temos que trabalhar, temos que...”, mas se vier deles, entre eles, o impacto é diferente. Eles acatam de maneira diferente e correspondem às vezes de maneira diferente. (...)

Isto foi uma passagem curiosa que ajudou também nos resultados. (...) E daí a qualidade melhorou. Também concordo que a qualidade [dos resultados] melhorou! (...) esse envolvimento deles e a motivação que eles [alunos] sempre mostraram nas aulas, eu acho que também teve um bocadinho que ver com a equipa de professores que eles apanharam. Porque eles sentiam esta coesão entre nós, nós estávamos de facto 100% envolvidas e eles viam a boa relação entre todas... (...) E todas em sintonia. E viam que muitas vezes também pedíamos ajuda umas às outras (...) passou a ser normal para eles [alunos] ajudar e ser ajudado, tal como as professoras faziam entre si. E eu acho que esta coesão e esta sintonia passou para eles. (...) eles sabiam que nós nos reuníamos, a titular de turma muitas vezes falava em coisas e eles sabiam que isso tinha passado das restantes professoras para nós (...) eu era de Matemática, mas na parte da minha turma, que era a titular, e as colegas também (...) quando tinham a turma delas possivelmente davam o feedback das outras colegas. Eu acho que eles perceberam esse envolvimento e eles próprios responsabilizaram-se também por isso. (...) E acabou por se formar um grupo de 66 alunos e 2, 4, 6, 8 professores [contando]... (...) O que dá quase uma perspetiva já do 5.º ano (...) Foi um grupo, não é a turma y ou a turma z, somos nós, somos o projeto, estamos todos a trabalhar para o mesmo, que no fundo era o sucesso, e todos se envolveram no mesmo em prol do mesmo objetivo. (...) Quem está de fora, como eu que só vou às salas de vez em quando, e vejo as coisas assim mais de fora em várias turmas, a ideia que dá é a de uma grande equipa. Tudo junto, alunos, professores, é tudo uma grande equipa, um organismo orgânico, vivo, ali a trabalhar... autónomo, exatamente! É muito engraçado. (...) E isso vai ao encontro da ideia que muita gente defende que o conhecimento deve ser transversal, não em compartimentos estanques (...) Não é a Matemática, não é o Português, não é o Estudo do Meio, mas é tudo, uma grande diversidade, mas tudo transversal. (...) Mas que lhes dá uma grande autonomia depois, para quando eles forem para outro nível de ensino já estarem a par e já saberem gerir o tempo deles, a autonomia deles, (...) portanto, toda aquela funcionalidade que irão ter e que para eles, em princípio iria ser novo (...) E que nesta altura já não vai ser (...) E era extremamente importante que toda a aprendizagem (...) fosse através disso assim, que fosse transversal, que os professores estivessem todos interligados,

estivessem todos em interação para darem as diferentes matérias porque todas se interligam (...) O conhecimento não é estanque (...) eu gostei muito e, como já disse, achei muito pertinente e fiquei muito contente de haver aqui um projeto destes, que eu acho que se deveria repetir, que eu acho que deve dar imenso trabalho, mas que também deve dar muita satisfação... (...) eu acho que neste segundo ano de desenvolvimento do projeto, notei os pais bem mais tranquilos do que no primeiro. Acho que no primeiro eles, nas reuniões de atendimento mensal, questionavam mais certas coisas e perguntavam à titular de turma acerca do Português e do Estudo do meio e, de facto, nós tínhamos resposta para eles (...) como nos reuníamos sempre à segunda-feira, sempre que um pai nos colocava uma questão de uma outra disciplina nós tínhamos essa resposta e eu acho que isso levou a tranquiliza-los. Penso que neste segundo ano eles acompanharam muito os filhos, penso que sim, mas em termos dos atendimentos mensais achei-os mais tranquilos. Acho que questionavam menos o que se passava nas outras disciplinas. (...) Até porque sempre tinham à vontade de abordar qualquer uma de nós para questionar o que quer que fosse ou esclarecer alguma dúvida que tivesse surgido, mesmo em trabalhos de casa ou trabalhos pedidos por nós. Não tinham qualquer problema em dirigir-se à outra professora que não fosse a professora titular e perguntar: “Como é que é? Como é que se faz? O que é que pretende?” (...) Daí a tranquilidade (...) Eu notei isso... (...) Com os pais que eu falei, e pais de crianças com necessidades educativas especiais são ainda mais ansiosos do que os outros, (...) a mudança é difícil para todos, mas todos referiram no fim: “Isto foi muito bom, porque ele já está habituado!” Foi uma segurança também para os pais. O mudar de sala, que foi uma mudança introduzida este ano, mudar de salas, mais as professoras: “Ai ele para o ano já vai habituado! Não vai ser tão difícil!” Foi um descanso também para os pais nesse sentido. (...) O acompanhamento era feito. Havia aqui uma insegurança e eu defino isto assim: primeiro estranha-se, depois entranha-se e assume-se! E foi o que acabou por acontecer (...) eles primeiro estranharam, foi um choque inicial, depois vamos ver como é que isto está, depois vou questionar, vou questionar, vou ver se a coisa bate certo. A coisa começou a bater certo, vamos tranquilizar, vamos deixar a parte das professoras, os nossos filhos estão bem entregues, agora vamos apoiá-los (...) insistentemente,

nas aprendizagens. (...) Deixaram de ter a preocupação com o grupo e passaram a focar-se nos filhos e no acompanhamento. (...) E foram pedidos muitos trabalhos, nos quais era necessária a participação dos pais (...) E todos eles aderiram a esses trabalhos e vieram apresentar com a colaboração dos pais, estou-me a lembrar do Sistema Solar, das fichas de leitura que os pais também controlavam e ajudavam na leitura e no preenchimento (...) A participação nos “Espelhos de Leitura” (...) No feedback dos exercícios de cálculo (...) Eles tinham sistematicamente o feedback do que os filhos estavam a fazer! (...) Eles praticamente estavam envolvidos sempre! (...) Sempre! (...) Ou numa atividade ou noutra, não tinham descanso também! (...) Não eramos só nós! (...) O feedback era dado sistematicamente, portanto, eles faziam as fichas de verificação de leitura no Português ou na própria semana ou na semana seguinte tinham o feedback do resultado. Na Matemática, os problemas da semana, os ditados de tabuadas, essas coisas, eles tinham automaticamente esse feedback. Já não era necessário vir tantas vezes questionar (...) Porque eles iam recebendo em casa essa informação. (...) E como era uma rotina, tanto os cálculos como a verificação da leitura, semanal, eles verificavam (...) Muitos deles sabiam a resposta logo! (...) Já sabiam o porquê da nota não ter sido tão boa ou igual à anterior. Portanto, eles já sabiam e estavam envolvidos sem querer, coitados... (...) Porque é assim, esta transparência do trabalho que fazemos na sala de aula e que passa para casa, porque tudo aqui foi transparente, eu acho que isso também conduziu a essa tranquilidade dos pais. E acabaram por se envolver desta forma! É transparente. Está aqui. Fizemos. Vai a casa. Volta. É do conhecimento de todos. Nada aqui foi feito nas costas, nada aqui foi omitido, quer o bom quer o menos bom, está tudo às vistas, está tudo às claras! (...) E ao participarem nesses trabalhos dos filhos acho que também acabaram por valorizar esse trabalho, o que fez com que fosse promovida a maior vontade de trabalhar e de obter resultados e de chegar ao sucesso. Isso é muito importante! (...) Nenhum deles [encarregados de educação], ao chegar ao final de... aí ao início do terceiro período, nenhum deles queria voltar para trás. Isto é significativo, não é? Quando eles nos davam o feedback nas reuniões que também fazíamos com os pais mensalmente, eles diziam: “Não queremos voltar para trás!” (...) Nem se imaginavam a ter que voltar atrás, isto é, voltar a ter só uma professora, o normal

(...) Na mesma sala... o dia todo... (...) Não, isso não! Até porque houve muitas mais-valias! Para além de tudo o que se falou, foram cumpridos os horários que foram estabelecidos, não só para as áreas nucleares, mas também em termos de expressões plásticas, físico-motoras, portanto tudo foi cumprido, porque nós eramos realmente obrigadas a respeitar o nosso horário (...) A matriz curricular... (...) Não havia realmente hipótese de tirar um bocadinho de um lado ou de outro, como se faz, para colmatar algumas insuficiências que vamos tendo ao longo da semana, por exemplo. E eles ganharam muito também com isso, penso isso. (...) Isto podia ser o fim da monodocência. (...) Podia, podia ser! (...) Uma situação menos passiva, menos passiva, não é? Eu acho que sim. Também. (...) Olha, eu posso dizer que fui muito feliz nestes dois últimos anos, apesar de todas as contrariedades que tivemos, e foram muitas... No início, alguma resistência por parte dos pais, porque também era desconhecido, não sabiam. Tal como nós tínhamos insegurança, eles também! Nunca, em situação alguma, insegurança ou dificuldade com os meus pares, nunca! E estou a falar das três, quatro principais que se jogaram de cabeça, nunca! Sempre foi (...) transparente e com muita confiança, que acho que isso então é a base. Mas, mesmo a nível (...) das colegas, o primeiro ano foi complicadíssimo, algumas pessoas sentem mais ou lidam pior do que as outras, eu não lido muito bem. Foi muito difícil, mas apesar dessas dificuldades, digo conscientemente e sem qualquer problema: Fui muito feliz nestes dois anos e foi este projeto que fez com que eu pensasse em ir lecionar para o 2.º ciclo. (...) Olha, para os alunos com necessidades educativas especiais foi muito bom. Lidar com a mudança, organização da rotina diária, eles sabiam perfeitamente o seu dia. Um estava constantemente a dizer-me: “Professora, eu hoje vou ter o problema da semana, à tarde!” Ele estava na aula de Português, mas sabia que à tarde ia ter uma atividade que ele achava que era muito importante, então dizia-me sempre aquilo. Muito bom para a organização e gestão do tempo, a gestão do espaço. O esperarem na fila para os colegas saírem e eles depois puderem entrar... Muito bom, muito bom. (...) Terem que gerir as coisas deles e o espaço deles para não deixarem as coisas espalhadas por todo o lado, saberem onde têm a lancheira, onde é que deixam o casaco, onde é que deixam a sombrinha. E saberem gerir tudo isso depois na transição de sala para sala. Acho que foi muito

positivo. Facilita-lhes bastante [a transição de ciclo]. (...) Como professora também do 5.º ano, porque sou professora de Educação Musical, quem me dera a mim que todas as escolas trabalhassem com este tipo de projeto, porque era muito mais fácil recebê-los, e eles chegam lá a cima e nota-se logo uma diferença, porque vão misturados, (...) e há uma grande diferença. (...) E o saber estar, e o saber ser e vão com as regras todas [os alunos] (...) estas turmas deviam seguir assim, para maior sucesso ainda dos meninos com necessidades educativas especiais. Todos juntinhos era uma maravilha! (...) Especificamente com os alunos de CEI, como tiveram mais Desporto Escolar, Boccia, Natação e depois a Oficina das Letras, dos Números e das Expressões, eu acho que eles vão mais do que autónomos e com uma grande perceção daquilo que lhes vai acontecer e como é que hão de organizar-se no espaço e no tempo, porque depois também fizemos as visitas guiadas lá às escolas, (...) Então eles já tomaram contacto com todos aqueles ambientes de ensino-aprendizagem. (...) Eu acho que há mais um ponto que nós devemos referir, não só em termos da organização dos recursos e dos materiais, mas eles já se aperceberam que cada professora vai ser diferente. E que se podem comportar de uma maneira com uma, mas com outra tem que ser de outra forma... (...) Eu acho que eles perceberam isso. Comigo era de uma maneira, se calhar ou esticavam-se um bocadinho mais comigo ou menos, mas (...) sabiam até onde podiam ir. Mas eu acho que o que é de realçar aqui é que eles já perceberam que não vão apanhar professores todos formatados, (...) da mesma maneira. E eles já sabem que vão ter que se adaptar e que ao fim de x tempo aquilo dá uma lufada de ar fresco, porque estar a levar naquele registo as cinco horas do dia, não só é penoso para nós, que estamos ali com os mesmos alunos, não é, é cansativo, como também é penoso para os miúdos, não é? Estarem a levar com o mesmo registo, muda a disciplina mas não muda a pessoa, (...) E o timbre de voz e os dizeres e aquela maneira. (...) Eles já vão daqui diplomados em gestão comportamental e emocional! (...) Em Português as coisas tornam-se, às vezes, nem sempre, mas às vezes tornam-se muito monótonas. Eu dava por mim a ver assim muito bons alunos deitados em cima da mesa, e eu com a certeza absoluta mesmo que: “coitado está mesmo farto de me ouvir”. Mas eu tinha que falar. Mas sabia e pensava: “ainda bem que só faltam dez minutinhos e ele depois vai arrebitar”, porque é verdade, a

gente também se preocupa e vê-se na cara deles e no comportamento que eles estão enfadados, já não dá, quer dizer: “cala-te p’ra aí”! Vamos lá mudar! Pronto! (...) E a seguir mudam e fazem um reset (...) no comportamento, e aquilo dá uma motivação, vamos lá ouvir agora quem é diferente, é outra, é outra voz, é outra maneira, pronto. (...) E era, e quando eu chegava à sala de aula, (...) era mudar ali o caderno e a flauta e acabava aquela e, pronto, (...) era mudar de repente de uma disciplina para a outra e ouvir outra coisa. Eram muito rápidos! (...) E tinha que ser, que era para não perder, não perder tempo... (...) as minhas colegas já sabiam montar o piano, por vezes mal, (...) De cabeça para o ar, mas... (...) esta união [da equipa] sim, era muito bom! (...) Sem dúvida! Muito mais tempo para me dedicar àquilo que é o essencial, a debruçar-me sobre aquilo que é fundamental para eles, fazer uma seleção e, fundamentalmente, dedicar-me só àquilo. Claro que, se eu me dedicar só a uma área, eu serei completamente diferente (...) Claro que serei melhor nas minhas práticas (...) E na transmissão de conhecimentos. E aprofundo mais e tenho mais tempo para me aprofundar sobre outros conceitos, a seleccionar o que é essencial, o que é que eu quero diretamente que eles aprendam e que eles levem daqui, naquela área específica. Portanto, as práticas melhorarão obrigatoriamente, porque me dedico àquilo, principalmente àquela área específica. (...) É muito diferente preparares aulas (...) A nível de estratégias e tudo... E trabalho, atividades, tudo! (...) preparares atividades para várias áreas do que te dedicares só a uma. Ou a duas que fossem! Pronto, tu procuras (...) dissecar um bocadinho, ver aquilo que é realmente essencial e focar no essencial (...) a Matemática tem alguma linguagem técnica específica, assim como todas as disciplinas. Mas eu dei por mim a usar termos mais técnicos e mais científicos agora, nestes dois anos, do que propriamente antes desta experiência. Porquê? Tínhamos tanta coisa para dar, que aquele determinado conteúdo não podia ser tão aprofundado (...) Agora, eu tentava dar a parte técnica e, ao mesmo tempo, arranjava estratégias para que eles chegassem a essa linguagem técnica. Deixava-os usar a linguagem normal, comum, e depois tentava encaminhar para usar os termos mais adequados. (...) Eu penso que também a nível da linguagem específica de cada uma das áreas, que ela foi mais trabalhada. (...) Mesmo as nomenclaturas, o ângulo, o sinal do ângulo, a amplitude do ângulo que tem outro

sinal, a própria nomenclatura eu insistia para eles utilizarem. (...) Insistia mais agora. Insisti mais agora. (...) Porque estou dedicada, só estou focada naquela e quero prepará-los o melhor possível naquela disciplina. Quando estou a dar muitas disciplinas, é tanta coisa que há coisas que eu ia desculpabilizando, porque era eu que estava a dar as informações todas e então pensava: “ai, coitadinhos, já têm tanta coisa...” (...) E agora, responsável por uma só disciplina, ela tem que ser bem dada e eles têm que, minimamente, mesmo que esqueçam, mas estas nomenclaturas têm que passar para o 5.º ano, alguma coisa eles têm que se recordar. (...) Portanto, tive mais essa preocupação. Eu acho que ensinei melhor. (...) E eles saíram melhor preparados (...) Sim! Porque, na minha perspetiva, isto até foi uma autoformação. Não uma formação acreditada, não é, mas acho que contribuiu para o nosso desenvolvimento (...) Se calhar mais acreditada do que qualquer uma outra que tenhas tido (...) Porque é real! (...) Porque é real e é a tua satisfação pessoal! (...) E pôs os alunos à frente (...) E é no terreno! (...) O resultado a nível pessoal é melhor, é mais frutífero... Pessoal e profissional! (...) Sem dúvida! Aprendemos mais... aprofundámos mais os nossos conhecimentos (...) Porque eles queriam mais... exige mais e nós não nos podemos dispersar noutras coisas. (...) Em termos pessoais, andei muito motivada! Andei muito motivada por várias razões. Para já, para ver o feedback em diferentes turmas (...) se a maneira como eu leccionava numa turma se mantinha o resultado nas outras. Mas o que é certo é que a mesma aula era dada muitas vezes de maneiras diferentes (...) Quase sempre! (...) Sempre. Pronto. Para não dizer sempre. (...) Porque o público que está à nossa frente também requer outro tipo de atuação nossa e, às vezes, é na hora que nós ajustamos ali no momento. Vamos buscar a nossa criatividade e ali naquele momento: “Então, espera lá, vamos lá fazer aqui”. Depois, como na hora inventava ali um exercício diferente para ver se eles faziam melhor, o que é que eu fazia? Nas outras turmas levava esse mesmo exercício (...) Não deixava fechado numa sala. “Vamos lá ver como é que estes reagem a este exercício”. Eu acho que isso dá uma grande satisfação pessoal e acho que desafia-nos (...) Porque, se calhar, havia a tendência, já na monodocência, daquela monotonia, aquela rotina. Acho que isto obrigou-nos a sair um bocadinho mais (...) Da zona de conforto, porque os miúdos são diferentes e o que funcionava numa

turma, podia não funcionar noutra e isso desafia-nos e puxa por nós. Eu senti isso! Daí eu achar que a nível pessoal me tenha sentido mais realizada e sempre motivada! (...) Eu também não saio daqui a mesma, por várias razões. Para já, pelo relacionamento que estabeleci com a equipa, pela confiança... Principalmente com vocês que estão mais próximas (...) Porque a qualquer momento a gente passava ali (...) E acho que, a nível pessoal, sem dúvida, muito mais rica. Claro que há uma coisa que é fundamental, que é partilhar mesmo tudo! (...) Tudo, tudo! (...) Chegares a um ponto e dizes: “Este miúdo não funciona comigo, (...), o que é que se passa?” E depois até fico aliviada, porque a colega até sente o mesmo que eu! E isto, dizer, assumir que podemos falhar e que podemos não estar a fazer certo, e ouvirmos da outra pessoa: “Eu tenho exatamente a mesma opinião!”, é não ter medo de nos expor! Não podemos ter medo de nos expor! (...) Não tem que funcionar da mesma maneira, até pode ser divergente a minha opinião (...) Mas eu tenho que assumir que comigo falhou e porque é que falhou (...) E tem que haver esta transparência! (...) Não há que ter medo do falhar (...) Acho que aí é que é a grande evolução! (...) Daí a escolha da equipa, pelo menos a nossa equipa inicial. Era impossível, se não houvesse esse à vontade, essa transparência, esse não medo, o não receio, ou mesmo ao preparar a aula: “Eu não me posso esquecer de dizer isto à [nome], de dizer aquilo à [nome] antes de...” (...) Mas isto é o que acontece já muito no 5.º ano, por isso já acontecia aqui. Falarmos com aquelas pessoas que temos mais à vontade. E o Conselho de Turma, quando se reúne já é para partilhar. (...) Mas aqui não se verifica isso, percebes? (...) Mas se fosse monodocência, não tinhas com quem desabafar e aqui já está um bocadinho do 5.º ano, o poder falar com alguém e de ter mais colegas com quem partilhar. (...) E daí haver esta confiança, porque tem que haver! As pessoas que estão no 1.º ciclo e na monodocência normalmente não têm com quem partilhar: “Agora vou lá dizer à minha colega da porta ao lado que não sei ensinar isto? Ela vai dar-me uma ajudinha [ironicamente]” (...) Não, não é! (...) É evidente que a maior parte das pessoas, neste nível de ensino fecha-se um bocado. É o normal! Fecham-se na sala delas. E nós não sentimos isso, o que foi outra grande aprendizagem. (...) E o projeto levou a isso. (...) Ter o apoio delas sempre! (...) Eu acho que nós fomos muito mais justas na avaliação dos nossos alunos. (...) cada uma de nós na sua

área fomos muito mais... era um grupo maior. Portanto, eram visões de cada uma na sua área, eram visões de um grupo e não só uma turma, não é, eram 3 turmas. E tentamos ser o mais justas possível, por exemplo: “Tenho aquele aluno na mesma situação, espera aí, se eu dei isto, eu tenho que ver o que é que aquele foi capaz de fazer”. Aí, na avaliação, somos muito mais justas, na minha maneira de ver, porque avaliar não é fácil. Para mim não é fácil! Não é uma área que eu goste muito, muito sinceramente. Chegar ali e cotar aquele aluno com aquela nota (...) Porque nós vemos sempre que eles têm esta coisa boa, e deixamo-nos envolver sentimentalmente (...) E é esta a visão que a monodocência tem. E depois é assim, numa turma eu posso ter um grupo de miúdos espetaculares e eles são Top e, se calhar, aquele mais fraquinho vai ser extremamente penalizado (...) Se estiver noutra turma ele até consegue! (...) Muitas vezes nós dizíamos: “Esta menina desta turma se calhar era um bom naquela turma”, percebes? (...) Temos essa visão! Uma visão mais global. (...) Um suficiente neste grupo era bom noutro grupo, porque o nível é diferente, daí a gente preparar uma aula para as três turmas e nunca ser diferente, e nunca correr igual. Termos o mesmo tempo e, pelo menos eu, no final da semana, nunca... Tentava acabar a semana igual para todas, mas durante a semana era impossível ir ao mesmo nível. Ia mais à frente com uma, ia mais atrás com outras... Porque os ritmos são diferentes! (...) Os ritmos de trabalho eram diferentes, os grupos eram diferentes. Agora, cada uma de nós (...) foi muito mais assertiva e muito mais justa na avaliação dos miúdos, eu acho que sim! É um outro contributo do projeto. (...) Ai, eu vou de certeza [ser melhor professora]! (...) Sem dúvida! (...) Eu acho que sim. (...) Voltar agora atrás era um retrocesso, ia deixar-nos infelizes, eu falo por mim, vá. E ficar infeliz! (...) Eu fiquei muito feliz com o projeto, sim senhora! E saber que há escolas que querem andar para a frente, assim como foi com o projeto. Foi muito giro, muito inovador, muito funcional (...) Mas para isto é preciso as pessoas estarem dispostas a mudar, a abrir as suas mentes, a arriscar conscientemente em prol dos miúdos. (...) Quem já se envolveu numa cultura dessas [colaborativa e reflexiva] é natural que isso volte a acontecer. Agora, há pessoas que continuam na resistência à mudança (...) Isto agora devia continuar, era isso que eu estava a dizer em relação à continuidade no 5.º ano. Eles vão sentir que realmente o projeto pode ir abaixo, um bocadinho, porque as

peessoas não são iguais, e é pena no 5.º ano eles não sentirem esta estabilidade. (...) Essa cultura para nós já era normal e era habitual e frequente, mas era frequente entre nós. (...) Eu acho que não era preciso haver projeto para haver colaboração e reflexão, mas uma vez que isso acontece muito pouco (...) infelizmente, porque as pessoas não estando em pluridocência podiam à mesma fazer, abrir a porta da sala (...) E fazerem coisas em comum, sem ter o nome de projeto (...) Não é preciso ter um projeto alinhavado para se fazer, isso já devia fazer parte da prática de todos os professores. Mas uma vez que há muita resistência, o projeto veio dar um pontapé nessas práticas. Eu acho que aqui ninguém teve problemas em fazer, nesta equipa, sempre a colaboração e a reflexão. E não era só no dia estipulado, porque quando nos cruzávamos, em momentos informais, passava muita informação. Às vezes até chegávamos à nossa reunião semanal, mas já tínhamos dito as coisas que tínhamos apontado para passar umas às outras, porque nos encontrávamos aí na escola. Mas pronto, voltávamos a repetir e a refletir sobre as mesmas coisas várias vezes. Eu acho que isso é muito bom! Eu sinto-me apoiada, (...) naqueles dias em que uma pessoa está: “ai, isto não está a resultar, ai eles estão a ter tanta dificuldade e vamos...” É quase como um desabafo, e elas: “Então mas deixa estar, vais ver, ou faz desta maneira ou já experimentaste assim” (...) Todas nós temos experiência, seja lá em que disciplina for, mas temos experiência de muitas estratégias e essa reflexão... e as outras ajudamem... Eu senti-me muito apoiada. (...) Só também o simples facto de chegarmos ali a uma altura e, por exemplo, a professora de Matemática dizer: “Não estou a conseguir cumprir a planificação, falta-me tempo”, acho que só o simples facto, por exemplo, duma ou de outra dizerem assim: “Oh pá, eu prescindo do Apoio ao Estudo e vá, o que é que é preciso que eu faça, eu ajudo-te! Eu faço essa parte, deixa a parte que achas que é para reforçar que eu faço!” Eu acho que só isso tira 50 quilos de cima de cada um. Uma pessoa pensa assim: “Espera aí, eu posso contar com as minhas colegas!” E isso foi outra coisa em que nunca houve qualquer problema! (...) não havia problema, nós fazíamos permutas (...) Mas estávamos sempre disponível para colaborar, apoiar (...) O problema não está no papel, o problema está nas pessoas, na mentalidade das pessoas (...) Mas o papel dá uma certa obrigatoriedade (...) Pois é, é isso, infelizmente! Não devia ser

preciso... (...) Era isso que eu estava a dizer, entre nós não havia qualquer dificuldade, agora incutires isso, a reflexão e a colaboração, e levores essa mudança para outras pessoas que não têm o papel a obrigar, só fazem se realmente tiverem essa mente aberta (...) Acho que tem potencialidade para isso (...) Não é bem ter potencialidade para isso, num projeto destes é obrigatório estar envolvida essa dimensão, mas obrigatoriamente, mas cedo ou mais tarde, as pessoas não se podem fechar. (...) Mas ia ser duro... para umas pessoas mais que para outras... Uma coisa é imposição, e nós todas entrámos de vontade! Vontade! E isto faz toda a diferença! Agora numa imposição, de um órgão superior, isto causa muito distúrbio e muita resistência. É partir pedra! É partir pedra! (...) Também tem que ver com as relações que se estabelecem com os pares educativos. (...) Eu acho que havia pessoas na nossa escola e nas outras que iam custar a entrar na engrenagem (...) Eu acho que esse tempo tem que ver com as relações que se constroem nas comunidades educativas (...) Para mim foi mais difícil, eu cheguei aqui há 4 anos, elas já tinham uma amizade construída e uma relação estabelecida. Mas tem que ver também com o meu historial profissional, sempre me envolvi em projetos, vim de uma escola P3, em que as portas estavam todas abertas (...) Portanto eu já tenho isso no meu desenvolvimento profissional. Elas não, elas já tinham uma relação sólida, já se conheciam há muitos anos e muito bem, mas eu não. Eu só estou aqui há 4 anos e eu ingressei num projeto destes porque eu gosto de coisas diferentes (...) Quando começámos o projeto só estava há dois, mas receberam-me muito bem, trataram-me muito bem (...) Mas agora também é assim (...) eu por acaso fiquei com a Matemática que é uma área que eu gosto, mas se eu tivesse ficado com outra (...) porque sou professora do 1.º ciclo, portanto estou habilitada para lecionar qualquer área, o meu empenho era igual! Neste caso aproveitámos a nossa área específica de formação, mas se for só de 1.º ciclo, se nós não tivéssemos a especificidade das áreas, podiam ter-me dado outra área qualquer, que eu abraçava o projeto tal como abracei por ser a Matemática! Era igual, porque temos essa abertura. (...) Agora imaginem um projeto destes ser imposto numa escola... dava logo à partida discussão com as áreas que cada uma dava. (...) Mas não tinha que dar! Se as pessoas até nem estivessem muito à vontade com a área a lecionar, podia ainda ser melhor, ou aprendiam umas com as

outras, ou tinha que estudar e desenvolvia-se mais! Até era bastante benéfico, melhorava os seus conhecimentos. (...) Para isto ser melhor era exatamente implementar para quem quisesse, com 3 turmas, com 6 turmas e fazer ali uma equipa, a professora de Matemática com a professora de matemática e entre elas refletir. (...) Equipas por área (...) Isso é que era brutal! (...)

[*Acerca da análise dos dois anos letivos de implementação do projeto investigativo*]
(...) Primeiro que tudo, alunos! (...) Autonomia, relação pessoal (...) Primeiro aspeto positivo: alunos! Nas vertentes que a [nome] está a acabar de dizer, a autonomia, as competências sociais, a organização do tempo, do espaço, dessas coisas todas, porque nós trabalhamos para eles. (...) o aspeto para mim mais positivo é o desenvolvimento que verifiquei nos alunos nesses aspetos e na aprendizagem. Nos métodos de trabalho, nos métodos de estudo. Esse é o primeiro... Depois há a parte da formação profissional... e pessoal. (...) Desenvolvimento profissional e pessoal! (...) Também concordo com o desenvolvimento pessoal e profissional. (...) Outro aspeto: a avaliação concertada. Justa, mais justa e concertada, porque atenção todas as notas atribuídas foram feitas em equipa, quer a de Português, quer a de Estudo do meio, quer a de Matemática, quer a de Expressões. Foram concertadas as de Português por todas nós, não foi só pela professora de Português, que lançou as suas notazinhas e mais ninguém tinha conhecimento. Não! Portanto, até aí eu acho que os alunos beneficiaram de uma melhor avaliação. Estávamos todas implicadas nessas disciplinas, nessas notas. A corresponsabilização, é isso! (...) Para mim é a motivação. Motivação! (...) E a cooperação, e a partilha! (...) A partilha, a motivação! (...) A inclusão! A inclusão, que é muito importante, e a articulação entre todas. (...) Fizemos inclusão sim! Fomos as únicas turmas com meninos CEI! Os únicos alunos com Currículo específico Individual de 4.º ano eram só os meninos do projeto. (...) A integração, não só dos alunos, mas dos novos professores que chegam assim a meio do projeto, e levar assim com estas beldades... que são diferentes! (...) Não me apercebi logo que era um projeto, mas vi logo que eram pessoas especiais. Realmente estavam com outra motivação e com outra forma de receber outro professor naquele projeto! Já se notava que eram diferentes! Chegar ali a uma sala de monodocência e... “Oh, chegou a professora de Música.” E ali era

logo uma festa, aquele espetáculo que eu também gosto e os miúdos ficavam logo alegres e aquilo tudo! (...) Pois! E chegar ali e sentir que o professor gosta de nós, (...) e sentir que os alunos gostam de nós e estão já ali prontos para nos receber, é bom! Portanto, eu como novata agradeço realmente, e fica já aí registado, que se vê logo que são do projeto, porque têm uma outra forma de receber quem vem de novo no seio da equipa, ou quem entra na sala. Porque há muitas professoras de monodocência que acham que os meninos são só delas e a monodocência leva a isso (...) e os meninos só vêm aquela professora. Aqui vamos a passar na rua e eles tratam-nos igual porque somos quase como se fosse a professora titular! Aqui no projeto, não é, porque as professoras dão essa entrada, dão essa... autorizam! E pronto, e nota-se e realmente por isso é que eu estava a dizer, estes miúdos agora chegam ao 5.º ano, chegam já com esta preparação, e é tão bom recebê-los já com esta bagagem! Se vão ser bem recebidos ou não, a nível depois de corresponder àquilo que eles estavam a receber, aí já é outro problema, não é? Nós aqui fizemos um belo trabalhinho! [rindo] Gostei muito, sim senhora! Belo projeto! (...) Ai, os miúdos dizem! Quando o professor começar com aquela história: “Pois, vocês só tinham um professor, agora têm vários...” (...) “Ai, não, não, não, não, não!!! Nós não! Somos diferentes!” (...) “Agora vocês têm que pegar nas coisas, têm que sair da sala...” (...) “Oh professor, isso a gente já sabe, agora vamos para a outra sala!” Dizem logo! (...) Mas todos os alunos tocam, mas quando chegou lá o nome do Henrique, gosto de todos os alunos, mas ele tinha dificuldades, mas tocava muito bem flauta e era tão... Até ele podia ficar fechado, mas não! Tocava e tinha sempre aquele sorriso, porque há miúdos que ficam mais introvertidos ou qualquer coisa. Todos eles participavam iguais. Quase até o nosso amigo Faustininho (...) Mas mesmo na festa o feedback foi que ninguém notou quem eram os miúdos com as necessidades educativas especiais! (...) Mas indo ao encontro do que a [nome] disse dos aspetos positivos da inclusão, foi engraçado na festa, na última atuação, a [nome] apareceu ao pé de mim e da Tânia, e não da professora titular, e veio para ao pé de nós. E houve alguém que reparou, acho que até foi uma mãe. E depois nós é que a empurrámos para ir para ao pé da turma dela. Portanto, essa inclusão, não só com os outros meninos, mas ela sentiu que também foi com as outras professoras, identificava-se com todas! (...) Com

qualquer uma de nós! O que foi bom! (...) Sim, a [nome] e os outros [alunos NEE]. Mas a verdade é que eles suplantaram as expectativas e isto deu-lhe segurança, porque ela não precisava de andar sempre ao pé da [nome] para ter segurança. Com qualquer uma das outras professoras (...) E andava à vontade, sem restrições. (...) Porque a essência humana também é social (...) Mesmo as crianças que têm espectro do autismo têm necessidade de estar em grupo e quanto mais alargado, melhor é, porque acaba por lhes atenuar as estereotipias, os medos, as fobias de estar em grupo, etc. E nós temos que lhes ir dando isso paulatinamente. E acho que nesse caso, para mim, funcionou, no meu ponto de vista, funcionou excelentemente. Foi muito, muito bom. Muito bom mesmo! Até porque eles [alunos] acabaram depois por trabalhar por tutorias, a pares. Todos protegiam a [nome da aluna], iam buscar a [nome da aluna], ou quando a [nome da aluna] não estava, iam buscar a [nome da aluna], neste grupinho com que eu estava mais diretamente (...) Mas acho que eles funcionaram mesmo muito por tutoria (...) Aliás, eles [alunos NEE] não saiam da sala de aula sem ter que ir chamar os outros todos. (...) Era exatamente. Podia faltar ali alguém, sim, sim. (...) Podiam sair do autocarro que nunca ficava lá ninguém esquecido. (...) A [nome da aluna], eu acho que aqui maximizou muito as potencialidades dela e aqui desenvolveu muitas competências a nível social e a nível da Língua, linguagem oral. Foi, foi! (...) Ela até apresentou histórias! (...) eu também tinha os meus receios, como toda a gente. Os nossos iniciais a gente vai mais ou menos, já estamos ali, já sabemos onde é que pisamos. Depois vem uma aluna como a [nome da aluna], que é diferente em tudo: “E agora o que é que eu faço em 2 horas de Português, com a [nome da aluna]?” (...) Aqui a oralidade, com a [nome da professora] a autonomia... (...) Ai ela, ela, ela delirava com cada uma de maneira diferente! (...) A professora [nome] era: “A Antonieta, professora, cópias professora, água professora...” (...) Eu compro água e comecei a dar-lhe essas tarefas de ir às fotocópias, de ir comprar-me água. Mas eu tinha água, mas era para ela ir lá e ela lá ia. A pouco e pouco, não é, não foi logo assim... A pouco e pouco, ela foi. Até o exemplo da [nome da aluna] é um exemplo muito, muito bom para aquilo que eu disse ainda há bocadinho, que é que eles sabiam perfeitamente como é que se deviam comportar em cada uma das salas. E a [nome da aluna] é mesmo visível, porque ela pedia a água e as cópias na minha, só. Nela ela

ia contar histórias, a ler. Ali era para outra coisa. (...) E com a [nome da professora] só chamava “tixéi”. (...) “Tixéi” era só a professora de Inglês. (...) Estás a ver, eu acho que a [nome da aluna] é um dos exemplos perfeitos dos aspetos positivos deste projeto. (...) A [nome da aluna] eu consigo compará-la porque eu conheci-a do ano anterior, da piscina. Íamos muito à piscina, íamos aos Encontros, etc. (...) E este ano achei que tinha havido ali uma maximização, um desenvolvimento do exponencial dela mesmo a todos os níveis. Já não é com as ecolalias que ela se exprimia e representava, mas às vezes através mesmo de frases já contextualizadas e completas, que eu ficava: “Ahhhh... olha, toma!” (...) Na minha, depois de dois apresentarem o livro, ela salta da cadeira: “Agora sou eu!” E o ditado? Também queria fazer o ditado, pegava no lápis e escrevia, fazia riscos, mas na cabeça dela ela escrevia. (...) E sabia o sentido da escrita (...) E dava espaços entre palavras! E mudava de linha no parágrafo! (...) Ai, isso agora é que é mais difícil! Aspetos menos positivos (...) é a continuação da resistência de algumas pessoas e de verem tudo com desconfiança e de acharem (...) que nós tínhamos outro tipo de horário, de não acreditarem que nós nos juntávamos todas as semanas, acho que ainda hoje há pessoas que não acreditam nisso. Portanto, essa resistência dos outros! Da nossa parte, não! (...) A não continuidade do projeto. Também é um aspeto negativo. Pronto, foi bom, foi muito bom, teve resultados óptimos, e agora fecha-se a porta! (...) Negativo, isto agora ficar aqui fechado! E pronto, foi bom enquanto durou e agora acabou! (...) Pois, muito negativo! (...) Pode ser que seja um contágiosinho (...) E acho que é o início de alguns que vão agora haver no âmbito da flexibilização dos currículos. (...) Dentro do projeto, não [aspetos menos positivos]! (...) Os aspetos negativos são extra-projeto! (...) Não, não há [aspetos menos positivos]! (...)

[*Acerca da opinião pessoal acerca do projeto investigativo*] (...) isto foi o concretizar de um sonho, para mim, um desejo, vá. Um desejo concretizado, porque eu tinha muita vontade em experimentar, na minha T-shirt eu tinha escrito atrás, na festa: “Desejo concretizado!” É verdade! Bendita a hora em que tiveste esta ideia e que nos convidaste a nós, ainda bem que te lembraste de nós! De mim, pelo menos, vá, estou a falar por mim. Só tenho a agradecer a oportunidade que me deste de estar envolvida numa coisa em que eu acredito, que tinha vontade de fazer e que

gostei imenso! E ainda bem que fiz! Pronto! Obrigada! (...) Pronto, perante tudo o que foi dito a apreciação global é positiva. Foi importante passar pelos constrangimentos, pelas adversidades, até isso me fez crescer, e não me fez diminuir enquanto docente, fez-me fortalecer. E só me ajudou, tudo, tudo à volta, só me ajudou a continuar assim e a ser diferente (...) Em termos de projeto, tinha ansiedade, tinha medos, como toda a gente. Tinha medo de fracassar, como é óbvio, estava consciente dos riscos todos que estava a correr, não me meti nas coisas sem saber, porque eu analiso primeiro sempre o risco, analiso as frustrações, analiso tudo isso, sou muito pouco otimista, mas acredito, acreditei que, acreditei do fundo do coração que ia dar certo. Mas estava consciente de tudo, de tudo, das adversidades, dos problemas que ia ter com os pais possivelmente, das ansiedades dos pais, que possivelmente me iam contaminar a mim, que eu possivelmente iria contaminar as minhas colegas, consciente de tudo! Ainda bem que o fiz, ainda bem que passei por este processo, é uma aprendizagem para a vida, que só eu, só nós que participámos é que levamos daqui. Mais ninguém! E estou disposta a outros projetos, nunca vou parar de me meter em loucuras... É a verdade! Correndo os riscos, caindo, espatifando-me toda no chão... é por aí. Gostei! Adorei! Houve dificuldades, houve contrariedades, houve isso tudo, mesmo dentro, com os miúdos, houve coisas que nem sempre foi fácil (...) Os pais, com todos não foi fácil, se calhar a parte mais fácil foi a relacional com as colegas (...) Olha, estás a ver, uma coisa muito positiva! Mas valeu a pena, voltava a fazer tudo. Tal como a [nome] disse, muito obrigada! (...) Foi bastante positivo! Claro que é muito mais significativo para quem estava em regime de monodocência, que sente uma diferença enorme, para mim e se calhar para a [nome], que já estamos habituadas a andar nisto de outra forma enquanto 2.º ciclo, achamo-nos mais em casa. Conseguimos encaixar mais facilmente num grupo assim do que propriamente numa sala da monodocência, em que chegamos lá e a transição demora ali um bocadinho até encaixar, deixar a professora titular e encaixar com a nossa presença dá ali um bocadinho mais de resistência. E aqui nunca sentimos isso, ou, pelo menos, eu falo por mim, nunca senti isso! Chegar eu, chegar a professora [nome], chegar a professora de Estudo do Meio, era tudo igual, era virar, (...) fechar o caderninho, mudar e seguir. E já o ano passado referi e continuo a

dizer que acho muito importante aquilo que nós fazíamos todas as semanas, e que devia ser feito por todos, porque aquelas reuniões que nós temos, em que levamos a falar às vezes coisas concretas, em que ficamos a conhecer melhor os alunos, e para nós, que estamos menos tempo com eles, (...) porque elas já os conheciam, nós temos uma visão exterior. É nestas trocas de informação semanal que nós ficamos a conhecer melhor os alunos e como é que devemos proceder com este ou com aquele, qual é a melhor estratégia que funciona com um e sabemos que com aquele não funciona. Será que a colega faz, como é que faz, como é que vamos fazer para as coisas baterem todas certinhas. Acho que nesse aspeto é muito importante! E daí ser muito importante mesmo para todos. Isto sair daqui, enquanto projeto funcionar assim, mas mesmo quem não está no projeto devia ter aquele ponto de encontro para trocar ideias, para trocar experiências, para trocar... não sei... saberes! (...) Deixa-me dizer também que eu senti isso, eu muitas vezes ia para a sala dela e ela abria-me logo o caminho, para eu não perder tempo, e dar continuidade. E isto também foi feito por ela (...) Se bem que, se houve essa recetividade, porque nós partilhávamos a mesma sala (...) Éramos só nós... e ela já tinha aberto o caminho para eu também ir já para a frente, assim como foi aberto o caminho para a [nome], para ela depois não perder muito tempo e estar tudo pronto. (...) E até respeitávamos o espaço umas das outras, nós que partilhávamos a sala... Sim, porque eu partilhava com elas todas! (...) Mas é isso, houve sempre respeito, houve sempre entreajuda, houve sempre partilha daquilo que era preciso (...) Foi muito bom! Muito positivo! (...) Eu também faço uma avaliação muito boa do projeto. Quando me meti nisto, e tu sabias que eu ia aderir facilmente, a minha primeira ideia foi se isto ia ser bom para os miúdos. Não hesitei: "Claro que vai ser bom!" Porque não é Deus no céu e eu na terra, isto não tem que girar à volta da professora da turma, isto tem que girar à volta deles! E quando fiz foi a pensar neles (...) E quando enfrentámos os pais e explicámos, foi no sentido de lhes fazer ver que isto era importante para o desenvolvimento dos seus filhos. Conclusão da história: Foi bom para eles, mas foi muito, muito muito bom para mim! Porque o que eu sinto agora é que eu estava, esta palavra não existe, mas eu vou dizer, a emburrecer! (...) mas isto para dizer que eu me sentia estagnada. Estagnada em termos do trabalho. Isto porque eu já vivi tanta coisa a nível quer de mudança de

Programas, quer de implementações de Programas, implementações de Metas, e de projetos, e de formações contínuas de Ciências e aquelas coisas todas, mas que, no fundo, não saía das 4 paredes! Estava ali comigo e com os meus alunos! Portanto, tudo aquilo que uma pessoa traz de trás, as nossas competências, foram ainda mais desenvolvidas neste projeto. E antes iam ficando adormecidas. E isto fez com que elas voltassem novamente a aflorar e a dar-me outra motivação que já ia perdendo, por fazer quase sempre já da mesma maneira. Para além do projeto ter sido muito bom, a motivação aqui também conta muito... E esse é o balanço que eu faço. À parte de tudo aquilo que já aqui foi dito, das partilhas, fiz pelos alunos, mas eu também saí daqui muito mais rica! (...) Exatamente, de praticamente dois períodos letivos, em que a professora que já vinha do 1.º ano deste projeto me cedeu o lugar (...) Tinha duas coisas: uma escola nova e vir substituir uma professora! O que é sempre um empato (...) Até nesse sentido os miúdos foram muito agradáveis, (...) ouviram, cantaram e, lá está, o saber receber. (...) Porque não é fácil, eu sou contratada já há bastante tempo (...) e a pessoa chegar assim a um sítio e ser bem recebida, quer pelos alunos, quer pela coordenação, quer pelos colegas, todos sempre com um sorriso na cara. Isto mostra que o projeto não só ensina como motiva as pessoas e leva as pessoas a tornarem-se mais felizes. E eu saio daqui realmente muito agradada, tenho falado muito deste projeto. Mas realmente senti que a [nome da escola] (...) tinha alguma coisa de especial. E realmente era isto que unia as pessoas e que faz falta para ficarmos motivados e, só assim, o sucesso só aparece se realmente tivermos pessoas boas de coração e que gostem de implementar coisas diferentes. E que sejam loucas e que sejam divertidas e que mostrem aos alunos realmente aquilo que são, não é aquilo que não são! Portanto, agradeço a todas e a ti, (...) realmente porque és muito fixe! (...) Muitas felicidades e obrigada por me deixarem estar aqui! (...) Pois, olha, eu acho que é assim, a apreciação global é: não oferecer resistência à mudança é muito bom, é diferente. Ser diferente ajuda a crescer e a fazer crescer, porque este ano também foi tudo diferente para mim! E eu acho que saí também, a nível pessoal e a nível profissional, mais crescida... com o vosso projeto, que também estive incluída nele, e com todo este ambiente educativo e de aprendizagem em que eu estive envolvida. Foi muito bom! (...) Olha, nós, eu pelo

menos, assim como vocês, ouvimos às vezes falar destas coisas, a pluridocência no 1.º ciclo... Mas aqui eu tive a oportunidade de ver, na prática! Foi a primeira vez que eu vi! E que participei, também diretamente. Já agora, quero um certificado... Sim, porque isto no meu Currículo isto deve valorizar imenso, porque eu posso chegar a algum sítio e dizer, eu vou dizer: “Eu participei, está aqui!” Eu já estive em escolas pequenas em que as professoras, e até com muitos anos de serviço já, em que as professoras comentavam: “Ai, era tão bom, eu gostava tanto de só dar Matemática!” E a outra: “Olha, eu dava Português e a [nome] ficava com o Estudo do Meio! Pode ser, pode ser!” E tinham esta vontade! (...) Mas é assim, embora vocês dessem cada uma áreas diferentes, não quer dizer que fossem em compartimentos estanques! É isso que eu também acho ótimo! Fizeram transversalidade! Eu acho ótimo! (...) Por outro lado, já partilhei isto com outras pessoas também com muito tempo de serviço e: “Ai não! Nem pensar! Mas achas que isto vai dar resultado???” Eu agora posso chegar aos sítios e dizer: “Não, eu vi! E deu resultado! Os resultados foram estes e foi maravilhoso! E as colegas andavam motivadíssimas e felizes!” Isto foi uma coisa que eu gostei muito, que resultou muito bem, é uma experiência que fica também para mim, para a vida inteira! E que vou partilhar com todas as pessoas, com todos os colegas. (...) Eu fui um bocadinho envolvida nisto, (...) sem ter visto na prática se calhar era daquelas que tinha resistência, tinha assim, se calhar medo e, se calhar se me convidarem um dia para uma coisa destas se calhar também vou com medo, mas eu vi! E vi que deu bem, e vi que resultou, e vi que atitude é que tenho que ter perante as colegas, e vi como é que trabalhamos. Já vou com outra ideia. (...) Dou-te os parabéns por teres sido a mentora deste projeto. E a todas nós que funcionámos tão bem, no meio de tanto velho do Restelo (...) Eu acho que os professores também precisam destas lufadas de ar fresco, porque o problema fulcral do nosso ensino, lá das Metas e das coisas todas desajustadas, acho eu que é a disciplina. Os miúdos indisciplinados com 3 professoras ou mais diluem-se, porque uma trata de uma maneira, outra trata de outra. Eu lembro-me, por exemplo, do Faustino. O Faustino andou ali no ponto! No ponto! Era com uma, era com outra... não havia diferença. Noutros contextos era terrível! A nível de disciplina os resultados também são ótimos. (...)

ANEXO XIIIId

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/EE

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA EFG2/EE

Unidades de Sentido

1. *[Acerca do impacto do projeto investigativo nos resultados dos alunos]* (...) Eu acho que teve impacto. (...) Eu acho que foi positivo [o impacto]. Para já no sentido em que não houve retrocessos... isso já é uma parte positiva (...)
2. (...) podíamos ter verificado retrocessos na aprendizagem dos alunos e isso não se verificou. Alguns mantiveram os níveis dos anos anteriores, mas outros conseguiram até melhorar bastante. E daí eu considerar que o saldo seja positivo (...)
3. (...) Acho que a qualidade, que não é só em termos de sucesso, (...) mas acho que a qualidade da aprendizagem deles, que levou aos bons resultados escolares, é muito positiva. (...)
4. (...) Melhorou, sim. Eu acho que aí até é sobretudo a qualidade, a qualidade [dos resultados] (...)
5. (...) Não tenho termos de comparação com os outros anos, mas achei que foi um projeto muito interessante, principalmente com os meus miúdos de CEI, porque treinou muito a autonomia e a formação pessoal deles e a articulação também já depois com o próximo ano letivo (...)
6. (...) achei que eles [alunos NEE] estavam muito bem, que autonomamente conseguiam gerir as disciplinas, as turmas onde estavam e mesmo a nível de aprendizagens, achei que é um mecanismo extremamente útil para aprendizagens transversais, que eles vão aprendendo ao longo da vida. Achei muito, muito bom! (...)
7. (...) Muito, muito bom, muito positivo [o impacto], sim, sim! (...)
8. (...) A nível da funcionalidade deles para a vida, aprenderem para a vida, (...) coisas práticas, coisas funcionais, aprendizagens funcionais, achei que foi muito importante. Achei que foi um projeto que (...) foi uma mais-valia para essas aprendizagens a nível transversal, de todas as áreas e todos os domínios de aprendizagem. (...)
9. (...) realmente com estas três turmas, adorei trabalhar com eles! Saia daqui mesmo realizada! Sabem estar, sabia que podia contar com eles, não são aqueles

miúdos rebeldes, têm uma forma diferente de estar na sala de aula, e tudo o que fosse para ensinar de novo, aprendiam num dia! Não demoravam semanas e semanas. (...)

10. (...) O nível musical foi muito bom! (...)

11. (...) Também concordo que a qualidade [dos resultados] melhorou! (...)

12. (...) A [nome da aluna NEE], eu acho que aqui maximizou muito as potencialidades dela e aqui desenvolveu muitas competências a nível social e a nível da Língua, linguagem oral. Foi, foi! (...) Ela até apresentou histórias! (...)

13. (...) o problema fulcral do nosso ensino, lá das Metas e das coisas todas desajustadas, acho eu que é a disciplina. Os miúdos indisciplinados com 3 professoras ou mais diluem-se, porque uma tratam de uma maneira, outra tratam de outra. Eu lembro-me, por exemplo, do [nome do aluno]. O [nome do aluno] andou ali no ponto! (...) Era com uma, era com outra... não havia diferença. Noutros contextos era terrível! A nível de disciplina os resultados também são óptimos. (...)

14. [*Acerca do impacto do projeto investigativo no envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem*] (...) Eu posso falar da área da Música também, que é interessante (...) nota-se que não há grande discrepância entre a evolução da flauta, um sabe tocar menos, outro sabe tocar mais, e todos eles estão muito envolvidos em poder ajudar, não há diferenças entre os alunos. (...)

15. (...) Há um ou outro, mas que vai sempre atrás e ninguém discrimina ninguém. Nota-se esse sentido de grupo [alunos], a união do grupo (...)

16. (...) [os alunos] tinham uma grande pedalada, sim! E uma grande facilidade em aprender, mesmo os meninos com necessidades educativas especiais (...) Nunca desistir, nunca... (...)

17. (...) Em vez de termos metade da turma que vai participar e outra metade que fica a olhar, porque não sabe tocar, a maioria tocou! A maioria ou quase todos (...) estavam todos envolvidos. (...)

18. (...) Podiam até chegar à sala todos agitados, até organizar, como crianças que chegam do recreio, mas depois o aprender era... e tinham gosto! Eram crianças com uma cara alegre! Com vontade, sim! E trabalharam sempre em turma. (...)

19. (...) Eu acho que no segundo ano melhorou significativamente [o envolvimento dos alunos]. (...)

20. (...) houve um grupo de miúdos que se auto propuseram ajudar aqueles que estavam a ficar para trás. Na hora do intervalo e na hora do almoço eles juntavam-se e “vamos, tens que conseguir, nós vamos conseguir!” E isto foi uma situação que eu não estava à espera, porque não foi motivada por mim, não foi instigada por qualquer uma de nós, partiu deles. E isto mostra a coesão, a união, que ajudou a melhorar. (...)
21. (...) o envolvimento deles [alunos] em que ninguém ficasse para trás. Isto foi um exemplo que me deixou feliz no fundo (...) Isto foi uma passagem curiosa que ajudou também nos resultados. (...)
22. (...) esse envolvimento deles e a motivação que eles [alunos] sempre mostraram nas aulas, eu acho que também teve um bocadinho que ver com a equipa de professores que eles apanharam. Porque eles sentiam esta coesão entre nós, nós estávamos de facto 100% envolvidas e eles viam a boa relação entre todas (...) E todas em sintonia. (...)
23. (...) E viam que muitas vezes também pedíamos ajuda umas às outras (...) passou a ser normal para eles [alunos] ajudar e ser ajudado, tal como as professoras faziam entre si. E eu acho que esta coesão e esta sintonia passou para eles. (...)
24. (...) eles [alunos] sabiam que nós nos reuníamos, a titular de turma muitas vezes falava em coisas e eles sabiam que isso tinha passado das restantes professoras para nós (...) Eu acho que eles perceberam esse envolvimento e eles próprios responsabilizaram-se também por isso. (...)
25. (...) acabou por se formar um grupo de 66 alunos e 2, 4, 6, 8 professores (...) Foi um grupo, não é a turma y ou a turma z, somos nós, somos o projeto, estamos todos a trabalhar para o mesmo, que no fundo era o sucesso, e todos se envolveram no mesmo em prol do mesmo objetivo. (...)
26. (...) Quem está de fora, como eu que só vou às salas de vez em quando, e vejo as coisas assim mais de fora em várias turmas, a ideia que dá é a de uma grande equipa. Tudo junto, alunos, professores, é tudo uma grande equipa, um organismo orgânico, vivo, ali a trabalhar... autónomo, exatamente! É muito engraçado. (...)
27. *[Acerca do impacto do projeto investigativo no envolvimento/participação dos pais/E.E. na vida escolar dos alunos]* (...) eu acho que neste segundo ano de

desenvolvimento do projeto, notei os pais bem mais tranquilos do que no primeiro. (...)

28. (...) como nos reuníamos sempre à segunda-feira, sempre que um pai nos colocava uma questão de uma outra disciplina nós tínhamos essa resposta e eu acho que isso levou a tranquiliza-los. (...)

29. (...) Penso que neste segundo ano eles acompanharam muito os filhos, (...) mas em termos dos atendimentos mensais achei-os mais tranquilos. Acho que questionavam menos o que se passava nas outras disciplinas. (...)

30. (...) Até porque sempre tinham à vontade de abordar qualquer uma de nós (...) Não tinham qualquer problema em dirigir-se à outra professora que não fosse a professora titular e perguntar (...) Daí a tranquilidade (...)

31. (...) Com os pais que eu falei, e pais de crianças com necessidades educativas especiais são ainda mais ansiosos do que os outros, (...) a mudança é difícil para todos, mas todos referiram no fim: "Isto foi muito bom, porque ele já está habituado!" Foi uma segurança também para os pais. O mudar de sala, que foi uma mudança introduzida este ano, mudar de salas, mais as professoras: "Ai ele para o ano já vai habituado! Não vai ser tão difícil!" Foi um descanso também para os pais nesse sentido. (...)

32. (...) O acompanhamento [parental] era feito. Havia aqui uma insegurança e eu defino isto assim: primeiro estranha-se, depois entranha-se e assume-se! E foi o que acabou por acontecer (...) eles primeiro estranharam, foi um choque inicial, depois vamos ver como é que isto está, depois vou questionar, (...) vou ver se a coisa bate certo. A coisa começou a bater certo, vamos tranquilizar, vamos deixar a parte das professoras, os nossos filhos estão bem entregues, agora vamos apoiá-los (...) insistentemente, nas aprendizagens. (...)

33. (...) Deixaram de ter a preocupação com o grupo [equipa docente] e passaram a focar-se nos filhos e no acompanhamento. (...)

34. (...) E foram pedidos muitos trabalhos, nos quais era necessária a participação dos pais (...) E todos eles aderiram a esses trabalhos e vieram apresentar com a colaboração dos pais, estou-me a lembrar do Sistema Solar, das fichas de leitura que os pais também controlavam e ajudavam na leitura e no preenchimento (...)

35. (...) Eles [pais] tinham sistematicamente o feedback do que os filhos estavam a fazer! (...)
36. (...) Eles [pais] praticamente estavam envolvidos sempre! (...) Sempre! (...) Ou numa atividade ou noutra, não tinham descanso também! (...) Não eramos só nós! (...)
37. (...) O feedback era dado sistematicamente, portanto, (...) não era necessário vir tantas vezes questionar (...) Porque eles iam recebendo em casa essa informação. (...)
38. (...) E como era uma rotina, tanto os cálculos como a verificação da leitura, semanal, eles [pais] verificavam (...) Portanto, eles já sabiam e estavam envolvidos sem querer, coitados... (...)
39. (...) esta transparência do trabalho que fazemos na sala de aula e que passa para casa, porque tudo aqui foi transparente, eu acho que isso também conduziu a essa tranquilidade dos pais. E acabaram por se envolver desta forma! É transparente. (...) Fizemos. Vai a casa. Volta. É do conhecimento de todos. (...)
40. (...) E ao participarem nesses trabalhos dos filhos acho que também acabaram por valorizar esse trabalho, o que fez com que fosse promovida a maior vontade de trabalhar e de obter resultados e de chegar ao sucesso. Isso é muito importante! (...)
41. (...) Nenhum deles [encarregados de educação], (...) aí ao início do terceiro período, nenhum deles queria voltar para trás. Isto é significativo, não é? Quando eles nos davam o feedback nas reuniões que também fazíamos com os pais mensalmente, eles diziam: “Não queremos voltar para trás!” (...) Nem se imaginavam a ter que voltar atrás, isto é, voltar a ter só uma professora, o normal (...) Na mesma sala... o dia todo... (...)
42. *[Acerca do impacto do projeto investigativo na qualidade do ensino ministrado]*
(...) Sem dúvida [houve impacto]! Muito mais tempo para me dedicar àquilo que é o essencial, a debruçar-me sobre aquilo que é fundamental para eles, fazer uma seleção e, fundamentalmente dedicar-me só àquilo. (...)
43. (...) Claro que, se eu me dedicar só a uma área, eu serei completamente diferente (...) Claro que serei melhor nas minhas práticas (...) E na transmissão de conhecimentos. E aprofundo mais e tenho mais tempo para me aprofundar sobre

outros conceitos, a selecionar o que é essencial, o que é que eu quero diretamente que eles aprendam e que eles levem daqui, naquela área específica. Portanto, as práticas melhorarão obrigatoriamente, porque me dedico àquilo, principalmente àquela área específica. (...)

44. (...) É muito diferente preparares aulas (...) A nível de estratégias e tudo... E trabalho, atividades, tudo! (...) preparares atividades para várias áreas do que te dedicares só a uma. Ou a duas que fossem! Pronto, tu procuras (...) dissecar um bocadinho, ver aquilo que é realmente essencial e focar no essencial (...)

45. (...) a Matemática tem alguma linguagem técnica específica, assim como todas as disciplinas. Mas eu dei por mim a usar termos mais técnicos e mais científicos agora, nestes dois anos, do que propriamente antes desta experiência. Porquê? Tínhamos tanta coisa para dar, que aquele determinado conteúdo não podia ser tão aprofundado (...)

46. (...) Agora, eu tentava dar a parte técnica e, ao mesmo tempo, arranjava estratégias para que eles chegassem a essa linguagem técnica. Deixava-os usar a linguagem normal, comum, e depois tentava encaminhar para usar os termos mais adequados. (...) Eu penso que também a nível da linguagem específica de cada uma das áreas, que ela foi mais trabalhada. (...)

47. (...) Mesmo as nomenclaturas, (...) eu insistia para eles utilizarem. (...) Insistia mais agora. Insisti mais agora. (...) Porque estou dedicada, só estou focada naquela e quero prepará-los o melhor possível naquela disciplina. (...)

48. (...) Quando estou a dar muitas disciplinas, é tanta coisa que há coisas que eu ia desculpabilizando, porque era eu que estava a dar as informações todas e então pensava: “ai, coitadinhos, já têm tanta coisa...” (...) E agora, responsável por uma só disciplina, ela tem que ser bem dada (...)

49. (...) Eu acho que ensinei melhor. (...) E eles saíram melhor preparados (...)

50. [*Acerca do impacto do projeto investigativo na suavização da transição de ciclo de ensino dos alunos*] (...) E isso vai ao encontro da ideia que muita gente defende que o conhecimento deve ser transversal, não em compartimentos estanques (...) é tudo, uma grande diversidade, mas tudo transversal. (...) Mas que lhes dá uma grande autonomia depois, para quando eles forem para outro nível de ensino já estarem a par e já saberem gerir o tempo deles, a autonomia deles, (...) portanto,

toda aquela funcionalidade que irão ter e que para eles, em princípio iria ser novo (...) E que nesta altura já não vai ser (...)

51. (...) para os alunos com necessidades educativas especiais foi muito bom. Lidar com a mudança, organização da rotina diária, eles sabiam perfeitamente o seu dia. (...)

52. (...) Muito bom para a organização e gestão do tempo, a gestão do espaço. O esperarem na fila para os colegas saírem e eles depois puderem entrar... Muito bom, muito bom. (...)

53. (...) Terem que gerir as coisas deles e o espaço deles para não deixarem as coisas espalhadas por todo o lado, saberem onde têm a lancheira, onde é que deixam o casaco, onde é que deixam a sombrinha. E saberem gerir tudo isso depois na transição de sala para sala. Acho que foi muito positivo. Facilita-lhes bastante [a transição de ciclo]. (...)

54. (...) Como professora também do 5.º ano, porque sou professora de Educação Musical, quem me dera a mim que todas as escolas trabalhassem com este tipo de projeto, porque era muito mais fácil recebê-los, e eles chegam lá a cima e nota-se logo uma diferença, porque vão misturados, (...)

55. (...) E o saber estar, e o saber ser e vão com as regras todas [os alunos] (...) estas turmas deviam seguir assim, para maior sucesso ainda dos meninos com necessidades educativas especiais. Todos juntinhos era uma maravilha! (...)

56. (...) Especificamente com os alunos de CEI, (...) eu acho que eles vão mais do que autónomos e com uma grande perceção daquilo que lhes vai acontecer e como é que hão de organizar-se no espaço e no tempo, porque depois também fizemos as visitas guiadas lá às escolas, (...) Então eles já tomaram contacto com todos aqueles ambientes de ensino-aprendizagem. (...)

57. (...) Eu acho que há mais um ponto que nós devemos referir, não só em termos da organização dos recursos e dos materiais, mas eles [alunos] já se aperceberam que cada professora vai ser diferente. E que se podem comportar de uma maneira com uma, mas com outra tem que ser de outra forma... (...) Eu acho que eles perceberam isso. (...)

58. (...) E eles [alunos] já sabem que vão ter que se adaptar e que ao fim de x tempo aquilo dá uma lufada de ar fresco, porque estar a levar naquele registo as

cinco horas do dia, não só é penoso para nós, que estamos ali com os mesmos alunos, (...) é cansativo, como também é penoso para os miúdos (...)

59. (...) Eles [alunos] já vão daqui diplomados em gestão comportamental e emocional! (...)

60. (...) estes miúdos agora chegam ao 5.º ano, chegam já com esta preparação, e é tão bom recebê-los já com esta bagagem! Se vão ser bem recebidos ou não, a nível depois de corresponder àquilo que eles estavam a receber, aí já é outro problema, não é? (...) Nós aqui fizemos um belo trabalhinho! (...)

61. (...) Quando o professor começar com aquela história: “Pois, vocês só tinham um professor, agora têm vários...” (...) “Ai, não, não, não, não, não!!! Nós não! Somos diferentes!” (...) “Agora vocês têm que pegar nas coisas, têm que sair da sala...” (...) “Oh professor, isso a gente já sabe, agora vamos para a outra sala!” Dizem logo! (...)

62. (...) Até o exemplo da [nome da aluna NEE] é um exemplo muito, muito bom para aquilo que eu disse ainda há bocadinho, que é que eles sabiam perfeitamente como é que se deviam comportar em cada uma das salas. E a [nome aluna] é mesmo visível, porque ela pedia a água e as cópias na minha, só. Nela ela ia contar histórias, a ler. Ali era para outra coisa. (...) E com a [nome da professora] só chamava “tixéi”. (...) “Tixéi” era só a professora de Inglês. (...)

63. [*Acerca do impacto do projeto investigativo no desenvolvimento de culturas profissionais colaborativas e reflexivas*] (...) E era extremamente importante que toda a aprendizagem (...) fosse através disso assim, que fosse transversal, que os professores estivessem todos interligados, estivessem todos em interação para darem as diferentes matérias porque todas se interligam (...) O conhecimento não é estanque (...)

64. (...) Essa cultura [colaborativa] para nós já era normal e era habitual e frequente, mas era frequente entre nós. (...) Eu acho que não era preciso haver projeto para haver colaboração e reflexão, mas uma vez que isso acontece muito pouco (...) infelizmente, porque as pessoas não estando em pluridocência podiam à mesma fazer, abrir a porta da sala (...) E fazerem coisas em comum, sem ter o nome de projeto (...)

65. (...) Não é preciso ter um projeto alinhavado para se fazer, isso já devia fazer parte da prática de todos os professores. Mas uma vez que há muita resistência, o projeto veio dar um pontapé nessas práticas. Eu acho que aqui ninguém teve problemas em fazer, nesta equipa, sempre a colaboração e a reflexão. E não era só no dia estipulado, porque quando nos cruzávamos, em momentos informais, passava muita informação. (...)

66. (...) Às vezes até chegávamos à nossa reunião semanal, mas já tínhamos dito as coisas que tínhamos apontado para passar umas às outras, porque nos encontrávamos aí na escola. Mas pronto, voltávamos a repetir e a refletir sobre as mesmas coisas várias vezes. Eu acho que isso é muito bom! Eu sinto-me apoiada (...)

67. (...) Todas nós temos experiência, seja lá em que disciplina for, mas temos experiência de muitas estratégias e essa reflexão... e as outras ajudam... Eu senti-me muito apoiada. (...)

68. (...) Só também o simples facto de chegarmos ali a uma altura e, por exemplo, a professora de Matemática dizer: “Não estou a conseguir cumprir a planificação, falta-me tempo”, acho que só o simples facto, por exemplo, duma ou de outra dizerem assim: “Oh pá, eu prescindo do Apoio ao Estudo e vá, o que é que é preciso que eu faça, eu ajudo-te! (...)” Eu acho que só isso tira 50 quilos de cima de cada um. Uma pessoa pensa assim: “Espera aí, eu posso contar com as minhas colegas!”

69. (...) isso foi outra coisa em que nunca houve qualquer problema! (...) estávamos sempre disponíveis para colaborar, apoiar (...) O problema não está no papel, o problema está nas pessoas, na mentalidade das pessoas (...)

70. (...) Acho que tem potencialidade para isso [o projeto] (...) Não é bem ter potencialidade para isso, num projeto destes é obrigatório estar envolvida essa dimensão, mas obrigatoriamente, mas cedo ou mais tarde, as pessoas não se podem fechar. (...)

71. (...) Também tem que ver com as relações que se estabelecem com os pares educativos. (...) Eu acho que havia pessoas na nossa escola e nas outras que iam custar a entrar na engrenagem (...) Eu acho que esse tempo tem que ver com as relações que se constroem nas comunidades educativas (...)

72. (...) Para isto ser melhor era exatamente implementar para quem quisesse, com 3 turmas, com 6 turmas e fazer ali uma equipa, a professora de Matemática com a professora de Matemática e entre elas refletir. (...) Equipas por área (...) Isso é que era brutal! (...)
73. (...) Quem já se envolveu numa cultura dessas [colaborativa e reflexiva] é natural que isso volte a acontecer. (...)
74. [*Acerca do impacto do projeto investigativo no desenvolvimento profissional e pessoal das docentes*] (...) na minha perspetiva, isto até foi uma autoformação. Não uma formação acreditada, não é, mas acho que contribuiu para o nosso desenvolvimento (...)
75. (...) Se calhar mais acreditada do que qualquer uma outra que tenhas tido (...) Porque é real! (...) Porque é real e é a tua satisfação pessoal! (...) E pôs os alunos à frente (...) E é no terreno! (...) O resultado a nível pessoal é melhor, é mais frutífero... Pessoal e profissional! (...)
76. (...) Sem dúvida! Aprendemos mais... aprofundámos mais os nossos conhecimentos (...) Porque eles queriam mais... exige mais e nós não nos podemos dispersar noutras coisas. (...)
77. (...) Em termos pessoais, andei muito motivada! Andei muito motivada por várias razões. Para já, para ver o feedback em diferentes turmas (...) se a maneira como eu lecionava numa turma se mantinha o resultado nas outras. Mas o que é certo é que a mesma aula era dada muitas vezes de maneiras diferentes (...) Quase sempre! (...) Sempre. Pronto. (...)
78. (...) Vamos buscar a nossa criatividade e ali naquele momento (...) inventava ali um exercício diferente para ver se eles faziam melhor, o que é que eu fazia? Nas outras turmas levava esse mesmo exercício (...) Não deixava fechado numa sala. (...) Eu acho que isso dá uma grande satisfação pessoal e acho que desafia-nos (...)
79. (...) Acho que isto obrigou-nos a sair um bocadinho mais (...) Da zona de conforto, porque os miúdos são diferentes e o que funcionava numa turma, podia não funcionar noutra e isso desafia-nos e puxa por nós. Eu senti isso! Daí eu achar que a nível pessoal me tenha sentido mais realizada e sempre motivada! (...)

80. (...) Eu também não saio daqui a mesma, por várias razões. Para já, pelo relacionamento que estabeleci com a equipa, pela confiança... Principalmente com vocês que estão mais próximas (...)
81. (...) E acho que, a nível pessoal, sem dúvida, muito mais rica. Claro que há uma coisa que é fundamental, que é partilhar mesmo tudo! (...) Tudo, tudo! (...)
82. (...) E isto, dizer, assumir que podemos falhar e que podemos não estar a fazer certo, e ouvirmos da outra pessoa: "Eu tenho exatamente a mesma opinião!", é não ter medo de nos expor! Não podemos ter medo de nos expor! (...)
83. (...) Mas eu tenho que assumir que comigo falhou e porque é que falhou (...) E tem que haver esta transparência! (...) Não há que ter medo do falhar (...) Acho que aí é que é a grande evolução! (...) Daí a escolha da equipa, pelo menos a nossa equipa inicial. Era impossível, se não houvesse esse à vontade, essa transparência, esse não medo, o não receio (...)
84. (...) As pessoas que estão no 1.º ciclo e na monodocência normalmente não têm com quem partilhar (...) É evidente que a maior parte das pessoas, neste nível de ensino fecha-se um bocado. É o normal! Fecham-se na sala delas. E nós não sentimos isso, o que foi outra grande aprendizagem. (...) E o projeto levou a isso. (...)
85. (...) Ai, eu vou de certeza [ser melhor professora]! (...) Sem dúvida! (...) Eu acho que sim. (...)
86. [*Acerca dos aspetos mais positivos do projeto investigativo*] (...) houve muitas mais-valias! Para além de tudo o que se falou, foram cumpridos os horários que foram estabelecidos, não só para as áreas nucleares, mas também em termos de expressões plásticas, físico-motoras, portanto tudo foi cumprido (...) E eles [alunos] ganharam muito também com isso (...)
87. (...) esta união [da equipa] sim, era muito bom! (...)
88. (...) Ter o apoio delas sempre! (...)
89. (...) Eu acho que nós fomos muito mais justas na avaliação dos nossos alunos. (...) era um grupo maior. Portanto, eram visões de cada uma na sua área, eram visões de um grupo e não só uma turma, não é, eram 3 turmas. E tentamos ser o mais justas possível (...)

90. (...) Aí, na avaliação, somos muito mais justas, na minha maneira de ver, porque avaliar não é fácil. Para mim não é fácil! (...)
91. (...) Temos essa visão! Uma visão mais global. (...) Um suficiente neste grupo era bom noutro grupo, porque o nível é diferente, daí a gente preparar uma aula para as três turmas e nunca ser diferente, e nunca correr igual. (...) Porque os ritmos são diferentes! (...) Os ritmos de trabalho eram diferentes, os grupos eram diferentes. (...)
92. (...) cada uma de nós (...) foi muito mais assertiva e muito mais justa na avaliação dos miúdos, eu acho que sim! É um outro contributo do projeto. (...)
93. (...) Primeiro que tudo, alunos! (...) Autonomia, relação pessoal (...)
94. (...) Primeiro aspeto positivo: alunos! Nas vertentes que a [nome] está a acabar de dizer, a autonomia, as competências sociais, a organização do tempo, do espaço, dessas coisas todas, porque nós trabalhámos para eles. (...)
95. (...) o aspeto para mim mais positivo é o desenvolvimento que verifiquei nos alunos nesses aspetos e na aprendizagem. Nos métodos de trabalho, nos métodos de estudo. Esse é o primeiro (...)
96. (...) Depois há a parte da formação profissional... e pessoal. (...) Desenvolvimento profissional e pessoal! (...)
97. (...) Também concordo com o desenvolvimento pessoal e profissional. (...)
98. (...) Outro aspeto: a avaliação concertada. Justa, mais justa e concertada, porque atenção todas as notas atribuídas foram feitas em equipa, quer a de Português, quer a de Estudo do meio, quer a de Matemática, quer a de Expressões. (...) Portanto, até aí eu acho que os alunos beneficiaram de uma melhor avaliação. Estávamos todas implicadas nessas disciplinas, nessas notas. (...)
99. (...) A corresponsabilização, é isso! (...)
100. (...) Para mim é a motivação. Motivação! (...)
101. (...) E a cooperação, e a partilha! (...)
102. (...) A partilha, a motivação! (...)
103. (...) A inclusão! A inclusão, que é muito importante, e a articulação entre todas. (...)

104. (...) Fizemos inclusão sim! Fomos as únicas turmas com meninos CEI! Os únicos alunos com Currículo específico Individual de 4.º ano eram só os meninos do projeto. (...)
105. (...) A integração, não só dos alunos, mas dos novos professores que chegam assim a meio do projeto, e levar assim com estas beldades... que são diferentes! (...) Não me apercebi logo que era um projeto, mas vi logo que eram pessoas especiais. Realmente estavam com outra motivação e com outra forma de receber outro professor naquele projeto! Já se notava que eram diferentes! (...)
106. (...) Chegar ali a uma sala de monodocência e... “Oh, chegou a professora de Música.” E ali era logo uma festa, aquele espetáculo que eu também gosto e os miúdos ficavam logo alegres e aquilo tudo! (...)
107. (...) E chegar ali e sentir que o professor gosta de nós, (...) e sentir que os alunos gostam de nós e estão já ali prontos para nos receber, é bom! Portanto, eu como novata agradeço realmente, e fica já aí registado, que se vê logo que são do projeto, porque têm uma outra forma de receber quem vem de novo no seio da equipa, ou quem entra na sala. (...)
108. (...) Aqui vamos a passar na rua e eles [alunos] tratam-nos igual porque somos quase como se fosse a professora titular! Aqui no projeto, não é, porque as professoras dão essa entrada, dão essa... autorizam! (...)
109. (...) Mas indo ao encontro do que a [nome] disse dos aspetos positivos da inclusão, foi engraçado na festa, na última atuação, a [nome aluna] apareceu ao pé de mim e da Tânia, e não da professora titular, e veio para ao pé de nós. (...) depois nós é que a empurrámos para ir para ao pé da turma dela. Portanto, essa inclusão, não só com os outros meninos, mas ela sentiu que também foi com as outras professoras, identificava-se com todas! (...) Com qualquer uma de nós! O que foi bom! (...)
110. (...) Sim, a [nome] e os outros [alunos NEE]. Mas a verdade é que eles suplantaram as expetativas e isto deu-lhe segurança, porque ela não precisava de andar sempre ao pé da [nome] para ter segurança. Com qualquer uma das outras professoras (...) E andava à vontade, sem restrições. (...)
111. (...) Porque a essência humana também é social (...) Mesmo as crianças que têm espetro do autismo têm necessidade de estar em grupo e quanto mais

alargado, melhor é, porque acaba por lhes atenuar as estereotipias, os medos, as fobias de estar em grupo, etc. E nós temos que lhes ir dando isso paulatinamente. E acho que nesse caso (...) funcionou, no meu ponto de vista, funcionou excelentemente. Foi muito, muito bom. Muito bom mesmo! (...)

112. (...) Mas acho que eles [alunos] funcionaram mesmo muito por tutoria (...) Aliás, eles [alunos NEE] não saiam da sala de aula sem ter que ir chamar os outros todos. (...) Era exatamente. Podia faltar ali alguém, sim, sim. (...)

113. (...) Estás a ver, eu acho que a [nome da aluna NEE] é um dos exemplos perfeitos dos aspetos positivos deste projeto. (...) este ano achei que tinha havido ali uma maximização, um desenvolvimento do exponencial dela mesmo a todos os níveis. Já não é com as ecolalias que ela se exprimia e representava, mas às vezes através mesmo de frases já contextualizadas e completas, que eu ficava: “Ahhhh... olha, toma!” (...)

114. (...) acho muito importante aquilo que nós fazíamos todas as semanas, e que devia ser feito por todos, porque aquelas reuniões que nós temos, (...) É nestas trocas de informação semanal que nós ficamos a conhecer melhor os alunos e como é que devemos proceder com este ou com aquele, qual é a melhor estratégia que funciona com um e sabemos que com aquele não funciona. (...) Acho que nesse aspeto é muito importante! (...)

115. (...) E até respeitávamos o espaço umas das outras, nós que partilhávamos a sala... Sim, porque eu partilhava com elas todas! (...) Mas é isso, houve sempre respeito, houve sempre entreaajuda, houve sempre partilha daquilo que era preciso (...)

116. [*Acerca dos aspetos menos positivos do projeto investigativo*] (...) No início, alguma resistência por parte dos pais, porque também era desconhecido, não sabiam. Tal como nós tínhamos insegurança, eles também! (...)

117. (...) mesmo a nível (...) das colegas, o primeiro ano foi complicadíssimo, algumas pessoas sentem mais ou lidam pior do que as outras, eu não lido muito bem. Foi muito difícil, mas apesar dessas dificuldades, digo conscientemente e sem qualquer problema: Fui muito feliz nestes dois anos e foi este projeto que fez com que eu pensasse em ir lecionar para o 2.º ciclo. (...)

118. (...) Ai, isso agora é que é mais difícil! Aspectos menos positivos (...) é a continuação da resistência de algumas pessoas e de verem tudo com desconfiança e de acharem (...) que nós tínhamos outro tipo de horário, de não acreditarem que nós nos juntávamos todas as semanas, acho que ainda hoje há pessoas que não acreditam nisso. Portanto, essa resistência dos outros! Da nossa parte, não! (...)
119. (...) A não continuidade do projeto. Também é um aspeto negativo. Pronto, foi bom, foi muito bom, teve resultados óptimos, e agora fecha-se a porta! (...)
120. (...) Negativo, isto agora ficar aqui fechado! E pronto, foi bom enquanto durou e agora acabou! (...) Pois, muito negativo! (...)
121. (...) Dentro do projeto, não! (...) Os aspetos negativos são extra projeto! (...)
122. (...) Não, não há [aspetos menos positivos]! (...)
123. [*Acerca da apreciação global do projeto investigativo*] (...) eu gostei muito e, como já disse, achei muito pertinente e fiquei muito contente de haver aqui um projeto destes, que eu acho que se deveria repetir, que eu acho que deve dar imenso trabalho, mas que também deve dar muita satisfação... (...)
124. (...) Olha, eu posso dizer que fui muito feliz nestes dois últimos anos, apesar de todas as contrariedades que tivemos, e foram muitas... (...)
125. (...) Eu como parte nova aqui no grupo, achei uma ideia e um projeto muito pertinente. (...)
126. (...) Foi uma experiência muito boa. (...)
127. (...) Voltar agora atrás era um retrocesso, ia deixar-nos infelizes, eu falo por mim, vá. Ia ficar infeliz! (...)
128. (...) Eu fiquei muito feliz com o projeto, sim senhora! E saber que há escolas que querem andar para a frente, assim como foi com o projeto. Foi muito giro, muito inovador, muito funcional (...)
129. (...) Gostei muito, sim senhora! Belo projeto! (...)
130. (...) isto foi o concretizar de um sonho, para mim, um desejo, vá. Um desejo concretizado, porque eu tinha muita vontade em experimentar, na minha T-shirt eu tinha escrito atrás, na festa: "Desejo concretizado!" É verdade! (...)
131. (...) Bendita a hora em que tiveste esta ideia e que nos convidaste a nós, ainda bem que te lembraste de nós! (...) Só tenho a agradecer a oportunidade que

me deste de estar envolvida numa coisa em que eu acredito, que tinha vontade de fazer e que gostei imenso! E ainda bem que fiz! Pronto! Obrigada! (...)

132. (...) Pronto, perante tudo o que foi dito a apreciação global é positiva. Foi importante passar pelos constrangimentos, pelas adversidades, até isso me fez crescer, e não me fez diminuir enquanto docente, fez-me fortalecer. E só me ajudou, tudo, tudo à volta, só me ajudou a continuar assim e a ser diferente (...)

133. (...) Em termos de projeto, tinha ansiedade, tinha medos, como toda a gente. Tinha medo de fracassar, (...) estava consciente dos riscos todos que estava a correr, não me meti nas coisas sem saber, porque eu analiso primeiro sempre o risco, analiso as frustrações, analiso tudo isso, sou muito pouco optimista, mas acredito, acreditei que, acreditei do fundo do coração que ia dar certo. (...) Ainda bem que o fiz, ainda bem que passei por este processo, é uma aprendizagem para a vida, que só eu, só nós que participámos é que levamos daqui. Mais ninguém! (...)

134. (...) Gostei! Adorei! Houve dificuldades, houve contrariedades, houve isso tudo, mesmo dentro, com os miúdos, houve coisas que nem sempre foi fácil (...) Os pais, com todos não foi fácil, se calhar a parte mais fácil foi a relacional com as colegas (...) uma coisa muito positiva! Mas valeu a pena, voltava a fazer tudo. Tal como a [nome] disse, muito obrigada! (...)

135. (...) Foi bastante positivo! Claro que é muito mais significativo para quem estava em regime de monodocência, que sente uma diferença enorme, para mim e (...) para a [nome], que já estamos habituadas a andar nisto de outra forma enquanto 2.º ciclo, achamo-nos mais em casa. Conseguimos encaixar mais facilmente num grupo assim do que propriamente numa sala da monodocência, em que chegamos lá e a transição demora ali um bocadinho até encaixar (...) E aqui nunca sentimos isso, ou, pelo menos, eu falo por mim, nunca senti isso! (...)

136. (...) Foi muito bom! Muito positivo! (...)

137. (...) Eu também faço uma avaliação muito boa do projeto. Quando me meti nisto, (...) a minha primeira ideia foi se isto ia ser bom para os miúdos. Não hesitei: “Claro que vai ser bom!” (...) E quando fiz foi a pensar neles (...) E quando enfrentámos os pais e explicámos, foi no sentido de lhes fazer ver que isto era

importante para o desenvolvimento dos seus filhos. Conclusão da história: Foi bom para eles, mas foi muito, muito muito bom para mim! (...)

138. (...) o que eu sinto agora é que eu estava, (...) a emburrecer! (...) mas isto para dizer que eu me sentia estagnada. Estagnada em termos do trabalho. Isto porque eu já vivi tanta coisa a nível quer de mudança de Programas, quer de implementações de Programas, implementações de Metas, e de projetos, e de formações contínuas de Ciências e aquelas coisas todas, mas que, no fundo, não saía das 4 paredes! Estava ali comigo e com os meus alunos! Portanto, tudo aquilo que uma pessoa traz de trás, as nossas competências, foram ainda mais desenvolvidas neste projeto. E antes iam ficando adormecidas. E isto fez com que elas voltassem novamente a aflorar e a dar-me outra motivação que já ia perdendo, por fazer quase sempre já da mesma maneira. (...)

139. (...) Para além do projeto ter sido muito bom, a motivação aqui também conta muito... E esse é o balanço que eu faço. À parte de tudo aquilo que já aqui foi dito, das partilhas, fiz pelos alunos, mas eu também saí daqui muito mais rica! (...)

140. (...) não é fácil, eu sou contratada já há bastante tempo (...) e a pessoa chegar assim a um sítio e ser bem recebida, quer pelos alunos, quer pela coordenação, quer pelos colegas, todos sempre com um sorriso na cara. Isto mostra que o projeto não só ensina como motiva as pessoas e leva as pessoas a tornarem-se mais felizes. E eu saio daqui realmente muito agradada (...)

141. (...) E realmente era isto [o trabalho em equipa] que unia as pessoas e que faz falta para ficarmos motivados e, só assim, o sucesso só aparece se realmente tivermos pessoas boas de coração e que gostem de implementar coisas diferentes. E que sejam loucas e que sejam divertidas e que mostrem aos alunos realmente aquilo que são (...)! Portanto, agradeço a todas e a ti, (...) Muitas felicidades e obrigada por me deixarem estar aqui! (...)

142. (...) eu acho que é assim, a apreciação global é: não oferecer resistência à mudança é muito bom, é diferente. Ser diferente ajuda a crescer e a fazer crescer, porque este ano também foi tudo diferente para mim! E eu acho que saí também, a nível pessoal e a nível profissional, mais crescida... com o vosso projeto, que

também estive incluída nele, e com todo este ambiente educativo e de aprendizagem em que eu estive envolvida. Foi muito bom! (...)

143. (...) nós (...) ouvimos às vezes falar destas coisas, a pluridocência no 1.º ciclo... Mas aqui eu tive a oportunidade de ver, na prática! Foi a primeira vez que eu vi! E que participei, também diretamente. (...) Mas é assim, embora vocês dessem cada uma áreas diferentes, não quer dizer que fossem em compartimentos estanques! É isso que eu também acho ótimo! Fizeram transversalidade! Eu acho ótimo! (...)

144. (...) Eu agora posso chegar aos sítios e dizer: “Não, eu vi! E deu resultado! Os resultados foram estes e foi maravilhoso! E as colegas andavam motivadíssimas e felizes!” Isto foi uma coisa que eu gostei muito, que resultou muito bem, é uma experiência que fica também para mim, para a vida inteira! E que vou partilhar com todas as pessoas, com todos os colegas. (...)

145. (...) sem ter visto na prática se calhar era daquelas que tinha resistência, tinha assim, se calhar medo e, se calhar se me convidarem um dia para uma coisa destas se calhar também vou com medo, mas eu vi! E vi que deu bem, e vi que resultou, e vi que atitude é que tenho que ter perante as colegas, e vi como é que trabalhámos. Já vou com outra ideia. (...)

146. (...) Dou-te os parabéns por teres sido a mentora deste projeto. E a todas nós que funcionámos tão bem, no meio de tanto velho do Restelo (...)

147. (...) Eu acho que os professores também precisam destas lufadas de ar fresco (...)

ANEXO XIIIe

CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/EE

CATEGORIZAÇÃO DA EFG2/EE

1. RESULTADOS DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INVESTIGATIVO.**1.1. ANÁLISE DO IMPACTO DO PROJETO INVESTIGATIVO.****1.1.1. NOS RESULTADOS ESCOLARES DOS ALUNOS.**

- (...) Eu acho que teve impacto. (...) Eu acho que foi positivo [o impacto]. Para já no sentido em que não houve retrocessos... isso já é uma parte positiva (...) **(1)**
- (...) podíamos ter verificado retrocessos na aprendizagem dos alunos e isso não se verificou. Alguns mantiveram os níveis dos anos anteriores, mas outros conseguiram até melhorar bastante. E daí eu considerar que o saldo seja positivo (...) **(2)**
- (...) Acho que a qualidade, que não é só em termos de sucesso, (...) mas acho que a qualidade da aprendizagem deles, que levou aos bons resultados escolares, é muito positiva. (...) **(3)**
- (...) Melhorou, sim. Eu acho que aí até é sobretudo a qualidade, a qualidade [dos resultados] (...) **(4)**
- (...) Não tenho termos de comparação com os outros anos, mas achei que foi um projeto muito interessante, principalmente com os meus miúdos de CEI, porque treinou muito a autonomia e a formação pessoal deles e a articulação também já depois com o próximo ano letivo (...) **(5)**
- (...) achei que eles [alunos NEE] estavam muito bem, que autonomamente conseguiam gerir as disciplinas, as turmas onde estavam e mesmo a nível de aprendizagens, achei que é um mecanismo extremamente útil para aprendizagens transversais, que eles vão aprendendo ao longo da vida. Achei muito, muito bom! (...) **(6)**
- (...) Muito, muito bom, muito positivo [o impacto], sim, sim! (...) **(7)**
- (...) A nível da funcionalidade deles para a vida, aprenderem para a vida, (...) coisas práticas, coisas funcionais, aprendizagens funcionais, achei que foi muito importante. Achei que foi um projeto que (...) foi uma mais-valia para essas aprendizagens a nível transversal, de todas as áreas e todos os domínios de aprendizagem. (...) **(8)**

- (...) realmente com estas três turmas, adorei trabalhar com eles! Saia daqui mesmo realizada! Sabem estar, sabia que podia contar com eles, não são aqueles miúdos rebeldes, têm uma forma diferente de estar na sala de aula, e tudo o que fosse para ensinar de novo, aprendiam num dia! Não demoravam semanas e semanas. (...) **(9)**
- (...) O nível musical foi muito bom! (...) **(10)**
- (...) Também concordo que a qualidade [dos resultados] melhorou! (...) **(11)**
- (...) A [nome da aluna NEE], eu acho que aqui maximizou muito as potencialidades dela e aqui desenvolveu muitas competências a nível social e a nível da Língua, linguagem oral. Foi, foi! (...) Ela até apresentou histórias! (...) **(12)**
- (...) o problema fulcral do nosso ensino, lá das Metas e das coisas todas desajustadas, acho eu que é a disciplina. Os miúdos indisciplinados com 3 professoras ou mais diluem-se, porque uma tratam de uma maneira, outra tratam de outra. Eu lembro-me, por exemplo, do [nome do aluno]. O [nome do aluno] andou ali no ponto! (...) Era com uma, era com outra... não havia diferença. Noutros contextos era terrível! A nível de disciplina os resultados também são óptimos. (...) **(13)**

1.1.2. NO ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

- (...) Eu posso falar da área da Música também, que é interessante (...) nota-se que não há grande discrepância entre a evolução da flauta, um sabe tocar menos, outro sabe tocar mais, e todos eles estão muito envolvidos em poder ajudar, não há diferenças entre os alunos. (...) **(14)**
- (...) Há um ou outro, mas que vai sempre atrás e ninguém discrimina ninguém. Nota-se esse sentido de grupo [alunos], a união do grupo (...) **(15)**
- (...) [os alunos] tinham uma grande pedalada, sim! E uma grande facilidade em aprender, mesmo os meninos com necessidades educativas especiais (...) Nunca desistir, nunca... (...) **(16)**

- (...) Em vez de termos metade da turma que vai participar e outra metade que fica a olhar, porque não sabe tocar, a maioria tocou! A maioria ou quase todos (...) estavam todos envolvidos. (...) **(17)**
- (...) Podiam até chegar à sala todos agitados, até organizar, como crianças que chegam do recreio, mas depois o aprender era... e tinham gosto! Eram crianças com uma cara alegre! Com vontade, sim! E trabalharam sempre em turma. (...) **(18)**
- (...) Eu acho que no segundo ano melhorou significativamente [o envolvimento dos alunos]. (...) **(19)**
- (...) houve um grupo de miúdos que se auto propuseram ajudar aqueles que estavam a ficar para trás. Na hora do intervalo e na hora do almoço eles juntavam-se e “vamos, tens que conseguir, nós vamos conseguir!” E isto foi uma situação que eu não estava à espera, porque não foi motivada por mim, não foi instigada por qualquer uma de nós, partiu deles. E isto mostra a coesão, a união, que ajudou a melhorar. (...) **(20)**
- (...) o envolvimento deles [alunos] em que ninguém ficasse para trás. Isto foi um exemplo que me deixou feliz no fundo (...) Isto foi uma passagem curiosa que ajudou também nos resultados. (...) **(21)**
- (...) esse envolvimento deles e a motivação que eles [alunos] sempre mostraram nas aulas, eu acho que também teve um bocadinho que ver com a equipa de professores que eles apanharam. Porque eles sentiam esta coesão entre nós, nós estávamos de facto 100% envolvidas e eles viam a boa relação entre todas (...) E todas em sintonia. (...) **(22)**
- (...) E viam que muitas vezes também pedíamos ajuda umas às outras (...) passou a ser normal para eles [alunos] ajudar e ser ajudado, tal como as professoras faziam entre si. E eu acho que esta coesão e esta sintonia passou para eles. (...) **(23)**
- (...) eles [alunos] sabiam que nós nos reuníamos, a titular de turma muitas vezes falava em coisas e eles sabiam que isso tinha passado das restantes professoras para nós (...) Eu acho que eles perceberam esse envolvimento e eles próprios responsabilizaram-se também por isso. (...) **(24)**

- (...) acabou por se formar um grupo de 66 alunos e 2, 4, 6, 8 professores (...) Foi um grupo, não é a turma y ou a turma z, somos nós, somos o projeto, estamos todos a trabalhar para o mesmo, que no fundo era o sucesso, e todos se envolveram no mesmo em prol do mesmo objetivo. (...) **(25)**
- (...) Quem está de fora, como eu que só vou às salas de vez em quando, e vejo as coisas assim mais de fora em várias turmas, a ideia que dá é a de uma grande equipa. Tudo junto, alunos, professores, é tudo uma grande equipa, um organismo orgânico, vivo, ali a trabalhar... autónomo, exatamente! É muito engraçado. (...) **(26)**

1.1.3. NO ENVOLVIMENTO/PARTICIPAÇÃO DOS PAIS/E.E. NA VIDA ESCOLAR DOS ALUNOS.

- (...) eu acho que neste segundo ano de desenvolvimento do projeto, notei os pais bem mais tranquilos do que no primeiro. (...) **(27)**
- (...) como nos reuníamos sempre à segunda-feira, sempre que um pai nos colocava uma questão de uma outra disciplina nós tínhamos essa resposta e eu acho que isso levou a tranquiliza-los. (...) **(28)**
- (...) Penso que neste segundo ano eles acompanharam muito os filhos, (...) mas em termos dos atendimentos mensais achei-os mais tranquilos. Acho que questionavam menos o que se passava nas outras disciplinas. (...) **(29)**
- (...) Até porque sempre tinham à vontade de abordar qualquer uma de nós (...) Não tinham qualquer problema em dirigir-se à outra professora que não fosse a professora titular e perguntar (...) Daí a tranquilidade (...) **(30)**
- (...) Com os pais que eu falei, e pais de crianças com necessidades educativas especiais são ainda mais ansiosos do que os outros, (...) a mudança é difícil para todos, mas todos referiram no fim: “Isto foi muito bom, porque ele já está habituado!” Foi uma segurança também para os pais. O mudar de sala, que foi uma mudança introduzida este ano, mudar de salas, mais as professoras: “Ai ele para o ano já vai habituado! Não vai ser tão difícil!” Foi um descanso também para os pais nesse sentido. (...) **(31)**
- (...) O acompanhamento [parental] era feito. Havia aqui uma insegurança e eu defino isto assim: primeiro estranha-se, depois entranha-se e assume-

se! E foi o que acabou por acontecer (...) eles primeiro estranharam, foi um choque inicial, depois vamos ver como é que isto está, depois vou questionar, (...) vou ver se a coisa bate certo. A coisa começou a bater certo, vamos tranquilizar, vamos deixar a parte das professoras, os nossos filhos estão bem entregues, agora vamos apoiá-los (...) insistentemente, nas aprendizagens. (...) **(32)**

- (...) Deixaram de ter a preocupação com o grupo [equipa docente] e passaram a focar-se nos filhos e no acompanhamento. (...) **(33)**
- (...) E foram pedidos muitos trabalhos, nos quais era necessária a participação dos pais (...) E todos eles aderiram a esses trabalhos e vieram apresentar com a colaboração dos pais, estou-me a lembrar do Sistema Solar, das fichas de leitura que os pais também controlavam e ajudavam na leitura e no preenchimento (...) **(34)**
- (...) Eles [pais] tinham sistematicamente o feedback do que os filhos estavam a fazer! (...) **(35)**
- (...) Eles [pais] praticamente estavam envolvidos sempre! (...) Sempre! (...) Ou numa atividade ou noutra, não tinham descanso também! (...) Não eramos só nós! (...) **(36)**
- (...) O feedback era dado sistematicamente, portanto, (...) não era necessário vir tantas vezes questionar (...) Porque eles iam recebendo em casa essa informação. (...) **(37)**
- (...) E como era uma rotina, tanto os cálculos como a verificação da leitura, semanal, eles [pais] verificavam (...) Portanto, eles já sabiam e estavam envolvidos sem querer, coitados... (...) **(38)**
- (...) esta transparência do trabalho que fazemos na sala de aula e que passa para casa, porque tudo aqui foi transparente, eu acho que isso também conduziu a essa tranquilidade dos pais. E acabaram por se envolver desta forma! É transparente. (...) Fizemos. Vai a casa. Volta. É do conhecimento de todos. (...) **(39)**
- (...) E ao participarem nesses trabalhos dos filhos acho que também acabaram por valorizar esse trabalho, o que fez com que fosse promovida a

maior vontade de trabalhar e de obter resultados e de chegar ao sucesso. Isso é muito importante! (...) **(40)**

- (...) Nenhum deles [encarregados de educação], (...) aí ao início do terceiro período, nenhum deles queria voltar para trás. Isto é significativo, não é? Quando eles nos davam o feedback nas reuniões que também fazíamos com os pais mensalmente, eles diziam: “Não queremos voltar para trás!” (...) Nem se imaginavam a ter que voltar atrás, isto é, voltar a ter só uma professora, o normal (...) Na mesma sala... o dia todo... (...) **(41)**

1.1.4. NA QUALIDADE DO ENSINO MINISTRADO.

- (...) Sem dúvida [houve impacto]! Muito mais tempo para me dedicar àquilo que é o essencial, a debruçar-me sobre aquilo que é fundamental para eles, fazer uma seleção e, fundamentalmente dedicar-me só àquilo. (...) **(42)**
- (...) Claro que, se eu me dedicar só a uma área, eu serei completamente diferente (...) Claro que serei melhor nas minhas práticas (...) E na transmissão de conhecimentos. E aprofundo mais e tenho mais tempo para me aprofundar sobre outros conceitos, a selecionar o que é essencial, o que é que eu quero diretamente que eles aprendam e que eles levem daqui, naquela área específica. Portanto, as práticas melhorarão obrigatoriamente, porque me dedico àquilo, principalmente àquela área específica. (...) **(43)**
- (...) É muito diferente preparares aulas (...) A nível de estratégias e tudo... E trabalho, atividades, tudo! (...) preparares atividades para várias áreas do que te dedicares só a uma. Ou a duas que fossem! Pronto, tu procuras (...) dissecar um bocadinho, ver aquilo que é realmente essencial e focar no essencial (...) **(44)**
- (...) a Matemática tem alguma linguagem técnica específica, assim como todas as disciplinas. Mas eu dei por mim a usar termos mais técnicos e mais científicos agora, nestes dois anos, do que propriamente antes desta experiência. Porquê? Tínhamos tanta coisa para dar, que aquele determinado conteúdo não podia ser tão aprofundado (...) **(45)**
- (...) Agora, eu tentava dar a parte técnica e, ao mesmo tempo, arranjava estratégias para que eles chegassem a essa linguagem técnica. Deixava-os

usar a linguagem normal, comum, e depois tentava encaminhar para usar os termos mais adequados. (...) Eu penso que também a nível da linguagem específica de cada uma das áreas, que ela foi mais trabalhada. (...) **(46)**

- (...) Mesmo as nomenclaturas, (...) eu insistia para eles utilizarem. (...) Insistia mais agora. Insisti mais agora. (...) Porque estou dedicada, só estou focada naquela e quero prepará-los o melhor possível naquela disciplina. (...) **(47)**
- (...) Quando estou a dar muitas disciplinas, é tanta coisa que há coisas que eu ia desculpabilizando, porque era eu que estava a dar as informações todas e então pensava: “ai, coitadinhos, já têm tanta coisa...” (...) E agora, responsável por uma só disciplina, ela tem que ser bem dada (...) **(48)**
- (...) Eu acho que ensinei melhor. (...) E eles saíram melhor preparados (...) **(49)**

1.1.5. NA SUAUIZAÇÃO DA TRANSIÇÃO DE CICLO DE ENSINO DOS ALUNOS.

- (...) E isso vai ao encontro da ideia que muita gente defende que o conhecimento deve ser transversal, não em compartimentos estanques (...) é tudo, uma grande diversidade, mas tudo transversal. (...) Mas que lhes dá uma grande autonomia depois, para quando eles forem para outro nível de ensino já estarem a par e já saberem gerir o tempo deles, a autonomia deles, (...) portanto, toda aquela funcionalidade que irão ter e que para eles, em princípio iria ser novo (...) E que nesta altura já não vai ser (...) **(50)**
- (...) para os alunos com necessidades educativas especiais foi muito bom. Lidar com a mudança, organização da rotina diária, eles sabiam perfeitamente o seu dia. (...) **(51)**
- (...) Muito bom para a organização e gestão do tempo, a gestão do espaço. O esperarem na fila para os colegas saírem e eles depois puderem entrar... Muito bom, muito bom. (...) **(52)**
- (...) Terem que gerir as coisas deles e o espaço deles para não deixarem as coisas espalhadas por todo o lado, saberem onde têm a lancheira, onde é que deixam o casaco, onde é que deixam a sombrinha. E saberem gerir tudo isso

depois na transição de sala para sala. Acho que foi muito positivo. Facilita-lhes bastante [a transição de ciclo]. (...) **(53)**

- (...) Como professora também do 5.º ano, porque sou professora de Educação Musical, quem me dera a mim que todas as escolas trabalhassem com este tipo de projeto, porque era muito mais fácil recebê-los, e eles chegam lá a cima e nota-se logo uma diferença, porque vão misturados, (...) **(54)**
- (...) E o saber estar, e o saber ser e vão com as regras todas [os alunos] (...) estas turmas deviam seguir assim, para maior sucesso ainda dos meninos com necessidades educativas especiais. Todos juntinhos era uma maravilha! (...) **(55)**
- (...) Especificamente com os alunos de CEI, (...) eu acho que eles vão mais do que autónomos e com uma grande perceção daquilo que lhes vai acontecer e como é que hão de organizar-se no espaço e no tempo, porque depois também fizemos as visitas guiadas lá às escolas, (...) Então eles já tomaram contacto com todos aqueles ambientes de ensino-aprendizagem. (...) **(56)**
- (...) Eu acho que há mais um ponto que nós devemos referir, não só em termos da organização dos recursos e dos materiais, mas eles [alunos] já se aperceberam que cada professora vai ser diferente. E que se podem comportar de uma maneira com uma, mas com outra tem que ser de outra forma... (...) Eu acho que eles perceberam isso. (...) **(57)**
- (...) E eles [alunos] já sabem que vão ter que se adaptar e que ao fim de x tempo aquilo dá uma lufada de ar fresco, porque estar a levar naquele registo as cinco horas do dia, não só é penoso para nós, que estamos ali com os mesmos alunos, (...) é cansativo, como também é penoso para os miúdos (...) **(58)**
- (...) Eles [alunos] já vão daqui diplomados em gestão comportamental e emocional! (...) **(59)**
- (...) estes miúdos agora chegam ao 5.º ano, chegam já com esta preparação, e é tão bom recebê-los já com esta bagagem! Se vão ser bem recebidos ou não, a nível depois de corresponder àquilo que eles estavam a receber, aí já é outro problema, não é? (...) Nós aqui fizemos um belo trabalhinho! (...) **(60)**

- (...) Quando o professor começar com aquela história: “Pois, vocês só tinham um professor, agora têm vários...” (...) “Ai, não, não, não, não, não!!! Nós não! Somos diferentes!” (...) “Agora vocês têm que pegar nas coisas, têm que sair da sala...” (...) “Oh professor, isso a gente já sabe, agora vamos para a outra sala!” Dizem logo! (...) **(61)**
- (...) Até o exemplo da [nome da aluna NEE] é um exemplo muito, muito bom para aquilo que eu disse ainda há bocadinho, que é que eles sabiam perfeitamente como é que se deviam comportar em cada uma das salas. E a [nome aluna] é mesmo visível, porque ela pedia a água e as cópias na minha, só. Nela ela ia contar histórias, a ler. Ali era para outra coisa. (...) E com a [nome da professora] só chamava “tixéi”. (...) “Tixéi” era só a professora de Inglês. (...) **(62)**

1.1.6. NO DESENVOLVIMENTO DE CULTURAS PROFISSIONAIS COLABORATIVAS E REFLEXIVAS.

- (...) E era extremamente importante que toda a aprendizagem (...) fosse através disso assim, que fosse transversal, que os professores estivessem todos interligados, estivessem todos em interação para darem as diferentes matérias porque todas se interligam (...) O conhecimento não é estanque (...) **(63)**
- (...) Essa cultura [colaborativa] para nós já era normal e era habitual e frequente, mas era frequente entre nós. (...) Eu acho que não era preciso haver projeto para haver colaboração e reflexão, mas uma vez que isso acontece muito pouco (...) infelizmente, porque as pessoas não estando em pluridocência podiam à mesma fazer, abrir a porta da sala (...) E fazerem coisas em comum, sem ter o nome de projeto (...) **(64)**
- (...) Não é preciso ter um projeto alinhavado para se fazer, isso já devia fazer parte da prática de todos os professores. Mas uma vez que há muita resistência, o projeto veio dar um pontapé nessas práticas. Eu acho que aqui ninguém teve problemas em fazer, nesta equipa, sempre a colaboração e a reflexão. E não era só no dia estipulado, porque quando nos cruzávamos, em momentos informais, passava muita informação. (...) **(65)**

- (...) Às vezes até chegávamos à nossa reunião semanal, mas já tínhamos dito as coisas que tínhamos apontado para passar umas às outras, porque nos encontrávamos aí na escola. Mas pronto, voltávamos a repetir e a refletir sobre as mesmas coisas várias vezes. Eu acho que isso é muito bom! Eu sinto-me apoiada (...) **(66)**
- (...) Todas nós temos experiência, seja lá em que disciplina for, mas temos experiência de muitas estratégias e essa reflexão... e as outras ajudarem... Eu senti-me muito apoiada. (...) **(67)**
- (...) Só também o simples facto de chegarmos ali a uma altura e, por exemplo, a professora de Matemática dizer: “Não estou a conseguir cumprir a planificação, falta-me tempo”, acho que só o simples facto, por exemplo, duma ou de outra dizerem assim: “Oh pá, eu prescindo do Apoio ao Estudo e vá, o que é que é preciso que eu faça, eu ajudo-te! (...)” Eu acho que só isso tira 50 quilos de cima de cada um. Uma pessoa pensa assim: “Espera aí, eu posso contar com as minhas colegas!” (...) **(68)**
- (...) isso foi outra coisa em que nunca houve qualquer problema! (...) estávamos sempre disponíveis para colaborar, apoiar (...) O problema não está no papel, o problema está nas pessoas, na mentalidade das pessoas (...) **(69)**
- (...) Acho que tem potencialidade para isso [o projeto] (...) Não é bem ter potencialidade para isso, num projeto destes é obrigatório estar envolvida essa dimensão, mas obrigatoriamente, mas cedo ou mais tarde, as pessoas não se podem fechar. (...) **(70)**
- (...) Também tem que ver com as relações que se estabelecem com os pares educativos. (...) Eu acho que havia pessoas na nossa escola e nas outras que iam custar a entrar na engrenagem (...) Eu acho que esse tempo tem que ver com as relações que se constroem nas comunidades educativas (...) **(71)**
- (...) Para isto ser melhor era exatamente implementar para quem quisesse, com 3 turmas, com 6 turmas e fazer ali uma equipa, a professora de Matemática com a professora de Matemática e entre elas refletir. (...) Equipas por área (...) Isso é que era brutal! (...) **(72)**

- (...) Quem já se envolveu numa cultura dessas [colaborativa e reflexiva] é natural que isso volte a acontecer. (...) **(73)**

1.1.7. NO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E PESSOAL DAS DOCENTES.

- (...) na minha perspetiva, isto até foi uma autoformação. Não uma formação acreditada, não é, mas acho que contribuiu para o nosso desenvolvimento (...) **(74)**
- (...) Se calhar mais acreditada do que qualquer uma outra que tenhas tido (...) Porque é real! (...) Porque é real e é a tua satisfação pessoal! (...) E pôs os alunos à frente (...) E é no terreno! (...) O resultado a nível pessoal é melhor, é mais frutífero... Pessoal e profissional! (...) **(75)**
- (...) Sem dúvida! Aprendemos mais... aprofundámos mais os nossos conhecimentos (...) Porque eles queriam mais... exige mais e nós não nos podemos dispersar noutras coisas. (...) **(76)**
- (...) Em termos pessoais, andei muito motivada! Andei muito motivada por várias razões. Para já, para ver o feedback em diferentes turmas (...) se a maneira como eu lecionava numa turma se mantinha o resultado nas outras. Mas o que é certo é que a mesma aula era dada muitas vezes de maneiras diferentes (...) Quase sempre! (...) Sempre. Pronto. (...) **(77)**
- (...) Vamos buscar a nossa criatividade e ali naquele momento (...) inventava ali um exercício diferente para ver se eles faziam melhor, o que é que eu fazia? Nas outras turmas levava esse mesmo exercício (...) Não deixava fechado numa sala. (...) Eu acho que isso dá uma grande satisfação pessoal e acho que desafia-nos (...) **(78)**
- (...) Acho que isto obrigou-nos a sair um bocadinho mais (...) Da zona de conforto, porque os miúdos são diferentes e o que funcionava numa turma, podia não funcionar noutra e isso desafia-nos e puxa por nós. Eu senti isso! Daí eu achar que a nível pessoal me tenha sentido mais realizada e sempre motivada! (...) **(79)**

- (...) Eu também não saio daqui a mesma, por várias razões. Para já, pelo relacionamento que estabeleci com a equipa, pela confiança... Principalmente com vocês que estão mais próximas (...) **(80)**
- (...) E acho que, a nível pessoal, sem dúvida, muito mais rica. Claro que há uma coisa que é fundamental, que é partilhar mesmo tudo! (...) Tudo, tudo! (...) **(81)**
- (...) E isto, dizer, assumir que podemos falhar e que podemos não estar a fazer certo, e ouvirmos da outra pessoa: “Eu tenho exatamente a mesma opinião!”, é não ter medo de nos expor! Não podemos ter medo de nos expor! (...) **(82)**
- (...) Mas eu tenho que assumir que comigo falhou e porque é que falhou (...) E tem que haver esta transparência! (...) Não há que ter medo do falhar (...) Acho que aí é que é a grande evolução! (...) Daí a escolha da equipa, pelo menos a nossa equipa inicial. Era impossível, se não houvesse esse à vontade, essa transparência, esse não medo, o não receio (...) **(83)**
- (...) As pessoas que estão no 1.º ciclo e na monodocência normalmente não têm com quem partilhar (...) É evidente que a maior parte das pessoas, neste nível de ensino fecha-se um bocado. É o normal! Fecham-se na sala delas. E nós não sentimos isso, o que foi outra grande aprendizagem. (...) E o projeto levou a isso. (...) **(84)**
- (...) Ai, eu vou de certeza [ser melhor professora]! (...) Sem dúvida! (...) Eu acho que sim. (...) **(85)**

2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INVESTIGATIVO.

2.1. ANÁLISE DOS DOIS ANOS LETIVOS DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO INVESTIGATIVO.

2.1.1. ASPETOS MAIS POSITIVOS.

- (...) houve muitas mais-valias! Para além de tudo o que se falou, foram cumpridos os horários que foram estabelecidos, não só para as áreas nucleares, mas também em termos de expressões plásticas, físico-motoras, portanto tudo foi cumprido (...) E eles [alunos] ganharam muito também com isso (...) **(86)**
- (...) esta união [da equipa] sim, era muito bom! (...) **(87)**

- (...) Ter o apoio delas sempre! (...) **(88)**
- (...) Eu acho que nós fomos muito mais justas na avaliação dos nossos alunos. (...) era um grupo maior. Portanto, eram visões de cada uma na sua área, eram visões de um grupo e não só uma turma, não é, eram 3 turmas. E tentamos ser o mais justas possível (...) **(89)**
- (...) Aí, na avaliação, somos muito mais justas, na minha maneira de ver, porque avaliar não é fácil. Para mim não é fácil! (...) **(90)**
- (...) Temos essa visão! Uma visão mais global. (...) Um suficiente neste grupo era bom noutro grupo, porque o nível é diferente, daí a gente preparar uma aula para as três turmas e nunca ser diferente, e nunca correr igual. (...) Porque os ritmos são diferentes! (...) Os ritmos de trabalho eram diferentes, os grupos eram diferentes. (...) **(91)**
- (...) cada uma de nós (...) foi muito mais assertiva e muito mais justa na avaliação dos miúdos, eu acho que sim! É um outro contributo do projeto. (...) **(92)**
- (...) Primeiro que tudo, alunos! (...) Autonomia, relação pessoal (...) **(93)**
- (...) Primeiro aspeto positivo: alunos! Nas vertentes que a [nome] está a acabar de dizer, a autonomia, as competências sociais, a organização do tempo, do espaço, dessas coisas todas, porque nós trabalhámos para eles. (...) **(94)**
- (...) o aspeto para mim mais positivo é o desenvolvimento que verifiquei nos alunos nesses aspetos e na aprendizagem. Nos métodos de trabalho, nos métodos de estudo. Esse é o primeiro (...) **(95)**
- (...) Depois há a parte da formação profissional... e pessoal. (...) Desenvolvimento profissional e pessoal! (...) **(96)**
- (...) Também concordo com o desenvolvimento pessoal e profissional. (...) **(97)**
- (...) Outro aspeto: a avaliação concertada. Justa, mais justa e concertada, porque atenção todas as notas atribuídas foram feitas em equipa, quer a de Português, quer a de Estudo do meio, quer a de Matemática, quer a de Expressões. (...) Portanto, até aí eu acho que os alunos beneficiaram de uma

melhor avaliação. Estávamos todas implicadas nessas disciplinas, nessas notas. (...) **(98)**

- (...) A responsabilização, é isso! (...) **(99)**
- (...) Para mim é a motivação. Motivação! (...) **(100)**
- (...) E a cooperação, e a partilha! (...) **(101)**
- (...) A partilha, a motivação! (...) **(102)**
- (...) A inclusão! A inclusão, que é muito importante, e a articulação entre todas. (...) **(103)**
- (...) Fizemos inclusão sim! Fomos as únicas turmas com meninos CEI! Os únicos alunos com Currículo específico Individual de 4.º ano eram só os meninos do projeto. (...) **(104)**
- (...) A integração, não só dos alunos, mas dos novos professores que chegam assim a meio do projeto, e levar assim com estas beldades... que são diferentes! (...) Não me apercebi logo que era um projeto, mas vi logo que eram pessoas especiais. Realmente estavam com outra motivação e com outra forma de receber outro professor naquele projeto! Já se notava que eram diferentes! (...) **(105)**
- (...) Chegar ali a uma sala de monodocência e... “Oh, chegou a professora de Música.” E ali era logo uma festa, aquele espetáculo que eu também gosto e os miúdos ficavam logo alegres e aquilo tudo! (...) **(106)**
- (...) E chegar ali e sentir que o professor gosta de nós, (...) e sentir que os alunos gostam de nós e estão já ali prontos para nos receber, é bom! Portanto, eu como novata agradeço realmente, e fica já aí registado, que se vê logo que são do projeto, porque têm uma outra forma de receber quem vem de novo no seio da equipa, ou quem entra na sala. (...) **(107)**
- (...) Aqui vamos a passar na rua e eles [alunos] tratam-nos igual porque somos quase como se fosse a professora titular! Aqui no projeto, não é, porque as professoras dão essa entrada, dão essa... autorizam! (...) **(108)**
- (...) Mas indo ao encontro do que a [nome] disse dos aspetos positivos da inclusão, foi engraçado na festa, na última atuação, a [nome aluna] apareceu ao pé de mim e da Tânia, e não da professora titular, e veio para ao pé de nós. (...) depois nós é que a empurrámos para ir para ao pé da turma dela.

Portanto, essa inclusão, não só com os outros meninos, mas ela sentiu que também foi com as outras professoras, identificava-se com todas! (...) Com qualquer uma de nós! O que foi bom! (...) **(109)**

- (...) Sim, a [nome] e os outros [alunos NEE]. Mas a verdade é que eles suplantaram as expetativas e isto deu-lhe segurança, porque ela não precisava de andar sempre ao pé da [nome] para ter segurança. Com qualquer uma das outras professoras (...) E andava à vontade, sem restrições. (...) **(110)**
- (...) Porque a essência humana também é social (...) Mesmo as crianças que têm espectro do autismo têm necessidade de estar em grupo e quanto mais alargado, melhor é, porque acaba por lhes atenuar as estereotipias, os medos, as fobias de estar em grupo, etc. E nós temos que lhes ir dando isso paulatinamente. E acho que nesse caso (...) funcionou, no meu ponto de vista, funcionou excelentemente. Foi muito, muito bom. Muito bom mesmo! (...) **(111)**
- (...) Mas acho que eles [alunos] funcionaram mesmo muito por tutoria (...) Aliás, eles [alunos NEE] não saiam da sala de aula sem ter que ir chamar os outros todos. (...) Era exatamente. Podia faltar ali alguém, sim, sim. (...) **(112)**
- (...) Estás a ver, eu acho que a [nome da aluna NEE] é um dos exemplos perfeitos dos aspetos positivos deste projeto. (...) este ano achei que tinha havido ali uma maximização, um desenvolvimento do exponencial dela mesmo a todos os níveis. Já não é com as ecolalias que ela se exprimia e representava, mas às vezes através mesmo de frases já contextualizadas e completas, que eu ficava: “Ahhhh... olha, toma!” (...) **(113)**
- (...) acho muito importante aquilo que nós fazíamos todas as semanas, e que devia ser feito por todos, porque aquelas reuniões que nós temos, (...) É nestas trocas de informação semanal que nós ficamos a conhecer melhor os alunos e como é que devemos proceder com este ou com aquele, qual é a melhor estratégia que funciona com um e sabemos que com aquele não funciona. (...) Acho que nesse aspeto é muito importante! (...) **(114)**
- (...) E até respeitávamos o espaço umas das outras, nós que partilhávamos a sala... Sim, porque eu partilhava com elas todas! (...) Mas é isso, houve

sempre respeito, houve sempre entreajuda, houve sempre partilha daquilo que era preciso (...) **(115)**

2.1.2. ASPETOS MENOS POSITIVOS.

- (...) No início, alguma resistência por parte dos pais, porque também era desconhecido, não sabiam. Tal como nós tínhamos insegurança, eles também! (...) **(116)**
- (...) mesmo a nível (...) das colegas, o primeiro ano foi complicadíssimo, algumas pessoas sentem mais ou lidam pior do que as outras, eu não lido muito bem. Foi muito difícil, mas apesar dessas dificuldades, digo conscientemente e sem qualquer problema: Fui muito feliz nestes dois anos e foi este projeto que fez com que eu pensasse em ir lecionar para o 2.º ciclo. (...) **(117)**
- (...) Ai, isso agora é que é mais difícil! Aspectos menos positivos (...) é a continuação da resistência de algumas pessoas e de verem tudo com desconfiança e de acharem (...) que nós tínhamos outro tipo de horário, de não acreditarem que nós nos juntávamos todas as semanas, acho que ainda hoje há pessoas que não acreditam nisso. Portanto, essa resistência dos outros! Da nossa parte, não! (...) **(118)**
- (...) A não continuidade do projeto. Também é um aspeto negativo. Pronto, foi bom, foi muito bom, teve resultados ótimos, e agora fecha-se a porta! (...) **(119)**
- (...) Negativo, isto agora ficar aqui fechado! E pronto, foi bom enquanto durou e agora acabou! (...) Pois, muito negativo! (...) **(120)**
- (...) Dentro do projeto, não! (...) Os aspetos negativos são extra projeto! (...) **(121)**
- (...) Não, não há [aspetos menos positivos]! (...) **(122)**

3. APRECIACÃO GLOBAL DO PROJETO INVESTIGATIVO.

3.1. OPINIÃO PESSOAL ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.

3.1.1. APRECIACÃO GLOBAL.

- (...) eu gostei muito e, como já disse, achei muito pertinente e fiquei muito contente de haver aqui um projeto destes, que eu acho que se deveria repetir, que eu acho que deve dar imenso trabalho, mas que também deve dar muita satisfação... (...) **(123)**
- (...) Olha, eu posso dizer que fui muito feliz nestes dois últimos anos, apesar de todas as contrariedades que tivemos, e foram muitas... (...) **(124)**
- (...) Eu como parte nova aqui no grupo, achei uma ideia e um projeto muito pertinente. (...) **(125)**
- (...) Foi uma experiência muito boa. (...) **(126)**
- (...) Voltar agora atrás era um retrocesso, ia deixar-nos infelizes, eu falo por mim, vá. Ia ficar infeliz! (...) **(127)**
- (...) Eu fiquei muito feliz com o projeto, sim senhora! E saber que há escolas que querem andar para a frente, assim como foi com o projeto. Foi muito giro, muito inovador, muito funcional (...) **(128)**
- (...) Gostei muito, sim senhora! Belo projeto! (...) **(129)**
- (...) isto foi o concretizar de um sonho, para mim, um desejo, vá. Um desejo concretizado, porque eu tinha muita vontade em experimentar, na minha T-shirt eu tinha escrito atrás, na festa: “Desejo concretizado!” É verdade! (...) **(130)**
- (...) Bendita a hora em que tiveste esta ideia e que nos convidaste a nós, ainda bem que te lembraste de nós! (...) Só tenho a agradecer a oportunidade que me deste de estar envolvida numa coisa em que eu acredito, que tinha vontade de fazer e que gostei imenso! E ainda bem que fiz! Pronto! Obrigada! (...) **(131)**
- (...) Pronto, perante tudo o que foi dito a apreciação global é positiva. Foi importante passar pelos constrangimentos, pelas adversidades, até isso me fez crescer, e não me fez diminuir enquanto docente, fez-me fortalecer. E só me ajudou, tudo, tudo à volta, só me ajudou a continuar assim e a ser diferente (...) **(132)**
- (...) Em termos de projeto, tinha ansiedade, tinha medos, como toda a gente. Tinha medo de fracassar, (...) estava consciente dos riscos todos que estava a correr, não me meti nas coisas sem saber, porque eu analiso primeiro

sempre o risco, analiso as frustrações, analiso tudo isso, sou muito pouco otimista, mas acredito, acreditei que, acreditei do fundo do coração que ia dar certo. (...) Ainda bem que o fiz, ainda bem que passei por este processo, é uma aprendizagem para a vida, que só eu, só nós que participámos é que levamos daqui. Mais ninguém! (...) **(133)**

- (...) Gostei! Adorei! Houve dificuldades, houve contrariedades, houve isso tudo, mesmo dentro, com os miúdos, houve coisas que nem sempre foi fácil (...) Os pais, com todos não foi fácil, se calhar a parte mais fácil foi a relacional com as colegas (...) uma coisa muito positiva! Mas valeu a pena, voltava a fazer tudo. Tal como a [nome] disse, muito obrigada! (...) **(134)**
- (...) Foi bastante positivo! Claro que é muito mais significativo para quem estava em regime de monodocência, que sente uma diferença enorme, para mim e (...) para a [nome], que já estamos habituadas a andar nisto de outra forma enquanto 2.º ciclo, achamo-nos mais em casa. Conseguimos encaixar mais facilmente num grupo assim do que propriamente numa sala da monodocência, em que chegamos lá e a transição demora ali um bocadinho até encaixar (...) E aqui nunca sentimos isso, ou, pelo menos, eu falo por mim, nunca senti isso! (...) **(135)**
- (...) Foi muito bom! Muito positivo! (...) **(136)**
- (...) Eu também faço uma avaliação muito boa do projeto. Quando me meti nisto, (...) a minha primeira ideia foi se isto ia ser bom para os miúdos. Não hesitei: “Claro que vai ser bom!” (...) E quando fiz foi a pensar neles (...) E quando enfrentámos os pais e explicámos, foi no sentido de lhes fazer ver que isto era importante para o desenvolvimento dos seus filhos. Conclusão da história: Foi bom para eles, mas foi muito, muito muito bom para mim! (...) **(137)**
- (...) o que eu sinto agora é que eu estava, (...) a emburrecer! (...) mas isto para dizer que eu me sentia estagnada. Estagnada em termos do trabalho. Isto porque eu já vivi tanta coisa a nível quer de mudança de Programas, quer de implementações de Programas, implementações de Metas, e de projetos, e de formações contínuas de Ciências e aquelas coisas todas, mas que, no fundo, não saía das 4 paredes! Estava ali comigo e com os meus alunos!

Portanto, tudo aquilo que uma pessoa traz de trás, as nossas competências, foram ainda mais desenvolvidas neste projeto. E antes iam ficando adormecidas. E isto fez com que elas voltassem novamente a aflorar e a dar-me outra motivação que já ia perdendo, por fazer quase sempre já da mesma maneira. (...) **(138)**

- (...) Para além do projeto ter sido muito bom, a motivação aqui também conta muito... E esse é o balanço que eu faço. À parte de tudo aquilo que já aqui foi dito, das partilhas, fiz pelos alunos, mas eu também saí daqui muito mais rica! (...) **(139)**
- (...) não é fácil, eu sou contratada já há bastante tempo (...) e a pessoa chegar assim a um sítio e ser bem recebida, quer pelos alunos, quer pela coordenação, quer pelos colegas, todos sempre com um sorriso na cara. Isto mostra que o projeto não só ensina como motiva as pessoas e leva as pessoas a tornarem-se mais felizes. E eu saio daqui realmente muito agradada (...) **(140)**
- (...) E realmente era isto [o trabalho em equipa] que unia as pessoas e que faz falta para ficarmos motivados e, só assim, o sucesso só aparece se realmente tivermos pessoas boas de coração e que gostem de implementar coisas diferentes. E que sejam loucas e que sejam divertidas e que mostrem aos alunos realmente aquilo que são (...)! Portanto, agradeço a todas e a ti, (...) Muitas felicidades e obrigada por me deixarem estar aqui! (...) **(141)**
- (...) eu acho que é assim, a apreciação global é: não oferecer resistência à mudança é muito bom, é diferente. Ser diferente ajuda a crescer e a fazer crescer, porque este ano também foi tudo diferente para mim! E eu acho que saí também, a nível pessoal e a nível profissional, mais crescida... com o vosso projeto, que também estive incluída nele, e com todo este ambiente educativo e de aprendizagem em que eu estive envolvida. Foi muito bom! (...) **(142)**
- (...) nós (...) ouvimos às vezes falar destas coisas, a pluridocência no 1.º ciclo... Mas aqui eu tive a oportunidade de ver, na prática! Foi a primeira vez que eu vi! E que participei, também diretamente. (...) Mas é assim, embora vocês dessem cada uma áreas diferentes, não quer dizer que fossem em

compartimentos estanques! É isso que eu também acho ótimo! Fizeram transversalidade! Eu acho ótimo! (...) **(143)**

- (...) Eu agora posso chegar aos sítios e dizer: “Não, eu vi! E deu resultado! Os resultados foram estes e foi maravilhoso! E as colegas andavam motivadíssimas e felizes!” Isto foi uma coisa que eu gostei muito, que resultou muito bem, é uma experiência que fica também para mim, para a vida inteira! E que vou partilhar com todas as pessoas, com todos os colegas. (...) **(144)**
- (...) sem ter visto na prática se calhar era daquelas que tinha resistência, tinha assim, se calhar medo e, se calhar se me convidarem um dia para uma coisa destas se calhar também vou com medo, mas eu vi! E vi que deu bem, e vi que resultou, e vi que atitude é que tenho que ter perante as colegas, e vi como é que trabalhámos. Já vou com outra ideia. (...) **(145)**
- (...) Dou-te os parabéns por teres sido a mentora deste projeto. E a todas nós que funcionámos tão bem, no meio de tanto velho do Restelo (...) **(146)**
- (...) Eu acho que os professores também precisam destas lufadas de ar fresco (...) **(147)**

ANEXO XIIIf

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA EFG2/EE

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DA EFG2/EE

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Resultados do desenvolvimento do projeto investigativo	1.1. Análise do impacto do projeto investigativo.	1.1.1. Nos resultados escolares dos alunos
		1.1.2. No envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem
		1.1.3. No envolvimento/participação dos pais/E.E. na vida escolar dos alunos
		1.1.4. Na qualidade do ensino ministrado
		1.1.5. Na suavização da transição de ciclo de ensino dos alunos
		1.1.6. No desenvolvimento de culturas profissionais colaborativas e reflexivas
		1.1.7. No desenvolvimento profissional e pessoal das docentes
2. Desenvolvimento do projeto investigativo.	2.1. Análise dos dois anos letivos de implementação do projeto investigativo.	2.1.1. Aspetos mais positivos
		2.1.2. Aspetos menos positivos
3. Apreciação global do projeto investigativo.	3.1. Opinião pessoal acerca do projeto investigativo.	3.1.1. Apreciação global

ANEXO XIV

PRÉ-TESTE AO Q1

COMENTÁRIOS DOS ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO

PRÉ-TESTE Q1**02 a 06/05/2016****Comentários/Sugestões dos E.E.****Por escrito, nos questionários**

1. *"Tal como combinado, eu e o meu marido lemos o questionário. Ambos achámos que não é demasiado extenso, abrange todos os pontos-chave e a sequência das questões está bastante bem organizada. Sugiro que na questão 1.4., o grau de envolvimento/participação na vida escolar seja quantificado, pois «bastante frequência», «com frequência» ou «alguma frequência» são termos que não têm o mesmo significado para todos os encarregados de educação. Se as questões 2.8 e 2.9 já enumerarem aspetos positivos e aspetos negativos, com escolha múltipla, com uma hipótese em aberto (outros) talvez fosse mais fácil para os encarregados de educação que têm dificuldade na expressão escrita responderem, e facilitaria um pouco a análise dos dados visto que o questionário tem essencialmente questões abertas. Ao dispôr."*

2. *"Na minha opinião é de fácil preenchimento e acessível a todas as pessoas. Não é muito extenso e aborda o essencial. Bjs."*

Oralmente, na devolução do questionário

3. *"Não senti qualquer dificuldade no preenchimento. A linguagem é clara e as perguntas são objetivas. Agradou-me poder usar as minhas palavras e escrever livremente as minhas opiniões, por isso preenchi logo!"*

ANEXO XV

PRÉ-TESTE AO Q2

COMENTÁRIOS DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

PRÉ-TESTE Q2

29/05 a 02/06/2017

Comentários/Sugestões dos E.E.

Por escrito, nos questionários

1. "OK ✓"

2. "Parece-me acessível.

Não sei se não será relevante para a tese colocar uma questão do género: Acha que o projeto desenvolvido ao longo dos dois anos corresponde ao que lhe foi inicialmente apresentado?

Boa sorte!!!

P.S.: Alguma questão podem ligar.

Beijinhos"

3. "Li todo o questionário.

Penso que está bem elaborado, bem organizado e de fácil compreensão para todos os encarregados de educação. Não tenho qualquer alteração a sugerir.

Bom trabalho."

ANEXO XVI

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS ÀS DOCENTES TITULARES DE TURMA

(EI/D1, EI/D2 e EI/D3)

ANEXO XVIa

GUIÃO DAS ENTREVISTAS EI/D1, EI/D2 e EI/D3

Guião da Entrevista Individual às Docentes Titulares de Turma

Tema: Representações das Docentes Titulares de Turma envolvidas no projeto de investigação-ação participativa acerca do Projeto “Professor no Plural” e seu desenvolvimento ao longo do 1.º período letivo.

Objetivos gerais:

- Conhecer as motivações que conduziram as Docentes Titulares de Turma a investir no desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”.
- Analisar e refletir acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo do 1.º período letivo do 1.º ano de desenvolvimento, em termos de dificuldades sentidas, mudanças efetuadas e seus efeitos, nos alunos e nos docentes, e pontos fortes e aspetos a melhorar.

Designação dos Blocos	Objetivos específicos	Formulário de perguntas	Observação
A ■ Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	► Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	• Informar a entrevistada acerca da finalidade da entrevista; • Solicitar o seu contributo indispensável à realização e desenvolvimento do trabalho de investigação; • Garantir-lhe todo o apoio possível, numa base de cooperação, no decorrer da entrevista; • Solicitar autorização para gravar a entrevista.	Tempo médio: 2 a 5 minutos
B ■ Motivações pessoais e	► Conhecer as motivações pessoais e profissionais que levaram a Docente a	• Inquirir a entrevistada sobre quais as motivações que impulsionaram a sua participação no projeto de investigação sobre a pluridocência no 1.º Ciclo	Tempo médio: 10 a 15 minutos

profissionais para a participação no projeto de investigação.	participar no Projeto “Professor no Plural”.	do Ensino Básico (CEB) “Professor no Plural”: - Pessoais; - Profissionais.	
C ■ Dificuldades sentidas no desenvolvimento do Projeto de Pluridocência no 1.º CEB.	► Conhecer as dificuldades sentidas pela Docente no desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo do 1.º período letivo. ► Analisar e refletir, em conjunto, acerca de estratégias de resolução de dificuldades sentidas.	● Inquirir a entrevistada acerca das dificuldades sentidas no desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo do 1.º período letivo do 1.º ano de desenvolvimento: - quais foram; - possíveis causas; - quais foram ultrapassadas; - quais se mantêm. ● Analisar, com base na experiência vivida pela entrevistada e na sua opinião, as estratégias de resolução das dificuldades operacionalizadas e refletir sobre as que se verificam necessárias para a resolução das dificuldades que se mantêm.	Tempo médio: 15 a 20 minutos
D ■ Mudanças efetuadas e seus efeitos.	► Conhecer as mudanças efetuadas na organização do trabalho escolar e na prática letiva.	● Inquirir sobre as mudanças operacionalizadas, no âmbito do Projeto “Professor no Plural”, ao nível da: - organização do trabalho escolar;	Tempo médio: 20 a 25 minutos

	► Conhecer as representações da Docente acerca dos efeitos das mudanças efetuadas, nos alunos e nos docentes. ► Analisar e refletir, em conjunto, acerca de estratégias de reversão de efeitos negativos e de reforço de efeitos positivos.	- prática letiva; - outras. • Questionar acerca da opinião da Docente acerca dos efeitos, positivos e negativos, das mudanças operacionalizadas: - nos alunos; - nos Docentes; - noutros intervenientes educativos. • Analisar, com base no conhecimento contextual da entrevistada, possíveis estratégias de reversão dos efeitos negativos sentidos e de reforço dos positivos: - nos alunos; - nos Docentes; - noutros intervenientes educativos.	
E ■ Pontos fortes e aspetos a melhorar.	► Conhecer as representações da Docente acerca dos pontos fortes e dos aspetos a melhorar no Projeto “Professor no Plural”. ► Analisar e refletir, em conjunto, acerca	• Inquirir sobre a opinião da entrevistada quanto ao Projeto “Professor no Plural”, no que respeita a: - pontos fortes; - aspetos a melhorar. • Analisar, com base nas representações da entrevistada, possíveis estratégias de melhoria do	Tempo médio: 15 a 20 minutos

	de estratégias de melhoria do Projeto “Professor no Plural”.	Projeto “Professor no Plural”.	
F ■ Apreciação Global do Projeto “Professor no Plural”.	► Conhecer as representações da Docente acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”.	● Solicitar à entrevistada que efetue uma apreciação global acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural”, ao longo do 1.º período letivo do 1.º ano de desenvolvimento.	Tempo médio: 5 a 10 minutos

ANEXO XVIb

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EI/D1, EI/D2 e EI/D3

PROTOCOLO DA EI/D1

Or: Qual foi o primeiro pensamento que te ocorreu quando, na reunião geral, foi proposto o desenvolvimento da investigação, do projeto?

Ent: O meu primeiro pensamento foi... porque não? Porque não embarcar nesta aventura? Já que tenho embarcado em algumas ao longo da minha carreira profissional.

Or: E fez sentido para ti a aplicação de um regime de pluridocência num ciclo de ensino que tradicionalmente é monodocente?

Ent: Bom, para mim fez sentido... principalmente porque a minha formação também é de 2.º ciclo, na variante de Matemática e Ciências. Fez sentido principalmente por poder partilhar o peso... não é bem o peso, mas as preocupações que temos com uma turma, partilhar com mais pessoas... e... decidirmos em conjunto as melhores estratégias a definir para o sucesso destes alunos. Porque já senti há uns anos um certo cansaço de levar muito a peito como se eu fosse a única cul..., não é bem culpada, mas responsável pelo encaminhamento dos alunos e... acho que é esse um dos pontos... é esse, é partilharmos com outras pessoas as preocupações que temos com a turma e... e definir estratégias que muitas vezes uma só cabeça pensamos de uma maneira mas ouvindo outras opiniões convergimos para o melhor.

Or: Basicamente pode dizer-se que essas foram as tuas motivações profissionais?

Ent: Sim.

Or: Há mais alguma motivação profissional?

Ent: Há. Profissionalmente é lecionar a Matemática, que é a minha disciplina de eleição. E... e já venho há uns anos a sentir essa vontade. Também a parte da equipa, porque esta questão da partilha na monodocência,... se calhar ou, também por minha causa, de fechar-me um bocadinho, e o que se partilha são fichas e

materiais, sentir vontade de partilhar outras coisas. E pensei nisso... um conselho de turma sobre os mesmos alunos, visões diferentes em diferentes disciplinas... “experimentei isto na tua aula... experimentei e com eles resultou”... Essa parte da partilha foi também profissionalmente algo que me atraiu, porque já vinha sentido que era só por e-mail partilhar as fichas umas das outras e não passava disso. Para mim já não chegava, já não me sentia completa nem realizada.

Or: Nesse aspeto já avançamos para as motivações pessoais...

Ent: Exatamente. Alguma desmotivação já em vir encarar todos os dias a mesma turma sempre... se calhar ao final do dia já revelava um bocadinho de cansaço e talvez também já não conseguisse motivar tanto os alunos... e acho que eles também precisam de mudança, não sempre a mesma coisa. A nível pessoal está-me a dar bastante interesse, bastante motivação ter integrado este projeto. E foi o que eu pensei também logo ao início... mudar!... inovar!...

Or: Em termos profissionais, uma vez que não se trata apenas de um projeto, mas de uma investigação?

Ent: Essa parte também me atraiu. Porque... apesar de a nível pessoal eu não ter tempo... ou melhor, já fiz formação, já fui formadora e tive mesmo que também investigar, mas uma tese de doutoramento é muito aliciante e nós sermos um interveniente muito importante também acarreta outras responsabilidades, e ao entrar nesta tese de doutoramento, fez com que eu fosse buscar coisas que eu tinha já muito adormecidas para dar o melhor de mim a esta tese. E fazer com que a tese e a colega saiam bem, quer ela... tu, que estás a fazer a tese, e nós como participantes diretas neste processo. Então penso contribuir com tudo o que eu sei e que posso...

Or: Sentes o peso da responsabilidade de ser uma investigação participativa, na qual tu tens qualquer coisa a dizer, a tua opinião conta, aquilo que tu fazes no dia-a-dia e o rumo que a investigação segue também é o rumo que tu projetas? O peso dessa responsabilidade está a ser demasiado, é o que esperavas, está a ajudar-te a intervir cada vez mais?

Ent: É assim... eu não sinto que seja demasiado, porque a partir do momento em que aceitei fazer parte desta investigação sabia que ia ser exigente e eu teria que realmente estar à altura dos desafios. Sinto sim, muita vontade em cumprir com tudo aquilo que me for solicitado... para tudo... para tudo, e... quero dar o meu melhor porque eu sei que também tenho capacidades para tornar este projeto e esta investigação muito, muito boa e muito enriquecedora e, talvez um exemplo para futuros projetos, futuras investigações neste âmbito. Não ficar só por aqui, tentarmos depois também alargar e ver outras perspetivas, o que é que as outras pessoas pensaram e se achavam que até seria bom experimentarem, sei lá, noutras escolas, ou mesmo na nossa própria escola, mais um grupinho que queira participar. Acho que isso seria o ideal.

Or: **Agora que já se encontra em marcha, já passou um período letivo, já foram feitas algumas alterações no plano inicial, quais foram as grandes dificuldades sentidas?**

Ent: Bom, primeira grande dificuldade: planificação das aulas!... Que eu senti, porquê? Agora temos que cumprir os tempos letivos. Ou seja, enquanto monodocência eu planificava a aula de matemática de acordo com o horário que nós temos, porque temos um horário letivo, mas se eventualmente a aula se prolongasse um bocadinho mais, eu na hora seguinte, fosse o estudo do meio ou fosse uma expressão, tirava um bocadinho dessa disciplina para concluir a atividade da matemática. Depois tentaria compensar ao longo da semana e tentava compensar esse tempo. Claro que ao nível das áreas de expressões, acho que nunca cheguei a compensar [rindo]. É verdade. Agora não. De início os meus planos de aula nunca eram cumpridos, porque acho que estava a ser ambiciosa demais, esquecia-me que realmente chegava ao fim do tempo e eu abandonava a turma. Partilhei essa minha preocupação com as colegas da equipa e elas tranquilizaram-me e mostraram confiança no meu trabalho, e... e... Resolvi realmente planificar um bocadinho a menos, mas uma vez que tenho materiais sempre preparados para as aulas seguintes, se eventualmente houvesse tempo avançaria. E foi assim que mais ou menos fui superando esta grande dificuldade e agora passado o primeiro período, já no fim do primeiro período já conseguia

cumprir o plano da aula. Depois, a minha segunda grande dificuldade, mas isso até tem sido ao longo da minha vida como professora: trabalhos de casa! Agora, põe-se aqui uma questão, as crianças saem às 17h30m... e às vezes nós sabemos que eles precisam de praticar e precisam de criar hábitos e métodos de estudo e de trabalho. Mas a minha preocupação foi as minhas colegas também vão passar e vai ser uma carga enorme... Então, no início do ano combinámos mandar só ao fim de semana, mas verificámos e até com o feedback de alguns pais que talvez fosse melhor ao longo da semana ir passando menos por dia do que depois muito ao fim de semana. Para já foram estas as duas grandes dificuldades que eu senti. Ao longo do tempo foram sendo minimizadas, com a partilha com as colegas e tranquilizando umas às outras e vamos reformulando... [pausa] Há aqui mais uma dificuldade, não foi tão grande como aquela da planificação, foi o facto de termos, como temos três turmas, termos vários alunos com CEI e com PEI e no caso dos CEI serem currículos diferentes uns dos outros e... que era uma situação que eu não tinha, que eu não tinha. Mas que também facilmente foi ultrapassada, também com a intervenção dos professores do ensino especial, trabalhamos também muito em conjunto e essa situação foi completamente ultrapassada.

Or: Existe ainda alguma dificuldade inicial que não tenha sido ultrapassada?

Ent: Neste momento... eu acho que não permanecem grandes dificuldades... Não. Ainda pensei a questão dos trabalhos de casa, mas o feedback tem sido positivo portanto penso que essa parte também não se mantém. A parte da planificação das aulas, pois isso logo no primeiro período foi sendo sanado, ao longo do tempo. Não vejo assim, de momento... nada.

Or: Quais foram as alterações mais visíveis que sentiste ao nível da organização do trabalho, em termos da estrutura de rotatividade e tudo o que mudou?

Ent: Bom devo confessar que ali o primeiro mês andei completamente estoirada [rindo], porque... não em termos da planificação das aulas, não em termos da planificação das aulas porque aí a organização do trabalho melhorou bastante, porque o tempo que eu dedicava a preparar uma série de áreas, não é, agora estou

focada na minha disciplina. O que é que acontece? Eu tenho muito tempo para pesquisar atividades, problemas, exercícios que eu acho adequados para as turmas, consigo estabelecer uma sequência, uma cadeia de atividades que me permitem chegar aos conceitos que eu quero trabalhar, porque estou focada numa disciplina. Portanto, este trabalho está a ser muito mais pormenorizado, muito mais aprofundado, da pesquisa... Também a nível específico da matemática, da linguagem técnica, tenho tempo para ver, transformar a linguagem técnica da matemática que está nas metas, tentar adequar, sempre nunca fugir à linguagem matemática, à faixa etária dos nossos alunos e isso foi uma grande vantagem do projeto.

Or: Achas que em termos da tua prática letiva, dentro da disciplina que lecionas, houve uma melhoria, um desenvolvimento positivo?

Ent: Sim. É assim, eu sempre a nível das várias áreas tentei trazer atividades que fossem motivadoras e, no caso da matemática, que fossem de carácter exploratório, que fossem os alunos que explorassem e chegassem aos conceitos. Agora, como tenho mais tempo para preparar essas mesmas atividades, consigo um aprofundamento maior. Porquê? Porque já não tenho que dividir o tempo da planificação, o tempo individual entre as várias disciplinas, estou só focada naquela. Claro que esta organização que eu tenho antes das aulas, se calhar se vai refletir durante as aulas. Porque não estou a pensar que a seguir tenho que ir fazer um texto coletivo do português, estou... a minha mente está focada naquilo. E a organização que eu tenho em casa, depois, a nível da sala de aula é capaz de se manifestar positivamente, apesar de eu ter sempre tentado, ao longo da vida, fazer estas atividades com eles. Mas noto que agora estou mais tranquila, não tenho aquele stresse de muitos programas a cumprir, eu quero cumprir o programa de matemática, e penso que isso, e trago muito materiais para eles mexerem, outros para construírem, e vejo que da parte deles também há esse entusiasmo e esta envolvimento.

Or: Mais entusiasmo e envolvimento do que antes ou dentro do normal?

Ent: Da minha experiência, em relação à minha turma, a coisa mantém-se porque eu desde o primeiro ano que eles estavam habituados a certas atividades de exploração. Com as outras turmas que eu desconhecia, aí noto muito entusiasmo, talvez mais do que a minha turma de origem, porque eles já estavam habituados a trabalhar de certa maneira, fazer em grupos, agora viram-se para trás e vão fazer este problema em grupos e depois no fim discutirmos os grupos, os porta-vozes de cada grupo, cada um discute as suas ideias. Os meus estavam habituados a essas rotinas, então eu não estranhei nada com eles. Onde eu senti um feedback muito positivo foi nas outras duas turmas. Notei uma vibração maior do que propriamente nesta porque já era rotineiro para eles fazer isso. Nas outras dá-me uma grande satisfação ver que fui conseguindo transformar para aquele nível a que eu quero habituá-los, a participarem na aula de matemática, a serem ativos, a terem uma palavra a dizer, e, no fim, chegarmos à sistematização dos conceitos. Deixá-los explorar... no fim, estou lá eu e com a ajuda de todos, é isto assim, é este conceito que estamos a trabalhar. E noto que nas outras isso tem sido muito, muito positivo.

Or: Que outras mudanças tu sentes que este projeto veio operar na tua vida profissional?

Ent: Olha, outra mudança que eu noto é a nível emocional, ou seja, a relação criada com a nossa turma de origem já estava estabelecida, quer com os alunos quer com os pais, não é? Eles já sabiam com o que contar e nós, quer queiramos quer não, estes são os nossos meninos, não é? E... o facto de ter mais alunos que eu desconhecia, obrigou-me um bocadinho a uma ginástica pessoal de me abrir a outras crianças e aos afetos. Porque eu própria sou uma pessoa um bocadinho fechada e isso para mim, o que certas pessoas até podem achar que não tenha sido uma mudança, para mim foi, porque eu sou uma pessoa a nível de afetos muito fechada, não sou uma pessoa expansiva, não sou uma pessoa de beijinhos e abraços. O facto de ter outros alunos obrigou-me, mas obrigou-me, não de uma maneira propositada, mas de uma maneira que foi evoluindo naturalmente, a gostar deles todos de igual maneira, a tratá-los como se fossem já a minha turma de há dois anos e a estabelecer com eles esta relação de empatia que nós temos. E é gratificante eles chegarem ao pé de nós: “professora a minha disciplina favorita é a

matemática; professora e hoje é o compasso, não é, professora?” Quer dizer, houve a minha abertura e o facto de eles me terem acolhido tão bem que não podia ser doutra maneira, eu não me podia fechar. E a meu nível, talvez as colegas até nem tenham sentido isso, mas no meu caso pessoal houve esta mudança a nível da parte afetiva. Eu, pronto, estava muito restringida à minha turma. Os outros alunos eram das outras colegas. Agora não, são meus, são da escola, quero o melhor para todos, não só para estas turmas do projeto, mas agora vejo que são para todos, são para todos. Qualquer um que eu pudesse encontrar, me cruzar durante este período, seriam meus, seriam nossos. E é para eles que nós estamos a trabalhar.

Or: Então essa envolvência emocional para ti foi uma mudança marcante?

Ent: Foi. Isto é como ter filhos. Quando uma pessoa tem o primeiro filho acha que não vai amar o segundo da mesma maneira que ama o primeiro. Eu achava que não podia amar ou estabelecer a mesma relação com outras turmas do que já tinha com esta de há dois anos. Mas enganei-me e ainda bem!

Or: Efeitos negativos destas mudanças, quais apontas?

Ent: Olha, negativos... logo no início do projeto, e falo mais pela minha turma de origem porque era aquela que eu conhecia mais, achei-os um bocadinho... como é que eu hei-de dizer... entusiasmados demais! Ou seja, nós fizemos umas perguntinhas ao fim de duas semanas de início do projeto, como tu sabes, e 100% dos alunos afirmaram gostar, adorar o projeto. Enumeraram várias razões, ter várias professoras foi uma das que foi mais dita e a outra é que se sentiam mais crescidos. Mas o facto de se sentirem mais crescidos aumentou-lhes um bocadinho a autoconfiança [rindo]. Então foi preciso, muitas vezes, baixar os meninos à terra, dizer: “calma, vamos lá ver vejam bem quais são as matérias que estão a ser dadas em cada disciplina, a professora Paula, a professora Tânia, a professora Mónica”, não é?, para terem bem estruturados os vários conteúdos das várias disciplinas que são dadas pelas várias professoras. Porque enquanto tu és monodocente controlas isso tudo, e na pluridocência tens que lhes chamar à atenção: “Cuidado! Não há só uma pessoa a conduzir! Vocês têm várias pessoas a conduzir e têm que estar atentos”. Pronto, achei que ao início eles andavam muito..., o entusiasmo não

era... eles gostavam, mas notei alguma fragilidade em termos do domínio do que estava a ser trabalhado. Mas também houve sempre o cuidado de lhes perguntar, e eu fiz esse trabalho quando vinha à sexta-feira ao apoio ao estudo com eles: “Então meninos, como é que está a correr o português?” E eles iam dando o feedback e então comecei-me a aperceber que sim, ali passado umas três, quatro semanas, que eles já tinham estruturado bem as gavetinhas deles: o português está a ser trabalhado isto, a matemática está a ser trabalhado aquilo, o estudo do meio está a ser trabalhado aquilo...

Or: Achas que houve uma tentativa de testar os limites?

Ent: Também, em termos de autoridade. Testar a autoridade dos professores. Mas isso foi aqui e é sempre. Quando agente temos uma turma de novo, eles vão sempre testando. Agora... eu não acho que seja um aspeto negativo. Talvez tenha sido um pequeno constrangimento que tenha sido inicial, mas que depois foi regularizando. Agora negativo, eu vejo nada que tenha sido negativo. Porque nenhum aluno rejeitou o projeto, nenhum aluno rejeitou docente alguma... A área das expressões foi uma área que ficou bastante valorizada, porque são cumpridos os tempos letivos e isso para eles é bom, são áreas onde eles se podem exprimir de outra forma que não nas três áreas nucleares e... Penso que de negativo não tenho nada a salientar, há pequenos constrangimentos, mas nós vamos ultrapassando.

Or: E em relação a vocês, docentes, o que achas que foi positivo e negativo, no teu caso já referiste, mas o que vês nas outras colegas?

Ent: [rindo] Olha, eu acho que aqui, entre colegas, e que eu já disse no início da entrevista, foi a partilha e o distribuirmos o peso da responsabilidade por todas. É super positivo, eu até lhe chamaria uma responsabilidade partilhada [rindo]. Porque é assim, foi muito bom tu perceberes, quando estamos nas nossas reuniões semanais, que não se limitam só a dizer: “olha estamos a trabalhar isto na matemática”, porque somos titulares de turma e precisamos ter conhecimento disso, limitam-se a dizer: “Olha então o aluno X hoje não fez os trabalhos de casa e na tua disciplina fez?” “Ai, na minha fez.” “O que é que será que se passou?” Ou

do género: “Oh pá, devíamos mudar o lugar ao aluno B ou C, onde é que vocês acham que se poderia posicionar na aula, ao lado de quem, de modo a melhorar a atenção, a participação?” E isto acho que é um grande aspeto positivo. Positivo. Mais uma vez eu não vejo nada de negativo, devo estar a ser muito pouco original, mas não vejo assim nada de negativo. O que eu senti, no início, parecia que estava a deixar o meu bebé no primeiro dia na ama ou na creche ou no berçário. No sentido, aí e agora vou-lhes perder o percurso... do português. Eh pá, mas depois, com estas reuniões semanais e com o facto de nós já nos entendermos antes do projeto, isso foi superado completamente. Fiquei tranquila. Completamente. Eu sei que elas vão cuidar deles como eu cuidaria. E... nem sequer toquei nunca neste aspeto com as colegas porque eu sei que era mesmo aquela fase de transição, de umas para as outras, de uma disciplina para outra colega. Ia entregar os meus meninos. É a mesma coisa que eu senti quando deixei o meu filho lá, coitadinho estou a abandonar a criança. Senti um bocadinho disso, erradamente, mas é normal, porque era a nossa responsabilidade, mas... Negativos, para as outras colegas, não sei. Talvez elas tenham sentido o mesmo e ficámos as três acanhadas de dizer isso, não sei, porque a confiança no trabalho de todas é a 100%. E por sabermos isso, se calhar fosse um sentimento muito íntimo, muito mesquinho, talvez... e que não quiséssemos ter partilhado.

Or: Consideras que as pessoas que estão envolvidas no projeto e a confiança que existe entre todas é fundamental para que isso tudo seja ultrapassado?

Ent: É.

Or: Se houvesse outras pessoas envolvidas, com as quais o nível de confiança não fosse tão bom...

Ent: Era mais difícil. Era mais difícil. Isto é assim, dentro das 20 docentes da nossa escola, sem ser as duas com as quais estamos a fazer o projeto, talvez só mais uma é que eu me disponibilizaria para partilhar os meus alunos. Talvez por uma afinidade também pessoal, porque eu acredito no trabalho de todas elas, eu não ponho em causa o trabalho de colega nenhuma. Talvez por afinidades pessoais. Esta afinidade pessoal vem muito, não só da confiança em termos de trabalho

letivo, mas também vem em termos pessoais, de relações interpessoais. E aí nós não podemos querer ser bonitos e dizer que nos damos bem com toda a gente e que gostamos de todas da mesma maneira. Eu tenho as minhas afinidades, outras colegas têm mais afinidades com outras. Neste caso, acho que era a equipa ideal para eu trabalhar e se tivesse que ser com outras pessoas, mais uma.

Or: Então, na tua opinião, a constituição da equipa educativa também é fundamental para que um projeto desta natureza dê frutos e contribua para o vosso desenvolvimento?

Ent: É. Para mim a equipa não pode ser qualquer uma.

Or: Achas que esta mudança provocada pelo projeto Professor Plural, do qual és coautora, provocou repercussões nos restantes agentes educativos, pais, restantes docentes, funcionários? Quais foram visíveis para ti, positivas e negativas?

Ent: Bom, começando pelas colegas. Houve positivas, reações positivas e reações negativas. Houve um grupo de colegas, quatro ou cinco, que me vieram pessoalmente desejar tudo de bom, sorte para o projeto, que elas apesar de não se verem a integrá-lo estariam do nosso lado para que tudo resultasse. Houve... colegas... que nunca se manifestaram, nem a favor nem contra, pronto... e... há colegas que obviamente estão contra. Hum, algumas delas eu já lhes perguntei se o facto de estarmos a desenvolver o projeto, na prática letiva delas, isso traria algumas consequências negativas. Elas disseram-me que não, que não implicou com o trabalho delas e que estaria tudo bem, que continuássemos no nosso trabalho. Isto a nível dos colegas, portanto, houve estas duas, houve colegas que se aproximaram, desejaram tudo de bom. Acho que só houve uma colega que disse que até alinharia num projeto destes. Outras não, remeteram-se ao silêncio, nunca se dirigiram, nunca disseram palavra nenhuma. Mas continuamos a lidar normalmente, em reuniões, em ocasiões informais até, mas pronto não se toca no assunto. Em termos dos funcionários foi muito engraçado, porque quando eles andam à nossa procura, então ao início vinham à minha sala procurar por mim, mas estava outra pessoa. Mas eles próprios até acharam engraçado, e já sabem mais

ou menos o horário em que cada uma está em cada turma e já não estranham nada. E já sabem que se vêm com fotocópias para a professora Mônica é na sala 3, mas se a professora Mônica não estiver lá, deixam à mesma na sala 3, que é como se fosse o meu quartel-general. Hum... portanto acho que a parte dos funcionários foi... um bocado baralhada ao início [rindo], mas eles entraram no esquema e... E já sabem do projeto, e começou tudo a andar sobre rodas, mesmo a nível das fotocópias, eu pedir 72 fotocópias de uma ficha podia causar estranheza, mas não, a nossa funcionária já sabe que é para 3 turmas e isso tudo. Depois, a nível dos encarregados de educação, que acho que foi um elemento muito importante em todo este processo. Eles também participam. Hum... depois daquele choque inicial [rindo] acho que as opiniões têm sido o mais positivas possível. Eles próprios, e tivemos agora um encontro no dia 1 de fevereiro fizemos o atendimento mensal todas juntas, que eles tinham sugerido que se fizesse. E nós fizemos e foi bom, foi bom. Porque nesse encontro, cada uma de nós, fez mais ou menos a situação das disciplinas, em que pé é que estávamos e o que era necessário os alunos melhorarem e no fim, e isto foi frisado por todas nós, que qualquer dúvida, qualquer aspeto que eles quisessem esclarecer, que não precisavam de esperar pela titular de turma, que se poderiam dirigir, se é de estudo do meio à professora de estudo do meio, se for de matemática de ir ter com a professora de matemática, e haver uma abertura das professoras e o à-vontade para os pais procurarem as professoras. Portanto havia falta se calhar deste esclarecimento, de que há uma relação dos pais com todas as docentes, não só com a titular de turma. Pronto. E foi bom.

Or: Eles sentiram necessidade disso e, se calhar, vocês também sentiam e nunca pensaram muito bem sobre o assunto?

Ent: Pois, nós não pensámos e às vezes também é por talvez aquela parte logística, como é que vamos juntar 3 turmas? Não temos um espaço físico para o fazer. Mas depois percebemos... ok, se for preciso ir buscar mesas a outra sala, cadeiras vamos buscar as cadeiras, e foi o que aconteceu. E há sempre pais que não vêm e os que vieram deram um feedback muito positivo, muito. Inclusive a mãe

duma aluna do 3.º D veio ao pé de mim e disse-me: “para a minha filha a mudança foi espetacular!”

Or: Esse envolvimento afetivo, também com os pais, que para ti foi um dos aspetos que referiste que tinha sido mais complicado, poderá agora ser um novo constrangimento?

Ent: Já não é, já não é. Agora é mais benefício, porque já vou.. ainda não consigo, mas para lá vou caminhar, que é ter uma relação também de cumplicidade com os pais, porque ao fim ao cabo trabalhamos todos para o mesmo, aqui ninguém está contra ninguém. Eu comecei a abrir mais aos pais no final do primeiro período quando fiz o concurso do jogo do 24. E que fiz uma sessão em cada turma, com pais. Só para pais, em que eles fizeram os grupos e fizemos uma brincadeira matemática e eles aí perceberam que comigo estão à vontade, e eu entrei na brincadeira com eles e fizemos o jogo e vimos os pontos. E vamos dar continuidade. Logo nessas sessões eu questionei logo os pais se estariam disponíveis para continuarmos no segundo período e no terceiro e eles disseram logo que sim. E deram um feedback muito positivo.

Or: Achas que há uma diferença qualitativa, positiva ou negativa, na participação dos pais na vida escolar dos filhos, decorrente da implementação do projeto, ou não sentes diferença nenhuma?

Ent: Olha, os pais da minha turma da qual sou titular sempre foram muito presentes, muito. Sempre acompanharam, quer em casa os filhos, quer aqui nas reuniões de atendimento mensal. Sempre. Mantém-se o mesmo nível. Pois, em relação às outras turmas, não sei qual era o nível de participação dos pais, nem posso ver a evolução. Aqui, noto que as coisas não se alteraram substancialmente porque eles já eram muito participativos e continuam muito participativos.

Or: Notas alguma diferença na participação dos pais entre as turmas?

Ent: É assim, na participação direta em reuniões, pois não posso avaliar. Se me disserem no acompanhamento que os pais dão em casa, há diferenças entre as

turmas. Isso tenho que dizer. Eu acho que não tem nada que ver com o projeto, é assim, aqueles pais que já não acompanhavam os filhos, talvez acompanhem um pouco mais, “olha deixa lá ver o que a professora de matemática mandou”. Eu acho que nesse aspeto é positivo, porque eu ando sempre muito em cima, ou do trabalho de casa ou da pontualidade, sou uma chata com a pontualidade. E eu noto que as coisas têm melhorado na pontualidade. Noto. Portanto, é sinal que os pais estão a dar atenção, estão a dar atenção, isto não lhes está a passar ao lado. Eu acho que eles estão, e noto nalguns miúdos um interesse, os pais envolvem-se. Só não posso comparar com os anos anteriores, porque desconheço.

Or: Quais são para ti os pontos fortes deste projeto?

Ent: Para mim, para já, um primeiro ponto forte é o trabalho da equipa. Isso já referi ao longo da entrevista. O trabalho em equipa, a cooperação, a colaboração, a partilha, a partilha das preocupações... Eu acho que isso traz uma estabilidade profissional muito grande, termos com quem partilhar as nossas preocupações. E isso para mim é o grande ponto forte. Claro que para isso é preciso haver a tal confiança entre todos os membros da equipa, por isso é que não podia ser qualquer um. Porque, não é, eu dizer “oh pá eu não estou a conseguir ensinar isto a determinado aluno” pode não se poder dizer a toda a gente, podemos estar a por em causa a nossa capacidade, não é? E há muitas pessoas que não gostam de, perante outros, reconhecer as suas fragilidades. Eu não sou disso, eu digo “não estou a conseguir assim”, digo eu e os restantes membros da equipa fazem o mesmo. Fazem o mesmo. Fazem o mesmo. Acho que este é o grande ponto forte: o trabalho da equipa em prol dos alunos. Segundo ponto forte: os tempos letivos bem... bem estabelecidos para cada uma das áreas. Não rouba aqui para dar mais matemática ou mais português. Não vamos prejudicar as outras áreas, não é? Não vamos prejudicar a música. Eu acho que isso é outro ponto forte. Estes alunos estão a ter a carga horária estabelecida por lei em todas as disciplinas certinhas! Este também considero que é um ponto forte, a par do outro; o cumprimento dos tempos letivos em tudo, tudo, tudo, tudo. E depois, outro ponto forte é cada uma de nós da equipa estarmos a lecionar a disciplina para a qual temos maior especificidade na nossa formação, a qual é a eleita quando nós escolhemos o

curso. E acho que se nós estivermos contentes com o que estamos a fazer, melhores profissionais e melhor é o nosso desempenho. Fazer uma coisa contrariados... [pausa torcendo o nariz] podemos nos esforçar, mas se calhar o entusiasmo e a dedicação, aquele gosto que vem mesmo de dentro e queremos dar tudo, não seria bem assim. Portanto, acho que estes 3 pontos fortes são determinantes.

Or: Quais os aspetos que achas que poderiam melhorar?

Ent: Agora, o que é que eu queria melhorar? Mas isso eu queria melhorar agora que estou no projeto e sempre! Queria que os resultados escolares fossem ainda melhores! [sorrindo] Ou seja, neste momento a matemática está com um bom nível de sucesso, mas como eu sou uma pessoa que nunca me dou por satisfeita [rindo], eu quero ainda mais. Então eu quero trabalhar, cada vez mais, para melhorar ainda mais os resultados.

Or: E achas que haverá alguma mudança que possamos fazer, no âmbito do projeto, que vá ajudar a melhorar os resultados escolares dos alunos?

Ent: Olha, ainda não pensei nisso!!! [rindo à gargalhada] Eu quero melhorar... agora, vamos lá ver, a nível da sala de aula, passa muito por dar o apoio individual. É assim o programa é muito exigente, do 3.º ano, como tu sabes, e exige já algum grau de abstração em crianças de oito anos, que algumas não conseguem ter. Apesar das médias das turmas situarem-se no bom, o que é bom [rindo], passo a redundância, o que é bom, eu quero sempre mais delas e eles têm dado muito, porque quando eu vou comparar com os resultados da diagnóstica, que estavam no suficiente, e agora estão no bom, sendo um programa de 3.º ano, que exige, são muitos conceitos novos, que exige abstração, exige muito raciocínio, eu estou muito satisfeita com estes alunos! Ainda para mais que eles no primeiro período tiveram que se adaptar às minhas metodologias, que poderiam em alguns casos comuns à das colegas ou diferentes, tiveram que se adaptar a mim. Eu estou imensamente satisfeita! Agora, quero mais? Quero! Vou pensar como é que a nível do projeto a gente pode fazer isso. Eu, a nível de sala de aula, já faço, é sentar-me com eles, dar um trabalho, sentar-me com os que precisam mais e apoiá-los mais

directamente. A nível do projeto, sei lá, se calhar no futuro dedicar uma hora para qualquer coisa da matemática, não sei... ainda tenho que refletir onde é que a gente poderia intervir mais directamente nesse aspeto concreto.

Or: Se calhar essa preocupação também é sentida pelas outras colegas?

Ent: Pois, porque acho que elas são como eu, também querem sempre mais! [rindo] Mas isto eu quero deixar bem claro, o aproveitamento é bom! Que eu sou exigente, sou! E que quero mais, quero! E que hei-de fazer de tudo para lá chegar. Não depende só de mim. Depende da nossa matéria-prima, não é? Porque temos nas 3 turmas meninos que apresentam dificuldades de aprendizagem, não é? Não vamos pensar que as 3 turmas têm só meninos que... sem problemas. Eles têm. Eles têm. E... e acho de tudo o que eu tenho feito a nível da matemática, tenho trazido o material todo, outros constroem eles, eu acho que isso lhes tem ajudado muito. Sempre que é possível manipulação, é comigo. E vejo que eles realmente evoluem, mas há conteúdos que vão já pedindo alguma abstração, não é? E aí... Mas...

Or: Será que essa preocupação que a equipa tem com os resultados dos não tem também que ver com a vontade que todas têm que esta investigação dê certo, o mais possível?

Ent: É possível. [rindo] É. É. É assim, talvez o outro ponto forte que ainda agora não referi: a avaliação. As 3 turmas estão a ser avaliadas igualmente, com a mesma base de exigência com as mesmas coisas. Não há diferenças aí. E eu sei que corresponde aos valores reais, ou seja, aquela turma tem 70% de média, é 70% de média! Esta tem 73 é 73! Portanto aqueles 70% são com base na mesma coisa. Só que eu quero que aqueles 70 passem para estes 73 desta turma. É aí, é isso que eu quero! Será que é para provar que o projeto realmente... É! É também, mas também é pessoalmente! Eu quero! Eu quero! [rindo] Tem que dar! Tem que ser, tem que ser! [rindo]

Or: É a motivação que tens lá dentro que impulsiona essa vontade?

Ent: Daí eu ter dito, que os aspetos negativos... ou os aspetos a melhorar são os resultados, mas eles já são bons, eu quero é mais! É isso que tem que ficar aqui ciente.

Or: Para concluirmos, gostaria que fizesses uma apreciação global do desenvolvimento do projeto ao longo do primeiro período, com tudo o que ele envolveu: a fase de adaptação, as vossas reuniões, a evolução ou não dos miúdos, o vosso trabalho na prática letiva, na organização da vossa disciplina... Uma apreciação global.

Ent: Apreciação global... Muito Bom! Porque foi o período em que enfrentámos mais dificuldades. Foi onde se operacionalizou a maior mudança... não é? Agora o segundo período é mais tranquilo. Quando eu digo muito bom não estou a exagerar, porque o primeiro momento foi... hum... dizer aos pais, informar os pais. Logo aí tínhamos todas o coraçãozinho apertado, não é? [pausa] Foi ultrapassado! Correu bem. Os pais apoiaram, vamos prá frente! Embarcámos todos no mesmo barco. Certo? Depois, todos os constrangimentos que foram surgindo, desde a planificação das aulas, ter que refletir, ter que reformular, e... e... a partir dos meados de outubro, finais de outubro, começarmos completamente, hum... como é que hei-de dizer, a levar isto já... eu que não quero dizer uma expressão e depois tu metes isto na entrevista [rindo], com uma perna às costas [rindo]... A engrenagem a trabalhar. Eu só posso dizer que foi muito bom! Foi uma aprendizagem pessoal, foi uma aprendizagem profissional e, e não podia avaliar de outra maneira...

Or: E com os miúdos...

Ent: Os miúdos... foi muito bom.

Or: Também não foi um momento de medo, tal como os pais?

Ent: Foi! Nas primeiras aulas que uma pessoa vai para outra turma, primeiro é assim, já sabemos que eles nos vão testar... Não queremos impor a nossa autoridade com autoritarismo. Queremos impor a nossa autoridade fazendo-os

respeitar-nos, não é? Isso foram outros obstáculos que foram surgindo e eu acho que foram todos ultrapassados porque nós não temos, nas 3 turmas... nós não temos nas 3 turmas casos de desrespeito às professoras. Portanto, todo esse processo até ao final do primeiro período foi sempre em ascensão. Daí o muito bom! Muito bom perante as situações que nos foram surgindo e a nossa capacidade para ultrapassá-las, não posso avaliar de outra maneira.

Or: Achas que nesse muito bom tem peso a equipa ser coesa?

Ent: É determinante! Foi aquilo que eu já disse ainda agora, se fosse com outra equipa esta questão de eu ter dificuldades em cumprir com os planos de aulas eu não me sentia completamente à vontade. Foi com a ajuda delas e com a confiança que elas demonstraram no meu trabalho que eu consegui superar... e elas também. Aliás, no nosso Diário de Bordo, logo na primeira semana diz que tivemos dificuldades em cumprir a planificação [rindo]. Porquê? Porque estávamos a conhecer os ritmos das turmas, não é? A adaptação àquele tempo letivo, àquele intervalo de tempo, fazer tudo... Foi trabalhoso mas gratificante! Podia repetir outra vez! Mas agora com a experiência do primeiro período, o segundo período vai correr bem. E também qualquer constrangimento que venha a surgir também já temos a experiência do período anterior que nos vai dar forma de enfrentar e de ultrapassar. É assim que eu vejo as coisas, em crescimento!

Or: Tens mais alguma coisa que gostarias de acrescentar ao que já disseste?

Ent: Tenho a acrescentar que daqui a dois anos quero outro! [rindo]

PROTOCOLO DA EI/D2

Or: Qual foi o primeiro pensamento que te surgiu quando, na reunião geral, foi proposto o desenvolvimento da investigação, do projeto, em moldes de pluridocência?

Ent: Grande desafio!

Or: E depois, quais foram as motivações pessoais e profissionais que te levaram a aderir a esse grande desafio?

Ent: Pessoalmente achei interessante, e acho que foi o mote para nós sairmos desta caixinha a que estamos habituados, que é a monodocência. Nós estamos habituados a gerir o nosso tempo, a fazer as coisas à nossa maneira, não é? E tudo o que é diferente... Eu como sou uma pessoa que gosto de desafios, tudo o que é diferente deixa-me a pensar, deixa-me a refletir. E achei muito interessante desde logo do início, sem saber muito bem no que me estava a meter, não é? Hum... Pessoalmente foi, foi isso! Pessoalmente foi o tão grande desafio. Profissionalmente foi o de mudar, fazer diferente. Se bem que nessa reunião, o que foi proposto foi coisas novas para... para ajudar no... no... o grande mote... o grande objectivo foi apresentarem projetos inovadores que visassem o sucesso educativo, não é? Só esta grande chaveta me deixou logo empolgada! Profissionalmente, porque precisamos de fazer qualquer coisa diferente. Como está... hum... se calhar já não somos... já não é tão aliciante para os nossos alunos, temos que inovar, fazer diferente. Foi nessa perspetiva.

Or: O projeto foi construído em conjunto convosco, mas uma coisa é organizar no papel, outra coisa é quando começa a rolar. Quais foram as maiores dificuldades que tu sentiste com a implementação e desenvolvimento do projeto, ao longo do 1.º período?

Ent: A grande dificuldade foi a gestão do tempo. Eu sinto-me a correr diariamente de um lado para o outro, em cada turma, e quero mais e não consigo... Estava à espera que, apesar de só me centrar numa disciplina, estava à espera que o tempo

me desse para fazer mais, mas o programa, como é muito exigente, não me permite. Esta foi uma condicionante. Outra que me... que me... foi... os pais! A ansiedade dos pais. Eu não estava ansiosa quando abracei este projeto, mas essa ansiedade refletiu-se um bocadinho nas nossas práticas, porque questionavam, porque perguntavam. Hum... porque agora é assim, porque... as ansiedades que são normais dos pais. Isto foi um grande choque, principalmente para os pais. Portanto, basicamente dentro da sala de aula o que eu senti foi a gestão do tempo. Sinto que não consigo fazer tudo aquilo que eu idealizei, não é?

Or: E ao longo do período, que estratégias usaste para ultrapassar essa dificuldade na gestão do tempo?

Ent: Foi pensar mais ao nível do tempo que tenho, articular por forma a ser mais compactado o que eu ia fazer, se bem que as turmas são diferentes, os miúdos são diferentes e nem sempre eu consigo. Neste momento, a estratégia foi tentar gerir mais o meu tema em termos de conteúdos, o programa, ser mais, não ser se calhar tão exigente, nem ser tão... nem querer abarcar tanto e ir de encontro a cada turma, consoante a sua especificidade.

Or: Então essa é uma dificuldade que ainda se mantém?

Ent: Ainda se mantém.

Or: Em termos do projeto, achas que se pode reformular algo para ajudar a ultrapassar essa tua dificuldade?

Ent: Era ter mais tempo para a minha área.

Or: Mais carga horária?

Ent: Exatamente.

Or: Nesse caso não se trata de uma limitação do projeto investigativo, mas sim da própria distribuição dos tempos letivos da matriz curricular do 1.º Ciclo, que não contempla o mesmo número de horas para o Estudo do Meio

que para a Matemática ou para o Português. Se houvesse expansão desse tempo do Estudo do Meio, conseguirias sentir-te mais à vontade?

Ent: Com certeza que sim. Tive também como objetivo, além do estudo do meio do programa de ser mais abrangente a nível das experiências, porque acho que é uma área fundamental. E sei que os miúdos ficam muito motivados, não é? Nessa área são sempre muito participativos. E... a não ser aquela questão propriamente no programa, eu queria ir mais longe e não consigo. Estou incapacitada pelo tempo. É um dos factores que me, que me constrange e que me deixa um bocadinho ansiosa. Queria ir mais e não consigo.

Or: Uma vez que a nossa carga letiva para o Estudo do Meio já se encontra no máximo estabelecido por lei de 5 horas semanais, penso que ao nível do projeto investigativo pouco se poderá fazer para aumentá-la. Tens outras sugestões?

Ent: Talvez dentro deste projeto um projeto em paralelo, talvez numa das outras áreas que seja complementar ao estudo do meio, onde pudéssemos, por exemplo, fazer um atelier no ensino experimental, possivelmente, e daí... Até porque nós articulamos, não é, todas as áreas curriculares nessas segundas-feiras e há várias docentes que estão envolvidas, de alguma forma, tanto na matemática como no português como no estudo do meio, até nas expressões, forma de ir de forma transversal, ir ao ponto e... e... e... abarcar todas as áreas de uma forma ou de outra a nível dos conteúdos.

Or: Ainda em relação à implementação do projeto, quais foram as maiores mudanças que sentiste ao nível da organização do trabalho?

Ent: Muito mais completo, muito mais... tudo o que é feito é feito com a participação de todos os docentes intervenientes no processo. Portanto, quatro, cinco cabeças a pensar resulta muito melhor do que uma só... hum... Somos muito mais organizadas, hum... O facto de prestarmos contas entre aspas de tudo o que se está a fazer incute-nos sempre a responsabilidade de ter em suporte de papel, de ter as coisas organizadas para apresentar a todos os colegas e acho que a nível

de organização é, sem dúvida, às vezes quando nós estamos em monodocência há sempre qualquer coisinha que falha, aqui não pode falhar. Não falha! Obrigatoriamente temos que prestar contas entre nós. Prestar contas não é no sentido de termos... hum... que andar a controlar, mas sim nós próprios autoregularmo-nos e sermos exigentes conosco próprios e apresentar, porque temos que apresentar aos colegas, temos que ter a... a... a... tudo pensado e estruturado para provar, a todos os intervenientes no processo, como é que as coisas estão a funcionar. E para cruzar a informação.

Or: E na tua prática letiva, o que achas que mudou?

Ent: Na minha prática letiva mudou o meu conhecimento em relação àquela área específica, uma maior abrangência, um maior envolvimento só especificamente na área, o que me permite pensar em muitas estratégias para poder aplicar nos alunos. E mais, as turmas são diferentes, portanto, hum... os miúdos são diferentes, o grau de exigência também é diferente de turma para turma. Portanto, consigo chegar ao pormenor de pensar no global de cada turma e em particular de alguns alunos. Por um motivo ou outro, ou porque são crianças com necessidades educativas, de também a eles... ter tempo para fazer coisas diferentes especificamente e individualmente para cada um deles. Claro que se abarcar todas as áreas, se calhar, não por vontade própria, mas sou capaz de escamotear algumas coisas e não ser tão incisiva. E aqui eu posso ser. Posso ser direta, incisiva em alguns meninos e até naqueles que mais precisam, que é a nossa realidade na sala de aula.

Or: Então, isso quer dizer que ao nível da tua prática letiva, no Estudo do Meio e no Ensino Experimental, houve uma melhoria?

Ent: Adaptação de estratégias, por exemplo, como uma ficha por exemplo, eu consigo ter tempo para adaptar aquela ficha a um aluno com dificuldades ou a um aluno de CEI ou a um aluno que tem mais dificuldade, eu consigo adaptar e chegar mais depressa a eles, não é? E porquê? Porque eu estou focalizada naquela disciplina, naquela área curricular, não é? E estou a pensar em todos e consigo pensar também individualmente em relação a cada um dos miúdos. Dá-me

abrangência para isso. Dá-me tempo para fazer diferente, não é? A tal especificação naquela área, na minha área.

Or: Que outras mudanças tu sentes que este projeto veio operar?

Ent: Vi grande alteração nos miúdos. A princípio muito confuso, a princípio era muito confuso, mas depois em termos de organização eles... não tem nada a ver, eles conseguem ir de encontro àquilo que nós queremos, eles já sabem sem nós falarmos o que é que nós queremos, como é que as coisas funcionam. Eles já sabem as práticas de quando eu entro na sala de aula o que é que têm de fazer, já não preciso de falar, não é? São autónomos. Mais autonomia, mais desembaraço. Hum... são, são... eles parece que quando vêm para a minha aula, não sei se é a perceção das outras pessoas, mas quando eles vêm para a minha aula eles já sabem todas as rotinas, eles já sabem o que é que têm de fazer. Hum... Como é que se faz em termos de, por exemplo, da lição, do sumário, de ir buscar o manual e de ir buscar o caderno, já não precisamos de falar, isso já está... hum... automatizado.

Or: Então achas que essa foi uma mudança positiva, decorrente do projeto, nos alunos?

Ent: Nos alunos... E a grande receptividade por parte dos alunos, isso foi fantástico! Eu pensei que tivéssemos ali alguma, alguma dificuldade, porque eles tiveram 2 anos a mesma professora. Pensei que houvesse aqui, que começasse a haver aqui algum constrangimento, que a adaptação fosse muito difícil, bem pelo contrário, acho que eles se adaptaram até muito melhor que nós, não é? Porque nós já conhecíamos, eu tinha a minha turma e conhecia muito bem a minha turma, não é? Já sabia o que cada um era e como era. Quando fui abraçar as outras duas turmas pensei que houvesse uma falta de receptividade. Pelo contrário. Os miúdos foram fantásticos, fabulosos. Não senti qualquer constrangimento da parte deles, senti-me sempre à vontade e sempre acarinhada e isso foi muito importante.

Or: E aspetos negativos destas mudanças, nos alunos?

Ent: Aspectos negativos dos alunos... Eu não... por enquanto... Bom, também estamos numa fase um bocadinho inicial, não é? Eu não senti! Assim grande, grande, ou qualquer dificuldade, não. Não senti dificuldade na adaptação entre docentes, não senti dificuldade até nos resultados, as coisas não são muito diferentes do que eram, não é? Hum... Apesar de nós falarmos de todos em particular e daqueles que nos causam mais preocupação, não senti assim grandes... efeitos negativos. Sinceramente. E melhor, e mais, notei grandes melhoramentos principalmente nos meninos com necessidades educativas. Uma melhoria significativa.

Or: Engraçado que esses miúdos normalmente têm maiores dificuldades de adaptação à lidação com mais pessoas, de criar ligações afetivas...

Ent: Neste caso não, até bem pelo contrário, acho que melhorou significativamente. Qualquer um deles... em qualquer uma das turmas. Em qualquer uma das turmas.

Or: E nos docentes da equipa do projeto, quais os efeitos positivos e negativos que consideras que houve?

Ent: Nos docentes da equipa... Tivemos algumas ansiedades como era no início evidente, sentimos os constrangimentos de entrarmos na sala que hipoteticamente era daquela pessoa. Não nos sentíamos à vontade para mexer numa gaveta, para utilizar o computador. Estas foram as minhas ansiedades, não é? Eu estou a invadir um espaço que não é meu, que é da minha colega, portanto eu sentia-me muito mais confortável na minha sala de aula. Suposta minha sala de aula, que não era, não é? Mas eu sentia-me a invadir o seu espaço e isso foi falado, muitas vezes aqui, e curiosamente senti que elas sentiam o mesmo. Agora já está ultrapassado, agora já mexo, já, já, já consigo... Mas foi pesado, muito pesado porque eu sentia que estava a invadir o espaço da outra pessoa e o respeito por aquilo que a outra pessoa tinha, no seu espaço, que era o espaço delas. Eu não senti que elas invadissem o meu espaço, mas eu senti que poderia estar a invadir o delas. O tal respeito, para que... para que as coisas resultassem e não houvesse, não houvesse... hum... não fosse, se calhar entrar num espaço que não era meu. Eu senti isso. Senti! Agora já está ultrapassado!

Or: E efeitos positivos?

Ent: Positivo foi a forma como sempre lidámos umas com as outras, a recetividade e a confiança no trabalho umas das outras. Sempre! E isso foi extraordinário. A partilha! O estar à vontade para dizer o que pensávamos, sem ter, está bem que nós nos conhecíamos, não é? Mas uma coisa é conhecermo-nos dentro do nosso casulo, outra coisa é partilharmos tudo. E nós partilhamos tudo o que diz respeito aos nossos alunos e ao nosso trabalho. É tudo partilhado, não é? O facto de te sentires à vontade porque as outras pessoas te dão, dizem assim, te dizem que confiam no teu trabalho, não é? É importante porque não é só o confiar, elas conseguem visualizar o que é que nós fazemos, não é? Portanto... hum... e muitas vezes questiono-as: “isto tá bem, não tá bem, posso ir por aqui, não devo de ir por aqui”. E também quando temos dúvidas em relação a alguns miúdos, porque no princípio era notório, não... não conhecia os outros miúdos e a minha análise podia ser bem diferente de... da análise que a professora titular de turma tinha acerca da sua turma. Por acaso foram sempre convergentes e a partilha, a cooperação e a confiança foram fundamentais! E estar à vontade para falar até das minhas angústias e ser bem aceite.

Or: E em relação aos outros intervenientes, nomeadamente, os pais, os funcionários da escola, os outros docentes, achas que houve algum efeito negativo ou positivo nesses elementos?

Ent: Nos encarregados de educação houve um choque inicial. Brutal. Acho eu. Foi uma coisa assim agora parece que tiraram o tapete. E agora quem é a referência disto? Não sabemos como é que isto vai funcionar. Acataram com alguma resistência. Só tive apenas dois pais que me confrontaram e que disseram que: “não, professora é muito complicado”. O resto aceitaram mas com um pé atrás. Hoje em dia isso já não se verifica... Pelo menos não sinto isso na minha turma, até pelas reuniões que temos, pelo feedback que também tivemos numa reunião só entre os pais e a investigadora, não é? E depois uma reunião também que tivemos só com os pais, nós professoras e os pais. Bem pelo contrário! Foi decorrente dessa primeira, uma sugestão que os pais deram que queriam uma

maior proximidade com todos os docentes dos seus filhos, e foi nessa base que essa reunião foi realizada e hoje não sentimos isso. Se existem... hum... algumas divergências... hum... já não se sentem. Naquela altura sim. Foi um choque e nós sentíamos. Eu sentia isso nos pais, sempre a questionar, ansiosos, como é normal. Mas nós também não fomos diferentes, também tivemos alguma ansiedade, tudo o que é diferente causa mudança e causa-nos alguma perturbação, não é?

Or: Então, no que respeita aos pais, após esse momento mais negativo a tendência foi de melhorar. Neste momento, achas que é uma situação ultrapassada, que é mais positivo?

Ent: Mais positivo, sem dúvida nenhuma. Nas funcionárias, alguma alienação: “estou aqui, está aqui, é aqui, está aqui, não está aqui, pronto é a professora, agora é diferente”, pronto, mas sempre muito boa receptividade. Aliás elas foram sempre extraordinárias e continuam a ser, pelo menos é essa ideia que eu tenho desde que cá estou nesta escola. Relativamente aos docentes que não fazem parte do projeto, alguma resistência. Muita resistência. Não todos, não todos, mas alguns tiveram bastante relutância, principalmente no nosso grupo de ano. No 3.º ano.

Or: Consideras, portanto, isso um efeito negativo que o projeto provocou nos outros docentes?

Ent: Mas sinceramente, a mim não me influenciou em nada. Se calhar deu-me mais, mais força para... para continuar. Era esta a minha motivação, era este o meu desafio! Não ia mudar porque havia... vai haver sempre ou há sempre, tudo quanto é mudança cria alguma instabilidade nas pessoas, não é? Portanto, o trabalho era meu, o desafio era meu... tudo o que estava à roda, quer entendessem por bem, quer tivessem resistência...[encolhendo os ombros] Se tivessem dúvidas vinham perguntar, porque tiveram sempre abertura. Como não perguntaram, houve alguma incompatibilidade em reuniões, que foram esclarecidas e acho que estão sanadas neste momento. Mas não foi motivo que me fizesse preocupar muito. O que me preocupa é o meu trabalho e aquele desafio que me propus fazer, ponto!

Or: No que respeita às resistências dos restantes docentes não envolvidos no projeto, consideras que poderia ter sido operacionalizada alguma estratégia que ajudasse a reverter o efeito negativo que teve?

Ent: Não, até porque foi tudo transparente, à frente de toda a gente. Acho que não havia outra conduta, nem outra maneira de... de... que minimizasse esses danos. Porque foi tudo tão transparente, não é? O projeto... O facto de existir logo o projeto, sem as pessoas saberem o que continha, causou logo alguma manifestação de... de... de... como eu disse há pouco, de resistência, não é?

Or: Mas o desafio foi feito a toda a gente...

Ent: O desafio foi feito a toda a gente, mas nem toda a gente quis abarcar esse desafio... ou outro. Ou outro desafio. Aliás, tudo começou... este desafio foi proposto numa reunião de conselho de docentes, não é? Em que estavam todos os elementos e que foi proposto... hum... projetos novos, inovadores... se bem me lembro, que visassem o sucesso educativo. Portanto, foi feito como deve ser. Nós abarcámos este projeto e pronto. Aceitámos esse desafio e não pensámos nos efeitos colaterais, ou não pensámos que... só pensámos naquilo! E continuamos focalizadas no projeto! O que rodeia... se há dúvidas, não sei porque é que há, porque eu acho que foi um processo extremamente claro e transparente e toda a gente se propôs a falar sobre ele, caso houvessem dúvidas. Portanto, foi tudo muito aberto, foi... foi... hum... abrangente a todas as pessoas, não há... acho que este constrangimento seria desnecessário. Mas eu acho que este constrangimento também teve que ver com o seguinte: nós estamos num projeto de pluridocência e o professor do 1.º ciclo basicamente vive em monodocência. Isto mexe com as pessoas. As pessoas pensaram que de alguma maneira que isto possa reverter ou perder a monodocência. E algumas pessoas não estão de acordo e temos que respeitar, assim como elas têm que respeitar que eu posso querer entrar num projeto que seja diferente, não é? Hum... [pausa] Não quer dizer que isto tudo vá mudar para elas. Mudou para mim! Mudou para as colegas que estão no projeto! Mas não tem que mudar para as outras colegas, não é? Agora também não posso ser condicionada porque estou num projeto e porque os outros não aceitam, não

é? Portanto, é nessa medida. Agora continuo focalizada neste projeto, não me faz diferença nenhuma o que é que os outros acham... que haja esta resistência. Se vierem ter comigo e me perguntarem, eu respondo da melhor vontade sobre as dúvidas que possam ter. Se continuam resistentes, eu neste momento até nem sei se ainda há resistência...

Or: Se calhar foi uma questão transitória. A normal resistência à mudança que se vai diluindo e as pessoas se vão habituando...

Ent: Se calhar. E o que eu acho que aconteceu verdadeiramente é que as pessoas tiveram medo de perder a monodocência. Que este projeto, de alguma forma, fosse mudar a monodocência. Não é nada disso. Estamos a fazer uma investigação. Mais nada. É só.

Or: Quais consideras serem os pontos fortes do projeto e quais os aspetos que achas que ainda precisamos melhorar?

Ent: Aspetos fortes... entre nós docentes?

Or: Do próprio projeto. Olhando para o período letivo que já passou, o que achas que constituiu o ponto forte do projeto?

Ent: Ponto forte é a especialização numa área. Se nós nos especializarmos numa área, somos, sem dúvida, muito melhores e mais conhecedores e mais, mais portadores de conhecimento para transmitirmos aos nossos, aos nossos alunos. Em vez de abarcarmos tantas áreas, abarcamos aquela e focamo-nos naquela. Uma das mais-valias é essa. Outra mais-valia podemos considerar em termos de conhecimentos, de partilha, de ver outras realidades e não estarmos fechados na nossa concha, não é? Pensarmos em conjunto, a colaboração, a partilha é que é essencial, não é? E mesmo dentro da minha área ou na outra área, eu posso sempre por o meu cunho pessoal em relação ao que está a ser feito, ao que estamos a fazer, não é?

Or: Achas, então, que não perdes a ligação às outras áreas?

Ent: Não, nunca! Nunca perco. Estou mais focalizada nesta para melhorar... para tentar melhorar os resultados dos alunos, não é? Ser uma pessoa mais centrada naquilo e mais focalizada naquela área curricular, que me pode dar mais conhecimento e mais aprofundamento, não é? Sem dúvida que isso irá melhorar o meu conhecimento e a partilha para com os meus alunos. Agora não perco, porque eu estou sempre envolvida nas outras áreas, não é?

Or: Então a colaboração e essa coesão que existe entre a vós docentes é um ponto forte, na tua opinião. Há outros?

Ent: A partilha já disse, não é? A partilha dos conhecimentos. Também chegar a uma conclusão de que o facto de falarmos individualmente ou em grupo dos nossos alunos... hum... as coisas são sempre convergentes, não há uma discrepância assim tão grande, da análise que eu faço, da que faz a colega da matemática ou que faz a colega de português, ou a colega de inglês, ou a das expressões, não é? Há, há, há... um conhecimento que se constrói em conjunto acerca dos alunos e sempre visando a preocupação e visando sempre o que é que nós podemos fazer melhor para, pedindo a opinião dos outros, não é? Nós... hum... O que é que acontece na monodocência? Vivemos centrados no nosso mundo, no nosso grupo. Gerimos as coisas à nossa maneira. Não temos ninguém que nos diga assim: “olha já pensaste por outra maneira? Se calhar a coisa funcionava.” Não. Se calhar nem permitimos! Então vem aqui a colega e outra colega qualquer e diz assim: “Tás a fazer isso, se calhar...”, não é? E não temos esta, esta humildade de ouvir, saber ouvir os outros. Eu acho que isto é a grande mais-valia: é a partilha, a cooperação, saber ouvir a opinião dos outros e receber bem também a opinião que os colegas têm e fazerem-nos refletir. É uma grande reflexão sobre as nossas práticas, principalmente! Como é que elas funcionam e se funcionam...

Or: E em relação a aspetos a melhorar. O que é que achas que ainda se pode melhorar?

Ent: Temos sempre muita coisa a melhorar. Uma coisa que eu sinto que me dificulta muito era ter um espaço só para a minha área... [pausa]

Or: Uma sala?

Ent: Uma sala só especificamente para a minha área! Há coisas que eu quero expor e que quero sempre ter expostas. Dificulta-me um bocado o trabalho se tiver que fazer para 3 salas. É diferente, não é? Andas com os... com os... hum... por exemplo com as coisas, com o material do ensino experimental de uma sala para a outra, isso é sempre mais difícil. Requer mais alguma, alguma programação de tempo, mas... não é por aí. Mas se eu tivesse as coisas numa sala específica ajudava-me muito mais a... a gerir melhor o meu tempo e a ter as coisas ali, por forma a qualquer momento eu posso precisar de um determinado material, não é? E tenho ali à mão! E vou buscar! Não é? Se calhar, apesar de serem feitas as planificações semanais, diárias para aquela atividade, há sempre alguma coisa que me pode falhar de uma sala para a outra. É normal. Portanto, um espaço para nós. Agora evoluir... aspetos a melhorar... Há sempre aspetos a melhorar, não é?

Or: De momento o que sentes mais é a necessidade da criação de um espaço para a tua atividade?

Ent: Sinto! Nós andamos sempre com as coisas de um lado para o outro, não é? Por exemplo, eu vou... Muitas vezes a colega da matemática vem com os esquadros, com a régua, vem com aquelas coisas... Eu, por exemplo, com o ensino experimental, ando com o material do ensino experimental de um lado para o outro... Pronto, é esse aspeto. Certamente há coisas que nós queríamos expor naquela sala e que estivesse naquele momento, naquela aula sempre exposta para os alunos e também para... Não posso andar com os cartazes de um lado para o outro, não consigo também ter tempo para fazer cartazes para todas as salas. Nesse aspeto... hum... é uma condicionante.

Or: Podíamos pensar em serem vocês a fixar-se e os alunos a mudar de sala.

Ent: Por exemplo! Agora aspetos a melhorar há sempre! Até nas minhas práticas, principalmente. Há sempre coisas que eu estou a descobrir e que eu não via antes, não é? Eu antes, como tinha que me repartir em tantas áreas, eu não podia pensar concretamente no que é que eu poderia melhorar para, ou arranjar uma ficha

diferente ou arranjar uma estratégia diferente ou arranjar estratégias para motivar os meus alunos para. Não tinha! Às vezes não tinha esse tempo! Claro que me dedicava umas vezes mais a uma área, outras vezes mais a outra, agora com a incidência que este tem, não tinha. Mais aspetos a melhorar... há sempre aspetos a melhorar! [pausa] Que eu tenho noção que há coisas que devemos sempre melhorar, há sem dúvida nenhuma. Agora, não me ocorre de momento assim porque, lá está, estamos numa fase inicial do projeto. Certamente ao longo do tempo eu vou ter outra noção... Eu estou... É assim, não é fácil, este projeto não é fácil, exige de cada um de nós... Nós pensamos assim... Eu pensava que ia ser mais fácil no sentido de... de me focalizar só naquela e... não é, não é. Se calhar também é mais exigência da nossa parte, não é? Em querer mais, mais e mais e mais e mais. Não é fácil. É trabalhoso. É... É... É... Mas é motivador e se nós estamos motivados, fazemos as coisas sem, sem pensar, sem aquela carga de dizer assim: "Ah, ando muito cansada!" Não sentimos que é esse cansaço. Sentimos que é exigente, que não é diferente. Eu acho que ainda é mais exigente do que se estivéssemos com a monodocência.

Or: Será que essa exigência de que falas não está relacionado com as expectativas e o entusiasmo que vocês criaram à volta do projeto e querem muito que tudo corra pelo melhor?

Ent: Também!

Or: E será que não é a equipa a desenvolver essa exigência, enquanto equipa, que vos faz nunca estar satisfeitas?

Ent: É! É! Porque puxamos umas pelas outras. E o essencial de tudo isto é estarmos todas motivadas. Eu acho que, eu acho que se sente diferente! Eu acho que cada docente que está a participar neste projeto aderiu com gosto, com... Sentindo mesmo, como eu disse no início, que é um grande desafio e que queremos muito que dê certo, em prol dos nossos alunos. Não queremos que dê certo por nós, não é? Queremos que dê certo por eles e porque acreditamos!

Or: Para concluir a nossa entrevista, gostaria que olhasses para trás e pensasses em tudo o que se passou nestes últimos três meses e fizesses uma apreciação global de como é que se desenvolveu este projeto. Uma visão retrospectiva com uma apreciação global.

Ent: Neste momento ocorre-me uma frase: Não quero voltar para trás! Não gostaria de voltar para trás! Queria... Queria... Não sei... Neste momento, e isto é muito pouco tempo, não é? Portanto ainda nos falta mais de metade do percurso para acabar este projeto, mas... [pausa] vejo mais... Só vejo aspetos positivos, principalmente para os miúdos. Muito positivo. E para mim própria. [pausa] Em relação aos pais, em relação aos miúdos e em relação a nós! Acho que é muito positivo. Agora, para se iniciar um projeto desta natureza, há que haver qualidades pessoais que são precisas ter em conta, como: partilha, saber partilhar, ser humilde e acatar o que se diz e quem tem raízes muito, muitas raízes em monodocência, não é fácil. Não é fácil. Não é fácil abrires a tua sala de aula e deixares que todos invadam o teu espaço e que, e que... Não é um desafio, eu julgo que não é um desafio que está ao alcance de toda a gente!

Or: Então achas que grande parte do sucesso que vês no projeto tem que ver com as pessoas que estão nesta equipa?

Ent: Exatamente. Mas sem dúvida nenhuma! Sem dúvida nenhuma! Sem dúvida nenhuma. Tem que se partir de coração aberto, não é? E... e... e... Mostrar o nosso interior, como é que nós somos, não é? Em termos profissionais, não é? E ter a humildade de saber ouvir, de dizer sempre o que se pensa, por forma às coisas darem certo. Eu, neste momento, só vejo aspetos positivos, mas estamos numa fase inicial, não é? Mas eu não estou a ver, com alguns constrangimentos de termos as mesmas ansiedades, só que dantes tínhamos com 26 agora temos com 68, não é? A abrangência é diferente, nesse aspeto. Agora, não nos conseguimos desvincular, ainda, da pertença. Deixaram de ser um grupo de 26 para ser um grupo de 68 e lidamos com todos como se fossem nossos na mesma, não é? Hum... Às vezes ainda temos aquela situação da minha turma, que logo vem alguém e diz: “não, não, é minha!” Mas não fazemos de propósito. É o tal não invadir o espaço

ou não melindrar a outra colega. Não sei se me faço entender, mas é nessa perspetiva. Mas agora que nós os assumimos como nossos, quer dizer, ainda temos enraizado e não conseguimos desligar ainda da monodocência, não é? Deixou de ser um grupo de 26 ou de 21 ou de 22 para ser um grupo de 68. E sentimos que eles são... aquela situação de pertença que o professor do 1.º ciclo tem, só aumentou o número de alunos. Agora a... a... e o grau de exigência e de responsabilidade também. Muita. Muita responsabilidade. Acho que aumenta em termos de responsabilidade. Temos que... que... que ser muito responsáveis e ter tudo muito certinho e direitinho.

Or: Sentes que existe uma responsabilidade maior para cada uma de vocês ou que é aliviada pela equipa?

Ent: Sempre que há estes momentos de reunião, que são essenciais e que têm que ser, porque senão a coisa não funcionava, são minimizados pela equipa. Porque isto depois são as nossas ansiedades, não é? Quando nós chegamos aqui à segunda-feira e partilhamos todas as angústias, tudo o que aconteceu, nós partilhamos tudo o que aconteceu! Portanto, não só a nível de... de... do que estamos a fazer com os miúdos, mas também qualquer situação que... que... de conflito, porque cada uma de nós é titular de uma turma, não é? E tem que responder por isso, para que não sejamos apanhadas de surpresa e para que não hajam coisas dúbias, ou porque os pais nos venham perguntar e nós não saibamos responder, temos que saber. Tanto que os miúdos, muitas vezes, ficam espantados como é que a professora sabe se aconteceu há pouco. Às vezes até entre corredores partilhamos esse tipo de situações, porque achamos que é importante. Agora, tirando isto, eu só, neste momento, eu só vejo aspetos positivos. Mais para a frente...

Or: Então a apreciação é positiva?

Ent: Bastante positiva. Até agora!

PROTOCOLO DA EI/D3

Or: Qual foi o primeiro pensamento que te surgiu no momento em que eu lancei, na reunião, a proposta do desenvolvimento da investigação de carácter participativo, em pluridocência no 1.º Ciclo, mais do que a permuta do português e da matemática, abrangendo todas as disciplinas do currículo?

Ent: No primeiro momento foi logo: “Sim, quero!” Até porque, tu sabes, sempre foi minha vontade tentar... hum... uma... o par pedagógico, não é? Com a matemática e o português. Claro que aquilo que me apresentaram era mais vasto ainda, mas a primeira, logo a primeira coisa que veio à minha ideia foi: “Sim! Sim!” Um bom desafio que eu quis abraçar logo, não precisei de tempo nenhum para pensar se sim ou se não!

Or: E atrás desse sim, quais foram as tuas motivações profissionais, em primeiro lugar, e pessoais, em segundo lugar, ou vice-versa?

Ent: Eu acho que elas estão muito bem equilibradas. Em termos profissionais, porque as pessoas que compõem a nossa equipa são pessoas em quem eu confio, em quem eu deposito toda a confiança... hum... e que têm métodos de trabalho muito idênticos ao meu. A nível pessoal, pois eu sempre gostei de dar a minha área, a minha área em que eu sou mais forte, aquela que eu mais gosto e confesso que dar português a uma faixa etária em que eu gosto de trabalhar, portanto isso foi o que pesou mais. Era só a minha área eleita, portanto isso a nível digamos pessoal, não sei se é pessoal se é profissional, acaba por ser... acho que elas entrelaçam-se umas nas outras. É claro que o facto de eu conhecer a equipa e de confiar, mais uma vez, me deu segurança absoluta para avançar.

Or: E como é que vocês se organizaram? Como é que soubeste logo que aquela era a tua equipa?

Ent: Hum... Eu acho que isso não se explica! A gente trabalha numa escola com muita gente, muitos colegas e... eu sempre trabalhei... hum... e cooperei e tive a cooperação destas colegas em todos os níveis, quer a nível de partilha de

trabalhos, quer a nível de partilha de... de... de experiências, conselhos até! Portanto, não me via a fazer, a entrar num projeto desta natureza sem, ou melhor, que não fosse com estas pessoas.

Or: Foi então mais uma motivação que sentiste, numa base de confiança entre todas?

Ent: Confiança total!

Or: Agora, que já passou um período inteiro, olhando para trás, quais achas que foram as grandes dificuldades que sentiste ao implementar o projeto?

Ent: Na implementação... Olha, devo te dizer que uma das grandes dificuldades que eu senti, que eu achava que não, mas foi o... a nível espacial. Hum... O sair de uma sala e entrar noutra, sair da outra, entrar na outra... Logo de início dava-me a ideia de que estava a invadir um espaço que não era o meu, não é? Nós, no 1.º Ciclo, estamos sempre no mesmo sítio. Com esta... Com este projeto acabamos por estar uma hora e meio num lado, outra hora e meia no outro, duas horas no outro... Esse, para mim, foi um dos primeiros constrangimentos, vá, a primeira dificuldade que eu senti. Claro que ao longo de, até costumava dizer que me sentia estranha, sou uma estranha nesta sala. Algum receio em mexer num papel, em mexer... E isto também era partilhado nas nossas reuniões semanais e, claro, com o tempo, e não foi preciso muito, foi ultrapassado completamente. Hoje estou tão bem na minha, vá, sala, como estou na sala da turma C ou da turma D. É igual! Depois, senti dificuldade em cumprir a minha planificação, logo inicial... para o tempo que tinha de aula. Tive que ir aos poucos adaptando, até porque a gente sabe, não é, antes esticava-se um bocadinho, tira-se um bocadinho dum lado, põe-se um bocadinho do outro. Neste caso, a gente tem aquela hora, aquele tempo em que tem que ser cumprido, até para não prejudicar os alunos nas outras áreas. Hum... Mas também foi... foi... foi uma questão de duas semanas, mais ou menos, e eu consegui... hum... não baixar o ritmo, não foi isso, mas balancear entre as 3 turmas, porque as 3 turmas têm ritmos de trabalho muito, muito diferentes. Hum... Consigo que elas estejam ao mesmo nível em termos de conhecimento, mas depois se calhar há turmas que têm mais trabalho acrescido, porque são mais rápidos,

porque são mais, têm outro ritmo de trabalho. Mas em termos de conhecimento, estão todas ao mesmo nível. Hum... Também tive outra dificuldade que foi a adaptação a alunos que eu não estava habituada, nomeadamente na turma D a Joana... hum... portanto que é uma menina que não escreve... hum... E aí eu fiquei um bocado preocupada, o que é que eu faço? Onde é que está um registo da aula de português? Hum... Mas parece que até surtiu efeito, porque ao invés de... de começar pela escrita, uma vez que ela não o faz, investi na oralidade! No falar, no começar a mesmo o nível de sociabilidade dela, ela já e nota-se, a olhos vistos, a diferença. Mas tenho que ser sincera, senti dificuldade, assim como senti na turma C com a Soraia. Até eu perceber qual era o esquema, até porque é uma aluna nova também na turma e a própria colega não me sabia dar informações, até eu entrar naquilo que ela sabe fazer e perceber que tipo de exercícios é que eu podia fazer com ela na de português, também levei um bocadinho de tempo. Essas forma dificuldades mesmo sentidas!

Or: Em relação a essas alunas, uma vez que estamos a falar de alunas com Currículos Específicos Individuais, as colegas da Educação Especial que fazem parte da equipa educativa tiveram algum papel no ultrapassar das tuas dificuldades?

Ent: Um papel fundamental mesmo! Tiveram um papel fundamental, tanto que é a mesma professora do ensino especial para as duas alunas. Foi mesmo espetacular, desde... Com a Joana, na turma D, pois não há muito a dizer porque a aluna realmente não escreve. Tudo o que faz, se se conseguir que ela faça, no final de fazer, recorta tudo e fica em tirinhas. Mas, a nível da oralidade, pronto, foi por aí que eu peguei. Na outra... na Soraia da turma C, a colega da educação especial facultou-me uma série de palavras com as quais eu podia trabalhar, disse-me logo o que é que eu podia ou não fazer, deu-me abertura para experimentar outras coisas que ela achava que não funcionavam, mas eventualmente poderiam funcionar... Portanto, e fazemos um trabalho também de equipa, embora pronto elas não façam parte diretamente do projeto, mas fazemos um trabalho de equipa. Ela manda-me um e-mail, por exemplo: “olha já acrescentei esta palavra à Soraia, se quiseres já podes introduzir nos teus exercícios”. Pronto, este tipo de coisas.

Or: E essas colegas não participam também nas vossas reuniões semanais?

Ent: Participam! Não em todas, mas participam.

Or: E achas que é importante, nesse sentido? Achas que a participação delas deveria ser maior ou é o suficiente?

Ent: Sim. Para mim é o suficiente. Não sinto que seja fraco, porque como todos os dias estamos em contacto, há dias em que ela acompanha as meninas dentro da sala de aula, dá para perceber exatamente o que é que se está a fazer e dá para dar continuidade. É necessário, às vezes, se alguma coisa corre mal, ou se eu tentei uma coisa e não deu. Mas aí também sempre tivemos a abertura para que a Marta, neste caso, estivesse presente e ela já esteve presente em algumas...

Or: Sentiste mais dificuldades?

Ent: Assim de repente... [pausa] Acho que já foram muitas!

Or: Existe alguma delas que ainda se mantenha?

Ent: Não, não sinto... A adaptação era um receio, não foi uma dificuldade, a adaptação a novas crianças, a miúdos que não estavam habituados a mim. Toda a gente tem um feitio diferente, toda a gente tem uma maneira de falar... Aí não foi uma dificuldade, ao contrário do que eu achava que ia ser! Foi um receio da minha parte! Hum... receei muitas vezes... ai baixo o tom, levanto o tom, o que é que vai depois para casa? Hum... Isso foi um receio da minha parte que não tive, quer dizer, tive, mas que depois não aconteceu!

Or: Consideras, então, que não foi uma dificuldade?

Ent: Não! Porque não chegou a acontecer! Nós tivemos uma empatia logo de imediato, tanto da minha parte como da parte deles. Hoje em dia, e passadas duas ou três semanas é evidente que eles andavam assim um bocadinho atarantados, mas passado aí duas semanas já sabiam: “agora é português, agora é o caderno de português, agora vem a professora Tânia”, tudo muito natural.

Or: Então, achas que a adaptação dos alunos também não constituiu uma dificuldade?

Ent: Não, para mim não. Para mim não!

Or: Podemos agora avançar para aquilo que tu realmente sentiste que foram mudanças marcantes na implementação deste projeto, em termos da organização do trabalho?

Ent: Já sabes que a mudança exige sempre um empenho e uma perseverança e uma vontade, não é? Hum... Para mim, aquilo que eu senti logo... portanto, na aplicação do projeto, foi uma exigência muito grande em termos pessoais. Porque eu sinto-me responsável pela área do... eu sinto-me e sou responsável pela área de português! Hum... o nosso objetivo, tanto meu como das minhas colegas, é sempre e sempre foi o sucesso dos alunos. O... A melhoria das aprendizagens! Portanto, senti uma grande responsabilidade e uma maior exigência a nível pessoal, ou seja, procurar estratégias diferentes, exercícios diferentes, uma preocupação muito grande, por exemplo, em termos da leitura... Hum... Notei dificuldades na leitura, o que é que eu podia fazer para colmatar? Hum... Depois passa-se esta dificuldade, aparecem outras em termos de ortografia. O que é que eu vou fazer? Portanto, a procura... Foi uma exigência e continua a ser... Uma exigência muito grande a nível pessoal. Não quer dizer que eu não tivesse antes, mas se calhar não era com tanta responsabilidade, porque tinha que dividir essa responsabilidade por várias áreas e agora é só esta! Portanto, eu sinto-me na obrigação de ser mais exigente comigo na procura, na eleição das atividades, na planificação das mesmas, nas estratégias para recuperar as dificuldades que são detetadas. E foi uma exigência pessoal! A nível da implementação com eles, pronto, não. É mesmo pessoal. Uma preocupação: “mas porque é que aqui corre tão bem, mas porque é que ali não corre tão bem? Se calhar tenho que diversificar”... Pronto, esse tipo de coisas que para mim foi aquilo que eu mais senti e confesso que foi um cansaço, que tem sido um cansaço muito maior... hum... Também não sei porquê, não deveria ser, mas eu sinto que é. Hum... porque a responsabilidade é muito grande. Não quero, embora tenha a minha turma, vamos lá, de onde eu sou

titular, as outras duas são minhas igualmente. Portanto, as dificuldades que uma tem, mas que a outra não tem, preocupam-me exatamente da mesma forma. E os ritmos, sendo eles diferentes, eu tenho que me preocupar em: conhecimentos, sim senhora, têm que ser iguais para todos, mas depois a nível da prática, diversifico de turma para turma! Numas até faço mais porque têm um ritmo mais avançado. Noutras faço menos, porque têm outro ritmo diferente... hum... as aulas nunca são iguais, pronto! A preparação... eu preparo uma aula, mas as aulas nunca são iguais, porque eles interagem bastante e acabam por levar a aula a um rumo que não foi planeado dessa forma, mas que é produtivo na mesma.

Or: Achas que o facto de estares focada numa única área, no teu caso o português, no âmbito do projeto, operou mudanças na tua prática letiva?

Ent: Completamente! Completamente! Por tudo o que eu acabei de dizer! A preocupação... a maior preocupação em escolher as atividades, a procurar, a explorar outro tipo de atividades diferentes para o mesmo fim, que eu nunca poderia ter, nem que eu não dormisse, como já é habitual, nunca poderia fazer para as outras áreas todas com o mesmo grau de exigência, percebes?

Or: Então, achas que há um acréscimo na qualidade da tua prática letiva?

Ent: Completamente! Completamente, sim senhora! Completamente!

Or: Sentes essa diferença?

Ent: Sinto! Ainda agora dei por mim, no fim de semana, à procura doutras ideias para não se fazer um exercício ortográfico sempre igual. Pronto, então faz-se um exercício ortográfico de outra maneira. Mas que maneira? Andei à procura. O que é que será? Perguntei inclusivamente à minha filha: “O que é que tu achas? Achas que funciona assim?” Há outro... Agora se eu tivesse que procurar exercício de ortografia, para melhorar o raciocínio matemático, para melhorar outro bloco do estudo do meio, é evidente que eu nunca ia ter tempo, porque também há tudo o resto, não é, fora da escola, não ia ter tempo para cada uma dessas coisas andar a explorar outro tipo de atividades ou andar a pensar... Portanto, eu costumo dizer

que perco tanto tempo, ou melhor, que levo tanto tempo a planificar para uma área como levava quase para planificar as outras todas. Porquê? Sou mais minuciosa, procuro mais... hum... consulto outros livros, comparo, dou outros tipos de textos, daqueles que eles não estão habituados, que não estão no livro, pronto, esse tipo de coisas que são... e que levam tempo. Dantes não o fazia, mas não era que não tivesse essa vontade, mas não havia tempo para! Agora sim, completamente!

Or: E outro tipo mudanças sentes que tenham ocorrido, embora só tenha passado um período letivo?

Ent: [pausa] Sei lá! Mudança, mudança, tem tudo que ver com a prática letiva, acho eu! Com... Preocupação com eles, com a aprendizagem, sempre a focar no sucesso e na melhoria dos resultados.

Or: A outros níveis não sentes que tenha havido mudanças?

Ent: Não, sabes porquê? Isto tudo tem uma lógica... hum... Eu deixei uma grande parte do tempo de estar com a minha turma, não é, que foi outra mudança, mas eu sei que estão bem entregues. Portanto, isso nem nunca pesou na minha, na minha ideia, nunca foi... Eu sei que às vezes, e até preciso e já foi coisa que comentei contigo, agente precisa talvez de mais tempo para... pronto, para os orientar, porque eles precisam de ter uma referência, não é? Mas sei que deixei os meus meninos, mas não os abandonei! Sei que estão bem entregues. Isso nem sequer foi... foi uma mudança, mas para mim não foi assim muito significativa, porque eu, tal como comecei a dizer, confio 100% nelas.

Or: Em termos práticos, tu sentes que a grande mudança foi operada em ti?

Ent: Em mim! Sim, sim, sim. Exatamente. Mas também sinto uma grande motivação por parte dos alunos: “Ei a gente nunca fez isto! Eh, exercício de oralidade, aí agora é diferente, aí agora é um senhor a falar e depois é uma senhora!” Também noto diferença, porque aquilo que eu faço agora a miúde, ou faço muitas vezes por semana, se calhar fazia de quinze em quinze dias, porque não havia o tal tempo de pesquisar.

Or: Então, há uma mudança também na atitude dos alunos?

Ent: Também há e nota-se perfeitamente!

Or: Efeitos positivos e negativos do nosso projeto que tu sintas nos alunos?

Ent: Olha, um efeito positivo que eu noto nos alunos, assim logo, é o facto deles confiarem tanto em mim, como em qualquer uma das outras professoras. Ou seja, há um problema e primeiro chegou ao pé deles outra professora que não eu, ou ao contrário, não eu em termos de titular, e eles são capazes de pedir ajuda e de explicar e de interceder ou o que seja com essa pessoa. Portanto, significa que houve uma grande, uma boa aceitação por parte deles. Mesmo em relação a mim e a alunos que não eram da minha turma. O que é que estavas a perguntar mesmo?

Or: Efeitos positivos nos alunos...

Ent: Oh pá, eu acho que há um maior interesse por parte deles, um maior interesse em participar, um maior interesse em ser melhor, em mostrar que está a gostar, que sabe fazer bem... Por exemplo, uma coisa que eu fiz e continuo a fazer, foi convidar os pais para lerem um livro e depois fazermos um... Os pais liam um livro, os alunos liam outro, que é o concurso dos “espelhos de leitura”, só podem, em cada sessão, só podem participar quatro equipas. Para te dizer que têm de ser sempre sorteadas, porque há um entusiasmo... Toda a gente quer, os pais também se disponibilizam, se não for o pai é a tia ou a avó, e querem e lêem e lêem com os filhos e vêm à escola e participam no concurso, que não tem prémio, mas o facto de participarem, o facto de quererem, de se mostrarem, já fiz três vezes, desde o início do ano letivo já fiz três vezes e de todas as vezes tive uma aceitação e uma participação muito, muito grande.

Or: Então pode considerar-se um aspeto positivo dos alunos e dos pais?

Ent: É positivo, dos alunos e dos pais! Sinto! Na minha turma, vamos lá ver, eles sempre participaram. Mas é assim, referindo-me às outras duas turmas, que não me conheciam, não é, sinto que fazem exatamente o mesmo como se me conhecessem. E participam, e dão deles e agradecem pela iniciativa, pelo facto de

querer incentivar à leitura, mesmo que seja só no âmbito recreativo, não tem que ser, não há uma obra estipulada... Portanto, esse tipo de coisas eles gostam e fazem-me chegar o feedback positivo.

Or: E quanto a aspetos negativos?

Ent: [pausa] Pá, negativos? Nos alunos? No projeto?

Or: Efeitos negativos nos alunos, decorrentes da implementação do projeto.

Ent: Não senti. Não senti Soraia, sou muito sincera.

Or: E nos pais?

Ent: Também não. Tenho uma relação muito boa, aliás, a gente já fez a reunião em conjunto, todas nós com todos os pais, não houve qualquer, houve preocupação sim em saber determinados alunos que têm mais dificuldades que outros, houve preocupação em saber onde é que podem melhorar, o que é que está mal, e pedirem informações para que possam ajudar. Nesse sentido sim. Agora, no sentido negativo, não senti com nenhum deles, dos presentes pelo menos. Não senti pela parte de ninguém! Senti que estava, e sei e tenho consciência, isso eu posso garantir, não é, que falei com eles com o mesmo à vontade que falei com, ou que falaria com os meus pais, se fossem só os meus, da minha turma.

Or: Essa reunião a que te referes foi solicitada pelos pais no sentido de suprir a necessidade que sentiam de criar laços com todas as docentes da equipa. Essa necessidade transpareceu?

Ent: Quando aconteceu essa dita reunião com todos, transpareceu. Por mim, transpareceu.

Or: Em relação a vocês, docentes, que efeitos positivos é que tu notas no grupo equipa e que possíveis efeitos negativos sentes?

Ent: Olha, um positivo que eu acho que é o maior de todos, o melhor de todos, o mais bom... [rindo] isto não se pode dizer... Hum... É o trabalho em equipa, é o

facto de nós, e não estou a falar, é a partilha, mas também não estou a falar da partilha de materiais. Estou a falar da partilha de preocupações, de algo que não correu bem e termos sempre o bocadinho que temos, porque tu sabes que nós reunimos todas as segundas-feiras, não só para darmos o feedback da semana, mas também para partilhar as nossas preocupações e ter sempre um conselho do outro lado. “Olha não, fizeste bem! Podes acrescentar isto, podes fazer doutra maneira. Olha uma coisa que eu fazia era assim... com esse aluno dá resultado”. Para mim é o melhor de tudo, é... a nossa convivência, que já somos uma família, não somos colegas, não somos amigas, somos uma família! Sempre, fora mesmo da nossa reunião há sempre, no intervalo: “Ó pá tenho esta preocupação e não posso esperar pelo dia da reunião, temos de falar já”! E a gente fala, e a gente prepara e a gente troca ideias sobre tudo, não propriamente das atividades, não propriamente de, do que é que a minha colega está a fazer, mas sim em relação a eles. “Olha, esta semana notei uma quebra de ritmo no aluno tal, o que é que vocês acharam, acharam diferença? Não? Então se calhar é comigo”. Depois há sempre a informação a acrescentar: “Olha aconteceu isto no seio familiar, ou aconteceu aquilo, é natural”. Pronto, esse tipo de coisas para mim acho, porque ao fim ao cabo o que eu conhecia dos meus alunos, posso agora dizer que conheço dos 68 alunos que temos. Posso dizer que os conheço tão bem como conheço os meus que já estavam comigo há dois anos. Isso, para mim foi o melhor de tudo, a partilha das preocupações, a partilha das ansiedades, a reflexão e sentir, do outro lado, o apoio. Sentir, do outro lado, também algumas preocupações que iam ao encontro das minhas e chegarmos todas à solução.

Or: Então a parte da colaboração da equipa, faz-vos ir mais além?

Ent: Faz, sem dúvida nenhuma. Acho que foi a equipa perfeita! Não havia, para já com a Mónica tu sabes que eu já trabalhei muito com ela, agente entende-se muito bem nos métodos de trabalho, e depois a Paula encaixou no galheteiro, vamos lá, encaixou perfeitamente! E... e.... e tudo isso, embora eu seja responsável pelo português gosto de estar sempre a par do que estão a fazer na matemática, tal como elas no português, o que é que estão a fazer no estudo do meio. Há sempre informação e depois há muita partilha, há muito... muito...hum... apoio, muita...

deixar-nos à vontade para dizer: “olha é pá aquele miúdo da tua turma, o fulano tal, hoje tirou-me do sério, fez isto, fez aquilo”! E a outra pessoa dizer: “Ah, isso é normal porque ele de vez em quando tem esses dias. Pronto, não te chateies com isso, não é isso que te vai tirar o sono, porque é normal, não foste tu, é assim mesmo”. Este tipo de coisas a mim, pessoalmente, dá-me outro tipo de segurança, já não penso que se calhar fui eu que fiz alguma coisa mal, percebes? E para mim, ter uma equipa em quem eu confio e em que eu sei que posso desabafar e que sei que posso dizer: “Olha, estive agora a falar nos adjetivos e aquilo não ficou bem, bem, bem sabido. Agora no Apoio ao estudo dá mais uma achegazinha. Olha, tenho aqui outros exercícios, dá-lhes estes”. Percebes? E eu sei e tenho a que a colega vai fazer e está-me a ajudar!

Or: E não me apontas efeitos negativos?

Ent: Não tenho. Sinceramente não tenho. Isto era uma coisa que eu gostava muito Soraia, muito de experimentar, e tu sabes que já tinha tentado, não a este nível, mas eu gostava mesmo, mesmo, mesmo. E sou-te muito sincera, vou ter alguma dificuldade em voltar atrás Porque agora foi um passo à frente! Eu tenho a certeza que dei um passo à frente! E quando acabar este projeto, não é, para o ano, se calhar vou regredir... vou andar para trás. Por mim não andava para trás. Por mim continuava sempre assim, porque eu acho que isto tem estrutura para que, a todos os níveis, para melhores resultados, para os miúdos se irem adaptando às várias caras das pessoas, para eles se adaptarem aos vários humores [rindo], porque cada uma tem o seu humor, uma é mais brincalhona, outra é mais séria, outra é mais sisuda, enfim... E é aquilo que eles vão apanhar daqui para a frente. Não é trata-los, porque ainda são crianças, não é trata-los como adultos, mas é prepará-los! E acho que é essa a nossa função, não só em termos de conhecimentos, mas também prepará-los para a vida, e para mim, digo-te com a maior sinceridade do mundo, e já disse no meu grupo, para mim eu continuava assim sempre!

Or: Achas que consegues melhores desempenhos nos teus alunos assim?

Ent: Acho! Acho! Não tenho dúvida nenhuma!

Or: Gostava que te focasses, agora, nos aspetos que consideras os pilares, os pontos fortes mais valiosos do projeto e nos aspetos que consideras que ainda pode ser melhorado?

Ent: Olha, um ponto forte logo, logo, logo, passa por tentar valorizar e enriquecer os meus conhecimentos nesta área porque ninguém sabe tudo e eu pouco ou nada sei. Hum... Depois, outro ponto forte é saber que nas 3 turmas eu estou a ensinar as mesmas coisas, com o mesmo nível de exigência e que, no fim, vou avaliá-los exatamente pelos mesmos parâmetros, exatamente pelos mesmos critérios. Portanto, isenta de qualquer tipo de benefício para qualquer um. Pronto, neste momento não tenho uma turma, tenho 3, tenho os 68 alunos, neste momento. Portanto, a bitola que é para um é para todos e tenho a certeza absoluta que há equidade na avaliação, tanto da minha parte como da parte das minhas colegas, nas outras áreas. Hum... Depois... [pausa] Fazer parte desta equipa pedagógica, unida, coesa, confiante, é o ponto mais forte de todos eles, não é? O trabalho, o trabalho em equipa e fazer parte desta equipa [levantando a voz], não é uma equipa qualquer e tu sabes perfeitamente disso. Não é, não é qualquer tipo de pessoa que consegue fazer aquilo que a gente está a fazer, porque a gente não partilha só os bons momentos, a gente partilha os maus. Mesmo que isso seja contra mim... Eu errei, mas partilhei! E tenho depois, ou não, mas normalmente há sempre o apoio da outra parte. Isto não é fácil, isto parece tudo muito bonito, mas não é fácil. Hum... O que eu, sei lá, a única coisa que eu acho que posso e devo e tenho que melhorar, se calhar, é ajustar mais ainda a forma de lecionar, ou mesmo a forma de, de, de praticar determinados temas com aqueles alunos que já falámos há bocado que são diferentes. Portanto, isso é uma coisa que eu tenho de trabalhar para melhorar. É um aspeto que eu devo, tenho mesmo que melhorar.

Or: Mas achas que haverá alguma alteração no projeto que te possa auxiliar?

Ent: Não. Não. Tem que ver comigo, tem que ver com a área que é, falarmos numa Joana ou falarmos numa Soraia é impensável ambicionar a escrita de uma frase. Não posso ambicionar isso, mas posso ambicionar outro tipo de coisas. Tenho que trabalhar para conseguir, não é? Numa turma com 26 alunos em que há uma aluna

deste género, eu tenho que dar... não é o triplo de mim, tenho que dar tudo de mim para não abandonar os outros, percebes? E eu sei que posso, mas neste momento ainda não consigo. Sei que posso, mas acho que nunca vou conseguir totalmente, porque são mais 25, cada um ao seu nível, um que já acabou, outro que ainda vai a começar, outro que precisa de ajuda, e aquela que precisa a tempo inteiro! Portanto, não tem a ver com o projeto, tem a ver com o tipo de crianças que a gente tem, não é? Com as dificuldades específicas de cada um e eu tenho que me ajustar, sou eu que tenho que me ajustar, não é o projeto! Não vejo que se possa alterar assim nada no projeto que me faça... A única coisa que me faz mesmo falta era ter mais um tempinho com os alunos duma turma, para a gente resolver aquelas questões mais comportamentais, mais de escola, os recados para os pais, esse tipo de coisas porque faz falta. Porque eu para isso tenho que tirar ou da minha aula de português ou da aula de estudo do meio... perdão, da aula de apoio ao estudo. Portanto, é só, é só, falta-me esse bocadinho! Mas esse bocadinho se calhar não see se a gente consegue enquadrar, redigir ou voltar a fazer qualquer coisa no projeto que nos dê, sei lá, mais meia hora que fosse. Nós já temos conversado e eu penso que todas nós sentimos essa falta. Na realidade, ou temos a nossa disciplina ou temos o apoio ao estudo, não é?

Or: E antes do projeto, quando é que faziam esse trabalho?

Ent: Então, antes fazíamos, por exemplo, na expressão plástica.

Or: Em relação às áreas das Expressões, quais as mudanças que tens a apontar?

Ent: Em relação às expressões, eles nunca tiveram expressões como têm este ano. Quem fala das expressões, dentro das expressões a música, a plástica, a físico-motora tinham porque essa eu cumpria à risca, mas a plástica, a dramática... não cumpria. Roubava, cá está, roubava um bocadinho para terminar o português, roubava outro bocadinho para dar o recadinho ao pai, roubava outro bocadinho para algum assunto ou ralhete que tivesse que dar... era assim!

Or: Em jeito de conclusão, gostava que fizesses uma apreciação global do desenvolvimento do projeto, ao longo do 1.º período letivo.

Ent: Olha, o início foi mesmo a nossa adaptação às crianças e elas a nós. Aos pais e os pais a nós, porque os pais foram apanhados de surpresa, não é? Caiu assim uma bomba no colo. Hum... Alguns reagiram melhor que outros, mas ao longo do tempo ou passado muito pouco tempo, sei lá, podemos considerar duas, três semanas, essa adaptação e esse receio já estava ultrapassado. Depois, a nível de... há um envolvimento dos pais, tanto que eles pediram uma reunião conosco todas, há uma boa participação tanto na minha área como, por exemplo, na matemática que eu sei que os pais também já participaram, que eu sei, claro! Já participaram em várias atividades desenvolvidas pela professora de matemática. Hum... E depois há esta equipa fabulosa que a gente compõe, da qual eu faço parte, em que a gente analisa tudo, em que chegamos ao final, por exemplo, do mês e a gente faz a... avaliação de que é que nós tratámos, o que é que resultou, o que é que não resultou,... E nós fazemos isso! Tu sabes porque a gente dá-te sempre o feedback mensal. Portanto, hum... Eu acho que é um projeto que, até ao momento, me parece que está a correr lindamente! Em termos dos resultados dos miúdos, não posso dizer que houve uma enorme evolução, não é, mas também não houve um decréscimo na aprendizagem deles. Portanto, há uma linha quase que reta, quase, em que eles... estamos a trabalhar. O programa do 3.º ano é muito extenso, é complicado, são termos novos, é muita coisa e..., portanto, temos que dar tempo. Neste momento, estamos naquela fase de o que foi feito até agora é um sucesso, pelo menos por mim considero, é um sucesso, tenho boa lidação com os meninos, tenho boa lidação com os pais, abertura suficiente para eles me dizerem aquilo que gostam ou não, tanto crianças como pais, hum,,, Com as minhas colegas, pois é a minha família, a nossa equipa, a gente é uma equipa pedagógica, mas é uma equipa pedagógica familiar, vamos lá! [rindo] Portanto, eu penso que, até ao momento, está a correr dentro daquilo que nós prevíamos. O que é que quero daqui para a frente? Mais! Melhoria! Mais sucesso! Mais... para isso também eu tenho de investir no meu tempo, o tal tempo que eu não tinha, investir mais ainda e aprofundar também mais os meus conhecimentos e procurar outras coisas que me aprofundem a mim também um bocadinho...

Or: Então é positivo o balanço que fazes?

Ent: Completamente positivo! Positivo! Comparando a evolução dos alunos desde o primeiro ano, não é, até agora e tendo em conta todas as novidades que vão aparecendo no programa e exigências, tem havido uma... um progresso ou uma continuidade, vamos lá, dos progressos que eles fazem. Portanto, não há nenhuma surpresa, nem pela negativa, nem pela positiva, o que é é aquilo que se esperava e é aquilo que tem sido sempre! Portanto, não houve, portanto, há agora a tal parte de investir mais para ter mais sucesso! Agora vamos considerar este período a adaptação deles e minha, já podemos até considerar que houve evoluções e houve progressos, houve de facto, em termos das aprendizagens, mas se calhar eu quero mais! Nós queremos mais! Portanto, agora é investir para termos este mais! Que é aquilo que a gente quer e aquilo a que nos propusemos!

ANEXO XVIc

PRIMEIRO TRATAMENTO DAS ENTREVISTAS EI/D1, EI/D2 e EI/D3

1.º TRATAMENTO DA EI/D1

[*Acerca das motivações para participação no projeto de investigação*] (...) O meu primeiro pensamento foi... porque não? Porque não embarcar nesta aventura? Já que tenho embarcado em algumas ao longo da minha carreira profissional. (...) E foi o que eu pensei também logo ao início... mudar!... inovar!... (...) Essa parte [investigação] também me atraiu. (...) apesar de a nível pessoal eu não ter tempo... (...) já fiz formação, já fui formadora e tive mesmo que também investigar, mas uma tese de doutoramento é muito aliciante (...) nós sermos um interveniente muito importante também acarreta outras responsabilidades (...) ao entrar nesta tese de doutoramento, fez com que eu fosse buscar coisas que eu tinha já muito adormecidas para dar o melhor de mim a esta tese. (...) penso contribuir com tudo o que eu sei e que posso... (...) sabia que ia ser exigente e eu teria que realmente estar à altura dos desafios. Sinto sim, muita vontade em cumprir com tudo aquilo que me for solicitado... (...) quero dar o meu melhor porque eu sei que também tenho capacidades para tornar este projeto e esta investigação muito, muito boa e muito enriquecedora e, talvez um exemplo para futuros projetos, futuras investigações neste âmbito. (...) para mim fez sentido... principalmente porque a minha formação também é de 2.º ciclo, na variante de Matemática e Ciências. (...) por poder partilhar o peso... não é bem o peso, mas as preocupações que temos com uma turma, partilhar com mais pessoas... e... decidirmos em conjunto as melhores estratégias a definir para o sucesso destes alunos. (...) já senti há uns anos um certo cansaço de levar muito a peito como se eu fosse a única (...) responsável pelo encaminhamento dos alunos (...), é partilharmos com outras pessoas as preocupações que temos com a turma (...) definir estratégias que muitas vezes uma só cabeça pensamos de uma maneira mas ouvindo outras opiniões convergimos para o melhor. (...) Profissionalmente é lecionar a Matemática, que é a minha disciplina de eleição. (...) e já venho há uns anos a sentir essa vontade. (...) a parte da equipa, porque esta questão da partilha na monodocência (...) o que se partilha são fichas e materiais, sentir vontade de partilhar outras coisas. (...) um conselho de turma sobre os mesmos alunos, visões diferentes em diferentes disciplinas... (...) Essa parte da partilha foi também profissionalmente algo que me atraiu, porque já vinha sentido que era só por e-mail

partilhar as fichas umas das outras e não passava disso. Para mim já não chegava, já não me sentia completa nem realizada. (...) Alguma desmotivação já em vir encarar todos os dias a mesma turma sempre (...) ao final do dia já revelava um bocadinho de cansaço (...) talvez também já não conseguisse motivar tanto os alunos... e acho que eles também precisam de mudança, não sempre a mesma coisa. (...)

[*Acerca das dificuldades sentidas no desenvolvimento do projeto de pluridocência no 1.º período letivo*] (...) planificação das aulas!... (...) trabalhos de casa! (...) o facto de termos, como temos três turmas, termos vários alunos com CEI e com PEI e no caso dos CEI serem currículos diferentes uns dos outros e... que era uma situação que eu não tinha. (...) dizer aos pais, informar os pais. Logo aí tínhamos todas o coraçãozinho apertado (...) todos os constrangimentos que foram surgindo, desde a planificação das aulas, ter que refletir, ter que reformular (...) Nas primeiras aulas que uma pessoa vai para outra turma, (...) já sabemos que eles nos vão testar... Não queremos impor a nossa autoridade com autoritarismo. Queremos impor a nossa autoridade fazendo-os respeitar-nos (...) no nosso Diário de Bordo, logo na primeira semana diz que tivemos dificuldades em cumprir a planificação (...) estávamos a conhecer os ritmos das turmas (...) A adaptação àquele tempo letivo, àquele intervalo de tempo, fazer tudo... (...) Agora temos que cumprir os tempos letivos. (...) enquanto monodocência eu planificava a aula de matemática de acordo com o horário que nós temos (...) mas se eventualmente a aula se prolongasse um bocadinho mais, eu na hora seguinte, fosse o estudo do meio ou fosse uma expressão, tirava um bocadinho dessa disciplina para concluir a atividade da matemática. Depois tentaria compensar ao longo da semana (...) Claro que ao nível das áreas de expressões, acho que nunca cheguei a compensar. (...) Agora não. De início os meus planos de aula nunca eram cumpridos, porque acho que estava a ser ambiciosa demais, esquecia-me que realmente chegava ao fim do tempo e eu abandonava a turma. (...) a minha preocupação foi as minhas colegas também vão passar [TPC] e vai ser uma carga enorme... (...) no fim do primeiro período já conseguia cumprir o plano da aula. (...) Ao longo do tempo foram sendo minimizadas [as dificuldades sentidas] (...) essa situação foi completamente ultrapassada [adaptação aos alunos CEI]. (...) Foi ultrapassado! Correu bem. Os

pais apoiaram, vamos prá frente! Embarcámos todos no mesmo barco. (...) a partir dos meados de outubro, finais de outubro, começarmos completamente, (...) a levar isto já (...) com uma perna às costas... A engrenagem a trabalhar. (...) Isso foram outros obstáculos que foram surgindo [teste à autoridade das docentes pelos alunos] e eu acho que foram todos ultrapassados porque nós não temos nas 3 turmas casos de desrespeito às professoras. (...) todo esse processo [implementação do projeto] até ao final do primeiro período foi sempre em ascensão. (...) a questão dos trabalhos de casa, (...) o feedback tem sido positivo portanto penso que essa parte também não se mantém. A parte da planificação das aulas, pois isso logo no primeiro período foi sendo sanado, ao longo do tempo. (...) eu acho que não permanecem grandes dificuldades... Não. Não vejo assim, de momento... nada. (...)

[*Acerca das estratégias de superação das dificuldades*] (...) Partilhei essa minha preocupação [não cumprir os planos de aula] com as colegas da equipa e elas tranquilizaram-me e mostraram confiança no meu trabalho... (...) Resolvi realmente planificar um bocadinho a menos, mas uma vez que tenho materiais sempre preparados para as aulas seguintes, se eventualmente houvesse tempo avançaria. (...) no início do ano combinámos mandar [TPC] só ao fim de semana, mas verificámos e até com o feedback de alguns pais que talvez fosse melhor ao longo da semana ir passando menos por dia do que depois muito ao fim de semana. (...) com a partilha com as colegas e tranquilizando umas às outras e vamos reformulando... (...) também com a intervenção dos professores do ensino especial, trabalhamos também muito em conjunto (...)

[*Acerca de mudanças ocorridas*] (...) devo confessar que ali o primeiro mês andei completamente estoirada (...) a organização do trabalho melhorou bastante, porque o tempo que eu dedicava a preparar uma série de áreas (...) agora estou focada na minha disciplina. (...) Eu tenho muito tempo para pesquisar atividades, problemas, exercícios que eu acho adequados para as turmas, consigo estabelecer uma sequência, uma cadeia de atividades que me permitem chegar aos conceitos que eu quero trabalhar, porque estou focada numa disciplina. (...) este trabalho está a ser muito mais pormenorizado, muito mais aprofundado, da pesquisa... (...)

a nível específico da matemática, da linguagem técnica, tenho tempo para ver, transformar a linguagem técnica da matemática que está nas metas, tentar adequar, sem nunca fugir à linguagem matemática, à faixa etária dos nossos alunos e isso foi uma grande vantagem do projeto. (...) eu sempre, a nível das várias áreas, tentei trazer atividades que fossem motivadoras e, no caso da matemática, que fossem de carácter exploratório, que fossem os alunos que explorassem e chegassem aos conceitos. Agora, como tenho mais tempo para preparar essas mesmas atividades, consigo um aprofundamento maior. (...) Porque já não tenho que dividir o tempo da planificação, o tempo individual entre as várias disciplinas, estou só focada naquela. (...) Claro que esta organização que eu tenho antes das aulas, se calhar se vai refletir durante as aulas. Porque não estou a pensar que a seguir tenho que ir fazer um texto coletivo do português... (...) a minha mente está focada naquilo. E a organização que eu tenho em casa, depois, a nível da sala de aula é capaz de se manifestar positivamente, apesar de eu ter sempre tentado, ao longo da vida, fazer estas atividades com eles. (...) e trago muitos materiais para eles mexerem, outros para construírem (...) a nível emocional (...) a relação criada com a nossa turma de origem já estava estabelecida, quer com os alunos quer com os pais (...) Eles já sabiam com o que contar e nós, quer queiramos quer não, estes são os nossos meninos (...) o facto de ter mais alunos que eu desconhecia, obrigou-me um bocadinho a uma ginástica pessoal de me abrir a outras crianças e aos afetos. (...) O facto de ter outros alunos obrigou-me (...) não de uma maneira propositada, mas de uma maneira que foi evoluindo naturalmente, a gostar deles todos de igual maneira, a tratá-los como se fossem já a minha turma de há dois anos e a estabelecer com eles esta relação de empatia que nós temos. (...) no meu caso pessoal houve esta mudança a nível da parte afetiva. Agora [os alunos das outras 2 turmas] são meus, são da escola, quero o melhor para todos, não só para estas turmas do projeto, mas agora vejo que são para todos, são para todos. (...) é para eles [alunos] que nós estamos a trabalhar. (...) Eu achava que não podia amar ou estabelecer a mesma relação com outras turmas do que já tinha com esta de há dois anos. Mas enganei-me e ainda bem! (...)

[*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas*] (...) e vejo que da parte deles [alunos] também há esse entusiasmo e esta envolvimento [na atividade letiva].

(...) em relação à minha turma, a coisa mantém-se porque eu desde o primeiro ano que eles estavam habituados a certas atividades de exploração. Com as outras turmas que eu desconhecia, aí noto muito entusiasmo, talvez mais do que a minha turma de origem, porque eles já estavam habituados a trabalhar de certa maneira, fazer em grupos, agora viram-se para trás e vão fazer este problema em grupos e depois no fim discutirmos os grupos, os porta-vozes de cada grupo, cada um discute as suas ideias. Os meus estavam habituados a essas rotinas, então eu não estranhei nada com eles. Onde eu senti um feedback muito positivo foi nas outras duas turmas. Notei uma vibração maior do que propriamente nesta (...) noto que nas outras [turmas] isso tem sido muito, muito positivo. (...) A área das expressões foi uma área que ficou bastante valorizada, porque são cumpridos os tempos letivos e isso para eles é bom, são áreas onde eles se podem exprimir de outra forma que não nas três áreas nucleares (...) Apesar das médias das turmas situarem-se no bom, (...) eu quero sempre mais delas e eles têm dado muito (...) quando eu vou comparar com os resultados da diagnóstica, que estavam no suficiente, e agora estão no bom, sendo um programa de 3.º ano, que exige, são muitos conceitos novos, que exige abstração, exige muito raciocínio, eu estou muito satisfeita com estes alunos! (...) eles no primeiro período tiveram que se adaptar às minhas metodologias (...) tiveram que se adaptar a mim. Eu estou imensamente satisfeita [com os resultados]! (...) Nas outras [turmas] dá-me uma grande satisfação ver que fui conseguindo transformar para aquele nível a que eu quero habituá-los, a participarem na aula de matemática, a serem ativos, a terem uma palavra a dizer, e, no fim, chegarmos à sistematização dos conceitos. Deixá-los explorar... no fim, estou lá eu e com a ajuda de todos, (...) é este conceito que estamos a trabalhar. (...) a mãe duma aluna do 3.º D veio ao pé de mim e disse-me: “para a minha filha a mudança foi espetacular!” (...) A nível pessoal está-me a dar bastante interesse, bastante motivação ter integrado este projeto. (...) noto que agora estou mais tranquila, não tenho aquele stresse de muitos programas a cumprir, eu quero cumprir o programa de matemática (...) é gratificante eles chegarem ao pé de nós: “professora a minha disciplina favorita é a matemática” (...) houve a minha abertura e o facto de eles me terem acolhido tão bem que não podia ser doutra maneira, eu não me podia fechar. (...) entre colegas (...) foi a partilha e o distribuirmos o peso

da responsabilidade por todas. É super positivo, eu até lhe chamaria uma responsabilidade partilhada. (...) foi muito bom tu perceberes, quando estamos nas nossas reuniões semanais, que não se limitam só a dizer: “olha estamos a trabalhar isto na matemática”, porque somos titulares de turma e precisamos ter conhecimento disso (...) dizem: “Olha então o aluno X hoje não fez os trabalhos de casa e na tua disciplina fez?” (...) “O que é que será que se passou?” Ou do género: “Oh pá, devíamos mudar o lugar ao aluno B ou C, onde é que vocês acham que se poderia posicionar na aula, ao lado de quem, de modo a melhorar a atenção, a participação?” E isto acho que é um grande aspeto positivo. Positivo. (...) Fiquei tranquila. Completamente. Eu sei que elas vão cuidar deles como eu cuidaria. (...) É determinante [a coesão da equipa docente]! (...) Agora é mais benefício, porque já vou (...) para lá vou caminhar, que é ter uma relação também de cumplicidade com os pais, porque ao fim ao cabo trabalhamos todos para o mesmo, aqui ninguém está contra ninguém. Eu comecei a abrir mais aos pais no final do primeiro período quando fiz o concurso do jogo do 24. (...) fiz uma sessão em cada turma, com pais. Só para pais, em que eles fizeram os grupos e fizemos uma brincadeira matemática e eles aí perceberam que comigo estão à vontade, e eu entrei na brincadeira com eles (...) Houve um grupo de colegas, quatro ou cinco, que me vieram pessoalmente desejar tudo de bom, sorte para o projeto, que elas apesar de não se verem a integrá-lo estariam do nosso lado para que tudo resultasse. (...) houve uma colega que disse que até alinharia num projeto destes. (...) Em termos dos funcionários foi muito engraçado, (...) ao início vinham à minha sala procurar por mim, mas estava outra pessoa. Mas eles próprios até acharam engraçado, e já sabem mais ou menos o horário em que cada uma está em cada turma e já não estranham nada. (...) acho que a parte dos funcionários foi... um bocado baralhada ao início, mas eles entraram no esquema e... já sabem do projeto, e começou tudo a andar sobre rodas (...) eu pedir 72 fotocópias de uma ficha podia causar estranheza, mas não, a nossa funcionária já sabe que é para 3 turmas e isso tudo. (...) a nível dos encarregados de educação, que acho que foi um elemento muito importante em todo este processo. Eles também participam. (...) depois daquele choque inicial acho que as opiniões têm sido o mais positivas possível. (...) os [pais] que vieram [às reuniões] deram um feedback muito positivo, muito. (...) Logo

nessas sessões [jogo do 24] eu questionei logo os pais se estariam disponíveis para continuarmos no segundo período e no terceiro e eles disseram logo que sim. E deram um feedback muito positivo. (...) os pais da minha turma da qual sou titular sempre foram muito presentes, muito. (...) Mantém-se o mesmo nível. (...) em relação às outras turmas, não sei qual era o nível de participação dos pais, nem posso ver a evolução. Aqui, noto que as coisas não se alteraram substancialmente porque eles já eram muito participativos e continuam muito participativos. (...) aqueles pais que já não acompanhavam os filhos, talvez acompanhem um pouco mais (...) Eu acho que nesse aspeto é positivo, porque eu ando sempre muito em cima, ou do trabalho de casa ou da pontualidade, sou uma chata com a pontualidade. E eu noto que as coisas têm melhorado na pontualidade. (...) é sinal que os pais estão a dar atenção (...) isto não lhes está a passar ao lado. (...)

[*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas*] (...) logo no início do projeto, (...) achei-os um bocadinho (...) entusiasmados demais! (...) nós fizemos umas perguntinhas ao fim de duas semanas de início do projeto (...) e 100% dos alunos afirmaram gostar, adorar o projeto. Enumeraram várias razões, ter várias professoras foi uma das que foi mais dita e a outra é que se sentiam mais crescidos. Mas o facto de se sentirem mais crescidos aumentou-lhes um bocadinho a autoconfiança. (...) notei alguma fragilidade [nos alunos] em termos do domínio do que estava a ser trabalhado. (...) Também, em termos de autoridade. Testar a autoridade dos professores. (...) Quando temos uma turma de novo, eles vão sempre testando. (...) eu não vejo nada que tenha sido negativo. Porque nenhum aluno rejeitou o projeto, nenhum aluno rejeitou docente alguma... Penso que de negativo não tenho nada a salientar, há pequenos constrangimentos, mas nós vamos ultrapassando. (...) eu não vejo nada de negativo (...) mas não vejo assim nada de negativo [nos alunos]. O que eu senti, no início, parecia que estava a deixar o meu bebé no primeiro dia na ama ou na creche ou no berçário. No sentido, aí e agora vou-lhes perder o percurso (...) nem sequer toquei nunca neste aspeto com as colegas porque eu sei que era mesmo aquela fase de transição, de umas para as outras, de uma disciplina para outra colega. Ia entregar os meus meninos. (...) Senti um bocadinho disso [abandono dos seus alunos], erradamente, mas é normal, porque era a nossa responsabilidade (...) há colegas que obviamente estão contra.

(...) Mas continuamos a lidar normalmente, em reuniões, em ocasiões informais até, mas pronto não se toca no assunto. (...)

[*Acerca de estratégias de melhoria*] (...) foi preciso, muitas vezes, baixar os meninos à terra (...) para terem bem estruturados os vários conteúdos das várias disciplinas (...) enquanto tu és monodocente controlas isso tudo, e na pluridocência tens que lhes chamar à atenção: “Cuidado! Não há só uma pessoa a conduzir! Vocês têm várias pessoas a conduzir e têm que estar atentos”. (...) houve sempre o cuidado de lhes perguntar, e eu fiz esse trabalho quando vinha à sexta-feira ao apoio ao estudo com eles: “Então meninos, como é que está a correr o português?” E eles iam dando o feedback e então comecei-me a aperceber que sim, ali passado umas três, quatro semanas, que eles já tinham estruturado bem as gavetinhas deles (...) com estas reuniões semanais [da equipa educativa] e com o facto de nós já nos entendermos antes do projeto, isso [medo de entregar os seus alunos] foi superado completamente (...) porque a confiança no trabalho de todas é a 100%. (...) no dia 1 de fevereiro fizemos o atendimento mensal todas juntas, que eles [encarregados de educação] tinham sugerido que se fizesse (...) e foi bom, foi bom. (...) cada uma de nós, fez mais ou menos a situação das disciplinas, (...) e foi frisado por todas nós, que qualquer dúvida, qualquer aspeto que eles quisessem esclarecer, que não precisavam de esperar pela titular de turma, que se poderiam dirigir, se é de estudo do meio à professora de estudo do meio, se for de matemática de ir ter com a professora de matemática, e haver uma abertura das professoras e o à-vontade para os pais procurarem as professoras. (...) havia falta se calhar deste esclarecimento, de que há uma relação dos pais com todas as docentes, não só com a titular de turma. (...) E foi bom. (...)

[*Acerca dos pontos fortes do projeto*] (...) Estes alunos estão a ter a carga horária estabelecida por lei em todas as disciplinas certinhas! (...) a avaliação. As 3 turmas estão a ser avaliadas igualmente, com a mesma base de exigência com as mesmas coisas. Não há diferenças aí. (...) o trabalho da equipa. (...) O trabalho em equipa, a cooperação, a colaboração, a partilha, a partilha das preocupações... Eu acho que isso traz uma estabilidade profissional muito grande, termos com quem partilhar as nossas preocupações. (...) isso [estabilidade da equipa educativa] para

mim é o grande ponto forte. (...) para isso é preciso haver a tal confiança entre todos os membros da equipa, por isso é que não podia ser qualquer um. (...) eu dizer “oh pá eu não estou a conseguir ensinar isto a determinado aluno” pode não se poder dizer a toda a gente, podemos estar a por em causa a nossa capacidade (...) E há muitas pessoas que não gostam de, perante outros, reconhecer as suas fragilidades. Eu não sou disso, eu digo “não estou a conseguir assim”, digo eu e os restantes membros da equipa fazem o mesmo. (...) Acho que este é o grande ponto forte: o trabalho da equipa em prol dos alunos. (...) se fosse com outra equipa esta questão de eu ter dificuldades em cumprir com os planos de aulas eu não me sentia completamente à vontade. Foi com a ajuda delas e com a confiança que elas demonstraram no meu trabalho que eu consegui superar... e elas também. (...) Esta afinidade pessoal [entre a equipa] vem muito, não só da confiança em termos de trabalho letivo, mas também vem em termos pessoais, de relações interpessoais. (...) Neste caso, acho que era a equipa ideal para eu trabalhar (...) Para mim a equipa não pode ser qualquer uma. (...) os tempos letivos bem... bem estabelecidos para cada uma das áreas. Não rouba aqui para dar mais matemática ou mais português. Não vamos prejudicar as outras áreas (...) Não vamos prejudicar a música. Eu acho que isso é outro ponto forte. (...) o cumprimento dos tempos letivos em tudo, tudo, tudo, tudo. (...) cada uma de nós da equipa estarmos a lecionar a disciplina para a qual temos maior especificidade na nossa formação, a qual é a eleita quando nós escolhemos o curso. E acho que se nós estivermos contentes com o que estamos a fazer, melhores profissionais e melhor é o nosso desempenho. (...) temos nas 3 turmas meninos que apresentam dificuldades de aprendizagem (...) e acho de tudo o que eu tenho feito a nível da matemática, tenho trazido o material todo, outros constroem eles, eu acho que isso lhes tem ajudado muito. Sempre que é possível manipulação, é comigo. E vejo que eles realmente evoluem (...)

[*Acerca de aspetos a melhorar no projeto*] (...) Queria que os resultados escolares fossem ainda melhores! (...) neste momento a matemática está com um bom nível de sucesso, mas como eu sou uma pessoa que nunca me dou por satisfeita, eu quero ainda mais. (...) os aspetos a melhorar são os resultados, mas eles já são bons, eu quero é mais! (...) eu quero trabalhar, cada vez mais, para melhorar ainda

mais os resultados. (...) Eu quero melhorar (...) a nível da sala de aula, passa muito por dar o apoio individual. (...) a nível de sala de aula, já faço, é sentar-me com eles, dar um trabalho, sentar-me com os que precisam mais e apoiá-los mais directamente. A nível do projeto, (...) se calhar no futuro dedicar uma hora para qualquer coisa da matemática (...) ainda tenho que refletir onde é que a gente poderia intervir mais diretamente nesse aspeto concreto. (...) Não ficar só por aqui, tentarmos depois também alargar e ver outras perspetivas, o que é que as outras pessoas pensaram e se achavam que até seria bom experimentarem, (...) noutras escolas, ou mesmo na nossa própria escola, mais um grupinho que queira participar. Acho que isso seria o ideal. (...)

[*Acerca da opinião pessoal acerca projeto*] (...) Muito Bom! Porque foi o período em que enfrentámos mais dificuldades. Foi onde se operacionalizou a maior mudança (...) Agora o segundo período é mais tranquilo. Quando eu digo muito bom não estou a exagerar (...) Eu só posso dizer que foi muito bom! Foi uma aprendizagem pessoal, foi uma aprendizagem profissional e não podia avaliar de outra maneira (...) Os miúdos... foi muito bom. (...) Muito bom perante as situações que nos foram surgindo e a nossa capacidade para ultrapassá-las, não posso avaliar de outra maneira. (...) Foi trabalhoso mas gratificante! Podia repetir outra vez! Mas agora com a experiência do primeiro período, o segundo período vai correr bem. (...) qualquer constrangimento que venha a surgir também já temos a experiência do período anterior que nos vai dar forma de enfrentar e de ultrapassar. É assim que eu vejo as coisas, em crescimento! (...) Tenho a acrescentar que daqui a dois anos quero outro [projeto de pluridocência] (...)

1.º TRATAMENTO DA EI/D2

[*Acerca das motivações para participação no projeto de investigação*] (...) Grande desafio! (...) achei interessante (...) como sou uma pessoa que gosto de desafios, tudo o que é diferente deixa-me a pensar, deixa-me a refletir. (...) achei muito interessante desde logo do início, sem saber muito bem no que me estava a meter (...) foi o tão grande desafio. (...) acho que foi o mote para nós sairmos desta caixinha a que estamos habituados, que é a monodocência. Nós estamos habituados a gerir o nosso tempo, a fazer as coisas à nossa maneira (...) Profissionalmente foi o de mudar, fazer diferente. (...) porque precisamos de fazer qualquer coisa diferente. Como está [o ensino] (...) já não é tão aliciante para os nossos alunos, temos que inovar, fazer diferente. (...)

[*Acerca das dificuldades sentidas no desenvolvimento do projeto de pluridocência no 1.º período letivo*] (...) a gestão do tempo. Eu sinto-me a correr diariamente de um lado para o outro, em cada turma, e quero mais e não consigo (...) Nos encarregados de educação houve um choque inicial. Brutal. (...) Acataram com alguma resistência [os pais]. (...) tive apenas dois pais que me confrontaram e que disseram que: “não, professora é muito complicado”. O resto aceitaram mas com um pé atrás. (...) os pais! A ansiedade dos pais. Eu não estava ansiosa quando abracei este projeto, mas essa ansiedade [dos pais] refletiu-se um bocadinho nas nossas práticas, porque questionavam, porque perguntavam. (...) dentro da sala de aula o que eu senti foi a gestão do tempo. Sinto que não consigo fazer tudo aquilo que eu idealizei (...) sentimos os constrangimentos de entrarmos na sala que hipoteticamente era daquela pessoa. Não nos sentíamos à vontade para mexer numa gaveta, para utilizar o computador. (...) eu sentia-me muito mais confortável na minha sala de aula. (...) foi pesado, muito pesado porque eu sentia que estava a invadir o espaço da outra pessoa e o respeito por aquilo que a outra pessoa tinha, no seu espaço, que era o espaço delas. (...) não senti que elas invadissem o meu espaço, mas eu senti que poderia estar a invadir o delas. (...) Não é fácil abrires a tua sala de aula e deixares que todos invadam o teu espaço (...) Tem que se partir de coração aberto (...) Mostrar o nosso interior, como é que nós somos (...) Em termos profissionais (...) E ter a humildade de saber ouvir, de dizer sempre o que

se pensa, por forma às coisas darem certo. (...) Estava à espera que, apesar de só me centrar numa disciplina, estava à espera que o tempo me desse para fazer mais, mas o programa, como é muito exigente, não mo permite. (...) as ansiedades que são normais dos pais. Isto foi um grande choque, principalmente para os pais. (...) Foi uma coisa assim agora parece que tiraram o tapete [aos encarregados de educação]. E agora quem é a referência disto? Não sabemos como é que isto vai funcionar. (...) para se iniciar um projeto desta natureza, há que haver qualidades pessoais que são precisas ter em conta, como: partilha, saber partilhar, ser humilde e acatar o que se diz (...) quem tem raízes muito, muitas raízes em monodocência, não é fácil. Não é fácil. (...) eu julgo que não é um desafio que está ao alcance de toda a gente! (...) Agora já está ultrapassado, agora já mexo [nas coisas das colegas] (...) Eu senti isso [invadir o espaço das colegas]. Senti! Agora já está ultrapassado! (...) Hoje em dia isso já não se verifica [resistência dos pais] (...) Se existem (...) algumas divergências [dos pais] (...) já não se sentem. (...) Ainda se mantém [gestão do tempo]. (...) Tive também como objetivo [trabalhar] a nível das experiências, porque acho que é uma área fundamental. E sei que os miúdos ficam muito motivados (...) eu queria ir mais longe e não consigo. Estou incapacitada pelo tempo. É um dos factores que me constrange e que me deixa um bocadinho ansiosa. Queria ir mais e não consigo. (...)

[*Acerca das estratégias de superação das dificuldades*] (...) Foi pensar mais ao nível do tempo que tenho, articular por forma a ser mais compactado o que eu ia fazer, se bem que as turmas são diferentes, os miúdos são diferentes e nem sempre eu consigo. (...) a estratégia foi tentar gerir mais o meu tema em termos de conteúdos, (...) não ser se calhar tão exigente (...) nem querer abarcar tanto (...) ir de encontro a cada turma, consoante a sua especificidade. (...) eu sentia-me a invadir o seu espaço e isso foi falado, muitas vezes aqui, e curiosamente senti que elas sentiam o mesmo. (...) Era ter mais tempo para a minha área. (...) um projeto em paralelo, talvez numa das outras áreas que seja complementar ao estudo do meio, onde pudéssemos, por exemplo, fazer um atelier no ensino experimental (...) ir de forma transversal, ir ao ponto e abarcar todas as áreas de uma forma ou de outra a nível dos conteúdos. (...)

[*Acerca de mudanças ocorridas*] (...) Muito mais completo (...) tudo o que é feito é feito com a participação de todos os docentes intervenientes no processo. (...) Somos muito mais organizadas (...) O facto de prestarmos contas (...) de tudo o que se está a fazer incute-nos sempre a responsabilidade de ter em suporte de papel, de ter as coisas organizadas para apresentar a todos os colegas (...) às vezes quando nós estamos em monodocência há sempre qualquer coisinha que falha, aqui não pode falhar. Não falha! Obrigatoriamente temos que prestar contas entre nós. Prestar contas não é no sentido de termos (...) que andar a controlar (...) nós próprios autoregularmo-nos e sermos exigentes conosco próprios e apresentar, porque temos que apresentar aos colegas (...) temos que ter tudo pensado e estruturado para provar, a todos os intervenientes no processo, como é que as coisas estão a funcionar. E para cruzar a informação. (...) mudou o meu conhecimento em relação àquela área específica, uma maior abrangência, um maior envolvimento só especificamente na área, o que me permite pensar em muitas estratégias para poder aplicar nos alunos. (...) as turmas são diferentes, (...) os miúdos são diferentes, o grau de exigência também é diferente de turma para turma. (...) consigo chegar ao pormenor de pensar no global de cada turma e em particular de alguns alunos. Por um motivo ou outro, ou porque são crianças com necessidades educativas, (...) ter tempo para fazer coisas diferentes especificamente e individualmente para cada um deles. (...) se abarcar todas as áreas, se calhar, não por vontade própria, mas sou capaz de escamotear algumas coisas e não ser tão incisiva. (...) aqui eu posso ser. Posso ser direta, incisiva em alguns meninos e até naqueles que mais precisam, que é a nossa realidade na sala de aula. (...) Adaptação de estratégias (...) eu consigo ter tempo para adaptar aquela ficha a um aluno com dificuldades ou a um aluno de CEI ou a um aluno que tem mais dificuldade, eu consigo adaptar e chegar mais depressa a eles (...) Porque eu estou focalizada naquela disciplina, naquela área curricular, (...) estou a pensar em todos e consigo pensar também individualmente em relação a cada um dos miúdos. Dá-me abrangência para isso. Dá-me tempo para fazer diferente (...) Vi grande alteração nos miúdos. A princípio muito confuso, a princípio era muito confuso, mas depois em termos de organização (...) eles conseguem ir de encontro àquilo que nós queremos (...) eles já sabem sem nós falarmos o que é

que nós queremos, como é que as coisas funcionam. Eles já sabem as práticas de quando eu entro na sala de aula o que é que têm de fazer, já não preciso de falar (...) quando eles vêm para a minha aula eles já sabem todas as rotinas, eles já sabem o que é que têm de fazer (...) isso já está (...) automatizado. (...) as mesmas ansiedades, só que dantes tínhamos com 26 agora temos com 68 (...) A abrangência é diferente, nesse aspeto. (...)

[*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas*] (...) São autónomos. Mais autonomia, mais desembaraço. (...) a grande receptividade por parte dos alunos, isso foi fantástico! Eu pensei que tivéssemos ali alguma (...) dificuldade, (...) que começasse a haver aqui algum constrangimento, que a adaptação fosse muito difícil, bem pelo contrário, acho que eles se adaptaram até muito melhor que nós (...) Os miúdos foram fantásticos, fabulosos. Não senti qualquer constrangimento da parte deles, senti-me sempre à vontade e sempre acarinhada e isso foi muito importante. (...) notei grandes melhoramentos principalmente nos meninos com necessidades educativas. Uma melhoria significativa. (...) a forma como sempre lidámos umas com as outras, a receptividade e a confiança no trabalho umas das outras. Sempre! E isso foi extraordinário. A partilha! O estar à vontade para dizer o que pensávamos (...) uma coisa é conhecermo-nos dentro do nosso casulo, outra coisa é partilharmos tudo. E nós partilhamos tudo o que diz respeito aos nossos alunos e ao nosso trabalho. É tudo partilhado (...) O facto de te sentires à vontade porque as outras pessoas (...) te dizem que confiam no teu trabalho (...) É importante porque não é só o confiar, elas conseguem visualizar o que é que nós fazemos (...) a partilha, a cooperação e a confiança foram fundamentais! (...) estar à vontade para falar até das minhas angústias e ser bem aceite. (...) Mas é motivador [projeto de investigação] e se nós estamos motivados, fazemos as coisas (...) sem pensar, sem aquela carga de dizer assim: “Ah, ando muito cansada!” Não sentimos que é esse cansaço. (...) não nos conseguimos desvincular, ainda, da pertença. Deixaram de ser um grupo de 26 para ser um grupo de 68 e lidamos com todos como se fossem nossos na mesma (...) agora que nós os assumimos como nossos, quer dizer, ainda temos enraizado e não conseguimos desligar ainda da monodocência (...) Deixou de ser um grupo de 26 ou de 21 ou de 22 para ser um

grupo de 68. (...) aquela situação de pertença que o professor do 1.º ciclo tem, só aumentou o número de alunos. (...)

[*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas*] (...) Eu não senti! Assim grande, grande, ou qualquer dificuldade, não. Não senti dificuldade na adaptação entre docentes, não senti dificuldade até nos resultados, as coisas não são muito diferentes do que eram (...) Apesar de nós falarmos de todos em particular e daqueles que nos causam mais preocupação, não senti assim grandes... efeitos negativos. Sinceramente. (...) também tivemos alguma ansiedade, tudo o que é diferente causa mudança e causa-nos alguma perturbação (...) não é fácil, este projeto não é fácil, exige muito de cada um de nós (...) Eu pensava que ia ser mais fácil no sentido de me focalizar só naquela e... não é, não é. (...) Se calhar também é mais exigência da nossa parte (...) Em querer mais, mais e mais e mais e mais. (...) Não é fácil. (...) É trabalhoso [pluridocência]. (...) Sentimos que é exigente, que não é diferente. Eu acho que ainda é mais exigente do que se estivéssemos com a monodocência. (...) o grau de exigência e de responsabilidade também [aumentou]. Muita. Muita responsabilidade. Acho que aumenta em termos de responsabilidade. Temos (...) que ser muito responsáveis e ter tudo muito certinho e direitinho. (...) Foi um choque [para os pais] e nós sentíamos. Eu sentia isso nos pais, sempre a questionar, ansiosos, como é normal. (...) Nas funcionárias, alguma alienação (...) mas sempre muito boa receptividade. (...) elas [funcionárias] foram sempre extraordinárias e continuam a ser (...) Relativamente aos docentes que não fazem parte do projeto, alguma resistência. Muita resistência. Não todos, não todos, mas alguns tiveram bastante relutância, principalmente no nosso grupo de ano. (...) vai haver sempre ou há sempre [resistência], tudo quanto é mudança cria alguma instabilidade nas pessoas (...) O facto de existir logo o projeto, sem as pessoas saberem o que continha, causou logo alguma manifestação de (...) resistência [por parte de algumas docentes da escola] (...) acho que este constrangimento seria desnecessário (...) nós estamos num projeto de pluridocência e o professor do 1.º ciclo basicamente vive em monodocência. Isto mexe com as pessoas. (...) As pessoas pensaram que de alguma maneira que isto possa reverter ou perder a monodocência. (...) algumas pessoas não estão de acordo e temos que respeitar, assim como elas têm que respeitar que eu posso querer entrar num projeto que

seja diferente (...) Não quer dizer que isto tudo vá mudar para elas. Mudou para mim! Mudou para as colegas que estão no projeto! Mas não tem que mudar para as outras colegas (...) as pessoas tiveram medo de perder a monodocência. Que este projeto (...) fosse mudar a monodocência. (...)

[*Acerca de estratégias de melhoria*] (...) tivemos numa reunião só entre os pais e a investigadora (...) E depois uma reunião também que tivemos só com os pais, nós professoras e os pais. (...) uma sugestão que os pais deram que queriam uma maior proximidade com todos os docentes dos seus filhos, e foi nessa base que essa reunião foi realizada e hoje não sentimos isso [resistência]. (...) Se tivessem dúvidas [colegas resistentes] vinham perguntar, porque tiveram sempre abertura. Como não perguntaram, houve alguma incompatibilidade em reuniões, que foram esclarecidas e acho que estão sanadas neste momento. (...) foi tudo transparente, à frente de toda a gente. Acho que não havia outra conduta, nem outra maneira (...) que minimizasse esses danos. (...) também não posso ser condicionada porque estou num projeto e porque os outros não aceitam (...) continuo focalizada neste projeto, não me faz diferença nenhuma o que é que os outros acham... que haja esta resistência. Se vierem ter comigo e me perguntarem, eu respondo da melhor vontade sobre as dúvidas que possam ter. (...) eu neste momento até nem sei se ainda há resistência (...) Sempre que há estes momentos de reunião [da equipa], que são essenciais e que têm que ser, porque senão a coisa não funcionava, são minimizados pela equipa [constrangimentos]. Quando nós chegamos aqui à segunda-feira e partilhamos todas as angústias, tudo o que aconteceu, nós partilhamos tudo o que aconteceu! (...) não só a nível (...) do que estamos a fazer com os miúdos, mas também qualquer situação de conflito, porque cada uma de nós é titular de uma turma (...) E tem que responder por isso, para que não sejamos apanhadas de surpresa e para que não hajam coisas dúbias, ou porque os pais nos venham perguntar e nós não saibamos responder, temos que saber. (...) os miúdos, muitas vezes, ficam espantados como é que a professora sabe se aconteceu há pouco. Às vezes até entre corredores partilhamos esse tipo de situações, porque achamos que é importante. (...)

[*Acerca dos pontos fortes do projeto*] (...) em termos de conhecimentos, de partilha, de ver outras realidades e não estarmos fechados na nossa concha (...) Pensarmos em conjunto, a colaboração, a partilha é que é essencial (...) mesmo dentro da minha área ou na outra área, eu posso sempre por o meu cunho pessoal em relação ao que está a ser feito, ao que estamos a fazer (...) Não, nunca! Nunca perco [ligação às restantes áreas]. (...) não perco, porque eu estou sempre envolvida nas outras áreas (...) A partilha dos conhecimentos [entre docentes]. (...) quatro, cinco cabeças a pensar resulta muito melhor do que uma só (...) Também chegar a uma conclusão de que o facto de falarmos individualmente ou em grupo dos nossos alunos (...) as coisas são sempre convergentes, não há uma discrepância assim tão grande (...) Há (...) um conhecimento que se constrói em conjunto acerca dos alunos e sempre visando a preocupação e visando sempre o que é que nós podemos fazer melhor para, pedindo a opinião dos outros (...) O que é que acontece na monodocência? Vivemos centrados no nosso mundo, no nosso grupo. Gerimos as coisas à nossa maneira. Não temos ninguém que nos diga (...) Não. Se calhar nem permitimos! (...) E não temos esta, esta humildade de ouvir, saber ouvir os outros. (...) é a partilha, a cooperação, saber ouvir a opinião dos outros e receber bem também a opinião que os colegas têm e fazerem-nos refletir. (...) Porque puxamos umas pelas outras. E o essencial de tudo isto é estarmos todas motivadas. (...) eu acho que se sente diferente! (...) Eu acho que cada docente que está a participar neste projeto aderiu com gosto, (...) Sentindo mesmo (...) que é um grande desafio e que queremos muito que dê certo, em prol dos nossos alunos. Não queremos que dê certo por nós (...) Queremos que dê certo por eles e porque acreditamos! (...) a especialização numa área. Se nós nos especializarmos numa área, somos, sem dúvida, muito melhores e mais conhecedores e mais, mais portadores de conhecimento para transmitirmos aos nossos alunos. (...) Em vez de abarcarmos tantas áreas, abarcamos aquela e focamo-nos naquela. (...) Estou mais focalizada nesta para melhorar... para tentar melhorar os resultados dos alunos (...) Ser uma pessoa mais centrada naquilo e mais focalizada naquela área curricular, que me pode dar mais conhecimento e mais aprofundamento (...) Sem dúvida que isso [foco numa área] irá melhorar o meu conhecimento e a partilha para com os meus alunos. (...) É uma grande reflexão sobre as nossas práticas,

principalmente! Como é que elas funcionam e se funciona (...) antes, como tinha que me repartir em tantas áreas, eu não podia pensar concretamente no que é que eu poderia melhorar para, ou arranjar uma ficha diferente ou arranjar uma estratégia diferente ou arranjar estratégias para motivar os meus alunos para. Não tinha! Às vezes não tinha esse tempo! (...) Claro que me dedicava umas vezes mais a uma área, outras vezes mais a outra, agora com a incidência que este tem, não tinha. (...)

[*Acerca de aspetos a melhorar no projeto*] (...) ter um espaço só para a minha área (...) Uma sala só especificamente para a minha área! (...) Há coisas que eu quero expor e que quero sempre ter expostas. Dificulta-me um bocado o trabalho se tiver que fazer para 3 salas. (...) Andas com (...) as coisas, com o material do ensino experimental de uma sala para a outra, isso é sempre mais difícil. (...) Requer mais alguma, alguma programação de tempo (...) um espaço para nós. (...) Nós andamos sempre com as coisas de um lado para o outro (...) a colega da matemática vem com os esquadros, com a régua, vem com aquelas coisas... (...) Eu, por exemplo, com o ensino experimental, ando com o material do ensino experimental de um lado para o outro (...) se eu tivesse as coisas numa sala específica ajudava-me muito mais a (...) gerir melhor o meu tempo e a ter as coisas ali, por forma a qualquer momento eu posso precisar de um determinado material (...) E tenho ali à mão! E vou buscar! (...) apesar de serem feitas as planificações semanais, diárias para aquela atividade, há sempre alguma coisa que me pode falhar de uma sala para a outra. (...) há coisas que nós queríamos expor naquela sala e que estivesse naquele momento, naquela aula sempre exposta para os alunos (...) Não posso andar com os cartazes de um lado para o outro, não consigo também ter tempo para fazer cartazes para todas as salas. (...) Agora aspetos a melhorar há sempre! Até nas minhas práticas, principalmente. Há sempre coisas que eu estou a descobrir e que eu não via antes (...) Temos sempre muita coisa a melhorar. (...) Agora evoluir... aspetos a melhorar... Há sempre aspetos a melhorar (...) há sempre aspetos a melhorar! Que eu tenho noção que há coisas que devemos sempre melhorar, há sem dúvida nenhuma. Agora, não me ocorre de momento assim porque (...) estamos numa fase inicial do projeto. Certamente ao longo do tempo eu vou ter outra noção... (...)

[*Acerca da opinião pessoal acerca do projeto*] (...) Neste momento ocorre-me uma frase: Não quero voltar para trás! Não gostaria de voltar para trás! (...) Só vejo aspetos positivos, principalmente para os miúdos. Muito positivo. (...) E para mim própria. (...) Em relação aos pais, em relação aos miúdos e em relação a nós! Acho que é muito positivo. (...) Eu, neste momento, só vejo aspetos positivos, mas estamos numa fase inicial (...) neste momento, eu só vejo aspetos positivos. Mais para a frente... (...) Bastante positiva [apreciação]. Até agora! (...)

1.º TRATAMENTO DA EI/D3

[*Acerca das motivações para participação no projeto de investigação*] (...) Um bom desafio que eu quis abraçar logo, não precisei de tempo nenhum para pensar se sim ou se não! (...) eu sempre gostei de dar a minha área, a minha área em que eu sou mais forte, aquela que eu mais gosto (...) confesso que dar português a uma faixa etária em que eu gosto de trabalhar, (...) foi o que pesou mais. (...) Isto era uma coisa que eu gostava muito (...) de experimentar, e tu sabes que já tinha tentado (...) sempre foi minha vontade tentar (...) o par pedagógico (...) Com a matemática e o português. Claro que aquilo que me apresentaram era mais vasto ainda (...) a primeira coisa que veio à minha ideia foi: “Sim! Sim!” (...) porque as pessoas que compõem a nossa equipa são pessoas em quem eu confio, em quem eu deposito toda a confiança (...) e que têm métodos de trabalho muito idênticos ao meu. (...) o facto de eu conhecer a equipa e de confiar (...) me deu segurança absoluta para avançar. (...) eu sempre trabalhei (...) e cooperei e tive a cooperação destas colegas em todos os níveis, quer a nível de partilha de trabalhos, quer a nível de partilha de experiências, conselhos até! (...) não me via (...) a entrar num projeto desta natureza sem (...) que não fosse com estas pessoas. (...) Confiança total [na equipa]! (...)

[*Acerca das dificuldades sentidas no desenvolvimento do projeto de pluridocência no 1.º período letivo*] (...) O sair de uma sala e entrar noutra, sair da outra, entrar na outra (...) dava-me a ideia de que estava a invadir um espaço que não era o meu (...) até costumava dizer que me sentia estranha, sou uma estranha nesta sala. (...) Algum receio em mexer num papel, em mexer (...) senti dificuldade em cumprir a minha planificação, (...) para o tempo que tinha de aula. (...) a gente tem aquela hora, aquele tempo em que tem que ser cumprido, até para não prejudicar os alunos nas outras áreas. (...) a adaptação a alunos que eu não estava habituada, nomeadamente na turma [designação] a [nome] (...) que é uma menina que não escreve (...) eu fiquei um bocado preocupada, o que é que eu faço? Onde é que está um registo da aula de português? (...) assim como senti na turma [designação] com a [nome] (...) até eu entrar naquilo que ela sabe fazer e perceber que tipo de exercícios é que eu podia fazer com ela na de português, também levei um

bocadinho de tempo. (...) A adaptação era um receio, não foi uma dificuldade, a adaptação a novas crianças, a miúdos que não estavam habituados a mim. (...) Isso foi um receio da minha parte (...) que depois não aconteceu! (...) o início foi mesmo a nossa adaptação às crianças e elas a nós. (...) [adaptação] Aos pais e os pais a nós, porque os pais foram apanhados de surpresa (...) Caiu assim uma bomba no colo. (...) no 1.º Ciclo, estamos sempre no mesmo sítio. (...) Com este projeto acabamos por estar uma hora e meio num lado, outra hora e meia no outro, duas horas no outro (...) antes esticava-se um bocadinho [tempo das disciplinas], tira-se um bocadinho dum lado, põe-se um bocadinho do outro (...) Hoje estou tão bem na minha, (...) sala, como estou na sala da turma [designação] ou da turma [designação]. É igual! (...) foi uma questão de duas semanas, mais ou menos, e eu consegui [gerir o tempo] (...) não baixar o ritmo, (...) mas balancear entre as 3 turmas, porque as 3 turmas têm ritmos de trabalho muito, muito diferentes. (...) Consigo que elas estejam ao mesmo nível em termos de conhecimento (...) Alguns [pais] reagiram melhor que outros, mas ao longo do tempo ou passado muito pouco tempo, (...) essa adaptação e esse receio já estava ultrapassado. (...)

[*Acerca das estratégias de superação das dificuldades*] (...) isto [receio de invadir o espaço das colegas] também era partilhado nas nossas reuniões semanais e, (...) com o tempo, e não foi preciso muito, foi ultrapassado completamente. (...) Tive que ir aos poucos adaptando [o tempo de aula ao ritmo das turmas] (...) ao invés de começar pela escrita, uma vez que ela [aluna] não o faz, investi na oralidade! No falar, no começar a melhorar o nível de sociabilidade dela, (...) e nota-se, a olhos vistos, a diferença. (...) [docentes da educação especial] Tiveram um papel fundamental, tanto que é a mesma professora do ensino especial para as duas alunas. Foi mesmo espetacular (...) a colega da educação especial facultou-me uma série de palavras com as quais eu podia trabalhar, disse-me logo o que é que eu podia ou não fazer, deu-me abertura para experimentar outras coisas que ela achava que não funcionavam, mas eventualmente poderiam funcionar (...) fazemos um trabalho também de equipa [com as colegas de educação especial] (...) todos os dias estamos em contacto, há dias em que ela [docente] acompanha as meninas dentro da sala de aula, dá para perceber exatamente o que é que se está a fazer e

dá para dar continuidade. (...) sempre tivemos a abertura para que a [nome] (...) estivesse presente e ela já esteve presente em algumas [reuniões da equipa] (...)

[*Acerca de mudanças ocorridas*] (...) eu sinto-me na obrigação de ser mais exigente comigo na procura, na eleição das atividades, na planificação das mesmas, nas estratégias para recuperar as dificuldades que são detetadas. (...) as dificuldades que uma [turma] tem, mas que a outra não tem, preocupam-me exatamente da mesma forma. (...) dei por mim, no fim de semana, à procura doutras ideias para não se fazer um exercício ortográfico sempre igual (...) se eu tivesse que procurar exercício de ortografia, para melhorar o raciocínio matemático, para melhorar outro bloco do estudo do meio, é evidente que eu nunca ia ter tempo (...) para cada uma dessas coisas andar a explorar outro tipo de atividades ou andar a pensar (...) levo tanto tempo a planificar para uma área como levava quase para planificar as outras todas. (...) Sou mais minuciosa, procuro mais (...) consulto outros livros, comparo, dou outros tipos de textos, daqueles que eles não estão habituados, que não estão no livro, pronto, esse tipo de coisas que (...) levam tempo. (...) Dantes não o fazia, mas não era que não tivesse essa vontade, mas não havia tempo para! Agora sim (...) sendo eles diferentes, eu tenho que me preocupar em: conhecimentos, (...) têm que ser iguais para todos, mas depois a nível da prática, diversifico de turma para turma! (...) Numas [turmas] até faço mais porque têm um ritmo mais avançado. Noutras faço menos, porque têm outro ritmo diferente (...) as aulas nunca são iguais, pronto! (...) eu preparo uma aula, mas as aulas nunca são iguais, porque eles interagem bastante e acabam por levar a aula a um rumo que não foi planeado dessa forma, mas que é produtivo na mesma. (...) a maior preocupação em escolher as atividades, a procurar, a explorar outro tipo de atividades diferentes para o mesmo fim, que eu nunca poderia ter, nem que eu não dormisse (...) nunca poderia fazer para as outras áreas todas com o mesmo grau de exigência (...) tem tudo que ver com a prática letiva (...) Preocupação com eles [alunos], com a aprendizagem, sempre a focar no sucesso e na melhoria dos resultados. (...) aquilo que eu faço agora a miúdo [atividades diversificadas], ou faço muitas vezes por semana, se calhar fazia de quinze em quinze dias, porque não havia o tal tempo de pesquisar (...) a mudança exige sempre um empenho e uma perseverança e uma vontade (...) uma exigência muito grande em termos pessoais. (...) eu sinto-me

responsável (...) e sou responsável pela área de português! (...) senti uma grande responsabilidade e uma maior exigência a nível pessoal, ou seja, procurar estratégias diferentes, exercícios diferentes, uma preocupação muito grande (...) Uma preocupação: “mas porque é que aqui corre tão bem, mas porque é que ali não corre tão bem? Se calhar tenho que diversificar”... Pronto, esse tipo de coisas que para mim foi aquilo que eu mais senti (...) Eu deixei uma grande parte do tempo de estar com a minha turma (...) mas eu sei que estão bem entregues. (...) até preciso (...) talvez de mais tempo (...) para os orientar, porque eles precisam de ter uma referência (...) sei que deixei os meus meninos, mas não os abandonei! Sei que estão bem entregues. (...) foi uma mudança, mas para mim não foi assim muito significativa, porque eu (...) confio 100% nelas. (...)

[*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas*] (...) sinto uma grande motivação por parte dos alunos (...) um efeito positivo que eu noto nos alunos (...) é o facto deles confiarem tanto em mim, como em qualquer uma das outras professoras. (...) houve uma grande, uma boa aceitação [das docentes] por parte deles [alunos] (...) há um maior interesse por parte deles, um maior interesse em participar, um maior interesse em ser melhor, em mostrar que está a gostar, que sabe fazer bem (...) eles nunca tiveram expressões como têm este ano. Quem fala das expressões (...) a plástica, a dramática... não cumpria. (...) roubava um bocadinho para terminar o português, roubava outro bocadinho para dar o recadinho ao pai, roubava outro bocadinho para algum assunto ou ralhete que tivesse que dar (...) Nós tivemos uma empatia logo de imediato, tanto da minha parte como da parte deles [alunos]. (...) falei com eles [pais das outras turmas] com o mesmo à vontade que falei com, ou que falaria com os meus pais, se fossem só os meus, da minha turma. (...) o trabalho em equipa (...) a partilha (...) Estou a falar da partilha de preocupações, de algo que não correu bem e termos sempre o bocadinho que temos [reuniões da equipa], (...) não só para darmos o feedback da semana, mas também para partilhar as nossas preocupações e ter sempre um conselho do outro lado. (...) a nossa convivência, que já somos uma família, não somos colegas, não somos amigas, somos uma família [equipa]! (...) Sempre, fora mesmo da nossa reunião há sempre [partilha] (...) a gente fala, e a gente prepara e a gente troca ideias sobre tudo, não propriamente das atividades, não

propriamente do que é que a minha colega está a fazer, mas sim em relação a eles [alunos]. (...) o que eu conhecia dos meus alunos, posso agora dizer que conheço dos 68 alunos que temos. Posso dizer que os conheço tão bem como conheço os meus que já estavam comigo há dois anos. (...) a partilha das preocupações, a partilha das ansiedades, a reflexão e sentir, do outro lado, o apoio [da equipa]. Sentir, do outro lado, também algumas preocupações que iam ao encontro das minhas e chegarmos todas à solução. (...) uma coisa que eu fiz e continuo a fazer, foi convidar os pais para lerem um livro e depois fazermos um (...) concurso dos “espelhos de leitura”, (...) em cada sessão, só podem participar quatro equipas. (...) têm de ser sempre sorteadas, porque há um entusiasmo (...) Toda a gente quer, (...) e vêm à escola e participam no concurso (...) desde o início do ano letivo já fiz três vezes [concurso de leitura] e de todas as vezes tive uma aceitação e uma participação [dos pais] muito, muito grande. (...) Na minha turma, (...) eles sempre participaram. Mas é assim, referindo-me às outras duas turmas, que não me conheciam, (...) sinto que fazem exatamente o mesmo como se me conhecessem. (...) E participam, e dão deles [pais] e agradecem pela iniciativa (...) esse tipo de coisas eles [pais] gostam e fazem-me chegar o feedback positivo. (...) a gente já fez a reunião em conjunto, todas nós com todos os pais, (...) houve preocupação sim em saber determinados alunos que têm mais dificuldades que outros, houve preocupação em saber onde é que podem melhorar, o que é que está mal, e pedirem informações para que possam ajudar. (...) há um envolvimento dos pais, tanto que eles pediram uma reunião conosco todas, há uma boa participação tanto na minha área como, por exemplo, na matemática (...)

[*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas*] (...) Não senti. Não senti (...) sou muito sincera. (...) confesso que foi um cansaço, que tem sido um cansaço muito maior (...) não sei porquê, não deveria ser, mas eu sinto que é (...) porque a responsabilidade é muito grande. (...) Também não. Tenho uma relação muito boa [com os pais] (...) no sentido negativo, não senti com nenhum deles [pais] (...) Não senti pela parte de ninguém [pais]!

[*Acerca dos pontos fortes do projeto*] (...) Acho! Acho! Não tenho dúvida nenhuma [que os resultados dos alunos melhoram com a pluridocência]! (...) eu acho que

isto [pluridocência] tem estrutura para que, a todos os níveis, para melhores resultados, para os miúdos se irem adaptando às várias caras das pessoas, para eles se adaptarem aos vários humores (...) é aquilo que eles vão apanhar daqui para a frente. (...) não é tratá-los como adultos, mas é prepará-los! (...) acho que é essa a nossa função, não só em termos de conhecimentos, mas também prepará-los para a vida (...) saber que nas 3 turmas eu estou a ensinar as mesmas coisas, com o mesmo nível de exigência e que, no fim, vou avaliá-los exatamente pelos mesmos parâmetros, exatamente pelos mesmos critérios (...), isenta de qualquer tipo de benefício para qualquer um. (...) tenho a certeza absoluta que há equidade na avaliação, tanto da minha parte como da parte das minhas colegas, nas outras áreas. (...) Acho que foi a equipa perfeita! (...) a Mónica tu sabes que eu já trabalhei muito com ela, a gente entende-se muito bem nos métodos de trabalho, e depois a Paula encaixou (...) perfeitamente! (...) um ponto forte (...) passa por tentar valorizar e enriquecer os meus conhecimentos nesta área porque ninguém sabe tudo e eu pouco ou nada sei. (...) Fazer parte desta equipa pedagógica, unida, coesa, confiante, é o ponto mais forte de todos eles (...) O trabalho, o trabalho em equipa e fazer parte desta equipa (...) a gente não partilha só os bons momentos, a gente partilha os maus. Mesmo que isso seja contra mim... Eu erreí, mas partilhei! (...) esta equipa fabulosa que a gente compõe, da qual eu faço parte, em que a gente analisa tudo, em que chegamos ao final, (...) do mês e a gente faz a... avaliação de que é que nós tratámos, o que é que resultou, o que é que não resultou,... E nós fazemos isso! (...) tenho boa lidação com os meninos (...) tenho boa lidação com os pais (...) abertura suficiente para eles me dizerem aquilo que gostam ou não, tanto crianças como pais (...) Com as minhas colegas, pois é a minha família, a nossa equipa, a gente é uma equipa pedagógica, mas é uma equipa pedagógica familiar (...) embora eu seja responsável pelo português gosto de estar sempre a par do que estão a fazer na matemática, tal como elas no português, o que é que estão a fazer no estudo do meio. (...) Há sempre informação e depois há muita partilha (...)

[*Acerca de aspetos a melhorar no projeto*] (...) O que é que quero daqui para a frente? Mais! Melhor! Mais sucesso! Mais... (...) a única coisa que eu acho que posso e devo e tenho que melhorar, (...) é ajustar mais ainda a forma de lecionar,

(...) de praticar determinados temas com aqueles alunos que já falámos há bocado que são diferentes. (...) para isso [mais sucesso dos alunos] também eu tenho de investir no meu tempo, o tal tempo que eu não tinha, investir mais ainda e aprofundar também mais os meus conhecimentos e procurar outras coisas que me aprofundem a mim também um bocadinho (...) ter mais um tempinho com os alunos duma turma, para a gente resolver aquelas questões mais comportamentais, mais de escola, os recados para os pais, esse tipo de coisas porque faz falta. (...) eu para isso [direção da turma] tenho que tirar ou da minha aula de português ou da aula (...) de apoio ao estudo. (...) falta-me esse bocadinho! (...) mais meia hora que fosse. (...) Nós já temos conversado e eu penso que todas nós sentimos essa falta. (...)

[Acerca da opinião pessoal acerca do projeto] (...) vou ter alguma dificuldade em voltar atrás (...) agora foi um passo à frente! Eu tenho a certeza que dei um passo à frente! (...) quando acabar este projeto, (...) para o ano, se calhar vou regredir... vou andar para trás. Por mim não andava para trás. Por mim continuava sempre assim (...) para mim eu continuava assim sempre! (...) é um projeto que, até ao momento, me parece que está a correr lindamente! (...) estamos naquela fase de o que foi feito até agora é um sucesso, pelo menos por mim considero, é um sucesso (...) até ao momento, está a correr dentro daquilo que nós prevíamos. (...) Completamente positivo! Positivo! (...) tem havido (...) um progresso ou uma continuidade (...) dos progressos que eles [alunos] fazem. (...) não há nenhuma surpresa, nem pela negativa, nem pela positiva, o que é é aquilo que se esperava e é aquilo que tem sido sempre! (...) vamos considerar este período a adaptação deles e minha (...) podemos até considerar que houve evoluções e houve progressos, houve de facto, em termos das aprendizagens, mas se calhar eu quero mais! Nós queremos mais! (...) agora é investir para termos este mais [sucesso]! Que é aquilo que a gente quer e aquilo a que nos propusemos! (...) há agora a tal parte de investir mais para ter mais sucesso! (...)

ANEXO XVId

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS EI/D1, EI/D2 e EI/D3

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO EI/D1

Unidades de sentido

1. [*Acerca das motivações pessoais para participação no projeto de investigação*] (...) O meu primeiro pensamento foi... porque não? Porque não embarcar nesta aventura? Já que tenho embarcado em algumas ao longo da minha carreira profissional. (...)
2. (...) E foi o que eu pensei também logo ao início... mudar!... inovar!... (...)
3. (...) Essa parte [investigação] também me atraiu. (...) apesar de a nível pessoal eu não ter tempo... (...) já fiz formação, já fui formadora e tive mesmo que também investigar, mas uma tese de doutoramento é muito aliciante (...)
4. (...) nós sermos um interveniente muito importante também acarreta outras responsabilidades (...)
5. (...) ao entrar nesta tese de doutoramento, fez com que eu fosse buscar coisas que eu tinha já muito adormecidas para dar o melhor de mim a esta tese. (...) penso contribuir com tudo o que eu sei e que posso... (...)
6. (...) sabia que ia ser exigente e eu teria que realmente estar à altura dos desafios. Sinto sim, muita vontade em cumprir com tudo aquilo que me for solicitado... (...) quero dar o meu melhor porque eu sei que também tenho capacidades para tornar este projeto e esta investigação muito, muito boa e muito enriquecedora (...)
7. [*Acerca das motivações profissionais para participação no projeto de investigação*] (...) para mim fez sentido... principalmente porque a minha formação também é de 2.º ciclo, na variante de Matemática e Ciências. (...)
8. (...) por poder partilhar o peso... não é bem o peso, mas as preocupações que temos com uma turma, partilhar com mais pessoas... e... decidirmos em conjunto as melhores estratégias a definir para o sucesso destes alunos. (...)
9. (...) já senti há uns anos um certo cansaço de levar muito a peito como se eu fosse a única (...) responsável pelo encaminhamento dos alunos (...), é partilharmos com outras pessoas as preocupações que temos com a turma (...) definir estratégias que muitas vezes uma só cabeça pensamos de uma maneira mas ouvindo outras opiniões convergimos para o melhor. (...)

10. (...) Profissionalmente é lecionar a Matemática, que é a minha disciplina de eleição. (...) e já venho há uns anos a sentir essa vontade. (...)
11. (...) a parte da equipa, porque esta questão da partilha na monodocência (...) o que se partilha são fichas e materiais, sentir vontade de partilhar outras coisas. (...)
12. (...) um conselho de turma sobre os mesmos alunos, visões diferentes em diferentes disciplinas... (...)
13. (...) Essa parte da partilha foi também profissionalmente algo que me atraiu, porque já vinha sentido que era só por e-mail partilhar as fichas umas das outras e não passava disso. Para mim já não chegava, já não me sentia completa nem realizada. (...)
14. (...) Alguma desmotivação já em vir encarar todos os dias a mesma turma sempre (...) ao final do dia já revelava um bocadinho de cansaço (...)
15. (...) talvez também já não conseguisse motivar tanto os alunos... e acho que eles também precisam de mudança, não sempre a mesma coisa. (...)
16. [*Acerca da natureza das dificuldades sentidas ao longo do 1.º período letivo*] (...) planificação das aulas!... (...)
17. (...) o facto de termos, como temos três turmas, termos vários alunos com CEI e com PEI e no caso dos CEI serem currículos diferentes uns dos outros e... que era uma situação que eu não tinha. (...)
18. (...) dizer aos pais, informar os pais. Logo aí tínhamos todas o coraçãozinho apertado (...)
19. (...) todos os constrangimentos que foram surgindo, desde a planificação das aulas, ter que refletir, ter que reformular (...)
20. (...) Nas primeiras aulas que uma pessoa vai para outra turma, (...) já sabemos que eles nos vão testar... Não queremos impor a nossa autoridade com autoritarismo. Queremos impor a nossa autoridade fazendo-os respeitar-nos (...)
21. (...) no nosso Diário de Bordo, logo na primeira semana diz que tivemos dificuldades em cumprir a planificação (...) estávamos a conhecer os ritmos das turmas (...)
22. (...) A adaptação àquele tempo letivo, àquele intervalo de tempo, fazer tudo... (...)

23. [*Acerca das causas das dificuldades sentidas*] (...) Agora temos que cumprir os tempos letivos. (...)
24. (...) enquanto monodocência eu planificava a aula de matemática de acordo com o horário que nós temos (...) mas se eventualmente a aula se prolongasse um bocadinho mais, eu na hora seguinte, fosse o estudo do meio ou fosse uma expressão, tirava um bocadinho dessa disciplina para concluir a atividade da matemática. Depois tentaria compensar ao longo da semana (...) Claro que ao nível das áreas de expressões, acho que nunca cheguei a compensar. (...)
25. (...) Agora não. De início os meus planos de aula nunca eram cumpridos, porque acho que estava a ser ambiciosa demais, esquecia-me que realmente chegava ao fim do tempo e eu abandonava a turma. (...)
26. (...) a minha preocupação foi as minhas colegas também vão passar [trabalho para casa] e vai ser uma carga enorme... (...)
27. [*Acerca das dificuldades superadas*] (...) no fim do primeiro período já conseguia cumprir o plano da aula. (...)
28. (...) Ao longo do tempo foram sendo minimizadas [as dificuldades] (...)
29. (...) essa situação foi completamente ultrapassada [adaptação aos alunos com CEI]. (...) Foi ultrapassado! Correu bem. (...)
30. (...) Os pais apoiaram, vamos prá frente! Embarcámos todos no mesmo barco. (...)
31. (...) a partir dos meados de outubro, finais de outubro, começamos completamente, (...) a levar isto já (...) com uma perna às costas... A engrenagem a trabalhar. (...)
32. (...) Isso foram outros obstáculos que foram surgindo [teste dos alunos à autoridade das docentes] e eu acho que foram todos ultrapassados porque nós não temos nas 3 turmas casos de desrespeito às professoras. (...)
33. (...) todo esse processo [implementação do projeto] até ao final do primeiro período foi sempre em ascensão. (...)
34. (...) a questão dos trabalhos de casa, (...) o feedback tem sido positivo portanto penso que essa parte também não se mantém. (...)
35. (...) A parte da planificação das aulas, pois isso logo no primeiro período foi sendo sanado, ao longo do tempo. (...)

36. [*Acerca de dificuldades que se mantêm*] (...) eu acho que não permanecem grandes dificuldades... Não. Não vejo assim, de momento... nada. (...)
37. [*Acerca das estratégias de superação das dificuldades implementadas*] (...) Partilhei essa minha preocupação [não cumprir os planos de aula] com as colegas da equipa e elas tranquilizaram-me e mostraram confiança no meu trabalho... (...)
38. (...) Resolvi realmente planificar um bocadinho a menos, mas uma vez que tenho materiais sempre preparados para as aulas seguintes, se eventualmente houvesse tempo avançaria. (...)
39. (...) no início do ano combinámos mandar [trabalho para casa] só ao fim de semana, mas verificámos e até com o feedback de alguns pais que talvez fosse melhor ao longo da semana ir passando menos por dia do que depois muito ao fim de semana. (...)
40. (...) com a partilha com as colegas e tranquilizando umas às outras e vamos reformulando... (...)
41. (...) também com a intervenção dos professores do ensino especial, trabalhamos também muito em conjunto (...)
42. [*Acerca de mudanças ocorridas na organização do trabalho escolar*] (...) devo confessar que ali o primeiro mês andei completamente estoirada (...)
43. (...) a organização do trabalho melhorou bastante, porque o tempo que eu dedicava a preparar uma série de áreas (...) agora estou focada na minha disciplina. (...)
44. (...) Eu tenho muito tempo para pesquisar atividades, problemas, exercícios que eu acho adequados para as turmas, consigo estabelecer uma sequência, uma cadeia de atividades que me permitem chegar aos conceitos que eu quero trabalhar, porque estou focada numa disciplina. (...)
45. (...) este trabalho está a ser muito mais pormenorizado, muito mais aprofundado, da pesquisa... (...)
46. (...) a nível específico da matemática, da linguagem técnica, tenho tempo para ver, transformar a linguagem técnica da matemática que está nas metas, tentar adequar, sem nunca fugir à linguagem matemática, à faixa etária dos nossos alunos e isso foi uma grande vantagem do projeto. (...)

47. (...) eu sempre, a nível das várias áreas, tentei trazer atividades que fossem motivadoras e, no caso da matemática, que fossem de caráter exploratório, que fossem os alunos que explorassem e chegassem aos conceitos. Agora, como tenho mais tempo para preparar essas mesmas atividades, consigo um aprofundamento maior. (...) Porque já não tenho que dividir o tempo da planificação, o tempo individual entre as várias disciplinas, estou só focada naquela. (...)
48. [*Acerca das mudanças ocorridas na prática letiva das docentes*] (...) Claro que esta organização que eu tenho antes das aulas, se calhar se vai refletir durante as aulas. Porque não estou a pensar que a seguir tenho que ir fazer um texto coletivo do português... (...) a minha mente está focada naquilo. (...)
49. (...) E a organização que eu tenho em casa, depois, a nível da sala de aula é capaz de se manifestar positivamente, apesar de eu ter sempre tentado, ao longo da vida, fazer estas atividades com eles. (...)
50. (...) trago muitos materiais para eles mexerem, outros para construírem (...)
51. [*Acerca de outras mudanças ocorridas*] (...) a nível emocional (...) a relação criada com a nossa turma de origem já estava estabelecida, quer com os alunos quer com os pais (...) Eles já sabiam com o que contar e nós, quer queiramos quer não, estes são os nossos meninos (...)
52. (...) o facto de ter mais alunos que eu desconhecia, obrigou-me um bocadinho a uma ginástica pessoal de me abrir a outras crianças e aos afetos. (...)
53. (...) O facto de ter outros alunos obrigou-me (...) não de uma maneira propositada, mas de uma maneira que foi evoluindo naturalmente, a gostar deles todos de igual maneira, a tratá-los como se fossem já a minha turma de há dois anos e a estabelecer com eles esta relação de empatia que nós temos. (...)
54. (...) no meu caso pessoal houve esta mudança a nível da parte afetiva. Agora [os alunos das outras 2 turmas] são meus, são da escola, quero o melhor para todos, não só para estas turmas do projeto, mas agora vejo que são para todos, são para todos. (...) é para eles [alunos] que nós estamos a trabalhar. (...)
55. (...) Eu achava que não podia amar ou estabelecer a mesma relação com outras turmas do que já tinha com esta de há dois anos. Mas enganei-me e ainda bem! (...)

56. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas nos alunos*] (...) e vejo que da parte deles [alunos] também há esse entusiasmo e esta envolvimento [na atividade letiva]. (...)
57. (...) em relação à minha turma, a coisa mantém-se porque eu desde o primeiro ano que eles estavam habituados a certas atividades de exploração. Com as outras turmas que eu desconhecia, aí noto muito entusiasmo, talvez mais do que a minha turma de origem (...)
58. (...) Onde eu senti um feedback muito positivo foi nas outras duas turmas. Notei uma vibração maior do que propriamente nesta (...) noto que nas outras [turmas] isso tem sido muito, muito positivo. (...)
59. (...) A área das expressões foi uma área que ficou bastante valorizada, porque são cumpridos os tempos letivos e isso para eles é bom, são áreas onde eles se podem exprimir de outra forma que não nas três áreas nucleares (...)
60. (...) Apesar das médias das turmas situarem-se no bom, (...) eu quero sempre mais delas e eles têm dado muito (...) quando eu vou comparar com os resultados da diagnóstica, que estavam no suficiente, e agora estão no bom, sendo um programa de 3.º ano, que exige, são muitos conceitos novos, que exige abstração, exige muito raciocínio, eu estou muito satisfeita com estes alunos! (...)
61. (...) eles no primeiro período tiveram que se adaptar às minhas metodologias (...) tiveram que se adaptar a mim. Eu estou imensamente satisfeita [com os resultados]! (...)
62. (...) Nas outras [turmas] dá-me uma grande satisfação ver que fui conseguindo transformar para aquele nível a que eu quero habituá-los, a participarem na aula de matemática, a serem ativos, a terem uma palavra a dizer, e, no fim, chegarmos à sistematização dos conceitos. Deixá-los explorar... no fim, estou lá eu e com a ajuda de todos, (...) é este conceito que estamos a trabalhar. (...)
63. (...) a mãe duma aluna do 3.º [turma] veio ao pé de mim e disse-me: “para a minha filha a mudança foi espetacular!” (...)
64. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas nas docentes*] (...) A nível pessoal está-me a dar bastante interesse, bastante motivação ter integrado este projeto. (...)

65. (...) noto que agora estou mais tranquila, não tenho aquele stresse de muitos programas a cumprir, eu quero cumprir o programa de matemática (...)
66. (...) é gratificante eles chegarem ao pé de nós: “professora a minha disciplina favorita é a matemática” (...)
67. (...) houve a minha abertura e o facto de eles [alunos] me terem acolhido tão bem que não podia ser doutra maneira, eu não me podia fechar. (...)
68. (...) entre colegas (...) foi a partilha e o distribuirmos o peso da responsabilidade por todas. É super positivo, eu até lhe chamaria uma responsabilidade partilhada. (...)
69. (...) foi muito bom tu perceberes, quando estamos nas nossas reuniões semanais, que não se limitam só a dizer: “olha estamos a trabalhar isto na matemática”, porque somos titulares de turma e precisamos ter conhecimento disso (...) dizem: “Olha então o aluno X hoje não fez os trabalhos de casa e na tua disciplina fez?” (...) “O que é que será que se passou?” Ou do género: “Oh pá, devíamos mudar o lugar ao aluno B ou C, onde é que vocês acham que se poderia posicionar na aula, ao lado de quem, de modo a melhorar a atenção, a participação?” E isto acho que é um grande aspeto positivo. Positivo. (...)
70. (...) Fiquei tranquila. Completamente. Eu sei que elas vão cuidar deles como eu cuidaria. (...)
71. (...) É determinante [a coesão da equipa docente]! (...)
72. (...) Agora é mais benefício, porque já vou (...) para lá vou caminhar, que é ter uma relação também de cumplicidade com os pais, porque ao fim ao cabo trabalhamos todos para o mesmo, aqui ninguém está contra ninguém. Eu comecei a abrir mais aos pais no final do primeiro período quando fiz o concurso do jogo do 24. (...) fiz uma sessão em cada turma, com pais. Só para pais, em que eles fizeram os grupos e fizemos uma brincadeira matemática e eles aí perceberam que comigo estão à vontade, e eu entrei na brincadeira com eles (...)
73. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas noutros intervenientes*]
(...) Houve um grupo de colegas, quatro ou cinco, que me vieram pessoalmente desejar tudo de bom, sorte para o projeto, que elas apesar de não se verem a integrá-lo estariam do nosso lado para que tudo resultasse. (...)

74. (...) houve uma colega que disse que até alinharia num projeto destes. (...)
75. (...) Em termos dos funcionários foi muito engraçado, (...) ao início vinham à minha sala procurar por mim, mas estava outra pessoa. Mas eles próprios até acharam engraçado, e já sabem mais ou menos o horário em que cada uma está em cada turma e já não estranham nada. (...)
76. (...) acho que a parte dos funcionários foi... um bocado baralhada ao início, mas eles entraram no esquema e... já sabem do projeto, e começou tudo a andar sobre rodas (...)
77. (...) eu pedir 72 fotocópias de uma ficha podia causar estranheza, mas não, a nossa funcionária já sabe que é para 3 turmas e isso tudo. (...)
78. (...) a nível dos encarregados de educação, que acho que foi um elemento muito importante em todo este processo. Eles também participam. (...) depois daquele choque inicial acho que as opiniões têm sido o mais positivas possível. (...)
79. (...) os [pais] que vieram [às reuniões] deram um feedback muito positivo, muito. (...)
80. (...) Logo nessas sessões [jogo do 24] eu questionei logo os pais se estariam disponíveis para continuarmos no segundo período e no terceiro e eles disseram logo que sim. E deram um feedback muito positivo. (...)
81. (...) os pais da minha turma da qual sou titular sempre foram muito presentes, muito. (...) Mantém-se o mesmo nível. (...) em relação às outras turmas, não sei qual era o nível de participação dos pais, nem posso ver a evolução. Aqui, noto que as coisas não se alteraram substancialmente porque eles já eram muito participativos e continuam muito participativos. (...)
82. (...) aqueles pais que já não acompanhavam os filhos, talvez acompanhem um pouco mais (...)
83. (...) Eu acho que nesse aspeto é positivo, porque eu ando sempre muito em cima, ou do trabalho de casa ou da pontualidade, sou uma chata com a pontualidade. E eu noto que as coisas têm melhorado na pontualidade. (...) é sinal que os pais estão a dar atenção (...) isto não lhes está a passar ao lado. (...)

84. [*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas nos alunos*] (...) logo no início do projeto, (...) achei-os um bocadinho (...) entusiasmados demais! (...)
85. (...) nós fizemos umas perguntinhas ao fim de duas semanas de início do projeto (...) e 100% dos alunos afirmaram gostar, adorar o projeto. Enumeraram várias razões, ter várias professoras foi uma das que foi mais dita e a outra é que se sentiam mais crescidos. Mas o facto de se sentirem mais crescidos aumentou-lhes um bocadinho a autoconfiança. (...)
86. (...) notei alguma fragilidade [nos alunos] em termos do domínio do que estava a ser trabalhado. (...) Também, em termos de autoridade. Testar a autoridade dos professores. (...) Quando temos uma turma de novo, eles vão sempre testando. (...)
87. (...) eu não vejo nada que tenha sido negativo. Porque nenhum aluno rejeitou o projeto, nenhum aluno rejeitou docente alguma... (...)
88. (...) Penso que de negativo não tenho nada a salientar, há pequenos constrangimentos, mas nós vamos ultrapassando. (...)
89. [*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas nas docentes*] (...) eu não vejo nada de negativo (...) mas não vejo assim nada de negativo. (...)
90. (...) O que eu senti, no início, parecia que estava a deixar o meu bebé no primeiro dia na ama ou na creche ou no berçário. No sentido, aí e agora vou-lhes perder o percurso (...) nem sequer toquei nunca neste aspeto com as colegas porque eu sei que era mesmo aquela fase de transição, de umas para as outras, de uma disciplina para outra colega. Ia entregar os meus meninos. (...)
91. (...) Senti um bocadinho disso [abandono dos seus alunos], erradamente, mas é normal, porque era a nossa responsabilidade (...)
92. [*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas noutros intervenientes*] (...) há colegas que obviamente estão contra. (...) Mas continuamos a lidar normalmente, em reuniões, em ocasiões informais até, mas pronto não se toca no assunto. (...)
93. [*Acerca de estratégias de reversão dos efeitos negativos*] (...) foi preciso, muitas vezes, baixar os meninos à terra (...) para terem bem estruturados os vários conteúdos das várias disciplinas (...) enquanto tu és monodocente controlas isso tudo, e na pluridocência tens que lhes chamar à atenção:

“Cuidado! Não há só uma pessoa a conduzir! Vocês têm várias pessoas a conduzir e têm que estar atentos”. (...)

94. (...) houve sempre o cuidado de lhes perguntar, e eu fiz esse trabalho quando vinha à sexta-feira ao apoio ao estudo com eles: “Então meninos, como é que está a correr o português?” E eles iam dando o feedback e então comecei-me a aperceber que sim, ali passado umas três, quatro semanas, que eles já tinham estruturado bem as gavetinhas deles (...)
95. (...) com estas reuniões semanais [da equipa educativa] e com o facto de nós já nos entendermos antes do projeto, isso [medo de entregar os seus alunos] foi superado completamente (...) porque a confiança no trabalho de todas é a 100%. (...)
96. [*Acerca de estratégias de reforço dos efeitos positivos*] (...) no dia 1 de fevereiro fizemos o atendimento mensal todas juntas, que eles [encarregados de educação] tinham sugerido que se fizesse (...) e foi bom, foi bom. (...)
97. (...) cada uma de nós, fez mais ou menos a situação das disciplinas, (...) e foi frisado por todas nós, que qualquer dúvida, qualquer aspeto que eles quisessem esclarecer, que não precisavam de esperar pela titular de turma, que se poderiam dirigir, se é de estudo do meio à professora de estudo do meio, se for de matemática de ir ter com a professora de matemática, e haver uma abertura das professoras e o à-vontade para os pais procurarem as professoras. (...)
98. (...) havia falta se calhar deste esclarecimento, de que há uma relação dos pais com todas as docentes, não só com a titular de turma. (...) E foi bom. (...)
99. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para os alunos*] (...) Estes alunos estão a ter a carga horária estabelecida por lei em todas as disciplinas certinhas! (...)
100. (...) As 3 turmas estão a ser avaliadas igualmente, com a mesma base de exigência, com as mesmas coisas. Não há diferenças aí. (...)
101. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para as docentes*] (...) o trabalho da equipa. (...) O trabalho em equipa, a cooperação, a colaboração, a partilha, a partilha das preocupações... (...)
102. (...) Eu acho que isso traz uma estabilidade profissional muito grande, termos com quem partilhar as nossas preocupações. (...) isso para mim é o

- grande ponto forte. (...) para isso é preciso haver a tal confiança entre todos os membros da equipa, por isso é que não podia ser qualquer um. (...)
103. (...) eu dizer “oh pá eu não estou a conseguir ensinar isto a determinado aluno” pode não se poder dizer a toda a gente, podemos estar a por em causa a nossa capacidade (...)
104. (...) E há muitas pessoas que não gostam de, perante outros, reconhecer as suas fragilidades. Eu não sou disso, eu digo “não estou a conseguir assim”, digo eu e os restantes membros da equipa fazem o mesmo. (...)
105. (...) Acho que este é o grande ponto forte: o trabalho da equipa em prol dos alunos. (...)
106. (...) se fosse com outra equipa esta questão de eu ter dificuldades em cumprir com os planos de aulas eu não me sentia completamente à vontade. (...) Foi com a ajuda delas e com a confiança que elas demonstraram no meu trabalho que eu consegui superar... e elas também. (...)
107. (...) Esta afinidade pessoal [entre a equipa] vem muito, não só da confiança em termos de trabalho letivo, mas também vem em termos pessoais, de relações interpessoais. (...) Neste caso, acho que era a equipa ideal para eu trabalhar (...) Para mim a equipa não pode ser qualquer uma. (...)
108. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para a prática letiva*] (...) os tempos letivos bem... bem estabelecidos para cada uma das áreas. Não rouba aqui para dar mais matemática ou mais português. Não vamos prejudicar as outras áreas (...) Não vamos prejudicar a música. (...)
109. (...) Eu acho que isso é outro ponto forte. (...) o cumprimento dos tempos letivos em tudo, tudo, tudo, tudo. (...)
110. (...) cada uma de nós da equipa estarmos a lecionar a disciplina para a qual temos maior especificidade na nossa formação, a qual é a eleita quando nós escolhemos o curso. E acho que se nós estivermos contentes com o que estamos a fazer, melhores profissionais e melhor é o nosso desempenho. (...)
111. (...) e acho de tudo o que eu tenho feito a nível da matemática, tenho trazido o material todo, outros constroem eles, eu acho que isso lhes tem ajudado muito. Sempre que é possível manipulação, é comigo. E vejo que eles realmente evoluem (...)

112. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para os alunos*] (...) Queria que os resultados escolares fossem ainda melhores! (...)
113. (...) neste momento a matemática está com um bom nível de sucesso, mas como eu sou uma pessoa que nunca me dou por satisfeita, eu quero ainda mais. (...)
114. (...) os aspetos a melhorar são os resultados, mas eles já são bons, eu quero é mais! (...)
115. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para as docentes*] (...) eu quero trabalhar, cada vez mais, para melhorar ainda mais os resultados. (...) Eu quero melhorar (...)
116. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para a prática letiva*] (...) a nível da sala de aula, passa muito por dar o apoio individual. (...)
117. (...) a nível de sala de aula, já faço, é sentar-me com eles, dar um trabalho, sentar-me com os que precisam mais e apoiá-los mais directamente. (...)
118. [*Acerca de outros aspetos a melhorar no projeto*] (...) A nível do projeto, (...) se calhar no futuro dedicar uma hora para qualquer coisa da matemática (...)
119. (...) ainda tenho que refletir onde é que a gente poderia intervir mais diretamente nesse aspeto concreto. (...)
120. (...) Não ficar só por aqui, tentarmos depois também alargar e ver outras perspetivas, o que é que as outras pessoas pensaram e se achavam que até seria bom experimentarem, (...) noutras escolas, ou mesmo na nossa própria escola, mais um grupinho que queira participar. Acho que isso seria o ideal. (...)
121. [*Acerca da apreciação do funcionamento do projeto no 1.º período letivo*] (...) Muito Bom! Porque foi o período em que enfrentámos mais dificuldades. Foi onde se operacionalizou a maior mudança (...) Agora o segundo período é mais tranquilo. (...)
122. (...) Quando eu digo muito bom não estou a exagerar (...)
123. (...) Eu só posso dizer que foi muito bom! (...)
124. (...) Foi uma aprendizagem pessoal, foi uma aprendizagem profissional e não podia avaliar de outra maneira (...)
125. (...) Os miúdos... foi muito bom. (...)

126. (...) Muito bom perante as situações que nos foram surgindo e a nossa capacidade para ultrapassá-las, não posso avaliar de outra maneira. (...)
127. (...) Foi trabalhoso mas gratificante! Podia repetir outra vez! Mas agora com a experiência do primeiro período, o segundo período vai correr bem. (...)
128. (...) qualquer constrangimento que venha a surgir também já temos a experiência do período anterior que nos vai dar forma de enfrentar e de ultrapassar. É assim que eu vejo as coisas, em crescimento! (...)
129. (...) Tenho a acrescentar que daqui a dois anos quero outro [projeto de equipa]! (...)

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA EI/D2

Unidades de sentido

1. [*Acerca dos motivos pessoais para participação no projeto de investigação*] (...) Grande desafio! (...) achei interessante (...)
2. (...) como sou uma pessoa que gosto de desafios, tudo o que é diferente deixa-me a pensar, deixa-me a refletir. (...)
3. (...) achei muito interessante desde logo do início, sem saber muito bem no que me estava a meter (...)
4. (...) foi o tão grande desafio. (...)
5. [*Acerca dos motivos profissionais para participação no projeto de investigação*] (...) acho que foi o mote para nós sairmos desta caixinha a que estamos habituados, que é a monodocência. Nós estamos habituados a gerir o nosso tempo, a fazer as coisas à nossa maneira (...)
6. (...) Profissionalmente foi o de mudar, fazer diferente. (...) porque precisamos de fazer qualquer coisa diferente. (...)
7. (...) Como está [o ensino] (...) já não é tão aliciante para os nossos alunos, temos que inovar, fazer diferente. (...)
8. [*Acerca da natureza das dificuldades sentidas ao longo do 1.º período letivo*] (...) a gestão do tempo. Eu sinto-me a correr diariamente de um lado para o outro, em cada turma, e quero mais e não consigo (...)
9. (...) Nos encarregados de educação houve um choque inicial. Brutal. (...) Acataram com alguma resistência. (...)
10. (...) tive apenas dois pais que me confrontaram e que disseram que: “não, professora é muito complicado”. O resto aceitaram mas com um pé atrás. (...)
11. (...) A ansiedade dos pais. Eu não estava ansiosa quando abracei este projeto, mas essa ansiedade refletiu-se um bocadinho nas nossas práticas, porque questionavam, porque perguntavam. (...)
12. (...) dentro da sala de aula o que eu senti foi a gestão do tempo. Sinto que não consigo fazer tudo aquilo que eu idealizei (...)
13. (...) sentimos os constrangimentos de entrarmos na sala que hipoteticamente era daquela pessoa. Não nos sentíamos à vontade para mexer numa gaveta, para utilizar o computador. (...)
14. (...) eu sentia-me muito mais confortável na minha sala de aula. (...)

15. (...) foi pesado, muito pesado porque eu sentia que estava a invadir o espaço da outra pessoa e o respeito por aquilo que a outra pessoa tinha, no seu espaço, que era o espaço delas. (...)
16. (...) não senti que elas invadissem o meu espaço, mas eu senti que poderia estar a invadir o delas. (...)
17. (...) Não é fácil abrires a tua sala de aula e deixares que todos invadam o teu espaço (...)
18. (...) Tem que se partir de coração aberto (...) Mostrar o nosso interior, como é que nós somos (...) Em termos profissionais (...) E ter a humildade de saber ouvir, de dizer sempre o que se pensa, por forma às coisas darem certo. (...)
19. [*Acerca das causas das dificuldades sentidas ao longo do 1.º período letivo*] (...) Estava à espera que, apesar de só me centrar numa disciplina, estava à espera que o tempo me desse para fazer mais, mas o programa, como é muito exigente, não mo permite. (...)
20. (...) as ansiedades que são normais dos pais. Isto foi um grande choque, principalmente para os pais. (...) Foi uma coisa assim agora parece que tiraram o tapete [aos encarregados de educação]. E agora quem é a referência disto? Não sabemos como é que isto vai funcionar. (...)
21. (...) para se iniciar um projeto desta natureza, há que haver qualidades pessoais que são precisas ter em conta, como: partilha, saber partilhar, ser humilde e acatar o que se diz (...)
22. (...) quem tem raízes muito, muitas raízes em monodocência, não é fácil. Não é fácil. (...) eu julgo que não é um desafio que está ao alcance de toda a gente! (...)
23. [*Acerca das dificuldades superadas*] (...) Agora já está ultrapassado, agora já mexo [nas coisas das colegas] (...) Eu senti isso [invadir o espaço das colegas]. Senti! Agora já está ultrapassado! (...)
24. (...) Hoje em dia isso já não se verifica [resistência dos pais] (...) Se existem (...) algumas divergências [dos pais] (...) já não se sentem. (...)
25. [*Acerca das dificuldades que se mantêm*] (...) Ainda se mantém [gestão do tempo]. (...)
26. (...) Tive também como objetivo [trabalhar] a nível das experiências, porque acho que é uma área fundamental. E sei que os miúdos ficam muito motivados (...) eu queria ir mais longe e não consigo. Estou incapacitada pelo tempo. É um dos

- factores que me constrange e que me deixa um bocadinho ansiosa. Queria ir mais e não consigo. (...)
27. [*Acerca das estratégias de superação das dificuldades implementadas*] (...) Foi pensar mais ao nível do tempo que tenho, articular por forma a ser mais compactado o que eu ia fazer, se bem que as turmas são diferentes, os miúdos são diferentes e nem sempre eu consigo. (...)
28. (...) a estratégia foi tentar gerir mais o meu tema em termos de conteúdos, (...) não ser se calhar tão exigente (...) nem querer abarcar tanto (...) ir de encontro a cada turma, consoante a sua especificidade. (...)
29. (...) eu sentia-me a invadir o seu espaço e isso foi falado, muitas vezes aqui, e curiosamente senti que elas sentiam o mesmo. (...)
30. [*Acerca de possíveis estratégias de superação das dificuldades a implementar*] (...) Era ter mais tempo para a minha área. (...)
31. (...) um projeto em paralelo, talvez numa das outras áreas que seja complementar ao estudo do meio, onde pudéssemos, por exemplo, fazer um atelier no ensino experimental (...)
32. (...) ir de forma transversal, ir ao ponto e abarcar todas as áreas de uma forma ou de outra a nível dos conteúdos. (...)
33. [*Acerca de mudanças ocorridas na organização do trabalho escolar*] (...) Muito mais completo (...) tudo o que é feito é feito com a participação de todos os docentes intervenientes no processo. (...)
34. (...) Somos muito mais organizadas (...) O facto de prestarmos contas (...) de tudo o que se está a fazer incute-nos sempre a responsabilidade de ter em suporte de papel, de ter as coisas organizadas para apresentar a todos os colegas (...)
35. (...) às vezes quando nós estamos em monodocência há sempre qualquer coisinha que falha, aqui não pode falhar. Não falha! Obrigatoriamente temos que prestar contas entre nós. Prestar contas não é no sentido de termos (...) que andar a controlar (...)
36. (...) nós próprios autoregularmo-nos e sermos exigentes conosco próprios e apresentar, porque temos que apresentar aos colegas (...) temos que ter tudo pensado e estruturado para provar, a todos os intervenientes no processo, como é que as coisas estão a funcionar. E para cruzar a informação. (...)
37. [*Acerca de mudanças ocorridas na prática letiva das docentes*] (...) mudou o meu conhecimento em relação àquela área específica (...)

38. (...) uma maior abrangência, um maior envolvimento só especificamente na área, o que me permite pensar em muitas estratégias para poder aplicar nos alunos. (...)
39. (...) as turmas são diferentes, (...) os miúdos são diferentes, o grau de exigência também é diferente de turma para turma. (...)
40. (...) consigo chegar ao pormenor de pensar no global de cada turma e em particular de alguns alunos. Por um motivo ou outro, ou porque são crianças com necessidades educativas, (...) ter tempo para fazer coisas diferentes especificamente e individualmente para cada um deles. (...)
41. (...) se abarcar todas as áreas, se calhar, não por vontade própria, mas sou capaz de escamotear algumas coisas e não ser tão incisiva. (...) aqui eu posso ser. Posso ser direta, incisiva em alguns meninos e até naqueles que mais precisam, que é a nossa realidade na sala de aula. (...)
42. (...) eu consigo ter tempo para adaptar aquela ficha a um aluno com dificuldades ou a um aluno de CEI ou a um aluno que tem mais dificuldade, eu consigo adaptar e chegar mais depressa a eles (...) Porque eu estou focalizada naquela disciplina, naquela área curricular, (...)
43. (...) estou a pensar em todos e consigo pensar também individualmente em relação a cada um dos miúdos. Dá-me abrangência para isso. Dá-me tempo para fazer diferente (...)
44. [*Acerca de outras mudanças ocorridas*] (...) Vi grande alteração nos miúdos. A princípio muito confuso, a princípio era muito confuso, mas depois em termos de organização (...) eles conseguem ir de encontro àquilo que nós queremos (...)
45. (...) eles já sabem sem nós falarmos o que é que nós queremos, como é que as coisas funcionam. Eles já sabem as práticas de quando eu entro na sala de aula o que é que têm de fazer, já não preciso de falar (...) quando eles vêm para a minha aula eles já sabem todas as rotinas, eles já sabem o que é que têm de fazer (...) isso já está (...) automatizado. (...)
46. (...) as mesmas ansiedades, só que dantes tínhamos com 26 agora temos com 68 (...) A abrangência é diferente, nesse aspeto. (...)
47. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas nos alunos*] (...) São autónomos. Mais autonomia, mais desembaraço. (...)
48. (...) a grande receptividade por parte dos alunos, isso foi fantástico! (...)

49. (...) Eu pensei que tivéssemos ali alguma (...) dificuldade, (...) que começasse a haver aqui algum constrangimento, que a adaptação fosse muito difícil, bem pelo contrário, acho que eles se adaptaram até muito melhor que nós (...)
50. (...) Os miúdos foram fantásticos, fabulosos. Não senti qualquer constrangimento da parte deles, senti-me sempre à vontade e sempre acarinhada e isso foi muito importante. (...)
51. (...) notei grandes melhoramentos principalmente nos meninos com necessidades educativas. Uma melhoria significativa. (...)
52. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas nas docentes*] (...) a forma como sempre lidámos umas com as outras, a recetividade e a confiança no trabalho umas das outras. Sempre! E isso foi extraordinário. (...)
53. (...) A partilha! O estar à vontade para dizer o que pensávamos (...)
54. (...) uma coisa é conhecermo-nos dentro do nosso casulo, outra coisa é partilharmos tudo. E nós partilhamos tudo o que diz respeito aos nossos alunos e ao nosso trabalho. É tudo partilhado (...)
55. (...) O facto de te sentires à vontade porque as outras pessoas (...) te dizem que confiam no teu trabalho (...) É importante porque não é só o confiar, elas conseguem visualizar o que é que nós fazemos (...)
56. (...) a partilha, a cooperação e a confiança foram fundamentais! (...)
57. (...) estar à vontade para falar até das minhas angústias e ser bem aceite. (...)
58. (...) Mas é motivador [projeto de investigação] e se nós estamos motivados, fazemos as coisas (...) sem pensar, sem aquela carga de dizer assim: “Ah, ando muito cansada!” Não sentimos que é esse cansaço. (...)
59. (...) não nos conseguimos desvincular, ainda, da pertença. Deixaram de ser um grupo de 26 para ser um grupo de 68 e lidamos com todos como se fossem nossos na mesma (...)
60. (...) Deixou de ser um grupo de 26 ou de 21 ou de 22 para ser um grupo de 68. (...) aquela situação de pertença que o professor do 1.º ciclo tem, só aumentou o número de alunos. (...)
61. [*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas nos alunos*] (...) Eu não senti! Assim grande, grande, ou qualquer dificuldade, não. (...)
62. (...) Não senti dificuldade na adaptação entre docentes, não senti dificuldade até nos resultados, as coisas não são muito diferentes do que eram (...)

63. (...) Apesar de nós falarmos de todos em particular e daqueles que nos causam mais preocupação, não senti assim grandes... efeitos negativos. Sinceramente. (...)
64. [*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas nas docentes*] (...) também tivemos alguma ansiedade, tudo o que é diferente causa mudança e causa-nos alguma perturbação (...)
65. (...) não é fácil, este projeto não é fácil, exige muito de cada um de nós (...)
66. (...) Eu pensava que ia ser mais fácil no sentido de me focalizar só naquela e... não é, não é. (...)
67. (...) Se calhar também é mais exigência da nossa parte (...) Em querer mais, mais e mais e mais e mais. (...)
68. (...) Não é fácil. (...) É trabalhoso. (...)
69. (...) Sentimos que é exigente, que não é diferente. Eu acho que ainda é mais exigente do que se estivéssemos com a monodocência. (...)
70. (...) o grau de exigência e de responsabilidade também [aumentou]. (...)
71. (...) Muita. Muita responsabilidade. Acho que aumenta em termos de responsabilidade. Temos (...) que ser muito responsáveis e ter tudo muito certinho e direitinho. (...)
72. [*Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas noutros intervenientes*] (...) Foi um choque [para os pais] e nós sentíamos. Eu sentia isso nos pais, sempre a questionar, ansiosos, como é normal. (...)
73. (...) Nas funcionárias, alguma alienação (...) mas sempre muito boa receptividade. (...) elas foram sempre extraordinárias e continuam a ser (...)
74. (...) Relativamente aos docentes que não fazem parte do projeto, alguma resistência. Muita resistência. Não todos, não todos, mas alguns tiveram bastante relutância, principalmente no nosso grupo de ano. (...)
75. (...) vai haver sempre ou há sempre [resistência], tudo quanto é mudança cria alguma instabilidade nas pessoas (...)
76. (...) O facto de existir logo o projeto, sem as pessoas saberem o que continha, causou logo alguma manifestação de (...) resistência (...) acho que este constrangimento seria desnecessário (...)
77. (...) nós estamos num projeto de pluridocência e o professor do 1.º ciclo basicamente vive em monodocência. Isto mexe com as pessoas. (...) As pessoas

- pensaram que de alguma maneira que isto possa reverter ou perder a monodocência. (...)
78. (...) algumas pessoas não estão de acordo e temos que respeitar, assim como elas têm que respeitar que eu posso querer entrar num projeto que seja diferente (...) Não quer dizer que isto tudo vá mudar para elas. Mudou para mim! Mudou para as colegas que estão no projeto! Mas não tem que mudar para as outras colegas (...)
79. (...) as pessoas [docentes] tiveram medo de perder a monodocência. Que este projeto (...) fosse mudar a monodocência. (...)
80. [*Acerca de estratégias de reversão dos efeitos negativos*] (...) tivemos numa reunião só entre os pais e a investigadora (...) E depois uma reunião também que tivemos só com os pais, nós professoras e os pais. (...) uma sugestão que os pais deram que queriam uma maior proximidade com todos os docentes dos seus filhos, e foi nessa base que essa reunião foi realizada e hoje não sentimos isso [resistência dos pais]. (...)
81. (...) Se tivessem dúvidas [docentes resistentes] vinham perguntar, porque tiveram sempre abertura. Como não perguntaram, houve alguma incompatibilidade em reuniões, que foram esclarecidas e acho que estão sanadas neste momento. (...)
82. (...) foi tudo transparente, à frente de toda a gente. Acho que não havia outra conduta, nem outra maneira (...) que minimizasse esses danos. (...)
83. (...) também não posso ser condicionada porque estou num projeto e porque os outros não aceitam (...)
84. (...) continuo focalizada neste projeto, não me faz diferença nenhuma o que é que os outros acham... que haja esta resistência. Se vierem ter comigo e me perguntarem, eu respondo da melhor vontade sobre as dúvidas que possam ter. (...) eu neste momento até nem sei se ainda há resistência (...)
85. (...) Sempre que há estes momentos de reunião [da equipa], que são essenciais e que têm que ser, porque senão a coisa não funcionava, [os constrangimentos] são minimizados pela equipa. (...)
86. (...) Quando nós chegamos aqui à segunda-feira e partilhamos todas as angústias, tudo o que aconteceu, nós partilhamos tudo o que aconteceu! (...)
87. (...) os miúdos, muitas vezes, ficam espantados como é que a professora sabe se aconteceu há pouco. Às vezes até entre corredores partilhamos esse tipo de situações, porque achamos que é importante. (...)

88. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para as docentes*] (...) em termos de conhecimentos, de partilha, de ver outras realidades e não estarmos fechados na nossa concha (...)
89. (...) Pensarmos em conjunto, a colaboração, a partilha é que é essencial (...) mesmo dentro da minha área ou na outra área, eu posso sempre por o meu cunho pessoal em relação ao que está a ser feito, ao que estamos a fazer (...)
90. (...) Não, nunca! Nunca perco [ligação às restantes áreas]. (...) não perco, porque eu estou sempre envolvida nas outras áreas (...)
91. (...) A partilha dos conhecimentos [entre docentes]. (...) quatro, cinco cabeças a pensar resulta muito melhor do que uma só (...)
92. (...) Também chegar a uma conclusão de que o facto de falarmos individualmente ou em grupo dos nossos alunos (...) as coisas são sempre convergentes, não há uma discrepância assim tão grande (...)
93. (...) Há (...) um conhecimento que se constrói em conjunto acerca dos alunos e sempre visando a preocupação e visando sempre o que é que nós podemos fazer melhor para, pedindo a opinião dos outros (...)
94. (...) O que é que acontece na monodocência? Vivemos centrados no nosso mundo, no nosso grupo. Gerimos as coisas à nossa maneira. Não temos ninguém que nos diga (...) Não. Se calhar nem permitimos! (...) E não temos esta, esta humildade de ouvir, saber ouvir os outros. (...)
95. (...) é a partilha, a cooperação, saber ouvir a opinião dos outros e receber bem também a opinião que os colegas têm e fazerem-nos refletir. (...)
96. (...) Porque puxamos umas pelas outras. E o essencial de tudo isto é estarmos todas motivadas. (...) eu acho que se sente diferente! (...)
97. (...) Eu acho que cada docente que está a participar neste projeto aderiu com gosto, (...) Sentindo mesmo (...) que é um grande desafio e que queremos muito que dê certo, em prol dos nossos alunos. Não queremos que dê certo por nós (...) Queremos que dê certo por eles e porque acreditamos! (...)
98. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para a prática letiva*](...) a especialização numa área. Se nós nos especializarmos numa área, somos, sem dúvida, muito melhores e mais conhecedores e mais, mais portadores de conhecimento para transmitirmos aos nossos alunos. (...) Em vez de abarcarmos tantas áreas, abarcamos aquela e focamo-nos naquela. (...)

99. (...) Estou mais focalizada nesta [área] para melhorar... para tentar melhorar os resultados dos alunos (...)
100. (...) Ser uma pessoa mais centrada naquilo e mais focalizada naquela área curricular, que me pode dar mais conhecimento e mais aprofundamento (...) Sem dúvida que isso irá melhorar o meu conhecimento e a partilha para com os meus alunos. (...)
101. (...) É uma grande reflexão sobre as nossas práticas, principalmente! Como é que elas funcionam e se funciona (...)
102. (...) antes, como tinha que me repartir em tantas áreas, eu não podia pensar concretamente no que é que eu poderia melhorar para, ou arranjar uma ficha diferente ou arranjar uma estratégia diferente ou arranjar estratégias para motivar os meus alunos para. Não tinha! Às vezes não tinha esse tempo! (...)
103. (...) Claro que me dedicava umas vezes mais a uma área, outras vezes mais a outra, agora com a incidência que este [projeto] tem, não tinha. (...)
104. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para as docentes*] (...) ter um espaço só para a minha área (...) Uma sala só especificamente para a minha área! (...)
105. (...) Há coisas que eu quero expor e que quero sempre ter expostas. Dificulta-me um bocado o trabalho se tiver que fazer para 3 salas. (...)
106. (...) Andas com (...) as coisas, com o material do ensino experimental de uma sala para a outra, isso é sempre mais difícil. (...) Requer mais alguma, alguma programação de tempo (...)
107. (...) um espaço para nós. (...) Nós andamos sempre com as coisas de um lado para o outro (...) a colega da matemática vem com os esquadros, com a régua, vem com aquelas coisas... (...) Eu, por exemplo, com o ensino experimental, ando com o material do ensino experimental de um lado para o outro (...)
108. [*Acerca dos aspetos a melhorar no projeto para a prática letiva*] (...) se eu tivesse as coisas numa sala específica ajudava-me muito mais a (...) gerir melhor o meu tempo e a ter as coisas ali, por forma a qualquer momento eu posso precisar de um determinado material (...) E tenho ali à mão! E vou buscar! (...)
109. (...) apesar de serem feitas as planificações semanais, diárias para aquela atividade, há sempre alguma coisa que me pode falhar de uma sala para a outra. (...)
110. (...) há coisas que nós queríamos expor naquela sala e que estivesse naquele momento, naquela aula sempre exposta para os alunos (...) Não posso andar com

os cartazes de um lado para o outro, não consigo também ter tempo para fazer cartazes para todas as salas. (...)

111. (...) Agora aspetos a melhorar há sempre! Até nas minhas práticas, principalmente. Há sempre coisas que eu estou a descobrir e que eu não via antes (...)
112. [*Acerca de outros aspetos a melhorar no projeto*] (...) Temos sempre muita coisa a melhorar. (...) Agora evoluir... aspetos a melhorar... Há sempre aspetos a melhorar (...) há sempre aspetos a melhorar! (...)
113. (...) Que eu tenho noção que há coisas que devemos sempre melhorar, há sem dúvida nenhuma. Agora, não me ocorre de momento assim porque (...) estamos numa fase inicial do projeto. Certamente ao longo do tempo eu vou ter outra noção... (...)
114. [*Acerca da apreciação do funcionamento do projeto no 1.º período letivo*] (...) Neste momento ocorre-me uma frase: Não quero voltar para trás! Não gostaria de voltar para trás! (...)
115. (...) Só vejo aspetos positivos, principalmente para os miúdos. Muito positivo. (...) E para mim própria. (...)
116. (...) Em relação aos pais, em relação aos miúdos e em relação a nós! Acho que é muito positivo. (...)
117. (...) Eu, neste momento, só vejo aspetos positivos, mas estamos numa fase inicial (...) neste momento, eu só vejo aspetos positivos. Mais para a frente... (...)
118. (...) Bastante positiva [opinião]. Até agora! (...)

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA EI/D3

Unidades de sentido

1. [*Acerca dos motivos pessoais impulsionadores da participação no projeto de investigação*] (...) Um bom desafio que eu quis abraçar logo, não precisei de tempo nenhum para pensar se sim ou se não! (...)
2. [*Acerca dos motivos profissionais impulsionadores da participação no projeto de investigação*] (...) eu sempre gostei de dar a minha área, a minha área em que eu sou mais forte, aquela que eu mais gosto (...)
3. (...) confesso que dar português a uma faixa etária em que eu gosto de trabalhar, (...) foi o que pesou mais. (...) Isto era uma coisa que eu gostava muito (...) de experimentar, e tu sabes que já tinha tentado (...)
4. (...) sempre foi minha vontade tentar (...) o par pedagógico (...) Com a matemática e o português. Claro que aquilo que me apresentaram era mais vasto ainda (...)
5. (...) a primeira coisa que veio à minha ideia foi: “Sim! Sim!” (...) porque as pessoas que compõem a nossa equipa são pessoas em quem eu confio, em quem eu deposito toda a confiança (...) e que têm métodos de trabalho muito idênticos ao meu. (...)
6. (...) o facto de eu conhecer a equipa e de confiar (...) me deu segurança absoluta para avançar. (...)
7. (...) eu sempre trabalhei (...) e cooperei e tive a cooperação destas colegas em todos os níveis, quer a nível de partilha de trabalhos, quer a nível de partilha de experiências, conselhos até! (...) não me via (...) a entrar num projeto desta natureza sem (...) que não fosse com estas pessoas. (...)
8. (...) Confiança total [na equipa]! (...)
9. [*Acerca da natureza das dificuldades sentidas ao longo do 1.º período letivo*] (...) O sair de uma sala e entrar noutra, sair da outra, entrar na outra (...) dava-me a ideia de que estava a invadir um espaço que não era o meu (...) até costumava dizer que me sentia estranha, sou uma estranha nesta sala. (...) Algum receio em mexer num papel, em mexer (...)
10. (...) senti dificuldade em cumprir a minha planificação, (...) para o tempo que tinha de aula. (...) a gente tem aquela hora, aquele tempo em que tem que ser cumprido, até para não prejudicar os alunos nas outras áreas. (...)

11. (...) a adaptação a alunos que eu não estava habituada, (...) a [nome] (...) que é uma menina que não escreve (...) eu fiquei um bocado preocupada, o que é que eu faço? Onde é que está um registo da aula de português? (...) assim como senti (...) com a [nome] (...) até eu entrar naquilo que ela sabe fazer e perceber que tipo de exercícios é que eu podia fazer com ela na de português, também levei um bocadinho de tempo. (...)
12. (...) A adaptação era um receio, não foi uma dificuldade, a adaptação a novas crianças, a miúdos que não estavam habituados a mim. (...) Isso foi um receio da minha parte (...) que depois não aconteceu! (...)
13. (...) o início foi mesmo a nossa adaptação às crianças e elas a nós. (...)
14. (...) [adaptação] Aos pais e os pais a nós, porque os pais foram apanhados de surpresa (...) Caiu assim uma bomba no colo. (...)
15. [*Acerca das causas das dificuldades sentidas ao longo do 1.º período letivo*] (...) no 1.º Ciclo, estamos sempre no mesmo sítio. (...) Com este projeto acabamos por estar uma hora e meio num lado, outra hora e meia no outro, duas horas no outro (...) antes esticava-se um bocadinho [tempo das disciplinas], tira-se um bocadinho dum lado, põe-se um bocadinho do outro (...)
16. [*Acerca das dificuldades superadas*] (...) Hoje estou tão bem na minha, (...) sala, como estou na sala da turma [designação] ou da turma [designação]. É igual! (...)
17. (...) foi uma questão de duas semanas, mais ou menos, e eu consegui [gerir o tempo] (...) não baixar o ritmo, (...) mas balancear entre as 3 turmas, porque as 3 turmas têm ritmos de trabalho muito, muito diferentes. (...) Consigo que elas estejam ao mesmo nível em termos de conhecimento (...)
18. (...) Alguns [pais] reagiram melhor que outros, mas ao longo do tempo ou passado muito pouco tempo, (...) essa adaptação e esse receio já estava ultrapassado. (...)
19. [*Acerca das estratégias de superação das dificuldades implementadas*] (...) isto [receio de invadir o espaço das colegas] também era partilhado nas nossas reuniões semanais e, (...) com o tempo, e não foi preciso muito, foi ultrapassado completamente. (...)
20. (...) Tive que ir aos poucos adaptando [o tempo de aula ao ritmo das turmas] (...)
21. (...) ao invés de começar pela escrita, uma vez que ela [aluna] não o faz, investi na oralidade! No falar, no começar a melhorar o nível de sociabilidade dela, (...) e nota-se, a olhos vistos, a diferença. (...)

22. (...) a colega da educação especial facultou-me uma série de palavras com as quais eu podia trabalhar, disse-me logo o que é que eu podia ou não fazer, deu-me abertura para experimentar outras coisas que ela achava que não funcionavam, mas eventualmente poderiam funcionar (...)
23. (...) fazemos um trabalho também de equipa [com as docentes de educação especial] (...) todos os dias estamos em contacto, há dias em que ela acompanha as meninas dentro da sala de aula, dá para perceber exatamente o que é que se está a fazer e dá para dar continuidade. (...)
24. (...) sempre tivemos a abertura para que a [docente da educação especial] (...) estivesse presente e ela já esteve presente em algumas [reuniões da equipa] (...)
25. [*Acerca de mudanças ocorridas na organização do trabalho escolar*] (...) eu sinto-me na obrigação de ser mais exigente comigo na procura, na eleição das atividades, na planificação das mesmas, nas estratégias para recuperar as dificuldades que são detetadas. (...)
26. (...) as dificuldades que uma [turma] tem, mas que a outra não tem, preocupam-me exatamente da mesma forma. (...) dei por mim, no fim de semana, à procura doutras ideias para não se fazer um exercício ortográfico sempre igual (...)
27. (...) se eu tivesse que procurar exercício de ortografia, para melhorar o raciocínio matemático, para melhorar outro bloco do estudo do meio, é evidente que eu nunca ia ter tempo (...) para cada uma dessas coisas andar a explorar outro tipo de atividades ou andar a pensar (...)
28. (...) levo tanto tempo a planificar para uma área como levava quase para planificar as outras todas. (...)
29. (...) Sou mais minuciosa, procuro mais (...) consulto outros livros, comparo, dou outros tipos de textos, daqueles que eles não estão habituados, que não estão no livro, pronto, esse tipo de coisas que (...) levam tempo. (...) Dantes não o fazia, mas não era que não tivesse essa vontade, mas não havia tempo para! Agora sim (...)
30. [*Acerca de mudanças ocorridas na prática letiva das docentes*] (...) os ritmos, sendo eles diferentes, eu tenho que me preocupar em: conhecimentos, (...) têm que ser iguais para todos, mas depois a nível da prática, diversifico de turma para turma! (...)

31. (...) Numas [turmas] até faço mais porque têm um ritmo mais avançado. Noutras faço menos, porque têm outro ritmo diferente (...) as aulas nunca são iguais, pronto! (...)
32. (...) eu preparo uma aula, mas as aulas nunca são iguais, porque eles interagem bastante e acabam por levar a aula a um rumo que não foi planeado dessa forma, mas que é produtivo na mesma. (...)
33. (...) a maior preocupação em escolher as atividades, a procurar, a explorar outro tipo de atividades diferentes para o mesmo fim, que eu nunca poderia ter, nem que eu não dormisse (...) nunca poderia fazer para as outras áreas todas com o mesmo grau de exigência (...) tem tudo que ver com a prática letiva (...)
34. (...) Preocupação com eles [alunos], com a aprendizagem, sempre a focar no sucesso e na melhoria dos resultados. (...) aquilo que eu faço agora a miúde [atividades diversificadas], ou faço muitas vezes por semana, se calhar fazia de quinze em quinze dias, porque não havia o tal tempo de pesquisar (...)
35. [*Acerca de outras mudanças ocorridas*] (...) a mudança exige sempre um empenho e uma perseverança e uma vontade (...) uma exigência muito grande em termos pessoais. (...)
36. (...) eu sinto-me responsável (...) e sou responsável pela área de português! (...) senti uma grande responsabilidade e uma maior exigência a nível pessoal, ou seja, procurar estratégias diferentes, exercícios diferentes, uma preocupação muito grande (...)
37. (...) Uma preocupação: “mas porque é que aqui corre tão bem, mas porque é que ali não corre tão bem? Se calhar tenho que diversificar”... Pronto, esse tipo de coisas que para mim foi aquilo que eu mais senti (...)
38. (...) Eu deixei uma grande parte do tempo de estar com a minha turma (...) mas eu sei que estão bem entregues. (...)
39. (...) sei que deixei os meus meninos, mas não os abandonei! Sei que estão bem entregues. (...)
40. (...) foi uma mudança, mas para mim não foi assim muito significativa, porque eu (...) confio 100% nelas. (...)
41. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas nos alunos*] (...) sinto uma grande motivação por parte dos alunos (...)
42. (...) um efeito positivo que eu noto nos alunos (...) é o facto deles confiarem tanto em mim, como em qualquer uma das outras professoras. (...)

43. (...) houve uma grande, uma boa aceitação [das docentes] por parte deles [alunos]
(...)
44. (...) há um maior interesse por parte deles, um maior interesse em participar, um maior interesse em ser melhor, em mostrar que está a gostar, que sabe fazer bem
(...)
45. (...) eles nunca tiveram expressões como têm este ano. Quem fala das expressões (...) a plástica, a dramática... não cumpria. (...) roubava um bocadinho para terminar o português, roubava outro bocadinho para dar o recadinho ao pai, roubava outro bocadinho para algum assunto ou ralhete que tivesse que dar (...)
46. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas nas docentes*] (...) Nós tivemos uma empatia logo de imediato, tanto da minha parte como da parte deles [alunos]. (...)
47. (...) falei com eles [pais das outras turmas] com o mesmo à vontade que falei com, ou que falaria com os meus pais, se fossem só os meus, da minha turma. (...)
48. (...) o trabalho em equipa (...) a partilha (...) Estou a falar da partilha de preocupações, de algo que não correu bem e termos sempre o bocadinho que temos [reuniões da equipa], (...) não só para darmos o feedback da semana, mas também para partilhar as nossas preocupações e ter sempre um conselho do outro lado. (...)
49. (...) a nossa convivência, que já somos uma família, não somos colegas, não somos amigas, somos uma família [equipa]! (...)
50. (...) Sempre, fora mesmo da nossa reunião há sempre [partilha] (...) a gente fala, e a gente prepara e a gente troca ideias sobre tudo, não propriamente das atividades, não propriamente do que é que a minha colega está a fazer, mas sim em relação a eles [alunos]. (...)
51. (...) o que eu conhecia dos meus alunos, posso agora dizer que conheço dos 68 alunos que temos. Posso dizer que os conheço tão bem como conheço os meus que já estavam comigo há dois anos. (...)
52. (...) a partilha das preocupações, a partilha das ansiedades, a reflexão e sentir, do outro lado, o apoio [da equipa]. Sentir, do outro lado, também algumas preocupações que iam ao encontro das minhas e chegarmos todas à solução. (...)
53. [*Acerca dos efeitos positivos das mudanças ocorridas noutros intervenientes*] (...) uma coisa que eu fiz e continuo a fazer, foi convidar os pais para lerem um livro e depois fazermos um (...) concurso dos “espelhos de leitura”, (...) em cada sessão,

- só podem participar quatro equipas. (...) têm de ser sempre sorteadas, porque há um entusiasmo (...) Toda a gente quer, (...) e vêm à escola e participam no concurso (...)
54. (...) desde o início do ano letivo já fiz três vezes [concurso de leitura] e de todas as vezes tive uma aceitação e uma participação [dos pais] muito, muito grande. (...)
55. (...) Na minha turma, (...) eles sempre participaram. Mas é assim, referindo-me às outras duas turmas, que não me conheciam, (...) sinto que fazem exatamente o mesmo como se me conhecessem. (...) E participam, e dão deles [pais] e agradecem pela iniciativa (...)
56. (...) esse tipo de coisas eles [pais] gostam e fazem-me chegar o feedback positivo. (...)
57. (...) a gente já fez a reunião em conjunto, todas nós com todos os pais, (...) houve preocupação sim em saber determinados alunos que têm mais dificuldades que outros, houve preocupação em saber onde é que podem melhorar, o que é que está mal, e pedirem informações para que possam ajudar. (...)
58. (...) há um envolvimento dos pais, tanto que eles pediram uma reunião conosco todas, há uma boa participação tanto na minha área como, por exemplo, na matemática (...)
59. *[Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas nos alunos]* (...) Não senti. Não senti (...) sou muito sincera. (...)
60. *[Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas nas docentes]* (...) confesso que foi um cansaço, que tem sido um cansaço muito maior (...) não sei porquê, não deveria ser, mas eu sinto que é (...) porque a responsabilidade é muito grande. (...)
61. *[Acerca dos efeitos negativos das mudanças ocorridas noutros intervenientes]* (...) Também não. Tenho uma relação muito boa [com os pais] (...) no sentido negativo, não senti com nenhum deles (...) Não senti pela parte de ninguém! (...)
62. *[Acerca dos pontos fortes do projeto para os alunos]* (...) Acho! Acho! Não tenho dúvida nenhuma [que os resultados dos alunos melhoram]! (...)
63. (...) eu acho que isto [pluridocência] tem estrutura para que, a todos os níveis, para melhores resultados, para os miúdos se irem adaptando às várias caras das pessoas, para eles se adaptarem aos vários humores (...) é aquilo que eles vão apanhar daqui para a frente. (...)

64. (...) não é tratá-los como adultos, mas é prepará-los! (...) acho que é essa a nossa função, não só em termos de conhecimentos, mas também prepará-los para a vida (...)
65. (...) saber que nas 3 turmas eu estou a ensinar as mesmas coisas, com o mesmo nível de exigência e que, no fim, vou avaliá-los exatamente pelos mesmos parâmetros, exatamente pelos mesmos critérios (...), isenta de qualquer tipo de benefício para qualquer um. (...)
66. (...) tenho a certeza absoluta que há equidade na avaliação, tanto da minha parte como da parte das minhas colegas, nas outras áreas. (...)
67. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para as docentes*] (...) Acho que foi a equipa perfeita! (...) a [nome] tu sabes que eu já trabalhei muito com ela, a gente entende-se muito bem nos métodos de trabalho, e depois a [nome] encaixou (...) perfeitamente! (...)
68. (...) um ponto forte (...) passa por tentar valorizar e enriquecer os meus conhecimentos nesta área porque ninguém sabe tudo e eu pouco ou nada sei. (...)
69. (...) Fazer parte desta equipa pedagógica, unida, coesa, confiante, é o ponto mais forte de todos eles (...)
70. (...) O trabalho, o trabalho em equipa e fazer parte desta equipa (...)
71. (...) a gente não partilha só os bons momentos, a gente partilha os maus. Mesmo que isso seja contra mim... Eu errei, mas partilhei! (...)
72. (...) esta equipa fabulosa que a gente compõe, da qual eu faço parte, em que a gente analisa tudo, em que chegamos ao final, (...) do mês e a gente faz a... avaliação de que é que nós tratámos, o que é que resultou, o que é que não resultou,... E nós fazemos isso! (...)
73. (...) tenho boa lidação com os meninos (...) tenho boa lidação com os pais (...) abertura suficiente para eles me dizerem aquilo que gostam ou não, tanto crianças como pais (...)
74. (...) Com as minhas colegas, pois é a minha família, a nossa equipa, a gente é uma equipa pedagógica, mas é uma equipa pedagógica familiar (...)
75. [*Acerca dos pontos fortes do projeto para a prática letiva*] (...) embora eu seja responsável pelo português gosto de estar sempre a par do que estão a fazer na matemática, tal como elas no português, o que é que estão a fazer no estudo do meio. (...) Há sempre informação e depois há muita partilha (...)

76. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para os alunos*] (...) O que é que quero daqui para a frente? Mais! Melhoria! Mais sucesso! Mais... (...)
77. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para as docentes*] (...) também eu tenho de investir no meu tempo, o tal tempo que eu não tinha, investir mais ainda e aprofundar também mais os meus conhecimentos e procurar outras coisas que me aprofundem a mim também um bocadinho (...)
78. [*Acerca de aspetos a melhorar no projeto para a prática letiva*] (...) a única coisa que eu acho que posso e devo e tenho que melhorar, (...) é ajustar mais ainda a forma de lecionar, (...) de praticar determinados temas com aqueles alunos que já falámos há bocado que são diferentes. (...)
79. [*Acerca de outros aspetos a melhorar no projeto*] (...) ter mais um tempinho com os alunos duma turma, para a gente resolver aquelas questões mais comportamentais, mais de escola, os recados para os pais, esse tipo de coisas porque faz falta. (...) eu para isso tenho que tirar ou da minha aula de português ou da aula (...) de apoio ao estudo. (...) falta-me esse bocadinho! (...) mais meia hora que fosse. (...) Nós já temos conversado e eu penso que todas nós sentimos essa falta. (...)
80. [*Acerca da apreciação do funcionamento do projeto no 1.º período letivo*] (...) vou ter alguma dificuldade em voltar atrás (...) agora foi um passo à frente! Eu tenho a certeza que dei um passo à frente! (...)
81. (...) quando acabar este projeto, (...) para o ano, se calhar vou regredir... vou andar para trás. Por mim não andava para trás. Por mim continuava sempre assim (...) para mim eu continuava assim sempre! (...)
82. (...) é um projeto que, até ao momento, me parece que está a correr lindamente! (...)
83. (...) estamos naquela fase de o que foi feito até agora é um sucesso, pelo menos por mim considero, é um sucesso (...) até ao momento, está a correr dentro daquilo que nós prevíamos. (...)
84. (...) Completamente positivo! Positivo! (...)
85. (...) tem havido (...) um progresso ou uma continuidade (...) dos progressos que eles [alunos] fazem. (...) não há nenhuma surpresa, nem pela negativa, nem pela positiva, o que é é aquilo que se esperava e é aquilo que tem sido sempre! (...)
86. (...) vamos considerar este período a adaptação deles [alunos] e minha (...)

87. (...) podemos até considerar que houve evoluções e houve progressos, houve de facto, em termos das aprendizagens, mas se calhar eu quero mais! Nós queremos mais! (...)
88. (...) agora é investir para termos este mais [sucesso]! Que é aquilo que a gente quer e aquilo a que nos propusemos! (...) há agora a tal parte de investir mais para ter mais sucesso! (...)

ANEXO XVIe

CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS EI/D1, EI/D2 e EI/D3

CATEGORIZAÇÃO EI/D1

1. MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.**1.1. MOTIVOS IMPULSIONADORES DA PARTICIPAÇÃO.****1.1.1. MOTIVOS PESSOAIS.**

- (...) O meu primeiro pensamento foi... porque não? Porque não embarcar nesta aventura? Já que tenho embarcado em algumas ao longo da minha carreira profissional. (...) **(1)**
- (...) E foi o que eu pensei também logo ao início... mudar!... inovar!... (...) **(2)**
- (...) Essa parte [investigação] também me atraiu. (...) apesar de a nível pessoal eu não ter tempo... (...) já fiz formação, já fui formadora e tive mesmo que também investigar, mas uma tese de doutoramento é muito aliciante (...) **(3)**
- (...) nós sermos um interveniente muito importante também acarreta outras responsabilidades (...) **(4)**
- (...) ao entrar nesta tese de doutoramento, fez com que eu fosse buscar coisas que eu tinha já muito adormecidas para dar o melhor de mim a esta tese. (...) penso contribuir com tudo o que eu sei e que posso... (...) **(5)**
- (...) sabia que ia ser exigente e eu teria que realmente estar à altura dos desafios. Sinto sim, muita vontade em cumprir com tudo aquilo que me for solicitado... (...) quero dar o meu melhor porque eu sei que também tenho capacidades para tornar este projeto e esta investigação muito, muito boa e muito enriquecedora (...) **(6)**

1.1.2. MOTIVOS PROFISSIONAIS.

- (...) para mim fez sentido... principalmente porque a minha formação também é de 2.º ciclo, na variante de Matemática e Ciências. (...) **(7)**
- (...) por poder partilhar o peso... não é bem o peso, mas as preocupações que temos com uma turma, partilhar com mais pessoas... e... decidirmos em conjunto as melhores estratégias a definir para o sucesso destes alunos. (...) **(8)**

- (...) já senti há uns anos um certo cansaço de levar muito a peito como se eu fosse a única (...) responsável pelo encaminhamento dos alunos (...), é partilharmos com outras pessoas as preocupações que temos com a turma (...) definir estratégias que muitas vezes uma só cabeça pensamos de uma maneira mas ouvindo outras opiniões convergimos para o melhor. (...) **(9)**
- (...) Profissionalmente é lecionar a Matemática, que é a minha disciplina de eleição. (...) e já venho há uns anos a sentir essa vontade. (...) **(10)**
- (...) a parte da equipa, porque esta questão da partilha na monodocência (...) o que se partilha são fichas e materiais, sentir vontade de partilhar outras coisas. (...) **(11)**
- (...) um conselho de turma sobre os mesmos alunos, visões diferentes em diferentes disciplinas... (...) **(12)**
- (...) Essa parte da partilha foi também profissionalmente algo que me atraiu, porque já vinha sentido que era só por e-mail partilhar as fichas umas das outras e não passava disso. Para mim já não chegava, já não me sentia completa nem realizada. (...) **(13)**
- (...) Alguma desmotivação já em vir encarar todos os dias a mesma turma sempre (...) ao final do dia já revelava um bocadinho de cansaço (...) **(14)**
- (...) talvez também já não conseguisse motivar tanto os alunos... e acho que eles também precisam de mudança, não sempre a mesma coisa. (...) **(15)**

2. DIFICULDADES SENTIDAS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA NO 1.º CEB.

2.1. DIFICULDADES SENTIDAS AO LONGO DO 1.º PERÍODO.

2.1.1. NATUREZA DAS DIFICULDADES.

- (...) planificação das aulas!... (...) **(16)**
- (...) o facto de termos, como temos três turmas, termos vários alunos com CEI e com PEI e no caso dos CEI serem currículos diferentes uns dos outros e... que era uma situação que eu não tinha. (...) **(17)**
- (...) dizer aos pais, informar os pais. Logo aí tínhamos todas o coraçãozinho apertado (...) **(18)**

- (...) todos os constrangimentos que foram surgindo, desde a planificação das aulas, ter que refletir, ter que reformular (...) **(19)**
- (...) Nas primeiras aulas que uma pessoa vai para outra turma, (...) já sabemos que eles nos vão testar... Não queremos impor a nossa autoridade com autoritarismo. Queremos impor a nossa autoridade fazendo-os respeitar-nos (...) **(20)**
- (...) no nosso Diário de Bordo, logo na primeira semana diz que tivemos dificuldades em cumprir a planificação (...) estávamos a conhecer os ritmos das turmas (...) **(21)**
- (...) a minha preocupação foi as minhas colegas também vão passar [trabalho para casa] e vai ser uma carga enorme... (...) **(26)**

2.1.2. CAUSAS DAS DIFICULDADES.

- (...) A adaptação àquele tempo letivo, àquele intervalo de tempo, fazer tudo... (...) **(22)**
- (...) Agora temos que cumprir os tempos letivos. (...) **(23)**
- (...) enquanto monodocência eu planificava a aula de matemática de acordo com o horário que nós temos (...) mas se eventualmente a aula se prolongasse um bocadinho mais, eu na hora seguinte, fosse o estudo do meio ou fosse uma expressão, tirava um bocadinho dessa disciplina para concluir a atividade da matemática. Depois tentaria compensar ao longo da semana (...) Claro que ao nível das áreas de expressões, acho que nunca cheguei a compensar. (...) **(24)**
- (...) Agora não. De início os meus planos de aula nunca eram cumpridos, porque acho que estava a ser ambiciosa demais, esquecia-me que realmente chegava ao fim do tempo e eu abandonava a turma. (...) **(25)**

2.1.3. DIFICULDADES SUPERADAS.

- (...) no fim do primeiro período já conseguia cumprir o plano da aula. (...) **(27)**
- (...) Ao longo do tempo foram sendo minimizadas [as dificuldades] (...) **(28)**

- (...) essa situação foi completamente ultrapassada [adaptação aos alunos com CEI]. (...) Foi ultrapassado! Correu bem. (...) **(29)**
- (...) Os pais apoiaram, vamos prá frente! Embarcámos todos no mesmo barco. (...) **(30)**
- (...) a partir dos meados de outubro, finais de outubro, começarmos completamente, (...) a levar isto já (...) com uma perna às costas... A engrenagem a trabalhar. (...) **(31)**
- (...) Isso foram outros obstáculos que foram surgindo [teste dos alunos à autoridade das docentes] e eu acho que foram todos ultrapassados porque nós não temos nas 3 turmas casos de desrespeito às professoras. (...) **(32)**
- (...) todo esse processo [implementação do projeto] até ao final do primeiro período foi sempre em ascensão. (...) **(33)**
- (...) a questão dos trabalhos de casa, (...) o feedback tem sido positivo portanto penso que essa parte também não se mantém. (...) **(34)**
- (...) A parte da planificação das aulas, pois isso logo no primeiro período foi sendo sanado, ao longo do tempo. (...) **(35)**

2.1.4. DIFICULDADES QUE SE MANTÊM.

- (...) eu acho que não permanecem grandes dificuldades... Não. Não vejo assim, de momento... nada. (...) **(36)**

2.2. ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES.

2.2.1. ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS.

- (...) Partilhei essa minha preocupação [não cumprir os planos de aula] com as colegas da equipa e elas tranquilizaram-me e mostraram confiança no meu trabalho... (...) **(37)**
- (...) Resolvi realmente planificar um bocadinho a menos, mas uma vez que tenho materiais sempre preparados para as aulas seguintes, se eventualmente houvesse tempo avançaria. (...) **(38)**
- (...) no início do ano combinámos mandar [trabalho para casa] só ao fim de semana, mas verificámos e até com o feedback de alguns pais que

talvez fosse melhor ao longo da semana ir passando menos por dia do que depois muito ao fim de semana. (...) **(39)**

- (...) com a partilha com as colegas e tranquilizando umas às outras e vamos reformulando... (...) **(40)**
- (...) também com a intervenção dos professores do ensino especial, trabalhamos também muito em conjunto (...) **(41)**

2.2.2. POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS A IMPLEMENTAR.

-

3. MUDANÇAS NA VIDA PROFISSIONAL DAS DOCENTES.

3.1. MUDANÇAS OCORRIDAS.

3.1.1. NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR.

- (...) devo confessar que ali o primeiro mês andei completamente estoirada (...) **(42)**
- (...) a organização do trabalho melhorou bastante, porque o tempo que eu dedicava a preparar uma série de áreas (...) agora estou focada na minha disciplina. (...) **(43)**
- (...) Eu tenho muito tempo para pesquisar atividades, problemas, exercícios que eu acho adequados para as turmas, consigo estabelecer uma sequência, uma cadeia de atividades que me permitem chegar aos conceitos que eu quero trabalhar, porque estou focada numa disciplina. (...) **(44)**
- (...) este trabalho está a ser muito mais pormenorizado, muito mais aprofundado, da pesquisa... (...) **(45)**
- (...) a nível específico da matemática, da linguagem técnica, tenho tempo para ver, transformar a linguagem técnica da matemática que está nas metas, tentar adequar, sem nunca fugir à linguagem matemática, à faixa etária dos nossos alunos e isso foi uma grande vantagem do projeto. (...) **(46)**
- (...) eu sempre, a nível das várias áreas, tentei trazer atividades que fossem motivadoras e, no caso da matemática, que fossem de carácter exploratório, que fossem os alunos que explorassem e chegassem aos conceitos. Agora, como tenho mais tempo para preparar essas mesmas

atividades, consigo um aprofundamento maior. (...) Porque já não tenho que dividir o tempo da planificação, o tempo individual entre as várias disciplinas, estou só focada naquela. (...) **(47)**

3.1.2. NA PRÁTICA LETIVA.

- (...) Claro que esta organização que eu tenho antes das aulas, se calhar se vai refletir durante as aulas. Porque não estou a pensar que a seguir tenho que ir fazer um texto coletivo do português... (...) a minha mente está focada naquilo. (...) **(48)**
- (...) E a organização que eu tenho em casa, depois, a nível da sala de aula é capaz de se manifestar positivamente, apesar de eu ter sempre tentado, ao longo da vida, fazer estas atividades com eles. (...) **(49)**
- (...) trago muitos materiais para eles mexerem, outros para construírem (...) **(50)**

3.1.3. OUTRAS.

- (...) a nível emocional (...) a relação criada com a nossa turma de origem já estava estabelecida, quer com os alunos quer com os pais (...) Eles já sabiam com o que contar e nós, quer queiramos quer não, estes são os nossos meninos (...) **(51)**
- (...) o facto de ter mais alunos que eu desconhecia, obrigou-me um bocadinho a uma ginástica pessoal de me abrir a outras crianças e aos afetos. (...) **(52)**
- (...) O facto de ter outros alunos obrigou-me (...) não de uma maneira propositada, mas de uma maneira que foi evoluindo naturalmente, a gostar deles todos de igual maneira, a tratá-los como se fossem já a minha turma de há dois anos e a estabelecer com eles esta relação de empatia que nós temos. (...) **(53)**
- (...) no meu caso pessoal houve esta mudança a nível da parte afetiva. Agora [os alunos das outras 2 turmas] são meus, são da escola, quero o melhor para todos, não só para estas turmas do projeto, mas agora vejo que são para todos, são para todos. (...) é para eles [alunos] que nós estamos a trabalhar. (...) **(54)**

- (...) Eu achava que não podia amar ou estabelecer a mesma relação com outras turmas do que já tinha com esta de há dois anos. Mas enganei-me e ainda bem! (...) **(55)**

4. EFEITOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.

4.1. EFEITOS POSITIVOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS.

4.1.1. NOS ALUNOS.

- (...) e vejo que da parte deles [alunos] também há esse entusiasmo e esta envolvimento [na atividade letiva]. (...) **(56)**
- (...) em relação à minha turma, a coisa mantém-se porque eu desde o primeiro ano que eles estavam habituados a certas atividades de exploração. Com as outras turmas que eu desconhecia, aí noto muito entusiasmo, talvez mais do que a minha turma de origem (...) **(57)**
- (...) Onde eu senti um feedback muito positivo foi nas outras duas turmas. Notei uma vibração maior do que propriamente nesta (...) noto que nas outras [turmas] isso tem sido muito, muito positivo. (...) **(58)**
- (...) A área das expressões foi uma área que ficou bastante valorizada, porque são cumpridos os tempos letivos e isso para eles é bom, são áreas onde eles se podem exprimir de outra forma que não nas três áreas nucleares (...) **(59)**
- (...) Apesar das médias das turmas situarem-se no bom, (...) eu quero sempre mais delas e eles têm dado muito (...) quando eu vou comparar com os resultados da diagnóstica, que estavam no suficiente, e agora estão no bom, sendo um programa de 3.º ano, que exige, são muitos conceitos novos, que exige abstração, exige muito raciocínio, eu estou muito satisfeita com estes alunos! (...) **(60)**
- (...) eles no primeiro período tiveram que se adaptar às minhas metodologias (...) tiveram que se adaptar a mim. Eu estou imensamente satisfeita [com os resultados dos alunos]! (...) **(61)**
- (...) Nas outras [turmas] dá-me uma grande satisfação ver que fui conseguindo transformar para aquele nível a que eu quero habituá-los, a participarem na aula de matemática, a serem ativos, a terem uma palavra a dizer, e, no fim, chegarmos à sistematização dos conceitos.

Deixá-los explorar... no fim, estou lá eu e com a ajuda de todos, (...) é este conceito que estamos a trabalhar. (...) **(62)**

- (...) a mãe duma aluna do 3.º [turma] veio ao pé de mim e disse-me: “para a minha filha a mudança foi espetacular!” (...) **(63)**

4.1.2. NAS DOCENTES.

- (...) A nível pessoal está-me a dar bastante interesse, bastante motivação ter integrado este projeto. (...) **(64)**
- (...) noto que agora estou mais tranquila, não tenho aquele stresse de muitos programas a cumprir, eu quero cumprir o programa de matemática (...) **(65)**
- (...) é gratificante eles chegarem ao pé de nós: “professora a minha disciplina favorita é a matemática” (...) **(66)**
- (...) houve a minha abertura e o facto de eles [alunos] me terem acolhido tão bem que não podia ser doutra maneira, eu não me podia fechar. (...) **(67)**
- (...) entre colegas (...) foi a partilha e o distribuímos o peso da responsabilidade por todas. É super positivo, eu até lhe chamaria uma responsabilidade partilhada. (...) **(68)**
- (...) foi muito bom tu perceberes, quando estamos nas nossas reuniões semanais, que não se limitam só a dizer: “olha estamos a trabalhar isto na matemática”, porque somos titulares de turma e precisamos ter conhecimento disso (...) dizem: “Olha então o aluno X hoje não fez os trabalhos de casa e na tua disciplina fez?” (...) “O que é que será que se passou?” Ou do género: “Oh pá, devíamos mudar o lugar ao aluno B ou C, onde é que vocês acham que se poderia posicionar na aula, ao lado de quem, de modo a melhorar a atenção, a participação?” E isto acho que é um grande aspeto positivo. Positivo. (...) **(69)**
- (...) Fiquei tranquila. Completamente. Eu sei que elas vão cuidar deles como eu cuidaria. (...) **(70)**
- (...) É determinante [a coesão da equipa docente]! (...) **(71)**
- (...) Agora é mais benefício, porque já vou (...) para lá vou caminhar, que é ter uma relação também de cumplicidade com os pais, porque ao

fim ao cabo trabalhamos todos para o mesmo, aqui ninguém está contra ninguém. Eu comecei a abrir mais aos pais no final do primeiro período quando fiz o concurso do jogo do 24. (...) fiz uma sessão em cada turma, com pais. Só para pais, em que eles fizeram os grupos e fizemos uma brincadeira matemática e eles aí perceberam que comigo estão à vontade, e eu entrei na brincadeira com eles (...) **(72)**

4.1.3. NOUTROS INTERVENIENTES.

- (...) Houve um grupo de colegas, quatro ou cinco, que me vieram pessoalmente desejar tudo de bom, sorte para o projeto, que elas apesar de não se verem a integrá-lo estariam do nosso lado para que tudo resultasse. (...) **(73)**
- (...) houve uma colega que disse que até alinharia num projeto destes. (...) **(74)**
- (...) Em termos dos funcionários foi muito engraçado, (...) ao início vinham à minha sala procurar por mim, mas estava outra pessoa. Mas eles próprios até acharam engraçado, e já sabem mais ou menos o horário em que cada uma está em cada turma e já não estranham nada. (...) **(75)**
- (...) acho que a parte dos funcionários foi... um bocado baralhada ao início, mas eles entraram no esquema e... já sabem do projeto, e começou tudo a andar sobre rodas (...) **(76)**
- (...) eu pedir 72 fotocópias de uma ficha podia causar estranheza, mas não, a nossa funcionária já sabe que é para 3 turmas e isso tudo. (...) **(77)**
- (...) a nível dos encarregados de educação, que acho que foi um elemento muito importante em todo este processo. Eles também participam. (...) depois daquele choque inicial acho que as opiniões têm sido o mais positivas possível. (...) **(78)**
- (...) os [pais] que vieram [às reuniões] deram um feedback muito positivo, muito. (...) **(79)**
- (...) Logo nessas sessões [jogo do 24] eu questionei logo os pais se estariam disponíveis para continuarmos no segundo período e no

terceiro e eles disseram logo que sim. E deram um feedback muito positivo. (...) **(80)**

- (...) os pais da minha turma da qual sou titular sempre foram muito presentes, muito. (...) Mantém-se o mesmo nível. (...) em relação às outras turmas, não sei qual era o nível de participação dos pais, nem posso ver a evolução. Aqui, noto que as coisas não se alteraram substancialmente porque eles já eram muito participativos e continuam muito participativos. (...) **(81)**
- (...) aqueles pais que já não acompanhavam os filhos, talvez acompanhem um pouco mais (...) **(82)**
- (...) Eu acho que nesse aspeto é positivo, porque eu ando sempre muito em cima, ou do trabalho de casa ou da pontualidade, sou uma chata com a pontualidade. E eu noto que as coisas têm melhorado na pontualidade. (...) é sinal que os pais estão a dar atenção (...) isto não lhes está a passar ao lado. (...) **(83)**

4.2. EFEITOS NEGATIVOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS.

4.2.1. NOS ALUNOS.

- (...) logo no início do projeto, (...) achei-os um bocadinho (...) entusiasmados demais! (...) **(84)**
- (...) nós fizemos umas perguntinhas ao fim de duas semanas de início do projeto (...) e 100% dos alunos afirmaram gostar, adorar o projeto. Enumeraram várias razões, ter várias professoras foi uma das que foi mais dita e a outra é que se sentiam mais crescidos. Mas o facto de se sentirem mais crescidos aumentou-lhes um bocadinho a autoconfiança. (...) **(85)**
- (...) notei alguma fragilidade [nos alunos] em termos do domínio do que estava a ser trabalhado. (...) Também, em termos de autoridade. Testar a autoridade dos professores. (...) Quando temos uma turma de novo, eles vão sempre testando. (...) **(86)**
- (...) eu não vejo nada que tenha sido negativo. Porque nenhum aluno rejeitou o projeto, nenhum aluno rejeitou docente alguma... (...) **(87)**
- (...) Penso que de negativo não tenho nada a salientar, há pequenos constrangimentos, mas nós vamos ultrapassando. (...) **(88)**

4.2.2. NAS DOCENTES.

- (...) eu não vejo nada de negativo (...) mas não vejo assim nada de negativo. (...) **(89)**
- (...) O que eu senti, no início, parecia que estava a deixar o meu bebé no primeiro dia na ama ou na creche ou no berçário. No sentido, aí e agora vou-lhes perder o percurso (...) nem sequer toquei nunca neste aspeto com as colegas porque eu sei que era mesmo aquela fase de transição, de umas para as outras, de uma disciplina para outra colega. Ia entregar os meus meninos. (...) **(90)**
- (...) Senti um bocadinho disso [abandono dos seus alunos], erradamente, mas é normal, porque era a nossa responsabilidade (...) **(91)**

4.2.3. NOUTROS INTERVENIENTES.

- (...) há colegas que obviamente estão contra. (...) Mas continuamos a lidar normalmente, em reuniões, em ocasiões informais até, mas pronto não se toca no assunto. (...) **(92)**

4.3. ESTRATÉGIAS DE MELHORIA.

4.3.1. REVERSÃO DOS EFEITOS NEGATIVOS.

- (...) foi preciso, muitas vezes, baixar os meninos à terra (...) para terem bem estruturados os vários conteúdos das várias disciplinas (...) enquanto tu és monodocente controlas isso tudo, e na pluridocência tens que lhes chamar à atenção: “Cuidado! Não há só uma pessoa a conduzir! Vocês têm várias pessoas a conduzir e têm que estar atentos”. (...) **(93)**
- (...) houve sempre o cuidado de lhes perguntar, e eu fiz esse trabalho quando vinha à sexta-feira ao apoio ao estudo com eles: “Então meninos, como é que está a correr o português?” E eles iam dando o feedback e então comecei-me a aperceber que sim, ali passado umas três, quatro semanas, que eles já tinham estruturado bem as gavetinhas deles (...) **(94)**
- (...) com estas reuniões semanais [da equipa educativa] e com o facto de nós já nos entendermos antes do projeto, isso [medo de entregar os

seus alunos] foi superado completamente (...) porque a confiança no trabalho de todas é a 100%. (...) **(95)**

4.3.2. REFORÇO DOS EFEITOS POSITIVOS.

- (...) no dia 1 de fevereiro fizemos o atendimento mensal todas juntas, que eles [encarregados de educação] tinham sugerido que se fizesse (...) e foi bom, foi bom. (...) **(96)**
- (...) cada uma de nós, fez mais ou menos a situação das disciplinas, (...) e foi frisado por todas nós, que qualquer dúvida, qualquer aspeto que eles quisessem esclarecer, que não precisavam de esperar pela titular de turma, que se poderiam dirigir, se é de estudo do meio à professora de estudo do meio, se for de matemática de ir ter com a professora de matemática, e haver uma abertura das professoras e o à-vontade para os pais procurarem as professoras. (...) **(97)**
- (...) havia falta se calhar deste esclarecimento, de que há uma relação dos pais com todas as docentes, não só com a titular de turma. (...) E foi bom. (...) **(98)**

5. PONTOS FORTES E ASPETOS A MELHORAR NO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA.

5.1. PONTOS FORTES.

5.1.1. PARA OS ALUNOS.

- (...) Estes alunos estão a ter a carga horária estabelecida por lei em todas as disciplinas certinhas! (...) **(99)**
- (...) As 3 turmas estão a ser avaliadas igualmente, com a mesma base de exigência, com as mesmas coisas. Não há diferenças aí. (...) **(100)**

5.1.2. PARA AS DOCENTES.

- (...) o trabalho da equipa. (...) O trabalho em equipa, a cooperação, a colaboração, a partilha, a partilha das preocupações... (...) **(101)**
- (...) Eu acho que isso traz uma estabilidade profissional muito grande, termos com quem partilhar as nossas preocupações. (...) isso para mim é o grande ponto forte. (...) para isso é preciso haver a tal confiança

entre todos os membros da equipa, por isso é que não podia ser qualquer um. (...) **(102)**

- (...) eu dizer “oh pá eu não estou a conseguir ensinar isto a determinado aluno” pode não se poder dizer a toda a gente, podemos estar a por em causa a nossa capacidade (...) **(103)**
- (...) E há muitas pessoas que não gostam de, perante outros, reconhecer as suas fragilidades. Eu não sou disso, eu digo “não estou a conseguir assim”, digo eu e os restantes membros da equipa fazem o mesmo. (...) **(104)**
- (...) Acho que este é o grande ponto forte: o trabalho da equipa em prol dos alunos. (...) **(105)**
- (...) se fosse com outra equipa esta questão de eu ter dificuldades em cumprir com os planos de aulas eu não me sentia completamente à vontade. (...) Foi com a ajuda delas e com a confiança que elas demonstraram no meu trabalho que eu consegui superar... e elas também. (...) **(106)**
- (...) Esta afinidade pessoal [entre a equipa] vem muito, não só da confiança em termos de trabalho letivo, mas também vem em termos pessoais, de relações interpessoais. (...) Neste caso, acho que era a equipa ideal para eu trabalhar (...) Para mim a equipa não pode ser qualquer uma. (...) **(107)**

5.1.3. PARA A PRÁTICA LETIVA.

- (...) os tempos letivos bem... bem estabelecidos para cada uma das áreas. Não rouba aqui para dar mais matemática ou mais português. Não vamos prejudicar as outras áreas (...) Não vamos prejudicar a música. (...) **(108)**
- (...) Eu acho que isso é outro ponto forte. (...) o cumprimento dos tempos letivos em tudo, tudo, tudo, tudo. (...) **(109)**
- (...) cada uma de nós da equipa estarmos a lecionar a disciplina para a qual temos maior especificidade na nossa formação, a qual é a eleita quando nós escolhemos o curso. E acho que se nós estivermos

contentes com o que estamos a fazer, melhores profissionais e melhor é o nosso desempenho. (...) **(110)**

- (...) e acho de tudo o que eu tenho feito a nível da matemática, tenho trazido o material todo, outros constroem eles, eu acho que isso lhes tem ajudado muito. Sempre que é possível manipulação, é comigo. E vejo que eles realmente evoluem (...) **(111)**

5.2. ASPETOS A MELHORAR.

5.2.1. PARA OS ALUNOS.

- (...) Queria que os resultados escolares fossem ainda melhores! (...) **(112)**
- (...) neste momento a matemática está com um bom nível de sucesso, mas como eu sou uma pessoa que nunca me dou por satisfeita, eu quero ainda mais. (...) **(113)**
- (...) os aspetos a melhorar são os resultados, mas eles já são bons, eu quero é mais! (...) **(114)**

5.2.2. PARA AS DOCENTES.

- (...) eu quero trabalhar, cada vez mais, para melhorar ainda mais os resultados. (...) Eu quero melhorar (...) **(115)**

5.2.3. PARA A PRÁTICA LETIVA.

- (...) a nível da sala de aula, passa muito por dar o apoio individual. (...) **(116)**
- (...) a nível de sala de aula, já faço, é sentar-me com eles, dar um trabalho, sentar-me com os que precisam mais e apoiá-los mais directamente. (...) **(117)**

5.2.4. OUTROS.

- (...) A nível do projeto, (...) se calhar no futuro dedicar uma hora para qualquer coisa da matemática (...) **(118)**
- (...) ainda tenho que refletir onde é que a gente poderia intervir mais diretamente nesse aspeto concreto. (...) **(119)**

- (...) Não ficar só por aqui, tentarmos depois também alargar e ver outras perspetivas, o que é que as outras pessoas pensaram e se achavam que até seria bom experimentarem, (...) noutras escolas, ou mesmo na nossa própria escola, mais um grupinho que queira participar. Acho que isso seria o ideal. (...) **(120)**

6. APRECIÇÃO GLOBAL ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.

6.1. OPINIÃO PESSOAL.

6.1.1. APRECIÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO PROJETO NO 1.º PERÍODO LETIVO.

- (...) Muito Bom! Porque foi o período em que enfrentámos mais dificuldades. Foi onde se operacionalizou a maior mudança (...) Agora o segundo período é mais tranquilo. (...) **(121)**
- (...) Quando eu digo muito bom não estou a exagerar (...) **(122)**
- (...) Eu só posso dizer que foi muito bom! (...) **(123)**
- (...) Foi uma aprendizagem pessoal, foi uma aprendizagem profissional e não podia avaliar de outra maneira (...) **(124)**
- (...) Os miúdos... foi muito bom. (...) **(125)**
- (...) Muito bom perante as situações que nos foram surgindo e a nossa capacidade para ultrapassá-las, não posso avaliar de outra maneira. (...) **(126)**
- (...) Foi trabalhoso mas gratificante! Podia repetir outra vez! Mas agora com a experiência do primeiro período, o segundo período vai correr bem. (...) **(127)**
- (...) qualquer constrangimento que venha a surgir também já temos a experiência do período anterior que nos vai dar forma de enfrentar e de ultrapassar. É assim que eu vejo as coisas, em crescimento! (...) **(128)**
- (...) Tenho a acrescentar que daqui a dois anos quero outro [projeto de equipa]! (...) **(129)**

CATEGORIZAÇÃO DA EI/D2

1. MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.

1.1. MOTIVOS IMPULSIONADORES DA PARTICIPAÇÃO.

1.1.1. MOTIVOS PESSOAIS.

- (...) Grande desafio! (...) achei interessante (...) **(1)**
- (...) como sou uma pessoa que gosto de desafios, tudo o que é diferente deixa-me a pensar, deixa-me a refletir. (...) **(2)**
- (...) achei muito interessante desde logo do início, sem saber muito bem no que me estava a meter (...) **(3)**
- (...) foi o tão grande desafio. (...) **(4)**

1.1.2. MOTIVOS PROFISSIONAIS.

- (...) acho que foi o mote para nós sairmos desta caixinha a que estamos habituados, que é a monodocência. Nós estamos habituados a gerir o nosso tempo, a fazer as coisas à nossa maneira (...) **(5)**
- (...) Profissionalmente foi o de mudar, fazer diferente. (...) porque precisamos de fazer qualquer coisa diferente. (...) **(6)**
- (...) Como está [o ensino] (...) já não é tão aliciante para os nossos alunos, temos que inovar, fazer diferente. (...) **(7)**

2. DIFICULDADES SENTIDAS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA NO 1.º CEB.

2.1. DIFICULDADES SENTIDAS AO LONGO DO 1.º PERÍODO.

2.1.1. NATUREZA DAS DIFICULDADES.

- (...) a gestão do tempo. Eu sinto-me a correr diariamente de um lado para o outro, em cada turma, e quero mais e não consigo (...) **(8)**
- (...) Nos encarregados de educação houve um choque inicial. Brutal. (...) Acataram com alguma resistência. (...) **(9)**
- (...) tive apenas dois pais que me confrontaram e que disseram que: “não, professora é muito complicado”. O resto aceitaram mas com um pé atrás. (...) **(10)**

- (...) A ansiedade dos pais. Eu não estava ansiosa quando abracei este projeto, mas essa ansiedade refletiu-se um bocadinho nas nossas práticas, porque questionavam, porque perguntavam. (...) **(11)**
- (...) dentro da sala de aula o que eu senti foi a gestão do tempo. Sinto que não consigo fazer tudo aquilo que eu idealizei (...) **(12)**
- (...) sentimos os constrangimentos de entrarmos na sala que hipoteticamente era daquela pessoa. Não nos sentíamos à vontade para mexer numa gaveta, para utilizar o computador. (...) **(13)**
- (...) eu sentia-me muito mais confortável na minha sala de aula. (...) **(14)**
- (...) foi pesado, muito pesado porque eu sentia que estava a invadir o espaço da outra pessoa e o respeito por aquilo que a outra pessoa tinha, no seu espaço, que era o espaço delas. (...) **(15)**
- (...) não senti que elas invadissem o meu espaço, mas eu senti que poderia estar a invadir o delas. (...) **(16)**
- (...) Não é fácil abrires a tua sala de aula e deixares que todos invadam o teu espaço (...) **(17)**

2.1.2. CAUSAS DAS DIFICULDADES.

- (...) Tem que se partir de coração aberto (...) Mostrar o nosso interior, como é que nós somos (...) Em termos profissionais (...) E ter a humildade de saber ouvir, de dizer sempre o que se pensa, por forma às coisas darem certo. (...) **(18)**
- (...) Estava à espera que, apesar de só me centrar numa disciplina, estava à espera que o tempo me desse para fazer mais, mas o programa, como é muito exigente, não mo permite. (...) **(19)**
- (...) as ansiedades que são normais dos pais. Isto foi um grande choque, principalmente para os pais. (...) Foi uma coisa assim agora parece que tiraram o tapete [aos encarregados de educação]. E agora quem é a referência disto? Não sabemos como é que isto vai funcionar. (...)
- (...) para se iniciar um projeto desta natureza, há que haver qualidades pessoais que são precisas ter em conta, como: partilha, saber partilhar, ser humilde e acatar o que se diz (...) **(21)**

- (...) quem tem raízes muito, muitas raízes em monodocência, não é fácil. Não é fácil. (...) eu julgo que não é um desafio que está ao alcance de toda a gente! (...) **(22)**

2.1.3. DIFICULDADES SUPERADAS.

- (...) Agora já está ultrapassado, agora já mexo [nas coisas das colegas] (...) Eu senti isso [invadir o espaço das colegas]. Senti! Agora já está ultrapassado! (...) **(23)**
- (...) Hoje em dia isso já não se verifica [resistência dos pais] (...) Se existem (...) algumas divergências [dos pais] (...) já não se sentem. (...) **(24)**

2.1.4. DIFICULDADES QUE SE MANTÊM.

- (...) Ainda se mantém [gestão do tempo]. (...) **(25)**
- (...) Tive também como objetivo [trabalhar] a nível das experiências, porque acho que é uma área fundamental. E sei que os miúdos ficam muito motivados (...) eu queria ir mais longe e não consigo. Estou incapacitada pelo tempo. É um dos factores que me constrange e que me deixa um bocadinho ansiosa. Queria ir mais e não consigo. (...) **(26)**

2.2. ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES.

2.2.1. ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS.

- (...) Foi pensar mais ao nível do tempo que tenho, articular por forma a ser mais compactado o que eu ia fazer, se bem que as turmas são diferentes, os miúdos são diferentes e nem sempre eu consigo. (...) **(27)**
- (...) a estratégia foi tentar gerir mais o meu tema em termos de conteúdos, (...) não ser se calhar tão exigente (...) nem querer abarcar tanto (...) ir de encontro a cada turma, consoante a sua especificidade. (...) **(28)**
- (...) eu sentia-me a invadir o seu espaço e isso foi falado, muitas vezes aqui, e curiosamente senti que elas sentiam o mesmo. (...) **(29)**

2.2.2. POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS A IMPLEMENTAR.

- (...) Era ter mais tempo para a minha área. (...) **(30)**
- (...) um projeto em paralelo, talvez numa das outras áreas que seja complementar ao estudo do meio, onde pudéssemos, por exemplo, fazer um atelier no ensino experimental (...) **(31)**
- (...) ir de forma transversal, ir ao ponto e abarcar todas as áreas de uma forma ou de outra a nível dos conteúdos. (...) **(32)**

3. MUDANÇAS NA VIDA PROFISSIONAL DAS DOCENTES.

3.1. MUDANÇAS OCORRIDAS.

3.1.1. NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR.

- (...) Muito mais completo (...) tudo o que é feito é feito com a participação de todos os docentes intervenientes no processo. (...) **(33)**
- (...) Somos muito mais organizadas (...) O facto de prestarmos contas (...) de tudo o que se está a fazer incute-nos sempre a responsabilidade de ter em suporte de papel, de ter as coisas organizadas para apresentar a todos os colegas (...) **(34)**
- (...) às vezes quando nós estamos em monodocência há sempre qualquer coisinha que falha, aqui não pode falhar. Não falha! Obrigatoriamente temos que prestar contas entre nós. Prestar contas não é no sentido de termos (...) que andar a controlar (...) **(35)**
- (...) nós próprios autoregularmo-nos e sermos exigentes conosco próprios e apresentar, porque temos que apresentar aos colegas (...) temos que ter tudo pensado e estruturado para provar, a todos os intervenientes no processo, como é que as coisas estão a funcionar. E para cruzar a informação. (...) **(36)**

3.1.2. NA PRÁTICA LETIVA.

- (...) mudou o meu conhecimento em relação àquela área específica (...) **(37)**
- (...) uma maior abrangência, um maior envolvimento só especificamente na área, o que me permite pensar em muitas estratégias para poder aplicar nos alunos. (...) **(38)**
- (...) as turmas são diferentes, (...) os miúdos são diferentes, o grau de exigência também é diferente de turma para turma. (...) **(39)**

- (...) consigo chegar ao pormenor de pensar no global de cada turma e em particular de alguns alunos. Por um motivo ou outro, ou porque são crianças com necessidades educativas, (...) ter tempo para fazer coisas diferentes especificamente e individualmente para cada um deles. (...) **(40)**
- (...) se abarcar todas as áreas, se calhar, não por vontade própria, mas sou capaz de escamotear algumas coisas e não ser tão incisiva. (...) aqui eu posso ser. Posso ser direta, incisiva em alguns meninos e até naqueles que mais precisam, que é a nossa realidade na sala de aula. (...) **(41)**
- (...) eu consigo ter tempo para adaptar aquela ficha a um aluno com dificuldades ou a um aluno de CEI ou a um aluno que tem mais dificuldade, eu consigo adaptar e chegar mais depressa a eles (...) Porque eu estou focalizada naquela disciplina, naquela área curricular, (...) **(42)**
- (...) estou a pensar em todos e consigo pensar também individualmente em relação a cada um dos miúdos. Dá-me abrangência para isso. Dá-me tempo para fazer diferente (...) **(43)**

3.1.3. OUTRAS.

- (...) Vi grande alteração nos miúdos. A princípio muito confuso, a princípio era muito confuso, mas depois em termos de organização (...) eles conseguem ir de encontro àquilo que nós queremos (...) **(44)**
- (...) eles já sabem sem nós falarmos o que é que nós queremos, como é que as coisas funcionam. Eles já sabem as práticas de quando eu entro na sala de aula o que é que têm de fazer, já não preciso de falar (...) quando eles vêm para a minha aula eles já sabem todas as rotinas, eles já sabem o que é que têm de fazer (...) isso já está (...) automatizado. (...) **(45)**
- (...) as mesmas ansiedades, só que dantes tínhamos com 26 agora temos com 68 (...) A abrangência é diferente, nesse aspeto. (...) **(46)**

4. EFEITOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.

4.1. EFEITOS POSITIVOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS.

4.1.1. NOS ALUNOS.

- (...) a grande receptividade por parte dos alunos, isso foi fantástico! (...) **(48)**
- (...) Eu pensei que tivéssemos ali alguma (...) dificuldade, (...) que começasse a haver aqui algum constrangimento, que a adaptação fosse muito difícil, bem pelo contrário, acho que eles se adaptaram até muito melhor que nós (...) **(49)**
- (...) Os miúdos foram fantásticos, fabulosos. Não senti qualquer constrangimento da parte deles, senti-me sempre à vontade e sempre acarinhada e isso foi muito importante. (...) **(50)**
- (...) notei grandes melhoramentos principalmente nos meninos com necessidades educativas. Uma melhoria significativa. (...) **(51)**

4.1.2. NAS DOCENTES.

- (...) a forma como sempre lidámos umas com as outras, a receptividade e a confiança no trabalho umas das outras. Sempre! E isso foi extraordinário. (...) **(52)**
- (...) A partilha! O estar à vontade para dizer o que pensávamos (...) **(53)**
- (...) uma coisa é conhecermo-nos dentro do nosso casulo, outra coisa é partilharmos tudo. E nós partilhamos tudo o que diz respeito aos nossos alunos e ao nosso trabalho. É tudo partilhado (...) **(54)**
- (...) O facto de te sentires à vontade porque as outras pessoas (...) te dizem que confiam no teu trabalho (...) É importante porque não é só o confiar, elas conseguem visualizar o que é que nós fazemos (...) **(55)**
- (...) a partilha, a cooperação e a confiança foram fundamentais! (...) **(56)**
- (...) estar à vontade para falar até das minhas angústias e ser bem aceite. (...) **(57)**
- (...) Mas é motivador [projeto de investigação] e se nós estamos motivados, fazemos as coisas (...) sem pensar, sem aquela carga de dizer assim: “Ah, ando muito cansada!” Não sentimos que é esse cansaço. (...) **(58)**

- (...) não nos conseguimos desvincular, ainda, da pertença. Deixaram de ser um grupo de 26 para ser um grupo de 68 e lidamos com todos como se fossem nossos na mesma (...) **(59)**
- (...) Deixou de ser um grupo de 26 ou de 21 ou de 22 para ser um grupo de 68. (...) aquela situação de pertença que o professor do 1.º ciclo tem, só aumentou o número de alunos. (...) **(60)**

4.2. EFEITOS NEGATIVOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS.

4.2.1. NOS ALUNOS.

- (...) Eu não senti! Assim grande, grande, ou qualquer dificuldade, não. (...) **(61)**
- (...) Não senti dificuldade na adaptação entre docentes, não senti dificuldade até nos resultados, as coisas não são muito diferentes do que eram (...) **(62)**
- (...) Apesar de nós falarmos de todos em particular e daqueles que nos causam mais preocupação, não senti assim grandes... efeitos negativos. Sinceramente. (...) **(63)**

4.2.2. NAS DOCENTES.

- (...) também tivemos alguma ansiedade, tudo o que é diferente causa mudança e causa-nos alguma perturbação (...) **(64)**
- (...) não é fácil, este projeto não é fácil, exige muito de cada um de nós (...) **(65)**
- (...) Eu pensava que ia ser mais fácil no sentido de me focalizar só naquela e... não é, não é. (...) **(66)**
- (...) Se calhar também é mais exigência da nossa parte (...) Em querer mais, mais e mais e mais e mais. (...) **(67)**
- (...) Não é fácil. (...) É trabalhoso. (...) **(68)**
- (...) Sentimos que é exigente, que não é diferente. Eu acho que ainda é mais exigente do que se estivéssemos com a monodocência. (...) **(69)**
- (...) o grau de exigência e de responsabilidade também [aumentou]. (...) **(70)**

- (...) Muita. Muita responsabilidade. Acho que aumenta em termos de responsabilidade. Temos (...) que ser muito responsáveis e ter tudo muito certinho e direitinho. (...) **(71)**

4.2.3. NOUTROS INTERVENIENTES.

- (...) Foi um choque [para os pais] e nós sentíamos. Eu sentia isso nos pais, sempre a questionar, ansiosos, como é normal. (...) **(72)**
- (...) Nas funcionárias, alguma alienação (...) mas sempre muito boa receptividade. (...) elas foram sempre extraordinárias e continuam a ser (...) **(73)**
- (...) Relativamente aos docentes que não fazem parte do projeto, alguma resistência. Muita resistência. Não todos, não todos, mas alguns tiveram bastante relutância, principalmente no nosso grupo de ano. (...) **(74)**
- (...) vai haver sempre ou há sempre [resistência], tudo quanto é mudança cria alguma instabilidade nas pessoas (...) **(75)**
- (...) O facto de existir logo o projeto, sem as pessoas saberem o que continha, causou logo alguma manifestação de (...) resistência (...) acho que este constrangimento seria desnecessário (...) **(76)**
- (...) nós estamos num projeto de pluridocência e o professor do 1.º ciclo basicamente vive em monodocência. Isto mexe com as pessoas. (...) As pessoas pensaram que de alguma maneira que isto possa reverter ou perder a monodocência. (...) **(77)**
- (...) algumas pessoas não estão de acordo e temos que respeitar, assim como elas têm que respeitar que eu posso querer entrar num projeto que seja diferente (...) Não quer dizer que isto tudo vá mudar para elas. Mudou para mim! Mudou para as colegas que estão no projeto! Mas não tem que mudar para as outras colegas (...) **(78)**
- (...) as pessoas [docentes] tiveram medo de perder a monodocência. Que este projeto (...) fosse mudar a monodocência. (...) **(79)**

4.3. ESTRATÉGIAS DE MELHORIA.

4.3.1. REVERSÃO DOS EFEITOS NEGATIVOS.

- (...) tivemos numa reunião só entre os pais e a investigadora (...) E depois uma reunião também que tivemos só com os pais, nós professoras e os pais. (...) uma sugestão que os pais deram que queriam uma maior proximidade com todos os docentes dos seus filhos, e foi nessa base que essa reunião foi realizada e hoje não sentimos isso [resistência dos pais]. (...) **(80)**
- (...) Se tivessem dúvidas [docentes resistentes] vinham perguntar, porque tiveram sempre abertura. Como não perguntaram, houve alguma incompatibilidade em reuniões, que foram esclarecidas e acho que estão sanadas neste momento. (...) **(81)**
- (...) foi tudo transparente, à frente de toda a gente. Acho que não havia outra conduta, nem outra maneira (...) que minimizasse esses danos. (...) **(82)**
- (...) também não posso ser condicionada porque estou num projeto e porque os outros não aceitam (...) **(83)**
- (...) continuo focalizada neste projeto, não me faz diferença nenhuma o que é que os outros acham... que haja esta resistência. Se vierem ter comigo e me perguntarem, eu respondo da melhor vontade sobre as dúvidas que possam ter. (...) eu neste momento até nem sei se ainda há resistência (...) **(84)**
- (...) Sempre que há estes momentos de reunião [da equipa], que são essenciais e que têm que ser, porque senão a coisa não funcionava, [os constrangimentos] são minimizados pela equipa. (...) **(85)**
- (...) Quando nós chegamos aqui à segunda-feira e partilhamos todas as angústias, tudo o que aconteceu, nós partilhamos tudo o que aconteceu! (...) **(86)**
- (...) os miúdos, muitas vezes, ficam espantados como é que a professora sabe se aconteceu há pouco. Às vezes até entre corredores partilhamos esse tipo de situações, porque achamos que é importante. (...) **(87)**

5. PONTOS FORTES E ASPETOS A MELHORAR NO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA.

5.1. PONTOS FORTES.

5.1.1. PARA OS ALUNOS.

- (...) São autônomos. Mais autonomia, mais desembaraço. (...) **(47)**

5.1.2. PARA AS DOCENTES.

- (...) em termos de conhecimentos, de partilha, de ver outras realidades e não estarmos fechados na nossa concha (...) **(88)**
- (...) Pensarmos em conjunto, a colaboração, a partilha é que é essencial (...) mesmo dentro da minha área ou na outra área, eu posso sempre por o meu cunho pessoal em relação ao que está a ser feito, ao que estamos a fazer (...) **(89)**
- (...) Não, nunca! Nunca perco [ligação às restantes áreas]. (...) não perco, porque eu estou sempre envolvida nas outras áreas (...) **(90)**
- (...) A partilha dos conhecimentos [entre docentes]. (...) quatro, cinco cabeças a pensar resulta muito melhor do que uma só (...) **(91)**
- (...) Também chegar a uma conclusão de que o facto de falarmos individualmente ou em grupo dos nossos alunos (...) as coisas são sempre convergentes, não há uma discrepância assim tão grande (...) **(92)**
- (...) Há (...) um conhecimento que se constrói em conjunto acerca dos alunos e sempre visando a preocupação e visando sempre o que é que nós podemos fazer melhor para, pedindo a opinião dos outros (...) **(93)**
- (...) O que é que acontece na monodocência? Vivemos centrados no nosso mundo, no nosso grupo. Gerimos as coisas à nossa maneira. Não temos ninguém que nos diga (...) Não. Se calhar nem permitimos! (...) E não temos esta, esta humildade de ouvir, saber ouvir os outros. (...) **(94)**
- (...) é a partilha, a cooperação, saber ouvir a opinião dos outros e receber bem também a opinião que os colegas têm e fazerem-nos refletir. (...) **(95)**
- (...) Porque puxamos umas pelas outras. E o essencial de tudo isto é estarmos todas motivadas. (...) eu acho que se sente diferente! (...) **(96)**
- (...) Eu acho que cada docente que está a participar neste projeto aderiu com gosto, (...) Sentindo mesmo (...) que é um grande desafio e que queremos muito que dê certo, em prol dos nossos alunos. Não queremos

que dê certo por nós (...) Queremos que dê certo por eles e porque acreditamos! (...) **(97)**

5.1.3. PARA A PRÁTICA LETIVA.

- (...) a especialização numa área. Se nós nos especializarmos numa área, somos, sem dúvida, muito melhores e mais conhecedores e mais, mais portadores de conhecimento para transmitirmos aos nossos alunos. (...) Em vez de abarcarmos tantas áreas, abarcamos aquela e focamo-nos naquela. (...) **(98)**
- (...) Estou mais focalizada nesta [área] para melhorar... para tentar melhorar os resultados dos alunos (...) **(99)**
- (...) Ser uma pessoa mais centrada naquilo e mais focalizada naquela área curricular, que me pode dar mais conhecimento e mais aprofundamento (...) Sem dúvida que isso irá melhorar o meu conhecimento e a partilha para com os meus alunos. (...) **(100)**
- (...) É uma grande reflexão sobre as nossas práticas, principalmente! Como é que elas funcionam e se funcionam (...) **(101)**
- (...) antes, como tinha que me repartir em tantas áreas, eu não podia pensar concretamente no que é que eu poderia melhorar para, ou arranjar uma ficha diferente ou arranjar uma estratégia diferente ou arranjar estratégias para motivar os meus alunos para. Não tinha! Às vezes não tinha esse tempo! (...) **(102)**
- (...) Claro que me dedicava umas vezes mais a uma área, outras vezes mais a outra, agora com a incidência que este [projeto] tem, não tinha. (...) **(103)**

5.2. ASPETOS A MELHORAR.

5.2.1. PARA OS ALUNOS.

- (...) há coisas que nós queríamos expor naquela sala e que estivesse naquele momento, naquela aula sempre exposta para os alunos (...) Não posso andar com os cartazes de um lado para o outro, não consigo também ter tempo para fazer cartazes para todas as salas. (...) **(110)**

5.2.2. PARA AS DOCENTES.

- (...) ter um espaço só para a minha área (...) Uma sala só especificamente para a minha área! (...) **(104)**
- (...) Há coisas que eu quero expor e que quero sempre ter expostas. Dificulta-me um bocado o trabalho se tiver que fazer para 3 salas. (...) **(105)**
- (...) Andas com (...) as coisas, com o material do ensino experimental de uma sala para a outra, isso é sempre mais difícil. (...) Requer mais alguma, alguma programação de tempo (...) **(106)**
- (...) um espaço para nós. (...) Nós andamos sempre com as coisas de um lado para o outro (...) a colega da matemática vem com os esquadros, com a régua, vem com aquelas coisas... (...) Eu, por exemplo, com o ensino experimental, ando com o material do ensino experimental de um lado para o outro (...) **(107)**

5.2.3. PARA A PRÁTICA LETIVA.

- (...) se eu tivesse as coisas numa sala específica ajudava-me muito mais a (...) gerir melhor o meu tempo e a ter as coisas ali, por forma a qualquer momento eu posso precisar de um determinado material (...) E tenho ali à mão! E vou buscar! (...) **(108)**
- (...) apesar de serem feitas as planificações semanais, diárias para aquela atividade, há sempre alguma coisa que me pode falhar de uma sala para a outra. (...) **(109)**
- (...) Agora aspetos a melhorar há sempre! Até nas minhas práticas, principalmente. Há sempre coisas que eu estou a descobrir e que eu não via antes (...) **(111)**

5.2.4. OUTROS.

- (...) Temos sempre muita coisa a melhorar. (...) Agora evoluir... aspetos a melhorar... Há sempre aspetos a melhorar (...) há sempre aspetos a melhorar! (...) **(112)**

- (...) Que eu tenho noção que há coisas que devemos sempre melhorar, há sem dúvida nenhuma. Agora, não me ocorre de momento assim porque (...) estamos numa fase inicial do projeto. Certamente ao longo do tempo eu vou ter outra noção... (...) **(113)**

6. APRECIÇÃO GLOBAL ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.
6.1. OPINIÃO PESSOAL.
6.1.1. APRECIÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO PROJETO NO 1.º PERÍODO LETIVO.

- (...) Neste momento ocorre-me uma frase: Não quero voltar para trás! Não gostaria de voltar para trás! (...) **(114)**
- (...) Só vejo aspetos positivos, principalmente para os miúdos. Muito positivo. (...) E para mim própria. (...) **(115)**
- (...) Em relação aos pais, em relação aos miúdos e em relação a nós! Acho que é muito positivo. (...) **(116)**
- (...) Eu, neste momento, só vejo aspetos positivos, mas estamos numa fase inicial (...) neste momento, eu só vejo aspetos positivos. Mais para a frente... (...) **(117)**
- (...) Bastante positiva [opinião]. Até agora! (...) **(118)**

CATEGORIZAÇÃO DA EI/D3

1. MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.

1.1. MOTIVOS IMPULSIONADORES DA PARTICIPAÇÃO.

1.1.1. MOTIVOS PESSOAIS.

- (...) Um bom desafio que eu quis abraçar logo, não precisei de tempo nenhum para pensar se sim ou se não! (...) **(1)**

1.1.2. MOTIVOS PROFISSIONAIS.

- (...) eu sempre gostei de dar a minha área, a minha área em que eu sou mais forte, aquela que eu mais gosto (...) **(2)**
- (...) confesso que dar português a uma faixa etária em que eu gosto de trabalhar, (...) foi o que pesou mais. (...) Isto era uma coisa que eu gostava muito (...) de experimentar, e tu sabes que já tinha tentado (...) **(3)**
- (...) sempre foi minha vontade tentar (...) o par pedagógico (...) Com a matemática e o português. Claro que aquilo que me apresentaram era mais vasto ainda (...) **(4)**
- (...) a primeira coisa que veio à minha ideia foi: “Sim! Sim!” (...) porque as pessoas que compõem a nossa equipa são pessoas em quem eu confio, em quem eu deposito toda a confiança (...) e que têm métodos de trabalho muito idênticos ao meu. (...) **(5)**
- (...) o facto de eu conhecer a equipa e de confiar (...) me deu segurança absoluta para avançar. (...) **(6)**
- (...) eu sempre trabalhei (...) e cooperei e tive a cooperação destas colegas em todos os níveis, quer a nível de partilha de trabalhos, quer a nível de partilha de experiências, conselhos até! (...) não me via (...) a entrar num projeto desta natureza sem (...) que não fosse com estas pessoas. (...) **(7)**
- (...) Confiança total [na equipa]! (...) **(8)**

2. DIFICULDADES SENTIDAS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA.

2.1. DIFICULDADES SENTIDAS AO LONGO DO 1.º PERÍODO LETIVO.

2.1.1. NATUREZA DAS DIFICULDADES.

- (...) O sair de uma sala e entrar noutra, sair da outra, entrar na outra (...) dava-me a ideia de que estava a invadir um espaço que não era o meu (...) até costumava dizer que me sentia estranha, sou uma estranha nesta sala. (...) Algum receio em mexer num papel, em mexer (...) **(9)**
- (...) senti dificuldade em cumprir a minha planificação, (...) para o tempo que tinha de aula. (...) a gente tem aquela hora, aquele tempo em que tem que ser cumprido, até para não prejudicar os alunos nas outras áreas. (...) **(10)**
- (...) a adaptação a alunos que eu não estava habituada, (...) a [nome] (...) que é uma menina que não escreve (...) eu fiquei um bocado preocupada, o que é que eu faço? Onde é que está um registo da aula de português? (...) assim como senti (...) com a [nome] (...) até eu entrar naquilo que ela sabe fazer e perceber que tipo de exercícios é que eu podia fazer com ela na de português, também levei um bocadinho de tempo. (...) **(11)**
- (...) A adaptação era um receio, não foi uma dificuldade, a adaptação a novas crianças, a miúdos que não estavam habituados a mim. (...) Isso foi um receio da minha parte (...) que depois não aconteceu! (...) **(12)**
- (...) o início foi mesmo a nossa adaptação às crianças e elas a nós. (...) **(13)**
- (...) [adaptação] Aos pais e os pais a nós, porque os pais foram apanhados de surpresa (...) Caiu assim uma bomba no colo. (...) **(14)**

2.1.2. CAUSAS DAS DIFICULDADES.

- (...) no 1.º Ciclo, estamos sempre no mesmo sítio. (...) Com este projeto acabamos por estar uma hora e meio num lado, outra hora e meia no outro, duas horas no outro (...) antes esticava-se um bocadinho [tempo das disciplinas], tira-se um bocadinho dum lado, põe-se um bocadinho do outro (...) **(15)**

2.1.3. DIFICULDADESSUPERADAS.

- (...) Hoje estou tão bem na minha, (...) sala, como estou na sala da turma [designação] ou da turma [designação]. É igual! (...) **(16)**
- (...) foi uma questão de duas semanas, mais ou menos, e eu consegui [gerir o tempo] (...) não baixar o ritmo, (...) mas balancear entre as 3 turmas, porque as 3 turmas têm ritmos de trabalho muito, muito diferentes. (...) Consigo que elas estejam ao mesmo nível em termos de conhecimento (...) **(17)**
- (...) Alguns [pais] reagiram melhor que outros, mas ao longo do tempo ou passado muito pouco tempo, (...) essa adaptação e esse receio já estava ultrapassado. (...) **(18)**

2.2. ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES.

2.2.1. ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS.

- (...) isto [receio de invadir o espaço das colegas] também era partilhado nas nossas reuniões semanais e, (...) com o tempo, e não foi preciso muito, foi ultrapassado completamente. (...) **(19)**
- (...) Tive que ir aos poucos adaptando [o tempo de aula ao ritmo das turmas] (...) **(20)**
- (...) ao invés de começar pela escrita, uma vez que ela [aluna] não o faz, investi na oralidade! No falar, no começar a melhorar o nível de sociabilidade dela, (...) e nota-se, a olhos vistos, a diferença. (...) **(21)**
- (...) a colega da educação especial facultou-me uma série de palavras com as quais eu podia trabalhar, disse-me logo o que é que eu podia ou não fazer, deu-me abertura para experimentar outras coisas que ela achava que não funcionavam, mas eventualmente poderiam funcionar (...) **(22)**
- (...) fazemos um trabalho também de equipa [com as docentes de educação especial] (...) todos os dias estamos em contacto, há dias em que ela acompanha as meninas dentro da sala de aula, dá para perceber exatamente o que é que se está a fazer e dá para dar continuidade. (...) **(23)**
- (...) sempre tivemos a abertura para que a [docente da educação especial] (...) estivesse presente e ela já esteve presente em algumas [reuniões da equipa] (...) **(24)**

2.2.2. POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS A IMPLEMENTAR.

-

3. MUDANÇAS NA VIDA PROFISSIONAL DAS DOCENTES.

3.1. MUDANÇAS OCORRIDAS.

3.1.1. NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ESCOLAR.

- (...) eu sinto-me na obrigação de ser mais exigente comigo na procura, na eleição das atividades, na planificação das mesmas, nas estratégias para recuperar as dificuldades que são detetadas. (...) (25)
- (...) as dificuldades que uma [turma] tem, mas que a outra não tem, preocupam-me exatamente da mesma forma. (...) dei por mim, no fim de semana, à procura doutras ideias para não se fazer um exercício ortográfico sempre igual (...) (26)
- (...) se eu tivesse que procurar exercício de ortografia, para melhorar o raciocínio matemático, para melhorar outro bloco do estudo do meio, é evidente que eu nunca ia ter tempo (...) para cada uma dessas coisas andar a explorar outro tipo de atividades ou andar a pensar (...) (27)
- (...) levo tanto tempo a planificar para uma área como levava quase para planificar as outras todas. (...) (28)
- (...) Sou mais minuciosa, procuro mais (...) consulto outros livros, comparo, dou outros tipos de textos, daqueles que eles não estão habituados, que não estão no livro, pronto, esse tipo de coisas que (...) levam tempo. (...) Dantes não o fazia, mas não era que não tivesse essa vontade, mas não havia tempo para! Agora sim (...) (29)
- (...) a maior preocupação em escolher as atividades, a procurar, a explorar outro tipo de atividades diferentes para o mesmo fim, que eu nunca poderia ter, nem que eu não dormisse (...) nunca poderia fazer para as outras áreas todas com o mesmo grau de exigência (...) tem tudo que ver com a prática letiva (...) (33)

3.1.2. NA PRÁTICA LETIVA.

- (...) os ritmos, sendo eles diferentes, eu tenho que me preocupar em: conhecimentos, (...) têm que ser iguais para todos, mas depois a nível da prática, diversifico de turma para turma! (...) **(30)**
- (...) Numas [turmas] até faço mais porque têm um ritmo mais avançado. Noutras faço menos, porque têm outro ritmo diferente (...) as aulas nunca são iguais, pronto! (...) **(31)**
- (...) eu preparo uma aula, mas as aulas nunca são iguais, porque eles interagem bastante e acabam por levar a aula a um rumo que não foi planeado dessa forma, mas que é produtivo na mesma. (...) **(32)**
- (...) Preocupação com eles [alunos], com a aprendizagem, sempre a focar no sucesso e na melhoria dos resultados. (...) aquilo que eu faço agora a miúde [atividades diversificadas], ou faço muitas vezes por semana, se calhar fazia de quinze em quinze dias, porque não havia o tal tempo de pesquisar (...) **(34)**

3.1.3. OUTRAS.

- (...) a mudança exige sempre um empenho e uma perseverança e uma vontade (...) uma exigência muito grande em termos pessoais. (...) **(35)**
- (...) eu sinto-me responsável (...) e sou responsável pela área de português! (...) senti uma grande responsabilidade e uma maior exigência a nível pessoal, ou seja, procurar estratégias diferentes, exercícios diferentes, uma preocupação muito grande (...) **(36)**
- (...) Uma preocupação: “mas porque é que aqui corre tão bem, mas porque é que ali não corre tão bem? Se calhar tenho que diversificar”... Pronto, esse tipo de coisas que para mim foi aquilo que eu mais senti (...) **(37)**
- (...) Eu deixei uma grande parte do tempo de estar com a minha turma (...) mas eu sei que estão bem entregues. (...) **(38)**
- (...) sei que deixei os meus meninos, mas não os abandonei! Sei que estão bem entregues. (...) **(39)**
- (...) foi uma mudança, mas para mim não foi assim muito significativa, porque eu (...) confio 100% nelas. (...) **(40)**

4. EFEITOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.

4.1. EFEITOS POSITIVOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS.

4.1.1. NOS ALUNOS.

- (...) sinto uma grande motivação por parte dos alunos (...) **(41)**
- (...) um efeito positivo que eu noto nos alunos (...) é o facto deles confiarem tanto em mim, como em qualquer uma das outras professoras. (...) **(42)**
- (...) houve uma grande, uma boa aceitação [das docentes] por parte deles [alunos] (...) **(43)**
- (...) há um maior interesse por parte deles [alunos], um maior interesse em participar, um maior interesse em ser melhor, em mostrar que está a gostar, que sabe fazer bem (...) **(44)**
- (...) eles nunca tiveram expressões como têm este ano. Quem fala das expressões (...) a plástica, a dramática... não cumpria. (...) roubava um bocadinho para terminar o português, roubava outro bocadinho para dar o recadinho ao pai, roubava outro bocadinho para algum assunto ou ralhete que tivesse que dar (...) **(45)**

4.1.2. NAS DOCENTES.

- (...) Nós tivemos uma empatia logo de imediato, tanto da minha parte como da parte deles [alunos]. (...) **(46)**
- (...) falei com eles [pais das outras turmas] com o mesmo à vontade que falei com, ou que falaria com os meus pais, se fossem só os meus, da minha turma. (...) **(47)**
- (...) o trabalho em equipa (...) a partilha (...) Estou a falar da partilha de preocupações, de algo que não correu bem e termos sempre o bocadinho que temos [reuniões da equipa], (...) não só para darmos o feedback da semana, mas também para partilhar as nossas preocupações e ter sempre um conselho do outro lado. (...) **(48)**
- (...) a nossa convivência, que já somos uma família, não somos colegas, não somos amigas, somos uma família [equipa]! (...) **(49)**
- (...) Sempre, fora mesmo da nossa reunião há sempre [partilha] (...) a gente fala, e a gente prepara e a gente troca ideias sobre tudo, não

propriamente das atividades, não propriamente do que é que a minha colega está a fazer, mas sim em relação a eles [alunos]. (...) **(50)**

- (...) o que eu conhecia dos meus alunos, posso agora dizer que conheço dos 68 alunos que temos. Posso dizer que os conheço tão bem como conheço os meus que já estavam comigo há dois anos. (...) **(51)**
- (...) a partilha das preocupações, a partilha das ansiedades, a reflexão e sentir, do outro lado, o apoio [da equipa]. Sentir, do outro lado, também algumas preocupações que iam ao encontro das minhas e chegarmos todas à solução. (...) **(52)**

4.1.3. NOUTROS INTERVENIENTES.

- (...) uma coisa que eu fiz e continuo a fazer, foi convidar os pais para lerem um livro e depois fazermos um (...) concurso dos “espelhos de leitura”, (...) em cada sessão, só podem participar quatro equipas. (...) têm de ser sempre sorteadas, porque há um entusiasmo (...) Toda a gente quer, (...) e vêm à escola e participam no concurso (...) **(53)**
- (...) desde o início do ano letivo já fiz três vezes [concurso de leitura] e de todas as vezes tive uma aceitação e uma participação [dos pais] muito, muito grande. (...) **(54)**
- (...) Na minha turma, (...) eles sempre participaram. Mas é assim, referindo-me às outras duas turmas, que não me conheciam, (...) sinto que fazem exatamente o mesmo como se me conhecessem. (...) E participam, e dão deles [pais] e agradecem pela iniciativa (...) **(55)**
- (...) esse tipo de coisas eles [pais] gostam e fazem-me chegar o feedback positivo. (...) **(56)**
- (...) a gente já fez a reunião em conjunto, todas nós com todos os pais, (...) houve preocupação sim em saber determinados alunos que têm mais dificuldades que outros, houve preocupação em saber onde é que podem melhorar, o que é que está mal, e pedirem informações para que possam ajudar. (...) **(57)**
- (...) há um envolvimento dos pais, tanto que eles pediram uma reunião conosco todas, há uma boa participação tanto na minha área como, por exemplo, na matemática (...) **(58)**

4.2. EFEITOS NEGATIVOS DAS MUDANÇAS OCORRIDAS.

4.2.1. NOS ALUNOS.

- (...) Não senti. Não senti (...) sou muito sincera. (...) **(59)**

4.2.2. NAS DOCENTES.

- (...) confesso que foi um cansaço, que tem sido um cansaço muito maior (...) não sei porquê, não deveria ser, mas eu sinto que é (...) porque a responsabilidade é muito grande. (...) **(60)**

4.2.3. NOUTROS INTERVENIENTES.

- (...) Também não. Tenho uma relação muito boa [com os pais] (...) no sentido negativo, não senti com nenhum deles (...) Não senti pela parte de ninguém! (...) **(61)**

4.3. ESTRATÉGIAS DE MELHORIA.

4.3.1. REVERSÃO DOS EFEITOS NEGATIVOS.

-

4.3.2. REFORÇO DOS EFEITOS POSITIVOS.

-

5. PONTOS FORTES E ASPETOS A MELHORAR NO PROJETO DE PLURIDOCÊNCIA.

5.1. PONTOS FORTES.

5.1.1. PARA OS ALUNOS.

- (...)Acho! Acho! Não tenho dúvida nenhuma [que os resultados dos alunos melhoram]! (...) **(62)**
- (...) eu acho que isto [pluridocência] tem estrutura para que, a todos os níveis, para melhores resultados, para os miúdos se irem adaptando às várias caras das pessoas, para eles se adaptarem aos vários humores (...) é aquilo que eles vão apanhar daqui para a frente. (...) **(63)**
- (...) não é tratá-los como adultos, mas é prepará-los! (...) acho que é essa a nossa função, não só em termos de conhecimentos, mas também prepará-los para a vida (...) **(64)**

- (...) saber que nas 3 turmas eu estou a ensinar as mesmas coisas, com o mesmo nível de exigência e que, no fim, vou avaliá-los exatamente pelos mesmos parâmetros, exatamente pelos mesmos critérios (...), isenta de qualquer tipo de benefício para qualquer um. (...) **(65)**
- (...) tenho a certeza absoluta que há equidade na avaliação, tanto da minha parte como da parte das minhas colegas, nas outras áreas. (...) **(66)**
- (...) tem havido (...) um progresso ou uma continuidade (...) dos progressos que eles [alunos] fazem. (...) não há nenhuma surpresa, nem pela negativa, nem pela positiva, o que é é aquilo que se esperava e é aquilo que tem sido sempre! (...) **(85)**
- (...) podemos até considerar que houve evoluções e houve progressos, houve de facto, em termos das aprendizagens, mas se calhar eu quero mais! Nós queremos mais! (...) **(87)**

5.1.2. PARA AS DOCENTES.

- (...) Acho que foi a equipa perfeita! (...) a [nome] tu sabes que eu já trabalhei muito com ela, a gente entende-se muito bem nos métodos de trabalho, e depois a [nome] encaixou (...) perfeitamente! (...) **(67)**
- (...) um ponto forte (...) passa por tentar valorizar e enriquecer os meus conhecimentos nesta área porque ninguém sabe tudo e eu pouco ou nada sei. (...) **(68)**
- (...) Fazer parte desta equipa pedagógica, unida, coesa, confiante, é o ponto mais forte de todos eles (...) **(69)**
- (...) O trabalho, o trabalho em equipa e fazer parte desta equipa (...) **(70)**
- (...) a gente não partilha só os bons momentos, a gente partilha os maus. Mesmo que isso seja contra mim... Eu errei, mas partilhei! (...) **(71)**
- (...) esta equipa fabulosa que a gente compõe, da qual eu faço parte, em que a gente analisa tudo, em que chegamos ao final, (...) do mês e a gente faz a... avaliação de que é que nós tratámos, o que é que resultou, o que é que não resultou,... E nós fazemos isso! (...) **(72)**

- (...) tenho boa lidação com os meninos (...) tenho boa lidação com os pais (...) abertura suficiente para eles me dizerem aquilo que gostam ou não, tanto crianças como pais (...) **(73)**
- (...) Com as minhas colegas, pois é a minha família, a nossa equipa, a gente é uma equipa pedagógica, mas é uma equipa pedagógica familiar (...) **(74)**

5.1.3. PARA A PRÁTICA LETIVA.

- (...) embora eu seja responsável pelo português gosto de estar sempre a par do que estão a fazer na matemática, tal como elas no português, o que é que estão a fazer no estudo do meio. (...) Há sempre informação e depois há muita partilha (...) **(75)**

5.2. ASPETOS A MELHORAR.

5.2.1. PARA OS ALUNOS.

- (...) O que é que quero daqui para a frente? Mais! Melhoria! Mais sucesso! Mais... (...) **(76)**

5.2.2. PARA AS DOCENTES.

- (...) também eu tenho de investir no meu tempo, o tal tempo que eu não tinha, investir mais ainda e aprofundar também mais os meus conhecimentos e procurar outras coisas que me aprofundem a mim também um bocadinho (...) **(77)**
- (...) agora é investir para termos este mais [sucesso]! Que é aquilo que a gente quer e aquilo a que nos propusemos! (...) há agora a tal parte de investir mais para ter mais sucesso! (...) **(88)**

5.2.3. PARA A PRÁTICA LETIVA.

- (...) a única coisa que eu acho que posso e devo e tenho que melhorar, (...) é ajustar mais ainda a forma de lecionar, (...) de praticar determinados temas com aqueles alunos que já falámos há bocado que são diferentes. (...) **(78)**

5.2.4. OUTROS.

- (...) ter mais um tempinho com os alunos numa turma, para a gente resolver aquelas questões mais comportamentais, mais de escola, os recados para os pais, esse tipo de coisas porque faz falta. (...) eu para isso tenho que tirar ou da minha aula de português ou da aula (...) de apoio ao estudo. (...) falta-me esse bocadinho! (...) mais meia hora que fosse. (...) Nós já temos conversado e eu penso que todas nós sentimos essa falta. (...) **(79)**

6. APRECIÇÃO GLOBAL ACERCA DO PROJETO INVESTIGATIVO.

6.1. OPINIÃO PESSOAL.

6.1.1. APRECIÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO PROJETO NO 1.º PERÍODO LETIVO.

- (...) vou ter alguma dificuldade em voltar atrás (...) agora foi um passo à frente! Eu tenho a certeza que dei um passo à frente! (...) **(80)**
- (...) quando acabar este projeto, (...) para o ano, se calhar vou regredir... vou andar para trás. Por mim não andava para trás. Por mim continuava sempre assim (...) para mim eu continuava assim sempre! (...) **(81)**
- (...) é um projeto que, até ao momento, me parece que está a correr lindamente! (...) **(82)**
- (...) estamos naquela fase de o que foi feito até agora é um sucesso, pelo menos por mim considero, é um sucesso (...) até ao momento, está a correr dentro daquilo que nós prevíamos. (...) **(83)**
- (...) Completamente positivo! Positivo! (...) **(84)**
- (...) vamos considerar este período a adaptação deles [alunos] e minha (...) **(86)**

ANEXO XVIf

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS EI/D1, EI/D2 e EI/D3

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

EI/D1, EI/D2 E EI/D3

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Motivações para participação no projeto de investigação.	1.1. Motivos impulsionadores da participação.	1.1.1. Motivos pessoais
		1.1.2. Motivos profissionais
2. Dificuldades sentidas no desenvolvimento do projeto de pluridocência no 1.º CEB.	2.1. Dificuldades sentidas ao longo do 1.º período letivo.	2.1.1. Natureza das dificuldades
		2.1.2. Causas das dificuldades
		2.1.3. Dificuldades superadas
		2.1.4. Dificuldades que se mantêm
	2.2. Estratégias de superação das dificuldades.	2.2.1. Estratégias implementadas
		2.2.2. Possíveis estratégias a implementar
3. Mudanças na vida profissional das Docentes.	3.1. Mudanças ocorridas.	3.1.1. Na organização do trabalho escolar
		3.1.2. Na prática letiva
		3.1.3. Outras
4. Efeitos das mudanças ocorridas nos participantes do estudo.	4.1. Efeitos positivos das mudanças ocorridas.	4.1.1. Nos alunos
		4.1.2. Nas docentes
		4.1.3. Noutros intervenientes
	4.2. Efeitos negativos das mudanças ocorridas.	4.2.1. Nos alunos
		4.2.2. Nas Docentes
		4.2.3. Noutros intervenientes
		4.3.1. Reversão dos efeitos negativos

	4.3. Estratégias de melhoria.	4.3.2. Reforço dos efeitos positivos
5. Pontos fortes e aspetos a melhorar no projeto de pluridocência.	5.1. Pontos fortes.	5.1.1. Para os alunos
		5.1.2. Para As docentes
		5.1.3. Para a prática letiva
	5.2. Aspetos a melhorar.	5.2.1. Para os alunos
		5.2.2. Para As docentes
		5.2.3. Para a prática letiva
		5.2.4. Outros
6. Apreciação Global acerca do projeto investigativo.	6.1. Opinião pessoal.	6.1.1. Apreciação do funcionamento do projeto no 1.º período letivo

ANEXO XVII

REGISTO ESCRITO DAS RESPOSTAS DA D5 À EFG1/EE

Entrevista Grupal às Docentes da Equipa Educativa

1. Natureza do trabalho cooperativo/ colaborativo desenvolvido pela Equipa Educativa.

No projeto-piloto “Iniciação à Programação” foram trabalhados os Princípios do Pensamento Computacional, essenciais ao ensino da programação. Esses princípios, também foram usados para apoiar as outras áreas do currículo, na resolução de problemas nas disciplinas da matemática, língua portuguesa e do estudo do meio. Assim, não posso deixar de salientar, a importância do trabalho desenvolvido de forma interdisciplinar, e assim o trabalho em equipa, pois revelou-se muito significativo e produtivo na aprendizagem dos alunos, que trabalharam com mais entusiasmo e motivação.

2. Conhecer a natureza do ambiente socio-afetivo-emocional vivido pelas Docentes, ao longo do ano letivo, e refletir sobre o seu impacto na prática letiva conduzida.

Considero que a relação estabelecida entre todos os elementos da equipa educativa foi, em termos gerais muito boa, pois penso que foi criada uma relação de interação e um ambiente propício, dentro e fora da sala de aula, sem constrangimentos.

O ambiente relacional vivido revelou acima de tudo, nas práticas pedagógicas, um interesse conjunto, em ajudar os alunos a superar as suas dificuldades e a confiança nas suas competências, recorrendo maioritariamente ao reforço positivo para elogiar os seus comportamentos e atitudes corretas.

3. Conhecer as representações das Docentes acerca do desenvolvimento do projeto investigativo, ao longo do 1.º ano letivo de implementação.

Na minha opinião, penso que o trabalho colaborativo/cooperativo e o permanente acompanhamento, monitorização das capacidades de aprendizagem e a sua análise permitiu refletir com frequência, de uma forma mais eficaz, acerca da atividade letiva e reorientá-la quando necessário. Permitiu refletir, em cooperação, sobre a qualidade

da aprendizagem, procurando acompanhar as dificuldades e os sucessos de cada aluno.

- Em relação a aspetos menos positivos, não tenho nada a salientar.

4. Analisar e refletir acerca de aspetos a melhorar/alterar na organização do projeto investigativo, no próximo ano letivo.

Nada a salientar. Devemos continuar o excelente trabalho.

D5

ANEXO XVIII

**CONSENTIMENTOS INFORMADOS DOS ALUNOS PARA AS ENTREVISTAS
EFG1/A e EFG2/A**

Pedido de Consentimento para entrevista *focus group* 1

Olá,

Como sabes, desde o início deste ano letivo que te encontras a desenvolver as tuas aprendizagens num projeto de investigação que eu, Soraia Pinho, estou a desenvolver, em parceria com as tuas professoras, para a conclusão do meu Doutoramento. Esta investigação, na qual também participas como elemento mais importante, tem como objetivo estudar a organização do trabalho escolar no 1.º Ciclo do Ensino Básico em pluridocência, isto é, com várias professoras, cada uma delas a desenvolver uma das disciplinas.

Para dar continuidade ao meu trabalho, gostava de contar com a tua colaboração através da realização de uma entrevista em grupo, na qual participarão outros colegas teus, e na qual poderás dar a tua opinião livremente sobre as tuas vivências, as tuas ansiedades e as tuas expetativas acerca do trabalho escolar desenvolvido ao longo deste ano letivo e do próximo. Uma vez que se trata de um estudo para fins científicos, comprometo-me, desde já, a respeitar-te e a respeitar as tuas opiniões, para além de garantir a confidencialidade das tuas ideias e da tua identidade, ou seja, ninguém vai saber quem tu és nem o que disseste. Em momento algum vou identificar-te, nem pelo teu nome, nem pelas tuas características pessoais.

Para conseguir apontar tudo o que tu e os teus colegas dizem, vou ter de gravar a entrevista, pelo que gostava de te pedir para me deixares gravar a nossa conversa. Quero que saibas que apenas eu ouvirei as gravações e que no final do meu trabalho irão ser apagadas.

Eu _____ gostava de participar na entrevista *focus group* com alguns colegas meus e autorizo a utilização do gravador durante a mesma.

Portimão, ____ de _____ de 2016.

Pedido de Consentimento para entrevista *focus group* 2

Olá,

Como sabes, nos últimos dois anos letivos estiveste a desenvolver as tuas aprendizagens escolares num projeto de investigação que eu, Soraia Pinho, estou a implementar, em conjunto com as tuas professoras, para a conclusão do meu Doutoramento. Esta investigação, na qual participaste como elemento mais importante, teve como objetivo principal estudar a organização do processo de ensino em pluridocência, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, isto é, com várias professoras, cada uma delas a lecionar uma das disciplinas.

Para concluir o meu trabalho, gostava de contar com a tua colaboração através da realização de uma entrevista em grupo, na qual participarão outros colegas teus, e na qual poderás dar a tua opinião livremente sobre as tuas vivências escolares, as tuas ansiedades e as tuas preferências no trabalho escolar desenvolvido ao longo dos dois últimos anos letivos. Também vou querer saber quais as tuas expectativas em relação à transição para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, já no próximo ano letivo.

Uma vez que se trata de um estudo para fins científicos, comprometo-me, desde já, a respeitar-te e a respeitar as tuas opiniões, para além de garantir a confidencialidade das tuas ideias e da tua identidade, ou seja, ninguém vai saber quem tu és nem o que disseste. Em momento algum vou identificar-te, nem pelo teu nome, nem pelas tuas características pessoais.

Para conseguir apontar tudo o que tu e os teus colegas dizem, vou ter de gravar a entrevista, pelo que gostava de te pedir para me deixares registar a nossa conversa com o auxílio de um gravador. Quero que saibas que apenas eu ouvirei as gravações e que no final do meu trabalho irão ser apagadas.

Eu _____ gostava de participar na entrevista *focus group* com alguns colegas meus e autorizo a utilização do gravador durante a mesma.

Portimão, ____ de _____ de 2017.

ANEXO XIX

**CONSENTIMENTOS INFORMADOS DOS ENCARREGADOS DE
EDUCAÇÃO PARA AS ENTREVISTAS**

EFG1/A e EFG2/A

Pedido de Consentimento para entrevista *focus group* 1

Caro Encarregado de Educação,

Como sabe, desde o início deste ano letivo que o(a) Seu(Sua) Educando(a) se encontra a desenvolver as suas aprendizagens num projeto de investigação que eu, Soraia Pinho, estou a desenvolver, em parceria com as professoras das 3 turmas, para a conclusão do meu Doutoramento em Liderança Educacional. Esta investigação, na qual também foi convidado a participar através da Sessão de Análise e Reflexão que decorreu a 30 de novembro de 2015, tem como objetivo estudar a organização do trabalho escolar no 1.º Ciclo do Ensino Básico em pluridocência, suas potencialidades e constrangimentos para o desenvolvimento educativo integral dos alunos e seus benefícios para a suavização da transição entre ciclos de ensino.

Nesse sentido, para dar continuidade ao meu trabalho, venho solicitar a Sua autorização para a participação do Seu(Sua) Educando(a) numa entrevista em grupo, na qual participarão outros alunos das turmas envolvidas no estudo. Nesta entrevista, os alunos serão livres de expressar as suas opiniões, vivências, ansiedades e expetativas acerca do trabalho escolar desenvolvido ao longo do presente ano letivo e do próximo.

Tratando-se de uma investigação de natureza científica, comprometo-me, desde já, a garantir a confidencialidade da identidade do(a) Seu(sua) Educando(a) e de toda a informação que venha a ser recolhida. Qualquer informação que permita a identificação será codificada.

Solicito, ainda, que a entrevista possa ser gravada para permitir a sua análise e tratamento posterior. Comprometo-me, igualmente, que serei a única a ouvir as gravações e que, no final da investigação, as mesmas serão apagadas.

Eu _____ declaro que tomei conhecimento do projeto de investigação supramencionado e que autorizo a participação do(a) meu(minha) Educando(a) na entrevista *focus group*, bem como a utilização do gravador durante a mesma.

Portimão, ____ de _____ de 2016.

Pedido de Consentimento para entrevista *focus group* 2

Caro Encarregado de Educação,

Como sabe, nos últimos dois anos letivos o(a) Seu(Sua) Educando(a) desenvolveu as suas aprendizagens escolares envolvido num projeto de investigação que eu, Soraia Pinho, estou a desenvolver, em conjunto com as professoras das 3 turmas, para a conclusão do meu Doutoramento em Liderança Educacional. Esta investigação, na qual também foi convidado a participar através de duas Sessões de Análise e Reflexão e de dois inquéritos por questionário, teve como objetivo estudar a organização do processo de ensino em pluridocência, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, as suas potencialidades e constrangimentos para o desenvolvimento integral dos alunos e os seus benefícios para a suavização da transição entre ciclos de ensino.

Nesse sentido, para concluir o meu trabalho, venho solicitar a Sua autorização para a participação do Seu(Sua) Educando(a) numa entrevista em grupo, na qual participarão outros alunos das turmas envolvidas no estudo. Nesta entrevista, os alunos serão livres de expressar as suas opiniões sobre as vivências escolares, as ansiedades e as preferências no trabalho escolar desenvolvido ao longo dos dois últimos anos letivos, para além de revelar as suas expetativas em relação à transição para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, já no próximo ano letivo.

Tratando-se de uma investigação de natureza científica, comprometo-me a garantir a confidencialidade da identidade do(a) Seu(sua) Educando(a) e de toda a informação que venha a ser recolhida. Qualquer informação que permita a identificação dos alunos será codificada. Solicito, ainda, que a entrevista possa ser gravada para permitir a sua análise e tratamento posterior. Comprometo-me, igualmente, que serei a única a ouvir as gravações e que, no final da investigação, as mesmas serão apagadas.

Eu _____ declaro que tenho conhecimento do projeto de investigação supramencionado e que autorizo a participação do(a) meu(minha) Educando(a) na entrevista *focus group*, bem como a utilização do gravador durante a mesma.

Portimão, ____ de _____ de 2017.

ANEXO XX

**GRELHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DAS REUNIÕES SEMANAIS DA
EQUIPA EDUCATIVA**

Grelha de Observação

Reuniões semanais da Equipa Educativa

Data da Observação: __/__/__	Duração: __h__m	Código: _____
Intervenientes:		SIMBOLOGIA: ● Fortemente presente; ■ Moderadamente presente, ○ Fracamente presente; △ Ausente

Categorias	Indicadores	Observação
Ambiente	Tranquilo	● ■ ○ △
	Descontraído	● ■ ○ △
	Amigável	● ■ ○ △
	Dinâmico	● ■ ○ △
	Coeso	● ■ ○ △
	Acolhedor	● ■ ○ △
	Aberto	● ■ ○ △
Interação do grupo	As docentes partilham:	
	• preocupações e ansiedades.	● ■ ○ △
	• ideias e conceções.	● ■ ○ △
	• estratégias e metodologias.	● ■ ○ △
	• materiais e recursos.	● ■ ○ △
	• conhecimentos.	● ■ ○ △
	• experiências e vivências.	● ■ ○ △
	As docentes analisam:	
	• currículo, temas e conteúdos das disciplinas.	● ■ ○ △
	• práticas pedagógicas/ensino.	● ■ ○ △
	• estratégias e metodologias.	● ■ ○ △
	• resultados dos alunos.	● ■ ○ △
	• comportamentos/attitudes dos alunos.	● ■ ○ △
	• atividades interdisciplinares/multidisciplinares.	● ■ ○ △
	• relação com alunos/E.E./outros atores educativos.	● ■ ○ △
	• questões relacionadas com a investigação.	● ■ ○ △
	As docentes refletem sobre:	
	• currículo, temas e conteúdos das disciplinas.	● ■ ○ △
	• práticas pedagógicas/ensino.	● ■ ○ △
	• estratégias e metodologias.	● ■ ○ △
	• resultados dos alunos.	● ■ ○ △
	• comportamentos/attitudes dos alunos.	● ■ ○ △
	• atividades interdisciplinares/multidisciplinares.	● ■ ○ △
	• questões relacionadas com a investigação.	● ■ ○ △
	• relação com alunos/E.E./outros atores educativos.	● ■ ○ △

	As docentes planificam, em conjunto:				
	• atividades disciplinares.	●	■	○	△
	• atividades interdisciplinares.	●	■	○	△
	• estratégias específicas para alunos NEE.	●	■	○	△
	• momentos avaliativos formais.	●	■	○	△
	• estratégias de melhoria dos resultados.	●	■	○	△
	• estratégias de melhoria dos comportamentos.	●	■	○	△
	• reuniões de atendimento mensal com os E.E..	●	■	○	△
	• mudanças no projeto investigativo.	●	■	○	△
	As docentes avaliam, em conjunto:				
	• os alunos.	●	■	○	△
	• a prática pedagógica (ensino).	●	■	○	△
	• o projeto investigativo.	●	■	○	△
	As docentes constroem materiais em conjunto.	●	■	○	△
	As docentes solicitam ajuda/apoio à equipa.	●	■	○	△
	As docentes oferecem ajuda/apoio à equipa.	●	■	○	△
	As docentes encorajam-se/motivam-se mutuamente.	●	■	○	△
	As docentes estabelecem objetivos comuns.	●	■	○	△
	As docentes comunicam com abertura e liberdade.	●	■	○	△
	As docentes centram a sua ação educativa nos alunos.	●	■	○	△
	As docentes revelam entusiasmo no trabalho conjunto.	●	■	○	△

Assuntos tratados

Outros aspetos

ANEXO XXI

**GRELHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DAS SESSÕES DE ANÁLISE E
REFLEXÃO COM OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**

Grelha de Observação

1.ª Sessão de Análise e Reflexão com os E.E.

Data da Observação: <u>30/11/2015</u>	Duração: h m	Código:
Intervenientes:		SIMBOLOGIA: ● Fortemente presente; ■ Moderadamente presente, ○ Fracamente presente; ▲ Ausente

Categoria	Indicadores	Observação
Ambiente	Calmo	● ■ ○ ▲
	Descontraído	● ■ ○ ▲
	Amigável	● ■ ○ ▲
	Dinâmico	● ■ ○ ▲
	Familiar	● ■ ○ ▲
	Acolhedor	● ■ ○ ▲
	Aberto	● ■ ○ ▲

Temas analisados	Opiniões expressas (descritivo)	N.º E.E. concordantes (I)
Impacto inicial do projeto investigativo (alunos, pais, etc.)		
Período de adaptação dos alunos ao projeto investigativo		

Organização do trabalho em equipa educativa		
Processo de ensino e de aprendizagem dos alunos		
Sugestões de melhoria para o projeto investigativo		

Observações complementares (descritivo)

Grelha de Observação

2.ª Sessão de Análise e Reflexão com os E.E.

Data da Observação: <u>06/06/2016</u>	Duração: h m	Código:
Intervenientes:		SIMBOLOGIA: ● Fortemente presente; ■ Moderadamente presente, ○ Fracamente presente; △ Ausente

Categoria	Descritores	Observação
Ambiente	Calmo	● ■ ○ △
	Descontraído	● ■ ○ △
	Amigável	● ■ ○ △
	Dinâmico	● ■ ○ △
	Familiar	● ■ ○ △
	Acolhedor	● ■ ○ △
	Aberto	● ■ ○ △

Temas analisados	Opiniões expressas (descritivo)	N.º E.E. concordantes (I)
Desenvolvimento afetivoemocional dos alunos ao longo do ano letivo		
Envolvimento parental na vida escolar		

Relação estabelecida entre alunos e pais com a equipa educativa		
Transversalidade/interdisciplinaridade das aprendizagens dos alunos		
Balanço final do desenvolvimento do projeto investigativo após o 1.º ano		
Sugestões de melhoria para o projeto investigativo para o ano letivo 2016/2017		

Observações complementares (descritivo)

ANEXO XXII

**CONVITES PARA AS SESSÕES DE ANÁLISE E REFLEXÃO COM OS
ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**



Exm.ºs Pais e Encarregados de Educação,

Com vista a dar início formal à Vossa participação/colaboração no processo investigativo em curso nas turmas dos Vossos Educandos, venho, por este meio, convidar-Vos a comparecer, no próximo dia **30 de novembro de 2015**, pelas **17h30m**, na sala 2 do edif.1 da E.B.1 Major David Neto, para uma sessão de análise e reflexão acerca do ponto de situação ao nível do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural.

Relembro que a Vossa presença não assume carácter obrigatório, contudo agradeço, desde já, a Vossa melhor atenção.

A doutoranda e investigadora,

Soraia Pinho



Exm.ºs Pais e Encarregados de Educação,

Com vista a dar continuidade à Vossa participação/colaboração no processo investigativo em curso nas turmas dos Vossos Educandos, venho, por este meio, convidar-Vos a comparecer, no próximo dia **06 de junho de 2016**, pelas **17h30m**, na sala 2 do edif.1 da E.B.1 Major David Neto, para a segunda sessão de análise e reflexão acerca do desenvolvimento do Projeto “Professor no Plural.

Relembro que a Vossa presença não assume carácter obrigatório. Contudo agradeço, desde já, a Vossa melhor atenção.

A doutoranda e investigadora,

Soraia Pinho

ANEXO XXIII

PAUTAS DE AVALIAÇÃO SUMATIVA FINAL DAS TURMAS

(TRÊS EXEMPLARES)

PAUTA DE AVALIAÇÃO														
Afixado em: 30/06/17														
Escola														
2016/17 - 3.º Período														
1º CICLO -														
Nº	N	A	PORT.	ING.	Mat	Est/Melo	E.A.F.M.	A. Estudo	O.C.	El/Mor/Rol	F	F	F	Nº P
1	4	4	S	B	I	S	B	S	B	-	-	-	-	Aprovado
2	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
3	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	2	-	-	Aprovado
4	4	4	S	MB	MB	B	B	S	MB	-	-	-	-	Aprovado
5	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
6	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
7	4	4	B	MB	MB	MB	MB	MB	B	-	-	1	-	Aprovado
8	4	4	B	B	B	B	MB	B	MB	-	1	-	-	Aprovado
9	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	2	-	-	Aprovado
10	4	4	B	B	S	B	B	S	MB	-	-	-	-	Aprovado
11	4	4	B	B	B	MB	MB	MB	MB	-	2	-	-	Aprovado
12	4	4	S	B	S	B	B	B	B	-	1	5	-	Aprovado
13	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
14	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
15	4	4	B	B	S	B	B	S	B	-	2	1	-	Aprovado
16	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	1	2	-	Aprovado
17	4	4	B	B	S	B	MB	B	MB	-	-	1	3	Aprovado
18	4	4	B	B	S	B	MB	B	MB	-	2	-	-	Aprovado
19	4	4	MB	MB	B	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
20	4	4	MB	MB	B	MB	MB	MB	MB	-	1	-	-	Aprovado
21	4	4	MB	MB	B	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado
22	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	1	-	-	Aprovado
23	4	4	S	B	S	B	B	S	B	-	-	-	-	Aprovado
24	4	4	B	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	3	-	-	Aprovado
25	4	4	B	S	S	B	MB	S	S	-	3	2	-	Aprovado
26	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	-	-	-	-	Aprovado

Legenda: I - Insuficiente; S - Suficiente; B - Bom; MB - Muito Bom; FJ = Faltas Justificadas; FI = Faltas Injustificadas

CP013

O(A) Professor(a) Titular
Mônica Viçosa

O(A) Presidente da Comissão
Administrativa Provisória
S. K. Lopes

Data Reunião
30/06/17

PAUTA DE AVALIAÇÃO														
Escola Estadual Maria da Graça F. de Sá														
Escola														
2016/17 - 3.º Período														
1º CICLO -														
Nº	N	A	PORT.	ING.	Mat.	Est.Mo	E.A.F.M.	A. Estudo	O.C.	E.MoraRel	F	F	I	Nº P
1	4	4	S	B	S	B	MB	S	MB	NF	3	--	--	Aprovado
2	4	4	B	B	S	B	MB	B	MB	NF	2	--	--	Aprovado
3	4	4	B	B	I	B	MB	S	B	MB	--	--	--	Aprovado
4	4	4	I	S	S	S	S	S	MB	NF	--	--	--	Aprovado
5	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	NF	--	--	--	Aprovado
6	4	4	S	S	I	S	S	S	B	NF	3	--	--	Aprovado
7	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	NF	--	--	--	Aprovado
8	4	4	S	B	S	B	B	B	MB	NF	6	--	--	Aprovado
9	4	4	B	B	B	B	S	B	S	NF	20	--	--	Aprovado
10	4	4	S	--	B	B	MB	B	--	NF	1	--	--	Aprovado
11	4	4	B	B	B	B	B	B	MB	NF	1	--	--	Aprovado
12	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	NF	--	--	--	Aprovado
13	4	4	B	S	S	B	B	B	S	NF	2	--	--	Aprovado
14	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	NF	--	--	--	Aprovado
15	4	4	B	B	MB	MB	MB	B	MB	NF	--	--	--	Aprovado
16	4	4	S	S	S	B	B	S	MB	MB	2	--	--	Aprovado
17	4	4	S	S	S	S	B	S	B	NF	2	--	--	Aprovado
18	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	NF	1	--	--	Aprovado
19	4	4	B	B	S	MB	MB	B	MB	NF	--	--	--	Aprovado
20	4	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	NF	--	--	--	Aprovado
21	4	4	MB	MB	B	MB	MB	MB	MB	NF	--	--	--	Aprovado

Legenda: I - Insuficiente; S - Suficiente; B - Bom; MB - Muito Bom; NF - Não Frequentes; FI = Faltas Justificadas; FI = Faltas Injustificadas

FEB/18

O(A) Professor(a) Titular

O(A) Presidente da Comissão Administrativa Provisória

Data Reunião

30/6/2017

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

mtg

PAUTA DE AVALIAÇÃO

2016/17 - 3.º Período
1º CICLO -

Escola

Ativado em:

30/05/2017

Nº	N	PORT.	ING.	Mat	Est.Melo	E.A.F.M.	A. Estudo	O.C.	El.Mora/Rul	F	F	Averbamentos	Nº F
1	4	B	MB	B	MB	MB	MB	MB	--	--	--	Aprovado	
2	4	MB	B	B	MB	MB	MB	MB	--	1	--	Aprovado	
3	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	2	1	Aprovado	
4	4	S	MB	S	S	B	S	MB	--	4	--	Aprovado	
5	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	2	3	Aprovado	
6	4	S	B	B	S	S	S	S	--	3	7	Aprovado	
7	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	1	1	Aprovado	
8	4	S	B	S	S	B	S	MB	--	1	--	Aprovado	
9	4	S	B	S	B	B	B	MB	--	1	--	Aprovado	
10	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	Aprovado	
11	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	Aprovado	
12	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	Aprovado	
13	4	S	B	S	B	B	B	B	--	--	--	Aprovado	
14	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	1	--	Aprovado	
15	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	--	--	Aprovado	
16	4	B	B	B	B	B	B	MB	--	--	--	Aprovado	
17	4	B	MB	B	B	B	B	MB	--	--	--	Aprovado	
18	4	S	S	I	S	S	S	MB	--	3	--	Aprovado	
19	4	MB	MB	MB	MB	MB	MB	MB	--	1	--	Aprovado	
20	4	I	S	S	S	S	S	B	--	1	--	Aprovado	
21	4	B	B	S	B	MB	B	B	--	2	1	Aprovado	

Legenda: I - Insuficiente; S - Suficiente; B - Bom; MB - Muito Bom; FJ - Faltas Justificadas; FI - Faltas Injustificadas

O(A) Presidente da Comissão Administrativa Provisória

O(A) Professor(a) Titular

Data Reunião

10/05/2017

30/05/2017

ANEXO XXIV

GRELHAS SÍNTESE DE AVALIAÇÃO INTERNA DA ESCOLA





ADMINISTRAÇÃO
 PÚBLICA

Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços
 Região Algarve

Sucesso/Insucesso 3.º Ano - 3.º Período 2015/16

Turma A	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	0	7	13	6	0	0	9	11	6	0	0	4	8	14	0	0	4	14	8	0	0	4	9	13	0	0	3	8	15	0	0	6	10	10	0	3	0
%	0%	0%	27%	50%	23%	0%	0%	35%	42%	23%	0%	0%	15%	31%	54%	0%	0%	15%	34%	31%	0%	0%	15%	15%	50%	0%	0%	17%	31%	58%	0%	21%	38%	38%				
% Insucesso	0%					0%					0%					0%					0%					0%					0%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 26

Controle Alunos:

Mat: certo EM: certo Exp: certo TIC: certo Ing: certo AE: certo

Turma B	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	0	10	9	7	0	0	12	4	10	0	0	6	11	9	0	0	4	10	12	0	0	2	12	12	0	0	6	10	10	0	0	10	5	11	0	2	0
%	0%	0%	38%	35%	27%	0%	0%	46%	15%	38%	0%	0%	23%	42%	35%	0%	0%	15%	38%	46%	0%	0%	8%	46%	46%	0%	0%	23%	38%	38%	0%	0%	38%	19%	42%			
% Insucesso	0%					0%					0%					0%					0%					0%					0%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 26

Controle Alunos:

Mat: certo EM: certo Exp: certo TIC: certo Ing: certo AE: certo

Turma C	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	0	9	7	10	0	0	1	5	10	0	0	3	10	13	0	0	3	7	16	0	0	3	10	13	0	0	2	8	16	0	1	6	2	17	1	2	1
%	0%	0%	35%	27%	38%	0%	0%	4%	19%	38%	0%	0%	12%	38%	50%	0%	0%	12%	27%	62%	0%	0%	12%	38%	50%	0%	0%	8%	31%	62%	0%	4%	23%	8%	65%			
% Insucesso	0%					4%					0%					0%					0%					0%					4%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 26

Controle Alunos:

Mat: certo EM: certo Exp: certo TIC: certo Ing: certo AE: certo

Turma D	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	1	8	7	5	0	2	9	5	5	0	0	9	5	7	0	0	13	3	5	0	0	3	7	11	0	0	4	9	7	0	0	11	5	5	3	3	3
%	0%	5%	38%	33%	24%	0%	10%	43%	24%	24%	0%	0%	43%	24%	33%	0%	0%	62%	14%	24%	0%	0%	14%	33%	52%	0%	0%	20%	45%	35%	8%	0%	52%	24%	24%			
% Insucesso	5%					10%					0%					0%					0%					0%					8%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 21

Controle Alunos:

Mat: certo EM: certo Exp: certo TIC: certo Ing: erro AE: certo

Turma E	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	1	2	8	15	0	1	2	6	17	0	0	2	3	21	0	0	0	3	23	0	0	2	5	19	0	0	4	8	15	0	1	0	3	22	2	0	0
%	0%	4%	8%	31%	58%	0%	4%	8%	23%	65%	0%	0%	8%	12%	81%	0%	0%	0%	12%	88%	0%	0%	8%	19%	73%	0%	0%	15%	30%	56%	0%	4%	0%	12%	85%			
% Insucesso	4%					4%					0%					0%					0%					0%					4%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 26

Controle Alunos:

Mat: certo EM: certo Exp: certo TIC: certo Ing: erro AE: certo

Turma F	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	0	6	8	7	0	1	8	4	8	0	0	6	11	4	0	0	1	14	6	0	0	2	9	10	0	0	2	9	10	0	1	5	4	11	1	4	1
%	0%	0%	29%	38%	33%	0%	5%	38%	19%	38%	0%	0%	29%	32%	19%	0%	0%	5%	67%	29%	0%	0%	10%	43%	48%	0%	0%	10%	43%	48%	0%	5%	24%	19%	52%			
% Insucesso	0%					5%					0%					0%					0%					0%					5%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 21

Controle Alunos:

Mat: certo EM: certo Exp: certo TIC: certo Ing: certo AE: certo

6 Turmas	Português					Matemática					Est. Meio					Expressões					IP1- TIC					Inglês					Apoio ao Estudo					PAP	PEI	CEI
	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB	F	I	S	B	MB			
N.º Níveis	0	3	43	52	50	0	7	45	40	56	0	0	32	48	68	0	0	27	51	70	0	0	17	52	78	0	0	22	52	73	0	4	39	29	76	7	14	5
%	0%	2%	29%	35%	34%	0%	5%	30%	27%	38%	0%	0%	22%	32%	46%	0%	0%	18%	34%	47%	0%	0%	12%	35%	53%	0%	0%	15%	35%	50%	0%	3%	26%	20%	53%			
% Insucesso	2%					5%					0%					0%					0%					0%					3%							
% Sucesso																																						

Total de Alunos: 148

Controle Alunos:

Mat: certo EM: erro Exp: certo TIC: erro Ing: erro AE: certo



Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços Região Algarve

Sucesso/Insucesso 4.º Ano -3.º Período 2016/17

Turma A	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	0	6	7	12	3	6	8	8	0	5	9	11	0	5	14	6	0	0	4	21	0	5	6	14	0	7	4	14	0	0	3	0
%	0%	24%	28%	48%	12%	24%	32%	32%	0%	20%	36%	44%	0%	20%	56%	24%	0%	0%	16%	84%	0%	20%	24%	56%	0%	28%	16%	56%				
% Insucesso	0%				12%				0%				0%				0%				0%				0%							
% Sucesso				100%				88%				100%				100%				100%				100%				100%				

Total de Alunos: 25

Turma B	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	0	8	11	7	2	12	6	6	0	6	11	9	0	2	10	14	0	1	5	20	0	3	13	10	0	10	5	11	0	0	2	0
%	0%	31%	42%	27%	8%	46%	23%	23%	0%	23%	42%	35%	0%	8%	38%	54%	0%	4%	19%	77%	0%	12%	50%	38%	0%	38%	19%	42%				
% Insucesso	0%				8%				0%				0%				0%				0%				0%							
% Sucesso				100%				92%				100%				100%				100%				100%				100%				

Total de Alunos: 26

Turma C	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	0	5	7	14	1	7	6	12	0	1	8	17	0	0	8	18	0	1	6	19	0	1	8	17	0	6	3	17	0	0	2	1
%	0%	19%	27%	54%	4%	27%	23%	46%	0%	4%	31%	65%	0%	0%	31%	69%	0%	4%	23%	73%	0%	4%	31%	65%	0%	23%	12%	65%				
% Insucesso	0%				4%				0%				0%				0%				0%				0%							
% Sucesso				100%				96%				100%				100%				100%				100%				100%				

Total de Alunos: 26

Turma D	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	1	6	7	7	2	8	4	7	0	4	8	9	0	4	5	12	0	2	3	15	0	4	9	7	0	7	7	7	0	0	3	3
%	5%	23%	33%	33%	10%	38%	19%	33%	0%	19%	38%	43%	0%	19%	24%	57%	0%	10%	15%	75%	0%	20%	45%	35%	0%	33%	33%	33%				
% Insucesso	5%				10%				0%				0%				0%				0%				0%							
% Sucesso				95%				90%				100%				100%				100%				100%				100%				

Total de Alunos: 21

O aluno Domingos não é avaliado a IP1 e Inglês

Turma E	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	2	2	6	16	3	3	3	17	2	2	3	19	0	1	4	21	0	2	5	19	0	2	8	16	1	2	3	20	2	2	0	0
%	8%	8%	23%	62%	12%	12%	12%	65%	8%	8%	12%	73%	0%	4%	15%	81%	0%	8%	19%	73%	0%	8%	31%	62%	4%	8%	12%	77%				
% Insucesso	8%				12%				8%				0%				0%				0%				4%							
% Sucesso				92%				88%				92%				100%				100%				100%				96%				

Total de Alunos: 26

Turma E2	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	0	3	2	0	1	0	4	0	1	1	3	0	0	1	4	0	0	1	1	3	0	1	2	2	0	0	5	0	0	0		
%	0%	60%	40%	0%	20%	0%	80%	0%	20%	20%	60%	0%	0%	20%	80%	0%	0%	20%	20%	60%	0%	20%	40%	40%	0%	0%	100%	0%				
% Insucesso	0%				20%				20%				0%				0%				0%				0%							
% Sucesso				100%				80%				80%				100%				100%				100%				100%				

Total de Alunos: 5

0

Turma F	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	1	6	4	10	1	6	5	9	0	5	5	11	0	3	6	12	0	1	3	17	0	2	7	12	0	5	5	11	0	0	4	1
%	5%	29%	19%	48%	5%	29%	24%	43%	0%	24%	24%	52%	0%	14%	29%	57%	0%	5%	14%	81%	0%	10%	33%	57%	0%	24%	24%	52%				
% Insucesso	5%				5%				0%				0%				0%				0%				0%							
% Sucesso				95%				95%				100%				100%				100%				100%				100%				

Total de Alunos: 21

6 Turmas	Português				Matemática				Est. Meio				Expressões				IP1-TIC				Inglês				Apoio ao Estudo				R	PI	PEI	CEI
	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB	I	S	B	MB				
N.º Níveis	4	36	44	66	13	42	36	59	3	24	47	76	0	16	51	83	0	8	27	114	0	18	53	78	1	37	32	80	2			
%	3%	24%	29%	44%	9%	28%	24%	29%	2%	16%	31%	51%	0%	11%	34%	55%	0%	5%	18%	77%	0%	12%	36%	52%	1%	25%	21%	53%				
% Insucesso	3%				9%				2%				0%				0%				0%				1%							
% Sucesso				97%				91%				98%				100%				100%				100%				99%				

Total de Alunos Avaliados

150

Total de Alunos em fuga

0

Total de alunos retidos

2

Insucesso 1,30%

Sucesso 98,70%

ANEXO XXV

**GRELHAS DE ANÁLISE DOCUMENTAL AOS DIÁRIOS DE BORDO DA
EQUIPA EDUCATIVA**

		Reuniões da Equipa Educativa – 2015/2016																																			
Dimensões	Indicadores	setembro				outubro				novembro					dezem bro		janeiro				fevereiro				março			abril			maio					junho	
		1 0	1 4	2 1	2 8	5	1 2	1 9	2 6	2	9	1 6	2 3	3 0	7	14	4	1 1	1 8	2 5	1	1 5	2 2	2 9	7	1 4	2 1	4	1 1	1 8	3	9	1 6	2 3	3 0	13	
A Planificação conjunta da ação educativa	• Planificação das atividades letivas.	X	X	X		X	X	X					X				X						X	X	X			X	X						X		
	• (Re)organização de estratégias específicas para os alunos com NEE.			X		X			X	X					X							X	X									X					
	• Organização dos momentos avaliativos.						X	X	X			X						X	X			X				X		X					X				
B Análise e Reflexão dos desempenhos.	• Resultados académicos.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X		X
	• Comportamentos.				X		X		X	X	X		X			X		X	X		X	X		X	X		X	X		X	X					X	
	• Pontualidade e material.				X			X	X						X	X							X	X				X	X				X			X	
C Planeamento de estratégias de melhoria	• Dos resultados académicos.				X	X		X	X	X	X		X		X	X		X								X	X		X	X	X		X	X	X		
	• Dos comportamentos.				X		X		X	X	X		X				X										X			X							
	• Da pontualidade e falta de material.				X			X	X						X													X					X				
D Organização do projeto investigativo	• Organização do dossier do Projeto.			X																																X	
	• Relação alunos/projeto.			X	X	X																							X		X	X				X	
	• Dados da investigação.								X								X				X				X			X	X		X	X				X	
	• Relação EE/projeto.													X	X																X						
	• Reuniões mensais com os pais/EE.														X					X	X	X		X							X						

Tabela – Registo dos assuntos tratados nas reuniões semanais da Equipa Educativa, ao longo do ano letivo 2015/2016, por Dimensão, indicador e data da reunião.

Legenda: **X** – Indicador constante no registo do Diário de Bordo.

		Reuniões da Equipa Educativa – 2016/2017																																					
Categori as	Descritores	setembr o		outubro					novembro			dezembro			janeiro				fevereiro			março				abril		maio				junho				T			
		19	26	3	10	17	24	31	7	14	21	28	5	12	19	9	16	23	30	6	13	20	6	13	20	27	3	10	17	24	8	15	22	29	5	12	19	26	3
A	Planificação conjunta da ação educativa	X	X	X				X				X		X		X	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X	X	X							18
	(Re)organizaã o de estratégias para alunos NEE.					X		X					X		X	X		X	X	X	X	X		X						X	X							13	
	Organização dos momentos avaliativos.	X			X					X				X	X		X		X	X	X	X					X	X		X									12
B	Análise e Reflexão dos desempenhos		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X		X	X		X	X	X	X	X				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	27
	Comportament os.		X				X		X								X	X		X											X							7	
	Pontualidade e material.						X					X						X															X					4	
C	Planeamento de estratégias de melhoria																																						
	Dos resultados académicos.			X	X	X		X	X	X	X	X				X		X	X		X	X	X											X	X			16	
	Dos comportamento s.						X										X	X		X											X							5	
	Da pontualidade e material.						X					X						X																				3	
D	Organização do projeto investigativo		X																																		X	2	
	Relação alunos/projeto.	X																															X			X	3		
	Dados da investigação.																																				0		
	Relação EE/projeto.																																		X	1			
	Reuniões com os pais/EE.					X	X	X				X				X		X		X	X					X					X		X			11			

Legenda: ☒ – Descritor registado no Diário de Bordo.

ANEXO XXVI

QUADRO GERAL DE COMPARAÇÃO DE DADOS DAS ENTREVISTAS

Análise de Conteúdo (Quadro Geral de Comparação de Dados)

Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Motivações para participação no projeto investigativo	1. Nas docentes. 1.1. Motivos pessoais. 1.1 "Porque não embarcar nesta aventura?" 1.2 "Mudar!...Inovar!..." 1.3 "Essa parte [investigação] também me atraiu." 1.4 "nós sermos um interveniente muito importante também acarreta outras responsabilidades." 1.5 "Grande desafio! (...) achei interessante (...)" 1.2. Motivos profissionais. 1.7 "por poder partilhar (...) as preocupações (...) com mais pessoas e decidirmos em conjunto as melhores estratégias (...)" 1.8 "Profissionalmente é lecionar (...) a minha disciplina de eleição." 1.9 "Um conselho de turma sobre os mesmos alunos, visões diferentes em diferentes disciplinas" 1.10 "Alguma desmotivação já em vir encarar todos os dias a mesma turma sempre (...)" 1.11 "talvez já não conseguisse motivar tanto os alunos... e acho que eles também precisam de mudança, não sempre a mesma coisa." 1.12 "acho que foi o mote para nós sairmos desta caixinha a que estamos habituados, que é a monodocência." 1.13 "o facto de eu conhecer a equipa e de confiar (...) me deu segurança absoluta para avançar."								
		1	0	0	0	0	0	0	1
		1	2	0	0	0	0	0	3
		3	0	0	0	0	0	0	3
		1	0	0	0	0	0	0	1
		0	4	1	0	0	0	0	5
		4	1	0	0	0	0	0	5
		1	1	3	0	0	0	0	5
		1	0	0	0	0	0	0	1
		1	0	0	0	0	0	0	1
		1	1	0	0	0	0	0	2
Reações/opiniões iniciais sobre o projeto investigativo	1. Nos alunos. 1.1 "logo no início do projeto, (...)achei-os um bocadinho (...) entusiasmados demais" 1.2 "ao princípio muito confuso, a princípio era muito confuso" 1.3 "Eu queria dizer que eu gostei bastante da mudança." 1.4 "Chocada [ao saber do projeto]!" 1.5 "Eu, ao princípio, fiquei um bocadinho nervosa..."								
		1	0	0	2	0	0	0	3
		0	1	0	0	0	0	0	1
		1	0	0	3	0	0	0	4
		0	0	0	1	0	0	0	1
		0	0	0	1	0	0	0	1

	1.6 "ao princípio, eu não queria assim muito saber..."	0	0	0	1	0	0	0	1
	2. Nos encarregados de educação.								
	2.1 "E foi um choque muito grande ! (...) E via-se na cara delas a relutância, o medo e o pânico que elas tinham (...)"	1	2	1	0	2	0	0	6
	2.2 "aceitaram com um pé atrás"	0	1	0	0	0	0	0	1
	2.3 "A ansiedade dos pais"	0	2	0	0	1	0	0	3
	2.4 "Houve um pai apenas que afirmou ser opositor"	0	0	0	0	1	0	0	1
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
	1. Pelas docentes.								
	1.1 "cumprir a planificação das aulas"	4	2	2	0	0	0	0	8
	1.2 "coordenação do TPC. "	1	0	0	0	0	0	0	1
	1.3 "adaptação aos tempos letivos"	3	3	0	0	0	0	0	6
	1.4 "adaptação/ligação a mais alunos e com NEE"	7	3	4	0	0	0	0	14
	1.5 "adaptação a mais encarregados de educação"	1	1	0	0	0	0	0	2
	1.6 "a organização do trabalho melhorou bastante"	3	3	0	0	0	0	0	6
	1.7 "mais tempo para preparar melhor a prática"	5	5	9	0	0	0	0	19
	1.8 "utilização das salas das outras colegas da equipa"	0	5	1	0	0	0	0	6
	1.9 "partilha e confiança completa com a equipa"	0	4	3	0	0	0	0	7
	1.10 "alargamento dos conhecimentos na área lecionada"	0	1	0	0	0	0	0	1
	1.11 "maior exigência, responsabilidade e empenho pessoal"	0	0	3	0	0	0	0	3
	2. Pelos alunos.								
	2.1 "as docentes ensinam melhor a sua área"	0	0	0	7	0	0	0	7
	2.2 "as professoras têm métodos diferentes de ensinar"	0	0	0	8	0	0	0	8
	2.3 "as atividades são diferentes e mais divertidas"	0	0	0	3	0	0	0	3
	2.4 "melhorei a aprendizagem porque tenho várias professoras."	0	0	0	6	0	0	0	6
	2.5 "s professoras têm prazer em ensinar"	0	0	0	2	0	0	0	2
	2.6 "antigamente não era assim tão motivador"	0	0	0	1	0	0	0	1

Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Adaptação às mudanças operadas pelo projeto investigativo	1. Das docentes titulares de turma.								
	1.1 "ajustámos a planificação ao tempo e às turmas"	3	2	3	0	0	0	0	8
	1.2 "combinámos os dias de envio de TPC "	1	0	0	0	0	0	0	1
	1.3 "resolvemos em conjunto, partilhando"	1	2	1	0	0	0	0	4
	1.4 "com a colaboração da docente da educação especial"	1	0	4	0	0	0	0	5
	2. Dos alunos.								
	2.1 "as docentes são muito simpáticas"	0	0	0	2	0	0	0	2
	2.2 "Gosto de todas as docentes"	0	0	0	1	0	0	0	1
	2.3 "habituei-me ao horário com o passar do tempo"	0	0	0	1	0	0	0	1
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
	A. Efeitos positivos.								
	1. Nas docentes.								
	1.1 "Muito interesse e motivação pessoal no projeto"	1	1	0	0	0	0	0	2
	1.2 "Maior tranquilidade pela partilha e colaboração"	2	4	3	0	0	0	0	9
	1.3 "Segurança pela confiança na equipa"	1	2	0	0	0	0	0	3
	1.4 "Carinho/aceitação por mais alunos"	2	5	3	0	0	0	0	10
	1.5 "Alargamento das relações com E.E."	1	0	1	0	0	0	0	2
	1.6 "Ambiente familiar da equipa educativa"	0	0	1	0	0	0	0	1
	2. Nos alunos.								
	2.1 "Maior entusiasmo e empenho na aprendizagem"	5	0	2	0	0	0	0	7
	2.2 "Melhoria resultados escolares"	2	1	0	0	0	0	0	3

Efeitos das mudanças operadas.	2.3 "Melhoria nos desempenhos das expressões"	1	0	1	0	0	0	0	2
	2.4 "Confiança na equipa docente"	0	0	1	0	0	0	0	1
	3. Nos encarregados de educação.								
	3.1 "O feedback positivo dos pais"	3	0	1	0	0	0	0	4
	3.2 "Aumento da participação na vida escolar"	2	0	3	3	0	0	0	8
	3.3 "Maior proximidade com as docentes"	0	0	0	2	0	0	0	2
	3.4 "Maior interesse na aprendizagem"	0	0	2	6	0	0	0	8
	4. Noutros intervenientes.								
	4.1 "O reforço positivo por outras colegas da escola"	2	0	0	0	0	0	0	2
	4.2 "Os funcionários acham engraçado e apoiam"	3	0	0	0	0	0	0	3
	B. Efeitos negativos.								
	1. Nas docentes.								
	1.1 "Sentimento de abandono dos alunos anteriores"	2	0	0	0	0	0	0	2
	1.2 "Ansiedade inicial "	0	1	0	0	0	0	0	1
	1.3 "Projeto exigente e trabalhoso."	0	5	1	0	0	0	0	6
	1.4 "Aumento da responsabilidade"	0	2	1	0	0	0	0	3
	2. Nos alunos.								
	2.1 "Tentativa de testar autoridade"	1	0	0	0	0	0	0	1
	3. Nos encarregados de educação.								
	3.1 "Choque e ansiedade inicial"	0	1	0	0	0	0	0	1
	4. Noutros intervenientes.								
	4.1 "Resistência de algumas docentes da escola"	1	6	0	0	0	0	0	7
	4.2 "Confusão inicial das funcionárias"	1	1	0	0	0	0	0	2

Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Estratégias de reforço dos efeitos positivos e de reversão dos efeitos negativos	1. Reforço dos efeitos positivos.								
	1.1 "Aproximação aos pais pela reunião conjunta"	3	0	0	0	0	0	0	3
	2. Reversão dos efeitos negativos.								
	2.1 "Acompanhar e alertar os alunos para a aprendizagem"	2	0	0	0	0	0	0	2
	2.2 "Confiança no trabalho da equipa"	1	0	0	0	0	0	0	1
	2.3 "Aproximação aos pais pela reunião conjunta"	0	2	0	0	0	0	0	2
	2.4 "Transparência e abertura com os E.E."	0	1	0	0	0	0	0	1
	2.5 "Foco no projeto, independente da resistência"	0	2	0	0	0	0	0	2
	2.6 "Partilha completa entre a equipa"	0	3	0	0	0	0	0	3
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Natureza do trabalho colaborativo da equipa educativa	1. Dificuldades sentidas no trabalho em equipa.								
	1.1 "Receio inicial em abordar certos assuntos e certos alunos"	0	0	0	0	2	0	0	2
	2. Planificação da ação educativa."								
	2.1 "A planificação era feita nas reuniões semanais."	0	0	0	0	3	0	0	3
	2.2 "Também se planificava nos encontros informais."	0	0	0	0	1	0	0	1
	3. Desenvolvimento Interdisciplinar do Currículo.								
	3.1 "Tentámos articular o máximo possível, mas nem sempre foi possível"	0	0	0	0	4	0	0	4
	3.2 "Houve ligação entre as diferentes disciplinas."	0	0	0	6	0	0	0	5
	4. Gestão da relação com os alunos.								

	4.1 "Combate conjunto ao desafio à autoridade"	0	0	0	0	4	0	0	4
	4.2 "A aceitação foi tranquila, sem estratégias"	0	0	0	0	10	0	0	10
	5. Gestão da relação com os encarregados de educação.								
	5.1 "Dar tempo para a adaptação dos E.E."	0	0	0	0	3	0	0	3
	5.2 "Realização de reuniões de E.E. com a equipa"	0	0	0	0	3	0	0	3
	5.3 "Contacto direto com cada docente"	0	0	0	0	3	0	0	3
	5.2 "Realização de atividades na escola com os E.E."	0	0	0	0	4	0	0	4
	6. Pontos fortes do trabalho colaborativo da equipa educativa.								
	6.1 "Partilha de ideias e experiências"	0	0	0	0	1	0	0	1
	6.2 "Abertura e à vontade"	0	0	0	0	3	0	0	3
	6.3 "Construção de uma perspetiva coletiva"	0	0	0	0	1	0	0	1
	6.4 "Articulação entre a equipa"	0	0	0	0	2	0	0	2
	7. Repercussões do trabalho colaborativo na prática letiva.								
	7.1 "Aprendi imenso, enriqueceu e melhorou a minha prática"	0	0	0	0	8	0	0	8
	7.2 "Melhorou a minha gestão de comportamentos "	0	0	0	0	2	0	0	2
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
	1. Entre as docentes da equipa educativa.								
	1.1 "Excelente/Muito Bom"	0	0	0	0	3	0	0	3
	1.2 "Abertura"	0	0	0	0	2	0	0	2
	1.3 "Cooperação"	0	0	0	0	3	0	0	3
	1.4 "Cumplicidade"	0	0	0	1	1	0	0	2
	1.5 "Criatividade"	0	0	0	0	1	0	0	1
	1.6 "Respeito"	0	0	0	1	1	0	0	2

	1.7 "Amizade"	0	0	0	4	1	0	0	5
	1.8 "Felicidade"	0	0	0	0	1	0	0	1
	2. Entre as docentes da equipa e os alunos.								
	2.1 "Respeito."	0	0	0	1	0	0	0	1
	2.2 "Proximidade"	0	0	0	3	2	0	0	5
	2.3 "Cumplicidade"	0	0	0	1	0	0	0	1
	2.4 "Boa"	0	0	0	1	1	0	0	2
	2.5 "Carinho"	0	0	0	2	1	0	0	3
	3. Entre os alunos das três turmas participantes.								
	3.1 "É como se as três turmas fossem uma só"	0	0	0	1	2	0	0	3
	3.2 "As atividades conjuntas aproximaram os alunos"	0	0	0	6	1	0	0	7
	3.3 "A proximidade das docentes serviu de exemplo"	0	0	0	0	1	0	0	1
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
	A. Apontados pelas docentes da equipa educativa.								
	1. Apontados pelas docentes titulares de turma.								
	1.1 "Cumprimento da carga horária das disciplinas"	3	0	0	0	0	0	0	3
	1.2 "Avaliação dos alunos com equidade e justiça"	1	0	2	0	0	0	0	3
	1.3 "O trabalho em equipa educativa, a partilha"	5	4	4	0	0	0	0	13
	1.4 "O trabalho colaborativo em prol dos alunos"	1	5	0	0	0	0	0	6
	1.5 "A relação interpessoal entre a equipa"	1	1	2	0	0	0	0	4
	1.6 "A lecionação de uma disciplina melhora a prática"	2	5	2	0	0	0	0	9
	1.7 "Aumento da autonomia dos alunos"	0	1	0	0	0	0	0	1
	1.8 "Reflexão sobre as nossas práticas"	0	1	0	0	0	0	0	1
	1.9 "Melhoria dos resultados dos alunos"	0	0	3	0	0	0	0	3

Pontos fortes do projeto investigativo no final do 2.º ciclo de IA	1.10 "Preparação dos alunos para o futuro"	0	0	2	0	0	0	0	2
	1.11 "A relação aberta e boa com alunos e pais"	0	0	1	0	0	0	0	1
	2. Apontados pela equipa educativa.								
	2.1 "O ambiente afetivoemocional entre a equipa"	0	0	0	0	8	0	0	8
	2.2 "A colaboração e partilha da equipa"	0	0	0	0	4	0	0	4
	2.3 "Resultados muito positivos para os NEE's"	0	0	0	0	6	0	0	6
	2.4 "Muito positivo para o comportamento dos alunos "	0	0	0	0	4	0	0	4
	2.5 "Preparação dos alunos para a transição de ciclo"	0	0	0	0	4	0	0	4
	2.6 "Cumprimento dos tempos letivos das disciplinas"	0	0	0	0	1	0	0	1
	2.7 "A articulação curricular horizontal efetuada"	0	0	0	0	1	0	0	1
	2.8 "A articulação curricular vertical efetivada"	0	0	0	0	1	0	0	1
	2.9 "Melhoria da qualidade do ensino"	0	0	0	0	5	0	0	5
	2.10 "Melhoria dos resultados dos alunos"	0	0	0	0	4	0	0	4
	B. Apontados pelos alunos.								
	3.1 "Melhor preparação para a transição de ciclo"	0	0	0	4	0	0	0	4
	3.2 "Uma docente por disciplina melhora o ensino e facilita a aprendizagem"	0	0	0	1	0	0	0	1
	3.3 "Habituação a diferentes metodologias de ensino"	0	0	0	1	0	0	0	1
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Sugestões de melhoria do projeto investigativo	1. Facultadas pelas docentes titulares de turma.								
	1.1 "Investir mais ainda na melhoria dos resultados"	5	0	1	0	0	0	0	6
	1.2 "Investir ainda mais na melhoria da prática"	1	1	3	0	0	0	0	5
	1.3 "Estabelecer horas para trabalho específico numa disciplina "	1	1	0	0	0	0	0	2
	1.4 "Juntar mais um grupo de docentes no projeto"	1	0	0	0	0	0	0	1

(intermédias)	1.5 "Ter uma sala específica para cada área"	0	7	0	0	0	0	0	7
	1.6 "Ter um tempo com os alunos para assuntos de direção de turma"	0	0	1	0	0	0	0	1
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Sugestões de melhoria do projeto investigativo para o 3.º ciclo de IA.	1. Facultadas pelos alunos.								
	1.1 "Fixar as docentes a uma sala e os alunos é que trocam"	0	0	0	7	0	0	0	7
	1.2 "Adoção de manuais diferentes em cada disciplina"	0	0	0	1	0	0	0	1
	1.3 "Não quero que mude nada"	0	0	0	1	0	0	0	1
	1.4 "Manter as mesmas docentes na equipa educativa"	0	0	0	1	0	0	0	1
	2. Facultadas pela equipa educativa.								
	2.1 "Instituição de salas específicas das disciplinas nucleares"	0	0	0	0	4	0	0	4
	2.2 "Manter a constituição da equipa educativa "	0	0	0	0	2	0	0	2
	2.3 "Realizar mais atividades de exterior e de parceria com a comunidade"	0	0	0	0	2	0	0	2
	2.4 "Integrar a natação na Expressão-Físico Motora"	0	0	0	0	1	0	0	1
	2.5 "Manter e aumentar as atividades de ligação com os E.E."	0	0	0	0	3	0	0	3
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Apreciação global do projeto investigativo no final do 2.º ciclo de IA.	1. Apreciação das docentes titulares de turma.								
	1.1 "Muito Bom"	5	2	1	0	0	0	0	8
	1.2 "Aprendizagem pessoal e profissional"	1	0	0	0	0	0	0	1
	1.3 "Muito Bom para os alunos"	1	1	0	0	0	0	0	2
	1.4 "Trabalhoso, mas gratificante"	1	0	0	0	0	0	0	1
	1.5 "Em crescimento"	1	1	3	0	0	0	0	4
	1.6 "Muito positivo para os pais"	0	1	0	0	0	0	0	1

	1.7 "Foi um passo em frente. Não quero voltar para trás"	0	1	2	0	0	0	0	3
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Impacto do projeto investigativo	1. Nos resultados dos alunos.								
	1.1 "Os resultados melhoraram em todas as disciplinas"	0	0	0	0	0	7	2	9
	1.2 "Não houve retrocessos, o que é positivo"	0	0	0	0	0	0	1	1
	1.3 "Melhorou sobretudo a qualidade do sucesso"	0	0	0	0	0	0	3	3
	1.4 "As competências transversais dos alunos CEI melhoraram"	0	0	0	0	0	0	4	4
	1.5 "Melhoraram as atitudes e os comportamentos"	0	0	0	0	0	0	2	2
	2. No envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem.								
	2.1 "Mais envolvimento pela diversidade de estratégias/metodologias"	0	0	0	0	0	2	0	2
	2.2 "Crianças sempre alegres e com vontade de aprender"	0	0	0	0	0	1	1	2
	2.3 "Interajuda entre alunos para superar as dificuldades"	0	0	0	0	0	0	5	5
	2.4 "Muita motivação dos alunos NEE"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.5 "No segundo ano melhorou o envolvimento"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.6 "Exemplo das professoras motivou envolvimento dos alunos"	0	0	0	0	0	0	3	3
	2.7 "Alunos e professores em equipa em prol da aprendizagem"	0	0	0	0	0	0	2	2
	3. No envolvimento parental na vida escolar dos alunos.								
	3.1 "Melhorou por gostarem do projeto"	0	0	0	0	0	3	2	5
	3.2 "Melhorou porque melhoraram os resultados"	0	0	0	0	0	1	0	1
	3.3 "Melhorou para acompanharem o projeto"	0	0	0	0	0	1	3	4
	3.4 "Melhorou bastante"	0	0	0	0	0	3	1	4
	3.5 "Melhorou no 2.º ano porque tranquilizaram"	0	0	0	0	0	0	4	4
	3.6 "Os E.E. dos alunos NEE sossegaram"	0	0	0	0	0	0	2	2
	3.7 "Melhorou com a participação nas atividades"	0	0	0	0	0	0	4	4
	4. Na qualidade do ensino.								
	4.1 "Melhorou pela especialização das docentes"	0	0	0	0	0	5	4	9

	4.2 "Melhorou pela qualidade e diversidade das metodologias aplicadas"	0	0	0	0	0	6	4	10
	5. Na suavização da transição dos alunos de ciclo de ensino.								
	5.1 "Preparação para a pluridocência"	0	0	0	0	0	2	4	6
	5.2 "Preparação para a gestão dos espaços"	0	0	0	0	0	7	1	8
	5.3 "Preparação para a gestão dos materiais"	0	0	0	0	0	1	1	2
	5.4 "Sem receio por causa do projeto"	0	0	0	0	0	4	0	4
	5.5 "Preparação para a gestão do tempo"	0	0	0	0	0	0	3	3
	5.6 "Alunos NEE mais preparados pelo treino das rotinas diárias"	0	0	0	0	0	0	2	2
	5.7 "Preparação para a gestão emocional e comportamental"	0	0	0	0	0	0	2	2
	6. No desenvolvimento de culturas profissionais colaborativas e reflexivas.								
	6.1 "A ação educativa foi articulada entre as docentes"	0	0	0	0	0	0	1	1
	6.2 "A cultura colaborativa foi constante"	0	0	0	0	0	0	3	3
	6.3 "A reflexão entre a equipa foi constante"	0	0	0	0	0	0	1	1
	6.4 "O apoio entre a equipa foi constante"	0	0	0	0	0	0	2	2
	6.5 "O projeto potenciou o desenvolvimento dessa cultura"	0	0	0	0	0	0	1	1
	6.6 "A relação afetiva estabelecida foi muito próxima"	0	0	0	0	0	0	1	1
	7. No desenvolvimento pessoal e profissional.								
	7.1 "Uma autoformação real e o resultados pessoal e profissional é melhor"	0	0	0	0	0	0	4	4
	7.2 "Aprendemos mais, aprofundámos conhecimentos"	0	0	0	0	0	0	2	2
	7.3 "Grande motivação e satisfação pessoal"	0	0	0	0	0	0	2	2
	7.4 "Desafiante em termos pessoais e profissionais"	0	0	0	0	0	0	2	2
	7.5 "A relação afetiva foi muito rica"	0	0	0	0	0	0	3	3
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
	1. Pelos alunos.								
	1.1 "Cada professora concentrar-se numa só disciplina"	0	0	0	0	0	2	0	2
	1.2 "Aprendi melhor assim"	0	0	0	0	0	4	0	4

Potencialidades evidenciadas no projeto investigativo	1.3 "Estamos mais preparados para o quinto ano"	0	0	0	0	0	3	0	3
	1.4 "Só há aspetos positivos"	0	0	0	0	0	1	0	1
	2. Pela equipa educativa.								
	2.1 "Motivou o cumprimento dos tempos letivos de cada disciplina"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.2 "Potenciou a coesão, corresponsabilização e o apoio entre a equipa"	0	0	0	0	0	0	3	3
	2.3 "Possibilitou uma avaliação dos alunos mais justa"	0	0	0	0	0	0	4	4
	2.4 "Desenvolvimento da autonomia e relacionamento interpessoal dos alunos"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.5 "Desenvolvimento da organização e métodos de estudo dos alunos"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.6 "Potenciou o nosso desenvolvimento pessoal e profissional"	0	0	0	0	0	0	2	2
	2.7 "Motivou-nos pessoal e profissionalmente"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.8 "Potenciou a cooperação e partilha entre as docentes"	0	0	0	0	0	0	4	4
	2.9 "Facilitou a articulação curricular entre todas"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.10 "Potenciou a integração dos alunos e dos docentes"	0	0	0	0	0	0	6	6
	2.11 "Potenciou o desenvolvimento das competências sociais dos alunos NEE"	0	0	0	0	0	0	4	4
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1
Constrangimentos identificados no projeto investigativo	1. Pelos alunos.								
	1.1 "A sucessão dos conteúdos é mais rápida, é mais confuso"	0	0	0	0	0	1	0	1
	1.2 "Não há aspetos menos positivos"	0	0	0	0	0	2	0	2
	1.3 "No Português percebia melhor com a minha DTT"	0	0	0	0	0	1	0	1
	2. Pela equipa educativa.								
	2.1 "A resistência inicial de alguns E.E."	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.2 "As resistências de algumas docentes da escola"	0	0	0	0	0	0	2	2
	2.3 "A não continuidade do projeto"	0	0	0	0	0	0	2	2
	2.4 "Não há aspetos menos positivos"	0	0	0	0	0	0	2	2
Categoria	Enunciação / Justificação	EI/D 1	EI/D 2	EI/D 3	EFG1/ A	EFG1/ EE	EFG2/ A	EFG2/ EE	Total 1

Apreciação global do desenvolvimento do projeto investigativo	1. Dos alunos.								
	1.1 "Acho que é bom"	0	0	0	0	0	1	0	1
	1.2 "Muito Bom"	0	0	0	0	0	4	0	4
	1.3 "Excelente"	0	0	0	0	0	2	0	2
	1.4 "Foi uma boa ideia"	0	0	0	0	0	1	0	1
	2. Da equipa educativa.								
	2.1 "Gostei muito/Adorei"	0	0	0	0	0	0	4	4
	2.2 "Fui muito feliz"	0	0	0	0	0	0	5	5
	2.3 "Projeto muito pertinente/positivo para alunos e docentes"	0	0	0	0	0	0	5	5
	2.4 "Experiência muito boa"	0	0	0	0	0	0	3	3
	2.5 "Voltar atrás era um retrocesso"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.6 "Foi o concretizar de um sonho"	0	0	0	0	0	0	2	2
	2.7 "Fez-me crescer e fortalecer"	0	0	0	0	0	0	4	4
	2.8 "Projeto muito motivador"	0	0	0	0	0	0	1	1
	2.9 "Projeto de transversalidade"	0	0	0	0	0	0	1	1

TOTAL 1 = Número de respostas

ANEXO XXVII

**GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DA OBSERVAÇÃO DAS
SESSÕES DE ANÁLISE E REFLEXÃO COM OS ENCARGADOS DE
EDUCAÇÃO**

GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DAS OBSERVAÇÕES ÀS SESSÕES DE ANÁLISE E REFLEXÃO COM OS E.E.

O1/SAREE e O2/SAREE

Categoria	Descritores	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Ambiente	Calmo	2	100%
	Descontraído	2	100%
	Amigável	2	100%
	Dinâmico	2	100%
	Familiar	2	100%
	Acolhedor	2	100%
	Aberto	2	100%

Assuntos tratados

Sessão/ E.E.	Dimensões/ Temas	Unidades de sentido	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
O1/SAREE – 29 E.E.	Impacto inicial do projeto investigativo (alunos, pais, etc.)	“os alunos sentiram algum desconforto no início”	20	69%
		“não existiu qualquer desconforto no/a meu/minha educando/a”	5	17%
		“senti eu um maior choque com o horário letivo [horário normal] do que o/a meu/minha filho/a com o Projeto”	4	14%
	Período de adaptação dos alunos ao projeto investigativo	“A adaptação dele/a foi curta”	25	86%
		“A adaptação do/a meu/minha filho/a foi mais difícil, foi até finais de outubro”	2	7%
		“O meu/minha filho/a adaptou-se de imediato”	2	7%
	Organização do trabalho em equipa educativa	“Muito positivo para a transição dos alunos para o 2.º Ciclo”	17	59%
		“Muito benéfico para a melhoria do comportamento do/a meu/minha filho/a”	16	55%
		“Aumentou o leque de amigos do/a meu/minha filho/a porque as turmas se aproximaram”	15	52%
		“A gestão do tempo de estudo e organização das ideias do/a meu/minha filho/a melhorou”	14	48%
		“Melhorou o relacionamento do/a meu/minha filho/a com os adultos da escola”	12	41%
		“O/A meu/minha filho/a sente-se mais seguro pois tem mais professoras em quem se apoiar”	10	35%
		“A distribuição do TPC pelos diferentes dias da semana,	17	59%

	Processo de ensino e de aprendizagem dos alunos	coordenada pelas professoras, foi muito positiva”		
		“Melhoraram as competências e os desempenhos artísticos do/a meu/minha filho/a, principalmente nas expressões plástica e musical”	16	55%
		“Maior empenho e mais entusiasmo do/a meu/minha filho/a na aprendizagem”	14	48%
		“Noto a professora do/a meu/minha filho/a mais motivada e feliz, este ano letivo”	10	35%
		“Maior objetividade na avaliação dos alunos e na gestão das disciplinas, por parte das professoras”	9	31%
		“Trabalho escolar mais cansativo para os alunos”	8	28%
		“Excelente para os alunos, o/a meu/minha filho/filha está mais maduro e responsável”	7	24%
		“Aumento do TPC, principalmente no Português e no Estudo do Meio”	6	21%
		“Durante bastante tempo achei que o Projeto não ia resultar, mas agora, se me desse a escolher, já não queria voltar atrás”	4	14%
	Sugestões de melhoria para o projeto investigativo (intermédias)	“Fazer uma reunião de Atendimento Mensal aos Pais e Encarregados de Educação por período com a presença de todas as professoras das 3 turmas”	29	100%
		“Diminuir o TPC dos alunos”	3	10%
O2/SAREE – 20 E.E.	Desenvolvimento afetivo emocional dos alunos ao longo do ano letivo	Excelente adaptação dos alunos a diferentes maneiras de ser.	20	100%
		Muito bom relacionamento entre os alunos das três turmas.	17	85%
		Maior estabilidade emocional nos alunos.	17	85%
		Alunos sentem-se mais apoiados por terem mais adultos de referência.	16	80%
	Envolvimento parental na vida escolar	Aumentou por solicitação das docentes.	18	90%
		Aumentou a pedido dos alunos.	10	50%
		Aumentou por iniciativa dos pais.	5	25%
		Manteve-se o nível de participação.	2	10%

	Relação estabelecida entre alunos e pais com a equipa educativa	Melhoria significativa na relação família/ escola.	18	90%
		Excelente nível de cumplicidade entre docentes e alunos.	16	80%
		Muito bom ambiente relacional entre as docentes.	15	75%
		A relação com os pais foi boa, mas não foi igual com todas as docentes.	2	10%
	Transversalidade/ interdisciplinaridade das aprendizagens dos alunos	Houve sempre ligação entre as diferentes disciplinas.	14	70%
		No Apoio ao Estudo era feita essa interdisciplinaridade.	5	25%
		Esse aspeto não passou para casa.	1	5%
	Balanço final do desenvolvimento do projeto investigativo (1.º ano)	Projeto muito positivo para o desenvolvimento integral dos alunos.	18	90%
		Excelente iniciativa de organização do ensino.	17	85%
		Alunos mais responsáveis e autónomos.	16	80%
		Alunos mais motivados e interessados pela aprendizagem.	15	75%
		As reuniões de pais no mesmo dia e hora facilitam o contacto com todas as docentes.	14	70%
		Projeto muito positivo para a aprendizagem, houve evolução dos resultados dos alunos.	12	60%
		Muitas atividades motivadoras da participação dos pais.	10	50%
		Fichas de avaliação marcadas muito próximas umas das outras.	7	35%
		Fraca articulação do TPC entre as docentes.	5	25%
		Pouco contacto dos pais com todas as docentes.	3	15%
	Sugestões de melhoria para o projeto investigativo para 2016/2017	Manter a mesma equipa docente.	20	100%
		Tudo corre bem. Não são necessárias mais sessões de reflexão com a investigadora.	20	100%
		Serem os alunos a trocar de sala de aula.	15	75%
		Manter as atividades de ligação entre a escola e os pais.	12	60%
		Melhor articulação dos TPC's pelas docentes.	10	50%
		Deviam fazer mais visitas de estudo.	8	40%
		Melhorar o contacto dos pais com todas as docentes da equipa.	3	15%

Outros aspetos

Unidades de sentido	Frequência Absoluta
Motivação e interesse elevado dos E.E. em participar.	2
E.E. com capacidade de análise e reflexão sobre as temáticas.	2
Diálogo muito dinâmico e positivo entre todos.	2
Ambiente excelente.	2
Tranquilidade perante investigação.	1

ANEXO XXVIII

**GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DA OBSERVAÇÃO DAS
REUNIÕES SEMANAIS DA EQUIPA EDUCATIVA**

**GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DAS OBSERVAÇÕES ÀS
REUNIÕES DA EQUIPA EDUCATIVA
DE O1/REE A O12/REE**

Categorias	Descritores	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Ambiente	Tranquilo	11	91,7%
	Descontraído	10	83,3%
	Amigável	12	100%
	Dinâmico	10	83,3%
	Coeso	12	100%
	Acolhedor	12	100%
	Aberto	12	100%
Interação do grupo	As docentes partilham:		
	• preocupações e ansiedades.	10	83,3%
	• ideias e conceções.	9	75%
	• estratégias e metodologias.	11	91,7%
	• materiais e recursos.	11	91,7%
	• conhecimentos.	10	83,3%
	• experiências e vivências.	10	83,3%
	As docentes analisam:		
	• currículo, temas e conteúdos das disciplinas.	9	75%
	• práticas pedagógicas/ensino.	9	75%
	• estratégias e metodologias.	11	91,7%
	• resultados dos alunos.	10	83,3%
	• comportamentos/attitudes dos alunos.	4	33,3%
	• atividades interdisciplinares/multidisciplinares.	4	33,3%
	• relação com alunos/E.E./outros atores educativos.	7	58,3%
	• questões relacionadas com a investigação.	9	75%
	As docentes refletem sobre:		
	• currículo, temas e conteúdos das disciplinas.	9	75%
	• práticas pedagógicas/ensino.	9	75%
	• estratégias e metodologias.	11	91,7%
	• resultados dos alunos.	10	83,3%
	• comportamentos/attitudes dos alunos.	4	33,3%
	• atividades interdisciplinares/multidisciplinares.	4	33,3%
	• questões relacionadas com a investigação.	7	58,3%
	• relação com alunos/E.E./outros atores educativos.	9	75%
	As docentes planificam, em conjunto:		
	• atividades disciplinares.	7	58,3%
	• atividades interdisciplinares.	4	33,3%
	• estratégias específicas para alunos NEE.	3	25%
	• momentos avaliativos formais.	5	41,7%
	• estratégias de melhoria dos resultados.	5	41,7%
	• estratégias de melhoria dos comportamentos.	1	8,3%
	• reuniões de atendimento mensal com os E.E..	3	25%
	• mudanças no projeto investigativo.	2	16,7%

	As docentes avaliam, em conjunto:		
	• os alunos.	4	33,3%
	• a prática pedagógica (ensino).	5	41,7%
	• o projeto investigativo.	8	66,7%
	As docentes constroem materiais em conjunto.	9	75%
	As docentes solicitam ajuda/apoio à equipa.	7	58,3%
	As docentes oferecem ajuda/apoio à equipa.	5	41,7%
	As docentes encorajam-se/motivam-se mutuamente.	10	83,3%
	As docentes estabelecem objetivos comuns.	9	75%
	As docentes comunicam com abertura e liberdade.	12	100%
	As docentes centram a sua ação educativa nos alunos.	10	83,3%
	As docentes revelam entusiasmo no trabalho conjunto.	10	83,3%

Assuntos tratados

Categorias	Descritores	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Planificação da ação educativa.	• Planificação das atividades letivas.	5	41,7%
	• (Re)organização de estratégias para alunos NEE.	3	25%
	• Organização dos momentos avaliativos.	5	41,7%
Análise e reflexão dos desempenhos.	• Resultados académicos.	9	75%
	• Comportamentos.	3	25%
	• Pontualidade e material.	4	33,3%
Planeamento de estratégias de melhoria.	• Dos resultados académicos.	6	50%
	• Dos comportamentos	2	16,7%
	• Da pontualidade/ falta material.	4	33,3%
Organização do projeto investigativo	• Organização do dossier do Projeto.	2	16,7%
	• Relação alunos/projeto.	4	33,3%
	• Dados da investigação.	5	41,7%
	• Relação EE/projeto.	2	16,7%
	• Reuniões com os pais/EE.	3	25%

Outros aspetos

Descritores	Frequência Absoluta
Alguns assuntos tratados na reunião já foram abordados com as docentes da equipa não presentes, nos intervalos e trocas de sala.	8
Algumas decisões da equipa foram tratadas fora da reunião semanal, em contacto direto, por urgência na resposta.	4